

A monochromatic blue-toned portrait of Bezerra de Menezes, a man with a full, dark beard and mustache, looking slightly to the left. The portrait is the central focus of the cover.

Estudos Filosóficos de
Bezerra de Menezes

Edição CRBBM

Volume II

BEZERRA DE MENEZES

ESTUDOS FILOSÓFICOS
VOLUME II

CRBBM
2021

© 2021 Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes
Edição Digital

ORGANIZAÇÃO E NOTAS:
Julio Damasceno

REVISÃO:
Júlio Couto Damasceno
Jorge Damas Martins

CAPA:
Azamôr Serrão Neto

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
PROIBIDA A VENDA
Proibida a reprodução fotomecânica
sem autorização da
Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes

Direitos reservados à
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS
BEZERRA DE MENEZES
Rua Bambina 128
Botafogo - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22.251-050
www.crbbm.org
Tels.: (21) 2266-2901 / 2266-6567

SUMÁRIO

<u>Prefácio da 1a. Edição, por Bezerra de Menezes</u>	<u>11</u>
<u>Artigo CXI - O PAIZ, 08.12.1889</u>	<u>15</u>
<u>Artigo CXII - O PAIZ, 15.12.1889</u>	<u>22</u>
<u>Artigo CXIII - O PAIZ, 22.12.1889</u>	<u>25</u>
<u>Artigo CXIV - O PAIZ, 29.12.1889</u>	<u>28</u>
<u>Artigo CXV - O PAIZ, 05.01.1890</u>	<u>32</u>
<u>Artigo CXVI - O PAIZ, 12.01.1890</u>	<u>36</u>
<u>Artigo CXVII - O PAIZ, 19.01.1890</u>	<u>41</u>
<u>Artigo CXVIII - O PAIZ, 26.01.1890</u>	<u>45</u>
<u>Artigo CXIX - O PAIZ, 02.02.1890</u>	<u>49</u>
<u>Artigo CXX - O PAIZ, 09.02.1890</u>	<u>53</u>
<u>Artigo CXXI - O PAIZ, 16.02.1890</u>	<u>58</u>
<u>Artigo CXXII - O PAIZ, 23.02.1890</u>	<u>63</u>
<u>Artigo CXXIII - O PAIZ, 03.03.1890</u>	<u>67</u>
<u>Artigo CXXIV - O PAIZ, 09.03.1890</u>	<u>71</u>
<u>Artigo CXXV - O PAIZ, 17.03.1890</u>	<u>75</u>
<u>Artigo CXXVI - O PAIZ, 23.03.1890</u>	<u>78</u>
<u>Artigo CXXVII - O PAIZ, 30.03.1890</u>	<u>82</u>
<u>Artigo CXXVIII - O PAIZ, 06.04.1890</u>	<u>86</u>
<u>Artigo CXXIX - O PAIZ, 13.04.1890</u>	<u>90</u>
<u>Artigo CXXX - O PAIZ, 20.04.1890</u>	<u>94</u>
<u>Artigo CXXXI - O PAIZ, 27.04.1890</u>	<u>98</u>
<u>Artigo CXXXII - O PAIZ, 04.05.1890</u>	<u>101</u>
<u>Artigo CXXXIII - O PAIZ, 11.05.1890</u>	<u>104</u>
<u>Artigo CXXXIV - O PAIZ, 18.05.1890</u>	<u>108</u>
<u>Artigo CXXXV - O PAIZ, 26.05.1890</u>	<u>112</u>
<u>Artigo CXXXVI - O PAIZ, 01.06.1890</u>	<u>116</u>
<u>Artigo CXXXVII - O PAIZ, 08.06.1890</u>	<u>119</u>

SUMÁRIO (Cont.)

Artigo CXXXVIII - O PAIZ, 15.06.1890.....	123
Artigo CXXXIX - O PAIZ, 22.06.1890.....	127
Artigo CXL - O PAIZ, 29.06.1890.....	131
Artigo CXLI - O PAIZ, 07.07.1890.....	135
Artigo CXLII - O PAIZ, 13.07.1890.....	139
Artigo CXLIII - O PAIZ, 21.07.1890	143
Artigo CXLIV - O PAIZ, 27.07.1890	147
Artigo CXLV - O PAIZ, 04.08.1890	152
Artigo CXLVI - O PAIZ, 11.08.1890	155
Artigo CXLVII - O PAIZ, 18.08.1890	159
Artigo CXLVIII - O PAIZ, 25.08.1890	163
Artigo CXLIX - O PAIZ, 31.08.1890	167
Artigo CL - O PAIZ, 07.09.1890	171
Artigo CLI - O PAIZ, 16.09.1890.....	175
Artigo CLII - O PAIZ, 21.09.1890.....	179
Artigo CLIII - O PAIZ, 28.09.1890.....	183
Artigo CLIV - O PAIZ, 06.10.1890.....	187
Artigo CLV - O PAIZ, 13.10.1890.....	191
Artigo CLVI - O PAIZ, 19.10.1890.....	194
Artigo CLVII - O PAIZ, 26.10.1890.....	198
Artigo CLVIII - O PAIZ, 02.11.1890.....	202
Artigo CLIX - O PAIZ, 09.11.1890.....	206
Artigo CLX - O PAIZ, 17.11.1890.....	210
Artigo CLXI - O PAIZ, 23.11.1890.....	214
Artigo CLXII - O PAIZ, 30.11.1890.....	218
Artigo CLXIII - O PAIZ, 07.12.1890	221
Artigo CLXIV - O PAIZ, 15.12.1890	225
Artigo CLXV - O PAIZ, 21.12.1890	229
Artigo CLXVI - O PAIZ, 29.12.1890	233
Artigo CLXVII - O PAIZ, 05.01.1891	237

SUMÁRIO (Cont.)

Artigo CLXVIII - O PAIZ, 11.01.1891	241
Artigo CLXIX - O PAIZ, 18.01.1891	245
Artigo CLXX - O PAIZ, 26.01.1891	249
Artigo CLXXI - O PAIZ, 01.02.1891	253
Artigo CLXXII - O PAIZ, 10.02.1891	257
Artigo CLXXIII - O PAIZ, 15.02.1891	260
Artigo CLXXIV - O PAIZ, 22.02.1891	264
Artigo CLXXV - O PAIZ, 01.03.1891	268
Artigo CLXXVI - O PAIZ, 08.03.1891	272
Artigo CLXXVII - O PAIZ, 15.03.1891	276
Artigo CLXXVIII - O PAIZ, 22.03.1891	279
Artigo CLXXIX - O PAIZ, 29.03.1891	282
Artigo CLXXX - O PAIZ, 05.04.1891	286
Artigo CLXXXI - O PAIZ, 12.04.1891	290
Artigo CLXXXII - O PAIZ, 19.04.1891	293
Artigo CLXXXIII - O PAIZ, 26.04.1891	296
Artigo CLXXXIV - O PAIZ, 03.05.1891	300
Artigo CLXXXV - O PAIZ, 10.05.1891	304
Artigo CLXXXVI - O PAIZ, 17.05.1891	307
Artigo CLXXXVII - O PAIZ, 24.05.1891	311
Artigo CLXXXVIII - O PAIZ, 31.05.1891	314
Artigo CLXXXIX - O PAIZ, 09.06.1891	318
Artigo CXC - O PAIZ, 14.06.1891	321
Artigo CXCI - O PAIZ, 22.06.1891	325
Artigo CXCII - O PAIZ, 28.06.1891	328
Artigo CXCIII - O PAIZ, 06.07.1891	331
Artigo CXCIV - O PAIZ, 20.07.1891	334
Artigo CXCV - O PAIZ, 26.07.1891	338
Artigo CXCVI - O PAIZ, 03.08.1891	342
Artigo CXCVII - O PAIZ, 10.08.1891	346

SUMÁRIO (Cont.)

Artigo CXCVIII - O PAIZ, 16.08.1891	350
Artigo CXCIX - O PAIZ, 24.08.1891	354
Artigo CC - O PAIZ, 31.08.1891	358
Artigo CCI - O PAIZ, 06.09.1891	362
Artigo CCII - O PAIZ, 13.09.1891	366
Artigo CCIII - O PAIZ, 20.09.1891	370
Artigo CCIV - O PAIZ, 27.09.1891	374
Artigo CCV - O PAIZ, 05.10.1891	379
Artigo CCVI - O PAIZ, 11.10.1891	383
Artigo CCVII - O PAIZ, 18.10.1891	387
Artigo CCVIII - O PAIZ, 25.10.1891	390
Artigo CCIX - O PAIZ, 01.11.1891	394
Artigo CCX - O PAIZ, 08.11.1891	398
Artigo CCXI - O PAIZ, 15.11.1891	402
Artigo CCXII - O PAIZ, 22.11.1891	407
Artigo CCXIII - O PAIZ, 29.11.1891	411
Artigo CCXIV - O PAIZ, 07.12.1891	415
Artigo CCXV - O PAIZ, 13.12.1891	419
Artigo CCXVI - O PAIZ, 20.12.1891	423
Artigo CCXVII - O PAIZ, 27.12.1891	427
Artigo CCXVIII - O PAIZ, 03.01.1892	430
Artigo CCXIX - O PAIZ, 10.01.1892	434
Artigo CCXX - O PAIZ, 17.01.1892	438
Artigo CCXXI - O PAIZ, 24.01.1892	442
Índice Remissivo	449

*Aos gigantes do Espiritismo Cristão
na Pátria do Evangelho, sobre cujos ombros
estamos todos apoiados, e especialmente a:
Antônio Luiz Sayão, Bittencourt Sampaio,
Bezerra de Menezes e Frederico Jr.*

Prefácio da 1a. Edição, por Bezerra de Menezes¹

A Doutrina Espírita, como toda filosofia, liga em um feixe os princípios essenciais, que lhe constituem a base; mas não desce, não pode descer, às deduções variadíssimas que de tais princípios decorrem.

Dá conhecimento das leis; mas não pode precisar todas as suas aplicações, não só porque deve isto ser obra da observação e da experiência, como porque reclamaria uma biblioteca, em prejuízo da propaganda, pelo desânimo que produziria no espírito dos neófitos.

Estudar os livros fundamentais, sendo fácil, é o essencial para a compreensão do sistema; mas, se uns se satisfazem com a ciência que naqueles livros se bebe, outros muitos, talvez a maior parte, tenham sede de saber o que neles se não contém, embora decorra do que eles contém.

É por isto que o Espiritismo já conta hoje milhares de obras, que podem ser ditas - complementares - das obras fundamentais de Allan Kardec, e que ainda oferece, e oferecerá sempre, amplo terreno para ser lavrado pelos pensadores, que se dedicam à sua cultura.

E é por isto que Max, o pobre discípulo do ilustre Allan Kardec, por sua vez discípulo de Jesus Cristo, tem, há mais de dois anos, businado os ouvidos dos leitores d'O Paiz, com a publicação hebdomadária de seus anêmicos estudos sobre variados pontos

¹ (Nota do Organizador) Originais gentilmente cedidos pelo prezado escritor e conferencista Jorge Damas Martins, a quem dirigimos o nosso obrigado.

da rica e esplêndida doutrina, que será, por lei da Eterna Sabedoria, o Evangelho das futuras gerações.

Empreendendo aquele trabalho, que requer talento e cultivo do mais elevado quilate, o novel escritor, que tomou o pseudônimo de Max, não quis fazer praça daquelas eminentes qualidades, não presumiu de suas forças.

Vendo que ninguém se propunha a rasgar o sendal que encobre aos olhos indiferentes de nossa sociedade, as belezas que esmaltam a mais sublime revelação, que terá sido feita à Terra, tomou desprezenciosamente a pena a procurar, em linguagem singela e descolorida, como é a sua, dizer aos outros o que lhe ia pela alma.

O que lhe ia pela alma era a convicção íntima, inabalável, de que o Espiritismo é o grande farol, que o Pai amoroso acendeu em nossos dias, para encaminhar ao porto da salvação, à terra prometida, os míseros navegantes, dos mares tempestuosos desta vida.

Compreendendo-o assim, seria um egoísta se não tentasse todo o seu esforço em fazer que todos, se possível fosse, conhecessem o divino farol e se aproveitassem de sua protetora luz.

Eis por que, mais levado pela fé do que pela ambição, mais por caridade que por orgulho, rompeu por entre as falanges de elevados espíritos, que entre nós abraçam o Espiritismo e tomou o alto empenho de pregar às massas, da tribuna universal, as verdades que constituem o nosso código de regeneração.

Se foi bem sucedido, se conseguiu atrair para o santo aprisco de Jesus alguma ovelha desgarrada, não o sabe; sabe, porém, que deu a seus irmãos, na medida de suas forças, o que lhe foi dado, por graça e misericórdia do Senhor.

A União Espírita, um grupo do crente que fez a despesa da publicação, ávidos de concorrerem para a difusão das ideias, que assinalam a nova era do progresso humano, na Terra, resolveu reunir em um livro o trabalho publicado na imprensa diária.

Será, talvez, uma incaridade, porque o livro fará mais sobressair a pobreza mal disfarçada sob a forma ligeira de artigos de jornal.

Se fosse lícito trancar uma porta à luz, Max pediria, em bem de seu amor próprio, que lhe passassem a angústia de tal publicação.

O espírita, porém, não tem o direito de sacrificar ao amor próprio a qualquer preceito humano, a causa santa da verdade e do bem, em qualquer de suas relações.

Faça-se, pois, como quer a União; mas atenda o leitor à circunstância de que artigos de jornal, escritos sem nexos nem ligação lógica, porque o foram atendendo cada dia a um assunto de ocasião, jamais poderão dar um livro, com seus caracteres essenciais: de uniformidade no plano e de homogeneidade na exposição.

A obra, que vai ser presente ao leitor, na forma de livro, não é, pois, um livro, como se para tal fosse originariamente projetada e executada; mas sim um repositório de artigos jornalísticos, sobre vários assuntos, cuja única ligação é serem todos assuntos tirados da Doutrina Espírita.

Imagine o leitor o caso de se reunirem em um livro as provas de exames feitos sobre vários pontos de História: um sobre a Revolução Francesa; outro sobre a libertação da Suíça por Guilherme Tell; um terceiro sobre a independência dos Estados Unidos por Washington; e terá perfeita ideia do presente livro.

Ali, os pontos são variadíssimos, mas todos de História.

Aqui, são igualmente variadíssimos, mas todos de Espiritismo.

Aceite, pois, a obra como lh'a oferece a União Espírita; mas não procure nela os requisitos de um livro, como deve ser um livro.

Ao demais, se não nos é dado recomendar sua leitura, como obra literária ou científica, cumpre-nos recomendá-la como trabalho consciencioso de quem só procura a verdade, e não expõe senão o que tem certeza de ser verdade.

Pelo que escrevemos, que é o que constitui o presente livro, respondemos a Deus, com a consciência de que não faltamos à nossa fé.

Assim mereçamos a graça de ser abençoado este mirrado fruto de nosso esforço.

Max.

Artigo CXI - O PAIZ, 08.12.1889

Com o artigo passado, concluímos a primeira parte do nosso despretenso trabalho: provar que o Espiritismo é uma filosofia, uma ciência e uma moral da maior elevação da mentalidade humana.

Provamos ao clero, que nos chama de *possessos*, como os princípios dogmáticos da nova Doutrina têm sua raízes e sua sagração nas Escrituras sagradas.

Cumpre-nos, agora, provar aos nossos *sábios*, que nos qualificam de *loucos*, como aqueles princípios têm sido acolhidos e sustentados pelos maiores vultos da humanidade, em todos os tempos e povos da Terra.

Possessos, os que abraçam a Doutrina da Bíblia e do Evangelho!!

Loucos os que sustentam a Doutrina ensinada pelas maiores inteligências do mundo!!

Ao clero deixamos a paz, para que reflita sobre o que expussemos. Aos nossos *sábios*, vamos começar a exhibir as provas de nossa loucura, começando por transcrever as palavras da “Nueva Alianza” (“Nova Aliança”), que procederam a publicação da carta do ilustre Sardou, sobre o Espiritismo²:

“Sempre que alguma voz ousada, embora das mais autorizadas, se arrisca a falar de Espiritismo, como de coisa que merece, pelo menos, ser estudada e discutida, os eruditos e sábios de

2 (Nota do Organizador) A respeito dessa carta vide o Artigo LXXII, no 1º volume desta série (pág.286). “La Nueva Alianza” era um jornal espírita cubano, da cidade de Cienfuegos, que pelo visto decidiu também publicá-la. Infelizmente não conseguimos localizar exemplares desse periódico. (Fonte: “Revista de Estudios Psicológicos”, Madrid, Outubro de 1888, nº 10, Pág. 192)

bulas equívocas, que se atribuem o monopólio da ciência, respondem com ruidosas gargalhadas.

“É o argumento de Aquiles da ciência leve, o que menos esforço intelectual exige, o mais vantajoso para ocultar a ignorância própria e fazê-la passar, aos olhos dos néscios, cujo número é infinito, por despreocupação científica.

“Tanto quanto escasseiam os homens verdadeiramente sábios, modestos em seus juízos, cautelosos em suas dúvidas, e sóbrios em afirmações, formigam os charlatães da ciência, gente que encerra nos limites de seu cérebro a natureza e suas leis, círculo de ferro, fora do qual nada mais existe.

“Este charlatanismo científico é a enfermidade do nosso tempo, como em eras passadas foi o charlatanismo religioso, distinguindo-se um do outro; este fez de sua ignorância a *infallibilidade religiosa*, ao passo que aquele faz da sua ignorância a *infallibilidade científica*.

“Um cerrou os olhos, e chamou-se fê; o outro tem os olhos abertos, porém fixos, motivo pelo qual não existe para ele senão o que se acha na direção de seu olhar - e, ainda que imprópria-mente, chamou-se: despreocupação, ou, pelos despreocupados, ciência.

“Esta é a ciência da moda para a imprensa, livre-pensadora, materialista ou ateia, e tão na moda que a gargalhada é o único argumento empregado pelos *sábios*, na discussão dos problemas que se intentam explicar por leis, embora naturais, distintas, das que eles incluíram no número de seus dogmas...

“Ninguém, com mais energia do que nós, condena as monstruosas e ridículas superstições do Espiritismo vulgar, servido nas mesas dos cafés, posto, fantasticamente, em cena, em teatros ou reuniões caseiras, e explicadas e comentadas por pessoas sem nenhum conhecimento científico, ignorantes das leis da natureza, como dos preceitos da lógica, sem o entendimento para debastar e polir, que, no entanto, se dão por mestres, para definir os pontos mais difíceis da filosofia espiritualista.

“Os delírios, porém, e os erros dessas inteligências sonolentas, que tomam por verdades seus desconcertados sonhos, não são Espiritismo, são, apenas, uma ridícula paródia.

“O Espiritismo deve ser apreciado em Cirano de Bergerac³, Delormel⁴, Carlos Bonnet⁵, Du Pont de Nemours⁶, Ballanche⁷, Constant Savy⁸,

3 (Nota do Organizador) Hector Savinien de Cyrano de Bergerac (1619 -1655) - escritor francês, mais conhecido pela peça de Edmond Rostand, onde é retratado maldosamente com grande nariz. Apesar da fama, foi pensador de valor. Fez a 1ª descrição conhecida de uma espaçonave, em 1657.(Fonte: Wikipedia)

4 (Nota do Organizador) Não localizamos dados sobre a vida de Jean Delormel, autor, entre outras, das obras “La Grande période, ou le Retour de l’âge d’or” (1790) e “La Grande Période Solaire, ou les causes et les époques des révolutions du monde psyque et moral” (1797). É conhecido também pela proposição de uma lingua universal, à semelhança do Esperanto, em 1795. (Fonte: Wikipedia)

5 (Nota do Organizador) Charles Bonnet (1720 – 1793) - biólogo e filósofo suíço, autor da obra “Palingénésie philosophique” (1769), onde reúne conhecimentos de todos os campos (geologia, biologia, psicologia e metafísica). De orientação leibniziana, defende a imortalidade da alma de seres humanos e animais, e da evolução progressiva da alma ao longo da escala dos seres. (Fonte: Wikipedia)

6 (Nota do Organizador) Pedro Samuel Du Pont de Nemours (1739-1817) - Economista e escritor francês, com destacado papel na Revolução Francesa. Transferiu-se para os EUA em 1815. Entre suas obras, destacam-se “De l’origine et des progrès d’une science nouvelle” (1768) e “Philosophie de l’univers” (1783). (Fontes: Wikipedia e Amazon Brasil)

7 (Nota do Organizador) Pierre-Simon Ballanche (1776-1847) - escritor e filósofo francês. Elaborou uma teologia da evolução que teve considerável influência no do século XIX. Entre suas obras, destacam-se: “Essai de palingénésie sociale” - 2 vol. (1827) , e “Essai sur les institutions sociales” (1818). (Fonte: <http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/pierre-simon-ballanche>)

8 (Nota do Organizador) Constant Savy - Não conseguimos dados biográficos de Savy. O jornal espírita “La Vérité”, edição de 22/05/1864, à pág. 64, diz que ainda era então “pouco conhecido”, sendo apontado como um dos precursores do Espiritismo. Sua obra principal é “Pensées et méditations philosophiques” (1828 ou 1838?). Pezzani faz referência respeitosa ao seu trabalho, Dellane o cita diversas vezes. Encontramos uma pequena lista de suas obras no Jornal “El Espiritismo”, de Sevilha, Março de 1876, N. 05, Pág. 143: <http://hemerotecadigital.bne.es/issue.vm?id=0005211863&search=&lang=es>).

La Cedre⁹, Humphry Davy¹⁰, Young, Jouffroy¹¹, M^{me}. de Gasparin¹²,

9 (Nota do Organizador) Não localizamos dados sobre La Cedre, nem Yong, mas talvez haja aqui um problema de grafia - e trabalhamos com as hipóteses de referência a M. de La Codre e E. Young.

Sobre La Codre há uma biografia publicada - "Biographie de M.de La Codre". por Julien Travees, Président de l'Académie des Sciences, Arts et Belles-Lettres de Caen, em 1882 - e por seu intermédio vimos a saber que o Sr. Joseph-Michel de La Codre de Beaubreuil, notário e filósofo francês, de grande erudição, nasceu em Orleans a 20 de outubro de 1798, descendente de família nobre, e faleceu a 31 de janeiro de 1852. Viveu com saúde frágil, e publicou uma variedade obras de filosofia e moral cristã, de grande valor e espiritualidade, como "Le Notaire" (1839 - "O Notário", em tradução livre), "Esquisses de philosophie pratique" (1846 - "Ensaaios de Filosofia Prática") e "De l'immortalité, de la sagesse et du bonheur, ou la vie présente et la vie future, traité de philosophie pratique" ("Da imortalidade, sabedoria e felicidade, ou a vida presente e a vida futura, um tratado sobre filosofia prática"); 2 vol. in-8°, Paris, J. Renouard, 1853, talvez a que mais claramente o situe como um dos precursores do Espiritismo. Quanto a Young, supomos ser uma menção ao poeta inglês Edward Young (1681 - 1765), que tem entre suas obras trabalhos como "The Complaint, or the Night Thoughts on Life, Death and Immortality" (entre 1741 e 1745 - em tradução livre seria algo como "A reclamação ou os pensamentos noturnos sobre a vida, a morte e a imortalidade") e "Conjectures on Original Composition" (1759 - "Conjeturas sobre a composição original"), claramente identificadas com a temática espírita. (Fonte: Infopedia)

10 (Nota do Organizador) Sir Humphry Davy (1778-1829) - Químico britânico, um dos maiores expoentes do método científico de seu tempo. (Fonte: Britannica.com)

11 (Nota do Organizador) Théodore Simon Jouffroy (1796 - 1842), filósofo espiritualista francês. Publicou no "Le Globe", um artigo célebre: "Como terminam os dogmas" (24/05/1825), incluído mais tarde no volume "Mélanges philosophiques" (1833). Sua ideia central é a da necessidade de se descobrir verdades morais, políticas e religiosas anteriormente sufocadas por dogmas. (Fonte: Wikipedia)

12 (Nota do Organizador) Valérie Boissier, Condessa de Gasparin (1813 - 1894) escritora suíça, esposa do político e também escritor francês, Agênor Gasparin, um dos pioneiros dos estudos sobre as mesas girantes, autor inclusive de um volume sobre o tema - "Des Tables Toumantes, du Surnaturel en Général et des Esprits", incluída por Kardec em seu "Catálogo Racional das Obras para se Fundar uma Biblioteca Espírita", e amplamente citado no volume "As Mesas Girantes e o Espiritismo", de Zeus Wantuil, Ed. FEB. Ficamos na dúvida quanto a exatidão da menção ao nome da Sra. Gasparin nessa prestigiosa lista. Valérie não foi, até onde sabemos, personagem relevante das primeiras horas do Espiritismo. Talvez tenha havido algum equívoco e o correto fosse ver aqui citação a Mme. de Girardin, essa sim, famosa por sua atuação corajosa e pioneira na divulgação do fenômeno das mesas girantes, que lhe receberam inclusive o nome (Vide "As Mesas Girantes", de Z.Wantuil, Cap. 7 e 16, entre outros).

Larroque¹³, João Raynaud¹⁴, Allan Kardec, Flammarion, Darwin, Victor Hugo, Pelletan¹⁵, William Crookes e muitos ilustres pensadores, antigos e modernos, que deixaram e deixam no campo da História, da Filosofia, das Ciências e das Letras um rastro luminoso.”

Este preâmbulo deve ter causado muito espanto aos nossos sábios por convenção, ou como os chamam os autores citados: sábios de *bulas equívocas*; em primeiro lugar, porque lhes ergue capelo de doutor e expõe à vista a cabeça coberta de espessos cabelos, que lhes descem pela testa, até quase se unirem às sobrancelhas: cabeças de Midas, em segundo lugar, porque faz perfilarem diante deles legiões de nomes, para os quais os seus nomes estão na relação do aprendiz para o mestre.

Nosso plano é ensinar-lhes o que pensavam esses vultos do saber, sobre o Espiritismo, que lhes provoca gargalhadas, e, para que sigamos com método, acompanharemos o ilustre Pezzani¹⁶, a quem tomaremos os elementos para esta parte do nosso trabalho.

13 (Nota do Organizador) Supomos tratar-se aqui de Patrice Larroque, filósofo francês (1801-1879), autor da obra “Renovação Religiosa” (1860), citados ambos - autor e obra - na Revista Espírita de Setembro de 1868, por clara referência à pluralidade das existências e dos mundos habitados - “Conferências sobre a Alma” pelo Sr. Alexandre Chaseray - Ed. FEB, pág. 391. (Fonte: https://www.persee.fr/doc/inrp_0298-5632_2006_ant_12_2_4439)

14 (Nota do Organizador) Jean Ernest Reynaud (1806 - 1863) - filósofo espiritualista francês, amplamente citado por Kardec na “Revista Espírita”, como um dos grandes precursores do Espiritismo. Entre suas obras, destacamos o volume “A Terra e o Céu”, muito recomendado pelo Codificador (Vide “Revista Espírita”, Agosto de 1863, Pág. 313 e seguintes).

15 (Nota do Organizador) Eugene Pelletan (1813-1884), político e jornalista francês, já citado na nota 90 / Pág. 241 do 1º volume desta coleção.

16 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra adota como “fio condutor” para os artigos reunidos neste segundo volume o clássico de André Pezzani, “A Pluralidade das Existências da Alma” (Lorenz, 2009, Coordenação e Notas Jorge Damas Martins), já citada na nota 132 de nosso 1º volume. Para saber mais sobre Pezzani - esse importante trabalhador das primeiras horas de nossa Doutrina, ao tempo de Kardec - vide “Jean Baptiste Roustaing, Apóstolo do Espiritismo”, dos amigos Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros (CRBBM, Rio de Janeiro, 2016). A foto de André Pezzani à página 21 foi obtida na Biblioteca Digital Gallica - “Le Biographe” - jornal ilustrado com fotografias - extrato do 5º fascículo do 2º volume: André Pezzani, advogado, literato e filósofo. Bellin, Antoine-Gaspard é o autor do texto.

Nós o dividiremos, pois, em quatro partes, compreendendo a Antiguidade profana, a Antiguidade sagrada, os autores modernos e contemporâneos, e, fatos da nossa observação.

Em todos estes estudos faremos sobressair a crença universal e as opiniões sobre estas, de acordo com os maiores sábios do mundo, sobre a preexistência, sobre as vidas sucessivas, sobre o progresso constante de nossa alma, e sobre a não-existência do Inferno eterno, que são a consequência forçada das múltiplas existências da alma.

Antes, porém, de entrarmos nesta matéria, convém - é mesmo essencial - discutir a questão da imortalidade do princípio pensante do homem, sem o que tudo o que disséssemos não valeria, senão, como pura divagação.

No fundo, pois, constará este estudo de duas partes: teoria ou demonstração, por autoridade, do grande princípio, em que assenta o Espiritismo, a pluralidade das existências, e a prática ou demonstração por fatos de observação, e de experiência, em que a teoria ensina o que tais fatos confirmam positivamente.

Já vêm os ilustres *sábios*: que a matéria, embora não esteja dentro do círculo de ferro de seus conhecimentos, oferece atrativos às inteligências mesmo rudimentares.

Desçam, pois, de suas alturas, e, por curiosidade, senão pelo desejo de aprender, acompanhem as *loucas* escavações do pobre.

* Não localizamos o artigo original, na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", a 08.12.1889. Há um "salto" no acervo publicado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional entre os dias 03 e 23 desse período. A transcrição desse artigo foi feita, portanto, a partir da versão publicada pela Ed. FAE, em 2001, no Cap. V do 2o volume.



André PEZZANI

Artigo CXII - O PAIZ, 15.12.1889

O que é feito do homem, desde o momento em que o véu da morte, como o pano de boca de um teatro oculta-o às vistas dos espectadores?

Diante desta simples pergunta, desmancha-se a falange dos *sábios*, toda de escopeta em punho para fuzilar, com sua eterna gargalhada, as teses do Espiritismo.

Unidos contra nós, eles não têm, entretanto, uma ideia em cujo nome possam bater-se contra nós!

E se não é assim, respondam uniformemente àquela simples pergunta.

Cada um tem ideia oposta à do aliado, e iria às suas mãos se lograssem exterminar-nos.

Eis a organização do exército que nos combate, agora, em que terreno tem ele assentadas suas baterias?

Uma das alas diz: temos uma alma, esta alma não acaba com o corpo, é imortal.

A outra ala diz: não temos alma, acabamos como o burro, quando cerramos os olhos ao cenário em que representamos o nosso papel.

Então, uns firmam suas crenças na fé, fé racional ou passiva, pouco importa...

Outros, firmam as suas crenças na negação da fé e da razão, não admitem senão o que vêem, apalpm e ouvem.

São inimigos irreconciliáveis, e unem-se para nos baterem!!

Podíamos, com o melhor direito, exigir que primeiro se pusessem de acordo, para, então, reconhecer-lhes o título de beligerantes; podíamos exigir que desfraldassem a sua bandeira: isto, porém, seria o mesmo que dizer-lhes: jamais podereis fazer-nos

frente, e se temos esse direito, temos, por outro lado, o dever de *ensinar os ignorantes*.

Não vai ofensa nessa expressão, que tomamos no campo de um dos aliados.

Aceitemos, pois, a luta nas condições em que nos é oferecida, e restabeleçamos a tese, que levantamos nas primeiras linhas deste trabalho.

“O que é feito do homem, desde o momento em que o véu da morte o oculta às vistas do mundo?”

Já sabemos como respondem os nossos adversários, e porque respondem de modos opostos, compreende-se que somos obrigados a batê-los em detalhe.

Não vai nisto, nem fraqueza, que felizmente não sentimos, cômicos de termos por nós a verdade, nem tática, que revela grande engenho, predicado que muito de consciência confessamos não possuir; mas, simplesmente, obediência à lei que nos é posta pelos nossos próprios adversários.

Aos que proclamam a existência da alma e sua imortalidade, como nós mesmos proclamamos, mas que discordam de nós no único ponto: de definirem o destino eterno das almas logo depois da morte, quando o Espiritismo define a vida como um pouso na longa e eterna via que os leva ao destino de todos: a perfeição pelo saber e pelas virtudes; - aos que cortam as asas ao voo altivo dos Espíritos, criados perfectíveis, todos, e acabando todos nesta vida, imperfeitos em escala variadíssima; quando o Espiritismo dá a todos a Eternidade, para desenvolverem sua perfectibilidade, e, como consequência, chegarem todos ao fim comum; - a estes diremos simplesmente: estudai a primeira parte deste trabalho, sem prevenções ou espírito de sistemas, e reconheceréis, que os dogmas espíritas não são invenções da imaginação, nem obras do vosso Satanás, criação blasfema dos que não têm a perfeita compreensão da infinita perfeição do Criador.

Estudai os livros sagrados, por nós citados, e reconheceréis que o espírito da nova lei acha-se ali encoberto pela letra, para ser desencarnado, quando o progresso da humanidade já permitisse à nova lei, tolerar a luz mais intensa.

A Doutrina de Jesus estava, pelo mesmo modo, encoberta na letra do Velho Testamento, e o divino Mestre desceu para desencarná-la, quando permitiu o adiantamento dos homens.

Por que não fazer o mesmo com o Espiritismo, aliás, prometido pelo próprio Jesus, no Evangelho de São João?

Porque, se temos demonstrado que suas raízes, que seus dogmas, estes que repelis, estão clara e positivamente cravados no solo regado pelas anteriores revelações?

Aos que nos contestam o princípio da salvação universal, pela multiplicidade das existências, o que dá a mais lógica e racional satisfação à ideia que se deve fazer da justiça e do amor do Pai Celestial, tanto como à da perfectibilidade dos homens, a estes não precisamos dar mais do que já demos.

Se cerram propositadamente os olhos, não haverá luz que lhes vá até a alma.

Aos outros, porém, aos que não são arrastados pela fé passiva, mas, sim, e unicamente, por uma imperfeita concepção, que os leva a só terem por verdade o que pode ser atestado por seus aparelhos materiais de experimentação; - aos materialistas-positivistas, que não compreendem quanto é irracional determinar os termos da verdade, àquele que se propõe descobrir a verdade; - a estes que nos chamam *loucos*, precisamos dizer mais, muito mais, quanto seja preciso para que, se estiverem de boa-fé, reconheçam a falsidade de sua concepção e a imperfeição de seus meios.

E, desde já, fique estabelecido este princípio, que é racional, de bom senso, e até de simples senso comum:

“Quem procura a verdade, não limita os meios de descobri-la, nem traça um círculo de ferro fora do qual nada lhe merece atenção.”

Aquele que circunscreve seus esforços, suas observações e suas experiências aos que lhe possam dar aparelhos materiais, começa por destruir o princípio fundamental de seu sistema, só admitindo o que lhe derem aqueles aparelhos, pois que, sem o concurso deles, elimina uma ordem de fenômenos, que não podem ser apanhados por tais aparelhos!

Como chegará jamais à apreciação dos fenômenos do mundo espiritual, o que só emprega meios de apreciar os do mundo material?

* Não localizamos o artigo original, na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, a 15.12.1889. Há um “salto” no acervo publicado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional entre os dias 03 e 23 desse período. A transcrição desse artigo foi feita, portanto, a partir da versão publicada pela Ed. FAE, em 2001, no Cap. VI do 2º volume.

Artigo CXIII - O PAIZ, 22.12.1889

Tão ligeiramente quanto permitem os estreitos limites destes artigos, esboçamos no passado o vício de origem dos materialistas-positivistas, que para nós formam, em essência, uma escola única.

Eles procedem como o anatomista, que procura em todos os recessos do corpo humano, com seus instrumentos de dissecação, qualquer coisa estranha à matéria do mesmo corpo - e, porque não descobre o que procura, afirma com toda a confiança: o homem é somente corpo - é pura matéria.

Se houvesse um louco - um espírita, que dedicando todas as suas potências intelectuais ao estudo dos fenômenos do mundo espiritual, estabelecesse como único instrumento para descobrir a verdade a mediunidade, esse tal, por aquele meio exclusivo, teria tanta razão para só admitir a verdade do mundo espiritual, como o materialista-positivista para só acreditar na verdade do mundo material.

O que a razão despida de prevenções e de espírito de sistema compreende intuitivamente é: que, para cada ordem de fenômenos, precisa o homem de ciência recorrer a meios adequados.

Relevem a comparação grosseira, que é entretanto expressiva para os incultos: quem vai à pesca, não se mune dos instrumentos que são precisos a quem vai à caça.

Assim, pois, o homem de ciência, que se propõe ao estudo do mundo físico, não deve recorrer aos meios de apreciar os fenômenos do mundo moral; tanto como o que procura estudar estes fenômenos, não deve recorrer a estes¹⁷ de estudar os do mundo físico.

17 (Nota do Organizador) O texto original traz "aos estes". Preferimos atualizar.

O que deve cada um deles fazer, se nutre o desejo de conhecer tal ou tal ordem de fenômenos, é aparelhar-se dos instrumentos competentes, sabendo de antemão que só pode surpreender as manifestações da ordem a que se dedica.

Querer, porém, o que se dedica ao estudo de uma ordem de fenômenos - e para esse fim só se muniu dos aparelhos próprios - concluir: que não existe senão o que lhe deram seus aparelhos, é cegueira imperdoável em quem fala em nome da ciência.

O verdadeiro homem de ciência parte deste princípio que Laplace, depois de Sócrates, tornou axiomático: o maior grau do saber humano não dá para compreendermos o que ignoramos.

Haverá quem se atreva a reputar-se mais iluminado do que Laplace e Sócrates, para anular-lhes a sábia sentença?

O que o pretendesse, daria a medida de sua insensatez!

Se, pois, o que sabemos é nulo em comparação ao que ignoramos, como pretenderem uns tais, que têm circunscrito a verdade absoluta, restringindo a uma única ordem os instrumentos de devassar o ignoto, possuir toda a verdade?

Um sábio, desses que compreendem a pequenez de seus recursos e a magnitude do objetivo da ciência, jamais reduzirá o número dos instrumentos para o descobrimento da verdade.

Se pudesse, multiplicaria ao infinito os modos de apreciar a infinita variedade de fenômenos naturais, que lhe impressionam o corpo e a alma.

Os materialistas-positivistas, pois, não podem pretender as honras de sábios - nem sequer a de homens de ciência.

São uma seita científica que, muito propositadamente, repele a verdade absoluta, para aprofundar seus conhecimentos sobre uma das formas por que ela se manifesta.

No campo da medicina encontramos um perfeito exemplo.

Há médicos que estudam a organização humana e a natureza hominal em sua totalidade - em sua mais vasta compreensão.

Há outros que deixam o campo geral - e dedicam-se quase exclusivamente ao estudo de uma mínima parte daquela organização - daquela natureza, fazendo-se especialistas; suponhamos; de moléstias nervosas.

O materialista-positivista, em relação à ciência do Universo, é o que o médico especialista é em relação à ciência médica.

Somente o especialista de moléstias nervosas não nega que haja outras moléstias, ao passo que o especialista do materialismo e do positivismo nega que haja no Universo qualquer coi-

sa além do que se compreende em sua especialidade: matéria - matéria - *et toujours* (e sempre) matéria.

De princípios tão evidentemente microscópicos - de um modo de observar tão evidentemente insuficiente, o que deve resultar?

Se do particular não pode sair o geral - se do contingente não pode sair o necessário, não pode resultar da especialidade, em ciência, o conhecimento perfeito da verdade científica.

O materialista-positivista tem a verdade que lhe ministram seus processos de limitadíssimo alcance; mas, não pode afirmar: que essa verdade compreende toda a verdade - que fora dela não há mais verdade.

Isto pode se combater, porque a argúcia não tem limites; mas isto não se pode refutar, porque a verdade é como a luz: só os cegos não a recebem.

O processo, pois, para falar à razão obliterada dos que se atribuem o mérito: de terem descoberto o meio infalível de conhecer a verdade, quando é certo que descobriram o de afastarem-se dela, não pode ser: combater-lhes a fé passiva com a autoridade dos livros sagrados, que recomendam a fé racional.

O processo para combater a morbidez de espírito dos materialistas-positivistas deve ser muito outro - deve ser o argumento lógico, que prepara o argumento de autoridade científica, que arasta - e a observação dos fatos, que fazem a luz.

Argumentos, não faltam em milhares de obras de eminentes sábios - e aí deixamos sintetizados os mais gerais.

Autoridades, vamos-las dar em tão grande cópia, que abafarão toda a negatividade.

Fatos constituirão a última parte deste trabalho, cujo único fim é a caridade.

Max.

(Da União Espírita)

Artigo CXIV - O PAIZ, 29.12.1889

Antes de entrarmos nesta matéria, uma palavra que fale ao coração de nossos adversários, os materialistas-positivistas.

Para o crente que admite o mundo espiritual - e na cúpula do majestoso edifício, o Verbo fecundante do Universo, o criador de tudo o que foi, o que é e o que há de ser.

Para o que tem fé, o critério infalível da verdade são os atributos infinitos do Criador.

Tudo o que os exalta, é verdade. Tudo o que os rebaixa é falsidade.

Não pode, convimos, estar por isto aquele que não é crente - não tem fé - não aceita um ser imaterial.

Este, porém, deve reconhecer um critério - uma verdade fundamental pela qual se afirmam todas as hipóteses.

Sem isto, enquanto o espiritualista tem a mais perfeita orientação, o materialista será verdadeiro navio sem bússola.

Deus não quis que assim fosse; e, conquanto negado por esses filhos, não lhes negou Ele o meio seguro de retificarem seus cálculos e explorações científicas.

O critério infalível aos que só veem no Universo a parte material da criação, é a natureza, que eles reconhecem e confessam.

Tudo se pode contestar; mas as disposições naturais, as tendências naturais do nosso ser, se impõem com a mais absoluta autotidade.

A razão falha, muitas vezes - a natureza, nunca!

Provar, pois, que a humanidade tem uma tendência - uma disposição inata, quer dizer: recebida de sua natureza, é concluir, sem apelo, que tal disposição é uma verdade absoluta.

E, pois, sendo a religiosidade ou a fé um fato universal e indestrutível, se não corresponde a um objeto real, teremos: que nossa constituição moral é uma mentira de nossa natureza.

Admitir esta conclusão é tirar ao próprio materialista o seu único critério de verdade!

O materialista-positivista, pois, elimina de seus cálculos a humanidade, desde que recusa uma parte indispensável de sua vida moral.

E sua ciência, não tomando conhecimento dos fenômenos morais, mas unicamente dos fatos materiais, divide o mundo para ter uma razão de negar o que não quer ver - e o que terá no fundo de seus cadinhos, assim falsificados? Mistificações e nada mais que isso.

A religiosidade ou a fé não é um sentimento provocado por nossas relações com o mundo - é uma disposição inata de nossa alma; tanto que os mais distintos naturalistas, em cujo número apresentaremos “Quatrefages¹⁸”, consideram-na a característica, por excelência do reino hominal, em relação ao animal, tanto que diz Causette¹⁹, a quem tomamos a maior parte destes conceitos: a hora da desgraça é quase sempre santa para o homem, que, raríssimas vezes é incrédulo, chorando junto a um túmulo!

Aos que consideram a fé uma moléstia, sem se lembrarem de que toda a humanidade, com exceções mínimas, sofre seus efeitos; o que prova ser ela um sentimento universal - e, consequentemente efeito de uma lei natural, como a de pensar - como a de aperfeiçoar-se - como a de falar.

Aos que tomam por bandeira a natureza, mas cerram os olhos a certa ordem de fenômenos naturais, convidamos daqui a lerem conosco estes versos do poeta da negação sensualista - do Tirteu²⁰ do ceticismo contemporâneo - de Alfred de Musset²¹:

18 (Nota do Organizador) Jean Louis Quatrefages de Breau (1810-1892) - naturalista francês. (Fonte: Infopedia.pt)

19 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Causette (1819-1880) - filósofo e padre francês, séc. XIX. (Fonte: Biblioteca Nacional da França - <https://data.bnf.fr/en/12463128/jean-baptiste-causette/>).

20 (Nota do Organizador) Poeta lírico grego do século VII a.C. Com seus cânticos de guerra, incentivou a coragem do exército espartano.

21 (Nota do Organizador) Alfred Louis Charles de Musset (1810-1857) - poeta, romancista e dramaturgo francês, um dos expoentes mais conhecidos do período literário conhecido como Romantismo.

“Passar como um rebanho, de olhos postos na terra,
E negar tudo o mais; é ser feliz?
Não; é deixar de ser homem...”²²

Suprimir do Universo a ideia de Deus é fazer do homem a obra mais inexplicável da criação!

Jouffroy, contando o fim quase trágico de sua fé religiosa, confessa: que, no momento em que a onda devastadora submergiu crenças - tradições de família - lembranças da infância, toda a sua vida passada pareceu-lhe *que entrava numa existência sombria e deserta; e acrescenta: eu era incrédulo, mas detestava a incredulidade!*

Não pode haver mais sublime protesto, exclama Causette, da natureza contra as apostasias da razão.

Ainda Alfred de Musset, inimigo votado da lei da fé, mas não lhe podendo evitar a ação, porque ela é natural, prorrompe nestas palavras:

“Apesar de tudo, atormenta-me o infinito,
Em que não posso pensar sem me perturbar e esperar.
E por mais que se diga, minha razão se espanta
De não compreendê-lo, sem poder deixar de vê-lo.”²³

Especialistas da ciência material, não vos dói a consciência de plantar uma doutrina, que esteriliza os mais sagrados impulsos do coração humano?

De que serve amar, na vida, se amanhã o objeto do nosso amor desaparece no nada para sempre?

A mãe que chora o filho morto - a esposa que geme junto ao féretro do amado de seu coração, que consolações podem receber da vossa lei?

Como carrascos da alma não lhes podereis dizer senão estas palavras horripilantes: este, que foi o ídolo do vosso amor, nada mais é - e vós mesmo, em breve, nada mais sereis!

É possível que tão sublimes afetos surjam e desapareçam como a vela que se acende e se apaga?!

22 (Nota do Organizador) Trecho do poema “L’Espoir en Dieu”/“A Esperança em Deus”, de Alfred de Musset (“Poésies nouvelles”, 1850). (Fonte: <https://www.poesie-francaise.fr/alfred-de-musset/poeme-l-espoir-en-dieu.php>)

23 (Nota do Organizador) Outra passagem do poema “L’Espoir en Dieu”, citado acima.

Não. O coração do homem - a natureza humana repelem semelhante crença!

O coração do homem - a natureza humana abraçam, por ato espontâneo e intuitivo, a crença, que diz à mãe e à esposa, desoladas: não choreis, porque o ídolo do vosso amor ser-vos-á restituído em melhor vida, onde sereis também.

Essas afeições cultivadas na Terra, muitas vezes iniciadas em vidas anteriores, jamais se perderão, como se perde no espaço o ciciar da brisa que passa e vai ao infinito.

Todas as afeições se avigoram e se essencializam, até que prendam, como um laço universal, a humanidade - a natureza - Deus.

Todo homem sente em si uma aspiração infinita; o que prova mais que esses processos materialistas que o nada não é senão uma moléstia de certos espíritos.

Somos, inquestionavelmente perfectíveis, mas para o quê?

Para, no fim de um momento, confundirmo-nos com os seres que não o são?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 29-12-1889: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/8092

Artigo CXV - O PAIZ, 05.01.1890

A ciência, em geral, abrange a universalidade dos conhecimentos: os seres - todas as suas leis - todas as suas relações.

Enquanto a humanidade não possuir o conhecimento perfeito, claro e definido de tudo o que constitui o turbilhão universal, a ciência não passará de um projeto - de uma aspiração.

E é porque já possuía alta sabedoria, que Laplace disse a seus amigos, na hora da morte, quando seu espírito já estava iluminado pelos raios da eterna verdade: o maior sábio apenas sabe para compreender quanto ignora!

Mil anos que tivéssemos de vida terrestre, seria tempo insignificante para explorarmos o campo da ciência.

E é por isso que, não havendo um ser racional que possa admitir, mesmo por hipótese, que a ciência seja eternamente inexplorada, vinga necessariamente a doutrina, que ensina a marcha progressiva do espírito, até conquistar o último reduto do saber - até dissipar completamente a ignorância nativa - até possuir a ciência dos seres - de suas leis - de suas relações.

Querer do sopé do Chimborazo²⁴ ou do Himalaia galgar de um salto, as cumeadas dessas montanhas, que se perdem nas nuvens do céu; e, porque não o consegue, negar a existência daquela desmarcada altura, não passa de lastimável vesânia.

E é por isso que os chamados sábios, que não possuem o saber e o critério de Laplace, não podendo abranger toda a ciência,

24 (Nota do Organizador) Chimborazo é um vulcão do Equador. É a mais alta montanha do país e do mundo, se medida desde o topo até ao centro da Terra. Sua última erupção data de mais de dez mil anos, sendo assim considerado extinto. (Fonte: Wikipedia)

em vez de confessarem sua ignorância, negam tudo o que ainda não lhes é dado compreender.

Esperem - tenham paciência de esperar; que assim como a criança, fraca e ignorante, chega à maior força e à maior instrução do homem, assim também todo o homem fraco e ignorante, na Terra, em relação ao que tem de ser no volver dos séculos, chegará a poder o que lhe é hoje impossível - a conhecer o que hoje lhe é mistério ou coisa desconhecida.

O que não pôde, de um passo, galgar o Chimborazo, conseqüi-lho-á; não recuando para negar-lhe a incomensurável altura, mas perseverando na empresa - dando milhões de passos, lenta e progressivamente para cima.

E é por isso que vemos, na Terra mesmo, surgirem, a par do rude hotentote, espíritos luminosos, de inteligência genial.

Aquele o hotentote, começa apenas sua hégira²⁵ na vida civilizada.

Estes, os talentos geniais, já trazem, de suas existências passadas, um valioso ativo de saber, que não fazem senão desdobrar diante do mundo, admirado.

Pois bem; se esses gênios ainda tivessem de vir à Terra por muitas vezes, ainda assim - ainda que fossem sempre alargando a esfera de sua ciência, não poderiam dizer a última palavra da sabedoria humana - teriam de confessar como Laplace: o que sabemos mal chega para conhecermos o que ignoramos.

É que na Terra o homem não possui senão as faculdades para a ciência da Terra - e esta é para a ciência universal, o que é uma gota d'água para o oceano.

Em mundos de ordem mais elevada, para aonde subiremos, quando tivermos feito toda a evolução possível no nosso; nos mundos dessa nova ordem, receberemos, ou antes, desenvolver-se-ão, em nós, faculdades, que estavam latentes em nós; e por elas conheceremos o que aqui nos foi mistério - e por elas ensaiaremos o estudo de seres, de leis e de relações, que aqui não conhecemos.

Quando subirmos aos mundos da mais elevada ordem, é só quando desabrocharão em nós as últimas e mais distintas faculdades, pelas quais ser-nos-á dado conhecer o que nos foi misté-

25 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra se serve aqui do termo em seu sentido figurado, de trajetória, jornada.

rios nos mundos inferiores - e possuir toda a ciência, que não foi feita para ser desconhecida.

Como, então, quereis daqui penetrar os segredos, que só a ciência universal pode explicar, quando não tendes, nem toda a ciência da Terra?

Como quereis penetrar os mistérios da criação universal - e do Criador incriado?

E porque não podeis penetrar esses augustos segredos, reservados para o tempo em que chegardes a ser *sábios de toda a ciência*, negais o Criador, com a mesma razão com que o cego nega a luz!

Quereis apreciar o ridículo do vosso papel? Mirai-vos neste espelho:

Vós negais a Deus; mas procurais parecer honesto - moralizado - bom, diante da sociedade!

Por que? Porque a sociedade crê em Deus - reconhece a moral que decorre dessa crença - e tem medo da infalível sanção.

Mas vós bem desejais que todos partilhem vossa crença - e, portanto, o vosso desiderato é uma sociedade sem fé - e, portanto, sem moral.

Dizei: se tivésseis um inimigo, a quem desejásseis o maior mal, não vos lembraríeis de dar-lhe mulher - filhas e criados, numa sociedade sem Deus - e, conseqüentemente, sem contenção moral?

Sêde lógicos, Srs. materialistas-positivistas; mas, sobretudo, sede sinceros.

Vós bem conheceis que a negação não pode se produzir sob a forma dogmática, porque ela vai dar infalivelmente no ceticismo!

Vós sustentais um sistema, que de nenhum modo desejais se estenda a toda a humanidade!

Vós prezais tanto a verdade do vosso sistema, que vos julgar-vos-eis desgraçados se vossa mulher e vossas filhas o tomarem em toda a sua extensão e compreensão!

Acreditamos na boa-fé de muitos materialistas, positivistas, ateus; mas estes não de nos relevar a franqueza: não sabem a lei que professam, ou entendem que deve ser só para si o mundo com uma moral sem sanção.

Bem sabemos: estão possessos do espírito de sistema, que não lhes deixa ver o que decorre fatalmente, de tal sistema, se ele for lei social.

São como os Ciclopes, só têm um olho - e se por este veem perfeitamente um ponto dado, só abarcam com a vista esse ponto e jamais o espaço em torno dele e além.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 05-01-1890:
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/29

Artigo CXVI - O PAIZ, 12.01.1890

Provar que Deus existe - e que o homem é imortal em sua essência, é ajuntar mais uma voz ao coro universal, levantado do seio de todos os povos desde a mais remota Antiguidade. É pura ociosidade.

Não há prova mais robusta da verdade de um princípio do que o consenso universal.

O que importa que uma mínima fração da humanidade, em parte por falta completa de estudos, em parte por estudos incompletos da matéria, se afaste da grande caudal - e proteste contra uma crença, sem a qual o Universo é um enigma incompreensível?

Ainda, se essa pequena fração atirasse à concha da balança argumentos e fatos positivos!

Mas o que! Em todo o seu arsenal não se encontram senão hipóteses - hipóteses e somente hipóteses!

O orgulho de não sujeitar-se à opinião universal - a fraqueza de querer aparecer por ideias repulsivas - e, principalmente, a deficiência de estudos - e a impropriedade do método; eis as principais causas da negação.

Quem não sabe que a raça dos Heróstratos²⁶ e dos Empédocles²⁷ é interminável, embora insignificante?

26 (Nota do Organizador) Heróstrato foi um incendiário grego, responsável pela destruição do templo de Ártemis em Éfeso, na atual Turquia, considerado uma das Sete Maravilhas da Antiguidade, no ano 356 a.C., com objetivo de ser lembrado pela posteridade. (Fonte: Wikipedia)

27 (Nota do Organizador) Segundo a tradição Empédocles (495 – 435 a.C.), filósofo grego e cidadão de Agrigento, na Sicília, teria se atirado ao Vesúvio.

Aparecer, seja como for! E quando não podem aparecer no campo comum em que se digladiam as altas inteligências, vão procurar além um meio de se fazerem notados - vão tocar fogo no Templo de Delfos - vão-se atirar ao Vesúvio, para compreender-lhe o mistério - fazem-se de Alcibiades²⁸ - inventam um sistema vistoso como Duppuys²⁹!

Obras do orgulho e da fraqueza!

E a deficiência de estudos na matéria?

Augustin Thierry³⁰, que todo o mundo ilustrado conhece, escreveu contra a Igreja católica tremendas acusações, baseadas em falsos textos sagrados, e em falsa apreciação daqueles textos.

O padre Gorini, em sua obra “Defesa da Igreja contra os erros históricos”³¹, demonstrou, com provas irresistíveis, as falsas apreciações dele e de quase todos os historiadores modernos.

Augustin Thierry não se contentou com o silêncio; veio a público confessar sua falta e declarar que: “Ao passo que muito havia manuseado as cartas merovingianas - e recomposto a História moderna sobre certos pontos, ele ignorava as duas coisas mais augustas do mundo moderno: o Cristianismo e a Igreja.”

Como Thierry, a massa de incrédulos sabe de tudo, menos de cosmogonia; mas, se aquele grande vulto confessa sua incompetência, origem de seus erros, os outros sábios continuam em sua teimosia!

28 (Nota do Organizador) Alcibiades Clinias Escambónidas (450 - 404 a.C.) - estrategista e político ateniense. (Fonte: Wikipedia)

29 (Nota do Organizador) Charles François Dupuis (1742 - 1809) - sábio francês, professor de retórica e advogado. Desenvolveu junto a Constantin François Chassebœuf de Volney (1757-1820) a teoria do “mito de Cristo”, argumentando que o Cristianismo era um amálgama de várias mitologias antigas e que Jesus era um personagem mítico. (Fonte: Wikipedia)

30 (Nota do Organizador) Jacques Nicolas Augustin Thierry (1795 - 1856) - historiador francês, particularmente conhecido por ter sido um dos primeiros historiadores a trabalhar com fontes originais em seus estudos. Dr. Bezerra talvez se refira, aqui, ao seu volume “Histoire de la conquête” (1825), que em sua 1ª edição trouxe graves críticas à Igreja, suavizadas ao final de sua vida, em 1856, quando reaproximou-se do Catolicismo. (Fontes: Wikipedia)

31 (Nota do Organizador) Jean-Marie-Sauveur Gorini (1803-1859) - padre católico francês, historiador e teólogo. A obra data de 1864 - “Défense de l’Église contre les erreurs historiques”. Não localizamos edição em português.

Que autoridade podem ter homens tais para arrancarem à humanidade suas crenças, que vêm da origem dos tempos - e que os fatos de todos os dias avigoram?

Joubert³² disse:

“Deve ter receio de errar em poesia quem não pensar com os poetas - e em religião, quem não pensar com os santos.”

“Quem fala de uma iência, que não estudou a fundo, é simples amador, diz Causette³³, e o amador não pode ter autoridade para negar o que afirmam os professores da matéria.”

E que professores! dizemos nós.

Não invocando a autoridade dos doutores da Igreja, desde São Paulo até o último missionário do Evangelho, anteporemos a quantos nomes importantes apresentar a incredulidade os nomes universais de Descartes, cuja fé converteu a rainha Cristina - de Pascal, crente até o Jansenismo - de Leibniz e de Euler³⁴, cujos trabalhos transpiram teologia - de Biot³⁵, que deu curso forçado a esta frase: “*é preciso estudar muito para compreender a matéria; muito mais, porém, para descobrir que ela não é nada*”.

Quando falam sábios daquela esfera e da esfera de Laplace, d’ Ampere³⁶, Canahy e tantos - tantos outros, que autoridade pode oferecer em contrário a negação?

32 (Nota do Organizador) Joseph Joubert (1754 – 1824) - moralista e ensaísta francês, lembrado sobretudo pela publicação póstuma de suas reflexões. A citação parece ter sido tirada do volume “Pensées, Ensées, Essais, Maximes et Correspondance. Recueillis et Mis en Ordre par Paul Reynald” (Paris, 1850), no seu tomo primeiro, item 91:

“Il faut craindre de se tromper en poésie, quand on ne pense pas comme les poètes, et en religion, quand on ne pense pas comme les saints”.

(Fonte: Wikipedia e https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Joubert_-_Pens%C3%A9es_1850_t1.djvu/129)

33 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Causette, já citado à nota 19, pág. 29 deste volume. Não conseguimos localizar a fonte exata da citação.

34 (Nota do Organizador) Leonhard Paul Euler (1707-1783) - físico e matemático suíço, considerado um dos grandes matemáticos de todos os tempos, assim como Isaac Newton, Arquimedes e Carl Friedrich Gauss. (Fonte: Wikipedia)

35 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Biot (1774 - 1862) - físico, astrônomo e matemático francês. Principal obra: “Traité élémentaire d’astronomie physique” (1841), 4 volumes. Não conseguimos localizar a fonte exata da citação.

36 André-Marie Ampère (1775-1836) - físico, filósofo, cientista e matemático

Também falamos da impropriedade do método empregado pelos *sábios* da incredulidade - e não precisamos reforçar o que já sobre esta causa de erro dissemos em outro artigo.

O que é incontestável, é: que, por mais sábios que sejamos, não lograremos apanhar toda a verdade, desde que não empreguemos meios adequados ao fim - processos que compreendam todas as ordens de conhecimentos.

Mas o materialista não emprega senão meios e processos adequados a ordem material.

Logo, como alcançarem a verdade toda? Como chegarem ao conhecimento do mundo moral?

Os que negam a existência de Deus e a imortalidade da alma não podem, pois, aluir a solidez do edifício dessa crença universal: 1º - porque são poucos; - 2º - porque esses poucos não têm autoridade na matéria; - 3º - porque, mesmo quando fossem muitos e tivessem autoridade, por terem feito estudo, o método que empregam não pode senão afastá-los da verdade.

O argumento hercúleo: de não ser possível o Criador incriado, cai por obra da própria ciência, que admite a matéria incriada.

Em rigor lógico, a questão seria: determinar se o Criador incriado é Espírito ou matéria - Deus, ou a natureza.

E é fora de dúvida que o Criador não pode confundir-se com sua criação - e menos [ainda]³⁷ ficar sujeito às leis por si postas; como é da ciência materialista, onde a natureza criadora se confunde com a natureza criada - e, como criada, obedece às eternas leis, que, como Criador, pôs no Universo!

Nós, que reconhecemos a existência de Deus, não compreendemos o Criador incriado; mas, além do que é tolo acreditar, que só pode ser o que compreendemos; acresce que nossa compreensão dilata-se constantemente, pelo desenvolvimento de nossa perfectibilidade - e, portanto, se hoje não compreendemos, compreenderemos amanhã, esse mistério, que deve ser a última conquista da razão.

francês, consagrado principalmente por seus estudos de eletromagneticos. A unidade de medida de correntes elétricas tem seu nome. Sobre Canahy, infelizmente não conseguimos localizar dados, talvez devido à transliteração do termo. (Fonte: Wikipedia)

37 (Nota do Organizador) Acréscimo nosso, para melhor entendimento do texto.

E, ainda não tocando a altura da verga de uma porta, já temos, ou queremos ter, a pretensão de tocar ao Sol com nossa mão!!

Max. (Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 12-01-1890:
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/61

Artigo CXVII - O PAIZ, 19.01.1890

Vimos, hoje, dizer sobre a imortalidade da alma.

A imortalidade do nosso ser pensante precisa ser, antes de tudo, bem definida.

O panteísmo, doutrina filosófico-religiosa, que ensina a volta dos Espíritos, pela morte, para o seio de Deus, donde saíram, consagra a sua imortalidade, pois que o deus-Universo é imortal.

Muitos filósofos reconhecem a imortalidade do princípio pensante, mas negam que a identidade se conserve - que a consciência, a memória do passado liguem o nosso ser ao antigo.

Assim pensam Spinoza³⁸ e Pedro Lerroux³⁹.

Outros filósofos distinguem entre a perpetuidade da alma e a perpetuidade do pensamento com consciência, que julgam apenas provável.

Compreende-se que tais opiniões não resolveram a questão de saber: se há em nós um princípio que resiste a morte.

Se a alma humana, depois da morte, não é mais o mesmo ser, com a consciência e a memória do que foi na vida, não é imortal.

Imortal será somente, se tiver consciência do que foi - e guardar memória do que fez, isto é, se conservar-se a mesma pessoa.

38 (Nota do Organizador) Baruch de Spinoza (1632 - 1677), nascido de Benedito de Spinoza, filósofo holandês. Foi um dos grandes racionalistas do século XVII, dentro da chamada Filosofia Moderna, ao lado de René Descartes e Gottfried Leibniz. (Fonte: Wikipédia)

39 (Nota do Organizador) Pierre Leroux (1797 - 1871) - filósofo panteísta francês, economista, pacifista, funcionário do governo e campeão do socialismo por meio de várias revistas e jornais que ajudou a fundar. (Fonte: Enciclopédia Britânica)

Temos, pois, que sobre este ponto divergem as opiniões, que podem ser classificadas em três ordens:

1^a - A que nega peremptoriamente a sobrevivência de qualquer parte da pessoa humana; teoria materialista, que reduz o homem a nada, pela morte; ou envolve-o no turbilhão da matéria, donde saiu por uma de suas evoluções.

2^a - A que admite sobrevivência da alma; mas não a da pessoa, pois que perdemos, pela morte, a consciência do que fomos.

3^a - A que tem como dogma de fé e de razão, que a pessoa humana sobrevive à morte do invólucro humano; isto é, que a alma separada do corpo tem plena consciência do que foi e do que fez na vida.

Esta opinião, já o dissemos, é a da universalidade dos seres racionais, não havendo, nem o selvagem, que não creia na vida de além-túmulo.

Já este é um poderoso argumento contra o nada materialista, não só porque um princípio geralmente aceito tem o cunho da verdade - como porque procede da natureza, que é o critério da verdade, para os que não aceitam por tal os atributos divinos, por negarem a Deus.

Há, porém, outro argumento que cala nas almas isentas de todo o espírito de sistema: é que o homem é livre e, portanto, responsável - é perfectível e, portanto, tem de chegar a um ponto de perfeição.

Como fazer-se efetiva a responsabilidade humana, se o homem reduz-se a nada pela morte?

O criminoso - o homem que gastou a vida em calcar a moral em todas as suas relações, acaba no meio de todas as paixões bestiais.

Levando uma vida tal usou de seu livre-arbítrio, tanto como o virtuoso - o homem que só fez o bem, só praticou o que a consciência universal tem por bom.

É possível que tanto um como outro se nivelem pela morte - tenham a mesma responsabilidade, tendo feito um uso tão oposto de sua liberdade?

Damiron⁴⁰ fala de um homem virtuoso, sacrificando-se, obscuramente, ou, claramente devotando-se.

40 (Nota do Organizador) Jean-Philibert Damiron (1794 - 1862) - filósofo francês. Suas principais obras estão relacionadas à História da filosofia e de filósofos franceses. Não conseguimos localizar a fonte da citação. (Fonte: Wikipedia)

Por um derradeiro ato de sua liberdade, deu ele a vida por sua família - por seu país - pela humanidade.

Depois ele nada terá - perderá todo o sentimento - toda a moralidade - todo o meio de tornar-se melhor!

É possível que o justo se reduza a nada, sem receber o prêmio do bem que fez, usando de sua liberdade - e o perverso não espere senão a morte, para escapar à pena de suas maldades - do mau uso que fez da liberdade?

O que é liberdade sem responsabilidade - e responsabilidade sem sanção?

Não. Ou o homem não é livre - obedece na vida a uma força estranha, que o arrasta, como o vento arrasta a folha seca - ou deve sobreviver à morte do corpo, para sofrer a sanção do bom ou mau uso que fez da sua liberdade.

E a perfectibilidade?

Todos os homens gozam desse predicado - e, pois, todos devem exercitá-lo no mesmo grau.

Mas vemos acabarem em graus tão diferentes, quer na escala intelectual, quer na moral; logo: ou não somos perfectíveis - ou temos de continuar nosso trabalho depois da morte - e noutras existências, até que os retardatários desta existência cheguem nas seguintes ao ponto a que chegaram os mais solícitos.

Isto é o que se compreende pela razão e pela consciência; mas hoje o Espiritismo oferece a todos os meios experimentais de conhecerem com segurança: que os mortos vivem - e vivem com a consciência de sua personalidade, progredindo sempre - e recebendo da Justiça Eterna a sanção de sua responsabilidade.

Se há materialistas, depois do Espiritismo, é porque eles querem se-lo - porque querem negar a verdade caprichosamente.

Diremos, pois, a alma é imortal - e o Espiritismo oferece a quem tiver dúvidas os meios irrecusáveis de reconhecê-lo.

Com isto, temos liquidado nossa conta com todos os opositores da imortalidade da alma, quer sejam materialistas, quer panteístas, quer reconhecedores da sobrevivência, mas não da consciência do passado, que no fim da história são todos, como os positivistas, filhos da mesma escola: da escola materialista.

O panteísta leva a fundir-se em Deus o que morre cheio de boas obras e o que acaba uma vida de torpezas!

Que grande Deus é o seu!

Spinoza e seus discípulos hegelianos não sabem o que hão de fazer da sua alma imortal, sem consciência nem lembrança do passado!

Mas estes e os materialistas e positivistas é que são os modelos dos nossos sábios.

É que agrada-lhes a ideia de não terem contas a prestar depois da morte! Ve-lo-ão!

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 19-01-1890:
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/95

Artigo CXVIII - O PAIZ, 26.01.1890

Erguida sobre as mais sólidas bases que podem ter as crenças humanas, a crença da imortalidade da alma ou a da sobrevivência da pessoa depois da morte do corpo; o que importa que um insignificante grupo, os materialistas-positivistas, em vez de procurarem ver a verdade que o Espiritismo oferece experimentalmente, levantem os ombros e exclamem hipóteses - hipóteses?

A luz não deixa de ser, porque alguns cegos não a percebem!

A Terra não deixou de girar em torno do Sol, enquanto a maioria de seus habitantes sustentou o princípio da sua imobilidade!

O materialismo-positivismo foi colocado pelo Espiritismo nesta angustiada alternativa: ou declara que não quer ter a prova experimental da existência dos Espíritos, para poder continuar a mais inglória das existências - ou presta-se àquela prova e tem forçosamente de dissolver-se.

Hoje, prova-se a continuação da pessoa, depois da morte, tão clara e positivamente como se prova qualquer fato material: a existência da torre Eiffel, por exemplo.

Negar, pois, aquele fato é como negar as leis de Kepler e de Newton: de que os corpos celestes se atraem na razão direta de suas massas e na inversa do quadrado de suas distâncias - e de que são submetidos à gravitação universal.

O materialismo-positivismo pode recusar-se a aplicar seus processos aos fenômenos espíritas, para fazer sua demonstração científica; mas desafiamo-lo a que use desses seus processos infalíveis, para demonstrar cientificamente a falsidade daqueles fenômenos.

Está claro que pedimos provas sérias - e não chocarrices⁴¹ e ninharias, como atribuir ao grande peroneiro⁴² os estalidos que dão as mesas-falantes.

Hipóteses! Hipóteses! exclamam quando se referem aos princípios espíritas.

Mas, os fatos de observação?

E como se descobrem as leis, senão estabelecendo-se hipóteses?

É sobre hipóteses que a ciência assenta seu trabalho - e conforme resulta desse trabalho: que a hipótese explica ou não a universalidade dos fatos da ordem a que ela se refere, conclui a ciência pela exatidão ou falsidade da hipótese.

Por que não aplica a escola materialista-positivista os processos científicos à hipótese espírita das reencarnações, a ver se ela explica ou não todos os fenômenos humanos da ordem espiritual?

Por que? - Porque temem-se de ver por terra o edifício de seu sistema - porque, as reencarnações demonstradas, demonstrados ficam os altos princípios da existência de Deus - da existência do Espírito - do seu progresso indefinido; e isto arranca ao nada inconcebível e extravagante os que têm feito nome a seu favor, como aquele que, desesperado por não conquistar a fama, foi procurá-la, lançando fogo ao templo de Delfos.

Que importa a responsabilidade tremenda de arrastarem consigo moços inconsiderados, sem a precisa instrução científica, para discernirem seus erros grosseiros da clara verdade, universalmente proclamada?

Passarem seus nomes à posteridade foi toda a sua lastimável preocupação!

Deixemo-los, e prossigamos em nosso caminho para demonstrar aos nossos sábios como a Doutrina Espírita das vidas sucessivas tem suas raízes na mais remota Antiguidade - e conta

41 (Nota do Organizador) Gracejo grosseiro ou petulante. (Fonte: Dicionário Priberam online)

42 (Nota do Organizador) Um dos músculos fibulares da perna. Originando-se da fíbula (perônio), estes músculos desempenham papel importante no movimento do pé e na articulação do tornozelo, sendo facilmente visíveis na superfície lateral da perna quando se baixa o pé. Há o Peroneal Longo e o Peroneal Curto. Dr Bezerra cita aqui o primeiro deles, chamado, à época, de "grande peroneiro".

no número de seus adeptos uma enorme corte de nomes universalmente considerados.

Entremos, pois, com a primeira parte de nossos trabalhos: a Antiguidade religiosa.

Burnouf⁴³, em seu livro a “Ciência das Religiões” - e Max Müller⁴⁴, em seus “Ensaio sobre História das Religiões”, demonstraram de modo incontestável: que o mais antigo monumento conhecido são os hinos védicos - e o primeiro daqueles autores acrescenta: que esse monumento firma-se em tradições e escritos, que remontam a mais remota Antiguidade.

Assim, pois, as ideias contidas naqueles hinos já vêm, pode-se dizer, do berço da humanidade, pois que eles próprios são tão antigos, que se perdem na noite dos tempos.

Temos, então, no livro sagrado dos hindus o sentimento primitivo da humanidade, que, mais tarde - e há bem pouco tempo, relativamente, se tem alterado. Conheçamo-lo:

“Se o homem fez obras que conduzem ao mundo do Sol, a alma irá para o Sol; se fez obras que conduzem ao mundo do Criador, irá para esse mundo.

“Assim, pois, a alma vai para o mundo a que pertencem suas obras.”

E logo em seguida:

“De que serve ter desejos na Terra - e procurar prazeres sensuais?

“Entregai-vos a vossos desejos - abandonai-vos impudicamente a todas as voluptuosidades? Não fareis senão condenar-

43 (Nota do Organizador) Eugène Burnouf (1801 - 1852) - estudioso e erudito francês, indologista e orientalista. Suas obras notáveis incluem um estudo da literatura sânscrita, a tradução do texto hindu Bhagavata Purana e o texto budista Sutra de Lótus. Fez também contribuições significativas para a decifração do cuneiforme persa antigo. “La science des religions” teve sua primeira edição em 1864. (Fonte: Wikipedia / Gallica)

44 (Nota do Organizador) Friedrich Max Müller foi um linguista, cientista das religiões, orientalista e mitólogo alemão. Aluno de Franz Bopp e de E. Burnouf, retomou o estudo do Avestá e a publicação do Rigueveda-Samita, que manteve de 1849 a 1874. Sua obra principal é a coleção “Livros Sagrados do Oriente” (50 volumes publicados de 1879 a 1910; com traduções eletrônicas a partir de 1997), fonte essencial da História das religiões e da mitologia comparada. A versão mais antiga do seu “Essais Sur l’Histoire Des Religions” que localizamos foi a de 1872, mas é a décima edição, não a original. (Fonte: Wikipedia)

-vos a novos laços com outros corpos em outros mundos, quando tiverdes deixado a vida.⁴⁵

Estas duas passagens dos “Vedas” não envolvem mistério que reclame interpretação.

Qualquer sábio, dos nossos, compreende sem esforço que a humanidade daqueles tempos perdidos já tinha como princípio corrente: 1º - A imortalidade da alma humana, tanto que depois da morte do corpo ela vai para o mundo a que pertencem suas obras; 2º - A pluralidade dos mundos habitados, como é evidente aquele último trecho; 3º - A existência de Deus, que se fala ali do mundo do Criador.

Isto é o que resulta da primeira passagem - da segunda resulta: 1º - A reencarnação dos Espíritos, para realizarem seu progresso, pois que se diz claramente: que irão a novos corpos (novas existências) os que na vida se entregarem aos desejos e concupiscência; isto é: os que não se tiverem preocupado com seu progresso; 2º - A pluralidade dos mundos habitados, ideia que está ali consignada sem perífrases.

Assim, pois, desde os tempos primitivos é corrente a doutrina da pluralidade dos mundos habitados e a consequente da pluralidade das existências da alma.

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 26-01-1890:
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/129

45 (Nota do Organizador) Não conseguimos localizar a fonte exata da citação.

Artigo CXIX - O PAIZ, 02.02.1890

No empenho de provar aos nossos sábios que isso de Espiritismo, que fá-los rir, é coisa séria, é uma ciência abraçada pela humanidade, desde a origem dos tempos, e sustentada pelos mais ilustres pensadores de todos os séculos e de todos os países; demos, em nosso artigo passado, o testemunho dos “Vedas”, o mais antigo livro do mundo.

Ali viram os que tanto riem, formalmente consignadas, as ideias da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências da alma.

A última delas sofreu em sua marcha progressiva, qual tem todas as ideias, transformações várias, qual a de reencarnar a alma em corpo de animal; mas, continuando sempre em sua marcha, depurou-se dessa mácula degradante - e voltou à sua primitiva fórmula: a reencarnação da alma exclusivamente em corpo humano.

Qual a ideia que não tem tido desses eclipses, para ressurgir em todo o seu brilho?

Fique, pois, desde já, prevenido este *argumento de hércules-dos sábios* - e prossigamos no estudo da Antiguidade religiosa.

O “Bhagavad-Gita” oferece-nos os seguintes trechos:

“Tu choras por homens, que não precisam de lágrimas ... porque a ninguém faltavam existências - e jamais cessaremos de ser no futuro⁴⁶.”

46 (Nota do Organizador) Cap. 2, itens 11 e 12. Podem variar as palavras, conforme a tradução, como também reunião de itens diferentes, como se vê aqui.

“Como no corpo mortal sucedem-se a infância - a mocidade e a velhice, assim a alma, perdido este, adquire outro - e o sábio não se abala⁴⁷.

“Estes corpos que perecem, revestem uma alma eterna - indestrutível - imutável⁴⁸.

“Como se largam vestidos estragados, para tomarem-se novos; assim a alma larga os corpos gastos para tomar novos corpos⁴⁹.

“Invisível - inefável - imutável; eis seus atributos - e, pois, que assim a reconheceis, não choreis.⁵⁰”

E mais adiante diz:

“Tenho tido muitos nascimentos, Arjuna, e tu também; mas eu conheço as minhas, ao passo que tu não conheces as tuas existências.⁵¹”

E ainda diz mais, falando do homem de bem:

“Filho de Pritha, nem aqui, nem aí na Terra o homem bom pode aniquilar-se⁵².

“Ele sobe à mansão dos puros - vive aí por longos anos - depois vai renascer em uma família de gente pura, onde continuará os piedosos exercícios praticados em sua existência passada, esforçando-se sempre por sua perfeição.⁵³”

Eis aí temos, em poucas linhas, a consagração dos princípios cardeais da ciência cspírita!

A imortalidade da alma, indestrutível - invisível - imutável.

A pluralidade das existências, substituindo-se umas às outras, à medida que o corpo dado para cada uma se gasta, como os vestidos.

E, finalmente, a razão dessa série de existências : o aperfeiçoamento da alma.

O “Bhagavad-Gita” ensina, portanto, que o homem, essencialmente perfectível, não para no limitado grau do progresso al-

47 (Nota do Organizador) Cap. 2, item 13.

48 (Nota do Organizador) Cap. 2, item 18.

49 (Nota do Organizador) Cap. 2, item 22.

50 (Nota do Organizador) Cap. 2, itens 25 e 30.

51 (Nota do Organizador) Cap. 4, item 5.

52 (Nota do Organizador) Cap. 6, item 40.

53 (Nota do Organizador) Cap. 6, itens 41 e 43.

cançado numa existência; mas tem, na Eternidade, as existências que lhe forem precisas para desenvolver aquela perfectibilidade.

Ele o afirma, quando diz: a ninguém faltarão existências.

E porque não se suponha que elas são dadas sem razão suficiente, explica categoricamente qual é aquela razão: a necessidade de progredir.

Falando do homem de bem e do homem mau o “Bhagavad-Gita” marca a diferença de suas respectivas evoluções, quando assina⁵⁴ ao primeiro a libertação da lei das reencarnações, por ter alcançado alto progresso - e ao segundo, por ter desprezado as leis do santo, a continuação de sua sujeição às ditas reencarnações.

Daí, resulta, como corolários: 1º - que o renascimento em corpos materiais, como este que trazemos na Terra, é condição dos Espíritos atrasados, entretanto que aqueles que se têm adiantado, não sofrem mais tal condição; - e 2º - que os Espíritos têm, no seu livre-arbítrio, o poder de aproveitarem ou não as suas encarnações; donde a libertação de tal amor, ou a continuação dele.

A Doutrina Espírita prescreve exatamente isso que aí fica exposto; e, pois, a ciência, que faz rir, vem de tempos imemorráveis.

Por isto mesmo dirão os nossos sábios: vossa Doutrina é frágil, se não quiserem dizer: ridícula, pois que, no século das luzes, quereis restaurar as concepções dos tempos das trevas.

Pedimos licença aos nossos respeitáveis sábios, para fazermos-lhes duas únicas ponderações, por amor da caridade:

Tudo, infinito plano da criação, é revestido do caráter da perfectibilidade: tem um princípio - e evolui até chegar ao máximo desenvolvimento.

No mundo físico esta lei é palpável - e dispensa comentários, argumentos e provas.

No mundo moral, este que pouco ou nada merece aos nossos sábios, esta lei é tão rigorosa como no físico.

Um só exemplo: a caridade, pedra angular da filosofia de Jesus, não é concepção de seu tempo - vem do tempo dos “Vedas”; mas só foi depurada das impurezas da longa evolução - só foi compreendida e definida em toda a sua extensão e compreensão, no tempo do Cristo.

54 (Nota do Organizador) Atribui. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Está no mesmo caso a Doutrina Espírita. Vem dos “Vedas” - passou por transformações - chegou a seu amadurecimento em nossos dias.

E quantas verdades científicas, dessas que os sábios têm por axiomáticas hoje - tiveram igual origem - passaram por igual evolução?

Recusar uma ideia, porque foi concebida nas idades primitivas, é a mais robusta prova de uma ignorância de fazer dó!

A segunda consideração, que pedimos licença para fazer, é: que o “Bhagavad-Gita”, por ser um livro de tempos imemoriais, revela tanto saber - e está escrito em estilo tão elevado, que talvez não tenhamos um livro moderno, escrito no século das luzes, que possa suportar-lhe o confronto.

É um monumento, que nem a Bíblia pode gabar-se de levar-lhe vantagem.

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 02-02-1890:
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/165

Artigo CXX - O PAIZ, 09.02.1890

Lord Bolingbroke⁵⁵, o mais incrédulo filósofo e crítico do século passado, reconhece que a doutrina da imortalidade da alma e das penas e recompensas depois desta vida perde-se nas trevas da Antiguidade, e nem por isso julgou desprezível o estudo dessa doutrina.

Como poderia pensar diversamente um espírito do seu saber e do seu critério, vendo aquela ideia sustentada, nessas eras mortas, por nomes que ainda hoje inspiram o maior respeito?

Homero sustenta em seus poemas a tradição dos castigos na outra vida⁵⁶.

Nos diálogos de Platão, Sócrates prova a imortalidade da alma, julgando essa ideia respeitável, mesmo por ser antiquíssima⁵⁷.

Platão pensava como seu mestre, dizendo “que se deve crer nas opiniões antigas e sagradas, que ensinam a imortalidade da alma - e que esta será julgada e punida severamente, se não tiver vivido como convém a um ser racional.”⁵⁸

55 (Nota do Organizador) Henry St John, 1º Visconde Bolingbroke (1678 - 1751) - Político, funcionário do governo e filósofo político inglês, famoso por suas opiniões anti-religiosas e oposição à teologia. (Fonte: Wikipedia)

56 (Nota do Organizador) Apenas a título de exemplo, podemos recordar o Canto XI de sua Odisseia, onde tem-se Édipo (Verso 210); Tício (verso 450) e Sisifo (verso 465), entre outros, sofrendo castigos depois da morte.

57 (Nota do Organizador) Vide a Introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

58 (Nota do Organizador) Sugerimos a respeito a leitura do Diálogo “Fédon”, especialmente o item “Mito do Destino das Almas”, pág. 121 do volume “Platão” da Coleção “Os Pensadores”, Editora Abril Cultural, 1972.

Plutarco adota a opinião de Aristóteles sobre a felicidade dos bons, depois desta vida, opinião cuja origem não se pode asinar⁵⁹, por vir de uma tradição que se perde nas mais remotas idades⁶⁰.

Cícero diz: que a imortalidade da alma tem sido sustentada por sábios da maior autoridade, o que é do maior peso em qualquer assunto - e que por vir de tão longe tem mais razão de ser verdade⁶¹.

Todos respeitam aquela ideia, por vir de tempos imemoriais - todos da altura desses vultos que citamos; mas os nossos sábios desprezam-na, precisamente por aquele motivo!

Seja como for, a verdade é que em toda a História Antiga encontra-se esta crença estabelecida, da maneira a mais sólida,

59 (Nota do Organizador) Aqui no sentido de “apontar”. (Fonte: Dicionário Priberam online)

60 (Nota do Organizador) Em “Moralia”, Cap. “Consolação para Apolônio”, item 27, Plutarco transcreve citação de Aristóteles a esse respeito (“Fragmento 44” / “Acerca da Alma”): “aqueles que terminaram esta vida são abençoados e felizes” [...] esta é uma crença tão antiga que ninguém sabe nem quando surgiu nem o nome da pessoa que a promulgou pela primeira vez”. Ainda em “Moralia”, mas em outro trecho - “Sobre a tranquilidade de espírito”, item XVIII - Plutarco volta ao tema, reforçando o pensamento de Aristóteles mais ou menos nesses termos: “aquele que saboreia a vida quando a virtude e o que lhe é congênera prevalecem [...] pode sem receio partir dessa vida” (ambas as traduções são nossas, livres). A indicação da citação de “Consolação para Apolônio” nós a devemos à erudição do grande André Pezzani, no capítulo 1 de sua obra, já citada: “A Pluralidade das Existências da Alma”.

61 (Nota do Organizador) Marco Túlio Cícero (106 - 43 a.C.) - advogado, político, escritor, orador e filósofo romano. Sua influência na língua latina foi tão imensa que acredita-se que toda a História subsequente da prosa, não apenas no Latim, como nas línguas europeias, até o século XIX seja ou uma reação contra seu estilo ou uma tentativa de retornar a ele. (Fonte: Wikipedia). É dele o trecho que segue: “Não penso como os que recentemente se puseram a sustentar que a alma perece com o corpo, e que tudo é destruído pela morte. Prefiro submeter-me à autoridade dos antigos, à dos nossos pais, que rendiam aos mortos honras religiosas (o que não fariam sem dúvida se acreditassem que os mortos eram insensíveis). A dos filósofos que viveram na Itália, e cujos preceitos e doutrina introduziram na Grande Grécia, hoje em decadência, mas outrora florescente. A desse homem que o oráculo de Apolo declarou o mais sábio, e que sob esta questão não dizia, como sobre a maior parte das outras, ora uma coisa ora outra, mas sempre a mesma, isto é, que almas dos homens são divinas, e que à sua saída do corpo no retorno para o céu este lhe fica aberto, retorno tanto mais fácil quanto foram elas mais justas e mais puras”. (Cícero, “Diálogo sobre a Amizade”, Cap. 4)

no espírito das primeiras nações, de que se tem notícia, quer bárbaras, quer civilizadas - entre os celtas, os indianos, os gauleses, os germanos, os bretões, os gregos, os romanos e até entre os selvagens da América.

A teologia indiana foi além de tudo aquilo - não somente firmou a crença universal da imortalidade da alma, como estabeleceu a passagem da alma por vidas sucessivas, como meio de desenvolver a sua perfectibilidade.

É dos tempos primitivos - das eras que chamam das trevas; mas isso já não aproveita aos sábios, depois das opiniões que citamos e que seria até ridículo impugnar.

O Budismo, ramo do Bramanismo, é o mais solene atestado, que nos vem do Oriente, por ser ali vigorante a crença nas reencarnações da alma.

Com efeito, Sakyamuni⁶² fez-se o reformador da religião bramânica, unicamente no intuito de evitarem os homens a volta a este mundo de misérias, pelas reencarnações.

O Budismo não compreendeu o destino humano em sua esplêndida grandeza - não teve a intuição da libertação dos espíritos daquela lei que lhe repugnava, pelo aperfeiçoamento, pelo progresso.

Daí veio a ridícula ideia de fugir as reencarnações, pelo *nirvana*.

O nirvana é o estado da alma, em que nem se sofre, nem se goza - é, segundo Eugênio Burnouf, o *nada*; porque, de fato, não sofrer, nem gozar, não é viver.

Em todo o caso, o Budismo criou o nirvana, como o mais alto destino que podem as almas aspirar - e criou-o só e unicamente como meio de fugirem às reencarnações⁶³.

62 (Nota do Organizador) Nome pelo qual é também conhecido Sidarta Gautama, o Buda. (Fonte: Wikipedia)

63 (Nota do Organizador) (Nota do Organizador) Temos a impressão de que Dr. Bezerra não teve acesso direto a obras budistas, e que sua percepção sobre o Budismo e o entendimento do Nirvana foram influenciados por sua leitura de Eugênio Burnouf, conforme se lê à página 55 desta edição. Acreditamos que tempo dispusse para um estudo mais direto da grande tradição budista e teria dela outra opinião.

Os que seguirem fielmente os exemplos de Buda⁶⁴, que deixou as grandezas da casa do rei, seu pai - abandonou sua mulher Góya, a mimosa pérola do Oriente - passou seis anos, quantos viveu depois daquela resolução, em jejuns e macerações - sacrificou, em suma, todo o gozo material à vida de contemplação; os que seguirem aquele exemplo, conquistarão o nirvana, isto é, libertar-se-ão da lei das reencarnações.

Os outros - os que se entregarem aos prazeres da vida, receberão aí na Terra, sua recompensa - e, depois da morte, volverão à Terra em uma ou mais vidas; só podendo sair dessa via dolorosa pela prática do infalível regime da contemplação.

Esta religião, que tem agremiado mais sectários do que todas as outras reunidas, por ser estabelecida em um meio que se tem segregado de toda a humanidade, é um misto de espiritualismo e materialismo, que admira ter suas raízes no Bramanismo, religião eminentemente espiritualista.

Isto, porém, nada tem com o nosso fim, demonstrar que a Antiguidade religiosa consagrou os dogmas fundamentais do Espiritismo.

E isto, cremos, está plenamente provado, não somente quanto ao Bramanismo, com as transcrições que fizemos dos “Vedas” e do “Bhagavad-Gita”⁶⁵, como também quanto ao Budismo.

E é preciso notar um fato de grande importância filosófica.

Enquanto todas as religiões, que não se firmam na verdade espírita das encarnações, declinam e ameaçam cair no abandono do Judaísmo, o Bramanismo se mantém, apesar da pressão inglesa sobre os povos que o seguem - e o Budismo não decai, apesar do seu nirvana, em contradição com seus princípios espiritualistas.

É que tudo o que é feitura do homem, perece - e só é imutável o que se firma na Verdade, que é de Deus.

64 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui o nome Bhandah, que não conseguimos localizar como uma das transliterações de Buda. O mais próximo seria Buddah, mas decidimos transcrevê-lo em português mesmo, na sua forma mais simples e conhecida.

65 (Nota do Organizador) O texto original de Dr. Bezerra traz aqui uma variação da transliteração do nome do clássico “Bhagavad-Gita”, na forma de “Bayaverd-Gita”. Como não a localizamos, na atualidade, optamos por manter aqui a sua forma mais conhecida.

O Maometismo - o Masdeísmo - o Judaísmo - e o próprio Cristianismo romano hão desaparecer, para darem lugar ao Espiritismo ou Cristianismo científico, se contudo não abraçarem a base larga que se lhes oferece.

O Bramanismo e o Budismo, similares do Espiritismo, com pouco se salvarão da ruína.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 09-02-1890: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/199

Artigo CXXI - O PAIZ, 16.02.1890

Depois de evocarmos o alto espírito dos “Vedas”⁶⁶, em cujo excelso código, superior a tudo o que há de grande na Antiguidade - e igual ao que de mais notável se há produzido nos tempos modernos, beberam suas mais altas concepções os teólogos da Índia;

Depois de termos mostrado como daquela fonte, a mais antiga do mundo, emana, em quase todo o seu brilho, o princípio cardeal do Espiritismo: as reencarnações como meio de desenvolvimento da perfectibilidade humana;

Trataremos hoje da teologia dos persas, contida nos livros Zendes⁶⁷ e arquitetada por Zoroastro.

O Masdeísmo, como o Cristianismo romano, bebeu seus princípios fundamentais ou, pelo menos, muitos deles, na reli-

66 (Nota do Organizador) O original traz neste ponto a expressão “de Manoel”, que nos parece ter sido inserida por algum equívoco tipográfico. Decidimos corrigir por “dos Vedas”, como se vê, pelo fato de Dr. Bezerra ter se dedicado ao estudo dessa tradição religiosa de altíssimo valor em seus artigos anteriores.

67 (Nota do Organizador) Atualmente a transliteração apresenta a palavra como Zende ou Zenda, com dois significados: 1. Conjunto dos livros sagrados persas, atribuídos a Zoroastro ou Zaratrustra, que compõe o “Zende-Avestá”; 2 - Língua indo-iraniana em que essa obra foi escrita. Segundo a tradição, o Avesta foi redigido, ao menos em parte, pelo próprio Zoroastro (Zaratrustra), nos séculos VII e VI a.C., e foi destruído no grande incêndio de Persépolis, ordenado por Alexandre o Grande. Acredita-se que o documento tenha sido reconstituído de memória no início do período sassânida (224-651) e se perpetuou entre as populações de Gabar na Pérsia e os parses de Bombaim. Desses últimos, o francês Abraham-Hyacinte Anquetil-Duperron tirou o material para a primeira versão do texto sagrado em uma língua européia: “Zend-Avesta, ouvrage de Zoroastre” (Paris, 1771). (Fontes: Barsa Saber e Dicionário Priberam online) .

gião dos caldeus, tendo Zoroastro aprofundado seus estudos na Babilônia, onde os judeus também se contaminaram com suas lendas pagãs.

Foi daí que veio, quer ao Masdeísmo, quer ao Judaísmo, entre outras, a história irrisória e blasfema da rebeldia dos anjos, que Deus criou perfeitos e que burlaram a vontade soberana, tornando-se imperfeitos até o diabolismo.

Foi daí que nasceu um deus do Bem e um deus do Mal; Ormuzd e Ahriman⁶⁸ para os persas - Jeová e Satanás para os israelitas.

O Masdeísmo, porém, muito superior, neste ponto, ao Judaísmo, não admite como este e como a Igreja romana! a eternização do mal, que vale pelo seu triunfo; ensinando: que no fim dos tempos as almas condenadas serão levadas a um dilúvio de metal fundido e subirão a Ormuzd; bem como o próprio Ahriman se converterá ao Bem e adorará o Deus Criador.

Isto se reconhece pela seguinte passagem, que transcrevemos aqui, para provar que os persas souberam, ao menos, polir o que receberam da mitologia caldaica.

É do “Jaçna”, livro dos hinos, um dos Zendes:

“Quando chegar o fim do mundo, o mais perverso dos darvands (demônios) será puro - excelente - celeste. Sim; tornar-se-á santo celeste esse mentiroso, esse perverso; tornar-se-á santo - celeste - excelente esse cruel, não respirando senão pureza e fazendo um longo sacrifício de louvores a Ormuzd.”⁶⁹

68 (Nota do Organizador) “Ormuzd e Ahriman são os respectivos representantes do bem e do mal, da luz e das trevas, dos elementos espirituais e materiais do homem, e também do universo e de tudo que ele contém”. (Fonte: HP Blavatsky, em <https://www.theosophy-nw.org/theosnw/world/mideast/mi-hpb.htm>)

69 (Nota do Organizador) O Avesta compõe-se de 05 partes, uma das quais o Yasna (ou Jaçna ou Yaçna), livro litúrgico que deve ser recitado nos sacrifícios. Pezzani indica o Hino 30 do Jaçna como referência da citação feita por Dr. Bezerra, mas não conseguimos sua localização exata. Frashokereti é o termo do Masdeísmo para definir a renovação final do universo, quando o mal será destruído, trazendo-nos mais uma manifestação arquetípica da teoria da queda: (1) a criação foi inicialmente perfeitamente boa, mas foi posteriormente corrompida pelo mal; (2) o mundo será finalmente restaurado à perfeição que tinha na época da criação; (3) a salvação para o indivíduo depende da soma dos pensamentos, palavras e ações dele mesmo. Cada ser humano tem a responsabilidade pelo destino de sua própria alma e, simultaneamente, compartilha da responsabilidade pelo destino do mundo. (Fonte: Wikipedia). Sugerimos sempre aos interes-

Permita o leitor que interrompamos aqui o curso de nossas considerações, para chamar-lhe a atenção para uma disposição do Masdeísmo.

O Espiritismo, cuja cosmogonia abrange a evolução dos Espíritos desde sua criação até sua divinização, se assim podemos chamar sua transformação de homem em anjo, o Espiritismo ensina: que demônios são os Espíritos humanos muito atrasados - muito materializados - só respirando o Mal - e que esses, mediante as vidas sucessivas, vão-se purificando - vão-se desmaterializando - vão progredindo, até chegarem ao Bem, fase em que rendem ao Senhor os sacrifícios de seus louvores.

Há, pois, inteira conformidade entre a cosmogonia espírita e a masdeísta; entretanto que a romana, procedendo da mesma origem desta, mantém, em sua pureza brutal, o dogma do demônio penal e do Inferno com penas eternas.

Voltando ao assunto principal, diremos: o Masdeísmo estabelece a luta dos Espíritos, na vida corpórea, entre o Bem e o Mal, tal como o Romanismo e o Judaísmo, prometendo a felicidade ao que vence - e ameaçando com o castigo ao que se deixa vencer.

O “Vendidad Zade” fala assim do que viveu no Bem:

“Ligado desde esta vida com a celeste sociedade dos anjos - obedecendo ao mesmo chefe - animado dos mesmos desejos - esclarecido pela mesma luz - participando dos mesmos trabalhos, o masdeísta, elevando-se, depois da morte, ao mundo superior, não faz senão ajuntar-se àqueles com quem já estava acostumado a viver na Terra.

“Confiança nas promessas de Zoroastro e sabendo que a morte é a porta de seu feliz destino, ele acaba em paz.

“Nada o perturba naquela suprema crise, se sua consciência está tranquila.

“As almas dos justos passarão a ponte “Chinevad” - que tanto pavor inspira, em companhia dos “Izeds” celestes (anjos) - e “Bahman” levantar-se-á de seu trono de ouro - e dir-lhes-á: como vieste ter aqui, onde Mal não há, partindo do mundo, onde reina o Mal? Sede bem-vindas, almas puras, junto de Ormuzd - junto

sados nesse tema as obras “Deus e Universo” e “O Sistema”, de Pietro Ubaldi.

dos Amshaspands (bem-aventurados)- junto do trono de ouro, no Gortman, em cujo seio está Ormuzd e estão os santos.”⁷⁰

Eis a apoteose do vencedor. Agora, a objurgatória ao vencedor, descrito por Jean Reynaud:

“Desgraçado daquele a quem faltou devotamento e coragem - e se rendeu covardemente ao inimigo; desgraçado do que não aproveitou as graças facultadas às preces, aos sacramentos, ao arrependimento para lavagem das máculas e conquista da virtude perdida!

“De criatura de Ormuzd, tornou-se criatura de Ahriman - e cai, pela morte, nas mãos daqueles com quem viveu em sociedade na vida.

“Como elevar-se à habitação da luz quem viveu no Mal?

“Os anjos só o conhecem como antagonista - e os demônios, de quem recebem a lei, o chamam a si - e o conduzem à sua abominável cidade.”⁷¹

Vê-se do que fica exposto, que o Masdeísmo consagra o princípio da imortalidade da alma - e o das penas e recompensas, diferindo-se somente do Cristianismo romano, em não aceitar as penas eternas - e sim a salvação universal.

É como o Espiritismo, que consagra a regeneração dos Espíritos, ao ponto de compreender nela os demônios; mas como se operam essas transformações?

Os livros Zendes não falam positivamente nas reencarnações, porém Laurent⁷², no estudo que faz da cosmogonia de Zoroastro, apresenta-nos o princípio de um movimento serial dos Espíritos, ali consignado, que torna transparente o pensamento de valerem as séries por vidas sucessivas.

70 (Nota do Organizador) Vide Fragard 19, item 5. Só conseguimos acesso a uma versão em inglês, no endereço <http://www.avesta.org/avesta.html>.

71 (Nota do Organizador) As palavras podem variar um pouco, mas as informações sobre o destino dos que caíram no erro é feita também ao final do mesmo Fragard - item 19.

72 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente refere-se a François Laurent (1810 - 1877), historiador e juriconsulto belga, autor da obra “Sur L’Histoire M L’Humanité” (1855-1870), trabalho enciclopédico, de 18 volumes, com substancioso estudo sobre diferentes aspectos do Masdeísmo em seu volume 1, livro II, págs. 203-219 de sua 10ª Edição, Paris/Gand, 1855. (Fonte: Gallica)

Com efeito, o ilustre criador da religião Zende manifesta a convicção de que nesta existência não se pode purificar a alma, ao ponto de galgar a ponte “Chinevad”, donde o tal movimento serial supre a falta do tempo em uma vida única.

Há, pois, no Masdeísmo: imortalidade da alma, salvação universal e pluralidade das existências.

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 16-02-1890:
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/231

Artigo CXXII - O PAIZ, 23.02.1890

Dos hindus e dos persas, de cujas teogonias temos o esclarecimento por nossos passados estudos, passamos aos egípcios, não nos demorando com os chineses e japoneses, porque estes dois povos seguem as ideias religiosas dos indianos e dos persas.

Por Heródoto⁷³, conhecemos as crenças teogônicas dos habitantes das margens do Nilo.

A alma é imortal - e diz o sábio historiador: que foram os egípcios os primeiros que proclamaram aquele princípio.

Acontece, porém, que, deixando o corpo, a alma entra sempre no de algum animal, levando três mil anos a percorrer todas as espécies, terrestres - aquáticas e voláteis⁷⁴.

No fim daquele período e daquela longa excursão pelo reino animal, ela entra de novo em um corpo de natureza humana.

É para notar que, referindo-se a este corpo, dizia-se - corpo nascente - o que afasta, completamente, a ideia de voltar a alma ao corpo primitivo.

Daqui resulta: que o embalsamamento, tão cuidadosamente feito naquele país, não tinha por fim preservar o corpo para servir à nova vida humana da alma, como sustentam grandes vultos da ciência, mas prolongar o tempo da ligação do Espírito que, segundo os padres, só se destaca do corpo, quando este fica completamente destruído.

73 (Nota do Organizador) Geógrafo e historiador grego, nascido no século V a.C. (485 a.C.– 425 a.C.) em Halicarnasso - hoje Bodrum, na Turquia. (Fonte: Wikipedia)

74 (Nota do Organizador) Vide “História”, de Heródoto, Livro II - Euterpe, item CXXIII. (Fonte:<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>)

Esta interpretação é confirmada por Sêrvio⁷⁵ no seguinte trecho:

“Os egípcios, afamados por sua sabedoria, prolongam a duração dos cadáveres, a fim de que a existência da alma, ligada à do corpo, seja conservada, e não passe tão prontamente a outras.⁷⁶”

Sêrvio, pois, confirma a narração feita por Heródoto - e de um e de outro, tanto como dos sábios modernos, que têm feito escavações na terra dos faraós, resulta evidentemente: que aquele povo, além da imortalidade, admitia as múltiplas existências da alma.

Se diverge a cosmogonia egípcia da espírita, que adotamos, nada mais natural - e até racional, uma vez que toda ideia, representativa de uma grande verdade, não surge no seio da humanidade, já lapidada como um brilhante.

Tudo no Universo, quer se encare pela face material, quer pela moral, precisa evoluir, progredir, aperfeiçoar-se, para chegar a seu destino.

E em cada planta o progresso moral e material é dependente do grau de desenvolvimento da perfectibilidade humana.

Entre os hindus encontramos a ideia da pluralidade das existências da alma mais clara e depurada do que entre os persas e os egípcios, porque aquele povo desenvolveu mais do que os persas o engenho ariano, desse grande tronco de que eram galhos - e porque em relação aos egípcios, apesar da fama do saber destes, era superior em progresso, pois que nenhuma raça foi jamais igual à ariana.

E tanto é assim, que os persas, se não apresentam tão positivamente a ideia da pluralidade das existências, como o fazem os egípcios, apresentam-na sob uma forma muito mais pura, muito mais espiritual.

75 (Nota do Organizador) Mário Sêrvio Honorato ou Mauro Sêrvio Honorato, mais conhecido como Sêrvio, em latim Servius - Gramático pagão do final do século IV, com a fama em sua época de ser o homem mais instruído de sua geração na Itália. Foi autor de um livro de comentários sobre Virgílio, “In tria Virgilii Opera Expositio”, primeiro manuscrito impresso em Florença, por Bernardo Cennini, em 1471.

76 (Nota do Organizador) “Comentários sobre a Eneida” [de Virgílio], Livro III, item 68. (Fonte: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3A-text%3A1999.02.0053%3Abook%3D3%3Acard%3D49>)

Em todo o caso, todas aquelas três cosmogonias, não deram à ideia o brilho que hoje a reveste - e torna-a aceitável ao sábio e ao ignorante, por suas manifestações científicas e por inúmeros fatos palpáveis, que a põem ao alcance do simples bom senso.

Fez a sua evolução - progrediu - foi-se lapidando pela sucessão dos séculos - e hoje aquela ideia é uma verdade resplandecente que ilumina e cega.

Compreendem-me.

Ilumina aos que já têm desenvolvido sua perfectibilidade até o grau de poderem suportar-lhe a luz.

Cega aqueles que, pobres atrasados, intelectual ou moralmente, não podem suportá-la.

Jesus referiu-se, certamente, a esta, quando disse: “que muitas verdades não podia ensinar, porque a humanidade de seu tempo não podia suportá-las.”⁷⁷

Demos-lhe graças, por ter sua sublime Doutrina impulsionado a espécie humana ao ponto de já poder receber esta e outras, que lhe foram prometidas por Ele.

O Espiritismo, que é a revelação dessas verdades prometidas, não só vem demonstrar o progresso humano, como o dessas ideias, que eram nebulosas, se nos permitem a expressão.

Os egípcios envolviam em grosseiras fórmulas a da pluralidade das existências, que é a pedra angular da Nova Revelação; mas davam-na como causa incontestável.

Embora passasse pelo corpo de animais de toda espécie, no fim de 3.000 anos a alma reencarnava - volvia à vida terrestre, corpórea, humana.

Havia um período metempsicórico entre uma e outra encarnação; contudo, mas as múltiplas encarnações se davam.

O Egito, pois, cultivava o Espiritismo, como o selvagem catequizado cultiva o Cristianismo - dando às puras ideias símbolos grosseiros - a metempsicose alternando-se com a pluralidade das existências corpóreas.

É daí que Pitágoras tirou o seu famoso sistema - e que Plátão firmou com todo o peso de seu imenso saber a decretal filosófica - de que os períodos metempsicóricos, intermediários às reencarnações, são de mil anos ...

Os padres do Egito não são, por certo, os padres da Igreja romana, que repelem o Espiritismo.

77 (Nota do Organizador) Jo. 16:12-15.

Se alguns daqueles sábios, de assombrosa ciência, que viveram na crença da transmigração e da reencarnação, viesse por esta a ser um padre católico - ou a revestir a pele de alguns dos nossos sábios, nem a meia fé da Igreja, nem a meia ciência desta Terra, falo-ia repelir a grande verdade, que tem vingado em todos os tempos e entre todos os povos.

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 23-02-1890:
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/261

Artigo CXXIII - O PAIZ, 03.03.1890

Embora não estejam os sábios de acordo com a origem da civilização grega, que muitos referem ao Egito - e outros diretamente à Índia, nós, que pertencemos à ordem dos sábios de meia-tigela do Brasil, julgamos mais racional aceitar a opinião dos primeiros.

Da grande trindade antiga: Manés⁷⁸ - Manu⁷⁹ e Moisés, que muitos pensam terem bebido na mesma fonte, tendo Manés sido instruído por Manu - e Moisés por Manés, é este sem dúvida o que primeiro transmitiu à Grécia, por meio de suas colônias, a vasta sabedoria de que foi símbolo.

78 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente refere-se aqui a Menés (transliteração atual), ou Narmer, apontado como o primeiro faraó egípcio e fundador da primeira dinastia, bem como unificador do Alto e Baixo Egito, que teria vivido no século XXIV a.C. Conta a tradição que Menés teria recebido o poder diretamente do Rei Hórus, e segundo Diodoro Sículo, historiador grego, teria também introduzido na cultura egípcia a adoração dos deuses. É nesse último sentido - cultural - que seria a sua influência sobre Moisés, cuja encarnação é historicamente situada entre os séculos XV/XIV a.C, portanto mil anos depois. (Fonte: Wikipedia)

79 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra traz aqui o termo “Manau”, mas entendemos que há aqui uma variação de transliteração e que a menção é mesmo a Manu, na sua forma corrente em português, nos dias de hoje. O Código de Manu é parte de uma coleção de livros bramânicos, enfeixados em quatro compêndios: o Mahabharata, o Ramayana, os Puranas e as Leis Escritas de Manu. Escrito em sânscrito, constitui-se na legislação do mundo indiano e estabelece o sistema de castas na sociedade Hindu. Na mitologia da Índia é apontado como o primeiro homem. É conhecido também como o primeiro rei; a maioria dos governantes da Índia medieval traçou sua genealogia a partir de sua referência. (Fonte: Enciclopedia Britânica Online - <https://www.britannica.com/topic/Manu>) e Wikipedia)

Só muitos séculos depois é que o mundo ocidental se pôs, por meio da guerra, em relações com os judeus e com os hindus.

Assim, pois, a cosmogonia grega deve participar do caráter da cosmogonia egípcia, se é, como pensamos, que do Egito decorreu a filosofia - até os dogmas religiosos da Grécia.

Efetivamente, no fundo do politeísmo helênico encontra-se, como no Egito, a transmigração e reencarnação das almas.

Já dissemos que essa era a doutrina ensinada por Pitágoras e por Platão; agora apreciaremos mais detidamente esta doutrina, com a qual há sábios (dos nossos) que pretendem confundir o Espiritismo.

Luís Menard⁸⁰ fala assim sobre a metempsicose:

“Os mortos podem procurar novos destinos - voltar, pelo Lete⁸¹, ao turbilhão da vida universal.

“Eles podem voltar à Terra, uns para repararem faltas de uma vida anterior e purificarem-se com novas lutas - outros, os redentores mortais, para encaminharem, pelo exemplo das virtudes antigas, os povos que se perdem - e se lavarem novamente nas fontes da apoteose.

“Quando os que os choram, forem ter com eles, partirão juntos para as esferas superiores e desconhecidas, os mais fortes carregando os mais fracos, tal qual como na Terra - e levando-os sobre suas asas, através da Via Láctea, que é o caminho das almas.

“A metempsicose não é inconciliável, portanto, com a noção homérica da imortalidade; mas limita a permanência da memória, ou lembrança, ao intervalo que separa dois períodos de vida ativa.”

Luís Menard, o douto helenista, explica, pois, bem claramente o que é essa metempsicose, que os ignorantes esconjuram, de longe - e só pelo nome.

A metempsicose não exclui a imortalidade da alma - e vai mais longe, respeita a imortalidade da pessoa, de que Homero foi o mais extremo defensor; isto é, respeita o dogma da imortalidade

80 (Nota do Organizador) Louis-Nicolas Ménard, (1822 - 1901) - Escritor, historiador e intelectual francês. Localizamos a citação na obra “Du Pollythéisme Hellénique”, Paris, 1865), pág. 390. (Fonte: Wikipedia)

81 (Nota do Organizador) Na mitologia grega, Lete ou Léthê é um dos rios do Hades - mundo dos mortos. Aqueles que bebem de sua água ou, até mesmo, tocassem nela, experimentariam o completo esquecimento. (Fonte: Wikipedia)

no ser, com a consciência e a memória do que foi e do que fez na vida corporea.

Admitindo a transmigração, é óbvio que durante esse período a alma fica privada daquelas faculdades, que readquire tão depressa quando deixa o ciclo de vidas animais - e entra em um corpo humano.

Vindo a este, foi dito positivamente, tem por fim lavar-se das faltas de uma vida anterior e fazer muitas⁸², ou purificar-se por novas lutas.

Haverá coisa mais conforme com o Espiritismo?

Tirem desta Doutrina a transmigração - e aí ficarão somente os princípios básicos da Nova Revelação.

E, pois, Luís Menard nos dá conhecimentos de que a cosmogonia grega admite a imortalidade da alma, com permanência de sua personalidade - admite as reencarnações, com intervalos de transmigrações - que, finalmente, o fim das reencarnações é expiar faltas de passadas existências, quando não se é redentor mortal, e fazer provas de merecimento, pela purificação.

A cosmogonia grega, pois, afirma os princípios básicos do Espiritismo, tão bem como os dos povos, que temos passado em revista.

Virgílio⁸³, depois de ter descrito as recompensas e as penas das almas no Elíseo⁸⁴ e no Tártaro, acrescenta:

“Todas essas almas, depois de terem passado ali (Eliseo e Tártaro) mil anos, são chamadas por Deus, em numerosos exames, para o rio Lete, a fim de que privadas da memória, voltem aos lugares superiores e convexos, - e aí tenham desejos de voltar à vida corpórea.⁸⁵”

Eis aí uma depuração da ideia primitiva - e uma perfeita conformidade com a Doutrina Espírita.

82 (Nota do Organizador) Esse trecho parece ter ficado truncado. Entedemos no sentido de “lavar-se de uma vida anterior sem fazer muitas faltas novas”.

83 (Nota do Organizador) Publius Virgilius Maro, conhecido como Virgílio ou Vergílio (70 - 19 a.C) - grande poeta romano, nascido em Andes, perto de Mântua, Itália. (Fonte: Wikipedia)

84 (Nota do Organizador) Os Campos Elísios são o paraíso na mitologia grega, um lugar do mundo dos mortos governado por Hades, oposto ao Tártaro (lugar de eterno tormento e sofrimento). (Fonte: Wikipedia)

85 (Nota do Organizador) Virgílio, “Eneida”, Canto VI.

Os egípcios davam 3.000 anos de interstício - os gregos, e à frente deles Platão, davam já 1.000 anos, e os romanos, cuja filosofia e cosmogonia são oriundas da Grécia, confirmam.

A conformidade consiste em passarem as almas pelo Lete, quando é dogma espírita: que as almas reencarnando perdem a memória do que foram, para fazerem livremente suas provas na nova existência.

Por fim, o poeta de Mântua assina ao homem, como último termo de seu destino, mediante as suas vidas múltiplas, a habitação nos astros, na parte a mais elevada do Céu:

“Omnia nec morti esse locum, sed viva volare sideris in numerum atque allo-succedere caelo”⁸⁶.

“Nada morre. Tudo voa, vivo, ao número dos astros - e se recolhe ao alto céu”.

Este é também o pensamento de Ovídio⁸⁷:

“Venha, quando quiser esse dia, que não tem direito senão sobre meu corpo - que termine para mim o espaço de uma vida incerta. Na melhor parte de meu ser, eu serei transportado, imortal, acima dos altos astros - e meu nome será indelével.”⁸⁸

A Grécia e Roma ensinaram, pois, não só a imortalidade da alma, com a consciência de sua personalidade e a lembrança de seu passado, como ainda a reencarnação - e o alto destino humano na eternidade do tempo.

O Espiritismo recebe dali com que compensar os apodos dos nossos *sábios*.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 03-03-1890: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/297

86 (Nota do Organizador) Virgílio, “Geórgicas”, Livro IV, verso 225.

87 (Nota do Organizador) Públio Ovídio Naso (43 a.C. - 18 d.C.) - outro grande poeta clássico romano. (Fonte: Wikipedia)

88 (Nota do Organizador) Ovídio, “Metamorfoses”. XV, 871-879.

Artigo CXXIV - O PAIZ, 09.03.1890

Na Antiguidade profana, estudamos a teologia pagã - e recolhemos dela os mais preciosos dados, como provas de que o Espiritismo vem da origem dos tempos - e tem suas raízes na crença religiosa de todos os povos, que foram respeitados por seu saber.

Desde os hindus, cuja crença domina, também, a China e o Japão - desde os persas, um dos ramos da ilustre família ariana - desde os egípcios, que se supuseram autóctones em sua ciência, desde Manu - por Zoroastro - por Bandah⁸⁹ - e por Manés, os grandes vultos orientais em matéria teológica, até a Grécia e Roma, por seus mais notáveis historiadores, - filósofos - e poetas, Heródoto, - Homero, - Platão, - Sérvio, - Virgílio e Ovídio, temos testemunhos dos dogmas espíritas.

Podemos, pois, dizer: que a teologia pagã na Antiguidade profana abraçou unanimemente o dogma da pluralidade de existências da alma, que é a pedra angular do Espiritismo.

O que mais pode valer: essa crença universal dos povos idos, ensinada pelos maiores vultos do mundo antigo, que o mundo moderno ainda hoje acata, ou a crença de alguns sábios modernos (verdadeiros sábios, porém, desvairados pelo espírito de sistema) e pela claqué de *sábios*, que nem conhecem o que afirmam, nem conhecem o que negam, senão *per suma capita*⁹⁰?

89 (Nota do Organizador) Vide nota 64, à página 56 desta edição. Há uma pequena diferença de grafia, de um artigo para o outro - Bhandah e Bandah - mas deve ser mera variação tipográfica. O importante a saber, no caso, é que o termo refere-se à figura de Buda.

90 (Nota do Organizador) Pelos pontos capitais; por alto; sem entrar em pormenores; sucintamente, sumariamente. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

A autoridade está com aqueles - e os fatos que estes recusam sem o conveniente estudo, confirmam aquela autoridade, como teremos de demonstrar.

Sigamos, porém, o nosso programa - e entremos no estudo da Antiguidade profana, sob sua segunda face: a filosofia pagã.

Faremos representar esta importante seção pelos grandes filósofos, que a humanidade acata sob os nomes de Platão - de Plotino - de Porfírio - e de Jâmblico.

No seu imortal “Fédon”, Platão que ainda hoje é conhecido por - divino - diz: “A natureza é governada pela lei dos contrários - e, pois que vemos, em seu seio, a morte suceder à vida, somos obrigados a crer que à vida sucederá à morte.⁹¹”

Parecerá que isto tem aplicação à Doutrina da Igreja, que consigna a vida da alma, depois da morte do corpo; mas o filósofo desfaz esta dúvida, acrescentando:

“Nada podendo nascer do nada, se os seres que vemos morrer não devessem voltar à vida, tudo acabaria por se absorver na morte - e a natureza tornar-se-ia, um dia, semelhante a Endimião.⁹²”

É claro, por este trecho, que Platão tinha como coisa certa a volta dos que morrem à nova existência corporal, isto é, que todos reencarnarão.

E mais acentua esta sua crença, com relação à alma humana, quando diz: que *aprender é recordar*⁹³.

A alma, pois, já viveu antes da vida presente, tanto que se lembra de alguma coisa, que aprendeu na passada ou passadas existências.

E se é certo que a alma já teve uma vida antes desta, o que poderá opor-se à crença: de ter tido mais de uma - e de ainda vir a ter uma e mais?

Tendo múltiplas existências, onde para a alma, durante o tempo do interstício?

A Platão não escapou esta questão - e foi por ela que chegou à convicção de um outro mundo, que se chama - Inferno -, onde se vive em Espírito - e, se for filósofo, viverá em sociedade com

91 (Nota do Organizador) Platão, “Fédon”, Item XVI.

92 (Nota do Organizador) Idem, item XVII.

93 (Nota do Organizador) Ibidem, item XX.

Deus, participando de sua pureza - de sua felicidade - e de sua sabedoria.

“Se a alma, diz ele, sai, do corpo pura, sem mácula da matéria, não tendo tido voluntariamente com ela comércio algum, e pelo contrário, tendo sempre evitado qualquer, recolhida em si mesma e meditando sempre, isto é, filosofando em verdade e aprendendo efetivamente a morrer (porque a filosofia não será uma preparação para a morte?);

“Se a alma deixa o corpo, digo, naquele estado, ela vai a um ser semelhante a si - a um ser divino, imortal e cheio de sabedoria, com o qual goza de uma maravilhosa felicidade, desembaraçada de seus erros - de sua ignorância - de seus temores - de seus amores, que a tiranizavam - e de todos os outros males ligados à natureza humana; e, como se diz dos que são iniciados nos santos mistérios, ela passa verdadeiramente com os deuses toda a Eternidade.⁹⁴”

Por este sublime trecho pode-se compor a cosmogonia do sábio precursor.

Os Espíritos vão-se aperfeiçoando nas suas vidas sucessivas até chegarem ao grau de não mais precisarem sofrer a alternativa da vida e da morte - até chegarem ao grau de perfeição de poderem conviver, eternamente, com os deuses.

Digam: não é esta a pura Doutrina Espírita, no que tem ela de essencial?

Os Espíritos são criados em inocência e ignorância - têm por missão transformar aquelas sementes do bem e do saber em suma virtude e em suma sabedoria - para isso Deus lhes dá a liberdade e o tempo que quiserem, dispondo de maior ou menor número de existências corporais, conforme fizerem mau ou bom uso daquela liberdade - nas vidas sucessivas eles progridem, lavando-se numas das faltas de outras, e sempre avolumando a massa de seus conhecimentos - desde, pois, que por seu progresso, eles se libertam da lei da morte, não voltam mais à Terra, ou a qualquer outro mundo de expiação e vão gozar a bem-aventurança.

94 (Nota do Organizador) Platão, “Fédon”, Item XXIX.

A identidade é perfeita, havendo apenas um ponto em que o Espiritismo vai além de Platão: o que se refere ao destino humano.

O filósofo define-o terminantemente uma vez livre o Espírito da lei das reencarnações - ao passo que o Espiritismo ensina: que a perfectibilidade é infinita - e, portanto, que o Espírito tem sempre de progredir, fazendo-o, depois de purificado, em meio de gozos, ao passo que antes fazia-o em meio de sofrimentos.

Platão, pois, atesta a verdade do Espiritismo.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 09-03-1890:
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/327

Artigo CXXV - O PAIZ, 17.03.1890

Ninguém se despede, sem constrangimento, da convivência com um espírito superior.

Em nosso artigo passado, levamos todo o tempo a conversar com o divino Platão, para provarmos aos que nos ouviram: a maior cabeça do Ocidente sagrou os dogmas capitais do Espiritismo.

O que valerá, porém, para os *sábios* de nossa terra, a autoridade de Platão, velho demente, que aos 90 anos ainda foi aprender a dançar?

William Crookes, o maior sábio do nosso tempo, passou a ser acusado de demência, desde que, positivista, chegou pelos processos de sua escola ao reconhecimento da verdade dos fenômenos espíritas!

Zöllner⁹⁵, o velho sábio alemão, também não é, pela mesma causa, atirado à geena dos imbecis?

Que muito é, pois, que Platão, nome que já se perde nas brumas dos séculos - criatura que nenhum dos nossos sábios viu mais gorda, seja motivo de um riso de mofa ou de piedade?

Nós, porém, sem dúvida por não sofrermos de sabedoria, prezamos mais uma palavra do discípulo de Sócrates, do que uma dissertação dos *sábios* de filigranas literárias e científicas.

E é por isso - e porque temos, por certo: que, entre nossos leitores, há muitos que sabem discernir, que não nos podemos desprender do sublime autor de "Fédon", sem lhe pedir mais luz e sãs provisões, para a viagem.

95 (Nota do Organizador) Johann Karl Friedrich Zöllner, já citado no 1º volume desta coleção, vide nota 57, à página 191.

A seguinte passagem do seu livro das “Leis”⁹⁶ dará uma amostra da superioridade inimitável daquela inteligência, que não pesa no conceito de tantos e quantos Platões modernos.

“Todo o ser inteligente é sujeito a mudanças, cujo princípio tem-no em si. Aquele cujos costumes apenas ligeiramente se alteram, não passa senão por ligeiras mudanças - e está sempre em um plano quase de nível. Aquele cujo caráter se altera mais e torna-se mau, é precipitado nessas habitações subterrâneas, designadas pelo nome de “Inferno” ou por outros semelhantes.

“Esses são, incessantemente, perseguidos por terrores e sonhos agoureiros, durante a vida - e ainda depois de separados de seus corpos.

“Quando, porém, uma alma tem feito notáveis progressos no mal ou no bem, voluntária e resolutamente; se é no bem - e se prendeu-se à divina virtude, até fazer-se divina como ela, recebe, em tal caso, grandes distinções - e do lugar que ocupava, passa a outro lugar santo e mais feliz; se, porém, viveu no vício, vai habitar um lugar conforme seu estado.

“Tal é, meu filho, que te julgas desprezado dos deuses, a justiça dos habitantes do Olimpo. Se se perverte, vai-se a habitação das almas criminosas - se se muda de bom para melhor, vai-se viver com as almas santas. Em uma palavra: na vida e em todas as mortes que sucessivamente sofremos, fazemos a nossos semelhantes e deles recebemos o que está em nossa natureza.

“Nem tu, nem alguém, qualquer que seja sua situação, podereis jamais pretender subtrair-vos a esta ordem estabelecida pelos deuses, para ser observada mais inviolavelmente que nenhuma outra - e que deve ser infinitamente respeitada.

“Tu não lhe escaparás, ainda que te fizesses pequeno, de penetrar nas profundas entranhas da Terra, ou grande de te elevares até ao Céu. Contigo estará a pena que te decretarem, estas na Terra - no Inferno - ou em qualquer outra habitação mais terrível.

“O mesmo dar-se-á com os que, por impiedades ou crimes de outro gênero, fizeram-se grandes, de pequenos que eram - e que tu julgas terem passado da infâmia à felicidade: pelo que acreditaste que os deuses não se envolvem nas coisas cá de baixo.

“Mal sabes o tributo que esses tais, tão felizes como os julgas e eles se julgam, devem um dia pagar à ordem geral!

96 (Nota do Organizador) Platão, “As Leis”, Livro X.

“Como, então, jovem presunçoso, pudeste persuadir de que não é necessário o conhecimento destas coisas, com o qual jamais se poderá fazer um plano de vida - ou conceber uma ideia justa do que constituem a felicidade e a desgraça?”

Aprendam, nesta lição, os que têm olhos de ver - e coração de sentir a verdade.

Aprendam principalmente os que julgam da felicidade e da desgraça pelo que gozam ou sofrem nesta vida.

Aprendam, finalmente, os que nunca tiveram ocasião de avaliar as forças da sublime razão do maior vulto dos tempos antigos, e que só o Cristo excedeu na Terra.

Ainda nesta passagem Platão afirma a pluralidade das existências da alma ou das vidas sucessivas.

Seu método, bem como o de Sócrates, seu mestre, é fundado sobre a preexistência.

Sócrates, todos o sabem, ensinou a excelência da alma, chamada à compreensão da ciência universal - e Platão, procurando a razão científica dessa excelência, só encontrou, para explicá-la, a hipótese da reminiscência e da preexistência.

Que bons tempos aqueles, em que um homem da estatura de Platão suava por descobrir a razão de um grande princípio!

Se o venerando filósofo voltasse hoje à vida terrena, ficaria pasmo de ver como é simples e fácil o que lhe pareceu complicadíssimo e quase impenetrável.

Veria uns tantos, com a facilidade com que se prepara a massa de pão, tomarem a matéria - ajuntarem-lhe a força - e exclamarem: ecce Deus⁹⁷!

Veria outros, ansiosos de ligarem seus nomes a qualquer coisa, que se destaque da ordem conhecida e reconhecida, tomarem a mulher - tomarem o proletário - tomarem a humanidade, e exclamarem: eis os dogmas essenciais de uma religião - da verdadeira religião!

Veria tanto aqueles como estes, lógicos consigo mesmos, reduzirem a sublime ordem - e a excelência da alma humana a ... puro nada!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 17-03-1890: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/367

97 (Nota do Organizador) “Eis Deus”. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Artigo CXXVI - O PAIZ, 23.03.1890

Depois de termos ouvido a voz mais autorizada da humanidade, depois do Cristo, deveríamos dar por julgada a nossa tese - e depor a pena.

Demos, porém, a palavra de provar aos *sábios* cá da terra, que, rindo-se dos espíritas, riem dos maiores vultos de todos os tempos - e, por mais difícil que seja a tarefa, cumprimos o que prometemos.

Como era natural, os filósofos da escola neoplatônica de Alexandria sustentaram as ideias do excelso Mestre, não fazendo como os discípulos do Hobbes⁹⁸ e de Condillac⁹⁹, que se dispersaram e adotaram diversas línguas, como os ousados construtores da torre da confusão¹⁰⁰.

Plotino¹⁰¹, o primeiro dos neoplatônicos, diz em suas “Enéadas”¹⁰²:

98 (Nota do Organizador) Thomas Hobbes (1588 - 1679) - matemático, teórico político e filósofo inglês, autor do clássico “Leviatã” (1651) e “Do cidadão” (1651), entre outras. É de sua autoria a famosa sentença: “o homem é o lobo do homem”. Suas obras geraram muita controvérsia. (Fonte: Wikipedia)

99 (Nota do Organizador) Étienne Bonnot, abade de Condillac (1714 - 1780) - filósofo francês, e o maior expoente de uma teoria radicalmente empirista do funcionamento da mente, definida como sensualismo, igualmente controversa. (Fonte: Wikipedia)

100 (Nota do Organizador) Referência ao episódio bíblico da Torre de Babel - vide Gên. 11: 1 a 9.

101 (Nota do Organizador) Plotino (205 - 270 d.C.) - um dos principais filósofos de língua grega do mundo antigo. O termo neoplatonismo foi aplicado a ele e à sua filosofia, muito influente durante toda a antiguidade tardia.

102 (Nota do Organizador) Coleção de escritos de Plotino, editada e compilada

“É um dogma reconhecido de toda a Antiguidade e universalmente, que, se a alma comete faltas, é condenada a expiá-las, sofrendo castigos nos Infernos tenebrosos - e que depois é admitida a revestir-se de novos corpos, para recomeçar suas provas”.¹⁰³

Vê-se, por este notável filósofo: que a Antiguidade reconhecia universalmente o dogma da imortalidade e da responsabilidade da alma - e das penas depois de sua separação do corpo; mas provas de caráter transitório, verdadeiramente corretivas - e a das reencarnações.

Não são estes mesmos os princípios cardeais do Espiritismo?

O Espiritismo, pois, está, também, com Plotino.

Este filósofo não se limitou a consignar a crença universal da Antiguidade no dogma das reencarnações - determinou até as condições em que elas se fazem, como se vê nesta passagem:

“Quando nos perdemos na multiplicidade (na linguagem do filósofo o mesmo modo que: quando nos prendemos à matéria e às paixões corporais), somos punidos, primeiramente, por nosso próprio desvairamento (espécie de erraticidade) e depois, quando retomamos um corpo, fazemo-lo em condições menos felizes”.¹⁰⁴

O Espiritismo consagra exatamente esta Doutrina, isto é, ensina: que os Espíritos entram na nova existencia corpórea, nas condições intelectuais e morais em que terminaram a passada.

Pelo que todo aquele que *se perdeu na multiplicidade*, voltando à nova vida, não pode vir senão em condições *menos felizes*.

Ainda se encontra naquele excelente livro um trecho, que não podemos esquecer. Ei-lo:

“Há, aqui, no mundo, não somente as estátuas dos deuses, mas também a presença dos próprios deuses, que nos têm sempre sob suas vistas. Não há contra eles censura fundada, porque sua providência é incessante: eles garantem e cada um a sorte que merece - que é harmônica com seus antecedentes, *segundo suas existências sucessivas*.”¹⁰⁵

por seu discípulo Porfírio por volta de 270d.C.. A obra é formada por 54 tratados divididos em seis volumes, compostos de nove partes cada um e, por isso, chamados 'Enéadas', pois nove, em grego, é ennéa. (Fonte: Wikipedia).

103 (Nota do Organizador) “Eneida I”, Livro 1, Item 12.

104 (Nota do Organizador) “Eneida II”, Livro III, Item 8.

105 (Nota do Organizador) “Eneida II”, Livro IX, item IX.

Recomendamos aos doutos a tradução das “Enéadas”, de Bouillet¹⁰⁶, porque há neste livro belezas e rasgos, que arrebatam a alma.

Porfírio¹⁰⁷, o discípulo de Platão, como Plotino, cujas opiniões prometemos estudar à vista do leitor, admitindo como fato inconcusso a reminiscência, ensina: que já existimos em vida anterior - que nela cometemos faltas - e é para expiá-las, que voltamos a um corpo.

Efetivamente, o Espiritismo ensina: que, se a alma não cometeu faltas, na vida, o que quer dizer: se purificou-se de todas, não voltará mais a outro corpo.

A novo corpo só volta a alma que na vida não cumpriu sua missão de provas e reparações.

Eis aí, pois, mais um filósofo antigo e bem conhecido por seu alto saber, como um dos grandes luminares da escola de Alexandria, que conspira com os espíritas, por sua uniformidade de crenças, para provocarem as gargalhadas dos sábios de bulas falsas.

Porfírio ainda vai mais longe, na identificação de suas ideias com as do Espiritismo.

Ele diz: tal foi a nossa vida passada, tal será o corpo que revestirá nossa alma na vida futura.

Aqueles que mais delinquiram, terão um corpo mais material.

Se, porém, suportarem essa prova com resignação, preenchendo, exatamente, os deveres que lhes ela impõe, remontarão

106 (Nota do Organizador) Bouillet, Marie Nicolas. “Les Ennéades”. Ed. L. Hachete, Paris, 1857. Marie-Nicolas Bouillet (1798 - 1864) - professor, tradutor e lexicógrafo francês, tendo o seu nome principalmente associado ao “Dicionário Universal de História e Geografia” (1842). Este livro gozou de imensa popularidade, ao ponto de a partir de então ter seu nome associado a qualquer dicionário de História e Geografia, semelhantemente ao que tivemos aqui no Brasil, durante certo tempo, em relação ao Dicionário do “Aurélio”. (Fonte: Google Books e Wikipedia)

107 (Nota do Organizador) Porfírio de Tiro (234 - 304 ou 309 d.C.) - filósofo neoplatônico conhecido por sua biografia de Plotino e pelo seu papel na edição da obra “Eneadas”. Porfírio ajudou a popularizar e difundir o neoplatonismo em todo o Império Romano. Infelizmente de sua obra restaram apenas fragmentos, ou citações de terceiros - poucos em português - de forma que infelizmente não conseguimos localizar com exatidão as referências desse autor feitas por Dr. Bezerra.

gradualmente ao Deus Supremo, passando, pelas condições: de heróis - de deus intermediário - de anjo - de arcanjo etc.

É a ascensão da alma, mediante as vidas sucessivas - e na medida de sua purificação.

O filósofo, assim como estabelece uma escala, que vai do homem a Deus, mostra-nos uma outra, que desce do mesmo homem ao demônio.

O que entenderia ele, entretanto, por demônio? Julgaria, como a Igreja, que há um ser especial, cuja única missão é fazer o Mal, em luta eterna com o Criador, que é a fonte do Bem?

Ou acreditaria com o Espiritismo que o demônio é o próprio espírito humano, ainda materializado - atrasado - e, portanto aferrado a todas as paixões carnis, mas que, pelo volver dos tempos, se reabilitará, progredindo - procurando a luz - e entrando no caminho do Bem?

Porfírio nada diz que nos possa orientar nesta questão; mas diz, clara e positivamente: que não crê na eternidade do mal; logo o seu demônio não pode ser o da Igreja - e, por lógica dedução não pode ser senão o que figura na cosmogonia espírita: demônio que um dia será anjo!

Falta-nos somente falar de Jâmblico, para esgotarmos a lista dos filósofos que escolhemos como símbolos da filosofia pagã, segunda parte da Antiguidade profana. Deixamo-lo para outro artigo.

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 23-03-1890: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/397

Artigo CXXVII - O PAIZ, 30.03.1890

Platão - Plotino - Porfírio - e Jâmblico¹⁰⁸, quatro grandes vultos, dos quais o primeiro faz a luz, e os três seguem o rastro brilhante, comungaram nos mesmos princípios sobre a imortalidade da alma - sua responsabilidade - suas penas transitórias e corretivas - e suas reencarnações.

É bem de ver: que, embora acordes sobre estes pontos capitais, de que lhes dera a nota essencial o imortal Sócrates, houve entre eles divergências quanto a detalhes, porque, se não há, no Universo, duas coisas idênticas, menos poderá haver dois homens que pensem identicamente.

Os quatro notáveis pensadores mais uniformizados seriam, quanto à Doutrina que sustentaram - e que já mostramos, em relação aos três primeiros, com a pura Doutrina Espírita, se não fora a concepção egípcia, transportada para a Grécia, da metempsicose animal.

Esta ideia, verdadeiro joio lançado à terra em meio ao trigo das concepções socráticas, determinou divergências, que entretanto, e felizmente, não alteram a verdade essencial.

A filosofia inspirou-se nas ideias de Sócrates e nas de Pitágoras, porém, coisa notável! estas últimas foram por si mesmas

108 (Nota do Organizador) Jâmblico (245 - 325 d.C.) - teólogo e filósofo Helenista nascido em Cálcis, Celessíria, considerado o fundador da chamada escola neoplatônica síria. Estudou a magia dos caldeus e a filosofia de Pitágoras, Platão, Aristóteles e Plotino. Ao tomar contato com o neoplatonismo, foi para Roma a fim de estudar com Porfírio. Escreveu "Sobre os Mistérios do Egito" e "Vida de Pitágoras", entre outras obras. (Fonte: Wikipedia)

empalidecendo; entretanto, as primeiras foram dominando todo o campo da cosmogonia greco-romana.

Jâmblico já combate Platão nesse terreno.

É assim que, examinando o modo como se completam os três atos: - o juízo, o castigo - e a purificação das almas, ele combate as ideias dos pitagóricos e dos platônicos, que sustentam não serem as almas particulares, que executam aqueles atos, mas, sim, as almas universais e perfeitas, pela Alma Universal, que preside à ordem do Universo, sustentando que são as próprias almas que sofrem o juízo, enquanto estão no círculo da geração; isto é: enquanto têm faltas para se depurarem.

Entretanto, Jâmblico parece dar a mão aos pitagóricos, quando diz na - “Exortação à Filosofia” - que, “libertado da natureza irracional e mantendo-se na inteligência, o homem torna-se semelhante a Deus.¹⁰⁹”

Acredita, pois, o sábio filósofo na passagem da alma pela natureza irracional.

Dar-se-á o fato por transmigração, como pensam os pitagóricos; isto é, depois de humanizada, a alma vai percorrer corpos animais - ou será como pensam muitos notáveis espíritas: que a alma passa pelos três reinos da natureza, antes de chegar ao reino hominal, onde somente é que consegue a consciência de si?

Esta hipótese, que não é, por ora, senão hipótese, embora seduza grande número de pensadores, não passou ainda pelo cadinho espírita da prova experimental, como têm passado todos os dogmas aceitos da nova Doutrina.

Jâmblico não dá elementos para se julgar a respeito daquele trecho de sua obra; mas, bem examinado, parece-nos fora de dúvida que seu pensamento é: vir a alma, em sua natural evolução, da natureza irracional para a racional, em vez de descer desta para aquela.

Há, pois, flagrante oposição, neste ponto, entre Jâmblico e Pitágoras, como há a mais perfeita conformidade entre ele e a hipótese espírita, que bem pode vir a ser, em pouco tempo, um

109 (Nota do Organizador) “Exaltação à filosofia”, ou “Protréptico a la Filosofia”, em espanhol, Editorial Gredos, Madrid, 2003, item 24. Protréptico é o nome de uma obra perdida de Aristóteles, no qual ele faz uma apologia à Filosofia, mas também o de “um gênero literário que tem por objeto a consolação na dor ou a exortação à virtude”. (Fonte: Infopedia)

postulado, como já é o progresso do Espírito, dentro do círculo hominal.

Seja, porém, como for, isto não nos privará da satisfação de citar o notável filósofo neoplatônico como um dos tantos que proclamam a verdade da - pluralidade das existências da alma humana, como o meio providencial de desenvolvermos a nossa perfectibilidade, para chegarem todos, todos, ao destino posto à humanidade, que é a salvação universal pela perfeição.

E em seu “Tratado dos mistérios egípcios” ele escreveu:

“Antes de ser desterrada para um corpo, a alma tinha ouvido as harmonias do céu - se acentos análogos àqueles divinos concertos, de que guarda a lembrança, vem ferir-lhe os ouvidos; ela exalta-se e chega ao maior transporte”.¹¹⁰

É conforme o ensino espírita.

A alma separada do corpo, pela morte deste, vai viver no espaço, onde ouve as superiores harmonias; se, depois de voltar a novo corpo, ela, por seus desprendimentos, volta ao espaço por momentos, sente aqueles transportes, à vista dos quadros arrebatadores da felicidade dos justos.

Está, pois, encoberta naquele trecho a ideia da pluralidade das existências, porque a alma não poderia conhecer as harmonias do céu, se fosse criada para o corpo, como pensam os monovitalistas.

E se alguma dúvida ainda restar a tal respeito, que a dissipe a seguinte e notável passagem daquele sábio filósofo:

“A justiça de Deus não é a justiça dos homens.

“O homem define a justiça pelas relações de sua vida atual - de seu estado presente.

“Deus define-a pelas *nossas existências sucessivas - e pela universalidade de nossas vidas.*

“Assim, as penas que nos afligem são, muitas vezes, o castigo de um pecado, de que a alma fez-se culpada em uma existência anterior.

“Algumas vezes, nos oculta a razão daquele fato; mas nem por isso devemos deixar de atribuí-lo à sua justiça.”¹¹¹

110 (Nota do Organizador) Jámblico. “Sobre Los Misterios Egipcios”, Editorial Gredos, Madrid, 1997, Livro III, Item 9.

111 (Nota do Organizador) Idem, Livro IV, Itens 5 e 6.

O que pretender mais de um filósofo, cujas obras encerram tão poucos trechos sobre esta matéria?

Agora, pois, podemos dizer:

A filosofia pagã, como a teologia pagã, atesta a universalidade da crença nas vidas sucessivas em toda a Antiguidade profana.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 30-03-1890: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/433

Artigo CXXVIII - O PAIZ, 06.04.1890

Diremos hoje dos Mistérios, instituição em que se concentravam, na Antiguidade, os mais elevados conceitos da humanidade.

Chamavam-se Mistérios, porque as ideias e doutrinas, neles ensinadas, eram veladas pelo mais inviolável segredo, não sendo reveladas senão aos que as professavam - e não podendo professar senão os que se saíam bem de longas e duras provas.

Sobre cosmogonia, como sobre as demais ciências então conhecidas, havia, pois, as noções dadas à massa geral do povo - e as superiores, cultivadas pelos iniciados.

É assim que, enquanto estes iniciados admitiam, como verdade incontestável, a pluralidade de existências, com seu corolário forçado: as penas ou castigos temporários, depois da morte, insinuava-se no ânimo dos profanos a doutrina oposta, da vida única e das penas eternas.

A gentildade, principalmente, não podia proceder de outro modo, em razão do politeísmo, onde todo o homem culpado encontrava sempre um deus, que partilhava de suas culpas - e, portanto, que o justificaria de pronto, se as penas fossem temporárias.

Além disso, o atraso da humanidade exigia, como única eficaz contenção, o castigo material e eterno - e isto era tão imprescindível, que o próprio Cristo teve necessidade, para fazer passar seu divino ensino, de contemporizar com aquele meio coercitivo.

Havia, porém, da parte dos que ensinavam aquelas ideias aterradoras, perfeita noção de sua falsidade, como se verá pelos

seguintes trechos de Timeu de Locros¹¹², mestre de Platão, segundo afirma Cícero¹¹³:

“Se um homem é vicioso e viola as leis do Estado, deve ser punido pelas leis e pela repulsão da sociedade - e, principalmente, *convém aterrá-lo* com a ameaça do Inferno, com o temor das penas incessantes ... reservadas aos desgraçados criminosos, embaixo da Terra¹¹⁴.”

É claro que Timeu de Locros aconselha o emprego daquele meio, não porque o julgue real, mas por ser conveniente.

E eis a prova:

“Louvo o poeta jônio (Homero) por ter empregado *fábulas* antigas e úteis, no intuito de fazer os homens religiosos, porque, assim como curamos o corpo com remédios nojentos, quando falham os usuais, assim devemos impressionar a alma com *discursos falsos*, quando não podem ser levadas pelos verdadeiros”.¹¹⁵

Eis como e porque os iniciados ensinavam uma doutrina - a das penas eternas, por exemplo, sem que a partilhassem, nutrindo até a oposta convicção.

A humanidade não estava em condições de receber a verdade - e as nações perigariam, se não se lhes ensinasse a *fábula* do Inferno com as penas eternas.

Isso mesmo foi o que disse Jesus, sem, entretanto, pregar fábulas:

“Muitas outras verdades teria que ensinar-vos, porém, não o faço agora, porque a humanidade não as pode suportar.”¹¹⁶

Portanto, enquanto a massa se embestia na doutrina da vida única e das penas eternas, os espíritos superiores iniciavam-se nos Mistérios - alto repertório de doutrinas elevadas - e onde se ensinavam a pluralidade das existências e as penas temporárias e corretivas.

112 (Nota do Organizador) Timeu de Locros ou de Lócrida ou de Lócrida (Itália) - filósofo grego pitagórico que viveu no século V a.C, citado em dois dos “Diálogos” de Platão: “Timeu” - que lhe traz o nome por título - e “Crítias”.

113 (Nota do Organizador) Cícero, “Da República”, Livro Primeiro, Item 10.

114 (Nota do Organizador) Platão, “Timeu”, Cap. V, item 16.

115 (Nota do Organizador) Idem, Cap. V, item 17.

116 (Nota do Organizador) Jo. 16:12-15, já referida.

O ensino dos Mistérios, não se dedicando à humanidade em geral, mas somente a um pequeno número de iniciados, possuidores, em alto grau dos segredos da vida futura, não precisava ser velado sequer para estes.

Assim, no “Orfeu” de Ballanche, Tamíris, o iniciado, vê quadros maravilhosos: um homem atado a uma roda, que gira, *eternamente* - outro, devorado pela fome e pela sede, tendo junto aos lábios e ao alcance da mão um ribeiro d’água cristalina e deliciosos frutos, que lhe fogem *eternamente* - além, cinquenta moças *eternamente* ocupadas em passar, por meio de cestas, toda a água do mar para um tonel.

Está aí, neste quadro, o ensino das penas eternas; mas o dos Mistérios está no seguinte trecho daquela obra:

“Tu o vês, Tamíris, aqueles quadros são a figura das vãs paixões dos homens - de seus trabalhos incessantes - de seus tormentos sempre renascentes.

“Se a vida atual não fosse a passagem para uma outra vida - se fosse imortal, os quadros, que tens diante dos olhos, seriam a expressão do destino humano.

“A Grécia, entretanto, dará um nome a todos eles - chamará Ixion - chamará Tântalo - chamará os filhos de Danas.

“Nós, porém, já te disse isto, sabemos que o Inferno é a Terra”.¹¹⁷

Ballanche, como se vê, descreveu quadros de penas eternas para o vulgo, quando sabia pelos Mistérios, em que era iniciado, que o Inferno é transitório, como a vida da Terra, isto é: que o Espírito que mereceu, por suas faltas, a habitação nos mundos inferiores, pode subir aos superiores, a vidas de felicidade, pelo arrependimento e pela expiação.

O dogma das vidas sucessivas, diz Pezzani, constitui por tal modo a pedra angular dos Mistérios, que a constituição e a hierarquia destes não têm outro fundamento.

Os diferentes graus da iniciação são o símbolo dos degraus da vida futura dos Espíritos.

Nos Mistérios foi sempre proclamado o seguinte princípio:

117 (Nota do Organizador) Ballanche, Pierre-Simon. “Essais de palingénésie sociale - Orphée”, Vol. II - Livro VIII, Pág. 292. Paris, 1827-1829. (Fonte: Gallica)

“Ninguém pode subir a um grau superior, sem dar provas de merecimento.”

E tanto isto se aplica à evolução dos Espíritos, que Ballanche faz Tamiris dizer, depois de sua iniciação:

“Compreendo a razão das provas da humanidade - provas de que os Mistérios de Isis são a pura imagem.¹¹⁸”

Os Mistérios, pois, consagravam o dogma espírita da pluralidade das existências, como meio de seu aperfeiçoamento gradual.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 06-04-1890: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/468

118 (Nota do Organizador) Idem nota anterior, Livro VIII, pág. 324.

Artigo CXXIX - O PAIZ, 13.04.1890

Antes de entrarmos na matéria destes artigos, seja-nos permitido dizer sobre o relatório do Dr. Tomás Delfino a respeito dos cartazes afixados em várias ruas desta capital.

Diz o delegado de polícia, falando de um dos autores:

“Atuou também fortemente na sua deliberação a doutrina extravagante e ridícula ... que o desequilibrara.”

O jovem delegado referiu-se ao Espiritismo!

O Espiritismo (ciência) é cultivado por inúmeros sábios (de patente) como W. Crookes - Zöllner - Gibier - Víctor Hugo - Flammarion - Víctorien Sardou - Valpi¹¹⁹ - André Pezzani - Wallace - Oxan - Margau - Lincoln, e mil outros.

Entre nós conta nomes como os do Marquês de Olinda, do Visconde de Abaeté, de José Bonifácio e de muitos outros vultos, cujos nomes não declinamos por estarem ainda vivos.

119 (Nota do Organizador) A maioria dos nomes citados nessa lista já nos é conhecida, concentramo-nos apenas nos menos famosos, por assim dizer, ou naqueles em que algum detalhe justifique um comentário. Nesse ponto, por exemplo, o original faz menção a Valpi, mas parece-nos que Dr. Bezerra refere-se aqui a Ernesto Volpi, Diretor de “Vessilo Spiritista”, periódico espírita italiano, grande defensor da teoria reencarnacionista, segundo Léon Denis. A diferença do “a” para o “o” pode ter sido um equívoco tipográfico ou talvez a tentativa de apertuguesamento do nome. Sua desencarnação foi assim noticiada em “O Reformador” de janeiro de 1918 páginas 13 e 14: “O ultimo fascículo da “Luce e Ombrá” trouxe-nos a noticia da desencarnação, em Roma, no dia 25 de outubro passado, do capitão Ernesto Volpi, que dirigiu durante 12 anos o “Vessilo Spiritista”, e foi tradutor para o italiano de “O Livro dos Médiuns”. [...] Foi um propagandista itimorado de nossa grande causa”. Quanto à Oxam, talvez seja uma referência a “M.A.Oxon”, pseudônimo de William Stainton Moses (1839-1892), ministro da Igreja Anglicana e célebre médium psicógrafo inglês. Não conseguimos identificar Margau, talvez devido à transliteração utilizada.

Já reuniu dois congressos científicos, um em Barcelona e outro em Paris.

A estatística de seus adeptos sobe acima de doze milhões em trinta e poucos anos.

E a toda esta massa, em sua maior parte composta de nomes ilustres, o jovem delegado capitula de *desequilibrados* sectários de uma Doutrina *extravagante e ridícula!!!!*

E se lhe pedíssemos os títulos de competência para julgar tantos vultos e a sua Doutrina?

O único que nos poderia oferecer, seria o de delegado de polícia, porque S. Sa. não conhece - não estudou a doutrina, sobre que fala, com ar de tanta suficiência.

Estude - experimente - e nós respeitaremos seus conceitos.

Entrando em questões sérias, continuaremos o estudo dos Mistérios, cuja importância nos tempos idos reclama uma análise mais detida.

Pezzani exprime-se nestes termos:

“Tudo na organização dos Mistérios se prende ao dogma das vidas sucessivas - das provas progressivamente impostas - do progresso por iniciação - dos diversos graus conquistados pelo merecimento e pela virtude.

“Os Mistérios eram a representação simbólica dos destinos humanos.

“O neófito, depois de ter franqueado a porta, defendida por três guardas, comprometia-se a não voltar atrás.

“Se faltava-lhe firmeza nas provas a que era sujeito, levava o resto da vida em repartimentos apensos ao templo, onde, entretanto podia subir à Ordem dos oficiais subalternos.

“O vestibulo do templo representava a vida terrestre - a sede dos mundos inferiores - do Inferno.

“O santuário, onde chegava o iniciado que vencia nas provas, era o símbolo da vida feliz nos mundos superiores; donde este princípio: não se pode subir senão pelo mérito e pela virtude, não tendo recompensa senão o que passa pelas provas.

“D’outro lado, os graus da iniciação variando na razão do progresso do iniciado, dá lugar a este novo princípio: a recompensa é proporcional ao mérito.

“O neófito encontra, às portas da iniciação, terrores - marchas peníveis - obstáculos; desde, porém, que vence tais embarços, uma luz celeste penetra-lhe as retinas - e ele vê um espetá-

culo deslumbrante: campinas risonhas - sons melódiosos, que o embriagam - visões encantadoras que o arrebatam.

“É de pronto, iniciado - é revestido do caráter de eleito - não mais é perseguido por terrores - é triunfalmente coroado - e admitido à sublime ciência das doutrinas sagradas.¹²⁰”

Eis, em sua essência, a constituição dos Mistérios - e pelo exposto se reconhece a verdade do que diz Pezzani: que tudo ali representa simbolicamente a evolução dos Espíritos sob a forma do progresso, pelas existências sucessivas, como ensina o Espiritismo.

Com efeito, a sede do Inferno, representada pelo vestibulo, era ponto de passagem transitória dos neófitos, que a franqueavam sujeitando-se às provas - e, mesmo quando fraqueavam e eram remetidos a mundos inferiores, podiam reerguer-se por seu esforço.

Os Mistérios encerravam a ciência do destino humano, que não tinha ainda, como sói acontecer, o caráter de uma ideia clara - sem a tendência para a unidade - sem a atração da criatura para o Criador.

A caridade, por exemplo, não era ali praticada, tanto que o escravo e o estrangeiro não eram admitidos à iniciação.

Estava, pois, ali, em embrião o dogma das vidas sucessivas, sem este caráter de sublime grandeza, que lhe dá o Espiritismo.

Entretanto, é patente o princípio da preexistência, que é sinônimo daquele.

De que era ele ensinado, prova-o este trecho de Jâmblico: “Antes de ser desterrada para um corpo, a alma tinha ouvido as harmonias do céu - e, se acentos análogos àqueles divinos concertos, de que sempre guarda memória, vem ferir-lhe os ouvidos, ela estremece e sente infáveis transportes”.¹²¹

Não há nada mais positivo, exceto a consequência de que, quem admite a preexistência, admite forçosamente a pluralidade de existências - e quem admite a pluralidade de existências, não pode aceitar a ideia de um Inferno com penas eternas.

Jâmblico, como vimos, quando tratamos das ideias desse grande vulto, afirma ainda mais positivamente a crença dos Mis-

120 (Nota do Organizador) Pezzani, Andre. “La pluralité des existences de l’âme : conforme à la doctrine de la pluralité des mondes”, Ed. Didier, 10a. ed., Paris, 1865 - Cap. III, Les Mistères - Págs. 63 e 64.

121 (Nota do Organizador) Já citado neste volume, vide Nota 110, página 84.

térios nas vidas sucessivas, com estes trechos, que reproduziremos:

“A justiça de Deus não é a justiça dos homens. O homem define-a pelas relações de sua *vida atual* e de seu estado presente; Deus, porém, define-a pelas relações de *nossas existências sucessivas* e pela universalidade de *nossas vidas*”¹²².

Assim, as penas que nos afligem são o castigo, quase sempre, de um pecado de que a alma se faz culpada em uma anterior existência.

Deus nos oculta a razão; mas, nem, por isso, devemos deixar de atribuí-lo à sua justiça.”

É a pura Doutrina Espírita, pregada por um iniciado nos antigos Mistérios!

Sabemos que a Igreja explica os Mistérios e o Espiritismo, por influência de Satã; mas a este respeito já dissemos quanto é suficiente para o padre, que tem razão e consciência, apreciar a fatal cegueira de querer manter o espírito num círculo demasiadamente estreito, de que ele foge, atirando-se nos braços do materialismo.

Sobre este ponto vem, a propósito, citar o conceito do sábio de Queroneia, o imortal Plutarco, quando diz:

“O mais das vezes, excelentes Espíritos intervinham nos Mistérios, embora, frequentemente, procurassem os perversos introduzir-se ali.”¹²³

Os Mistérios proclamam as verdades do Espiritismo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 13-04-1890: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/502

122 (Nota do Organizador) Idem nota anterior, vide Nota 110, pág. 84.

123 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar a fonte exata desta citação.

Artigo CXXX - O PAIZ, 20.04.1890

Têm dado testemunho do dogma das vidas sucessivas todos os povos antigos, até os padres do Egito.

Também o dão os getas¹²⁴ e os gauleses.

Os Druidas elevaram tão alto o conhecimento da verdadeira cosmogonia, que Orígenes descobriu íntimo parentesco entre sua doutrina e a dos judeus.

No excelente artigo que Jean Reynaud publicou em sua *Nova Enciclopédia*¹²⁵, encontram-se preciosos detalhes, que confirmam o conceito de Orígenes.

A escola dos Magos tem representação fiel entre os Druidas - o culto dos carvalhos é a imitação dos de Mambré¹²⁶, que Abraão instituiu - as pedras druídicas são de perfeita conformidade com alguns monumentos dos hebreus.

A unidade de Deus é o característico da religião hebraica, que se destaca por ele de todas as crenças antigas.

124 (Nota do Organizador) Nome dado pelos gregos a diversas tribos trácias ou dácias que ocuparam as regiões ao sul do Baixo Danúbio, na região do atual norte da Bulgária, e ao norte do Baixo Danúbio, na Romênia. A região ocupa a o interior das colônias gregas da costa do Mar Negro, o que propiciou aos getas contato com os gregos antigos desde tempos muito antigos. (Fonte: Wikipedia)

125 (Nota do Organizador) Reynaud, J. "Encyclopédie Nouvelle", Tomo IV, Slatkine Reprints, Genève, 1991, Págs. 403-416. (Fonte: Gallica)

126 (Nota do Organizador) A transliteração atual remete-nos aos carvalhos de Manre. Na Septuaginta, sua forma é Mambre, provavelmente vem daí seu uso por Dr. Bezerra. No "Gênesis" lemos sobre "os carvalhais de Manre" (Gên. 13:18; 18:1), ou simplesmente "Manre" (Gên. 23:17, 18;35:27), em alusão a um bosque que havia em algum lugar perto de Hebrom. Nesse cenário Abraão teve encontros de alta espiritualidade com agêneres. (Fonte: R.N.Champlin, N. "Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia", Vol. 4, Pág. 59.)

Pois bem: os Druidas não adoravam também senão um Deus - Esus, o que é eterno.

Sua crença no dogma das vidas sucessivas não pode ser posta em dúvida.

César, que, como se sabe, acreditava no nada depois da morte, diz dos Druidas:

“Uma crença que eles procuram principalmente firmar é que as almas não perecem com a morte - e passam a novos corpos¹²⁷.”

Este testemunho é insuspeito e, diante dele, ninguém tem o direito de pôr em dúvida: que os gauleses possuísem a noção do alto princípio, que serve de base à Doutrina Espírita.

Amiano Marcelino¹²⁸, Pompônio Mela¹²⁹ e Valério Máximo¹³⁰ confirmam a crença druídica da imortalidade da alma e da sua volta a novos corpos, e Diodoro de Sicília¹³¹, falando dos costumes gauleses, diz:

“Eles restabelecem a opinião de Pitágoras, de que as almas são imortais - e voltam a animar novos corpos”.¹³²

Já sabemos o que pensar da doutrina de Pitágoras, que tão mal-interpretada tem sido, até por sábios.

127 (Nota do Organizador) Caio Júlio César, “Comentários da Guerra Gaulesa”, Livro 6º, Item XIV, pág. 317. Edição bilingue. Tradução de Francisco Sotero dos Reis. Tipografia de B. de Mattos, Rua da Paz, 4. São Luiz, Maranhão, 1863.

128 (Nota do Organizador) Amiano Marcelino (325 ou 330 – 391d.C.) - historiador que escreveu durante o fim do Império Romano. (Fonte: Wikipedia)

129 (Nota do Organizador) Pomponio Mela - geógrafo hispânico do século I d.C., escreveu no período do imperador Cláudio (41-54 d.C.). Compôs um tratado, cujo título é “De Chorographia”, em 3 volumes, que é o mais antigo tratado em latim de todos os preservados e inclui a Gália entre seus conteúdos. (Fonte: Real Academia de La Historia - Espanha)

130 (Nota do Organizador) Públio Valério Máximo (século I a.C.-século I d.C.) - escritor romano. (Fonte: Wikipedia).

131 (Nota do Organizador) Diodoro Sículo ou Diodoro da Sicília (90 a.C. — 30 a.C.) - historiador grego que viveu no século I a.C. Produziu uma única obra, a “Biblioteca Histórica”, também chamada de “História Universal”, que reunia 40 volumes escritos em grego, consistindo no mais extenso relato da História grega e romana a alcançar os nossos dias, embora apenas parcialmente preservado - restaram apenas 15 dos tomos originais. (Fonte: Wikipedia)

132 (Nota do Organizador) Sículo, Diodoro. “Biblioteca Histórica”, Vol. III, Livro 5 - 28,5. (Fonte: https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Diodorus_Siculus/5B*.html)

A metempsicose, à parte de seus desfalecimentos, dá, em última expressão, a sucessão das vidas humanas, porque a alma, depois de passar séculos em corpos animais, volta à série de vidas em corpos humanos.

Portanto, Diodoro de Sicília atesta que os Druidas acreditavam nas múltiplas encarnações dos Espíritos.

É tão belo e instrutivo conhecer-se o grande mistério dos Druidas, que não podemos resistir à tentação de fazê-lo conhecido do leitor.

O Universo, segundo aquela cosmogonia, divide-se em três círculos: o da *imensidade*, que é absoluto e infinito, pertence a Deus - o da *felicidade*, que é o paraíso, pertence aos Espíritos que, de provas em provas, ascendem às suas alturas - o das *viagens*, pertence ao resto da humanidade.

O Espírito humano tem por fim deixar o terceiro círculo e conquistar o segundo, donde não pode mais decair, como acontece, enquanto está no das viagens, onde pode, por suas faltas, cair de um mundo superior para um inferior.

Desses princípios, que revelam nos gauleses a ciência da pluralidade dos mundos habitados, resulta: que, um mundo do terceiro círculo, a Terra por exemplo, recebe Espíritos, que lhe chegam de mundos inferiores, por seu natural progresso - e Espíritos que lhe vêm de mundos superiores, por obra de suas fracas atividades.

Pezzani diz a este respeito:

“Se é fundada a hipótese da preexistência, as almas que vêm a nosso planeta, vêm por um movimento ascendente, obra do progresso que tem realizado em um mundo inferior - ou por um movimento descendente, se, em lugar de progredirem, têm caído em desfalecimento e perdido os títulos a manterem-se n’um mundo superior.¹³³”

Este trecho de Pezzani, inspirado na Doutrina Espírita, é perfeitamente conforme com a doutrina ensinada pelos Druidas.

Estes, pois, tiveram a intuição do que o Espiritismo hoje demonstra experimentalmente.

133 (Nota do Organizador) Pezzani, Andre. “Dieu, l’homme, l’humanité et ses progrès: traité divisé en cinq livres”. Ed. Garnier Frères, Paris, 1847 - Livro IV, Cap. XII, Pág. 151.

A teologia druídica não compreendia a ideia de Inferno, como bem faz ver Lucano¹³⁴ nesta apóstrofe aos padres gauleses:

“Segundo vossa crença, as sombras (almas) não vão às silenciosas habitações do Erebo, nem procuram o sombrio reino de Plutão!”

A alma que delinque, vai simplesmente para uma condição inferior, mais ou menos baixa - mais ou menos pesada - mais ou menos dolorosa, segundo o grau de suas faltas.

Os castigos são de uma variedade infinita; mas são aplicados por todos os mundos, de modo que não é mister que exista um lugar especial para suplícios.

O Espírito leva consigo, pelos espaços e pelos mundos que habita, seu tenebroso Inferno.

Os Druidas, tão conformes com os espíritas no que entende com os castigos, depois da morte, ainda mais se assemelham quanto ao fim da vida terrestre.

Compreendendo o nosso mundo no número dos que constituem o círculo das viagens, eles o tinham na conta de inferior e destinado a expiações e provas.

Daí resulta que havia para eles preexistência, tal como ensina o Espiritismo.

Com efeito, se já não tivéssemos vivido - e por nossas faltas vencido as penas desta vida, como conciliar-se com a bondade de Deus o sofrimento da inocente criança?

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 20-04-1890: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/535

134 (Nota do Organizador) Marco Aneu Lucano (39 - 65d.C.) - poeta romano, já citado no 1º volume desta coleção, à nota 96. A referência de Dr. Bezerra é feita de um trecho de sua única obra - “A Guerra Civil - Farsália” - Livro 1, linhas 453-456. A tradução de que nos servimos é a de Hermes Orígenes Duarte Vieira, edição bilingue - João Pessoa, Ed. Ideia, 2018.

Artigo CXXXI - O PAIZ, 27.04.1890

A ciência dos Druidas não pode ser exposta em um único artigo, das dimensões dos nossos ou de quaisquer outras.

Aplausos¹³⁵ reclama ela, tão admirável é sua elevação, principalmente procedendo de um povo bárbaro, como eram os gauleses.

Parece que os padres do Druidismo beberam na fonte da revelação mosaica - e que tiveram a inspiração divina, para compreenderem a verdade, segundo o espírito, que não segundo a letra daquela revelação.

Ou então foram inspirados, como Melquisedec, de modo que nos antros onde prepararam a lei moral de sua gente, receberam a luz, que ao profeta foi dada no alto do Sinai.

Como quer que seja, a teologia e a cosmogonia druídicas excedem a tudo o que conheceu a Antiguidade, quer na Índia, que na Pérsia, quer no Egito.

Manu, Zoroastro e os sapientíssimos padres do reino dos Faraós não fizeram obra que possa de longe ser comparada ao majestoso monumento erguido no meio das florestas virgens das Gálias.

Já vimos, no passado artigo, como aqueles bárbaros ensinavam: a unidade de Deus - a imortalidade da alma a lei do progresso dos Espíritos, mediante as vidas sucessivas - e as penas temporárias, com seu complemento necessário: as expiações e as provas nas vidas corpóreas.

135 (Nota do Organizador) No original aparece aqui a palavra "Valennes", que não conseguimos localizar, nem o seu significado. Substituímos por "aplausos", por entender que combina com o sentido geral da frase.

É a suma do Espiritismo - é a lei do Cristianismo- é a consagração do Espiritismo, com sua dedução lógica e infalível: da salvação universal.

Há no Druidismo alguma coisa que parece semelhante ao dogma católico: o pecado original, pois que a vida da Terra era considerada como uma passagem das almas a seu mais alto destino.

Dá-se, porém, entre as duas doutrinas uma diferença essencial, que destaca o Druidismo do Catolicismo - e o liga, por laços bem estreitos, ao Espiritismo.

No Catolicismo, somos todos solidários com Adão na falta por este cometida, coisa monstruosa que corrompe a justiça do Eterno.

No Druidismo, ninguém é sujeito às penas terrestres sem que o tenha merecido por suas obras, tal qual como compreende e ensina a Doutrina Espírita: cada um segundo suas obras.

O Espiritismo ensina: que o Mal tem um caráter negativo e temporário - que além dos mundos de expiação ele não vinga mais - que nestes ele é mesmo necessário para exercício da liberdade e como meio de expiação.

Os Druidas ensinavam precisamente estes princípios - e por eles explicavam a razão de se acharem plantas venenosas no meio das salutares - a de haver, no meio dos animais inocentes e úteis ao homem, outros perigosos, como as feras e as serpentes.

A existência desses animais em nosso mundo, prova a sua inferioridade, porque nos mundos superiores, não tendo a humanidade nenhum lado funesto, nada pode aí existir, que o tenha.

Em todas as teologias, que não admitem o pecado original, ou se atribui o Mal a Deus, ou se acredita num Deus do Mal, que tem tanto poder como o do Bem.

Os Druidas evitaram ambos estes escolhos com sua crença no pecado original, não transmissível de pais a filhos, como ensina a Igreja, mas inquinando¹³⁶ - envenenando a própria alma.

Já se vê por isso que eles compreendiam o dogma da preexistência, o que aliás já se sabia, uma vez que admitiam, como verdade inconcussa, o das vidas sucessivas.

Lucano, que penetrou no fundo das doutrinas gaulesas, exclama nestas palavras:

136 (Nota do Organizador) Corremendo. (Fonte: Dicionário Priberam online)

“O mesmo influxo mantém a vida em outro mundo - e a morte (se bem compreendo vossos contos) não é senão o meio de uma longa vida”.¹³⁷

A longa vida, de que fala Lucano, é a sucessão das existências, até que o Espírito tenha adquirido o grau de progresso necessário para ascender aos mundos do segundo círculo, ou círculo de felicidades.

É a lei da preexistência, consagrada por aquelas palavras de César: *ab aliis transire ad alias*, cuja significação é: que os que nascem são almas que já tinham vivido.

Concluiremos este artigo com a citação integral dos seguintes trechos de André Pezzani:

“A crença tão viva de nossos pais na imortalidade brilha até mesmo em seus monumentos funerários.

“Em lugar da urna pagã, afogada em lágrimas, encontram-se esculturas gaulesas, que representam o personagem morto com os olhos elevados para o céu - uma das mãos segurando o cachimbo - e a outra, meio aberta, mostrando o espaço.

“E em lugar das estéreis inscrições do paganismo, que não imploravam senão lágrimas e saudades- veem-se as dos nossos pais recomendando a esperança.”

“É conhecida esta, que foi descoberta às margens do Ródano:

“Si absil cinis hac in urna, tune spiritum cerne in cujus salutem nihil temere diclum est.”

“Se não encontrares a cinza nesta urna, pensa no Espírito sobre cuja salvação nada do que se diz é temerário”.

“Quanta grandeza neste epitáfio!

“Que perfeito desprendimento de todo o laço material!

“E quanto é potente a religião que sabe inspirar tais sentimentos!

“Nosso século tem por missão fazer reviver e desenvolver esta antiquíssima doutrina.”¹³⁸

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 27-04-1890: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/570

137 (Nota do Organizador) Obra já citada, Livro 1, linhas 456-458.

138 (Nota do Organizador) Pezzani, Andre. “A Pluralidade das Existências da Alma”, Cap. IV - Druidismo. (final).

Artigo CXXXII - O PAIZ, 04.05.1890

Continuando a desenvolver o plano, que nos traçamos, ocupar-nos-emos da metempsicose animal, com a qual espíritos superficiais confundem o Espiritismo.

Talvez seja isto devido ao fato de acreditarem alguns espíritos que o fluido anímico percorre todos os reinos da natureza, adquirindo, à medida que passa do mineral ao vegetal - e deste ao animal, faculdades mais distintas, até chegar ao homem, onde lhes é dada a consciência, que é privilégio exclusivo da nossa espécie.

O Espiritismo nem aceita, nem repele esta teoria, adstrito como é ao método científico de submeter toda ideia ao processo das provas, para formular juízo seguro.

O Espiritismo aceita o transformismo como um problema a resolver, visto que ainda não tem adquirido a seu respeito provas experimentais suficientes para conhecer sua veracidade ou falsidade¹³⁹.

Mesmo, porém, que as aceite como uma lei da evolução dos Espíritos, não se confunde por isso com a metempsicose.

Uma coisa é ter passado nosso espírito, antes de sua nobilitação, pela aquisição da consciência, pela escala animal, desde os ínfimos até os superiores dos irracionais; outra coisa, e muito

139 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra manifesta-se aqui com toda a prudência quanto à questão do continuum evolutivo, à semelhança da postura do próprio Codificador em relação ao tema, mas felizmente teve ocasião de avançar a partir dessa avaliação inicial até abraçar perfeitamente o conceito da evolução ou transformismo, tanto física quanto psíquica do ser ao longo dos diversos reinos da natureza. Voltaremos a esse tema, mais à frente, no 3º volume desta coleção.

oposta, é retrogradar do elevado grau de Espírito consciente, ao puro animalismo - à condição inferior de ser inconsciente.

O transformismo dá um constante progresso ao princípio espiritual, do mineral ao homem.

A metempsicose dá a degradação daquele princípio, voltando do homem ao animal.

Poderá o Espiritismo vir a ser *transformista; metempsicórico* é que jamais o será; salvo no juízo dos que se limitam a estudar a ciência pela rama, sem terem a coragem de descer à raiz.

O que, porém, é, em sua real significação, a doutrina da metempsicose animal?

Já ligeiramente o dissemos em um de nossos passados artigos; é a consagração do princípio espírita da pluralidade de existências.

Pitágoras, por quem chegou a nós o sistema, que foi famoso, recebeu-o do Oriente e especialmente do Egito, por onde viajou - e de onde o transplantou para a Grécia.

Em sua origem, porém, tanto como no desenvolvimento que lhe deram os filósofos gregos, a metempsicose restituía à humanidade o Espírito que a fazia mergulhar, por algum tempo, no meio da animalidade.

Os padres do Egito marcavam esse tempo em três mil anos, no fim dos quais o Espírito reencarnava em corpo humano - e Platão o reduziu a mil anos, findos os quais o Espírito banhava-se no Lete - e voltava à vida corpórea.

É, pois, evidente: que a metempsicose animal consagra o princípio das reencarnações, separando, embora, uma da outra por um período mais ou menos longo da vida animal.

Foi, portanto, a metempsicose verdadeiro ensaio da grande lei, que só agora encontrou elementos para sair da penumbra, onde a ignorância dos homens não podia divisá-la.

O que há de estranhável neste fato, que tem inúmeros sími-les nos tentâmenes humanos - ou antes: que é conforme com o que se dá em todos os ramos de conhecimentos humanos?

A Astrologia não consignou os primeiros ensaios para a descoberta da ciência, que se chama Astronomia?

A Alquimia não serviu para assentar a pedra angular do edifício conhecido hoje com o nome de Química?

Pois assim também a metempsicose animal foi o primeiro ensaio para a descoberta desse princípio, que, por si só, constitui uma ciência: a pluralidade de existências.

Astrologia - Alquimia - metempsicose, sendo, como foram verdadeiros ensaios - tentativas da humanidade, que já começava a procurar a luz em meio às trevas, não podiam deixar de conter erros e falsas apreciações, quais são, no nosso caso, a passagem da alma humana para o corpo de um animal.

A causa desta falsa concepção é hoje perfeitamente conhecida dos pobres loucos, que perdem seu tempo em indagar de coisas que não dão resultados sonantes.

Os antigos não sabiam o que era feito das almas, depois que deixavam o corpo material - e, então, figuravam a hipótese de viverem, até voltarem à vida corpórea, no ciclo das existências animais.

Eis o que foi e o que vale essa famosa metempsicose, que espíritos sem valor ridicularizam, com o mesmo critério com que escarneceriam da criança, que ainda não anda com passo seguro, ou do neófito da ciência, que ainda não tem a vista segura no exame e na apreciação dos fenômenos.

A humanidade era, naqueles tempos, a criança - o neófito - e nós escarnecemos de seus esforços, quando a estes é que devemos a luz que possuímos!

Outros rirão dos que riem hoje, quando volverem os séculos - e a mais intensa luz brilhar na terra: *Hodie mihi, cras tibi!*¹⁴⁰

Convém, entretanto, não por ponto final neste artigo, sem dizer aos que zombam do sistema de Pitágoras, uma palavra, que talvez os faça corar.

O filósofo grego ensinava aquele sistema, com vistas morais - e consignava a encarnação das almas em corpos animais, como pena aos que se afastavam da lei do Bem; tanto que aos que cultivavam, na vida, a filosofia e a moral, ele isentava da pena - e garantia a divinização, depois da morte.

Seu sistema era, pois, o mesmo que o da Igreja com suas penas eternas no Inferno: meio de contenção moral.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 04-05-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/607

Artigo CXXXIII - O PAIZ, 11.05.1890

Ainda, hoje, respigaremos no campo da metempsicose animal.

Vimos que foi, na Antiguidade, o germe da ciência moderna, da pluralidade das existências - que vale o mesmo que a Astrologia e a Alquimia - e que Pitágoras mesmo ensinou-as como repressivo, tanto que estabeleceu exceção para os que vivessem dedicados ao Bem e à ciência.

Foi causa como o sistema penal da Igreja romana, com a diferença de não ser tão bárbaro e blasfemo.

Em lugar de ameaçar com um Inferno, onde as almas sofrem castigos eternos, Pitágoras ameaçou com a metempsicose, pela qual as almas sofrem o castigo temporário de sua passagem por corpos anímais.

Comparados os dois sistemas, quem perde é a Igreja, porque a metempsicose é muito mais humana, e atribui a Deus muito mais misericórdia.

E sobreluz¹⁴¹ ao que fica exposto, a notável circunstância de ser a metempsicose um meio de encaminhar as almas para a salvação universal ou à divinização, como dizia Pitágoras.

Com efeito, não somente Empédocles como o divino Platão, ambos sectários da moral pitagórica, sustentavam que todos os Espíritos iam a seu alto destino, no fim de dez existências, separadas por períodos de mil anos; podendo aqueles que tivessem amado sinceramente a Verdade e o Bem subir ao turno glorioso, no fim de três vidas sucessivas.

141 (Nota do Organizador) Brilha muito, sobressai. (Fonte: Dicionário Priberam online)

De modo que escarnece desta doutrina, falsa é certo, por causa do tempo em que vigorou, mas de um fundo essencialmente moral, a Igreja romana, que prega a doutrina das penas eternas, de fundo essencialmente imoral.

Dentre os dois erros, só os obcecados poderão preferir o de Roma!

Não ofendem, pois, ao Espiritismo os apodos, filhos da ignorância, que certos padres e certos sábios lhe atiram, chamando-o: reprodução da metempsicose de Pitágoras.

E não o ofendem, porque os padres ilustrados e os sábios de fino critério compreendem, sem grande trabalho: que o Espiritismo está tão longe da metempsicose animal, quanto esta está longe do código penal de Roma.

O Espiritismo nem aceita a passagem das almas pelos corpos de animais - nem reconhece o senso comum nessa lenda de Inferno - de demônios e de penas eternas, com que foi preciso conter a humanidade em sua infância, que foi o período de sua ignorância e endurecimento.

A humanidade, hoje, transformada moral e intelectualmente, já fez justiça aos erros grosseiros da metempsicose. Falta que proceda do mesmo modo quanto ao monstro, que a Igreja romana ainda quer manter, invocando a fé cega - a fé passiva - a verdadeira degradação da gente rude ou de pobres fanáticos, capazes de aceitar a infalibilidade do Papa, embora seja o Papa um Alexandre VI, o Bórgia!!

Qual a causa dos erros, que têm obscurecido o dogma das vidas sucessivas, único que explica, a sabor da razão e da consciência, todos os fenômenos humanos desta e da outra vida?

É, pensa André Pezzani, a ignorância da lei das provas e da iniciação progressiva.

Se Pitágoras a tivesse conhecido, não teria condenado as almas a revestir corpos bestiais, sem nenhum proveito para elas, pois que o animal não faz mérito, nem demérito.

Se os padres de Roma tivessem refletido, não teriam aceitado o legado dos tempos bárbaros, pois que o Inferno não edifica, nem moraliza, e se fosse criação de Deus, Deus seria tudo, menos Pai de Amor e de Misericórdia.

A ignorância, pois, do estado da alma depois da morte, que o próprio Cristo não elucidou, contentando-se com recomendar

boas obras - e sancionar a sublime moral que veio ensinar aos homens, essa ignorância é que gerou os erros das duas doutrinas, de que temos falado, relativamente à metempsicose e às penas eternas.

Ponde no lugar de uma e de outra a Doutrina Espírita das vidas sucessivas - e vereis como todos os fenômenos humanos perdem seu caráter misterioso - como o destino humano se eleva a uma altura deslumbrante - como Deus, não deixando falta sem castigo, revela-se, pela natureza destes, Juiz e Pai - e Juiz porque é Pai - e Pai porque é Juiz.

E por aí vereis como a metempsicose, apesar do erro em que se assenta, é uma demonstração clara e palpável de que os grandes sábios da Índia - do Egito - e da Grécia tinham a intuição da alta verdade, mais - muito mais do que a Igreja romana, que a proscree, desde que só dá para o progresso humano o tempo de uma vida - e isto quando se vê: que os homens têm mais ou menos tempo de vida - e, portanto, que a partilha é revoltantemente desigual.

O que queremos provar, acreditamos que ficou bem claro: que a excomungada metempsicose é mais uma voz dos tempos idos, que brada pela doutrina das vidas sucessivas, ensinada hoje pelos mensageiros do Cristo.

Resumindo, diremos: que na opinião geral, no antigo paganismo, as almas dos que deviam habitar um dia a Terra, já pre-existiam - já podiam ser vistas nos Campos Elísios, o que prova como o paganismo era superior aos sábios de diploma, que pretendem reduzir o Universo ao círculo de seus conhecimentos.

Virgílio, no sexto livro de suas “Eneidas”, conta que Anquises, pai do glorioso Eneas, fez este travar conhecimento com as almas dos heróis, que haviam de ilustrar com sangue, no volver dos séculos.

Sinésio, bispo e filósofo¹⁴², dizia em alta voz: que jamais poderia acreditar na criação da alma depois do corpo, como en-

142 (Nota do Organizador) Sinésio (373 - 414 d.C.) - bispo grego de Ptolemaida, na Pentápole líbia. Foi discípulo de Hipátia, em Alexandria. Em sua carta 105, dirigida a seu irmão, localizamos no parágrafo 9 trecho próximo da referência trazida por Dr. Bezerra: «asseguro que eu nunca discutirei a crença de que a origem da alma é posterior a do corpo». (Fontes: Wikipedia e <https://www.livius.org/sources/content/synesius/synesius-letter-105/>).

tendiam aqueles que, com S. Jerônimo, davam uma alma criada para cada criança que nascia.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 11-05-1890:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/644

Artigo CXXXIV - O PAIZ, 18.05.1890

Com o estudo da teologia pagã - da filosofia pagã - dos Mistérios - do Druidismo - e da metempsicose animal, demonstramos: que toda a Antiguidade profana conhecia e ensinava o dogma fundamental do Espiritismo - a pluralidade das existências da alma.

Pode-se, com efeito, assegurar: que não houve naqueles tempos um instituto religioso e filosófico - que não houve um homem sábio ou ilustrado, que não cultivasse aquela sublime crença, perdida mais tarde nas trevas que envolveram a humanidade, quando se deu o cataclismo, que transformou a barbaria na civilização.

Mas, em nosso programa, prometemos ouvir a Antiguidade sob os pontos de vista - profano e sagrado; - logo, falta-nos ainda tratar da segunda parte - Antiguidade sagrada.

É o que vamos fazer, para esclarecimento dos nossos sábios - desses que chamam o Espiritismo - doutrina ridícula e extravagante -, porque todo o seu saber não dá para discernir o que é ciência, nem mesmo para distinguir princípios científicos de abusões¹⁴³ e charlatanismos.

Antes, porém, de entrarmos em tão proveitoso estudo, que procuramos tornar acessível à inteligência dos nossos sábios, que falam de tudo sem terem aprofundado o exame de coisa alguma, pedimos vênias ao leitor para enxertar, no trabalho que temos em mãos, uma liçãozinha aos nossos amigos da Igreja romana, que, à semelhança dos sábios, repelem o Espiritismo, sem jamais tê-lo

143 (Nota do Organizador) Abusão - erro vulgar de percepção, crença em coisas fantásticas, crendice, superstição. (Fonte: Dicionário Priberam online)

estudado - e, principalmente, descido ao estudo experimental de seus dogmas.

É a síntese do discurso que pronunciou o Abade de Roca¹⁴⁴, no Congresso Internacional Espírita e Espiritualista, que se reuniu em Paris o ano passado¹⁴⁵.

Lê-se na *Revista de Estudos Psicológicos*, de Barcelona¹⁴⁶:

“O Abade de Roca, cômego honorário, felicita-se como sacerdote católico pelo êxito do Congresso Espírita - e afirma que os esotéricos, judeu-cristãos do periódico *L’Etoile*, que representa, estão de acordo com os inumeráveis grupos do Congresso *acerca dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita*; persistência do - eu - consciente depois da morte - e *comunicação entre vivos e mortos* do corpo social do Adão-Eva - universal.

“*Saúda os promotores do reino da justiça e verdade divinas, prometido aos homens pelo Messias ... Pater, adveniat regnum tuum ...*

“(O que tendes feito, é bom! - O que vos resta fazer ainda é melhor!)

“Valor - e avante! A marcha do *espírito novo* não se deterá - seus progressos são irresistíveis. Vós a tendes experimentado: partindo dos fenômenos grosseiros de um *Espiritismo rudimentar*, chegados sois às regiões superiores do *Espiritismo puro* - e ireis muito além: ao princípio de todas as forças psíquicas. - Ao que disse: *Ego Principium qui et loquor vobis*: Eu sou o princípio de tudo. Eu sou o foco vivo, donde se irradiam os Espíritos. - João, Cap. 8:12.

144 (Nota do Organizador) Paul Roca (1830 - 1893) - professor e padre francês. famoso por difundir um Cristianismo esotérico e social em vários livros. Condenado pela Igreja Católica, foi expulso do clero. Foi juntamente com René Caillié - grande estudioso e propagandista do estudo conjunto de Kardec e Roustaing - editor de uma revista espiritualista mensal - “L’Etoile” - em Paris, especializada em Ciência, Religião e Arte. (Fontes; Wikipedia e Gallica)

145 (Nota do Organizador) O Congresso Internacional Espírita e Espiritualista transcorreu entre os dias 9 a 16 de setembro de 1889, contando com a presença de mais de 500 delegados oriundos de 14 países, entre os quais alguns dos mais célebres pensadores da época. “O Reformador” o noticiou ao longo de diversas edições, e especialmente a de Maio de 1890 traz a menção ao pronunciamento do Abade Roca, citado acima pelo Dr. Bezerra. (Fonte: “O Reformador”)

146 (Nota do Organizador) “Revista de Estudios Psicológicos de Barcelona”, fundada por em 1869 por José Maria Fernandez. As passagens citadas por Dr. Bezerra, acima, são do exemplar de Outubro de 1889, todo dedicado à cobertura do evento, às páginas 318 e 319.

“Depois de haver falado do Cristo-Espírito-Humanidade - e das leis da fraternidade, da solidariedade e da mutualidade, disse o Abade: que tão depressa descobriremos o mistério da queda primitiva, ou involução das essências espirituais na matéria - e a maravilhosa economia da evolução, ou ascensão dos mundos - encarnação e redenção - ser-nos-á revelado o Cristo-Eterno.

“Este Cristo divino, acrescenta, nada tem de comum com o Cristo do Vaticano - com o do Syllabus¹⁴⁷ - com o da Inquisição e das fogueiras - com o de São Bartolomeu - com o Cristo desumano dos Torquemada e dos S. Cruz, senão que é o puro Adam-Kadmon dos kabalistas, isto é, o simples reino hominal.

“O Cristo é a mais alta e a mais pura personificação da humanidade, como o Homem-Deus é o protótipo de nossa raça - princípio e fim de Adão-Eva completo - e, além disso, mediador supremo, perfeito médium entre o Céu e a Terra, entre o Espírito e a matéria - entre o mundo visível e o invisível.

“[...] Prossegui em vossa missão, queridas irmãs e irmãos; graças a vós, milhares de milhões de seres humanos saberão um dia que o verdadeiro Cristianismo - aquele que não pregam, nem sequer conhecem os sacerdotes da decadência romana, é o puro socialismo - o socialismo religioso, evangélico, “il socialismo cristiano”, como o ensina meu venerável amigo, o sábio P. Curci.

“Avante, pois, sem temor nem fraqueza, pelas vias refulgentes do *espírito novo*, do qual participam os Espíritos que evocais por vossos médiuns; mas procedei como vos recomendam os grandes mestres do Espiritismo: São Paulo, em primeiro lugar - e depois Allan Kardec, Swedenborg - e tantos outros, distinguindo-se bem as espécies dos Espíritos, porque os há de luz e de verdade, assim como os de trevas e de erros.

“Vós sois os *médiuns* orgânicos - os agentes terrestres e os intérpretes, conscientes ou inconscientes, do espírito novo.

“Os Oráculos se cumprem: “Um dia, disse Isaías, grão-médium do Espírito, o Eterno escolherá entre os homens uma porção de Espíritos, que serão os *sacerdotes* de sua Terra nova e de seus novos céus”: - Isaías, Cap. 66: 18¹⁴⁸.

147 (Nota do Organizador) Palavra latina. Em português, Sílabo. Índice das doutrinas condenadas pela Igreja, na mesma linha do Index Librorum Prohibitorum - relação de livros proibidos por Roma, extinta em 1966 pelo Papa Paulo VI.

148 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra reúne aqui pequenos trechos de 03 versículos. Mais correto será referir a Is. 66: 18, 21 e 22.

“Esse dia surge! Aquele novo sacerdócio será o vosso, se souberdes corresponder à vossa santa vocação. É tempo, então, de se apresentarem os sacerdotes da nova era - os sacerdotes do *espírito vivo*, porque nós - os sacerdotes da *letra morta*, já nada valemos.

“[...] Nosso decreto de morte saiu da boca de São Paulo; e é preciso ter valor para curvamos a cabeça.

“Escutai, Papa - bispos - sacerdotes; escutai o grande Apóstolo das gentes - grande vidente do porvir cristão: “povos, um dia regenerar-vos-eis sem nós e triunfareis de nós.”- (*sine nobis regnatis, et utinam regnetis.*)

“Visivelmente sucumbimos. Essa lúgubre sentença é a confirmação dos aterradores anúncios do próprio Messias: “Sacerdotes, o reino de Deus ser-vos-á tirado, para dar-se a homens, que farão produzir frutos de justiça e de verdade.” - Mateus, Cap. 21: 43.

“Diz, ainda, o Messias: “Vós tivestes as chaves da Ciência para, da Terra, abrires as portas do Céu; o que fizestes dessas chaves, sacerdotes - doutores - mestres em Israel? Não só não abristes - não só não entrastes - como até impedistes que os outros abrissem e entrassem.”

Este padre estava possesso; mas o que ele disse deve impressionar o clero romano.

Felizes os que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir!¹⁴⁹

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 18-05-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/679

149 (Nota do Organizador) Mt. 13: 16-17 - “Mas, bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram”.

Artigo CXXXV - O PAIZ, 26.05.1890

Entremos na Antiguidade sagrada, seguindo o mesmo método com que examinamos a Antiguidade profana.

Assim como nesta descobrimos, por toda a parte, onde se manifestou mais amplamente seu espírito, o dogma espírita da - pluralidade das existências da alma - mais ou menos velado, porém realmente confessado; assim, também esperamos dar ao leitor prova de que não foi menos percebida aquela verdade pela Antiguidade sagrada.

Há quem responda a esse nosso trabalho com esta estulta coartada¹⁵⁰: se o princípio essencial do Espiritismo vigorou na Antiguidade - nem é coisa nova a vossa Doutrina, nem é coisa valiosa, pois que a humanidade já lhe fez justiça, esquecendo-a - condenando-a por tantos séculos.

A contestação por nossa parte decomporá este *formidável* argumento.

Ninguém disse ainda que o Espiritismo é coisa nova, nem que a virtude é predicado das novidades.

O princípio da caridade existiu na Terra desde o primeiro homem, mas só tomou o divino caráter, que o reveste, quando Jesus fez dele o poder angular de sua excelsa Doutrina.

E ninguém dirá que nada vale a Doutrina de Jesus, porque assenta num princípio tão antigo como a humanidade.

Tudo, na marcha evolutiva do Universo, é assim.

A árvore existe na semente; mas é preciso tempo próprio para a semente transformar-se no pujante vegetal, que não perde

150 (Nota do Organizador) Coarctar significa reduzir a limites mais estreitos (ex.: tentaram coarctar a nossa liberdade de expressão), diminuir, limitar, reduzir, restringir, confrontar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

seu valor, porque muito antes de ser o que é, foi uma coisa conhecida em semente.

A da Doutrina, por Jesus pessoalmente revelada, existiu antes dessa divina Revelação; mas a caridade cristã está para a ante-cristã, como a árvore para a semente.

O mesmo com o Espiritismo, que é o desenvolvimento do ensino de Jesus, feitos por seus emissários.

O princípio da multiplicidade de vidas da alma existia no conhecimento da humanidade a mais remota; existiu, porém, em embrião - e nunca revestiu a forma que tem hoje: chave dos mistérios da evolução do ser humano.

“O mundo já lhe fez justiça, esquecendo-a ou condenando-a por tantos séculos - e acrescentaremos - precisamente nos séculos da nossa civilização.”

O que o mundo tinha esquecido e desprezado?

A Verdade é de Deus - e, para subsistir, não precisa do reconhecimento dos homens.

Ela não fica sendo menos do que é, pelo fato de vermo-la - reconhecermo-la - e depois passarmos adiante - e esquecermo-la.

Nós é que ficamos sendo menos do que deveríamos ser: pobres cegos, que deixamos o caminho alumiado pela Estrela dos Magos, para enveredarmos por desvios tenebrosos.

E negamo-la, porque esquecemo-la!¹⁵¹

Quantas vezes o que conhece uma verdade, esquece-a ou despreza-a, arrastado por oposta ordem de ideias e de sentimentos?

Generalize-se o que se dá com o homem e tereis o que aconteceu à humanidade, porque este caráter individual é um daqueles que constituem o gênero humano.

Mas o criterium das gerações civilizadas?

Como dar-se valor a uma crença antiga, que a civilização repudiou?

151 (Nota do Organizador) Vale aqui lembrar as questões 621 e 621-a de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec: “Onde está escrita a lei de Deus? Resp. “Na consciência.” Visto que o homem traz em sua consciência a lei de Deus, que necessidade havia de lhe ser ela revelada? Resp. “Ele a esquecer e desprezara. Quis então Deus lhe fosse lembrada”. O mesmo ensino é dado no Antigo Testamento - veja-se em Jeremias, 31:33: “Imprimirei minha lei em suas entranhas” e no Eclesiastes, 7: 29: “Deus fez ao homem reto, porém eles buscaram muitas astúcias”.

Por Deus! A civilização não tem o caráter da infalibilidade, nem o criterium absoluto da verdade.

A civilização é um bem humano, diante do qual os objetos tomam cores variadas e variáveis.

Não se vê todos os dias queimar-se, em nome da civilização, o que foi, no mesmo nome, exaltado?

E, quantas vezes o que se queima é a verdade, que brilhou um instante aos olhos dos que a condenaram?

Galileu não foi a verdade condenada?

A civilização pode ser representada por um homem que procura brilhantes em vastíssimo terreno, não dispondo para se guiar senão da luz de uma lanterna.

Muitas vezes recolhe, com avidez, cascalhos que lhe pesam nos ombros, até que dia claro se mostram o que realmente são.

Outras tantas, ela toma nas mãos a pedra preciosa e atira-a fora, julgando-a um vil seixo.

O que é a luz do nosso saber para darmos-lhe o valor de um criterium?

Assim, pois, de ser antiga a noção da lei das reencarnações de nosso Espírito - para se purificar - para se aperfeiçoar - para progredir, não é razão para ser desprezada.

Deus criou o elemento primitivo dos seres - e pôs nele, virtualmente - latentes, todas as potências, que a evolução dos mesmos seres reclama - e que irão desabrochando em cada uma de suas novas fases, como grelos que a árvore contém - e rebentam no tempo próprio.

Também, não é razão para ser repelida aquela sublime lei ter a moderna civilização desconhecido seu valor.

Por esse caminho não daria um passo a humanidade, pois que *nihil novum sub sole*¹⁵²: no mundo material, como no moral, tudo - tudo preexiste à nossa descoberta.

O Espiritismo, portanto, erguendo do pó dos séculos o princípio, que a Antiguidade entreviu - fazendo desse princípio a pedra fundamental do seu edificio científico, pedra que lavrou em mil faces; o Espiritismo, assim fazendo, faz daquele princípio o que Jesus fez da caridade: obra nova de matéria velha - e obra que não mais perecerá, porque é feita na hora do tempo, em que Deus há determinado.

152 (Nota do Organizador) "Nada de novo sob o Sol" - Expressão do Eclesiastes (1:9). (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Tudo no Universo tem seu dia - e o que vem antes do dia, perece - e o que vem no dia, viverá *in eterno*¹⁵³.

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 26-05-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/718

153 (Nota do Organizador) “Para sempre, eternamente”. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Artigo CXXXVI - O PAIZ, 01.06.1890

Entrando no estudo da Antiguidade sagrada, é preciso não acompanhar os que inconsideradamente o fazem, sem atender ao que era a humanidade no tempo que evocam.

Pode-se acaso dar o mesmo valor ao que vem da criança e ao que vem do homem feito - ao que vem do ignorante e ao que vem do ilustrado?

Não; é de rigor que se apreciem por modos diversos essas quadras e condições da humanidade, dando a cada uma seu natural valor.

A História sagrada compreende os tempos, em que o homem dava os primeiros passos na senda de seu desenvolvimento.

Moisés e os profetas acharam-se em face da humanidade, na sua primeira infância.

Jesus já encontrou-a n'um período mais adiantado de sua evolução, porém, assim mesmo no que se pode chamar uma segunda infância.

Qual o homem de bom senso, que possa esperar ou reclamar daqueles dois luminares um ensino completo das verdades eternas?

O espírito cultivado do homem do nosso século sabe perfeitamente: que, penetrando no estudo das duas escolas, há de encontrar necessariamente: luz e trevas - a luz que elas difundiam na razão da capacidade de seu tempo - as trevas em que ainda se envolvia a humanidade, que os altos reveladores vieram esclarecer e guiar.

Assim como o mestre graduou o ensino segundo a aptidão e o adiantamento do discípulo; assim, também, o Pai dá a seus

Messias o encargo de revelar à humanidade o que ela já pode compreender.

Vem daí a progressividade da revelação divina, palpável a todo o que se propuser ao estudo comparativo da abraâmica - da mosaica - da cristã.

E, como cada nova revelação dá mais luz ou aumenta a intensidade da luz da verdade, destaca-se das crenças religiosas por obra de cada revelação maior ou menor número de falsos princípios, tidos até então por verdades divinas.

Foi assim: que a revelação mosaica condenou, por exemplo, a poligamia, que o velho patriarca Abraão praticou, como coisa permitida.

Foi assim: que a revelação cristã condenou, por exemplo, o dente por dente - e o olho por olho', que Moisés ensinou a seu povo.

E é assim: que a atual revelação espírita condena, por exemplo, o herético e blasfemo princípio do Inferno com penas eternas, que Jesus deixou em pé, porque a humanidade de seu tempo não podia suportar a luz da verdade oposta: esta sublime cosmogonia, que se assenta na lei das vidas sucessivas e nas penas corretivas temporárias.

Vê-se, pois, que duas correntes opostas exprimem, sinteticamente, a marcha da humanidade pelas vias do progresso, alumiado pela revelação.

Enquanto a da verdade e da luz engrossa todos os dias com os auxílios divinos; a do erro e das trevas diminui na mesma razão, por obra da mesma causa.

Um dia, quando a primeira tiver chegado ao máximo de sua força, a segunda terá sido varrida da superfície da Terra - do seio da humanidade.

Reinarão então neste nosso planeta a Verdade e o Bem; o que quer dizer: a Terra passará de mundo de expiação a mundo de gozo, para o que incessantemente caminha.

Resulta deste ligeiro esboço: que, no ponto inicial da humanidade reinam as trevas, apenas quebradas pela pálida luz de uma ou outra estrela - que, no correr dos séculos, Deus vai fazendo surgir no tenebroso firmamento novas e mais luminosas estrelas - que finalmente raiará o Sol resplendente, que espantará para sempre toda a escuridade.

O estudo que vamos fazer da Antiguidade sagrada, como o que fizemos da Antiguidade profana, compreende os tempos em

que a humanidade envolta em trevas apenas tem, para se guiar em sua marcha, a frouxa luz de pálidas estrelas.

Compreende-se bem, conseguintemente, que não se pode descobrir naquele tempo crenças arraigadas e bem definidas nas verdades, que só hoje Deus julgou poder revelar-nos.

O que, em outros tempos mais esclarecidos, não passaria de simples lampejo do pensamento, deve ser considerado, naqueles tempos de ignorância, de atraso, como irradiação da verdade.

É assim que o simples bom senso ensina a quem procura penetrar os arcanos do passado.

Cada época deve ser estudada, não do ponto de vista em que se acha o observador, mas, tomadas na devida consideração as condições que lhe foram peculiares.

O observador deve-se considerar trasladado para o tempo e o lugar que deseja estudar e descrever.

Se assim não o fizer, seu trabalho será um monstro meio antigo e meio moderno, porque ele procurará explicar os fatos próprios da época perdida na noite dos séculos, com as ideias de sua época - segundo os progressos que tem feito a humanidade.

Se encontrardes nas memórias do povo hebreu, por exemplo, que Moisés mandou passar a fio de espada um homem, porque subtraiu uma mulher ao massacre de uma cidade tomada pelos seus, o que pensareis de Moisés, julgando o fato com as ideias de hoje? Um perverso!

Se, porém, colocando-vos nas condições do tempo, de que falam as memórias, apreciardes o fato, que vos indignou, reconhecerdes sua necessidade, em razão da natureza do povo.

Não esperemos, pois, manifestações claras dos dogmas espíritas na Antiguidade sagrada, mas aceitemos como tais as tênues revelações.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 01-06-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/753

Artigo CXXXVII - O PAIZ, 08.06.1890

Em nosso artigo passado fizemos ver que na Antiguidade sagrada não se podia esperar manifestação positiva do alto princípio da pluralidade das existências da alma, mas simplesmente lampejos - intuições daquela verdade, que só hoje encontra, na humanidade, as precisas condições para emergir das névoas, que a envolveram.

Assim, pois, desde que encontrarmos, na História sagrada, passagens que não possam ser explicadas senão pela preexistência ou reencarnações, teremos a prova que procuramos.

Schütz¹⁵⁴, em sua dissertação, denominada - *O Gênio de Moisés* - descreve as crenças íntimas do povo hebreu, nestes termos:

“A alma virtuosa recebe sua recompensa no desenvolvimento de seu amor, de sua inteligência e de sua atividade; na penetração das leis e vontades divinas.

“O que, porém, é feito da que se afastou do Pai Celeste?

“Esta cura-se - *regenera-se pelo arrependimento - pelo socorro das almas fraternais e do Médico das almas, pela procura d’Aquele que disse: Eu sou o soberano Bem.*”

É patente, do que fica exposto: que os hebreus tinham a crença íntima da salvação universal.

Schütz refere-se ao estado das almas depois da morte - e, portanto, o arrependimento de que fala, o qual produz a cura e a regeneração das que se afastaram do Pai Celestial, durante a

154 (Nota do Organizador) Obra e autor já citados no 1º volume desta coleção, à página 242, nota 92. Infelizmente não conseguimos acesso à obra, fica pendente a localização exata da citação.

vida corpórea, derroga o princípio da Igreja: de que só aproveita na permanência desta¹⁵⁵.

É possível, porém, que só pelo arrependimento, a alma que delinuiu seja curada e regenerada - vá gozar o prêmio que o Pai confere a quem não delinuiu?

Seria quase confundir o bom com o mau!

O arrependimento das faltas é, com efeito, condição indeclinável de salvação; mas ele só não basta para a salvação.

A alma arrependida do mal que faz, precisa limpar-se da mancha que lhe deixou - e só depois de tê-lo feito - e de ter provado sua firme adesão ao Bem, é que pode gozar o prêmio dos que não faliram - dos que foram virtuosos.

Ao arrependimento segue o perdão, que suspende o castigo; mas a falta pede reparação - e a alma, livre do castigo, tem de fazer aquela reparação, para receber o prêmio.

A reparação de uma culpa só pode ter real valor, se for feita nas mesmas condições em que se deu a culpa; e, pois, tendo estado lugar na vida corpórea, deve aquela ser efetuada na mesma vida, isto é, nas mesmas condições.

Daí a necessidade, para a reparação ou expiação, de voltar o Espírito à vida corporal, sujeito às mesmas condições em que faliu, para provar sua regeneração, resistindo àquelas condições.

Daí a necessidade das reencarnações para o progresso dos Espíritos ainda falíveis.

Dizer, pois, que a alma delinquente cura-se e regenera-se pelo arrependimento - e procura Aquele que disse: "Eu sou o soberano Bem", é o mesmo que sagrar a doutrina das reencarnações.

Os hebreus, portanto, segundo o revela Schütz, que penetrou o espírito das suas crenças íntimas, tiveram a intuição do dogma fundamental do Espiritismo.

Precisaremos dizer: que estas crenças não eram as do populacho, senão da alta escola filosófico-religiosa daquela nação?

Quem lê o ensinamento de Moisés para o povo, não descobre aí senão o grosseiro dogma do fogo eterno, sem o que a gente

155 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui ao dogma católico, de que o arrependimento só vale enquanto estamos encarnados - após a morte, nosso destino estará para sempre e definitivamente traçado, no Céu ou no Inferno.

de *dura cerviz* deixar-se-ia arrastar por toda a espécie de excessos e degradações.

Havia, pois, um ensino adaptado ao atraso da nação - e havia a concepção superior dos Espíritos, que já pairavam em regiões mais elevadas.

Foi coisa semelhante ao que ainda hoje se observa em qualquer sociedade civilizada: a massa popular ainda se leva por certas crenças antigas, como, por exemplo, na de ser o Sol que gira em torno da Terra; ao passo que os homens de ciência reconhecem o princípio oposto.

Ou, mais apropriadamente: enquanto o geral dos homens, mesmo ilustrados, creem numa vida única - no Inferno com penas eternas - na incomunicabilidade do mundo invisível com o visível, porque lho ensinaram em nome de Deus e de Jesus Cristo, os mais despidos de preconceitos aceitam e ensinam a nova Doutrina, que não é senão a explicação, em espírito e verdade, da velha Doutrina de Jesus, entendida pela Igreja, segundo a letra, isto é, aceitam e verificam experimentalmente a pluralidade das existências - as penas corretivas temporárias - a comunicação dos mortos com os vivos - a salvação universal, enfim.

Pelo arrependimento - pelo socorro das almas fraternais e do Médico das Almas (Jesus), exatamente como os hebreus acreditavam, acreditam os espíritas, baseados na nova Revelação, que as almas culpadas, mediante maior ou menor número de existências, se encaminham, progressivamente para Aquele que disse: "Eu sou o soberano Bem".

E têm certeza de que Deus não condena nenhum de seus filhos, por toda a Eternidade; mas pune-os para convertê-los ao Bem - e para fazê-los progredir.

Ao Deus cruel e vingativo, que a Igreja nos oferece, oferece-nos o Espiritismo um Deus de amor e de misericórdia, que não castiga seus filhos maus, maus porque fazem mau uso de sua liberdade, senão para o bem deles.

Ao quadro horrífico de torturas sem fim, que a Igreja expõe às vistas da humanidade, o Espiritismo expõe o de torturas e sofrimentos adaptados à gravidade da falta, porém, extinguível desde que o pecador arrepende-se e procura o caminho da regeneração, pela prática do Bem.

A crença hebraica, pois, confere perfeitamente com dos espíritas, com a simples diferença de ser, ali, um germe - e, aqui, fruto sazonado.

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 08-06-1890:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/796

Artigo CXXXVIII - O PAIZ, 15.06.1890

No passado artigo, extraímos da dissertação de Schütz - *Gênio de Moisés* - uma prova de que a crença íntima do povo hebreu, isto é, da parte mais ilustrada daquela nação, tinha por base o princípio - das vidas sucessivas, que entretanto não era ensinado à massa popular.

Isto não é coisa estranha, porque em todos os tempos e entre todos os povos a religião (digamos a “cosmogonia”) se desdobra em duas partes, de que o povo tem em partilha a mais grosseira - e os espíritos cultivados têm a mais elevada: a parte propriamente filosófica.

E vai nisto, por assim dizer, a miniatura do majestoso plano do Criador, com relação ao ensino que dá à humanidade.

Em todo o tempo e por toda a parte encontram-se ideias grosseiras generalizadas, de par com outras mais adiantadas, colhidas e cultivadas pelos espíritos seletos.

É deste viveiro, que no volver dos séculos a massa humana, mais adiantada em progresso, vai tirar pasto para seu espírito, que já não pode alimentar-se daquelas ideias repugnantes à razão já mais esclarecida.

E, à medida que o homem vulgar desapega-se de crenças absurdas e assimila às do viveiro colocado acima de sua cabeça, este recebe novas sementes de mais elevadas concepções.

De modo que o homem vai todos os dias deixando, no caminho de sua infinita evolução, a parte estragada de sua bagagem e suprimindo-se, em grau correspondente, da que lhe oferecem os que já sabem fazer melhor cultura.

E, assim, vai Deus graduando seu ensino pela capacidade humana, mantendo sempre na Terra a luz que podem suportar

os mais fracos - e luz mais intensa de que os mais fortes são os guardas.

O povo hebreu, como bem o prova Schütz, deu testemunho dessa sublime distribuição, pois que, enquanto era generalizada a crença na vida única - e no Inferno, havia a alta escola, onde se ensinava a crença superior na pluralidade de existências - e nas penas temporárias.

Quer isto dizer: que, ao tempo em que o homem não podia assimilar senão os sentimentos de ódio e de vingança: “dente por dente”, já Deus havia depositado em seu seio a semente divina do amor e da caridade, que devia dar frutos de salvação, fecundados por Jesus - e pelo Espiritismo, que não é senão o mais amplo ensino, mandado pelo mesmo Jesus.

Em resumo:

No tempo de Moisés, o povo de Deus já possuía, por seus luminares, a concepção do dogma espírita: a pluralidade de existências da alma.

Especifiquemos, dando provas tiradas do Velho Testamento: “Eu não disputarei, eternamente, com o culpado. - Isaías, Cap. 57:16.”

Já citamos este trecho na primeira parte deste despretenhioso estudo¹⁵⁶, mas, tratando-se da Antiguidade sagrada, como poremos, de parte, o que se pode colher do Velho Testamento - e do Novo?

A repetição, em vez de fazer mal, faz bem, porque aviva a memória sobre fatos de importância transcendental.

“Eu não disputarei, eternamente, com o culpado!”

Assim traduziu Isaac Sacy¹⁵⁷, porém, notabilíssimos hebraístas (afirma-o Adolpho Berthet¹⁵⁸) traduzem por estas palavras:

156 (Nota do Organizador) Vide pág. 242 do 1º Tomo desta coleção, nota 93.

157 (Nota do Organizador) Louis-Isaac Lemaistre de Sacy (1613 - 1684) - sacerdote, teólogo e humanista francês, mais conhecido por sua tradução da Bíblia, a Bíblia francesa mais difundida no século 18, também conhecida como Bíblia de Port-Royal (nome de sua paróquia).

158 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos dados biográficos sobre Berthet (ou Bertet, talvez, em versão mais atual), apenas a localização de uma de suas obras - “Apocalypse duy Bienheureux Jean Devoille ou Divulgation de La Doctrine Secrete Du Christianisme” (1863). É de destacar, a propósito, o zelo, o cuidado com que Dr. Bezerra referia-se às escrituras. Além de ler pessoalmente o original da Vulgata, em latim, ainda confrontava diferentes traduções - sempre as melhores - para nos oferecer boa tradução de cada passagem.

“*Eu não punirei eternamente...*”

Quer uma, que outra tradução da Vulgata, isto é, quer a de Sacy, quer a autorizada por Berthet, atestam a absoluta ausência das penas eternas; dando o desmoronamento de toda a cosmogonia romana, que, se lhes podem opor textos tirados da mesma fonte, é porque, em vez de procurar o mais alto ensino, apraz-se em confundir-se com a massa, abraçando suas ideias atrasadas.

Ora, eliminando o Inferno com seus demônios, com seus tormentos eternos, a que fica a Roma para excomungar o Espiritismo, que repele o que Isaías repele - e sustenta o que decorre natural e logicamente do ensino do profeta: a pluralidade de existências com as penas temporárias corretivas?

E não é somente naquele texto, que se encontra a consignação do dogma espírita.

No salmo 103 e versículo 9 está escrito:

“Ele [Deus] *não guardará eternamente ressentimento.*¹⁵⁹”

No versículo 9 do salmo 145, temos, ainda:

“Jeová é bom para *todos* - e sua misericórdia se estende sobre todas as suas obras.”

E no versículo 14 do mesmo salmo:

“Jeová *sustenta* os que caem e os *ergue* de suas quedas.¹⁶⁰”

O que resulta da comparação imparcial e conscienciosa destes trechos sagrados?

Resulta do 1º que Deus pune o culpado; isto é, que sua justiça não deixa culpa sem pena.

Resulta do 2º a confirmação daquele.

Resulta do 3º que Deus, assim como exerce sua justiça sobre todos os culpados, assim derrama sobre todos a sua misericórdia, isto é, que toda a culpa tem perdão, desde que o culpado se arrependa; ou melhor: que a salvação é universal, porque, mais cedo ou mais tarde, o mau que está em penas, se converte ao Bem e é perdoado.

O 4º é a mais clara e completa prova do que ali fica exposto.

159 (Nota do Organizador): A Bíblia Católica ainda hoje o diz: “Ele não está sempre a repreender, nem eterno é o seu ressentimento”. (Fonte: <https://www.bibliainline.com.br/acf+vc/sl/103>)

160 (Nota do Organizador) “O Senhor sustenta a todos os que caem, e levanta a todos os abatidos”. - Almeida Corrigida e Fiel. A versão Católica traz a mesma ideia em diferentes palavras: “O Senhor sustém os que vacilam, e soergue os abatidos”. (Fonte: <https://www.bibliainline.com.br/acf+vc/sl/145>)

Mas o Mal que arrasta a alma à punição, embora seja perdoado pela misericórdia do Pai, tisonou-a e, em tal caso, tolhe-a necessariamente de sentar-se à mesa da pureza.

É daí - da necessidade que tem o culpado arrependido de se lavar da mácula da culpa, que procede a necessidade correspondente de ter ele outras vidas corporais, em que dê provas de sua firmeza no arrependimento, praticando o Bem, a despeito das tentações para o Mal, isto nas mesmas condições em que caiu: *scilicet*¹⁶¹, nas condições das vidas corpóreas.

A salvação universal com uma vida única levaria ao Céu impuros e maculados, embora arrependidos.

É, pois, necessário que haja mais de uma vida, para que os maculados se lavem das máculas e fiquem puros.

Isaías pregou a pluralidade de existências!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 15-06-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/833

161 (Nota do Organizador) "Isto é". (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Artigo CXXXIX - O PAIZ, 22.06.1890

Já vimos, como entre o povo hebreu, embora na camada mais elevada de sua atmosfera moral e intelectual, havia, no tempo de Moisés, a ideia das vidas sucessivas, a qual, também, aparece nas profecias de Isaías.

Neste artigo, vamos citar estes textos da Bíblia, os quais mostram as opiniões secretas de Moisés e do autor do livro de Jó.

É do “Gênesis”, Cap. 2: 7: “E aquele que foi, é, e há de ser, concebeu no pensamento, e modelou, como se fora um vaso, o corpo terrestre, o corpo grosseiro (o vaso e prisão da alma) que é o pó (a Terra, o limo) tirado do húmus (Terra apta para a cultura) e inspirou nos órgãos materiais a alma inteligente e livre (o - eu -) o ser pessoal, o centro do microcosmo (nichema) a que se adjuntava o sopro divino (ronah) “espírito celeste *das vidas, das existências, de todos os modos sucessivos* da alma (*spiritus vitarum*)” e foi ligado à alma o corpo terrestre, pelo sopro animal (princípio da vida terrestre, espírito astral) (nepesch) indispensável à vida (cá debaixo da estação terrestre)”¹⁶².

162 (Nota do Organizador) Interessantíssimo este estudo de Dr. Bezerra sobre a tradução do “Gênesis”, revelando seu sentido original, bem distante do que a ortodoxia lhe atribui. Basta lembrar algumas das traduções correntes, do mesmo versículo: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”. (Almeida Ferreira, Corrigida e Fiel) - “O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente”.(Versão Católica) - “Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente”(Bíblia de Jerusalém). O melhor estudo que conhecemos sobre os primeiros capítulos do “Gênesis”, no entanto, é o do nosso prezado amigo Jorge Damas, no volume “Pão Vivo” (Ed. CRBBM, 2014) - “Evolução, Queda do Homem e as Reencarnações”, cuja leitura especialmente recomendamos.

Transplantadas para nossa linguagem aquelas fórmulas bíblicas, temos o seguinte:

“E Deus fez para o homem um corpo grosseiro, tirado dos elementos da Terra, e uniu a estes órgãos materiais a alma inteligente e livre, trazendo já consigo o sopro divino: o Espírito que a acompanha *em todas as suas vidas* (spiritus vitarum), e o meio dessa união da alma com o corpo foi um sopro vital (Espírito astral do nosso globo).”

Ali está, pois, (*verbum ad verbum*) extraída do *Gênesis*, a opinião de Moisés quanto aos elementos constitutivos do homem.

Ainda, além do corpo material, há o instrumento da vida terrestre: 1º- a alma: (nichema); 2º- o Espírito das vidas das existências da alma: (ronah) e; 3º- o Espírito astral, ou laço de união entre a alma e o corpo: (nepesch).

Eliminado o Espírito astral, e colocando-se em seu lugar o corpo por ele animado, temos, precisamente, os elementos apontados pelo Espiritismo: 1º- alma ou (nichema); 2º- corpo com seu Espírito astral; 3º - perispírito ou (ronah) ou Espírito das vidas das existências da alma.

O *Gênesis*, portanto, ensinava o mesmo que o Espiritismo, até quanto a consignar *as vidas* ou *existências* da alma.

Pode haver coisa mais aceitável?

O perispírito (ronah) é um corpo fluídico, que nunca se separa da alma, quer no estado de encarnação, quer no de desencarnação, e, portanto, a acompanha em todas as suas existências.

Assim ensina o Espiritismo: assim o disse Moisés pelo *Gênesis*.

Como, depois do que aqui deixamos, não reconhecer que o grande legislador hebreu tinha perfeita ciência das vidas sucessivas e múltiplas da alma?

O *Gênesis* limita-se a consignar a ideia sem desenvolvê-la, porque a humanidade daqueles tempos não estava apta para tão alta concepção, mas isto não faz com que o grande Espírito de Moisés, iluminado pelo Sol de mundos superiores à Terra, não desse à sua pena o que estava em seu pensamento.

O mestre, quando ensina, só expõe o que está ao alcance dos discípulos, mas, nem por isso, segue-se que ele só sabe o que expõe, e, muitas vezes, ele ensinando aos ignorantes, deixa escapar coisas que estão fora do alcance destes.

É o que explica a consignação, no *Gênesis*, do alto princípio, que só no fim de cerca de 40 séculos encontrou as condições de fecundação.

Nosso fim, porém, não é discutir estes pontos, mas, simplesmente, demonstrar que Moisés conhecia, e revelou a lei das vidas sucessivas e múltiplas.

Para isto, parece-nos, o trecho citado textualmente é quanto basta. Salvo aos que, por espírito do sistema ou por fanatismo, “têm olhos de ver e não veem”.

Para esses, não há como convencer que é dia, quando o Sol, em pino, derrama em catadupas sua luz sobre a superfície do hemisfério.

Passemos ao “Livro de Jó”, outro monumento da Antiguidadesagrada.

No Cap. 27, 2 e 3, lê-se:

“O Deus vivo deferiu o juízo do culpado, afligindo-o em seu espírito terrestre, porque a alma vive eternamente em mim, unida ao Espírito divino.¹⁶³”

Aí se afirma o princípio da imortalidade do ser humano, tanto como o da sua punição, quando se desprende do corpo material, mantendo o espírito divino ou espírito das vidas, o qual chamamos, hoje, perispírito.

As expressões originais deste texto são precisamente as mesmas que transcrevemos de *O Gênesis*, que, aqui, suprimimos para poupar tédio ao leitor.

Compreende-se, pois, além da imortalidade e da punição, aquele princípio das existências: (ronah) e, conseguintemente, dá como dedução, tão rigorosa como a que decorre do *Gênesis*, o princípio básico do Espiritismo: a pluralidade de existências.

Convém dizer, por dever de lealdade, que os hebraístas, materialistas, atacam a tradução espiritualista do (ronah) que é: *espírito das vidas, das existências sucessivas da alma*. Para eles é apenas: *sopro, almas*, sem mais acessórios que concorrem para a ideia de vidas múltiplas.

163 (Nota do Organizador) A tradução parece ser do próprio Dr. Bezerra; confrontando-as com as traduções correntes variam as palavras, cabe observar o espírito do texto.

Estes sábios, porém, são batidos completamente por *vinte* textos do “Zohar”¹⁶⁴, do grande e pequeno Idra¹⁶⁵, os quais não somente dão ao homem a organização indicada por Moisés e pelo autor do livro de Jó, como até discutem e analisam, profundamente, aqueles elementos.

O “Zohar”, pois, como diz Pezzani, corta a questão entre os hebraístas, materialistas e espiritualistas.

Com efeito, se a dúvida está no modo de compreender um texto do “Gênesis”, e se o “Zohar”, desenvolvendo a ideia daquele texto, a explica no sentido francamente espiritualista, onde os fundamentos para a tradução materialista?

O patriarca e o autor do livro de Jó atestam a pluralidade das existências.

* Não localizamos o artigo no dia 22. Na edição de 23 faltam páginas. Também não identificamos o artigo nas edições seguintes, até o sábado 28/06. Deve estar, portanto, nas páginas faltantes da edição de 23/06/1890.

164 (Nota do Organizador) Essa obra já foi referida por Dr. Bezerra no 1º volume desta coleção, vide Artigo LXXVI, pág. 302.

165 (Nota do Organizador) O “Zohar” não é considerado completo sem a adição de certos apêndices, que são atribuídos ao mesmo autor ou a alguns de seus discípulos imediatos. Entre esses figuram o “Sifra di-Zeni`uta” ou “Livro do Oculto”, consistindo de cinco capítulos, nos quais são discutidas principalmente as questões envolvidas na Criação; o “Idra Rabá” ou “A Grande Assembleia” - o “Grande Idra”, conforme a citação de Dr. Bezerra - em que os ensinamentos da porção anterior são ampliados e desenvolvidos; e o “Idra Zu`la” ou “A Assembleia Menor” - o “pequeno Idra”, também citado - dando um resumo das duas seções anteriores. (Fonte: Wikipedia)

Artigo CXL - O PAIZ, 29.06.1890

O quadro vivo das desigualdades humanas, quer intelectuais, quer morais - esse fato, que não nos escandaliza, nem nos surpreende, porque estamos habituados com ele, e o hábito mata a sensação - essa partilha desigual das capacidades, de que resulta serem uns originalmente dispostos para o saber e para o Bem e serem outros naturalmente refratários à luz da inteligência e da consciência; como se explicar sem deprimir a Justiça Soberrana, recusando-se a preexistência, que é a expressão sintética da lei das vidas múltiplas?

Se Deus cria para cada corpo, que se gera, o Espírito que o tem de animar, isto é: se o homem só tem uma vida para desenvolver sua perfectibilidade, Deus não é justo, dando capacidades desiguais aos homens, de quem exige o mesmo trabalho.

O samoiedo, do extremo-norte da Rússia, o cafre boçal¹⁶⁶, diante do caucasiano ou mesmo do malaio e do americano, o que são senão filhos deserdados, admitida a lei da vida única?

Aquele que não aprende, porque não tem capacidade, confrontando com o que tem capacidade para aprender o mais que se sabe na Terra, revela uma exclusão como este revela uma preferência, que atestam claros e escuros na obra da criação humana, porque eles não são tais por culpa sua, senão porque assim os fez o Criador.

166 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente refere-se aqui ao conjunto de populações bantas e negras, não muçulmanas, da África Meridional. No sentido figurado, pessoa rude, bárbaro, selvagem. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Isto é odioso e blasfemo; mas isto é uma dedução rigorosa da doutrina da vida única.

Admiti, por hipótese, a doutrina da preexistência ou das vidas múltiplas, pela qual os Espíritos que constituem a humanidade terrestre, já fizeram provas em passadas existências - e vereis como a diversidade para o Bem e para o saber, que manifestam os homens, exaltam em vez de acusar a Justiça do Pai e Criador.

Os Espíritos são criados com iguais disposições para o alto destino, que foi marcado a todos; mas a liberdade de cultivar aquelas condições, não sendo exercida com o mesmo esforço e pelo mesmo modo por todos, é o fator dessa desigualdade que notamos.

Deus entregou ao homem seu próprio destino, com os mesmos meios de alcançá-lo - com a plena liberdade de empregar esses meios.

Se uns usam bem da liberdade - e outros usam mal, de quem a culpa?

Se damos a nossos filhos carnis o mesmo mestre e os mesmos livros - todos os meios de aprenderem um ofício - uma arte - ou uma ciência, poderemos ser acusados, porque um repeliu o estudo, ou estudou frouxamente - insuficientemente - fazendo contraste com outro, que aproveitou o ensino e se distinguiu?

É, pois, do homem, que não do seu Criador, a culpa dessa diversidade de disposições morais e intelectuais, com que surgem nesta vida - e com que saem dela.

Mas isto que chamamos uma hipótese, toma o caráter de uma lei natural, porque exalta, em vez de deprimir, como a hipótese da vida única, os supremos atributos de Deus.

A preexistência, pois, não pode ser recusada senão pelos que admitem no Supremo Criador preferências e exclusões para com sua criatura humana.

Pela lei espírita da preexistência e das vidas múltiplas, o samoiedo e o hotentote são Espíritos em princípio de sua evolução, ou que se atrasaram por mau uso de sua liberdade, mas que, sendo como todos perfectíveis, marcharão, progressivamente para o destino humano: a perfeição pela ciência e pela virtude.

E os caucasianos, que ostentam suas excelentes disposições, são Espíritos que já se adiantaram em passadas existências.

cias; mas que já foram tão atrasados e incapazes como o samoiedo e o hotentote.

Deus, pois, deu a todos os seus filhos, como um pai terrestre, os mesmos meios de progredirem; digamos: o mesmo mestre e os mesmos livros; e se uns se esforçam mais do que outros, não é porque tinham sua preferência - e se uns desprezam aqueles meios ou empregam-nos frouxamente, não é por efeito de sua exclusão.

Os grandes sábios, como os grandes santos, não o são por graça especial do Criador, mas por obra de seu próprio esforço.

Platão - Sócrates - Laplace - Newton não receberam do Criador inteligência mais perfeita do que os pobres, que ainda não têm capacidade para encarar a Ciência.

S. Agostinho - São Paulo - Elias - Jeremias não tiveram do Criador o dom da virtude; mas a conquistaram, como todos podem e hão de conquistar, no desenvolvimento de sua perfectibilidade, através dos séculos - e mediante a mais longa ou a mais curta enfiada¹⁶⁷ de vidas corporais.

Toda esta singular e resumida exposição teve por alvo preparar o espírito do leitor para bem compreender o que a escritura chama - a vocação - dos patriarcas - dos profetas - e dos grandes santos, que aparecem entre nós, em sua vida de feitos gloriosos, como ministros e amigos particulares de Deus.

Com a lei da preexistência tudo se explica - as dificuldades, que eram impossíveis de resolver pela doutrina da vida única, caem por Terra - e a luz se faz, porque vê-se claramente que a Justiça de Deus é igual para todos, desde que se compreenda que, em sua origem essas grandes almas, que nos aparecem e nos parecem tão privilegiadas, não receberam do Criador mais do que qualquer outra recebeu; mas que é do uso que fizeram dos dons, que o Criador repartiu por todos, que resultou-lhes alcançar as graças, segundo a palavra do Senhor: “Ao que mais tiver, mais se dará - e esse viverá na abundância.”¹⁶⁸

Mais clara prova da pluralidade de existências nos dá a Escritura nestas palavras do Senhor a Jeremias:

167 (Nota do Organizador) Sentido figurado: quantidade de coisas que vêm umas atrás das outras, rosário, série. (Fonte: Dicionário Priberam online)

168 (Nota do Organizador) Mt. 13:12.

“Eu já te conhecia antes de te haver gerado no ventre de tua mãe.¹⁶⁹”

A Escritura, pois, atesta a verdade da Doutrina Espírita, assente na pluralidade de existências.

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 29-06-1890:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/921

169 (Nota do Organizador) Jr. 1:5.

Artigo CXLI - O PAIZ, 07.07.1890

Respigando pela seara plantada por Moisés: a Bíblia, falamos ao mesmo tempo à razão e à consciência do padre e do sábio.

Do padre, porque descobrimos o espírito do ensino bíblico, encoberto pela letra.

Do sábio, porque damos-lhe mais uma prova de que a Antiguidade sagrada, tanto como a profana, conhecia e acatava a ideia da pluralidade de existências da alma.

Intuitiva ou conscientemente os judeus acolhiam aquela ideia, tanto que diziam, a respeito de Jesus Cristo: que era ele um dos antigos profetas, que voltara ao mundo. - São Mateus, Cap. 16: 13 e 14.

É incontroverso que para admitir-se que um homem volte à nova existência é preciso reconhecer a possibilidade de mais de uma: a pluralidade delas.

E, pois, aquele modo de compreender o Cristo revela a crença na lei das existências múltiplas.

Já ouvimos um padre, que não podia fugir ao rigor deste argumento, dizer: pode ser exceção e não lei.

Um padre blasfemar por tal modo!

Deus, a Perfeição Infinita, não pode pôr leis com exceções.

Leis com exceções denunciam fraqueza de concepção do legislador - e, pois, é blasfêmia atribuir uma obra imperfeita ao Ser infinitamente perfeito.

É, pois, verdade absoluta: que as leis postas por Deus não podem admitir exceções - e, conseqüentemente, que, ou todos os Espíritos estão sujeitos à lei da pluralidade de existências ou nenhum o está.

Mas os judeus consideravam Jesus um Espírito de profeta reencarnado, logo tinham a concepção da lei das reencarnações.

Há outra voz que fala mais alto naquele sentido: a de Malaquias, Cap. 4: 5.

Ele disse, claramente, que “Elias voltaria antes da vinda do Messias”.

E todo o povo hebreu estava tão firme na crença da reencarnação de Elias, que, quando corria à prédica e ao batismo de João Batista, os fariseus e os doutores da lei mandavam a este deputações para lhe perguntarem: se era ele Elias, que devia vir. - João, Cap. 1: 19 e 21.

Aí vai segunda prova do nosso enunciado: de ser crença geral na Judeia que as almas reencarnavam.

João Batista não podia ser Elias, sem a lei das reencarnações - e o povo hebreu não pensaria em tal, se não aceitasse a lei das reencarnações.

E a crença popular, compartilhada, como acabamos de ver, pelos fariseus e doutores da lei, teve a confirmação solene, pela afirmação do divino Mestre, de que João Batista era Elias: “Ele é Elias que devia vir” (*ipse est Elias qui venturus est.*) - São Mateus, Cap. 11:14.

Jesus, pois, consagrou a lei das reencarnações - da preexistência - da pluralidade de vidas corpóreas, três expressões de uma única ideia.

Foi ainda a um padre apertado por aquelas expressivas palavras do Cristo, que ouvimos a escapatória:

“João Batista foi simplesmente o Espírito de Elias - e é por isso que o Cristo disse aquelas palavras.”

Haverá mais formal confissão de que o padre reconhece, mas não confessa, antes nega?

Jesus disse: *ipse est Elias*¹⁷⁰. Não disse: *ipse est spiritus Eliae*¹⁷¹.

Como então recusar-se o sentido claro e preciso das palavras de Jesus, para dar-se-lhes um sentido de uma outra frase, que não foi empregada?

Triste efeito do fanatismo ou da má fé!

170 (Nota do Organizador) “Este é Elias”.

171 (Nota do Organizador) “Este é o Espírito de Elias”.

Diga, porém, o padre o que quiser; a verdade é que o Cristo consignou o fato de um mesmo Espírito ter tido duas existências terrestres, constituindo duas pessoas - dois homens distintos para a humanidade, que os viu, mas não podia julgá-los.

Se assim é, respondem-nos os emperrados, Cristo está em contradição: consignando o fato das reencarnações - e o do Inferno, que é impossível, se as almas volvem a novas existências.

São sempre os homens que entendem as Escrituras pela letra, sem procurar-lhes o espírito!

O Cristo, falando dos castigos depois da morte - e não podendo ensinar a lei espírita, porque a humanidade de seu tempo era atrasada, a não poder compreendê-la, como formalmente o declarou, segundo São João, usou da linguagem conhecida - deixou intacta a opinião, que não era tempo de ser substituída.

O essencial era convencer a gente de *dura cerviz* da verdade daqueles castigos; pouco importando dizer-lhes o nome e a duração.

E o Espiritismo não terá dúvida em aceitar a palavra - Inferno - a exemplo de Jesus, contanto que se entenda que as penas não são eternas.

Se o Cristo não pôde, pessoalmente, dar este ensino, pela razão por ele mesmo exposta, pode, agora, indiretamente, fazê-lo, por meio de seus emissários - e por já poder a humanidade de nosso tempo compreender o que seria indecifrável há 19 séculos passados.

O divino Mestre usou da linguagem de seu tempo - não tocou nas crenças de seu tempo, sobre o ponto em questão, mas lançou a semente da verdade, que devia um dia penetrar os Espíritos - e limpá-los daqueles erros.

Esse - *ipse est Elias* - incompatível com a ideia de - Inferno com penas eternas - é a semente plantada na alma humana para germinar na estação própria.

Já o temos dito: a evolução humana se opera por aquele modo.

O ensino divino vem *paulatim et gradatim*¹⁷², à medida que o homem vai adquirindo forças intelectuais para recebê-lo.

172 (Nota do Organizador) De pouco em pouco, gradativamente. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

E nenhuma ideia ou verdade, hoje aceita e confirmada universalmente, surgiu já formada, como Minerva saiu da espuma do mar; mas começou por entre os erros opostos, que a procuraram sufocar, qual pálida estrela em céu nublado.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 07-07-1890:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/980

Artigo CXLII - O PAIZ, 13.07.1890

O fato, desenvolvido em nosso passado artigo, de ter Jesus declarado que João Batista não era senão a reencarnação do Espírito de Elias, corta pela raiz a negação da lei da pluralidade de existências.

Aqueles que se apegam à resposta, por ele dada às comissões dos fariseus e dos sacerdotes, de não ser Elias, não consideram: que não nos é dado, enquanto estamos prisioneiros da matéria carnal, conhecer o que fomos em existências passadas.

É daí que vem acreditarmos todos que vivemos pela primeira vez - e acreditarem alguns que acabarão com esta única vida.

Se o padre, que define o futuro humano por toda a Eternidade, depois da morte - se o materialista, que só admite o - nada - quando se extingue o sopro vital - se esses pobres cegos pudessem ou quisessem ver experimentalmente, como se vê o gelo fundir-se ao calor como tantas vezes temos nós visto, o fato material, pode-se dizer, de Espíritos que foram várias pessoas na Terra, nem um nem outro insistiria em sua absurda crença.

O que pensariam esses intransigentes, que recusam, até, ver o que se lhes quer mostrar - que lançam a barra muito mais longe do que Tomé; o que pensariam, se ouvissem Motta Coqueiro¹⁷³, por exemplo, dizer-lhes: que era inocente do crime que se lhe imputou e o levou ao cadafalso; mas que essa injustiça dos

173 (Nota do Organizador) Manuel da Mota Coqueiro (1799-1855), apelidado de "A Fera de Macabu", foi rico fazendeiro da região norte fluminense, condenado à pena de morte por ter mandado matar toda uma família de colonos residente em suas terras. O caso é um dos crimes mais famosos do Brasil, pois muitos consideram que foi executado um inocente, e também pelo fato de ter sido a última sentença de morte aplicada em nosso país. (Fonte: Wikipedia)

homens serviu à justiça de Deus, punindo os crimes que cometera como Pizarro¹⁷⁴, que fora em passada existência?

O padre apelaria para Satanás, que é sua escapatória contra os fatos já irrecusáveis das manifestações dos Espíritos, blasfemando contra Deus, porque, se existisse o anjo rebelde, Deus não seria onipotente, nem onisciente, nem justo para com os homens, que, fracos, são entregues à sanha do deus do mau.

Removido, porém, esse monstro moral, filho do atraso humano, o que restaria ao padre, diante da manifestação de Motta Coqueiro, senão render-se à evidência da lei, que o próprio Cristo atestou?

É ilusão ou mistificação, diria o materialista sistemático, porque os que o são por má orientação de sua razão, não repelem a lógica das provas experimentais, como o grande William Crookes que, estudando os fenômenos espíritas para *desiludir os tolos*, reconheceu-lhes a verdade e, como sábio, digno do nome, confessou-a franca e conscienciosamente.

Se, porém, o materialista atribui à ilusão aquele fato de Motta Coqueiro, por que não fazer a experiência, com todo o rigor das cautelas?

Com muito maior razão deveria tentar tal experiência, se acredita que é inventada a história a que nos referimos.

O Espiritismo não pede a ninguém que lhe dê fé - pede, sim, que sujeitem às provas científico-experimentais os seus principais dogmas.

E é por isso que se reserva o direito de rir dos que riem dele, porque esses não podem ser senão os *tolos empavesados*.

O que é, com efeito, aquele que se atreve a falar e a julgar em matéria que não conhece?

Se se dissesse, ao menos, que o Espiritismo é crença vulgar, que não medra senão em almas obscurecidas pela ignorância crassa, aqueles pobres presumidos teriam desculpa.

Quando, porém, é conhecido que os maiores sábios do mundo estudam e confessam a verdade dos princípios e dos fenômenos espíritas, rir do Espiritismo e dos espíritas, que qualificativo pode ter senão aquele: pobres tolos empavesados?

174 (Nota do Organizador) Francisco Pizarro González (1478-1541) - conquistador e explorador espanhol que entrou para a História como "o conquistador do Peru", tendo submetido o Império Inca ao poderio espanhol.

Como qualificaria o bom senso os que zombassem da mecânica celeste, em cujo estudo trabalharam, e trabalham, os maiores vultos da ciência?

Pois é este o qualificativo que merecem os que escarnecem do Espiritismo, em cujo estudo trabalham os maiores sábios do nosso tempo.

Max considera uma glória o escárnio dessa gente, como considera alta prova de honorabilidade ser um homem vituperado pela *troupe* dos que não conhecem escrúpulos de consciência em assuntos morais.

Mas estas considerações o afastaram do seu intuito: arrancar da Antiguidade sagrada, como já o fez da profana, as provas de que a ideia da pluralidade de existências não foi desconhecida naquelas eras.

Santo Agostinho, cuja elevação intelectual não pode ser posta em dúvida, nem pelo padre nem pelo mais ferrenho materialista, exclama no “Livro 1, Cap. 6, n. 5, das *Confissões*: “*Antes do tempo que passei no seio de minha mãe, não teria eu estado em alguma parte, e sido outra pessoa.*”¹⁷⁵”

Para que o doutor angélico concebesse aquele pensamento, tão em oposição com o ensino da Igreja, que ele professava fervorosamente, é preciso que houvesse uma razão superior.

Aquilo - aquele pensamento vale pela água extraída da rocha dura pela vara de Moisés¹⁷⁶.

Pelas leis conhecidas do mundo - e até da Igreja não se pode explicar tal concepção num cérebro daqueles, aferrado a ideias opostas.

Admita-se, porém, a preexistência, e o mistério se desfaz em uma lei natural - e racional.

Os Espíritos reencarnados, quando já são elevados nas vias do progresso, se não guardam memória de suas existências passadas, porque essa é a lei das reencarnações, têm vaga reminiscência daqueles tempos - e de algum fato mais notável, que lhes aparecem como sonhos - espécie de nebulosa.

Platão precisou bem este ponto, a que filiou as ideias inatas - e de que tirou sua célebre sentença: “Aprender é recordar.”

175 (Nota do Organizador) Essa citação já foi feita por Dr. Bezerra, no artigo 61 desta coleção, à página 243 de seu 1º volume, mas faltou na ocasião fazermos referência aos detalhes de sua localização, feita felizmente, agora, pelo próprio...

176 (Nota do Organizador) Nm. 20: 1-13.

E, pois, essa incompreensível retroversão do pensamento de S. Agostinho é uma notável prova de que seu Espírito tinha a consciência da preexistência.

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13-07-1890:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1018

Artigo CXLIII - O PAIZ, 21.07.1890

Mais uma prova de que os hebreus tinham a ideia ou a intuição da lei das vidas múltiplas.

Refere o Evangelho: que, encontrando Jesus e seus discípulos um cego de nascença, que mendigava, perguntaram os discípulos ao Mestre: “Se eram os pecados daquele homem ou os de seus pais, que eram causa de haver ele nascido cego”¹⁷⁷.

Compreende-se: que perguntar se foram os pecados do homem, que o fizeram nascer cego, vale por admitir: que, antes de ter ele nascido, já pudera ter pecado.

E tão extraordinária é aquela pergunta, que o padre De Ligny diz, em sua “*Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo*”, Cap. 38, 145: que *se ignora o que os discípulos podiam ter no espírito, quando a fizeram*”.¹⁷⁸

Entretanto, o que eles podiam ter no espírito quando a fizeram, é claro como água - e não tem duas interpretações.

Stolberg, que não é suspeito de Espiritismo, mas que manifesta um espírito racional, incapaz de cerrar os olhos à evidência ou mesmo de pôr a questão e fugir à solução, declara, em sua “*História de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seu Século*”, Livro 3º, Cap. 43, 2: que a *pergunta foi evidentemente fundada sobre*

177 (Nota do Organizador) Jo. 9:2.

178 (Nota do Organizador) François De Ligny(1709-1799) - autor francês. “*Histoire de la vie de Jesus-Christ*”. Imprimerie de Crapelet, Paris 1804. Não conseguimos localizar edição brasileira dessa obra, Dr. Bezerra deve ter lido a edição francesa.

*a ideia dos discípulos, de que aquele homem, cujo castigo datava de seu nascimento, tinha pecado em UMA VIDA PRECEDENTE*¹⁷⁹.

Se a pergunta não tivesse fundamento racional - e, principalmente, se fosse como ensina a Igreja, uma sugestão de Satanás, o divino Mestre tê-lo-ia notado.

Ele, porém, longe de julgá-la tola ou pecaminosa, tomou-a em consideração para responder, o que prova que a pergunta não repugnou àquele alto Espírito.

E, pela resposta, ficará evidente este nosso conceito.

Jesus disse:

“Não é que este homem tenha pecado, nem aqueles que lhe deram o ser; mas é para que brilhem nele as obras do poder de Deus”.¹⁸⁰

Quem não vê na resposta do Cristo o reconhecimento de que bem podia ser o que julgaram seus discípulos?

“Não é que este homem tenha pecado”, isto é, se tivesse pecado, sua culpa explicaria com efeito sua cegueira!

Portanto, os discípulos, com sua pergunta, aludiram a uma existência anterior, como o confessa Stolberg - e o Cristo, dizendo que não foi aquela a causa da cegueira, reconheceu e firmou o fundamento da alusão.

Onde, porém, foram os discípulos buscar tal fundamento? Incontestavelmente na ideia vaga que tinha, àquele respeito, o povo hebreu.

É, portanto, verdade: que na Antiguidade sagrada já havia, com o reconhecimento das maiores autoridades, a ideia das vidas múltiplas, a qual serve de base ao Espiritismo.

Jesus não disse que o homem não tivera pecado, tanto que usou da mesma frase em relação aos pais, que ninguém acreditaria terem sido impecáveis.

O que ele disse, em espírito, é que o fato de nascer cego tinha razão, que sobrelevava àquela, de que cogitaram os discípulos: fazer brilhar o poder de Deus.

179 (Nota do Organizador) Friedrich Leopold Stolberg (1750-1819) - autor alemão. “Histoire de Notre Seigneur Jésus-Christ et de son siècle”. Ed. La Librairie de Piété Et D’Éducation D’Auguste Vatou - Paris, 1843. Idem anterior, também não conseguimos identificar edição brasileira dessa obra.

180 (Nota do Organizador) Jo. 9:3.

Este ponto, porém, conquanto de alto valor cosmogônico, afasta-se do nosso assunto - e, conseqüentemente, não nos importa estudar aqui.

Nicodemos, fariseu e senador judeu, pede a Jesus explicação sobre a vida futura e Jesus lhe responde:

“Em verdade, em verdade, vos digo: ninguém poderá ver o reino de Deus, se não *re-nascer*”.¹⁸¹

É este mais um testemunho que deu o Messias da verdade do dogma espírita - pluralidade de existências.

E este, reunido ao que se refere a João Batista e ao que se refere ao cego de nascença, forma uma tríplice prova, a que só a ignorância ou a má-fé podem opor barreira.

Três vezes Jesus afirmou a existência daquela sublime lei!

Desta última, dizem os padres: que a frase verdadeira é: se não renascer da água do Espírito Santo, donde o argumento de que Jesus falava do batismo, pelo qual a alma renasce para a vida eterna.

Ou há muita ignorância ou há muita má-fé nesta interpretação, para a qual recorreu-se ao meio de alterar-se o texto original, introduzindo-se na tradução as palavras - Espírito Santo - as quais lá não figuram.

Há, porém, um valente meio de cortar a dúvida sobre conferir, ou não, o texto original com a tradução.

Nicodemos entendeu as palavras de Jesus, no sentido de renascer-se do ventre de mulher - e replicou:

“Como renascer um homem que já é velho?”¹⁸²

Jesus respondeu:

“... não vos admireis de vos eu dizer: que é preciso nascerdes de novo. O espírito sopra aonde quer - e vós ouvis-lhe a voz, mas não sabeis donde vem, nem para aonde vai.”¹⁸³

Se o modo por que Nicodemos compreendeu a lição do Mestre, tivesse tão fácil explicação, como é o batismo, Jesus teria explicado seu engano.

Ele, porém, lhe disse que aquela questão era uma das coisas do Céu, o que indica, claramente: que não se referia ao batismo

181 (Nota do Organizador) Jo. 3:3.

182 (Nota do Organizador) Jo. 3:4.

183 (Nota do Organizador) Jo. 3: 7-8.

na Terra, mas, sim a uma ordem superior, que não explicava, porque a humanidade não podia ainda compreendê-la.

O que fica patente desta discussão é: que Jesus disse que é preciso renascer e que, se se referisse ao batismo, ele não teria ocultado o sentido de suas palavras.

E, demais, já vimos que ele atestou o renascimento, atestando a preexistência.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 21-07-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1075

Artigo CXLIV - O PAIZ, 27.07.1890

Não são somente as citações que temos feito, as provas de que a Antiguidade sagrada teve ciência do alto princípio das vidas múltiplas da alma.

Pelo “Zohar”, repertório das doutrinas secretas dos judeus, como os Mistérios o eram das dos gentios, se reconhece quanto já eram cultivados aquele e outros princípios da cosmogonia moderna.

E a doutrina do “Zohar”, conquanto o livro date do século 13¹⁸⁴, foi transmitida, por tradição, desde Abraão, segundo uns - desde Moisés, segundo a versão mais corrente, que a tinha como comunicada pelo patriarca a setenta anciãos, ao mesmo tempo em que dava ao povo a lei do Sinai.

O que é, pois, “Zohar”?

A alta filosofia dos hebreus, conhecida pelo nome de - Kabbalah [ou Cabala]¹⁸⁵ - compunha-se de duas partes distintas: “A história da criação e o carro celeste ou explicação da natureza divina e do mundo espiritual.”

A primeira não podia ser explicada senão a uma única pessoa - e isso mesmo era preciso que se tivesse certa idade, para poder ser admitido ao ensino.

184 (Nota do Organizador) O “Zohar” apareceu pela primeira vez na Espanha, no século XIII. Foi publicado por um escritor judeu chamado Moses de Léon (Moshe ben Shem-Tov), tendo por autor o rabbi Shimeon Bar Yohai, o Rashbi. (Fonte: Wikipedia)

185 (Nota do Organizador) A palavra tem origem hebraica, e traduz-se por “recepção”. (Fonte: Wikipedia)

A segunda, porém, chamada a “Santa Mercabad”, só podia ser ensinada a um velho predestinado por Deus para receber aquele ensinamento¹⁸⁶.

A Cabala ensinava a pluralidade dos mundos e a das existências, como se vê do “Zohar”, onde se acham consignadas as ideias daquela superior filosofia.

Há, pois, um livro que remonta à mais remota Antiguidade - porventura a primeira idade do mundo, onde se encontra o dogma espírita da pluralidade das existências.

Dizendo que o “Zohar” remonta aos tempos primitivos, não se veja nisso contradição com o que enunciamos: de datar ele do século 13.

Deixamos ligeiramente explicada essa aparente discordância - e vamos explicar acentuadamente este ponto de grande importância para nossa questão.

Franck, o sábio orientalista¹⁸⁷, ensina o que colheu de suas profundas indagações, comprovadas pela História e pelos monumentos religiosos do povo hebreu, isto é: que Moisés ensinou a setenta anciãos a doutrina cabalística - e que estes a transmitiram a outros, que a passaram a seus sucessores - e, assim, de geração em geração, até o século 13, em que foi consolidada no “Zohar”, que é atribuída, à redação de Simão ben Jochai¹⁸⁸.

186 (Nota do Organizador) Para saber mais sobre a Cabala, sugerimos a leitura da obra “Noções Elementares de Cabala, A Tradição Esotérica do Ocidente”, de Francisco Valdomiro Lorenz, Ed. Pensamento, SP. A essas duas partes a que se refere Dr. Bezerra, por exemplo, Lorenz as reúne naquilo a que denomina de “Cabala Teórica”, descrevendo-a nos seguintes termos: “Esta parte contém as tradições patriarcais sobre o santo mistério da Divindade; sobre a criação espiritual e a queda dos anjos; sobre a origem dos caos e da matéria, e sobre a renovação do mundo nos sete dias da criação; sobre a criação do homem visível, sua queda e os caminhos divinos que conduzem à sua reintegração. Em outras palavras, a Cabala teórica trata: 1) da obra da criação — (Maasseh Bereshit); 2) da essência divina e seus modos de manifestação, a que os cabalistas dão o nome de Carro Celeste (Merkabah)”.(Pág.8).

187 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra aqui provavelmente se refere a Adolphe Franck (1809 - 1893), filósofo judeu-francês que se especializou em misticismo judaico, cuja obra mais famosa tem exatamente por título “La kabbale, ou, La philosophie religieuse des Hébreux (A Cabala, ou a Filosofia Religiosa dos Hebreus), uma obra de 1843, e que também traduziu o “Zohar” para o francês. (Fonte: Wikipedia)

188 (Nota do Organizador) Variação da transliteração indicada acima, nota 184.

Assim, pois, embora o livro seja novo, sua matéria é anti-quíssima, do mesmo modo como aconteceu com o - Mixná¹⁸⁹ - o Talmude de Jerusalém - e o da Babilônia, que foram formados da tradição de diferentes idades e das lições de diversos mestres, ligadas por um princípio comum.

Mesmo, tendo sido publicado no século 13, o “Zohar” não compreende senão tradições, que, quando muito, tiveram origem até o século VII da nossa era.

Assim o afirma o sábio Frank - e corrobora seu juízo com os seguintes argumentos¹⁹⁰:

“Com efeito, não podemos atribuir a uma época mais próxima, não direi a tradição, mas a existência das tradições tão uniformes e ligadas pelo espírito que as anima, porque já não era conhecida a “Mercabad”, esta parte da Cabala, a que o “Zohar” é especialmente consagrado, e Simão ben Jochaï nos ensina que ele teve predecessores.

“É por igual difícil faze-las nascer em um tempo mais próximo de nós; *primeiro*, porque nenhum fato conhecido a isso nos autoriza - e *segundo*, porque depois daquele tempo (7º século) não mais se acha, nem mesmo se pode admitir o uso do dialeto hieraslímico, que é a língua em que foi composto o “Zohar”.

“Assim, pois, as dificuldades que se encontram nas opiniões opostas à nossa, tornam-se, em vista destas razões, fatos positivos, que confirmam nosso modo de ver - e que, entre as provas de que nos temos servido, não devem ser contadas como as mais fracas.”

A Antiguidade do “Zohar” não pode, portanto, com boas razões, ser constestada.

E a prova mais robusta de que ele não contém ideias do século em que foi publicado, está em que Moisés Botril¹⁹¹, em 1409,

189 (Nota do Organizador) “Mixná Torá” (1170-1180) - Reiteração da Lei, também conhecida por “A mão forte”, é um código legal em 14 volumes, escrito pelo rabino Moshe ben Maimon, o maior erudito judeu da Idade Média.(Fonte: Wikipedia)

190 (Nota do Organizador) Localizamos as citações feitas por Dr. Bezerra da obra citada de Adolphe Frank em sua Parte Primeira, Capítulo III, Pág. 135, Ed. Librairie de L. Hachette, Paris, 1843.

191 (Nota do Organizador) “Moisés Botril” é o aporuguesamento de “Moïse Botril”, forma pela qual esse autor é apresentado na obra de Franck. Moses Bo-

ainda assim se exprime sobre a Cabala e sobre as precauções com que é preciso ensiná-la, sem contradizer as ideias do “Zohar”:

“A Kabala é a filosofia mais pura e a mais santa: somente sua linguagem é diferente da linguagem da filosofia.

“Ela é assim chamada, porque não se firma no raciocínio, mas sim na tradição.”

Compreende-se que, se o “Zohar” não compreendesse as puras ideias da Cabala, Moisés Botril, ou aceitaria sua norma, e não se firmaria exclusivamente na tradição- ou ficaria no seu posto, e combateria a obra, de que Simão ben Jochai é considerado o principal autor.

Além disso, Simão ben Jochai era um chefe da escola cabalística, sistemático, portanto, para aceitar as novas ideias - e era um homem santo, como se vê no relatório de sua morte, redigido pelo Rabi Aba:

“A lâmpada santa (assim chamavam seus discípulos a Simão) não tinha acabado a frase - e eis que cessaram as palavras... eu não levantava os olhos, porque a luz era de cegar ... de repente, ouvi uma voz que dizia: longos dias, anos de vida e de felicidade se abram diante de ti ... depois ouvi outra voz dizer: *ele te pedia a vida - e tu lhe concedes anos eternos ... durante o dia, ninguém pôde aproximar-se do corpo, por causa do fogo e da luz, que o envolviam ... quando o corpo foi tirado do catafalco, viu-se-lhe a figura nos ares - e um fogo brilhante inundava sua face ... depois, ouviu-se uma voz que dizia: vinde à festa nupcial do Rabi Simão.*”

Um homem que era assim objeto da adoração dos energúmenos cabalistas, não podia escrever um livro que destoasse das doutrinas da grande filosofia.

O “Zohar”, portanto, não contém, não pode conter senão a pura doutrina kabalística, que não é, como vimos por Frank e por Botril, senão a tradição dos séculos, que se perdem na noite dos tempos.

tarel foi um estudioso espanhol dos séculos XIV e XV. É o autor de uma obra de comentários sobre o “Sefer Yezirah” - “O Livro da Formação” - apontado como o primeiro livro filosófico escrito em hebraico, tratando da origem do cosmos e da humanidade. (Fontes: <http://www.jewishencyclopedia.com> e Wikipedia). Parece-nos que Dr. Bezerra extraiu e traduziu a citação de Botril da própria obra de Adolphe Franck, citada acima, às páginas 95/96 - mesma edição.

Vejamos, pois, o que se acha neste repertório da mais remota Antiguidade sagrada.

Max
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 27-07-1890:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1109

Artigo CXLV - O PAIZ, 04.08.1890

Continuemos o ligeiro estudo, que iniciamos, do livro atribuído a ben Jochai - e que tem o nome de - "Zohar".

Dissemos vagamente: que ele encerra uma doutrina ensinada por Moisés, em que estão consignadas as ideias da pluralidade de mundos - e da pluralidade de existências da alma.

Estas duas ideias são tão ligadas entre si, que podem ser ditas: complementares uma da outra.

Isto é confirmado pela cosmogonia espírita, que, estabelecendo o princípio das vidas sucessivas, como condição do progresso humano, requer a pluralidade dos mundos, quais degraus de uma escada para os que sobem em perfeições.

Compreende-se: que um Espírito, cujo adiantamento já ultrapassa os limites das condições da Terra, não pode mais ser habitante deste planeta atrasado ou de outro de sua ordem; mas sim precisa de uma habitação mais conforme com suas condições de progresso.

Assim, pois, à pluralidade de existências, faz-se mister a pluralidade de mundos.

O "Zohar" consigna uma e outra espécie; e, pois, não é ocioso, ao nosso fim, estudar uma e outra.

Começemos pela primeira: pluralidade de mundos ou de habitações dos Espíritos.

Na terceira parte do "Zohar", folha 10, encontra-se o seguinte trecho:

"Na obra de Chamouna, o velho, é dada, com longo ensino, a prova de que a Terra gira sobre si mesma, em forma de círculo esférico. Alguns de seus habitantes estão do lado de cima, en-

quanto outros estão do lado de baixo, mudando de posições, em virtude do movimento de rotação, sem que percam o equilíbrio.

“Assim, um certo país da Terra acha-se esclarecido (é o dia) enquanto um outro está em trevas (é a noite) - e há países onde a noite é muito curta.”

Em presença deste trecho, os céticos materialistas alcu-nham de falsa a antiguidade do “Zohar”, sustentando que aque-las ideias só podiam ter curso depois de Copérnico e de Galileu.

É o eterno argumento dos que só admitem o que já é sabido e registrado pela ciência!

Frank responde nos seguintes termos:

“Perguntam: Como n’um tempo, de nós tão distanciado, pô-de-se conhecer o princípio que faz a base da cosmografia de nos-sos dias, ou o sistema de Copérnico, tão claramente resumido naquela passagem?

“Responderemos: que, mesmo no caso de ser o “Zohar” uma impostura do século 13, aquele trecho era conhecido antes do nascimento do astrônomo prussiano.

Demais, as ideias ali consignadas, eram conhecidas dos an-tigos; pois Aristóteles as atribui à escola de Pitágoras, nestas pa-lavras: *quase todos os que pretendem ter estudado o céu, afirmam que a Terra está no centro; mas os filósofos da escola itálica, cha-mada pitagórica, ensinam o contrário; isto é: que o centro é ocupa-do pelo fogo (Sol) e a Terra é uma estrela, cujo movimento circular em torno daquele centro produz a noite e o dia.*

“Em seus ataques contra a filosofia (continua Frank) os primeiros padres da igreja não pouparam a ideia enunciada no “Zohar”, que lhes parecia inconciliável com a do Gênesis.

“Lactâncio diz: *“É absurdo crer que há homens com os pés para cima e a cabeça para baixo - e países onde tudo está revirado, onde as árvores crescem de cima para baixo. Acha-se o germe des-te erro nos filósofos, que pretendem dar à Terra a forma redonda.”*

“Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, exprime-se pouco mais ou menos nos mesmos termos.

“Enfim, mesmo os autores os mais antigos da “Guemara”¹⁹² tinham conhecimento dos antípodas e da forma esférica da Terra, porque lê-se no Talmude de Jerusalém: que Alexandre, o Grande,

192 (Nota do Organizador) Parte do Talmude que contém os comentários e aná-lises rabínicas da Mishná. (Fonte: Wikipedia)

percorrendo a Terra, para conquistá-la, aprendeu que ela é redonda; donde o representaram com um globo na mão.

“Assim, os incorrigíveis impugnadores de toda a verdade divina ficam batidos e esmagados.

“Citemos um grande erudito, que tem o senão de dar muito crédito a doutrinas infantis; mas, às vezes, vê claro. Falamos de M. de Mirville. Ele rende preito à Antiguidade e à importância do “Zohar” - e, sobre a questão que nos ocupa, diz: *Procuremos a última palavra no “Zohar”, esta enciclopédia tão antiga, e entretanto tão pouco conhecida, livro verdadeiramente singular que o Dr. Sepp considera com razão destinado à futura solução de muitos enigmas - e que nosso amigo M. Drach chama: um livro eminentemente cristão, ou antes: o repertório das tradições hebraicas as mais puras e as mais antigas.*

“Eis, pois, (conclui Frank) que no “Zohar”, terceira parte, folha 4, se encontra, largamente, explicado, segundo Drach, que a Terra roda sobre si mesma, em razão do movimento peculiar a todos os corpos esféricos... e este mistério foi confiado aos mestres da sabedoria e não aos geógrafos, porque é um mistério profundo da lei.¹⁹³”

Por mais longa que pareça esta múltipla citação, não quisemos nós privar o leitor do gosto de apreciar uma prova cabal: 1^a - de que a Antiguidade conheceu o sistema de Copérnico, e 2^a - de que os pessimistas materialistas não podem erguer a voz para contestar a importância do “Zohar”, depois da argumentação de Frank.

Por ela ficou provado: que, independente do “Zohar”, há notáveis documentos da existência do sistema de Copérnico no conhecimento da Antiguidade profana; o que destrói a impugnação contra o mesmo fato consignado em obra da Antiguidade sagrada.

Reconheçam, pois, que as grandes verdades sempre existiram, em germe, na Terra.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 04-08-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1156

193 (Nota do Organizador) Franck, Adolphe. “La Kabbale” - obra já citada. Cap. III, Págs. 135 a 140.

Artigo CXLVI - O PAIZ, 11.08.1890

No passado artigo, levado pela necessidade de defender a autenticidade do “Zohar”, impugnada pelos materialistas de par com os católicos, limitamo-nos a dar a prova da antiguidade do conhecimento, não só da forma e da posição da Terra no sistema planetário, como até do seu duplo movimento rotatório e de translação em torno de seu eixo - e em torno do Sol, ali chamado - fogo.

A prova da pluralidade dos mundos, quase que decorre do fato estupendo de dar o “Zohar” todos os elementos do sistema cosmográfico moderno.

Há, porém, prova direta, que, para não reincidirmos em longas citações, apontaremos, apenas, indicando onde se pode procurá-la; mesmo porque nosso principal fim não é provar aquela tese, mas, sim, a sua co-relativa: pluralidade de existências da alma.

Quem tiver curiosidade de verificar o que diz o “Zohar” sobre a pluralidade de mundos habitados, leia Frank, à pág. 136 de sua obra, denominada - “La Kaballe”¹⁹⁴ - e leia o que Flammarion, em seu livro - “A pluralidade dos mundos habitados” - págs. 424-449, extraiu do livro de ben Jochai¹⁹⁵.

Sobre as vidas múltiplas, aquele antiquíssimo livro nos dá claras noções, quer se referindo à preexistência, quer à necessi-

194 (Nota do Organizador) Já citada acima - vide nota 187, à página 148 desta edição.

195 (Nota do Organizador) A paginação indicada por Dr. Bezerra refere-se à 3ª edição francesa do clássico de Flammarion. Infelizmente não conseguimos localizar o ponto exato da citação.

dade de sucessivas provas, para o Espírito purificar-se e poder subir ao foco da luz espiritual.

“Assim como antes da criação, todas as coisas deste mundo estavam presentes ao pensamento divino, sob as formas que lhes são próprias; assim, todas as almas humanas, antes de descerem à vida terrestre, existiam diante de Deus, sob a forma que guardam - e tudo o que aprendem na Terra, elas já sabiam antes de aí descer”.¹⁹⁶

É positivo o pensamento da escola kabalística, enunciado no trecho acima transcrito.

Parecerá, pela construção da frase, que o autor se refere ao princípio ou origem das almas, o que tanto dá para a doutrina das vidas múltiplas, como para a da vida única.

De fato, dizer-se: que as almas já existiam na presença de Deus antes de virem ocupar um corpo, coisa é que não implica mais de uma existência corpórea, embora possam também aplicar-se no caso de múltiplas existências.

O último período, porém, do trecho transcrito, dissipa qualquer dúvida, resolvendo, terminantemente a questão pela doutrina das vidas sucessivas.

“... e tudo o que aprendem na Terra, eles já sabiam antes de aí descer.”

É a pura doutrina de Platão, que se consubstanciava na frase, em que ele tanto insistia, como expressão de alta verdade - “aprender é recordar”.

Se Deus criasse as almas já sabendo o que aprendem na Terra, seria o responsável pela diferença do saber humano - e, portanto, da capacidade de cada uma.

Mas isto seria simplesmente admitir: que a justiça indefectível dá a um de seus filhos mais do que dá a outros; o que vale por blasfêmia.

Logo, dizer: que as almas já sabem o que aprendem na vida terrestre, é firmar o princípio de que elas já aprenderam por si, antes de virem à Terra, isto é: antes de virem a esta vida, que nós supomos ser a única da Terra.

E como aprenderam por si, senão em existências anteriores, uma vez que ninguém pode adquirir conhecimentos senão por meio dos órgãos materiais que servem à inteligência?

196 (Nota do Organizador) “Zohar”, Parte III, Folha 61. (Fonte: https://archive.org/details/bub_gb_Go8E788PapkC)

O último período, pois, daquele trecho do “Zohar” não tem - não pode ter outra interpretação: vidas anteriores àquela em que descem as almas à Terra; nas quais têm colhido os conhecimentos, que nesta recordam.

Assim, a desigualdade de saber e de capacidade, em vez de ser obra do Criador, depondo contra sua justiça, é obra das próprias almas, pelo maior ou menor esforço que empregaram em desenvolver sua inteligência.

O fato, pois, de consignar o “Zohar” à reminiscência do passado, na presente existência corpórea, revela clara e positivamente a ideia do autor, que lhe foi transmitida por tradição, de longas eras: de que as almas, antes de descerem à Terra, ou à presente vida corpórea, já foram na presença de Deus a prestarem contas de outras iguais existências.

Ou, reduzindo a questão à sua mais simples expressão: aquele fato revela que o “Zohar” atesta a preexistência das almas.

Esta conclusão, além de ser rigorosamente lógica e racional, é confirmada pelo seguinte trecho, também do “Zohar”:

“Todos os que fazem mal neste mundo, já começaram, no Universo, a se afastarem do Santo.¹⁹⁷”

Aqueles, pois, que fazem mal neste mundo, ou nesta vida, já se afastaram do Santo, isto é, do Bem, antes de virem cá, ou em outras existências que tiveram no Universo, isto é, nos mundo onde têm encarnado.

Como poderiam eles afastar-se do Santo, se não tivessem usado de sua liberdade - se tivessem sido criados para esta única existência?

Ainda confirma aquele conceito a doutrina das múltiplas provas das almas para ascenderem nas vias do progresso, doutrina consignada no “Zohar”.

“Todas as almas passam pelas provas da transmigração e os homens não sabem quais são, a esse respeito, as vistas do Altíssimo - não sabem como são julgados *em todos os tempos, e antes de virem a este mundo* e quando o deixarão. Eles ignoram quantas transformações e provas são obrigados a fazer, quantas almas e Espíritos vêm a este mundo, que não voltarão ao palácio

197 (Nota do Organizador) “Zohar”, 3a. Parte, Folha 61-verso. (Fonte: https://archive.org/details/bub_gb_Go8E788PApkC)

do Rei Celeste. Todos estes mistérios é tempo, enfim, de serem desvendados.¹⁹⁸”

Sob a forma simbólica, não se pode dizer mais claro, a respeito da pluralidade das existências, que resulta da pluralidade das provas.

O “Zohar”, portanto, que encerra a tradição mais antiga de que há conhecimento - a tradição que vem de Moisés, ensina, sob o véu do mistério, véu perfeitamente transparente, não somente a preexistência como a multiplicidade das provas da alma.

É, pois, o princípio básico do moderno Espiritismo, ou revelação complementar da messiânica, coisa conhecida dos homens, desde os tempos primitivos.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 11-08-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1201

198 (Nota do Organizador) “Zohar”, 2a. Parte, Folha 99. (Fonte: https://archive.org/details/bub_gb_Go8E788PApkC)

Artigo CXLVII - O PAIZ, 18.08.1890

Temos analisado os *Mistérios* dos gentios, ou alta ciência revelada somente aos maiores vultos da Antiguidade profana - e deles temos colhido provas positivas de que era corrente entre os sábios daqueles tempos o princípio da pluralidade das existências da alma.

Temos passado, com o mesmo resultado, dos Mistérios profanos aos sagrados do povo hebreu, ensinados pelo próprio Moisés.

Vamos hoje iniciar o estudo dos Mistérios cristãos, como podem ser chamadas as ideias compendiadas por Orígenes, talvez o mais possante intelecto da Antiguidade sagrada.

Orígenes elevou-se a tão grande altura, no intuito de justificar a Providência - de explicar a origem do Bem e do Mal - e de revelar a lei do destino humano, que não pôde ser compreendido pela humanidade de seu tempo.

Tratando-se, porém, daquelas questões, que a Igreja resolvia (e ainda hoje mantém sua resolução) no sentido de atribuir a Deus a verdadeira origem do Mal - e de reduzir nosso destino a pouco mais que o dos animais, o sublime filósofo cristão semeou as ideias, que hoje é que acharam as condições de germinar.

É preciso que todos saibam: que não vamos consultar a simples filósofo, mesmo a um filósofo cristão; mas, sim, a um que foi padre da Igreja e um dos seus mais brilhantes luminares.

Em sua obra “De Principiis”, Livro 2, Cap. 9, art. 7º, Orígenes sustenta: “que as causas da variedade das condições humanas provêm *de existências anteriores* - quoniam justitia debet Creatoris in omnibus apparere - porque a justiça do Criador deve aparecer em todas as coisas”.

É como disse Jesus a respeito de um cego de nascença: “Não é por seus pecados, nem pelos de seus pais, mas para que se manifeste a justiça do Senhor.”¹⁹⁹

Como pode manifestar-se a justiça do Senhor em um cego de nascença e na variedade de condições humanas?

Muito simplesmente, como ensina Orígenes: considerando-se a união da alma a um corpo como punição.

Não é punição pelo pecado de Adão e de Eva, porque neste caso todos os descendentes do primeiro par humano têm igual culpa a purgar - e, portanto, ou todos deveriam nascer perfeitos, ou todos nascerem cegos, como esse sobre qual foi Jesus interpe-lado pelos discípulos.

E como brilhar a justiça do Senhor, diante do fato de nascer um cego, mudo, surdo, em razão do pecado original, quando, em geral os homens nascem, apesar do pecado original, sem aqueles estigmas?

Em vez de justiça, tais diferenças revelam clamorosa injustiça!

Explique, pois, a Igreja, se é capaz, o ensino de Jesus, mantendo o princípio da vida única.

O que disse Jesus e foi reproduzido por Orígenes, não pas-sará de uma estultice, se é verdade que só temos esta existência, como ensina a Igreja.

E assim, este princípio expõe a justiça do Senhor - e a razão, senão o simples bom senso de Jesus Cristo.

Só isto basta ao que crê em Deus e na verdade da Revelação do Cristo, para repelir, como falso, o princípio da vida única da Igreja, porque falso é tudo o que rebaixa os supremos atributos do Criador.

Há, porém, prova direta desta falsidade - e explicativa, a sabor da razão e da consciência, não só do trecho de Orígenes, como das palavras de Jesus.

E da Escritura Sagrada:

“Nem o pai pagará pelo filho, nem o filho, pelo pai, mas cada um pagará por suas obras”.²⁰⁰

199 (Nota do Organizador) Jo. 9:3.

200 (Nota do Organizador) Ez.18:20. Vide a respeito a nota 25 do 1º volume desta coleção. As palavras variam, de tradução a tradução, mas o ensino se conserva o mesmo.

Sobre este pedestal brilha, com efeito, a justiça do Senhor, lançando por Terra a lenda impossível do pecado original.

Mas, se cada um pagará por suas obras, que obras pode ter feito o Espírito do que nasce cego, para merecer tão dura pena?

Compreende-se que falamos no sentido da Igreja - na hipótese de uma vida única.

Mas, se, além de ser ensinado por Deus, é de razão e de absoluta justiça: que cada um sofra a pena de sua falta - e só a de sua falta, é óbvio que o que nasce com o estigma de uma punição, cometeu falta antes de nascer.

E como isto, se não tiver vivido - se não tiver agido livremente, antes de nascer nesta vida?

Ou Deus é injusto, tirando a uns o que dá a todos - ou é falsa a doutrina da vida única.

Consideremos, porém, a das vidas múltiplas - e procuremos explicar, à sua luz, estes fatos, que parecem depôr contra a justiça de Deus.

Desde que os Espíritos já vêm a esta vida, tendo passado por outras, compreende-se que chegam aqui, cada um com sua carga de passadas culpas a purgar - e que uns vêm mais e outros menos carregados.

Ora, o que é senão justiça: que os menos carregados nasçam perfeitos - e aqueles que se destacaram do comum, praticando as mais horríveis faltas, venham, desde o nascer, com o estigma de duras penas?

Eis, pois, como têm o cunho da mais elevada sabedoria as palavras de Jesus, a respeito do cego de nascença - e como tem razão Orígenes, padre da Igreja - Espírito verdadeiramente missionário, para ensinar a doutrina das vidas múltiplas, compreendendo: que a união das almas a corpos é um meio de punição - e que a variedade de condições dos homens, nesta vida, faz brilhar a justiça do Senhor.

“Mens corruens facia est anima: o Espírito caído em culpa foi feito alma - e a alma regenerada tornar-se-á puro espírito.” (“De principiis”, cap. 7, art. 3^o)²⁰¹

Desdobre-se esta frase - e teremos, ensinado por Orígenes, desde os primeiros séculos da era cristã, a pura Doutrina Espírita: da pluralidade de existências, como meio de desenvolver-se a

201 (Nota do Organizador) Aqui parece ter havido um pequeno lapso na citação. Faltou dizer o livro - que é o 2^o, e o capítulo é o oitavo. O artigo 3^o está correto.

perfectibilidade humana, valendo cada existência para lavarmos as faltas das passadas - e fazermos esforços para subirmos na infinita escada do progresso.

Esta opinião de um homem tão sábio e tão profundamente versado nas Sagradas Letras, como o qualifica Santo Agostinho, deve pesar um pouco no ânimo dos que costumam rir do Espiritismo, sem pensarem que estão dando de si a mais triste cópia!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 18-08-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1242

Artigo CXLVIII - O PAIZ, 25.08.1890

Depois do juízo de Santo Agostinho sobre o vulto que foi Orígenes, compreender-se-á o valor que tem um pensamento de um homem *tão sábio e tão versado nas Sagradas Letras*.

Orígenes ensinou que as almas, depois de suas sucessivas purificações, entram, revestidas de um corpo etéreo, no seio de Deus; mas, como só Deus é imutável, elas voltam aos corpos, para novas purificações, em novas vidas: “Nulli dubium est corpora non principaliter existire, sed per intervallo.”

É a pura Doutrina Espírita: valendo-se o corpo etéreo pelo Perispírito - e o seio de Deus pelo espaço, onde param os Espíritos até reencarnarem.

“Elevando-se, pouco a pouco, os Espíritos chegarão a este mundo (Terra) e à ciência que aí se conhece. Daí subirão a melhor mundo e finalmente chegarão a um estado, ao qual nada mais tem que ajuntar” - “De Principiis”, Livro 1, Cap. 6, art. 9^{o202}.

Eis aí a progressividade do aperfeiçoamento das almas, mediante as vidas sucessivas; o que está de acordo com o caráter essencial da humanidade - a perfectibilidade.

202 (Nota do Organizador) Cabe aqui um pequeno reparo: essa citação se encontra no Livro 3º, o restante da referência está correto. A diferença de palavras, no entanto, pode dificultar na sua exata localização. Vale lembrar que Dr. Bezerra compulsava essas obras diretamente do latim, trazendo-nos traduções de sua própria lavra. É claro que em contexto e época tão diferentes da nossa, as palavras escolhidas fossem outras. Veja-se a seguir a tradução atual, para o mesmo trecho: “progredindo pouco a pouco, e ascendendo com ordem moderada, [os Espíritos] chegarão de início a essa terra e à instrução que nela é dada, onde serão preparados para regras melhores, às quais nada pode ser acrescentado” (“Tratado dos Princípios”. Ed. Paulus, Ed. 2012).

Pode alguém, ainda mesmo o mais ferrenho positivista, pôr em dúvida que o ser humano é perfectível?

Mas, se a perfectibilidade é caráter essencial do homem como explicar-se o fato de simples observação - de acabarem uns no mais alto grau de adiantamento - e outros no mais completo atraso?

Se é lei da humanidade, todos, sem exceção, lhe estão sujeitos.

Ora, na hipótese de uma vida única, alguns, e bem poucos somente, é que lhe sentem a ação. Isto, digam o que quiserem, não se concilia com a razão e revolta nossa natureza ou instinto humano.

Orígenes, elevando-se à altura do que era um mistério, esclareceu-o, embora contrariasse a doutrina da Igreja; o que melhor prova a força de sua convicção.

A pluralidade de existências acaba com o que há de repugnante e impossível naquele fato das quase infinitas diferenças humanas nesta vida.

Assim como dois viajantes de que um tem mais velocidade e maior empenho, chegam a um ponto, a que se dirigem, embora o mais veloz e mais diligente chegue primeiro - e lá vão ambos, porque o retardatário tem à sua disposição, em dias, o que lhe falta em ligeireza; assim, também a alma que acaba na vida distanciada de outra, moral e intelectualmente, terá em outras existências o meio de aperfeiçoar-se, como aquela - e de chegar, embora retardada, ao ponto a que ela chegar - ao máximo da perfectibilidade humana.

E todos os homens de condições tão distintas nesta existência, se nivelarão no fim das existências.

É para admirar que um padre da Igreja tenha conseguido romper os preconceitos impostos como dogmas à crença dos fiéis - e elevar-se às alturas de ver o erro *sagrado* e a verdade que o esmaga!

Orígenes, como se vê, não teve só a intuição sublime da pluralidade de existências - teve-a também da pluralidade de mundos habitados - e, o que é mais, de mundos mais atrasados e mais adiantados.

Ele fala de Espíritos que sobem até à Terra - e que se elevam da Terra a mundos superiores.

As altas inteligências são as águias da humanidade: vão além das nuvens colher a luz.

Ver uns tantos sábios de carregação zombar do que ocupou imensa personalidade, que se chamou Orígenes, não é coisa de fazer dó?

Continuemos, porém, a consultar o grande vulto da Antiguidade sagrada.

“As criaturas racionais foram dotadas de livre-arbítrio - e essa liberdade da vontade levou cada uma delas, quer ao movimento para diante, quer ao movimento para atrás, donde a origem da diversidade de condições dos homens, que a Providência galardoa ou pune, sem faltar à lei da igualdade - dando a cada um segundo suas obras.” - “De Principiis”, Livro 2, cap. 9²⁰³.

Vê-se, por esta clara exposição, que Deus entregou a cada Espírito o seu próprio destino - e que, portanto, aquele que fez mau uso do seu livre-arbítrio, atrasando por isso sua marcha nos dias do progresso, não pode aparecer nesta existência, em que o conhecemos, em condições comparáveis às do que fez bom uso daquele excelso dom, adiantando grandemente sua ascensão.

Vem daí, exatamente, como ensina o Espiritismo, a diversidade inexplicável no sistema de uma vida única, das disposições inatas ou congênicas, em relação à ciência e à moral: a Verdade e o Bem.

Quem desconhece a existência, no seio da humanidade terrestre, de uns tantos indivíduos incapazes de chegarem à ciência, a par de outros que lhe alargam o círculo - bem como de outros tantos refratários ao Bem, desde a mais tenra infância, a par de outros que nascem com os sinais do que a Igreja chama - a vocação?

Pois bem: esta diversidade não é original - não pode ser atribuída ao Criador, que revelaria injusta e injustificável parcialidade; esta diversidade, explica-a Orígenes, e ensina-a o Espiritismo, procede exclusivamente do ser racional, que, no exercício de sua

203 (Nota do Organizador) Apenas para facilitar a localização exata da referência, pode-se acrescentar - parágrafo ou item 6. A tradução atual também difere um pouco da reproduzida por Dr. Bezerra, vale a pena trazê-la, para facilitar a sua identificação: “Como, porém, as próprias criaturas racionais receberam a faculdade do livre-arbítrio, a liberdade da sua vontade convidou cada uma a progredir pela imitação de Deus, ou a arrastou na regressão por causa da sua negligência; essa questão já a demonstramos muitas vezes e voltaremos a demonstrar no seu lugar. E isso foi, como já o dissemos antes, causa da diversidade entre as criaturas racionais, sem que isso venha da vontade ou da decisão do Criador, mas das escolhas da liberdade própria”. (“Tratado dos Princípios”, Ed. Paulus, Ed. 2012)

liberdade, faz mais ou faz menos esforços por desenvolver sua intelectualidade e sua moralidade.

Os gênios que admiramos, foram criados nas mesmas condições e com os mesmos dotes dos que mal podem compreender uma regra da gramática de sua língua.

Se aparecem, entre nós, tão sublimados, a si - a seu esforço, a devem; como a si e somente a si podem acusar os que vêm nas mais rudes condições.

Em moral, observa-se a mesma lei - e explicam-se os fenômenos pelo mesmo modo.

É, pois, na História da evolução, que não na da origem dos Espíritos, que se deve procurar a causa da diversidade desses mesmos Espíritos.

“A maneira como cada um de nós põe o pé na Terra, quando aqui surgimos, é a consequência fatal da maneira como marchávamos precedentemente no Universo.”

Não pode haver mais perfeita e satisfatória explicação desse mistério indecifrável, em que poucos cogitam - e todos se perdem, quantos seguem a doutrina da Igreja romana, de uma vida única, seguida de eterno e imutável destino.

Orígenes rompeu esse círculo de ferro - e, padre, foi procurar a verdade fora da Igreja!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 25-08-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1287

Artigo CXLIX - O PAIZ, 31.08.1890

Orígenes e seu sistema cosmogônico, baseado no princípio das vidas múltiplas, é um oceano quase sem margens e sem fundo, que uma vida inteira não dá para fazer-lhe a sondagem!

Já vimos como Santo Agostinho lhe admira a profundidade do saber; e, pois, nenhuma autoridade poderemos invocar com mais confiança.

Demos, em nosso passado artigo, uma rápida apreciação do juízo deste imenso vulto humano sobre a diversidade de condições que apresentam os homens na vida, fato que ele demonstra ser o resultado da diversidade do progresso que realizou cada um em existências anteriores.

Por hoje, ocupar-nos-emos com a distribuição das condições de nascença, verdadeiro sistema de penas e recompensas.

“Pois que Deus é justo e onipotente, é forçoso admitir que as boas e más condições de nascença correspondem a méritos e deméritos.²⁰⁴”

O fato de nascerem uns com disposições intelectuais e morais superiores às de outros, é de constante observação - e a conclusão que daí tira o grande sábio é incontroversa.

Se a boa condição com que uns vêm à vida, não é devida ao mérito dos que a têm, é um puro favor do Criador.

204 (Nota do Organizador) Não conseguimos localizar com exatidão a citação acima, pela já mencionada diferença de traduções, mas recomendamos com ênfase ao leitor interessado o estudo do Capítulo 9 do 2º Livro do “Tratado sobre os Princípios”, porque antecipa e revela fina sintonia com as considerações de Kardec nas questões 171 e 222 de “O Livro dos Espíritos”, quando trata da Justiça Divina e reencarnação.

Se a má disposição dos outros não procede do demérito, é injustiça do Senhor.

Em tais casos, Deus tem preferências e exclusões na distribuição de seus bens por seus filhos, que nada fizeram para merecerem ou desmerecerem, pois que tais condições eles as recebem com o nascimento. Podia um padre da Igreja, não dominado de fanatismo - podia um Espírito luminoso, que divisa a verdade além das névoas que envolvem as inteligências comuns - podia Orígenes aceitar aqueles atestados vivos da imperfeição do Ser infinitamente perfeito?

Isto é bom para os que fazem da religião um meio para seus fins humanos: o poder pela dominação dos espíritos.

Orígenes, partindo do princípio absoluto: de que o Criador não pode, por ser perfeito, dar a uns de seus filhos o que nega a outros, chegou, pelo fato da vária distribuição dos bens de nascença, à conclusão rigorosamente lógica: de que tal fato não se concilia com o sistema da Igreja, baseado na vida única - e, conseqüentemente, na criação dos Espíritos para os corpos, com que fazem esta vida.

A águia, apesar de criada naquele regime de escassa luz, remontou o voo às sublimes alturas - e descobriu o que ainda hoje não veem - não querem ver, os que se arrogam o direito de impor à razão universal, embora contra a razão e contra a consciência, porque atacam a suprema perfeição.

Orígenes descobriu a razão do fato, que escandaliza, adotada como verdade, a vida única.

“Pois que Deus é justo e onipotente, forçoso é admitir que as boas e más condições de nascença correspondem a méritos e a deméritos.”

Como ter feito mérito - como ter feito demérito o Espírito que acaba de ser criado e de vir à vida?

Parece incompreensível - absurdo mesmo; e os *sábios* e os *homens de Deus* repelem a concepção do sábio e do padre, aqueles por extravagante - e estes por herética.

Mas, onde a extravagância, que choque a razão - onde a heresia que escandalize a consciência de fazerem os Espíritos sua evolução mediante vidas corpóreas sucessivas!

Digam qual a lei da ciência condenatória da lei das vidas múltiplas - digam qual a lei de Deus que estabelece a lei da vida única!

A razão e a consciência se revoltam - por efeito da educação, por espírito do sistema.

Se tivéssemos sido criados no regime da vida múltipla, o da vida única parecer-nos-ia extravagante e herético.

Entretanto, a razão despreocupada de preconceitos - a consciência desabrigada dos ensinamentos da ignorância compreendem e aceitam, com efusão, o sistema das vidas sucessivas, em que o ser racional e moral vai gradativamente adquirindo perfeições - em que todos hão de chegar ao termo marcado à humanidade - e repelir com asco este sistema pequeno e ferrenho, que se traduz pela horripilante síntese - quem conseguiu títulos para a glória eterna, nesta vida, que seja feliz - quem não os fez, que vá viver eternamente em torturas!

A razão! A consciência!

Se os prejuízos humanos deixarem brilhar estes focos de luz, que Deus pôs aos lados de nossa alma - se a sanha de nossas paixões e de nossos interesses não fosse como o fumo que as encobre aos olhos de nossa alma, ninguém, nem sábio nem padre, aceitaria o monstro moral de uma única vida, que os fatos humanos condenam, e repeleria a doutrina racional, consoladora e santa da vida múltipla, que os mesmos fatos consagram de modo irrecusável.

A cegueira, porém, é tal, que nós, os espíritas, somos alucinados de loucos e de possessos, porque aceitamos o que brota da razão e da consciência, como a água brota das fontes!

Seja, porém, como for, o alto princípio espírita - pedra angular da nova Revelação, foi consignado por Orígenes, sábio e padre - e sábio que não foi de carregaçã e padre que não foi de mão furada.

Sua explicação da diversidade das disposições originais dos homens cala nas almas, como essas verdades absolutas que dispensam demonstrações e provas.

A preexistência explica aquela diversidade, como o calórico explica os diversos estados da matéria.

Os Espíritos que progrediram nas existências anteriores a esta, em que os vemos, nascem com disposições superiores àquelas que fizeram pouco, ou nenhum progresso em suas passadas existências.

Aqueles fizeram mérito - estes fizeram demérito; e eis explicado o fato da diversidade de nossas disposições na Terra, sem

que se precise recorrer a preferências e exclusões da parte do Criador.

“Cada um segundo suas obras”, disse o Mestre dos Sábios e a Luz dos Justos²⁰⁵.

Aplicai esta sublime sentença, tanto ao passado como ao futuro: e tereis explicado o fato da diversidade de condições originais, em perfeita harmonia com a indefectível justiça do Pai.

E por que se há de entender que Jesus se referiu ao futuro - ao julgamento depois desta vida; e não ao passado, ao mérito e demérito que fizemos antes desta vida?

Nos Evangelhos nada se encontra que autorize tal restrição; antes se encontra neles, encoberta pela letra, a verdade proclamada por Orígenes.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 31-08-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1326

205 (Nota do Organizador) Vide nota 25 no 1º volume desta coleção, página 98.

Artigo CL - O PAIZ, 07.09.1890

As penas eternas de que se encontram traços nas Escrituras, são os argumentos hercúleos dos sustentadores da vida única.

Efetivamente se elas são, impossível é a pluralidade de existências, porque as almas condenadas não poderão voltar a corrigirem-se, presas na *dolente istanza*²⁰⁶, cuja única porta tem na verga a terrível inscrição dantesca: “*Lasciate ogni speranza, oh voi qui entrate.*”²⁰⁷

Mais de uma vez, porém, temos explicado, de acordo com o espírito das Escrituras, que esses traços, em que se firmam os refratários à luz da nova Revelação, não significam senão a necessidade de transigir com o atraso da humanidade, como o “dente por dente”, do código de Moisés.

Orígenes, cujo profundo saber em coisas sagradas, ainda hoje vamos aproveitar - e por muito tempo aproveitaremos, aí nos dar reforço, exprimindo-se nos seguintes termos:

“Muitas coisas nos são ocultas, que são conhecidas d’ Aquelle que é o médico de nossas almas.

“Se, para restabelecer a saúde de nosso corpo e curar as enfermidades que temos contraído por intemperança, precisamos tomar, de tempos em tempos, medicamentos enérgicos - e, mesmo, se a força do mal o requer, precisamos recorrer ao ferro - e,

206 (Nota do Organizador) A tradução literal nos remete à “instância de dor”. Na nota 163 do 1º volume desta coleção a apresentamos também como “quarto de dor”. Melhor seria pensar em algo como setor, área, relativo ao Inferno - o território da dor.

207 (Nota do Organizador) “Deixai toda a esperança, ó vós que entrais”. (Fonte: Dicionário Priberam online)

em casos extremos, ao fogo, por que não admitirmos que, com a mesma razão, o médico das almas, no intuito de curar as enfermidades espirituais, que temos contraído por pecados e crimes, empregue meios curativos similares, até infligir o suplício do fogo aos que perderam a saúde da alma?”

“É disso que falam, figuradamente, as Escrituras.[...]

“Para fazer-nos compreender que Deus obra com os que caíram em pecado, do mesmo modo que o médico com os que têm caído em estado mórbido, o profeta Jeremias recebe ordens de apresentar o copo da cólera de Deus a todas as nações, para que bebam, enjoem e vomitem, ajuntando em tom de ameaça - Todo o que não beber, *não será purificado*. - Isto mostra que o *furor vingador de Deus não tem outro fim senão a purificação de nossas almas*.” (Orígenes, Sermão 3.)²⁰⁸

Além da autoridade de Orígenes, temos no seu modo de considerar as penas e os castigos o critério absoluto da verdade.

As penas eternas não se coadunam com o amor paterno do Criador e repugnam, como o que mais, à razão universal.

Um pai, dotado das simples virtudes humanas, jamais terá coração para matar o filho, quanto mais o Pai, símbolo de todas as Perfeições Infinitas!

A crença da Igreja, portanto, não tem o infalível critério da verdade, porque atribui a Deus injustiça, por ter criado o homem para condená-lo às penas eternas - desamor, porque, se nos amasse, como a filhos, nunca se lembraria de tal pena - e descaridade, pois que só explicam o castigo eterno para falta de um momento, socorrendo-se do fato de ser Deus o ofendido, o que dá a tal castigo o caráter de vingança.

O Deus da Igreja, admitido o Inferno com penas eternas, é um Deus injusto, cruel e vingativo!

É admirável o fato de homens, são de consciência e de razão clara, aceitarem como verdade semelhante blasfêmia contra o Ser Perfeito!

Mais, admirável porventura é ver-se um padre, criado num meio saturado daquelas ideias, elevar-se acima delas - e dar aos castigos um caráter, que revela em Deus o puro amor da paternidade.

208 (Nota do Organizador) Orígenes, “Tratado sobre os Princípios”, ed. citada. Houve algum problema nessa citação. O correto aqui é Livro 2º, Capítulo 10, item 6.

“Deus não deixa impunes as faltas de seus filhos; mas não castiga o culpado para vingar-se da ofensa, senão para corrigi-lo - e encaminhá-lo ao alto destino, que marcou para a humanidade.”

Dizei-nos, vós que ledes estas toscas linhas - dizei-nos, com a mão na consciência: se Deus é a infinita perfeição, pode a Igreja ter razão contra Orígenes?

“O castigo é o remédio para a cura do pecado, como o medicamento - o ferro - o fogo são remédios para a cura das moléstias.”

Aplicando o castigo aos Espíritos, Deus age, como o médico, na pura e santa intenção de curá-los.

Pai de infinito amor por todos os homens, Ele faz com todos o que faz com os filhos o pai carnal: castiga-os para o seu bem.

Uma vez, pois, que as penas são simplesmente corretivas - e que outro caráter não podem ter, sem que Deus deixe de ser Deus, é rigorosamente lógico: que Inferno - demônios - penas eternas não passam de meios inventados na infância da humanidade para contê-la em seus desmandos.

Orígenes teve, na Antiguidade sagrada, a verdadeira intuição do que hoje nos é dado pelo Espiritismo ou pelo ensino do Espírito de Verdade, prometido ao mundo por Jesus Cristo, como se vê no Evangelho de São João²⁰⁹.

Mas: perguntar-nos-ão o que é feito do culpado, depois da morte?

O Espiritismo o diz - e as provas experimentais aí estão para atestar a verdade do que ele diz: vai para o espaço, onde sofre o castigo adaptado às suas faltas até compreender o mal que a si mesmo fez, afastando-se do bem, que é o caminho do progresso espiritual.

Chegado a este ponto, o Espírito culpado, e já arrependido, pede para dar provas da sinceridade de seu arrependimento - e para reparar as passadas faltas, voltando, às condições em que as cometeu, à vida corpórea.

E o Pai lhe concede esse meio de purificar-se, para subir na escada de Jacó.

Mas, como os que reencarnam na Terra, vêm pagar faltas mais ou menos graves, daí procede a diferença infinita de condições, em que os homens se apresentam nesta vida.

209 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12 a 15 e 26.

O que está cumprindo, fielmente sua missão, fazendo vida santa, sofre entretanto mais do que aquele que faliu novamente, levando vida desregrada!

Sim, porque aquele trouxe maior carga de culpas do que este - e este, apesar de trazê-la mais leve, não se descarregou. No fim o mais pesado sairá mais leve.

Orígenes ensinou o puro Espiritismo!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 07-09-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1381

Artigo CLI - O PAIZ, 16.09.1890

O castigo nasce da culpa como a moléstia do corpo procede da má nutrição do corpo.

“Marchai à luz do vosso fogo, no meio da chama que vós mesmos acendestes”, diz Isaías²¹⁰.

Daí conclui Orígenes que o fogo da punição é propriedade do culpado, por ele e não por outro aceso - e jamais preexistindo à culpa.

A consequência lógica deste modo de considerar os castigos da alma, que Bossuet também abraça, é que não há fogo de punição eterna - não há Inferno, como o compreende a Igreja.

Orígenes, diz Pezzani, sem combater de frente as torturas do Inferno, segundo a menção dos teólogos e dos poetas, manteve entretanto o sentimento justo e ousado de Filon²¹¹, por ele expresso nestas palavras:

“Quando a alma injusta e ímpia se afasta de Deus, Deus a manda aos lugares de voluptuosidades, de paixões e de crimes.

210 (Nota do Organizador) Is. 50:11. As palavras variam um pouco de tradução a tradução, mas o sentido mantém-se o mesmo: “andai entre as labaredas do vosso fogo, e entre as faíscas, que acendestes” (Almeida Corrigida e Fiel); “ide ao fogo do vosso incêndio, e dos projéteis que fizestes arder” (Bíblia Católica); “atirai-vos às chamas do vosso fogo e às setas que acendestes” (Bíblia de Jerusalém).

211 (Nota do Organizador) Filon de Alexandria (20 a. C. e 45 d. C.) - Filósofo e teólogo do Judaísmo alexandrino, cuja preocupação primeira parece ter sido encontrar pontos de união e comunicação entre a filosofia grega e a revelação judaica. Deus criou e continua a criar por intermédio do Logos. O homem, devido ao pecado original, aparece, neste sistema, como um Espírito aprisionado na matéria, que deve procurar a sua libertação por meio de uma ascese rigorosa. (Fonte: Infopedia)

Este é o lugar que se deve chamar a habitação dos ímpios, e não o que a fábula imaginou nas regiões inferiores. O verdadeiro Inferno é a vida do mau - vida pernicioso, celerada, votada a todas as maldições."²¹²

Compreende-se daí que o fogo será mais ou menos abrasador, segundo a culpa for mais ou menos grave.

E como Deus não quer a morte do ímpio, segundo Ezequiel, mas sim que ele se converta e venha a si²¹³, concebe-se, facilmente, que esse fogo, que cada um acende em si mesmo, gasta com o tempo a culpa, que o Apóstolo chamou *a lenha - o feno - a palha*.

E, por esse modo, o fogo se apaga mais cedo ou mais tarde, conforme a quantidade da lenha, surgindo de suas cinzas, o arrependimento, que só pode ser extinto pela reparação das faltas que o provocam.

A reparação, para poder ter verdadeiro mérito, é preciso ser feita nas mesmas condições em que se deu a culpa, donde a necessidade da reencarnação, isto é, de volver o Espírito à vida corpórea, em que delinuiu, para reparar seus delitos.

Eis como da doutrina de Orígenes sobre o castigo, doutrina que é conforme com o critério da verdade, resulta suave e naturalmente a Doutrina Espírita das vidas sucessivas.

Dizei, vós que tendes a razão limpa de preconceitos, o que é mais conforme com a ideia que se deve fazer do Criador: a condenação eterna do que delinque, ou a pena coercitiva e corretiva, que permite a todos alcançarem o alto destino marcado à humanidade?

Pela lei da Igreja, a alma condenada, por mais que renuncie ao Mal - por mais que deseje reparar as suas faltas, nada consegue - tudo está. acabado para ela!

Pela lei revelada, que a Igreja repele e o Espiritismo abraça, a alma condenada pode, em todo o tempo, renunciar ao Mal - reparar suas faltas - entrar nas vias do progresso - e subir até à mais alta perfeição humana, que é o termo da perfectibilidade do homem.

Aquela paga, com a eternidade de penas horrorosas, a culpa de um momento de fraqueza, pois o tempo de nossa vida terrestre é um momento em relação ao tempo infinito.

212 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos identificar a localização exata dessa citação.

213 (Nota do Organizador) Ez. 33:11.

Esta satisfaz a justiça soberana, que não deixa impune a falta do ser livre e responsável; mas satisfaz com pena temporária, como foi temporária a falta que cometeu.

Em relação ao sistema penal, ensinado pela Igreja, Deus é um senhor tirano - cruel - e vingativo.

Em relação ao sistema, ensinado pelo Espiritismo, Deus é um Pai clemente e misericordioso, que castiga com amor - e ama com justiça.

Qual dos dois é o verdadeiro - a legítima expressão da lei divina?

As Escrituras o dizem - e os Espíritos o revelam por suas comunicações com os homens.

A Igreja tem nas sagradas letras o pró e o contra - o espírito e a letra do ensino divino; e, por fatalidade, prefere o contra - prefere a letra, ensinando aos povos uma doutrina, que aterra em vez de corrigir - que leva às almas a descrença na existência de Deus.

O ateísmo, se é possível medrar na alma de algum ser racional, é obra da doutrina romana.

Quem pode aceitar um Deus infinitamente perfeito, desde que a Igreja, que se diz infalível, o apresenta cruel e vingativo para com os que o ofendem, postergando suas leis?

Se um senhor humano é repulsivo, quando castiga barbaramente as faltas de seus escravos, apesar da atenuante de suas imperfeições, quanto mais o Senhor dos senhores, infinito em sua misericórdia, infinito em seu amor pelas criaturas humanas?

O ateísmo nunca teria germinado na Terra, se, em vez do ensino blasfemo das penas eternas, a Igreja tivesse dado o das penas temporárias e das existências reparadoras.

Ninguém desesperaria da salvação, embora ciente de não poder existir falta sem castigo.

A diferença seria: que o virtuoso conquistaria a felicidade sem sofrimento; ao passo que o delinquente, por fraqueza, conquista-la-ia por sofrimentos.

Sofrer a pena do mal que se faz, não aterra - não é motivo de desesperar. O que aterra, até fazer desesperar da salvação - e, conseqüentemente, produzir a perseverança no mal, é acreditar na eternidade do sofrimento - na irremissão da culpa.

A Igreja e o Espiritismo representam duas fases do progresso espiritual.

Aquela quer manter as leis do terror, que foram o veículo da Revelação divina, nos tempos de maior atraso da humanidade,

quando só pela ameaça do Inferno se podia conseguir que os homens aceitassem as verdades fundamentais.

Este quer limpar a verdade dos falsos meios humanos, que já fizeram seu tempo - e alargar-lhe os horizontes em relação ao progresso da humanidade, que já não precisa ser levada pelo terror, que já pode ser estimulada pelo amor.

E o Espiritismo, como temos mostrado, vai descobrir a verdadeira lei de Deus nessas Escrituras onde a Igreja só quer ver aquela lei, envolvida nos conceitos humanos.

Max.
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 16-09-1890:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1454

Artigo CLII - O PAIZ, 21.09.1890

Ainda vamos hoje procurar no mar imenso do saber de Orígenes a pérola preciosa da verdade espírita, que aquele Espírito superior divisou, por entre espessa caligem dos erros em que foi educado - e teve a admirável virtude de confessar e proclamar.

Depois dos castigos, a respeito dos quais já mostramos: que ele sustentou a ideia da temporariedade, passa o grande homem a falar da purificação e reabilitação das almas.

“Assim como, diz ele, as feridas do corpo se fazem, num abrir e fechar de olhos, e reclamam, como meios de cura, longo tempo e remédios que produzem cruéis dores; bem como uma fratura do pé ou da mão se produz num instante e leva três meses e mais para se consolidar - assim, do mesmo modo, a voluptuosidade, que rompe os nervos da alma, a luxúria, enfim, todos os pecados, corrompem, num instante a alma desgraçada, que precisa de longos períodos de tormentos e suplícios para se limpar do mal”.²¹⁴

Orígenes sustenta, como tem sustentado até aqui, uma doutrina em oposição flagrante à da Igreja romana.

A alma que caiu no Mal e acabou nele, ensina a Igreja, como matéria de fé, vai sofrer as penas eternas, se seus pecados são mortais - e vai sofrer o fogo purificado do Purgatório, se tais pecados são veniais.

Não há, pois, senão para uma mínima parte dos pecadores, a graça da purificação e da reabilitação.

214 (Nota do Organizador) Orígenes, “Tratado sobre os Princípios”, provavelmente Livro III. Infelizmente não conseguimos localizar o ponto exato desta citação.

E é bom notar: que essa mesma fraquíssima concessão foi feita pelo Concílio Tridentino²¹⁵, ex proprio Marte²¹⁶, sem dúvida porque os padres ilustrados reconheceram, em sua razão e consciência, que era impossível admitir, para todos os que acabassem em pecado, as penas eternas.

Orígenes, porém, não limita a graça na purificação a um número limitado, mas estende-a a todos os infelizes que caíram no Mal.

Suprime o Inferno, monstro que só o homem pode aceitar e que repele os infinitos atributos do Criador - e alarga o Purgatório, que se pode dizer: mansão bendita, onde se depuram, ao crisol do sofrimento, na proporção das faltas de cada um, as virtudes santas, que o Pai depositou no meio da alma de todos os seus filhos, não para serem ofuscadas por trevas eternas, mas para que brilhem, um dia e por todos os séculos, à luz do amor infinito.

Este pensamento reflete-se claramente do trecho que citamos: *“precisa-se de longos períodos de tormentos e suplicios”*.

Longos períodos não são a Eternidade que, em seu *maternal* amor, nos quer impor a Igreja romana.

E, antes de prosseguirmos, perguntaremos ao leitor: qual das duas doutrinas, a de Orígenes e a de Roma, é conforme com a razão - com a consciência - com a ideia que se deve fazer da infinita Perfeição?

Orígenes não atribui a Deus preferências e exclusões, como Roma, que ensina a vida eterna para uns e a morte eterna para outros - Orígenes ensina a solução universal, obra do Infinito Amor, sem desprezo da Justiça Infinita.

Aqui, temos toda a culpa castigada - e, pelo castigo, lavada, extinta: justiça e amor.

Ali, temos toda a culpa castigada; mas só umas tantas lavadas - e a quase totalidade irremissíveis, isto é: arrastando os culpados a castigos eternos, porque o ofendido é Deus: tirania e vingança.

Só a um obcecado, para quem os luzeiros postos por Deus no seio das almas, a fim de lhes ensinarem o caminho da salva-

215 (Nota do Organizador) Já citado - vide nota 168 do 1º volume desta coleção, à página 332.

216 (Nota do Organizador) “Por força própria”. (Fonte: www.centraljuridica.com).

ção - a razão e a consciência - nada valem diante do que ele chamam - fé - fé passiva, fé inimiga daqueles dons do Criador.

Só um cego, da pior cegueira, não reconhecerá: que a doutrina de Orígenes é a verdade, porque exalta o Criador - e que a de Roma é a mentira, queremos dizer: o erro, porque rebaixa o Criador.

O Espiritismo é o desenvolvimento da doutrina de Orígenes.

Proclama o princípio da salvação universal, realizável pelas vidas sucessivas de expiação ou purificação.

E vêde como este princípio se conforma racional e conscientemente com a justiça e o amor do Pai.

Aquele que, em suas existências carnisais, praticou sempre o bem, por amor de Deus, é glorificado por Deus, que exerce nele sua justiça, de par com seu amor.

Aquele que fraquejou - cometeu faltas, mas não desceu aos crimes, é punido, para se corrigir - e para isso dá-lhe Deus uma e mais existências, em que repare o mal que fez - e, uma vez lavado de suas faltas, seja também glorificado. Ainda justiça e amor.

Aquele que desceu até o crime é punido na razão de sua culpa; mas dá-lhe também o Pai uma ou mais existências para lavar-se do mal que fez - e desde que isto aconteça, subirá ao lugar dos primeiros. Sempre justiça - e sempre amor.

Justiça distributiva, porque cada um sofre na proporção do mal que fez - e enquanto não se arrepende do mal que fez.

Amor verdadeiramente paternal, porque aspira à purificação de todos os filhos, castigando os maus para lhes poder ser dado o galardão.

Nas vidas concedidas aos culpados, para se reabilitarem, Deus lhes manda os meios de purificação, sem contudo influir em sua liberdade, para que façam o mérito.

Vêm daí esses sofrimentos e infelicidades, que não se comparam com a vida virtuosa que levam certos indivíduos, em a Terra, que é mundo de expiação.

Esses que praticam aqui a virtude, para que vieram, e sofrem privações - e contrariedades - e atribulações, são os antigos criminosos, que perseveraram no propósito de se corrigirem, sofrendo os rigores da sorte na vida, que para isto lhes foi dada.

Outros, porém, infelizes, vêm para aquele fim, porém fraquejam outra vez - e se embebem nos bens da vida, que lhes devia ser de sofrimento para sua purificação.

Terão de voltar outra e mais vezes, depois de terem sofrido a pena da reincidência, até vencerem - até fazerem sua expiação, como os primeiros.

Alongando, porém, ou encurtando os períodos de tormentos e suplicios, todos entrarão nas vias do progresso em busca da perfeição, que é o destino de todos²¹⁷.

Eis o que pensou Orígenes - eis o que demonstra experimentalmente o Espiritismo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 21-09-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1486

217 (Nota do Organizador) Vale lembrar aqui a questão número 125, de "O Livro dos Espíritos": Os Espíritos que enveredaram pela senda do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros? R. "Sim; mas as eternidades lhes serão mais longas."

Artigo CLIII - O PAIZ, 28.09.1890

Sobre a reabilitação universal, de que tratamos em nosso passado artigo, julgamos conveniente dar todo o pensamento de Orígenes; mesmo porque ele corrobora com o que temos debitado à conta da - pluralidade de existências da alma - que á a pedra angular do Espiritismo.

O juízo de um homem, de um vulto, de um luminar, como Orígenes, é de fazer os sábios refletirem sobre o que lhes provoca o riso da mofa.

O Espiritismo provoca, é certo, seu riso; mas, em compensação, tem ocupado a mente e conquistado a fé dos maiores vultos da humanidade, como temos demonstrado - e continuaremos a demonstrar.

Ora, como o Sol não deixa de ser o que é, porque houve povos, criados em cavernas subterrâneas, que nunca lhe viram os raios luminosos; assim, a verdade não deixa de ser o que é, porque lá uns tantos presumidos de meia pataca²¹⁸ de ciência, que lhe voltam as costas.

Dizer somente: que Orígenes preocupou-se largamente com seus enunciados - e abraçou os mais importantes, é quanto basta para que os homens criteriosos pensem: aquilo não é, portanto, coisa para rir.

Aí vai o pensamento do grande padre da Igreja:

“Não suponham que o aperfeiçoamento das almas se faz subitamente, é por partes, pouco a pouco, e n’um período indeterminado de tempo, que se ele elabora.

218 (Nota do Organizador) Sentido figurado - valor insignificante. A pataca foi antiga moeda brasileira, de prata, que valia aproximadamente 320 réis. (Fonte: Dicionário Priberam online)

“A correção e o reerguimento completam-se gradualmente em cada indivíduo; uns excedem aos outros - e elevam-se, em mais rápida carreira, para as alturas; outros seguem de perto aqueles; atrás destes vem outros; e assim marcha desigualmente a massa humana pelas vias do progresso, reconciliando-se com Deus, a quem fez a guerra - e vencendo o último inimigo: a morte, que é naturalmente destruída, uma vez que não tem mais inimigos.”²¹⁹

Decorre logicamente deste trecho do grande filósofo da Alexandria: que os Espíritos, criados perfectíveis, apuram essa sublime faculdade no percurso dos séculos.

Se não tivessem senão uma vida corpórea, como entende a Igreja romana, estava condenada a ascensão universal, uma vez que somos testemunhas de que uns acabam aqui sábios, outros ignorantes - uns santos, outros perversos.

Seria que, depois desta vida, eles iriam fazer a ascensão no espaço, como Espíritos desencarnados?

Se o boçal, na Terra - se o perverso, pudesse fazer, como simples Espírito, no espaço, o desenvolvimento de sua perfectibilidade intelectual e moral, inútil ser-lhes-ia esse tempo de existência corpórea.

Ela que lhes é dada por Deus, é porque lhes é necessária ao complemento de seu destino; e se verificamos, não é suficiente, visto a desigualdade de condições em que acabam aqui, segue-se que novas existências lhes são precisas.

Evidentemente a vida corpórea é mira de progresso; e, pois, numa única vida não se realiza todo o progresso de que é capaz o Espírito humano; nada mais racional do que a repetição da prova até a completa satisfação de seu destino.

O que melhor uso fizer de suas faculdades intelectuais e afetivas, progredirá mais - e menos vezes precisará voltar a esta vida.

O que pouco ou nada fizer por progredir, maior número de vezes voltará à prova.

No fim, porém, estes se encaminharão, como se encaminharam aqueles - e todos vencerão a *morte*, como disse Orígenes.

Vencer a morte, quer dizer: não mais voltar à vida corpórea - quer dizer: ter adquirido um grau de perfeição intelectual e moral,

219 (Nota do Organizador) Orígenes, “Tratado sobre os Princípios”, ed. citada, Livro 3, Cap. 6, Item 6.

que dispensa as provas materiais, nos mundos atrasados, onde elas são um meio de progresso.

O Espírito que chega a esse grau de progresso, não tem concluído sua evolução, mas sim a parte mais difícil e mais penosa dessa evolução.

Muito pouco valeria a perfeição humana, se a virtude e o saber que se podem conquistar na Terra fossem o último termo de nossa progressão.

Não; além e acima da Terra, há mundos gradativamente mais adiantados, pelos quais, como por cadinhos mais e mais depurativos, tem de passar o Espírito, que já fez todo o curso do progresso terreno.

Em cada um desses mundos, o Espírito encontra uma ordem mais elevada - leis e ciências tão desconhecidas, como as nossas o são para o campônio ou para o boçal.

Em cada um deles, desabrocham de seu meio faculdades novas, que lhe dão capacidade para assimilar os novos elementos do progresso, que ali lhe são oferecidos.

De lá descobrimos a razão de certos fenômenos, que aqui não tínhamos ainda a faculdade de compreender, assim como aqui adquirimos as faculdades de compreender as leis de certos fenômenos que nos foram - mistério - em mundo mais atrasado que a Terra.

De sorte que os Espíritos, criados para o saber e virtude angélicos, não chegam a tão sublimes alturas - a tão excelsa posição, no seio da criação, senão apurando sua perfectibilidade, em vidas e mundos sucessivos, disputando a cada degrau que sobe, uma das faculdades latentes, que lhes é preciso para aproveitar o novo meio.

De sorte que este boçal desprezível, que vemos aqui, quase animal, encerra em si, em estado latente, todas as inestimáveis faculdades que nos revelam os anjos, eles mesmos criaturas humanas, que já foram fracos e sofredores como nós.

O maior santo começou por ser homem brutal - e os homens brutais chegarão a ser santos.

Ninguém foge ao altíssimo destino marcado pelo Pai à humanidade.

A questão é somente de tempo.

O que melhor uso fizer de sua liberdade, mais depressa ascenderá.

O que fizer mau uso, mais sofrerá, porque mais tempo será dos mundos de expiação.

É esta a escala descrita por Orígenes - e outra não é a que descreve o Espiritismo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 28-09-1890:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1537

Artigo CLIV - O PAIZ, 06.10.1890

Uma última sessão sobre o famoso teólogo de Alexandria.

Vimos como ele, nascido e criado no Catolicismo, rompeu com a doutrina da Igreja proclamando os dogmas espíritas, com a firmeza da convicção que lhe dava a observação desapassionada dos fatos naturais e o estudo, sem preconceitos, das Sagradas Letras.

Se todos os padres, que melhor do que nós sabem - e mais do que nós manuseiam as Escrituras, quisessem esquecer por um momento o espírito da seita religiosa - e atender para os fenômenos humanos, que a lei da Igreja não pode explicar - e procurar o espírito da Bíblia e do Evangelho, de receber-lhes o ensino, segundo a letra; todos - todos fariam como Orígenes: reconheceriam que não pode ser verdade o que depõe contra as divinas perfeições.

Quem não vê naqueles ensinamentos a necessidade de acomodar a linguagem, em que foram dados, ao estado de atraso da humanidade?

O missionário, que procura as hordas selvagens para ensinar-lhes a verdade da religião do Cristo, precisa, para fazer-se compreender e para obter que lhe recebam os ensinamentos, adaptar as fórmulas atrasadas dos selvagens e contemporizar com os erros e até com certas práticas repugnantes dos habitantes das selvas.

Doutro modo: se quiser ensinar a doutrina em sua pureza de essência e de fórmula, nem será compreendido, nem conseguirá que a pobre gente assimile princípios de todo em todo antagônicos com as leis de sua rude natureza.

O Evangelho nas selvas, para dar fruto, é preciso que seja uma mistura das verdades religiosas com as práticas condenáveis dos selvagens.

O essencial é plantar na alma destes a noção dos altos princípios, embora de envolta com os princípios condenáveis daquela gente bruta.

Ora, é exatamente assim que se tem feito à humanidade a revelação divina, como bem o prova a mistura do Decálogo com o código de Moisés, em que se consagra o “dente por dente e o olho por olho”.

Sem isto, o povo de dura cerviz não receberia aquilo; sem pouparem-se-lhe as paixões carnis, não se lhe infundiria na alma os mandamentos de Deus.

A revelação divina precisa, pois, de revestir-se da fórmula humana, tanto mais grosseira quanto mais atrasada é a humanidade.

É com o tempo e os progressos dos homens que a parte humana da revelação vai-se desprendendo da parte divina, como bem o prova o fato de já poder Jesus ensinar a lei do amor, procurando [deixar para trás]²²⁰ “o dente por dente e o olho por olho”.

Mas, antes que se chegue ao ponto de aceitar-se tais eliminações, a que vale por dizer: antes que se chegue ao ponto de se receberem os ensinamentos divinos sem o revestimento de fórmulas grosseiras, a humanidade em peso tem na conta de sagradas a essência e a fórmula.

Os judeus assim consideravam o Decálogo e o código draconiano de Moisés, e a Igreja na mesma conta tem o ensino de Jesus a certos princípios, como vida única e penas eternas, Inferno e demônios, de que o divino Mestre falou, sem condenação, porque a humanidade do seu tempo, se já podia aceitar o repúdio de certas ideias falsas do mosaísmo, não estava ainda em condições de aceitar o de outras, que ainda eram harmônicas com o seu atraso.

Do meio, porém, da massa humana surgem sempre Espíritos adiantados, que já possuem o toque, o grau de progresso necessário para distinguirem a parte divina e a parte humana da religião - a essência e a fórmula.

220 (Nota do Organizador) Acréscimo nosso, por entender que houve alguma lacuna no texto original.

Estes Espíritos missionários escandalizam às massas, combatendo os erros, que, à sombra das verdades eternas, lograram na crença geral os foros das causas sagradas.

Orígenes foi um desses violentos e por isso sua doutrina foi condenada pelo Concílio da Calcedônia²²¹ e mais tarde pelo quinto Concílio de Constantinopla²²².

O que importa, porém, isto, se com a mesma fé, foi condenada pelo sacerdócio a Doutrina de Jesus?!

Os ministros da religião são naturalmente fanáticos e, por isso e por espírito do sistema, repelem tudo o que possa alterar o *depósito sagrado*.

Se não fôra assim, eles reconheceriam: que a revelação é progressiva, que esta progressividade está na razão do progresso da humanidade e que, enquanto esta não chegar ao termo de sua perfectibilidade na Terra, não descerá a última palavra do Céu, como declarou Jesus, de um modo claro e terminante.

Orígenes despreendeu-se desse fanatismo, que chega ao ponto de exigir uma fé passiva e, olhando para o passado, colheu dele a ciência do futuro, isto é: que a revelação não estava completa com o ensino de Jesus, como o próprio Jesus o declarou.

Teve erros, e era impossível deixar de tê-los, no meio em que nascera, e se criara e formara seu Espírito; mas, no fundo, sua doutrina é o desenvolvimento da parte divina da revelação mosaica e da messiânica, tal qual hoje é Deus servido fazê-lo, por sua Terceira Revelação, ou Revelação espírita.

O grande teólogo claudicou, quando ensinou que o homem era um anjo decaído, quando explicou o dogma da encarnação do Cristo sem humanidade, o da destruição do corpo, o da absorção final em Deus, o da natureza angélica e não humana do Cristo, e o da queda possível dos eleitos.

Os Concílios o condenaram neste ponto, mas, diz Pezzani²²³:

221 (Nota do Organizador) Realizado de 8 de outubro a 1 de novembro de 451 em Calcedônia, uma cidade da Bitínia, na Ásia Menor, em frente a Constantinopla. Foi o quarto dos primeiros sete concílios ecumênicos da História do Cristianismo, sendo convocado pelo Imperador Marciano. (Fonte: Wikipedia)

222 (Nota do Organizador) Quinto Concílio de Constantinopla é o nome dado por alguns ao Concílio Quinisssexto, realizado naquela cidade em 692 d.C sob o império de Justiniano II.

223 (Nota do Organizador) Pezanni, Andre. "La pluralité des existences de l'âme: conforme à la doctrine de la pluralité des mondes", ed. citada, Cap. III - Orígenes - O Julgamento de sua Doutrina - pág. 160.

“Há uma coisa notável na condenação da doutrina de Orígenes - e é: que por efeito da graça divina e do movimento providencial, os concílios, sem o pensarem, feriram exatamente a parte tenebrosa do Cristianismo, a que deve desaparecer no correr dos séculos pelo advento do espírito. Condenaram a opinião de serem os homens anjos decaídos, mas não atacaram a crença nas vidas sucessivas ...”.²²⁴

A parte sã da Doutrina de Orígenes não foi batida pelos concílios; tal é o poder da verdade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 06-10-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1597

224 (Nota do Organizador) A rejeição de Dr. Bezerra ao mito da Queda dos Anjos precisa ser contextualizada, assim como a do Dr. Pezzani. À sua época, essas narrativas tinham interpretação literal - basta ver a do Paraíso de Adão e Eva, que ensejou viagens mil em busca de suas ruínas, como se de fato houvessem existido fisicamente. As razões dessa rejeição podem ser vistas em diversos artigos ao longo desta coleção, mas podemos destacar, entre outros: a) a ideia de que os anjos eram seres criados à parte, em relação à humanidade; b) a elaboração fantasiosa da figura de Lúcifer, como líder dos anjos rebeldes e eterno adversário de Deus, em muitos casos tão ou mais poderoso que Aquele; c) a perspectiva de eternização do Mal, com a existência contínua do Inferno e suas penas definitivas. Com o advento da obra do professor Pietro Ubaldi - especialmente dos volumes “Deus e Universo” e “O Sistema” - o mito da Queda dos Anjos foi todo reinterpretado, deixando-se para trás o entendimento da “letra” e abraçando-se o do “espírito”, com enorme proveito e admiráveis conclusões que, imaginamos nós, atenderiam perfeitamente aos critérios tão racionais e elevados do nosso prezado Kardec brasileiro e de seu douto confrade francês.

Artigo CLV - O PAIZ, 13.10.1890

Deixemos a Antiguidade, profana e sagrada, que tão notáveis subsídios nos ofereceu, para a construção do edifício da ciência do futuro.

Uma última vista d'olhos, porém, sobre esse passado, que já se perde na noite dos tempos .

É possível - é crível: que uma noção existente em todos os povos - e preocupando a mente de seus mais notáveis pensadores, seja coisa vã - puro efeito de imaginação?

A universalidade, no tempo e no espaço, é uma das mais preciosas provas da verdade de uma ideia ou de uma crença - e a ideia da preexistência da alma - e a crença na pluralidade de suas existências têm aquele valioso característico, como temos demonstrado nesta série de artigos, cujo objetivo foi o exame de todos os povos antigos e de seus grandes vultos, sob o ponto de vista de suas crenças a respeito da evolução dos Espíritos .

É sobre essa crença universal de cerca de cinquenta séculos, que se funda a nova Doutrina Espírita, acimada de loucura, por uns - e de diabolismo, por outros.

Quem há, porém, dotado de simples bom senso, que não sinta sua alma vergar ao peso de tão grande autoridade?

Pode ser loucura, o que sempre foi reconhecido nas mais altas camadas sociais - e abraçado pelos maiores vultos da humanidade?

Pode ser diabolismo, mesmo admitindo-se a impossível e blasfema existência do diabo, o que prende, por uma cadeia de amor, a criatura ao Criador, elevando a aspiração humana, sob o ponto de vista moral - e engrandecendo a misericórdia divina?

Também os néscios e os fanáticos, empavesados com os títulos de sábios e de inspirados - zombem, quanto quiserem, do

Espiritismo, que este, como a caudal, cuja corrente nada pode embarçar, marchará à conquista do mundo, que, está escrito, há de assistir ao triunfo da verdade e da justiça. “Venha a nós o vosso reino.”²²⁵

Essa loucura e esse diabolismo de cinquenta séculos ressurge brilhante em nossa época, à laia da semente²²⁶, que fica por alguns tempos como morta, debaixo da terra, mas que, na estação própria, germina - pulula - cresce - floresce - e por fim dá frutos.

A mentira e o diabolismo da Antiguidade levaram por longo tempo em quietismo; mas a estação chegou para sua germinação - e, na Europa e na América, têm em 35 anos conquistado dezenas de milhões de sectários!!

E, fato digno de nota, sua conquista operou-se, desde o princípio, não na massa popular, porém no que há de mais seletivo nas classes científicas!

Bem diz Flammarion: “que toda a vida é resultado da morte”²²⁷.

Nós podemos dizer: que assistimos ao renascimento do mundo antigo, pelo Espiritismo.

E, saibam os nossos sábios, o influxo da nova Doutrina não atuará somente sobre a moral e a religião, senão também sobre a filosofia e a ciência, porque o Espiritismo fala à consciência e fala à razão, expondo a teoria e comparando-a com a experiência.

A ciência moderna tem estabelecido: que só é verdade o que nos dá o método experimental. O positivismo não tem outra lei.

Pois bem; se é assim - se deve ser considerado verdade o que é provado experimentalmente, como impugnar o Espiritismo, que, além da mais respeitável autoridade moral, tem por si a prova experimental?

Não há um fenômeno espírita, desde os gerais até os mais especiais, que não seja provado experimentalmente. Tanto e tão perfeitamente como qualquer do mundo físico - como o da composição da água - como o do movimento uniformemente acelera-

225 (Nota do Organizador) Mt.6:10.

226 (Nota do Organizador) O mesmo que “à semelhança da semente”. (Fonte: Dicionário Priberam online)

227 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar a fonte exata da citação.

do dos corpos caindo no espaço - como o da inércia da matéria, que a ciência reconhece e proclama.

Como, porém, hão de os positivistas reconhecer a verdade daqueles fenômenos e as leis que os regem, sem sujeitá-las ao seu *método infalível* - sem observarem - sem submetê-los à experiência?

Um dos nossos, porém criterioso, que não julga possuir o conhecimento perfeito e completo do Universo, porque conhece a doutrina de Augusto Comte, ou leu suas obras e as de seus discípulos; um positivista convencido, porém, antes de tudo, homem de ciência, quis estudar experimentalmente a Doutrina Espírita.

Não fez como outros, que lêem Allan Kardec, como se fora um romance - e que vão a uma sessão de trabalhos espíritas só para dizerem - para poderem dizer: que possuem os fundamentos para julgar *aqueles desvarios da razão humana*.

O ilustre doutor, a quem nos referimos, sentindo não poder declinar seu nome, por não estarmos para isso autorizados, foi a uma sessão de trabalhos espíritas com ânimo desprevenido, disposto a apreciar os fatos com plena isenção de espírito.

Ele, o materialista convencido, viu quanto foi preciso, para compreender: que o materialismo somente conhece uma parte do Universo - que outra, tão bem caracterizada como aquela, escapa-lhe completamente.

E o consciencioso observador, sentindo abalado o edifício de suas crenças, afervorou-se no estudo dessa ordem de fenômenos, que lhe feriram a atenção na sessão espírita - e chegou, experimentalmente, a reconhecer: que o Espiritismo não é loucura nem diabolismo, mas sim uma ciência moral, que só os loucos ou endemoninhados podem, conscienciosamente repelir.

Foi o caso do grande William Crookes, que os verdadeiros homens de ciência têm acompanhado - e que os parvos científicos têm querido ridicularizar.

Deixemos a Antiguidade, que tanta luz nos tem fornecido - e entremos no exame no que tem pensado sobre as teses espíritas os mais notáveis pensadores modernos e contemporâneos.

Queremos o testemunho de todos os tempos.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13-10-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1654

Artigo CLVI - O PAIZ, 19.10.1890

Prometemos respigar, nos autores modernos e contemporâneos, como fizemos com os da Antiguidade profana e da Antiguidade sagrada, as ideias que servem de base ao Espiritismo, e que uns tantos sábios, sem estudos da matéria, se atrevem a qualificar de - produtos de cérebros doentios.

Loucos os maiores vultos da humanidade!

Loucos por decreto de quem os condenados não julgariam aptos para copiarem seus trabalhos!

Loucos, porque se elevaram a concepções, que os pobres não podem ter!

Não escrevemos para estes que se encastelam no que sabem, para repelirem a invasão das ideias novas.

Nosso fraco trabalho, verdadeiro extrato do que têm produzido altas mentalidades, é destinado aos que, partindo do apotegma²²⁸ “o mundo marcha” admitem o outro apotegma “a maior sabedoria mal dá para conhecermos que nada sabemos”.

A estes, que não se desonram de pesar e de analisar as ideias de outrem, dedicamos o perfunctório²²⁹ estudo, que encetamos, sobre o que pensaram e escreveram, com relação à pluralidade de existências da alma, os mais distintos autores modernos e contemporâneos.

Ouçamos, em primeiro lugar, a Cirano de Bergerac, profundo pensador do século 17 e muito conhecido de seu tempo, de cujos numerosos escritos não escaparam à sanha dos obscuran-

228 (Nota do Organizador) Dito breve e memorável de pessoa ilustre; máxima. (Fonte: Dicionário Priberam online)

229 (Nota do Organizador) Leve, ligeiro, superficial. (Fonte: Dicionário Priberam online)

tistas, senão alguns fragmentos sobre a pluralidade dos mundos, rotação da Terra e extensão infinita do Universo - sobre a natureza dos Espíritos e suas relações com o mundo material - sobre a pluralidade das existências da alma e reencarnações - e sobre a vida universal em todas as causas, por uma *cironidade*²³⁰ geral ou pela raça dos infinitamente pequenos.

Tratando-se do que diz Apulvo sobre o *demônio*, que Sócrates dizia ter junto de si constantemente a aconselhá-lo e inspirá-lo, demônio que aquele autor diz ser um Espírito humano, de acordo com Lactâncio, com Hesíodo e com Plutarco; tratando daquela espécie, o ilustre Bergerac diz que reconheceu o *demônio* de Sócrates e que ele falou-lhe assim, de si e dos outros Espíritos:

“Já muito tendes ouvido falar de nós, porque temos sido designados pelos nomes de oráculos - de ninfas - de gênios - de fadas - de deuses - de espectros - fantasmas etc. [...]

“Eu lhe perguntei (Bergerac) se eles tinham corpo como nós - e ele respondeu-me: que sim - que tinham corpo, não como o nosso e como o que julgamos tal, porque chamamos vulgarmente corpo o que podemos apalpar - que tudo na natureza é material - e que eles eram obrigados, quando queriam fazer-se ver por nós, a tomar um corpo apreciável a nossos sentidos; que dava lugar a pensarem que as histórias de suas aparições não passam de sonhos, em razão de não aparecerem senão de noite; acrescentando: que, sendo obrigados a preparar o corpo de que precisam para aquele fim, não têm tempo, quase sempre, de fazê-lo próprio para ser apreciado por mais de um sentido: o ouvido quando fala o oráculo - a vista quando aparecem as sombras e os espectros, sendo que a massa de que se servem é o ar condensado, que a luz por seu calor dissipa, como se vê dissipar a neve.

“Tão belas coisas que ele me explicou, deram-me a curiosidade de interrogá-lo sobre seu nascimento e sua morte; se no Sol a gente vê a luz pelas vias da geração - e morre por desordens de temperamento ou moléstias do organismo.

“Vossos sentidos, disse, são muito fracos para a compreensão destes mistérios.

“Vós imaginais que é espiritual tudo o que não podeis compreender, ou que não é coisa real, mas esta opinião é falsa e dá testemunhos de que existe no Universo um milhão de coisas, que

230 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar a origem do termo.

para serem apreciadas devidamente, requerem um milhão de órgãos diferentes.

“Eu, por exemplo (*o demônio*), conheço por meus sentidos a causa da simpatia do imã pelo ferro - a do fluxo e refluxo do mar - e o que se torna animal depois da morte. Vós, porém, não podeis elevar-nos a estas concepções, senão pela fé, porque ainda vos falta o sentido para compreender estes milagres, como falta ao cego o que lhe pode dar a beleza de uma paisagem, o colorido de um painel e as várias cores do íris.

“Assim, pois, se eu quisesse explicar-vos o que percebo pelo sentido que vos falta, vós o representaríeis como coisa que pode ser vista - ouvida - apalpada, ou apreciável pelo olfato ou pelo paladar, quando não é nada disto.”²³¹

Cirano de Bergerac quis demonstrar por tão engenhoso expediente que há infinitos graus de progresso, que os Espíritos têm de percorrer - e que há coisas no Universo que reclamam, para serem apreciadas, órgãos especiais, que ninguém na Terra possui.

Se, pois, o Espírito tem de elevar-se ao grau de progresso em que lhe são dados os sentidos para compreender todas as coisas do Universo - e se na vida terrena não lhe é dado chegar àquele grau, é consequência forçada: que, além da Terra, o Espírito há de viver e progredir.

A prova está em que o Espírito familiar de Sócrates, com quem o autor teve aquela curiosa conversa, já tem adquirido, fora da Terra, sentidos que, nem Bergerac, nem qualquer outro ser humano, alcançou na existência terrena.

Podem uns subir àquelas alturas e outros, não?

Se fosse assim, Deus não prescreveria o amor universal, que é a lei das leis - a que une em laços indissolúveis todos os homens, que todos são seus filhos.

E, pois, se há, além deste planeta, muito que subir em progresso; há, também aqui, graus diversos a conquistar, até o máximo do que se pode conquistar aqui.

Ora, vemos que uns acabam aqui adiantados em saber e em virtudes; ao passo que outros acabam distanciados daquele ponto; logo, sendo um único o destino de todos, é de rigor que estes atrasados volvam a progredir, até conquistarem o maior saber e a

231 (Nota do Organizador) Bergerac, Cyrano. “Viagem à Lua” - Capítulo “O Outro Mundo ou os Estados e Impérios da Lua”. - Ed. Globolivros, 2007.

maior virtude, que se pode alcançar neste planeta; logo, as vidas sucessivas são condição inalienável do progresso humano.

E é o que resulta da conversa de Bergerac com o *demônio de Sócrates*.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 19-10-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1717

Artigo CLVII - O PAIZ, 26.10.1890

Além do que vimos sobre as crenças de Cirano de Bergerac, importa saber: que, naqueles tempos de fanatismo católico, ele acreditava nas existências progressivas; como bem o demonstra a seguinte passagem, em que ele, fantasiando uma viagem, através dos mundos, encontra reencarnado no Sol a Campanella²³², com o qual assiste à agonia de um velho:

“Este homem, respondeu-me Campanella, é um filósofo prestes a morrer, porque nós morremos mais de uma vez; mas, como temos em nós um princípio divino, mudamos de forma, para irmos realçar a vida além, o que não é um mal, por ser um meio de aperfeiçoamento de nosso ser - e conquistarmos assim maior soma de conhecimentos.²³³”

Bem claro é para todos: que estes conceitos atribuídos a Campanella não são senão a expressão do que pensava Bergerac sobre aqueles delicados assuntos.

E do trecho acima transcrito resulta: que o notável pensador, embora envolvido pela atmosfera mefítica²³⁴ do fanatismo de seu tempo, arrancou ao desconhecido a ideia clara da pluralidade das existências da alma - e a do progresso intelectual e moral, que conquistamos a favor dessas existências progressivas.

232 (Nota do Organizador) Giovanni Domenico Campanella (1568 - 1639) - Filósofo renascentista italiano, poeta e teólogo dominicano.

233 (Nota do Organizador) Bergerac, Cyrano. Obra citada, mesmo capítulo.

234 (Nota do Organizador) Que liberta elementos malcheirosos e nocivos à saúde - fétido, infecto, pestilento, podre. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Adiantar uma ideia a um sistema conhecido não é coisa de surpreender, porque é muito comum - e é mesmo a mira providencial de aperfeiçoamento dos conhecimentos humanos.

Sair, porém, do sistema dominante, superar a influência do meio - e meio tão atraente como é o religioso, deve surpreender a ponto de colocar-se, a quem assim se destaca do resto dos homens, em nível muito superior ao da humanidade terrestre.

E quem se eleva a tais alturas, desligando-se de preconceitos e de ideias plantadas pela educação, não pode deixar de ver muito mais e muito mais claro.

Sabemos: que o fanatismo explica esses fatos, não por inspiração do Alto, senão por influência diabólica; mas, além do que já temos provado à saciedade, que o demônio é uma criação dos tempos barbarescos, temos: que Jesus nos deu o modo de separarmos o trigo do joio - a verdade do erro: é conhecermos, provarmos o fruto, porque árvore ruim não dá fruto bom, nem árvore boa dá fruto ruim.

Se uma ideia ou um sistema concorre para o retardamento do progresso humano, moral ou intelectualmente, essa ideia ou esse sistema é condenável; principalmente se amesquinha, em vez de exaltar, os atributos do Criador.

Se, porém, [essa]²³⁵ ideia ou sistema calha à razão e à consciência, que são as luzes que Deus nos deu para nos guiarmos, - e além disso exalta os divinos predicados, diga quem quiser o que quiser; que ela vencerá toda a resistência, porque tem a força da verdade, que nenhum poder humano pode contrabalançar.

Aquela intuição de Bergerac, além de surpreendente, pela circunstância do meio antagônico com que se formou, tem por si o critério de toda a verdade, ensinada por Jesus.

Criar Deus os homens perfectíveis - dar-lhes só o tempo limitadíssimo de uma existência para desenvolverem aquele sublime dom - e no fim desse prazo, que passa rápido como o relâmpago, condenar a quase totalidade a penas eternas - e chamar uns pouquinhos à glória sem fim, é coisa que a razão aceite - e que engrandeça às sumas perfeições de Deus?

Tal sistema não tem o critério da verdade! A árvore deve ser condenada, porque o fruto é mau!

235 (Nata do Organizador) Acréscimo nosso.

Nem Deus é símbolo de amor infinito e de indefectível justiça, condenando sem remissão a pobres seres, que não têm culpa de terem sido criados - e criados fracos - falíveis - pecáveis.

Nem Deus é a infinita perfeição, admitindo à sua sociedade (é do catecismo) os mais perfeitos da Terra, que mal têm merecimentos para conviverem com os reis do mundo.

Bem pobre é a sociedade do Supremo Criador, se é constituída, mesmo com os mais sábios e os mais santos dos homens terrestres!

Terá por si o critério da verdade o sistema que atribui a criação do homem a uma evolução da matéria - e reduz este ser, que tem em si o poder de devassar os mistérios da natureza, a um grande *Zero* pela morte?

Isto é tão ridículo e repugnante, que não pode ser aceito senão pelos espíritos fúteis, ou ignorantes, os que precisam suprimir a Deus para não lhe prestarem contas!

Isto não suporta o exame da razão - da consciência - e do simples senso comum!

O homem, nesta única existência nem pode adquirir méritos para se elevar até à sociedade de Deus; nem pode descer até desaparecer no nada.

A Doutrina que lhe dá a imortalidade e a perfectibilidade até à perfeição e à grandeza de anjo, desenvolvendo-a e apurando-a em múltiplas vidas progressivas, fala à razão - fala à consciência - engrandece o Criador - e, conseqüentemente, tem o infalível critério da verdade.

É ela o Espiritismo, de que Bergerac teve a intuição - e que se impõe aos Espíritos sãos, não só pela racionalidade e elevação de seus postulados, como principalmente por se prestar ao método experimental das ciências modernas.

Apesar, porém, disto, acaba de ser promulgado o código criminal do Brasil, em que brilha a condenação às práticas espíritas²³⁶!

236 (Nota do Organizador) O site do Palácio do Planalto ainda exhibe o texto original do Decreto Nº. 847, de 11 de outubro de 1890, que em seu Capítulo III - DOS CRIMES CONTRA A SAÚDE PÚBLICA - trazia o artigo 157, nos seguintes termos: "Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública. Penas - de prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100\$ a 500\$000. (Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm).

Condenar-se o que não se conhece, nem se quer conhecer!

Os ilustres autores do código, *sábios em ciências de convenção*, que o tempo traz e o tempo leva, mas não conhecem nada de ciências reais - exatas - naturais, estudaram o Espiritismo, que condenaram?

Volvemos acaso aos tempos em que eram homens perdidos os que falaram dos antípodas ou em movimentos da Terra?

Creiam os *sábios*, autores do código: a verdade não há de eclipsar-se diante da luz de *sua ciência*.

O Espiritismo há de zombar dos *Césares* da República, como o Evangelho, de que é complemento, zombou dos *Césares* do império universal.

Um dia, atendam bem: um dia, vós, como outros tantos que têm seguido vossa trilha, haveis de chorar lágrimas de sangue. Nós os espíritas temos dó da vossa presunção.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26-10-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1760

Artigo CLVIII - O PAIZ, 02.11.1890

Quem tem tido a paciência de acompanhar a longa série destes mal elaborados artigos, deve necessariamente ter firmado o seu juízo sobre o seguinte ponto:

O Espiritismo tem preocupado a mente dos maiores vultos acatados pela humanidade.

Se é assim - e se, em nosso tempo, vemos os Crookes - os Wallace - os Gibier - os Flammarion - os Víctorien Sardou, os Zoellner - os Víctor Hugo - os Lincoln - os Olinda - os Abaeté - os José Bonifácio - e mil outros nomes tão distintos e tão considerados como estes procurarem, nas práticas espíritas, a solução dos problemas da nova ciência, parecerá incrível que ainda haja um homem ilustrado ou com pretensões a isto, que se anime a rebaixá-la, em documento oficial, ao nível da magia e da feitiçaria!

Vale isto por elevar-se este tal à altura de qualificar aquelas notabilidades na ordem dos feiticeiros: espíritos fracos - atrasados - e dolosos!

Foi o que, sem nenhuma cerimônia, ousou praticar o incumbido de organizar o nosso código penal que o governo provisório desacertadamente aceitou, em nome da República dos Estados Unidos do Brasil!

Terá o autor do código procedido arrogantemente, por filáucia de competência²³⁷, para julgar na matéria - ou foi por ignorância completa do que seja o Espiritismo, e de quais são os sábios de todos os tempos, que têm prestado seu nome a esta filosofia

237 (Nota do Organizador) No sentido pejorativo, excessiva confiança ou orgulho exagerado em si próprio, jactância, presunção. Atitude de quem se gaba de si próprio, bazófia, fanfarronice. (Fonte: Dicionário Priberam online)

transcendente - esta ciência, que, em menos de meio século, já possui elementos de avassalar todas as razões e todas as consciências?

A primeira hipótese é tão arriscada, que exporia ao ridículo o autor do código, se fosse admitida.

Um homem, que não tem aplicado sua inteligência senão à ciência de convenção, alimentar a pretensão de condenar ao escárnio o fruto das cogitações, dos estudos - das experiências - de notabilidades que têm dedicado sua vida ao estudo das ciências reais!

Crookes, o sábio que revolucionou a ciência - o que afirma, mediante apurados estudos experimentais, a verdade dos fenômenos espíritas, com a insuspeição de positivista, que era; Crookes qualificado *feiticeiro* por um advogado - e só advogado no assomo²³⁸ de condenar os espíritas e às *práticas espíritas*!

Zöllner, o sábio professor que, com a severidade de um homem de ciência, alemão, submete à prova experimental o fenômeno da escrita direta - e confessa a sua realidade; Zöllner reduzido a feiticeiro pelo nosso advogado!

Gibier, um dos nomes científicos, que mais fulgura hoje na Europa - que escreveu obras sobre o Espiritismo, demonstrando-lhe a verdade dos princípios, pelas provas experimentais que logrou colher; Gibier rebaixado a praticar feitiçarias!!

Não falaremos de Victorien Sardou, o sábio membro da Academia de Ciências de França, nem de Victor Hugo, nem das inúmeras personagens da Bélgica, Suíça, Itália, Espanha e Repúblicas da América, porque estes abraçaram o Espiritismo, como filosofia e ciência, que explica todos os fenômenos humanos, tanto do mundo visível como do invisível, sem descerem às tais práticas espíritas, que o ilustrado advogado batiza de feitiçaria e tanto lhe irritam os nervos.

William Crookes só é quanto bastaria para fazer rir à custa do incomparável advogado, se em sua mente entrou o pensamento de possuir a precisa competência para julgar o Espiritismo.

Estamos, porém, convencido de que o sábio doutor em leis não se deixou levar por filauciosa jactância, senão porque seu Es-

238 (Nota do Organizador) Princípiar a manifestar-se, a deixar-se ver confusamente. Ter assomo de ira. Confrontar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

pírito (releve falarmos espiriticamente) é, intelectualmente, muito atrasado - e requer ainda muitas reencarnações para chegar à compreensão das grandes leis do progresso .

Isto verifica-se, lendo-se o famoso código, onde se reflete, à simples vista, o atraso de seu autor.

E a prova, entre inúmeras, está em que o ilustre jurisconsulto inquiriu-o da pena de *prisão celular*, ideia medieval - castigo inquisitorial, que já fez seu tempo, e só um espírito acanhado e retrógrado podia lembrar-se de implantar na legislação hodierna.

As sociedades modernas procuram, por seus sistemas penais, arrancar do coração do criminoso o sentimento do mal - procuram corrigir, regenerar; e o nosso criminalista só teve em vista, com a tal prisão celular, esmagar o criminoso com o crime.

Leia-se o famoso código, à luz dos progressos de nosso século - e diga-se conscienciosamente se ele revela ou não da parte de seu autor um espírito imbuído nas ideias dos tempos idos- e refratário às que formam o brilhante acervo da civilização moderna.

Se, mesmo em matéria jurídica, o autor do código comprometeu os foros do Brasil, como nação civilizada, que aspira sentar-se no convívio dos que se enobrecem com as ideias do século, quanto mais em matéria científica - de ciência experimental, em que não é, nem sequer neófito!

Não admira, pois, que a ignorância qualifique de feitiçaria as práticas espíritas!

E essa ignorância é tão lamentável, que não deu, nem para saber: que ainda o ano passado reuniu-se, em Paris, um Congresso Internacional Espírita, em que tomaram assento verdadeiras notabilidades de todos os países cultos - tantas que a Imprensa parisiense, unânime, falou com os maiores elogios da constituição e dos trabalhos daquela Assembléia.

Estamos convencidos de que o ilustre autor do código não teria chamado o Espiritismo uma feitiçaria, se tivesse ciência do que disseram os jornais *profanos* da França, sobre aquela notabilíssima Assembléia - e sobre as altas questões espíritas que ela resolveu.

Em 1888 já se havia reunido, em Barcelona, um outro Congresso Espírita, que causou expectativa - e este ano um terceiro teve lugar em Cuba.

Max não pode concluir estas ligeiras considerações sem pedir ao governo um estudo sério desse trabalho, que vai envergonhar nossa pátria, quando for conhecido pelas nações, que não mais aceitam as ideias dos tempos da Inquisição, e ...

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 02-11-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1798

Artigo CLIX - O PAIZ, 09.11.1890

Vacilamos entre continuar ou deixar de mão estes pobres estudos.

Por um lado, garante-nos a Constituição de 22 de junho a mais completa liberdade de crenças - e isto nos anima a prosseguir.

De outro, porém, ergue-se a esquálida figura do código dos *vinte e cinco contos*, condenando a *celular* os que praticarem Espiritismo - e isto nos aterra, de tremer-nos a pena na mão.

Diz-nos um distinto magistrado: que estes artigos não estão compreendidos na discriminação dos delitos, tão *sabiamente* feita pelo ilustrado autor do código - e isto nos anima a prosseguir.

Refletimos, porém, sobre o fato de ter esse iluminado Espírito classificado o Espiritismo na ordem das feitiçarias - e isto nos aterra, porque faz-nos julgar o homem muito capaz de confundir nossos magros estudos filosóficos com qualquer coisa punível - com... o estupro, por exemplo.

Não ... não é esta a comparação.

O ilustre autor do código tem direito a reclamar, visto que fez bem patentes sua cólera contra o espírita - e sua complacência para com o estuprador.

A um, penas de acaçapar - a outro... redução à metade da que lhe infligia o velho código.

O notável criminalista parece desejar que, no Brasil, se reconheça como mais daninho o espírita do que o estuprador.

Deus lhe pague por tão puras intenções.

Mas, em suma, é preciso que saibamos em que lei vivemos - se prevalece a Constituição, ou se o código.

Podemos praticar o Espiritismo, como se faz hoje em todo o mundo civilizado, onde é considerado ciência experimental - e, conseqüentemente, requerendo estudos práticos?

A Constituição no-lo garante.

Não podemos fazer aqueles estudos, por que são práticas de feitiçaria, legítimas de Braga²³⁹?

O código nos ameaça com a *celular*.

Seja como for - prevaleça a Constituição ou o código, é preciso que o governo brasileiro diga o que pensa e o que quer, na matéria, para que o mundo possa avaliar o grau do nosso progresso - e para que cerca de 20 milhões de espíritas saibam: que na livre América, no Brasil republicano, há ou falta tolerância, que encontram amplamente na Velha Europa, em todos os Estados regidos pelo decrépito sistema monárquico, e até na Rússia.

Max está convencido de que os homens, que estão no governo da república, não têm a inteligência presa aos moldes, que a meia instrução, pior que a ignorância e o obscurantismo, pior que o fanatismo, quer disputar com os que têm sido talhados, largos e luminosos, pelos grandes luminares do nosso século.

Suas obras em relação a outros assuntos atestam a grandeza de suas vistas.

Se decretaram o famoso código, pensa Max, foi por uma destas circunstâncias, a que todos estamos sujeitos.

Julgaram um homem capaz de fazer obra digna do século - da América - e da República - e o julgaram tal, como muitos o julgavam, pela fama que o cerca de ilustrado.

Esqueceram, porém, que, às vezes, a fama é ... sem proveito - e que outras vezes, sendo merecida, nem por isso habilita quem a goza, a cometimentos que reclamam menos saber e mais critério.

Dizemos - critério - no sentido literário e científico - e a prova de que há sábios que o não têm, está em que Causette²⁴⁰, por

239 (Nota do Organizador) Houve uma visita inquisitorial, feita em Braga, Portugal, em 1565, que se tornou lendária pelo elevado número de "feiticeiras" ali identificadas, bem acima do verificado em outras visitas, em outras regiões de Portugal. Vide a respeito o estudo disponível no endereço http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276453735_ARQUIVO_texto-AnpuhRio2010.pdf.

240 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Causette. já citado à pág. 29 deste

exemplo, sustenta que o caráter da religião verdadeira é o *sobrenatural* - e, ainda há dois anos, um ilustre homem de ciência, cujo nome aqui nos escapa, publicou uma obra, destinada a provar a falsidade do sistema de Copérnico e de Galileu, e a verdade do judaico.

Sem refletir nestas circunstâncias, é sempre o juízo de Max, o governo confiou àquele homem a obra da reforma do nosso código penal - e descansou, na fé e na certeza de que o afamado jurisconsulto eliminaria as ideias atrasadas do código imperial - e substitui-las-ia pelas condignas do código republicano.

O homem fez a obra - ganhou os 25:000\$; e o governo, na fé e confiança do padrinho, deu-lhe curso forçado.

Quando, porém, examiná-la atentamente, reconhecerá: que foi roubado, como se diz vulgarmente, fora da expressão genuína da palavra.

O homem da confiança do governo comprometeu-o, lamentavelmente, expondo-o à crítica mordaz do mundo civilizado.

Se é digno da fama que goza, alimenta seu espírito com ideias que lhe dão para negar o movimento da Terra e sustentar que o Sol gira em torno do nosso planeta.

Será um ilustrado sábio; mas de sabedoria antediluviana.

O que está à mostra, é: que o código da República Brasileira não vale o do império. Em vez de escoimar-se este das ideias antiquadas, que o incompatibilizavam com o nosso progresso social, constituiu-se sobre estas ideias como base.

Quer o governo uma amostra das incompetências que ele encerra? Lá vai:

Não permite que pratique a homeopatia, senão quem estiver habilitado a isto pelos Institutos e regulamentos do País.

Mas não há Instituto, nem regulamento do País que habilite alguém para o exercício da homeopatia; logo, ou foi ignorância crassa, ou foi propósito de proibir o exercício daquele ramo da medicina.

No primeiro caso ... *miseret*²⁴¹!

volume - vide a respeito a nota 19.

241 (Nota do Organizador) Em tradução livre, seria algo como “é de dar dó”. (Fonte: <https://pt.globe.com>).

No segundo ... *paenitet*²⁴²!

Como espírita, somos suspeitos, porque caímos na desgraça especial do grande homem; se isto não fora, diríamos ao governo: cobre o dinheiro que deu - e salve nossa pátria da vergonha e do ridículo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 09-11-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1838

242 (Nota do Organizador) Em tradução livre, algo como "perdão", "desculpe". (Fonte: <https://pt.globe.com>)..

Artigo CLX - O PAIZ, 17.11.1890

Se o Espiritismo, condenado por feitiçaria no Brasil, fosse, simplesmente fruto da concepção humana, como é o positivismo, elevado no Brasil à categoria de forma de governo, muito poderia influir sobre seu progresso o código penal, que acaba de ser promulgado.

Desde, porém, que em vez de ser obra dos homens, extingüível como tudo o que é dos homens, ele tem uma origem divina, porque é ciência e revelação, ou antes: revelação científica, debalde se conspiram por embargar-lhe o passo os poderes de toda a humanidade, quanto mais de uma sociedade.

Gravem, quanto quiserem o *lema* das ideias de Comte no estandarte desta nação - criem dez mil códigos penais para evitarem que, em seus anais, se grave, por sua vez, o *lema* do Espiritismo: que tudo isto, e o mais que possam imaginar, não logrará que se afaste, de uma linha, a marcha dos sucessos, traçada pela onipotente Vontade.

Nem o positivismo, obra de homens, há de fugir ao destino posto a todas elas, embora o ampare com todas as forças de que dispõe, o governo provisório, que não se peja de escandalizar um povo espiritualista, de cuja fraqueza de ânimo abusa.

Nem o Espiritismo, ciência que tem por base leis imutáveis, postas pelo Criador, há de fugir ao destino de toda a verdade, embora o combata, com todas as forças de que dispõe, o governo provisório, que não se peja de escandalizar o mundo civilizado, expondo ao mesmo tempo ao ridículo nossa pátria, pela adoção do famoso código.

Roma, que era Roma - a senhora do mundo, quebrou as estátuas de seus deuses e curvou o joelho diante do *emblema* dos vis embustes - e também feitiçarias - que, com todo o seu incontestável poder, procurou por todos os meios e modos extirpar da face da Terra.

Como, então, o Brasil, um átomo comparado com o império dos Césares, sob o ponto de vista da força, mesmo de civilização, há de conseguir o que aquele império não pôde - e o oposto e o mais impossível: a repulsão da verdade e a consolidação do erro?!

Falamos assim, sem receio de que nos contrariem, porque as leis reveladas pelo Espiritismo não são dessas que se *demonstram* - são das que se *mostram*.

A *comunicação do nosso mundo com o invisível*, isto é, dos Espíritos encarnados com os desencarnados, é tão fácil de mostrar como a daqui a Europa, por meio do cabo submarino.

A *pluralidade das existências de nossas almas*, desde que se faça, por algum tempo, continuado estudo experimental da comunicação com os desencarnados, patenteia-se, evidente e irrecusável, como o mundo microscópico patenteia-se ao que, pouco e pouco, habitua-se a observá-lo.

Com estes dois elementos, forma-se toda a vasta ciência, toda a sublime filosofia espírita; e, pois, o Espiritismo é ciência experimental, que só repele, por feitiçaria ou magia, um ignorante ou um obsedado pelo sistematismo.

E, se é, como dissemo-lo, firmado na observação e na experiência, uma ciência baseada em princípios de prova experimental - e se estes princípios são o peão sobre que gira toda a evolução espiritual, segue-se que o Espiritismo - ciência experimental, é também ciência moral ou cosmogônica e por conseguinte de caráter religioso.

Ensina donde viemos e para onde vamos; mas ensina não por palavras, senão com provas experimentais; donde os deveres que nos cabem em todas estas novas relações, que nos são reveladas.

São estes deveres, ou a parte moral do Espiritismo, que revolta os padres, para os quais a obra de Deus não é perfeita, sem existência do demônio e do Inferno.

São os fatos probatórios da nossa sobrevivência ao corpo - da imortalidade de nossa alma, com a responsabilidade insepa-

rável da liberdade, que revolta os materialistas, em cujo número estão os positivistas.

Por que estes senhores, em vez de se contentarem com a liberdade que têm de rir do Espiritismo e dos espíritas, não fazem como os verdadeiros homens da ciência - não descem à observação e à experiência, para terem fundada razão de rir, sem correrem risco de se ouvirem chamar - bobos alegres?

Confundam os espíritas, mostrando que são imaginativos ou preparados por artes mágicas esses fatos que servem de fundamentos a suas crenças!

Façam assim, que mesmo entre nós, homens de verdadeira ciência, têm-no feito, sem receio de descer, porque não desce quem procura a verdade, onde quer que seja - e desce de fato o que, entendendo possuir o critério absoluto, ri do que não conheceu, nem procurou conhecer!

O ilustre advogado, que tão triste cópia deu de si com o seu pantagruélico²⁴³ código penal, porque não emenda seu vergonhoso erro, indo verificar: se efetivamente o Espiritismo é feitiçaria! Bismark²⁴⁴ e Gladstone²⁴⁵ não se dedignam de fazê-lo - e são espíritas!

E o governo da República quanto elevaria nosso nome, no mundo civilizado, nomeando uma comissão de homens, que nenhum interesse pudessem ter na questão e que sejam de notória capacidade, para verificar a verdade ou falsidade da mediunidade curativa ou receiptista, que foi o que fez a história do tal código!

243 (Nota do Organizador) 1. Que é relativo ou se assemelha à figura do gigante Pantagruel, personagem de François Rabelais (ex.: filosofia pantagruélica). [Por extensão] Que é muito grande em tamanho, extensão, quantidade ou diversidade; desmesurado; enorme; excessivo; gigantesco. (Fonte: Dicionário Priberam online)

244 (Nota do Organizador) Otto Eduard Leopold von Bismarck-Schönhausen, Príncipe de Bismarck, Duque de Lauenburg (1815-1898) - Nobre, diplomata e político prussiano. Conhecido como "o Chanceler de Ferro", foi o estadista mais importante da Alemanha do século XIX. (Fonte: Wikipedia)

245 (Nota do Organizador) William Ewart Gladstone (1809-1898) - Político liberal britânico, primeiro como deputado no Parlamento e depois ocupando vários cargos no governo. Líder do Partido Liberal, foi Primeiro-ministro do Reino Unido por quatro vezes. (Fonte: Wikipedia)

Faça-o pelo bem da ciência - em bem de milhares de pobres, que recebiam a esmola do tratamento - e em bem de seus próprios foros.

Faça-o, que, se escolher homens sérios e desinteressados na averiguação, reconhecerão que fez mal em dar por provado o que escreveu o tal doutor, levado pelas reclamações de uns tantos médicos, que não se prestaram a estudar.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 17-11-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1886

Artigo CLXI - O PAIZ, 23.11.1890

Embora estivesse classificado pelo autor do código penal da República do Brasil na ordem dos feiticeiros, Max não deporá a pena senão quando o mandarem para a *celular*.

É verdade que estes estudos não têm mais para ele o sabor que o deleitava, visto que têm eles por fim demonstrar que os maiores vultos da humanidade, em todos os tempos, têm professado as ideias cardeais do Espiritismo - e sangra-lhe o coração de brasileiro ser obrigado a confessar que os maiores vultos de sua pátria, como devem ser considerados os que dirigem a nau do Estado, condenam aquelas ideias por feitiçaria.

Que difícil posição!

O crente sente o mais jubiloso prazer, por ver suas convicções abraçadas e sustentadas pelos sábios - o patriota cobre a cara de vergonha, por ver os *sábios* de seu país lavrarem, com uma dúzia de penadas, a sentença de ignominiosa condenação para sua terra e para sua gente.

Haverá no mundo algum homem tão insensato que, no conflito de opiniões sobre a nova ciência, entre o autor do código e os Crookes - os Wallace - os Zoëllner - os Ulrice - os Sardou - os Flammarion - os Gibier - os Víctor Hugo - os Bismark - os Gladstones - os Lincoln e inúmeros outros, que não é possível designar num trabalho destes?

Haverá um homem sensato, que, em semelhante conflito, tome na mais ligeira consideração o juízo do autor do código brasileiro?

Mas o juízo deste pobre homem, que não pensou no que escreveu - e escreveu sobre matéria que lhe é completamente des-

conhecida, infelizmente não inquina do ridículo exclusivamente a seu autor.

Uma vez que sua obra foi aceita pelo governo, ela exprime o pensamento da nação.

Um código concreta, ou deve concretar, as ideias correntes da sociedade.

Conseqüentemente, o ridículo, que resulta do nosso art. 158 do nosso²⁴⁶, afeta o governo - e afeta a sociedade brasileira.

Se algum Swift²⁴⁷ lesse o código brasileiro, julgar-se-ia habilitado a descrever-nos assim pelo modelo dos Huyhnhmns, ou dos Liliputianos, que tanta fama deram ao ilustrado filho da Grã-Bretanha.

Pobre Brasil, que, mais uma vez, se confirmou por obras o que dele disse alguém: “País onde tudo é grande, menos o homem!”

E agora cada vulto que apresentarmos, como sustentador dos princípios e das práticas espíritas, será um escarro atirado às faces da nossa querida pátria!

Não importa! Cada um tem o que merece - é a verdade acima e antes de tudo.

Saibam os grandes homens da ciência, hoje geralmente ocupados com o estudo dos fenômenos espíritas, que no Brasil nem todos são dignos de seus risos de mofa e de piedade - que o famoso código provocador de seus desprezos não exprime o sentimento geral da nação - que, se uns tantos o aceitam, muita gente o repele com dolorosa indignação.

Max dará disto testemunho - e, um dia, quando o Espiritismo não mais fizer rir aos levianos, como acontece a tudo o que assenta na verdade, experimentalmente provada, como o siste-

246 (Nota do Organizador) Esse artigo afetava diretamente a mediunidade curativa. É possível recuperá-lo também na página da internet do Palácio do Planalto, conforme fizemos com o de número 157 (nota 236, pág. 200 deste volume): “Ministrar, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o ofício do denominado curandeiro: Penas - Prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000”. .

247 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente alude aqui a Jonathan Swift (1667 - 1745), escritor anglo-irlandês conhecido principalmente pelo romance satírico “As Viagens de Gulliver”. Vale lembrar que Lilliput é a paisagem da primeira etapa das aventuras do famoso personagem, e o país dos Huyhnhmns a da quarta e última parte de sua longa e atribulada viagem.

ma de Galileu, como a invenção de Fulton, como a descoberta de Hahnemann, veremos o que sobrenadará no conceito dos homens criteriosos de nossa Terra: se o código ou as práticas espíritas que ele condena - se o autor daquela *vergonha nacional* ou se o pobre Max, que protesta em nome da *honra nacional*.

Antes de continuarmos nossa tarefa, manda a caridade que procuremos dar luz ao cego, autor do código.

Sabemos que S. Sa. tinha na mente certos espíritas, quando escreveu aquele artigo, que será sempre o documento de sua fraqueza moral e de seu atraso intelectual.

Condenar uma classe, para ferir um ou dois indivíduos!

Expor sua pátria ao escárnio dos sábios do mundo para satisfazer a indisposições pessoais!

Não importa! O passado é passado. O que cumpre é prevenir o futuro.

S. Sa. pensa deveras que o Espiritismo é magia?

Entre em si mesmo - e procure os fundamentos de semelhante juízo.

Reflita sobre os fatos: de haver milhares de jornais espíritas espalhados por todas as nações civilizadas - de já poderem os espíritas reunir um Congresso na capital do mundo moderno, Congresso que toda a grande imprensa de Paris qualificou de um dos mais notáveis que o mundo tem visto - de se ocuparem com os estudos experimentais dos fenômenos espíritas os maiores sábios de todas as nações civilizadas.

Reflita sobre estes fatos notórios e notabilíssimos - e diga, em consciência, podem eles ter por fim objetivo o que S. Sa. qualificou de *magia e feitiçaria*?

Se o bom senso não se desertou de seu espírito, o ilustre advogado há de confessar, forçosamente: que houve-se com a mais lastimável leviandade, sobrepondo-se aos mais notáveis homens da ciência.

O que lhe cumpre agora fazer?

Em vez de proceder como os parvos, que sustentam o mais ridículo absurdo, ou porque não o podem reconhecer, ou porque entendem que é vergonhoso confessá-lo, em vez disto, cumpre-lhe fazer penitência para resgatar sua enorme falta.

Max, mais complacente que os padres, vai impor-lhe uma penitência, que é leve - e que aproveitará à salvação de sua alma e ao cultivo de sua inteligência.

Estude a Doutrina Espírita por seus fundamentos - e procure verificar experimentalmente, mas de boa vontade, seriamente, conscienciosamente, os princípios que lhe servem de base.

Faça isto com o empenho sincero que todo homem deve ter pela descoberta da verdade, ainda mesmo que ela choque suas mais íntimas convicções - e, no fim, veremos: se dirá ou não o seu *paenitet* - se ainda chamará feitiçarias às práticas espíritas.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 23-11-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1914

Artigo CLXII - O PAIZ, 30.11.1890

O fato que mais influiu no ânimo do autor do código penal, para condenar por magia e feitiçaria o Espiritismo, foi o de um espírita dar consultas e fazer curativos.

Podia o homem condenar o fato, sem fazer que o Brasil condenasse a ciência, à laia de juiz de paz da roça, que suspendeu a Constituição.

Estava, porém, fadado o tal jurisconsulto a expor este país ao ridículo, não somente por esse fato de condenar o que os sábios do mundo reconhecem como ciência, mas principalmente por ter feito um trabalho, em todas as suas partes, indigno de ser comparado ao código que possuíamos, monumento de saber, que fazia honra à nossa pátria, que era citado com respeito pelos mais distintos jurisconsultos estrangeiros.

O governo provisório devia retocar o velho código, porque a sociedade brasileira tem progredido - e, principalmente porque tomou outra forma de governo; não devia, porém, aceitar a obra dos vinte e cinco contos, que, em vez de ser um retoque, foi uma desgraçada substituição do nosso excelente código - e tal que, se fôssemos comparar as instituições monárquica e republicana por este estalão²⁴⁸, desapareceria a República diante do Império.

Felizmente, o governo republicano aceitou o trabalho na fé do autor, que gozava grande fama - e, com certeza, quando o estudar, o condená-lo-á à geena, para que se faça um código, pelo menos, na altura do que possuíamos - e muito nos honrava.

Deixemos, porém, esta ordem de considerações para oportuna ocasião - e tratemos do ponto inicial deste artigo: a conde-

248 (Nota do Organizador) Medida; padrão. (Fonte: Dicionário Priberam online)

nação do Espiritismo, ciência, por causa do fato de o aplicarem à cura das moléstias.

Os médicos acoimam²⁴⁹ este fato de charlatanismo, de torpe especulação, do mesmo modo como procederam em relação à homeopatia - ao magnetismo e ao sonambulismo e hipnotismo.

Já o reconhecimento universal da verdade da homeopatia, como meio de curar, e do magnetismo, sonambulismo e hipnotismo, devia advertir aos médicos: que o *mundo marcha* - e o único princípio de verdadeira sabedoria *é nada aceitar, nem recusar, sem estudo - sem observação - sem experiência.*

Sujeitaram os médicos aos exames científicos o fato que julgam proscrever, chamando-o - charlatanismo - magia - feitiçaria?

O espírito de sistema é mais nocivo à descoberta da verdade do que a própria ignorância.

Em vez de estudo, empenho para que se abafe a verdade, que, impávida, zombará sempre de todos os embaraços que se lhe possa opor.

Mas, então, será verdade: que se cura pelo Espiritismo?

Primeiro falem os fatos, para vir depois o raciocínio - a razão.

Os fatos contam-se entre nós por milhões - e não se têm dado somente com pessoas de baixa esfera social, senão com inúmeros indivíduos da nossa alta sociedade.

O charlatão, consultado, dá o diagnóstico do doente, que não vê, não examina, não interroga - e o diagnóstico confere com o dos mais distintos médicos!

Citaremos, a propósito, um caso notável.

Foi um ilustre deputado por Pernambuco, que incognitamente procurou um *curandeiro* espírita, no intuito de verificar por si a verdade do que se dizia e se ridicularizava.

Consultou sobre seu pai, residente no Recife; e, além de ter o diagnóstico perfeito dos sofrimentos do doente, teve mais a surpresa de lhe dizer o *curandeiro* a causa original de tais sofrimentos: a queda de um cavalo que o pai montava.

O fato era real - e ele o consultante nem sequer nele pensava, mesmo porque não supunha que tivesse relação com os padecimentos do pai.

249 (Nota do Organizador) Atribuir qualidades negativas a; tachar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

O *charlatão*, além de fazer diagnósticos com a determinação dos fatos, que lhe é impossível provavelmente conhecer, receita os remédios - e aqui está o essencial para o observador.

Os doentes os mais graves curam-se, como com a medicina oficial! E não se curam, um hoje, outro amanhã, como causas fortuitas, senão às dezenas e às centenas por mês!

A estatística deste sistema, se não é superior, não fica abaixo da mais vantajosa que se conheça.

Na epidemia de bexigas²⁵⁰, que tivemos em 1888, fomos testemunha presencial do seguinte:

Enquanto o hospital montado pelo governo, na ilha de Santa Bárbara, com todos os recursos e condições higiênicas, demonstrou uma mortalidade de 33%, a estatística de um *curandeiro* espírita, tratando-se de gente paupérrima, sem meios de guardar resguardo e dieta, foi de 9 1/4 %, em trezentos e tantos doentes.

É, pois, um fato, que está ao alcance de quem quiser observar: que pelo Espiritismo cura-se.

Como, porém, explicar-se este fato?

O Espiritismo baseia-se, como é sabido, na comunicação dos Espíritos daqueles que chamamos mortos com os vivos.

Se é isto verdade, e também é fato que pode quem quiser observar, o que há de extraordinário, em vir o Espírito, que foi de um médico, exercer a caridade, comunicando-se com um vivo, não para coisas fúteis, mas para dizer-lhe quais os sofrimentos de um doente - e quais os meios de combatê-los?

Admitis a existência do Espírito?

Admitis a comunicação dos Espíritos?

Nada vos embarçará de admitir: que eles se comuniquem para aquele fim, como para outros.

Não admitis a existência do Espírito, nem, conseqüentemente a comunicação dos mortos com os vivos?

Ide ver - ide observar- ide experimentar.

Voltaremos à matéria, antes de prosseguirmos na consulta aos grandes vultos da humanidade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 30-11-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1948

Artigo CLXIII - O PAIZ, 07.12.1890

Max gosta de ir logo ao fundo das questões - e é por isto que, no passado artigo, descarnou o que dá escândalo no Espiritismo: sua aplicação à cura das moléstias.

É preciso que se saiba, que não constitui isto o Espiritismo, mas que é apenas um fenômeno espírita - uma consequência natural da grande lei da comunicação dos Espíritos.

E nem é esta a única, porque a História registra fatos, que são outras tantas aplicações da mesma lei a diferentes ordens da concepção humana.

De memória, Max citará os seguintes:

Sócrates declarou, no livro 6º da sua “República”, que muitas ideias lhe eram inspiradas por seu *demônio* familiar²⁵¹.

Não vão tirar daí a conclusão de que o imortal filósofo admitia a existência dos *demônios* do Catolicismo.

Demônio era chamado todo Espírito desencarnado.

Aí temos, pois, um exemplo da comunicação de um Espírito, que sugeria ideias políticas e filosóficas.

Massillon, o grande orador sacro²⁵², dizia: que suas melhores orações lhe eram sugeridas durante o sono.

251 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente refere-se a esta citação do parágrafo 496-c: “Quanta a mim, não convém que eu fale do meu demônio familiar e pressaga que me adverte interiormente, pois é duvidosa que se possa encontrar outro exemplo no passado”.

252 (Nota do Organizador) Jean Baptiste Massillon (1663-1742) - sacerdote católico e famoso orador francês. Há algumas mensagens suas em obras de Kardec - vide “Revista Espírita” (Abril de 1861, Pág. 192 - Outubro de 1861, pág. 457; Março de 1867, pág. 126 - ed. FEB), e “O Livro dos Médiuns” (Capítulo XXXI - “Dissertações Espíritas”, mensagem XXV).

Compreende-se: que não podia ser seu próprio Espírito que lhe sugeria aquelas notabilíssimas orações, porque, se tivesse ele capacidade para tanto, te-la-ia dormindo ou acordado.

Temos, pois, neste caso, um exemplo de comunicação, sugerindo ideias religiosas.

E isto prova: que os Espíritos, que conosco se comunicam, não são demônios, no sentido da Igreja romana.

Voltaire, o incrédulo Voltaire, confessava: que o 2º livro da sua “Henriade”, sem dúvida o melhor de todo aquele poema, a juízo dos competentes, lhe fora sugerido às horas do sono.

Será, pois, um exemplo de comunicação de um Espírito, que sugeriu ideias poéticas.

Ora, assim como o Espírito de um político e filósofo deu a Sócrates suas ideias naquele sentido - assim como um Espírito imbuído nas crenças da religião deu a Massillom ideias sagradas do mais alto quilate - assim como, finalmente, um Espírito de poeta inspirou a Voltaire, por que não pode um ou mais Espíritos de médicos comunicar com um vivente para lhe ensinar os meios de curar os doentes?

Foram vesânicas de Sócrates - de Massillom - de Voltaire, dirão os espíritos fortes, que só reconhecem como verdade aquilo que está dentro do círculo de suas crenças.

Muito bem, mas como explicarão eles os fatos, que se prestam à experiência material: de um homem dizer o que tem outro - e até a causa de seus sofrimentos, a longas distâncias, como o caso que citei do doente do Recife - e simplesmente dando-se-lhe o nome e a idade do doente?

Houve já - ou poderá haver - algum médico, que conheça a fundo a doença de alguém, sem fazer exame e sem comemorativos²⁵³, simplesmente, sabendo como se chama - que idade tem - e onde mora?

Se não há sábio desta ordem, hão de confessar os incrédulos: que mais extraordinário é o fato sem a intervenção de um Espírito, do que com ela.

Só há o recurso de negar o fato; mas este cai desgraçadamente por terra, diante da observação e da experiência cotidiana.

253 (Nota do Organizador) Relativo ao estado anterior do doente e que facilita o diagnóstico. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Com efeito, se não se dessem senão raros casos daqueles, poderia ter lugar a dúvida: são casualidades.

Os casos, porém, são por milhões - e pode-se provocá-los quanto e quando se quiser.

Como, então, explicá-los por casualidade?

Os que impugnam o princípio, não podem cerrar os olhos à evidência dos fatos; salvo aqueles que só aceitam o que querem.

O homem da ciência e de bom senso, já o temos dito, tem como princípio: nada recusar - nada aceitar, sem que tenha feito o preciso estudo e a conveniente experiência.

E o homem de ciência e de bom senso procede assim, porque, se os tolos, embora gozem a fama de sábios ou ilustrados, podem alimentar a pretensão de que a humanidade, se não eles próprios, conhece tudo o que Deus escreveu no grande livro da criação.

Quando, pelo estudo do passado, verificamos que tem sido dada ao mundo a revelação científica e religiosa, gradual e progressivamente, na medida do progresso que tem feito o mundo, o que há de mais lógico, do que deduzir: que esta relação da revelação com o progresso humano, constante durante o tempo passado, continuará para o futuro, e até que o progresso humano tenha chegado ao seu máximo termo?

Quererão os que impugnam as ideias novas, sem estudo nem observação, que já tenha chegado a seu apogeu a perfectibilidade humana?

Contra esta estólida²⁵⁴ pretensão levantam-se inúmeros fenômenos naturais, irrecusáveis, cujas leis ainda não são conhecidas.

Quem já determinou a lei regulamentar do fluxo e refluxo do mar? mas o fenômeno não pode ser posto em dúvida.

Quem já determinou a lei que rege as várias influências das conjunções dos astros sobre o corpo humano? mas o fato aí está ferindo a mais rude inteligência.

Se, pois, ainda não chegou o mundo à maior altura da ciência - e se é de observação que novos conhecimentos nos são revelados, na medida do progresso que fazemos, é tolo repelir

²⁵⁴ (Nota do Organizador) Que mostra falta de bom senso ou de sensatez; absurdo, descabido, disparatado, insensato. (Fonte: Dicionário Priberam online)

esta ou aquela ideia nova, somente porque repugnam as crenças filosóficas - religiosas - e científicas de quem as repele.

Para estes não admira que a cura pelo Espiritismo seja considerada coisa de feiticeiro!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 07-12-1890:

http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/1985

Artigo CLXIV - O PAIZ, 15.12.1890

Ainda uma palavra sobre a comunicação dos vivos com os mortos, que é o que faz julgar feiticeiros os espíritas.

Será a transcrição de um capítulo de uma obra inédita de Max²⁵⁵.

“Fantasias! Delírios de cérebros superexcitados! Eis o que é a história da comunicação dos mortos!

“Assim falam o materialista, que não admite a existência da alma - e o católico, que a admite, porém que encerra-a, logo depois da morte - no Céu - no Purgatório - ou no Inferno, donde não lhe é dado sair para vir à Terra.

“O que importam fatos em contrário, se a ciência e a Igreja não querem vê-los?

“Mas a ciência também não quis ver os fatos do magnetismo - e o magnetismo aí campeia triunfante no juízo dos sábios da Academia!

“Mas a Igreja também não quis ver as provas de ser a Terra e não o Sol, que gira, - e o anatematizado sistema de Galileu aí campeia triunfante no juízo dos infalíveis do Vaticano!

“É que materialistas e padres não acreditam que sejam, igualmente obras de revelação a ciência e a religião - e não sabem que o caráter essencial de toda a revelação é ser progressiva e progressiva na razão do progresso humano.

“Por esta lei, perceptível à simples leitura da História da humanidade e comprovada por fatos profanos e sagrados, verifica-se: que em toda a ciência - e em toda a religião há sempre ideias humanas de mistura com as reveladas.

255 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos identificar a que obra sua Dr. Bezerra se refere.

“Por esta lei, a parte divina: a revelação de verdades não se altera com o andar dos tempos, antes se enraíza com os subsídios que lhe trazem ulteriores revelações; ao passo que a parte humana falível vai com o tempo empalidecendo, até que maior progresso humano a faz destacar-se do corpo de doutrina científica ou religiosa, como a lepra do corpo, combatida pela medicina, destaca-se, pouco a pouco, até deixá-lo limpo.

“O último erro científico e religioso desaparecerá, quando a humanidade já puder receber a última revelação de Deus!

“Sendo assim, se vemos princípios considerados verdadeiros, tanto em ciência como em religião, serem mais tarde reconhecidos falsos, por que e com que fundamento havemos de repelir uma ideia, somente porque está fora do círculo de nossas convicções?

“Se a revelação é progressiva - e se cada uma traz ideias novas, que destronam ideias velhas, por que recusar uma daquelas somente porque é contrária a uma destas?

“Se tais reações e substituições não foram, a ciência seria hoje o que foi nos séculos passados, sem adiantar uma linha - e a religião ainda regular-se-ia pelo código draconiano de Moisés.

“São altos Espíritos, missionários de novas verdades, que tomamos por membros comuns de nossa humanidade, os que vêm encarnar entre nós, só para impulsionar a ciência, até onde pode permitir o progresso que temos realizado.

“São outros que tais, os que vêm depurar a religião de suas ideias humanas, aumentando o acervo das divinas, até onde lhes permite o progresso que temos feito.

“Se, pois, o materialista e o padre estão vendo, na História do mundo, esta constante substituição, como repelirem a comunicação dos Espíritos, um porque não quer aceitar sua existência - outro porque não quer aceitar a novidade da própria comunicação?

“Diante dos milhares de fatos que se dão hoje - e por sua súbita multiplicação, o bom senso aceita a ideia de uma nova revelação.

“Para o materialista, a questão cifra-se em aplicar a tais fatos os processos experimentais da ciência. E, se por eles verificar, como não pode deixar de acontecer, que efetivamente um ex-vivente se manifesta, dando todos os sinais de sua identidade, como persistir em suas crenças?

“Para o padre, a questão não é somente de compreensão - é, também e principalmente de consciência.

“Roma ensina: que Jesus lhe confiou todas as verdades, que podem descer do Céu à Terra - e que, portanto, qualquer coisa, que altere o statu quo, é sugestão do demônio.

“Não reflete o padre: que semelhante ensino é de pura origem humana, pois foi o próprio Jesus quem disse, como se vê no Evangelho de S. João: Muitas outras coisas tinha que ensinar-vos; mas não é oportuno; em tempo, porém, enviarei o Espírito de Verdade, que tudo explicará²⁵⁶.

“Há, pois, verdades, que Jesus não ensinou - e Roma deve esperar, como toda a humanidade!

“E é firmado nas palavras do divino Mestre, que o padre não pode repelir ideias novas, porque destoam das velhas.

“De ser o Espiritismo obra do demônio, admitida a existência deste mito, racionalmente incompatível com a existência de Deus - e que é, com certeza, uma das ideias humanas imiscuídas com as divinas, fácilimo é reconhecer, uma vez que Jesus deu-nos o critério infalível, quando disse: Pelo fruto reconheceréis a árvore²⁵⁷.

“Se, aplicado este critério à ideia da comunicação dos Espíritos, reconhecer-se: que é ela nociva à humanidade - e contrária às perfeições divinas, razão terá o padre para repeli-la.

“Em boa-fé, porém, não há quem possa dizer: que Deus deixa de ser Deus - que sua augusta majestade se desmerece pelo fato de ter Ele posto a lei da comunicação dos Espíritos!

“Muito pelo contrário; à parte, os preconceitos religiosos, reconhece a razão, com aplausos da consciência, que uma tal lei é até condição do amor universal, tal como o próprio Deus recomenda no Decálogo, pois que por essa lei os laços que prendem os Espíritos na Terra não se rompem com a morte.

“Lei de amor não pode ser fruto de árvore ruim - não pode ser sugestão do demônio!

“Como fecundar-se o amor universal, suprema lei da criação humana, se os Espíritos separarem-se eternamente, indo uns para o Céu - e outros para o Inferno?

256 (Nota do Organizador) Jo. 16:12-15, já referida.

257 (Nota do Organizador) Mt. 7:16 ou Mt. 7:20; ou Lc. 6:43-44, como também, no mesmo sentido, 1 Samuel 24:13; Provérbios 20:11; Gálatas 5:22; Tiago 2:18 e 3:12.

“Podem os condenados, sem mais possibilidade de salvação, alimentar em seu coração o amor, que é a condição dos que aspiram à salvação?”

“Isto sim; rompe a solidariedade humana - faz do amor coisa transitória - e atenta contra o divino preceito: amai-vos todos como irmãos. Isto, pois, é pura invenção humana!”

“À Doutrina revelada pelo Espiritismo, consistente na evolução dos Espíritos - e no seu progressivo aperfeiçoamento, intelectual e moral, mediante as vidas sucessivas, até que os maus compreendam o Bem - e os bons se elevem à condição angélica - esta excelsa doutrina da salvação universal, da qual faz parte a comunicação dos Espíritos, longe de fazer desmerecer, exalta a infinita grandeza do Senhor. Esta Doutrina tem o critério da verdade.

“O padre, pois, removidos os escrúpulos da consciência, está, como o materialista de boa-fé, na obrigação de estudar os fatos, em vez de se acastelar em suas crenças.

“E, se um e outro descerem conscienciosamente a este estudo, verificarão a insubsistência dos princípios que têm-lhes sido verdadeiras quedas espirituais.

“É porque temo-lo feito, com a persistência e a paciência que reclama um estudo de ordem tão elevada, que somos, na mais pura e sã consciência, sectário do Espiritismo, ciência de caráter religioso ou religião cristã de caráter científico.”

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 15-12-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2036

Artigo CLXV - O PAIZ, 21.12.1890

Max não pretende abalar as colunas do templo da sabedoria, do qual é um dos sacerdotes o autor do código penal, com sua prisão celular, com a condenação do Espiritismo e com outras ideias, que lhe dão o tipo do obscurantismo medieval.

Max bem sabe: que tudo tem sua razão de ser - e que, portanto, o famoso código - famoso por atestar um retrocesso da sociedade brasileira, que já produziu obras monumentais do seu saber, deve representar importante função em nossa evolução social.

Uma obra daquelas deve consubstanciar os sentimentos e pensamentos - o grau de civilização e do progresso de um povo.

Não é, conseguintemente, estranhável que os brasileiros, tendo dado de si a mais brilhante prova com a produção do velho código - verdadeiro monumento de sabedoria, exibam-se agora tão tristemente, produzindo um ridículo ralinho²⁵⁸, que só serve para envergonhá-los no conceito do mundo?

Os filósofos, que não olham para os fenômenos humanos, como o boi para palácios, hão de procurar a causa de ter uma nação retrogradado, quando a grande lei da humanidade é a do progresso!

Terão os homens brasileiros diminuído tanto que, nem mesmo sob o influxo do regime republicano, o mais enérgico propulsor das forças mentais de um povo, puderam fazer obra comparável às da monarquia, centralizadora - esterilizadora - asfixiante, que tivemos?

Ninguém o acreditará; mas o fato que dá testemunho de nosso decaimento moral, aí está!

258 (Nota do Organizador) Pouco denso. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Como, então, explicá-lo, sem prejuízo da lei universal do progresso individual e social?

Qualifiquem-nos, embora, de místicos visionários, os que se orgulham de ser espíritos fortes; nossa firme convicção, baseada no estudo da História, é que este raquitismo, que se nota no domínio da República, provém de ter esta banido a religião.

A Doutrina de Jesus foi o facho que iluminou o mundo - foi a força mágica que deu real impulso ao progresso da humanidade - foi a causa original da alta civilização, que faz o orgulho do nosso século.

Proscreever, pois, tão portentosa Doutrina é retroceder para antes da cruz - é privar a sociedade brasileira dessa mágica influência, que transformou os povos bárbaros em civilizados.

Dizendo: que proscreeveu-se a Doutrina que revolucionou a humanidade, Max não se refere ao decreto da separação da Igreja e do Estado, alta necessidade para o progresso de uma e do outro.

Refere-se, sim, a ter-se arrancado das ameias do castelo da República o símbolo da redenção, para implantar-se, em seu lugar, o símbolo do positivismo.

Refere-se a ter-se proibido nas escolas o ensino da Santa Doutrina, suprimindo-se até a filosofia, que é o nervo da ciência - das artes - e das letras, só porque ensina a existência da alma e de Deus, criando-se, nas faculdades, cadeiras da moral de Comte.

Refere-se, finalmente, a ter-se banido da sociedade brasileira o Eterno Jeová e o puríssimo Jesus, substituindo-os pelo deus - humanidade - e por Augusto Comte.

A República, declarando: que o Estado não tinha religião, emprega todos os recursos para fazê-la adotar a religião do positivismo - do materialismo - do ateísmo! Como, pois, estranhar-se aquele fato, diante deste outro?

Banir-se a religião do Criador, para plantar-se a de um homem!

Também são homens os que ensinaram aquela, dir-nos-ão.

Sim, mas aqueles homens deram prova de que eram envidados pelo poder sobrehumano que ostentaram - e pela própria moral que ensinaram.

Quem não compreende: que uma lei, que prescreve o amor até mesmo ao inimigo - que manda fazer o bem até a quem faz mal; quem não compreende, sem esforço, que tal lei que denuncia uma origem muito fora e muito superior ao turbilhão das paixões humanas - não pode proceder do coração e da natureza humana?

E a moral positivista o que nos oferece, que possa ser comparável àquela excelsa grandeza? Nada, absolutamente nada, porque a obra de um homem nunca igualará a de Deus.

Comte tirou os elementos de sua moral, se este nome pode ser dado a um rasteiro plágio, a uma cópia sem merecimento; Comte tirou os elementos de sua moral da moral de gozar - e sua obra só encerra novidade, quando rasteja por minúcias: como a de não poder o cidadão acumular empregos - e de não receber do Estado mais do que é preciso para viver parcamente - e outras queijandas, que revelam a origem humana.

Se mentimos, apresentai-nos a ideia da moral positivista, que não esteja contida na moral de Jesus, e que possa sofrer paralelo com as altas ideias desta obra divina.

E não querem ver esterilizado um regime político que procura divorciar a nação da luz - da verdade - do bem, para fazê-la abraçar-se com um ímpio!

Robespierre quis também encaminhar por aí a sociedade francesa; mas a História nos ensin: que, na revolução, que pode ser chamada - um vulcão humano - o que era providencial seguiu seu curso - e tem dado os frutos que hoje gozamos; ao passo que a parte humana e ímpia caiu por terra, não tendo servido senão de estorvo ao progresso da nobre nação, que se não o tivera, nunca teria sido excedida, ela a propulsara, por outras que lhe deveram o impulso.

Deus não precisa, para ser Deus, que nós o reconheçamos - que lhe demos nossos votos.

Além do que o Universo o proclama - inúmeras falanges de Espíritos, habitantes de todos os mundos do infinito espaço, o reconhecem e louvam sem cessar.

Nós, sim: precisamos de suas graças para podermos desenvolver nossa perfectibilidade, que é o dom de seu amor paternal.

E chamem misticismo ou o que quiserem, os fatos provam: que um povo com fé é como um organismo com saúde; vive, move-se, pensa e empreende; mas [sem ela]²⁵⁹ tem, como enferrujadas, as molas de seu físico - de seu moral e de seu intelectual.

Não será esta a explicação de nossa raquitismo atual e designadamente deste código, que nos envergonha?

Não se acusem os homens do poder. Venha quem vier, tudo correrá pelo mesmo modo, enquanto o poder mantiver a preten-

259 (Nota do Organizador) Acréscimo nosso.

são de fazer guerra a Deus, substituindo-se a obra de Jesus pela de Comte, que já conhece o mal que fez, com ela, a si e à humanidade - e que já solicita do Deus que negou, ou renegou, a graça de volver à Terra para combatê-la.

Firme-se a República na verdadeira fé, e veremos como todas a lantejoulas do império se ofuscarão ao brilho de sua luz.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 21-12-1890: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2072

Artigo CLXVI - O PAIZ, 29.12.1890

Depois de ter vazado sua bílis contra o Espiritismo, sendo para isto aproveitado pelos Espíritos que ainda se comprazem com o Mal, o Dr. Batista Pereira²⁶⁰ veio à imprensa sustentar sua obra.

Veio pelo Jornal do Comércio - e por isto Max teve necessidade de recorrer também àquele jornal, para combater o novo Diocleciano²⁶¹ no terreno por ele escolhido para a exposição dos motivos da sua perseguição.

Acudindo, porém, à luta naquele ponto, Max não abandona seu velho posto, donde tem procurado demonstrar com a autoridade dos maiores vultos de todos os tempos a verdade do princípio fundamental da cosmogonia espírita: a pluralidade de existências da alma.

Parece que suas vozes não chegaram aos ouvidos do ilustre Sr. Batista Pereira, ou não tiveram a força de abalar as crenças enraizadas de S. Sa., porque, sem fazer o mínimo cabedal das notáveis citações feitas por Max, atirou com o Espiritismo das alturas da ciência ao baixo nível de feitiçarias que condenou à celular.

Como não ser assim, se o ilustre doutor, apesar de se proclamar bom cristão, foi beber instruções, sobre a nova ciência, no

260 (Nota do Organizador) João Baptista Pereira (1835-1899) - advogado e jurista indicado pelo então Ministro da Justiça, Campos Salles, para a tarefa de revisão do antigo código penal de 1830. (Fonte: Machado, Alcântara. "Para a História da Reforma Penal Brasileira", Ed. Freitas Bastos, 1941)

261 (Nota do Organizador) Imperador romano que governou de 284 a 305 d.C.), autor da chamada "Grande Perseguição" - última e talvez a mais sangrenta perseguição aos cristãos no Império Romano, em 303 d.C. (Fonte: Wikipedia)

artigo, que lhe consignam os dicionários de Littré²⁶² e de Larousse²⁶³!

O Espírito humano, ainda mesmo o da têmpera moral de homens como o Sr. Dr. Batista Pereira, é como a cera: recebe as impressões do meio que a envolve.

Ora, procurar conhecer o Espiritismo nas obras de positivistas - e por elas firmar opinião, é realmente singular, porque o Sr. Batista Pereira é bem ladino para saber que não é em Renan que se pode apreciar devidamente a grandeza e real merecimento da vida de Jesus!

E afirmamos: que o ilustre doutor foi beber àquela fonte a ciência que tem sobre o Espiritismo, porque, lendo o primeiro artigo seu, publicado no Jornal²⁶⁴, encontramos nele as ideias daqueles autores, que S. Sa. cita com o respeito com que o discípulo fala do mestre, tanto que os eleva à categoria de vultos da ciência.

Não será Max que conteste a qualificação, que muito deve lisonjear os ilustres literatos, principalmente partindo de um doutor brasileiro, que se proclama bom cristão.

O caso, porém, de elevar o Sr. Batista Pereira a Littré e a Larousse, às grimpas²⁶⁵ da ciência, quando rebaixa Crookes - Wallace - Flammarion - e Gibier, vultos aureolados pela ciência, à categoria de mágicos e feiticeiros, não pode deixar de levantar um protesto da parte do trabalho do velho Max.

Ou o Sr. doutor, apesar de toda a sua suficiência, não conhece o que nenhum homem de letras pode ignorar: o valor daqueles que qualificou - ou S. Sa. ficou tão obcecado pela leitura de Littré e Larousse, que não admite no mundo quem possa opor-se àquelas autoridades.

262 (Nota do Organizador) Émile Maximilien Paul Littré (1801 - 1881) - lexicógrafo e filósofo francês, famoso pela autoria do "Dictionnaire de la langue française", mais conhecido como o Littré. (Fonte: Wikipedia)

263 (Nota do Organizador) Pierre Athanase Larousse (1817 - 1875) - pedagogo e pedagogista, editor e enciclopedista francês. (Fonte: Wikipedia)

264 (Nota do Organizador) Graças aos prestimosos serviços da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (RJ), é possível localizar e acessar à "defesa" de Baptista Pereira, do seu código, a que se refere Dr. Bezerra neste artigo, no endereço http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_08&pasta=ano%20189&pesq=Baptista%20Pereira&pagfis=2750

265 (Nota do Organizador) Ponto mais elevado de um objecto ou edifício, cocuruto, píncaro. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Em Espiritismo, quem não pensar coerente com as ideias de Littré, Laffitte²⁶⁶ e Larousse, como se lê em seus dicionários, é, para o Sr. Batista Pereira, membro ou pontífice da seita, isto é, vai para a classe dos que exploram a bolsa do próximo ou dos que estão no caminho que leva a um hospício de alienados!

Já se viu tão singular alienação?

É tal: que o ilustre doutor, bom cristão, como humildemente se proclama - e, portanto, espiritualista, invoca a autoridade dos três positivistas, para esmagar o Espiritismo, que é espiritualista!

Max não pode crer: que o Sr. Dr. Batista Pereira ignore quais os fundamentos pelos quais Littré - Laffitte - e Larousse repelem o Espiritismo.

Se, porém, visto que não há brilhante sem jaça, e o próprio Sol tem manchas (chapas), S. Sa. desconhece aqueles fundamentos, é caridade abrir-lhe os olhos, porque, evitando ir para um hospício com os espíritos, não vá direto para o Inferno, para aonde a Igreja manda os positivistas, em cuja companhia S. Sa. está com muito júbilo e orgulho.

Max fará esta caridade ao ilustre doutor, tanto mais, espontaneamente, quanto a divisa de sua seita é: fazer bem até aos que nos odeiam.

Saiba, pois, o ilustre Dr. Batista Pereira que os positivistas repelem o Espiritismo, porque este sustenta a existência do Espírito, e nesta ideia se firma, para construir o edifício de toda a sua Doutrina.

O positivismo, não reconhecendo a essência espiritual, repele, por igual, a comunicação dos vivos com os mortos, e, pela mesma razão, a pluralidade das existências da alma: tríplex fundamento dessa seita mágica.

O que deduziu daí? Que um bom cristão que aceita a autoridade de positivistas contra o Espiritismo, aceita-a ipso facto, (por isso mesmo) contra todo o espiritualismo, e, conseqüentemente, contra o próprio Cristianismo, representado pela Igreja!

Avalie-se, pelo que fica exposto, a desordem que vai pelo cérebro do ilustre autor do código contra o Espiritismo!

266 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra talvez se refira aqui a Pierre Laffitte (1823-1903), filósofo francês, o mais próximo dos discípulos de Auguste Comte, e um de seus 13 executores-testamenteiros. Foi autor de algumas obras enciclopédicas, como "Les Grands types de l'humanité" (vários volumes, 1874-1900), daí talvez sua inclusão entre os grandes dicionaristas franceses. (Fonte: Wikipedia)

Para condená-lo, em vez de procurar estudá-lo, em si, nas suas Doutrinas, nas suas experimentações, vai pedir informações a quem só as pode dar com maldade!

E abraça-se, o ilustre doutor, com os fundamentos destas informações, que são os mesmos que destroem suas crenças religiosas, que nem por isso abandona, pois que continua a dizer-se - bom cristão.

Dói-nos ver um Espírito, assim, desvairado pelo ódio!

Porque, já o dissemos, aquele artigo do código foi criado como uma arma de vingança pessoal.

Max perdoa, e pede a Deus perdão para seu inimigo.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 29-12-1890:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2117

Artigo CLXVII - O PAIZ, 05.01.1891

O compromisso que assumimos no “Jornal do Comércio”, de demonstrarmos, aqui, que a medicina mediúnica não é uma invenção de charlatanismo ganancioso, mas sim uma manifestação real e palpável de verdadeiras leis naturais, ainda nos obriga a adiar o complemento do estudo que temos feito, nestas colunas, sobre a importantíssima tese - multiplicidade das existências da alma.

Quando, pelo desenvolvimento incessante da perfectibilidade humana, germina no meio da humanidade a semente aí, de longos evos, depositada à espera da estação própria; germina a semente de um sistema, que muito naturalmente choca os interesses dos posseiros de sistemas opostos; é inevitável a grita dos senhores da situação, que jogam todas as armas contra o recém-nato.

A luz, mesmo a do astro-rei, nasce sempre pálida e frouxa - e só com o tempo adquire brilho e intensidade.

Assim, a verdade faz sua evolução - e com o tempo sobrepuja a resistência das paixões e dos ódios assanhados pelo interesse material - e, por fim brilha, como o Sol, em seu zênite.

A verdade é de Deus - e não há poder humano que lhe possa tolher a marcha.

Se uma ideia nova, sustentada como verdade, cede à pressão dos esforços humanos, acreditai - e mais tarde se verificar-se-á, é porque de verdade só tinha as aparências.

Acontece que surge a luz de uma verdade - e que o poder dos homens das trevas consegue encobri-la com as espessas névoas de seu obscurantismo; esperai, porém, que um vento providencial dissipará os nevoeiros - e a luz brilhará por toda a Terra.

O sacerdócio hebreu, com os escribas e fariseus - com a pusilanimidade do representante de César, abafaram nas trevas a luz que nos trouxe o Filho do homem, que fizeram desaparecer dos vivos por morte ignominiosa.

Bateram palmas os Espíritos das trevas; mas correu o tempo e a luz do Cristo ilumina o mundo - e o vil crucificado recebe as adorações dos povos!

É que a suprema lei posta pelo Criador exige uma evolução para tudo - não permite, mesmo no mundo moral, que alguma coisa nasça já completa como a Minerva do politeísmo²⁶⁷.

É que a perfectibilidade compreende tudo o que Deus tem criado e criará, de toda e por toda a Eternidade.

Só o erro e a mentira surgem e desaparecem, para não mais reaparecerem.

A mediunidade curadora já tem feito suas provas na Terra - não surge pela primeira vez, como obra ou invenção de charlatanismo ganancioso.

E, uma vez que não tem podido ser sufocada, no correr de tantos séculos - e que mais e mais se vai manifestando vivaz, a conclusão é: que reveste-a o caráter da verdade - e, portanto, que inútil é batalhar contra ela, porque *adversus eam non prevalebunt portae inferi*: não prevalecerá contra ela o interesse material.

Nas Sagradas Escrituras formigam os exemplos da medicina mediúcnica.

O que foi a cura da cegueira de Tobias, que a cegueira dos homens atribui a milagre, muito naturalmente, porque naqueles tempos - e ainda hoje - não havia e poucos há que aceitem esta pura verdade: tudo, tudo sem exceção obedece a leis eternas e imutáveis, das quais a nossa maior ciência não conhece senão uma infinitíssima parte - e por isto atribuímos a milagre os efeitos cujas causas nos são ainda incompreensíveis.

Jesus, que não podia derogar as leis do Pai, que conhecia as mais elevadas, que nós da Terra não lograremos conhecer, curou pelos fluidos de seu puríssimo Espírito cegos, surdos e mudos.

Disto ressalta uma importantíssima consideração: se os Espíritos se comunicam - se há indivíduos que possuem o dom de

267 (Nota do Organizador) Segundo a tradição, Minerva era filha de Júpiter e teria nascido de seu crânio já adulta, portando escudo, lança e armadura. (Fonte: Wikipedia)

servirem-lhes de veículos, quando vier por estes um Espírito elevado, de fluidos benéficos, a cura das moléstias é mais segura do que pela aplicação de tisanas, a dez mil réis cada uma.

Demais, o Espírito, para quem a matéria é transparente, vê o órgão doente - o ponto lesado deste órgão - o grau e a natureza da afecção, tal como nós vemos quando fazemos a autópsia no cadáver.

Ora, entre um que vê com precisão a afecção, e outro que julga dela pelo que diz o doente - e pelo que colhe da apalpação, percussão, auscultação etc.; qual tem mais probabilidade de acertar?

Quem vê, julga o fato pelo fato; mas quem não vê apenas julga por dedução dos fenômenos que aprecia.

Se, pois, é verdade que os Espíritos se comunicam conosco, a medicina praticada por eles é tão superior à que é praticada pelos médicos da Terra, como é superior uma descrição feita de visu²⁶⁸ à que é feita por informações.

Não querendo aceitar os fatos da cura mediúnica da Escritura e do Evangelho senão como milagres, a questão fica reduzida aos seguinte termos:

É verdade que os Espíritos desencarnados se comunicam com os encarnados?

É verdade que aqueles, uma vez admitida a comunicação, servem-se dos médiuns para curarem as moléstias destes?

Resolvidas estas duas questões, está resolvido o temeroso problema da medicina mediúnica.

Trataremos delas em artigos subsequentes - e o fa-lo-emos não só por amor à verdade científica e da caridade cristã, como porque se compreenda: que um médico, convencido de tal verdade, não rebaixa-se, nem rebaixa o pergaminho que recebeu de uma douta corporação, estudando tão importante assunto, por um médium dos chamados curadores ou receitistas.

Pouco importa a um indivíduo que lhe atribuam gananciosa especulação, desde que sua consciência não faça coro com os que lhe atiram as pedras.

Diante da razão clara e despreocupada, quem rebaixa-se, e rebaixa seu pergaminho de médico, além de comprometer sua consciência, é o que, ouvindo por mil bocas atestar curas pelo

268 (Nota do Organizador) De vista, pela própria observação do fato. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Espiritismo, encastela-se na infalibilidade de suas convicções - e não procura dar um passo para verificar a verdade ou falsidade daquela atestação, atribuindo-se ainda o direito de difamar a quem não o acompanha em tão condenável obcecação.

Se não fosse assim - se os médicos, em vez de representarem contra a medicina mediúnica, alegando, sem provas, que é charlatanismo, fizessem dela estudo sério, não seria obrigado a estas considerações o velho

Max.
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 05-01-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2157

Artigo CLXVIII - O PAIZ, 11.01.1891

Os Espíritos se comunicam?

Só a enunciação desta tese faz rir aos materialistas, que não admitem no turbilhão universal senão a substância material, unida à força, donde suas variadíssimas modalidades - e faz abrasar-se o sangue dos católicos romanos, para quem é de fé: que as almas, desprendidas do corpo, têm seu destino definido, por toda a Eternidade, no Céu - no Purgatório - ou no Inferno, donde não lhes é permitido sair por toda a Eternidade.

Ora, em vista da formal oposição dessas duas crenças, é rigorosamente lógico: que elas não podem ambas possuir a verdade - que, se esta está n'um dos dois campos, a outra labora necessariamente em erro.

Mas, qual delas tem razão? Ambas julgam possuí-la, uma em nome da ciência - outra, em nome da religião.

Ciência e religião, para o homem de bom senso, livre do espírito de sistema e de fanatismo, névoas que ofuscam a inteligência, são irmãs gêmeas, filhas do mesmo Pai, criadas para o mesmo fim.

A perfectibilidade humana não se desenvolve só pela religião, porque, se assim fosse, o Céu - a sociedade de Deus - seria um misto de grandezas pela virtude e de trevas, pela ignorância.

Também não se desenvolve somente pela ciência, caso em que entrariam no reino bendito luzeiros de sabedoria, maculados, pelo menos, pela incredulidade nas verdades divinas.

A sociedade do Soberano Senhor não pode, pois, compor-se senão de sábios e virtuosos, mas de sábios e virtuosos em grau a que não se chega em nosso planeta, cuja sabedoria e virtude não

dão para primeiro degrau da escada que leva à perfeição humana; donde a necessidade de muito maior desenvolvimento de nossa perfectibilidade em mundos muito mais adiantados.

Ciência e religião são as duas asas em que se libra²⁶⁹ o Espírito para ascender às alturas de seu esplendoroso destino - são, portanto, igualmente, respeitáveis, até porque são ambas reveladas ao mundo por obra do amor do Pai.

No caso especial da existência do Espírito, não a ciência e a religião, mas uns chamados sacerdotes, os das duas escolas que designamos acima, acham-se completamente divorciados, prova de que uma delas, pelo menos, funda seu edifício sobre o erro.

Tendo ambas a mesma origem divina, como discernir qual não está dominada de fanatismo e de preconceitos de sistema?

A revelação religiosa é progressiva, como a revelação científica - e se o que hoje se tem por verdade religiosa ou por verdade científica, amanhã, por mais apurada revelação, é reconhecido falso; pode-se omitir, com relação à nossa tese - os Espíritos se comunicam? - uma segunda hipótese: em vez de estar uma com a verdade e a outra com o erro, ambas estão em erro.

O materialismo está em erro radical, por não admitir a existência do Espírito - o Catolicismo está em erro de apreciação, definindo pela morte o destino eterno do Espírito, quando este tem de evoluir desde sua ignorância nativa até o mais alto saber - desde a inocência original até a mais acrisolada virtude.

É uma hipótese, dirão os dois inimigos, ambos inimigos do Espiritismo.

Sim, é hipótese, mas a hipótese é a crisálida das verdades que conquistamos ao ignoto.

Vejam, pois, se a nossa é filha de uma imaginação doentia, ou se corresponde a uma lei natural provada por fatos.

A comunicação dos Espíritos é um desses intuitos que estão, e sempre estiveram, na consciência universal.

Uma vesânia que faz seu tempo - desaparece da memória humana.

Por que, então, esta da aparição dos mortos tem atravessado os séculos - e, no percurso deles, não tem sequer desmaiado?

269 (Nota do Organizador) Linguagem poética - Suster-se (no ar), pairar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Este fato deve impressionar o espírito de todo o homem sensato, que não é monomaniaco de uma fé cega e de espírito de sistema.

As Escrituras Sagradas falam de mil fatos de aparições, dos quais mencionaremos, aqui, o de Endor²⁷⁰; e é por elas que sabemos: ter Moisés proibido a seu povo a evocação dos mortos.

Se era pecado aquela prática, não nos importa saber; o que precisamos firmar, é o fato - e este está firmado nas sagradas letras, com a autoridade de Moisés.

À evasiva: de que eram aparições diabólicas, responde-se: que não foi por este fundamento que Moisés proibiu a prática.

Em todo o caso, mesmo como diabolismo, fere-se com ele o coração do materialismo, porque o diabo é Espírito.

Diabolismo, porém, é superstição insustentável no momento; porque os Espíritos que se manifestam, procedem diversamente, segundo sua natureza, de atrasados ou de adiantados, procurando aqueles arrastar para o Mal - e estes, para o Bem.

É hipótese a comunicação dos Espíritos, dizem padres e materialistas; mas por que não vindes observar os fatos, que hoje se produzem por toda a parte?

Os fatos são os aríetes²⁷¹ poderosos, que derruem²⁷² as mais sólidas muralhas, de que se cercam as mais enraizadas crenças.

Pois bem; são chegados os tempos em que apraz ao Onipotente dar a seus filhos da Terra a prova por fatos - por fatos a mancheias, da solidariedade de todos os Espíritos, para a fraternização universal, quaisquer que sejam as condições em que eles se acham.

Podíamos citar inúmeros exemplos de manifestação de Espíritos; mas para que perder tempo em explicar a cegos o que é cor?

O católico, encastelado em sua fé, repele-os como vesânia ou obras de Satanás - o materialista explica-os por umas teorias,

270 (Nota do Organizador) 1 Samuel, 28: 1-25.

271 (Nota do Organizador) Máquina de guerra para arrombar portas e se desconjuntar muralhas; cilindro robusto, geralmente manobrado por duas ou mais pessoas, destinado a arrombar portas. (Fonte: Dicionário Priberam online)

272 (Nota do Organizador) Deitam abaixo, derrubam. (Fonte: Dicionário Priberam online)

que lhe dever-lhes-ia parecer mais impossíveis do que os fatos, que não aceitam por impossíveis.

Poupar-nos-emos, pois, o trabalho de citar exemplos, mas provocaremos a todos quantos contestam a comunicação dos Espíritos a virem ver fatos, não raros, mas quantos quiserem ver, de manifestações dos mortos.

Não querem ver? Perdem o direito de contestar - serão uns tolos da pior espécie, se contestarem!

Aos que acederem a nosso convite, garantimos que terão provas irrecusáveis da verdade de nossa tese - provas que o padre e o materialista não poderão explicar, nem pelo demônio, nem pelo grande peroneiro²⁷³.

Voltaremos a este ponto no seguinte artigo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 11-01-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2196

273 (Nota do Organizador) Vide nota 42 deste volume, à página 46.

Artigo CLXIX - O PAIZ, 18.01.1891

Prometemos explicar mais a alta questão: de saber se os Espíritos se comunicam - e aqui estamos em nosso posto.

O que pode racionalmente opor-se à crença na comunicação dos Espíritos; crença que se firma no princípio da união fraternal - da solidariedade de todas as almas, isto é, de todos os membros da família humana?

A religião? Não; esta não se opõe, antes fomenta a nossa crença, consignando nas sagradas letras exemplos que não podem ser postos em dúvida.

A Doutrina da Igreja romana, sim; porque faz consistir toda a evolução do ser humano em uma única existência, depois da qual, não a fraternidade, não a solidariedade, mas uma completa e eterna barreira separa as almas, por modos que o filho pode ser maldito pela mãe a mais extremosa.

Pode, porém, ser uma verdade a doutrina da Igreja romana, que consigna, para depois desta vida, os dois absolutos - Céu e Inferno - e portanto, impossibilita a comunicação dos mortos com os vivos?

Se é verdade, são falsos os exemplos da Escritura e não tem razão de ser a lei da fraternidade consagrada no Decálogo - e levada por Jesus até o amor pelo inimigo!

Digam os que não estão tomados da monomania do fanatismo cego: pode o Senhor estabelecer a lei da fraternidade e da solidariedade humana, somente para os instantes de nossa vida na Terra? Pode exigir de nós um amor tão acrisolado, para rompê-lo, Ele mesmo, depois da morte, pondo entre os bem-aventurados e os danados o sentimento da repulsão?

Entre a soberana perfeição, que repugna com o que lhe empresta a Igreja romana - e a fé que esta ensina, preferimos, embora correndo o risco de ir ter ao reino do famoso Satanás, crer mais na soberana perfeição, do que na infalibilidade de homens.

E conosco pensavam São Jerônimo, que sustentou a lei da salvação universal - Orígenes, que deu o desenvolvimento natural daquela lei, pelas múltiplas existências depuradoras - e o próprio S. Agostinho, que entreviu a luz, quando perguntava: se, antes de ser quem era, não teria já tido outra existência.

A oposição, pois, que faz a doutrina da Igreja romana à comunicação dos Espíritos, cai diante da razão, cai diante dos fatos da Escritura - e cai diante do critério absoluto da verdade, que são as sumas perfeições do Criador.

Se tal doutrina é verdadeira, Deus não passa de um pobre artista - e artistas há que têm criado obra mais perfeita!

Isto com relação aos fanáticos, que acreditam na infalibilidade do Papa, esquecidos de que o caráter essencial da verdadeira religião, é a progressividade da revelação das verdades que a constituem.

Quanto aos católicos, que não abjuraram da razão que Deus lhes deu, para guiá-los em suas crenças, pela fé cega e passiva, que lhes impuseram os homens, diremos:

A revelação espírita atribui a Deus um plano, com relação ao mundo espiritual, que não está ao alcance nem da inteligência, nem do poder, que não sejam infinitos e perfeitos.

Este plano consagra: a salvação universal de toda humanidade - a solidariedade e fraternidade universais de todas as almas - o progresso intelectual e moral de cada uma, a favor das múltiplas existências.

Os que nascem, vêm do espaço à vida corpórea, por expiarem suas faltas - e, por este modo subirem na ordem espiritual.

Os que morrem, vão para o espaço, onde tomam posição entre os felizes ou sofredores, segundo cumpriram bem ou mal a missão que trouxeram à vida que acabam de deixar.

Os dois mundos são, pois, ocupados pelos mesmos habitantes, apenas com interpelação de estarem ora n'um, ora no outro.

Compreende-se, intuitivamente, que, destarte a lei do Decálogo - o amor universal recomendado por Jesus, em vez de serem

coisas incompreensíveis, por contraditórias, têm uma aplicação tão racional quanto necessária à glória do Criador.

O filho que perde a mãe - a mãe que perde o filho, na vida corpórea, não se separam por toda a Eternidade - não se maldirão jamais, indo um para o Céu e outro para o Inferno; mas continuarão unidos pelo amor que se votam; porque a separação é como a de uma viagem.

Ora, mantendo-se estes laços e relações entre as almas, o que pode racionalmente opor-se à sua comunicação?

Nós, revestidos da matéria, não poderemos ver senão em condições especiais, os entes amados que se acham desencarnados; mas estes, não gozam a liberdade da locomoção e da vista espiritual, por que não hão de aproximar-se das pessoas que amam?

Tudo isto são teorias, dir-nos-ão os incrédulos.

São, sim; mas teorias racionalíssimas, que não podem ser acusadas de fantasias: porque Deus é servido que hoje nos sejam dadas as provas de sua verdade por fatos tão positivos que nem Augusto Comte poderia recusá-los.

Suponde, vós que nos ledes - suponde: que fazeis a evocação de vosso pai, que viveu e morreu em lugar longínquo, sem nunca ter sido visto pelo médium, chamado ocasionalmente para o trabalho - e que apresenta-se, por este, um Espírito falando-vos de coisas íntimas da família - e o médium vos dá todos os sinais característicos de vosso pai, inclusive um, que não conheciéis, mas que verificais depois de ser real.

Dizei-nos: diante desta prova é lícito duvidar de que vosso pai veio ao vosso chamado?

E se ele assinar o seu nome com a letra e a firma do tempo de sua vida corpórea?

Apontamos estes dois casos, entre milhares, porque um deu-se com um membro do Congresso por um Estado bem distante daqui - e o outro com um ex-deputado de província muito mais remota, ambos incrédulos, mas não refratários.

São teorias; mas teorias baseadas em fatos que são públicos e podem ser apreciados por quem seriamente procurar a verdade.

Além disto, há inúmeros casos, dados com pessoas respeitabilíssimas, de aparição de mortos.

E nem pode ter origem n'uma vã teoria, esse pavor que todos têm pelas almas do outro mundo.

Se elas não vêm cá, por que ter medo delas?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 18-01-1891:

http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2260

Artigo CLXX - O PAIZ, 26.01.1891

A comunicação dos Espíritos, fato natural, que, por atraso da humanidade, foi tido na conta de sobrenatural - fato natural e necessário à fraternidade e à solidariedade dos seres humanos, impossíveis, se a morte os separa em dois campos inimigos - fato virtualmente consignado no Decálogo e no Evangelho, pelo preceito do amor ao próximo, até ao do inimigo.

A comunicação dos Espíritos, só ainda repelida por causa da falsa orientação científica e da falsa orientação religiosa, é hoje um fenômeno que se prova experimentalmente, com a mesma evidência com que se prova que a água sobe até à altura do ponto donde emana - que os corpos caem com um movimento uniformemente acelerado - que o fogo queima.

A impugnação dos discolos²⁷⁴: homens da ciência e homens da religião, é natural, desde que o novo fato perturba a ordem estabelecida, assim como a descoberta de Galileu foi impugnada até à condenação; mas a verdade sempre triunfa - e ao riso dos néscios - e à raiva dos fanáticos respondem as experiências irrecusáveis dos Crookes - dos Zöllner - dos Volpi; respondem as milhares de reproduções dos fatos consignados por aqueles sábios - e principalmente responde a franqueza com que o Espiritismo abre as portas de seu templo - e diz aos néscios e aos fanáticos: vinde ver por vossos olhos - vinde apalpar por vossas mãos.

Quem fala assim, poderá ser um alucinado, mas não é certamente um nigromante, porque este foge à luz - foge ao exame.

274 (Nota do Organizador) Desordeiro; insubordinado; dissidente; que tem mau gênio; brigão. (Fonte: Dicionário Priberam online)

E quem, levado por suas crenças, religiosas ou científicas, o julgar alucinado, não tem mais do que acudir ao convite, por verificar a verdade ou falsidade de seu juízo.

A questão, pois, não é mais de dize tu - direi eu; a questão está colocada no terreno positivo da observação e da experiência; é como se um indivíduo anunciasse ter descoberto o processo de transformar o carvão em brilhante, declarando estar pronto a ensiná-lo a quem quiser.

Pode alguém, em tal caso, rir da descoberta, sem que tenha primeiro estudado e examinado o processo?

Pois é o nosso caso.

Os que riem do Espiritismo, que anuncia a comunicação dos Espíritos, facultando a quem quiser, verificar as provas de tal fato ou lei, riem de si mesmos - riem da suprema lei do progresso - riem do senso comum.

A estes, que não passam de uns parvos, embora ajaezados ²⁷⁵com um pergaminho, Max não se dirige. São os tais de que fala a Sagrada Escritura: "Oculos habent, et non vident"- só têm olhos, para não verem.

Max dirige-se aos que não creem no que é maravilhoso, por causa de sua educação; mas têm o espírito, em vista de tantas maravilhas transformadas em fatos comuns, disposto a examinar, a estudar, a experimentar, tudo o que aparecer de novo, sem propósito de repelir, porque é novo - porque parece impossível - porque é contrário às suas ideias.

A estes, dirá, pois: vinde ver - vinde apalpar - e tereis a certeza de que o mundo visível e o invisível não são separados por uma pavorosa barreira - que os habitantes de um são os mesmos do outro, revezando-se segundo a eterna lei do infinito progresso humano que, finalmente, enquanto estão separados pelo véu da matéria, enquanto uns estão desencarnados e outros estão encarnados, aqueles, que estão livres, visitam os encarcerados, com frequência e empenho maiores ou menores segundo o grau da afeição que os liga.

E tereis mais; tereis a certeza de que, sem consciência do homem (o misto de corpo e alma), seu Espírito trata diretamente com os amigos do espaço durante o sono - e recebe deles impressões, que se acentuam pelas resoluções que toma, quando acor-

275 (Nota do Organizador) Pôr adornos ou enfeites; adornar, ataviar, enfeitar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

da, às vezes, em diametral oposição com a intenção que tinha, quando adormeceu.

Ainda verificareis um fato pasmoso para o nosso modo de considerar nossa posição na vida - verificareis que, mesmo acordado, recebemos, sempre inconscientemente para o misto, a influência dos invisíveis, que nosso Espírito acolhe; donde resoluções que nos são inspiradas - donde os pressentimentos e muitos outros fenômenos, que não sabemos explicar, porque não admitimos a comunicação dos chamados mortos com os vivos.

E, porque entre os mortos temos amigos e inimigos, compreende-se: que os primeiros, acercando-se de nós, nos insuflam bons pensamentos e boas resoluções - e os segundos só procuram arrastar-nos para o Mal, que, atrasando-nos nas vias do progresso, reter-nos-á por mais tempo nas condições de sofrimento, que é seu desejo - e sua vingança.

Independente das relações pessoais, dá-se o mesmo fenômeno, que também, verificareis, da parte de Espíritos adiantados, que procuram encaminhar a todos, indistintamente, para o Bem - e da parte de outros atrasadíssimos, que, escravos ainda do Mal, não se chegam a ninguém, senão para induzir ao mal.

Estes são os chamados demônios, de que rezam as Escrituras - e que o divino Mestre baniu dos perseguidos, mantendo a crença em sua natureza diabólica, porque, como Ele mesmo o disse, a humanidade de seu tempo ainda não tinha o toque de progresso, para que pudesse Ele explicar muitas verdades, que prometeu mandar, em tempo, explicar²⁷⁶.

Vem de ter tomado a letra, que não o espírito do ensino do Salvador, a crença da Igreja romana na criação de anjos e demônios. “Jesus falou deles!”

Por fim, verificareis: a sublime manifestação da justiça indefectível, inseparável do amor e da misericórdia do Pai, que pune para corrigir - para chamar o filho culpado ao Bem e à felicidade - e não, como pensa a Igreja, para matar - para vingar-se das ofensas, como faria um rei da Terra.

Vereis aparecer-vos um Espírito conhecido - e que tendo tido uma vida exemplar, sofreu sempre as maiores contrariedades, e até misérias, nesta vida.

276 (Nota do Organizador) Vide Jo. 16:12-15, já citada.

Este vos dir-vos-á: que as penas desta vida ele as pediu a Deus para resgatar as faltas de passadas existências, que lhe embaraçavam o progresso.

Outro dir-vos-á o que está sofrendo - e porque sofre, no estado de desencarnado.

E, por fim, tereis as mais contristadoras cenas dos endurecidos no mal, que são trazidos pelos Espíritos superiores, para nos darem exemplos do que sofrem - e porventura para se converterem.

Vinde ver nossa loucura - vinde apalpar nosso diabolismo - e depois, ride de nós - e excomungai-nos.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26-01-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2337

Artigo CLXXI - O PAIZ, 01.02.1891

Amor é o laço divino, que o Criador pôs entre as almas, para uni-las em uma única família, de que Ele é o amoroso Pai.

Não há no infinito no turbilhão humano um único indivíduo, que não sinta a influência da sublime lei.

A diferença é: que uns, por seu atraso, amam bestialmente, dominados pela concupiscência - e outros, por seu adiantamento, amam espiritualmente.

À medida, porém, que os primeiros forem progredindo - desmaterializando-se, chegarão a emparelhar com os segundos.

O círculo vai sempre alargando.

Começamos por amar a mulher - amamos a família - amamos a pátria - chegamos a amar a humanidade.

Na Terra, não podemos ir além, porque a Terra é o mundo de provas e expiações - o que vale, por dizer: mundo habitado por Espíritos mais ou menos atrasados.

Em mundos superiores, porém, a que todos devemos, mais cedo ou mais tarde, ascender, o amor é tanto mais essencializado, quanto mais fino é o toque da elevação de cada um deles.

Ali, o amor é escoimado de todo o apetite carnal - é fluido suavíssimo, que embebe todos os Espíritos e funde-os, por assim dizer, em um único.

Podemos fazer ideia do que é ele acima da Terra, pelo que nos revelou o puríssimo Jesus em sua vida - em sua missão - em sua Doutrina - e, principalmente nestas palavras preceituais impossíveis à natureza humana:

“Ama o teu inimigo - e faze bem ao que te odeia.”

Se Deus pôs à humanidade uma lei tão sublime, que a razão - que o coração - que a consciência abraçam, embora os cegos

escarneçam e esconjurem o Espiritismo, que veio revelá-la; como descer-se dessas alturas na lei repugnante da separação das almas em bem-aventurados e precitos²⁷⁷ - na lei da transformação do amor em repulsão e ódio?

Não! O fim da humanidade é a perfeição pelo saber e pela virtude, para ser ligado, em amor celeste, numa única família - e com Deus, seu Criador e Pai.

Portanto, o que se despede desta vida, não afrouxa os laços que se prenderam aos entes queridos que aqui deixou, como nós não o esquecemos, se verdadeiramente o amamos.

Mas, como pela lei incontestável da perfectibilidade, senão pelas infinitas perfeições do Criador, não podem as almas ser privadas de progredir, encarceradas no Inferno por toda a eternidade; mas, como, por aquela lei, não podem elas, com o que colhem na Terra, elevar-se até a convivência com o Ser infinitamente perfeito, encarceradas no Céu, de onde não lhes é dado sair; segue-se, logicamente, que as almas, desprendidas dos corpos, ficam livres, para continuarem seu progresso - e, como tais, nada impede que se comuniquem conosco, mesmo porque o mundo invisível é este mesmo nosso, consistindo a diferença entre seus habitantes, em serem uns presos e outros livres da matéria corporal - em terem aqueles as restrições inerentes à sua condição e estes gozarem as liberdades da sua.

Um dia, quando a Terra tiver subido de grau na escala do progresso, a faculdade, que hoje só alguns homens possuem de verem os Espíritos, será generalizada; e então conviverão francamente os vivos com os mortos, como convivem aqueles videntes.

Repetiremos à saciedade: isto não são vesânicas, são deduções forçadas dos fatos de observação e de experiência cotidiana, que os incrédulos podem ver - ouvir - e apalpar.

Dizem os padres: que tais ensinos e aparições são artes do demônio.

Mas, por Deus, senhores! A resposta, deu-a Jesus:

“Se Satanás ensina a Salvação, Satanás destrói seu Reino.”²⁷⁸

277 (Nota do Organizador) Que ou quem está antecipadamente condenado; que ou quem foi sujeito a condenação ou maldição; condenado, maldito, réprobo.

278 (Nota do Organizador) Mt. 12:26 - “E, se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino?” (Fonte: www.bibliaonline.com)

Pode ser do demônio um ensino que eleva às sumas perfeições de Deus - um ensino que chama os homens ao amor do Pai e do próximo - à caridade?

É laço, para colher as almas - e depois ... “caldeira de Pero Botelho”.²⁷⁹

Como laço - e como colher as almas que ele próprio afervora no santo amor de Deus e do próximo - no amor e na caridade?

Se pudesse haver demônio - o demônio da Igreja, criado por Deus - perfeito e que se fez o que é, frustrando a onipotente volição, diríamos: que laço dele é o ensino de que não há amor - não há caridade - não há nem mesmo sentimento humano depois da morte, pois que diz um padre da Igreja: “Os bem-aventurados, em sua felicidade, no Céu, regozijam-se com as torturas dos condenados, no Inferno.”

Que injúria aos bem-aventurados! Que blasfêmia contra Deus!

E, pois, ou não há ordem moral, digna do Ente Perfeito - ou a humanidade terrestre vive unida, em fraternidade e solidariedade, independente de seu estado de encarnada ou desencarnada.

Os fatos, pois, que observamos, da comunicação dos Espíritos, não podem ser atribuídos a Satanás, porque, se ele existisse, Deus não seria Deus.

Ora, se é verdade evidente, como a luz do Sol em pleno dia, que os mortos se comunicam com os vivos, não só sem consciência destes como do modo direto - visível - palpável; se é verdade, que, depois da morte, conservamos todas as faculdades que tínhamos em vida - e até as disposições boas ou más, como verifica-se pelas manifestações, espontâneas ou provocadas; se é assim, que razão pode haver para recusar-se a fé às manifestações e conselhos médicos?

Os Espíritos nos aconselham nos mais difíceis transes da vida.

Por que não nos aconselhar nas moléstias?

279 (Nota do Organizador) A Caldeirinha de Pêro Botelho, também conhecida por Algar dos Diabretes ou simplesmente Caldeirinha, é uma gruta portuguesa localizada na freguesia de Guadalupe, concelho de Santa Cruz da Graciosa, ilha Graciosa, arquipélago dos Açores. Esta cavidade apresenta uma geomorfologia de origem vulcânica em forma de caldeira, daí a citação de Dr. Bezerra. Vide fotos e mais informações no endereço <https://byacores.com/fotografias/sao-miguel/caldeira-de-pero-botelho/>.

E um sábio médico, que tem posição entre os Espíritos adiantados, que só aspiram fazer o bem!

Por que, visto que lhe é lícito comunicar conosco, há de lhe ser vedado fazer-se o bem, aconselhando os doentes, com suma vantagem para estes, pois que eles veem o organismo, como nós vemos através do vidro?

Ainda voltaremos a este ponto.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 01-02-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2377

Artigo CLXXII - O PAIZ, 10.02.1891

Partindo do fato, hoje incontestável, das manifestações dos Espíritos, que desmorona, por seus fundamentos, o edifício do materialismo - e que não pode ser diabolismo, como diz a Igreja, primo porque a existência do demônio provaria contra a onisciência e onipotência - e, secundo porque, mesmo que assim não fosse, jamais poderia o espírito do Mal ensinar a lei do Bem.

Partindo daquele fato, que só pode contestar quem positivamente não o verifica, chegamos a este apotegma, também verificável pela experiência:

A humanidade terrestre, encarnada e desencarnada - ou na frase vulgar: viva e morta, mantém, entre seus membros, constantes relações.

Temo-lo dito: nunca, porém, será ocioso repeti-lo: a razão por que alguns homens ilustrados repelem esta verdade, a ponto de não se prestarem a fazê-la passar pelas provas experimentais positivistas, é a educação religiosa e científica, que têm vigorado até nosso tempo - é o fanatismo e o espírito de sistema, os dois mais terríveis obsessores da razão humana.

Queiram, porém, ou não queiram, estes emperrados, a verdade seguirá seu curso, até firmar a crença universal no que hoje é diabolismo ou loucura, se não charlatanismo ou magia.

Queiram ou não queiram, as relações entre os membros da família humana terrestre não se rompem, nem se interrompem com a morte - e, bem cedo, serão tão apreciáveis como as que existem entre povos separados pelo oceano.

É questão de tempo - talvez de pouco tempo, porque os casos parciais de mediunidade vidente e auditiva, sendo já muitos em relação ao passado, induzem a crer que se generalizarão para

o futuro, isto é: que tal mediunidade é faculdade que o estado do progresso humano já permite despontar no homem terrestre - e que, pelo desenvolvimento deste se alargará em extensão e compreensão.

Chegará, pois, o tempo em que veremos e ouviremos os desencarnados (os chamados mortos), como os veem e ouvem, já hoje, alguns indivíduos dotados daquela faculdade.

Não há nisto devaneio. São consequências lógicas dos fatos que temos presenciado, que temos observado, que temos submetido à experiência científica, com a calma e a isenção do que não tem por empenho firmar ou invalidar uma opinião ou uma crença; mas sim descobrir a verdade, pró ou contra qualquer opinião ou crença.

Neste estudo, que temos feito com a mão na consciência, porque dele depende o conhecimento exato do destino verdadeiro do homem, embora nos façam a graça de atribuir-lhe fins interesseiros, de interesses materiais, temos colhido os mais positivos dados da verdade de tudo o que havemos publicado nestes despretensiosos artigos.

A existência do médium, como meio transitório de comunicação entre o mundo visível e o invisível, coisa é que só pode ser posta em dúvida senão pelos infelizes, que não querem ver senão o que lhes apraz - ou pelos parvos, para quem a maior pena seria obrigá-los a pensar em coisa séria, de que escarnecem por isto mesmo.

Pelos médiuns, comunicam conosco os entes que amamos, abrindo-nos sua alma em doces expansões de afeto.

Pelos médiuns, comunicam conosco os pobres sofredores, que nos vêm pedir preces ao Pai de amor e misericórdia.

Por eles, os que já se acham em esferas superiores - vêm dar-nos conselhos e ensinamentos.

Por eles todos - todos os que, por qualquer motivo, desejam falar-nos.

Sendo assim, qual a razão por que não hão de os médicos, que foram caridosos em vida, continuar a exercer a caridade depois da morte?

É coisa muito contrária ao que constitui a crença do nosso povo, bem sabemos; mas, quando homens eminentes no mundo científico afirmam o fato - e outros, mesmo sem ser eminentes, dizem: vinde ver o fato, é de parvo, antes de ter ido ver, condenar a mediunidade curadora ou receitista.

Dizemos assim, porque seguimos a regra de chamar as coisas por seus nomes, e não porque tenhamos em mente ofender a quem quer que seja.

Se houvesse bom senso ou mesmo senso comum nas altas regiões administrativas de nossa Terra, antes de se promulgar uma lei contra aquela mediunidade, estulta e pretensiosamente qualificada de feitiçaria, ter-se-iam submetido os fatos a estudo, à observação, que dessem fundamentos àquela vergonhosa resolução.

A despeito, porém, do código penal brasileiro, único neste ponto, a mediunidade curadora é uma verdade, que há de reduzir a zero a disposição daquele monumento de nosso obscurantismo.

Quem escreve estas linhas teve sempre viva a consciência de sua dignidade e de seus deveres; mas, em vista do que viu e observou, nenhuma dúvida teve em prestar seu nome e seu pergaminho, em bem de fazer conhecida a verdade, sem que lhe adviesse daí um real de provento.

O que lhe importa a grita dos interessados, que repelem a nova ciência, unicamente por verem nela uma concorrente aos interesses materiais.

Se estes tais olham de revés, a nova ciência olha-os de frente.

Os fatos de curas espíritas, no Rio de Janeiro, não são segredos, que transpiram aqui e ali - são de tal notoriedade e em tão larga escala, que só a ignorância nativa ou o capricho interesseiro podem negar-lhes consciencioso reconhecimento.

A pobreza, que hoje esmola a caridade médica, vivia à farta dos recursos médicos que lhe dava o Espiritismo - e desafiamos o mais notável clínico a vir comparar sua estatística com a de um curandeiro.

As classes mais elevadas da nossa sociedade recorrem aos curandeiros espíritas - e os médicos, que não são negociantes de medicina sabem: que o curandeiro espírita é apenas a mão com que receitam médicos de sumo valor científico, ora desencarnados.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 10-02-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2454

Artigo CLXXIII - O PAIZ, 15.02.1891

A bobagem do código penal interrompeu o plano, que havíamos traçado, de consignar nestes artigos a opinião dos maiores vultos humanos, quer da Antiguidade profana, quer da Antiguidade sagrada, quer dos tempos modernos, sobre a questão que serve de base à cosmogonia espírita: a pluralidade de existências da alma.

Agora, pois, que os poderes públicos de nossa Terra já estão plenamente esclarecidos sobre a ridícula e impossível pretensão do código, que seria o padrão de nossa vergonha, se chegasse a ser lei do Estado, voltemos aos nossos estudos ordinários.

Lembrar-se-á o leitor de que toda a Antiguidade profana, por seus mais autorizados órgãos, proclamou a doutrina das vidas múltiplas - de que a Antiguidade sagrada deu-nos o mesmo formal testemunho.

Começaremos a compulsar os autores modernos e contemporâneos, tendo apenas emitido as ideias do erudito Bergerac, quando fomos desviados, pela necessidade de defender o Espiritismo contra o ataque, que, na frase de “O Paiz”, “só dos céticos ou dos parvos” lhe podia vir.

Tomaremos hoje a famosa obra de Delormel - “O Grande Período Solar” - onde se lê:

“Sabia-se, de toda a Antiguidade - e mesmo antes do dilúvio, que Deus é vivo - que, pela natural necessidade de sua bondade, ele deixou a todas as suas criaturas inteligentes a faculdade de merecer ou desmerecer - todos os tempos, todos os lugares, todos os globos celestes, foram assinados a diferentes classes de seres para aí merecerem, por suas obras, perdão - recompensa ou punição - que certos tempos, certos lugares e certos globos são

mais particularmente tempos, lugares e globos de misericórdia, outros são de expiação - que, sendo infinitos os graus de mérito e demérito, as penas e recompensas são correspondentemente infinitas”.²⁸⁰

Ligeira atenção prestada a este trecho basta para descobrir o cunho das ideias deste notável pensador, em harmonia com a Doutrina Espírita.

Uma vez que há tempos e lugares de expiação e tempos e lugares de recompensas, claro fica: que antes destes tempos e lugares houve, para os Espíritos, que por eles passam, tempos e lugares, em que fizeram obras que lhes deram demérito ou mérito.

Logo, há mais de uma existência, assim como há mais do que a Terra, para habitação da humanidade.

E isto é tão racional, que faz empalidecer a doutrina romana de uma vida única e de um único mundo.

Ali, temos a humanidade progredindo, através do tempo e do espaço, com a variedade do esforço que cada um de seus membros emprega - e temos as penas e recompensas ligadas ao desfalecimento e à energia daquele esforço.

Ali, temos o Deus, que se revelou por Ezequiel: o pai que não quer a morte do ímpio, mas, sim que, instigado pelas penas, se converta ao bem²⁸¹.

Aqui, temos a humanidade dispondo apenas de um minuto para desenvolver sua perfectibilidade - e, após, penas eternas, recompensas eternas.

Aqui, temos o Deus de tremenda majestade, que castiga para matar e não para corrigir.

A doutrina romana é uma blasfêmia contra Deus, embora se enfeite com flores o abismo.

No fundo, ela ensina que o amor, tão recomendado por Jesus, não passa de uma grande superfluidez, pois que os que se amaram aqui, vão além odiar-se, natural - fatalmente - por lei de Deus, indo uns para o Céu - e outros para o Inferno.

Roma, Roma, convertere ad Dominum Deum tuum!²⁸²

280 (Nota do Organizador) Delormel, J. “La grande periode solaire, ou les causes et les epoques des revolutions du Monde Physique et Moral”, Cap. V, Págs 134 e 135 da 2ª ed. francesa - Paris, 1797.

281 (Nota do Organizador) Ez. 33:11, já citada.

282 (Nota do Organizador) Localizamos a expressão em Oséas, 14:2, traduzida na versão católica como “Muni-vos de palavras {de súplicas} e voltai ao Senhor”.

Roma, Roma, aceita a Nova Revelação, que é a explicação, em espírito e verdade, das parábolas do Evangelho, porque não venhas a ter o destino de Jerusalém com seu obcecado sacerdócio!

As ideias de Delormel, que apenas transpiram do trecho acima citado, acentuam-se no seguinte:

“É tão absurdo acreditar que os bens e os males nos vêm casualmente, como crer que Deus possa ser injusto.

“Tem, pois, a maior plausibilidade a crença de que a Terra contém séries, que já fizeram jus a uns e a outros, isto é: aos bens que gozam - e aos males que sofrem.

“Sem esta suposição, como explicar-se o fato de nascerem homens com enfermidades horríveis - de passarem a vida em dores, em pobreza miserável, morrendo, parte deles, com resignação e parte blasfemando - ao passo que outros homens nascem na abundância e nas honras?

“Estes globos, que vemos girar sobre nossas cabeças, não serão outras tantas moradas nossas?

“Aí, encontraremos certamente - a mesma distinção que aqui, entre a virtude e o vício - entre a felicidade e a desgraça.

“Se o merecermos, iremos para onde cercar-nos-ão mais bens e menos males - onde seremos mais propensos à virtude que ao vício - mundo menos imperfeito que a Terra.

“Já é, porventura, uma recompensa termos aqui, neste mundo, a faculdade de conhecermos o que fomos - donde vimos - e, para alguns de nós, ter uma, mais ou menos clara intuição do que seremos e para onde vamos.

“Havemos de chegar a mundos onde esta dupla faculdade será mais desenvolvida, a ponto de lembrarmo-nos do que agora fazemos - e de podermos até um determinado limite, prever o que seremos em ulterior existência.

“E tudo isto se passa assim - e de mil outras maneiras, que ainda não podemos compreender, segundo formos merecendo, a mais e mais, em nossas sucessivas existências, até que, enfim, chegados à mais pura e mais inocente existência, entremos eternamente na sociedade de Deus.²⁸³”

Por este modo, a sociedade de Deus é constituída por Espíritos elevados, intelectual e moralmente ao último grau de perfec-

283 (Nota do Organizador) Idem anterior (nota 280), Cap. XI, Págs. 308 a 310.

tibilidade humana, no decurso de séculos - e a favor de imensas existências.

Pelo modo de Roma, aquela sociedade se constitui com os santos da Terra, que são neófitos da excelsa santidade humana - que muitas vezes têm pouco cultivo intelectual - e que, em todo o caso, rebaixam a corte celestial ao nível, pouco mais ou menos, das cortes terrestres.

Será crível que os homens da Igreja não compreendam isto?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 15-02-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2507

Artigo CLXXIV - O PAIZ, 22.02.1891

Mais uma interrupção no desenvolvimento de nossa tese: a pluralidade das existências da alma, atestada pela pluralidade dos pensadores mais notáveis de todos os tempos.

Força-nos a suspensão de hoje um artigo de O Reformador, em que se lê:

“É assim que dois vigários de paróquias suburbanas têm procurado insinuar entre seus fregueses sentimento de animadversão contra a Assistência.

“Um deles chegou até do alto do púlpito, a tribuna sagrada como a denominam, a pregar à massa dos ouvintes que não deviam concorrer para a Assistência, que não era uma instituição de caridade, porém a emissária de uma seita que pretendia derubar a sagrada religião dos brasileiros.²⁸⁴”

Felizmente, Jesus não precisa dos homens para fazer vingar e florescer na Terra a sublime Doutrina, que tem feito o progresso da humanidade - e que há de fazer a sua regeneração.

Se assim não fora, a Sagrada Doutrina naufragaria de encontro aos cachopos²⁸⁵ das paixões carnis que procura extirpar - e principalmente impelindo-a para eles os próprios que se dizem seus ministros, segundo a ordem por Ele nstituída.

A cada despedaçamento da Igreja católica, corresponde um escândalo dado ao mundo pela gente que se arroga o direito divi-

284 (Nota do Organizador) Edição de Fevereiro de 1891, Nº. 19, Págs. 01 e 02.

285 (Nota do Organizador) Perigo; obstáculo; revés. (Fonte: Dicionário Priberam online)

no de impor a fé, segundo seu modo de entender, que proclama infalível, por ser ajudada pelo Espírito Santo.

Acima, porém, de todas estas fraquezas, está a vontade do Senhor, que há de fazer flutuar sobre as ondas do novo mar de Tiberíades a indestrutível barca de Pedro.

Não é a representação humana da divina instituição, que é indestrutível. Não é com relação a ela que Jesus disse: contra ela não prevalecerão as portas do Inferno²⁸⁶.

O indestrutível - o que afrontará, impávido, os choques do espírito do Mal é o princípio - a lei - a verdade - a fé, que Jesus plantou na Terra.

Foi esta, que Pedro representava fielmente, a pedra sobre a qual Jesus edificou sua Igreja.

A Igreja, pois, subsistirá, mesmo depois de extinta a instituição sacerdotal.

Assim como as verdades da Revelação mosaica perdurarão, apesar de ter sido fulminado o sacerdócio hebreu - assim também as da Revelação messiânica serão eternas com - sem - e contra o clero católico.

Deus não precisa do homem para fazer a obra da regeneração e do progresso humano. Serve-se dele por amor e por misericórdia para com ele.

Se assim não fosse - se a Igreja, em sua constituição humana, fosse auxiliada pelo Espírito do Senhor, Deus seria responsável pela Inquisição; instituição católica mais bárbara que a antropofagia do selvagem - mais cruel que a sociedade da deusa Bahâmia; seria responsável pela derrogação católica do regnum meum non est ex hoc mundo²⁸⁷, que foi o lema de Jesus Cristo; seria responsável pela blasfema decretação da infalibilidade humana: rebaixamento da divindade - devoção pecaminosa da corrupta humanidade.

A fé cega - a fé passiva, que se quer impor à cristandade, não tem por fim senão plantar nos corações das massas a subserviência ao despotismo, para a conquista de todas as glórias e de todos os poderes do mundo.

286 (Nota do Organizador) Mt. 16:18.

287 (Nota do Organizador) "Meu reino não é deste mundo" - Jo., 18:36.

Os que assim praticam, sacrificam à parte humana da instituição, sua parte divina, sem nenhum proveito para suas ambições, porque já passou o tempo em que a razão humana estava presa aos ditames do infalível humano.

O homem do nosso século já compreende que sua razão é o legítimo guia que Deus lhe deu - e que a verdade eterna impõe-se por si mesma a todo o que tem razão.

A cada despedaçamento da Igreja católica corresponde um escândalo dado ao mundo pela gente que se arroga o direito divino de impor a fé, segundo seu modo de entender.

E, apesar de tantos despedaçamentos, por aquela causa, a gente que se arroga o direito de impor a fé, segundo seu modo de entender, não muda de rumo - não procura no Evangelho o meio de reunir todo o rebanho.

Este fato de que fala O Reformador prova que o mal é irremediável - que o pastor tem mais em conta suas prerrogativas, senão seus interesses, do que o alto dever de reunir o rebanho.

A consequência será: que o pastor ficará só - e o rebanho não o reconhecerá.

Como reconhecer um ministro da religião do amor no homem que prega contra a caridade?

Se nós, felizmente, distinguimos a verdade da religião, dos erros de seus supostos ministros - e não descremos daquela, por sermos obrigados a descreer da santidade do ministério destes, quantos julgam-na pelas obras dos que se dizem seus representantes - e abjuram-na por causa de tais obras?

Será tudo neste mundo, menos ministro do manso Cordeiro. o sacerdote que prega contra uma instituição pura e exclusivamente da caridade.

Este infeliz não sabe a responsabilidade que acarreta sobre si!

A instituição da caridade é espírita?

Tanto melhor para convencê-lo de que o Espiritismo não é coisa de Satanás, pois que rende culto à diletta filha do Senhor.

E quem será mais escravo de Satanás: o espírita que põe em prática o preceito do Salvador, ou o padre que o combate da tribuna sagrada?

Quem assim procede, se o auditório é de gente sensata - e muitos destes lá devem ter estado, em vez de dar força à sua causa, não faz senão dá-la ao adversário.

O raciocínio, em tal caso, é este: ali estão uns, que espontaneamente procuram socorrer aos necessitados - e aqui está um, que protesta contra a santa obra, por não ser feita por católicos.

As deduções, padre, são esmagadoras!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 22-02-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2572

Artigo CLXXV - O PAIZ, 01.03.1891

Ainda algumas palavras sobre os dois vigários, que pregam contra a Assistência aos necessitados, por ser obra de espírita.

S. Revmas. condenam o Espiritismo por diabolismo, mas são obrigados a confessar do púlpito: que suas obras são conformes com os preceitos do divino Mestre!

Jesus ensinou o verdadeiro critério para a distinção do Bem e do Mal, quando disse: que pelo fruto conhecer-se-á a árvore. porque árvore ruim não dá fruto bom - nem árvore boa dá fruto ruim".²⁸⁸

Será fruto ruim: dar de comer a quem tem fome - vestir a quem está nu?

Como então a árvore de que ele procede é diabólica?

Ou Jesus ensinou uma falsidade - ou os padres não seguem suas lições - ou o Espiritismo, que pratica a caridade, não é diabolismo.

Escolham os dois reverendos pregadores qual daquelas hipóteses melhor lhes parecer - e confessem: não há maior cegueira do que a do fanatismo.

Se o sacerdócio hebreu - se os escribas e fariseus não estivessem possessos daquele verdadeiro demônio, julgariam Jesus por suas obras - e não te-lo-iam condenado por possesso do demônio.

O clero católico, em vez de aproveitar a lição, sequer ao menos para estudar o que se passa no mundo, com um caráter que causa admiração, segue à risca o exemplo daqueles infelizes, crucificando tantas vezes a Jesus Cristo, quantas vezes condenam

288 (Nota do Organizador) Mt. 7:18, já citada.

os que seguem seus preceitos - e repelem suas obras pautadas pela divina lei.

Com efeito, enquanto os espíritas reúnem-se para criarem uma associação de caridade, estes vigários que pregam contra uma tal instituição, dão-se ao trabalho de criar em suas paróquias análoga instituição?

Talvez, nem a seus pobres fregueses dispensem do pagamento das suas benesses.

Nem fazem - nem deixam fazer o bem!

E não veem que, diante de semelhante contraste, suas palavras são ocas!

Ah! A nova Jerusalém, toda embebida em os bens da Terra, tem seus dias contados !

Ela crê que Jesus pôs nela eternamente sua virtude - e a sustentará a despeito de suas iniquidades!

Infeliz! Deus ungiu a Saul; mas retirou dele seu Espírito. desde que o viu afastado de sua lei!²⁸⁹

É possível que o divino Mestre queira ser coparticipante de uma cega intolerância, Ele que foi o modelo da tolerância, até o ponto de sentar-se à mesa de publicanos?

É possível que aceite, benevolmente a obra dos dois vigários, que combatem a caridade, por vir de quem vem?

São possessos os espíritas! Mas, por Deus, singular é sua possessão!

Possessos que têm por norte o Cristo, e por bússola seu Evangelho!

Combatem, é certo, certos princípios, que Roma tem por verdades eternas; mas combatem com o Evangelho na mão - e Roma bem sabe: que Jesus chamou contra si as fúrias do sacerdócio, por combater princípios que estes também tinham por verdades eternas.

Se Roma, toda embebida nas vanglórias terrestres, tivesse tempo para estudar o espírito do Evangelho, reconheceria que nem lhe foi dada toda a verdade - nem tudo o que guarda em sua arca, é verdade.

De que não lhe foi dada toda a verdade, dão testemunho as palavras de Jesus, por São Paulo: "Muitas outras tenho a ensinar-vos, mas não é oportuno"²⁹⁰.

289 (Nota do Organizador) Vide a respeito 1 Samuel, Cap. 15: 01-35.

290 (Nota do Organizador) Aqui houve um pequeno lapso, a citação é de João,

Jesus, pois, só ensinou o que podia suportar o atraso da humanidade do seu tempo - e deixou para mais tarde - para quando a humanidade, por seu progresso, já as pudesse suportar, as verdades que não pôde ensinar por si.

Roma não atende a isto, porque isto quebra-lhe o orgulho de ser o depósito sagrado de todas as verdades que podem descer do Céu à Terra.

Se atendesse por um momento, reconheceria a inopia²⁹¹ do que possui - tal que não lhe dá para explicar os mais mezinhos fenômenos humanos.

E concluiria: que muito lhe falta ainda, de conformidade com aquelas palavras de Jesus.

Por exemplo:

Como conciliará ela, pela revelação que possui, a justiça in-defectível com o fato da diversidade de ensino dado à humanidade para sua salvação?

As gerações que viveram antes de Moisés, tiveram apenas o escasso ensino dado a Abraão.

As que viveram depois de Moisés e antes do Cristo, já tiveram ensino mais simples e mais eficaz.

As que viveram depois da Cruz, tiveram, segundo a Igreja, o completo ensino.

Pois bem; se só temos uma existência - e se depois dela nosso destino é definitivo e eternamente o dos bem-aventurados ou dos condenados, será justo, de justiça infinita, que os que viveram com a luz de Abraão - que os que viveram com a luz de Moisés, sejam julgados pela mesma bitola dos que tiveram a luz de Jesus Cristo?

Não é possível! Daí a necessidade de imputar ao Onisciente um processo especial de julgamento para cada época - e, por dedução, um processo especial de julgamento para o civilizado e para o selvagem, que não tem culpa de ter nascido onde não chega a luz!

Se Roma refletisse, reconheceria que isto é até blasfemo - e que falta-lhe ainda luz, assim como que tem erros por verdades.

16:12-15, e já foi feita corretamente pelo próprio Dr. Bezerra muitas vezes, tanto neste volume quanto no anterior.

291 (Nota do Organizador) Falta, insuficiência, penúria, como também defeito ou erro, atitude ou conduta digna de reprovação. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Substitua-se a vida única com o julgamento definitivo depois da morte, pela pluralidade de vidas, que acaba com o Inferno; e brilhará a justiça de par com a misericórdia do Criador.

Os que viveram na lei de Abraão, voltam a receber a luz de Moisés - e estes voltam a receber a de Jesus; sendo, portanto, dada a todos igual luz - até ao selvagem.

Por que, em vez de capitular de diabólico o que engrandece, mais do que Roma, os divinos atributos: o Espiritismo, não vem a Igreja estudar os fundamentos desta nova Revelação?

Porque o clero prefere acabar como o sacerdócio!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 01-03-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2620

Artigo CLXXVI - O PAIZ, 08.03.1891

Leibniz, que alguém qualifica como o maior gênio humano²⁹², acreditava que a mônada humana começa no reino vegetal, donde passa ao animal, adquirindo progressivamente maior soma de qualidades, até que chegue ao summem²⁹³ da animalidade, onde lhe é dada, por uma espécie de transcrição, a sublime qualidade da razão²⁹⁴.

É o transformismo, que tanto tem abalado o mundo científico, em sua expressão mais simples, senão em sua legítima origem.

Nos sistemas dos grandes vultos da humanidade, por mais imaginativos que sejam, há sempre um fundo de verdade.

Ora, Leibniz, que não foi um sonhador, pois dizia: “Eu gosto das máximas que se demonstram, que têm o menor número de exceções”, deve fazer peso na concha daqueles que sustentam que está implicitamente contida em sua teoria - a pluralidade de existências de nossa alma ou mônada humana.

Ele não disse, é certo, a palavra que assombra o materialista e irrita os nervos do padre, mas não é positivo que aquela sua doutrina envolve a preexistência da alma?

292 (Nota do Organizador) Gottfried Wilhelm Leibniz (1646 - 1716) - Matemático, jurista, físico, filósofo, diplomata, historiador, bibliotecário, musicólogo, tradutor, teórico musical, escritor, poeta, engenheiro, zoólogo, arquivista, biólogo e geólogo alemão. Figura central na História da Matemática e na História da filosofia, reconhecido como um dos maiores gênios da História da humanidade.

293 (Nota do Organizador). Fim. (Fonte: Google tradutor)

294 (Nota do Organizador) Vide a respeito as obras “Discurso da Metafísica” (1686) e “Princípios da Filosofia ou Monadologia” (1714), de Leibniz. e neste último especialmente os itens 67, 68, 70 e 74.

Se a mônada vai sempre progredindo, de alma sensitiva e animal até a alma racional, aí está uma longa série de preexistências - de existências progressivas, para conquistarmos o grau de progresso que assinala a ascensão do nosso ser essencial ao reino hominal, onde lhe advém, com a razão e a consciência, a responsabilidade.

Pluralidade das preexistências, até sermos o que somos, indica, logicamente: pluralidade de pós-existências, até sermos o que temos de ser.

Com efeito, se a mônada humana veio, por degraus, subindo até chegar à altura de alma racional, por que parar aí? Por que não continuar seu progresso como alma racional, pelo mesmo modo, isto é, por uma série de existências?

Terá conseguido o máximo de sua evolução, atingindo a condição da hominalidade?

Não, certamente; porque nós vemos, no reino hominal, considerado mesmo em sua existência terrena, uma infinita variedade de progresso, quer se considere o moral, quer se o considere intelectualmente.

Entre o caraíba²⁹⁵ e o missionário da fé, entre o cafre²⁹⁶ boçal e o chefe dos sábios materialistas, há o que se pode chamar um infinito número de variedades morais e intelectuais.

Mas esta variedade não teria razão de ser - seria incompreensível e inexplicável, se a mônada ou alma sensitiva e animal tivesse por máximo de sua evolução de conquistar a coroa da razão.

Em tal caso, é intuitivo: a coroa deveria ser a mesma para todas as mônadas - e, conseqüentemente, não teria cabimento serem tão infinitamente variáveis como se observa na humanidade.

Esta variedade, que se observa, indica, evidentemente: que o progresso que trouxe a mônada até a hominalidade deve continuar depois da hominalidade.

295 (Nota do Organizador) Os caribes, caraibas ou karibs (do tupi Kara' ib; sábio, inteligente) são povos indígenas das Pequenas Antilhas, que deram o nome ao mar do Caribe. Sua origem estaria no sul das Índias Ocidentais e na costa norte da América do Sul. (Fonte: Wikipedia)

296 (Nota do Organizador) Relativo às populações não muçulmanas da África Meridional, já citado. (Fonte: Dicionário Priberam online)

E significa mais; significa: que, antes desta existência racional, em que nos conhecemos, já tivemos outras racionais anteriores, em que uns progrediram e outros não.

Estudai a humanidade no berço - e tereis a prova desta verdade.

Há crianças que manifestam, antes de receberem a cultura da educação terrestre, pronunciada tendência - disposições inatas, para o Bem, assim como lucidez para compreender.

Outras, porém, manifestam tendências - disposições inatas, para o Mal, tanto como incapacidade para compreender.

Os materialistas explicam isto - estas diferenças, pela diferença da organização do cérebro, quanto ao saber. E quanto ao moral?

O que é certo, é que, com Deus ou sem Deus, nota-se a maior harmonia e sabedoria na organização universal.

E, entretanto, o homem, moral e intelectualmente, demonstra uma verdadeira desordem de disposições congênitas.

Quem fez tudo, no Universo, com a maior uniformidade, esqueceu-se desta sublime lei, quando teve de fazer o homem!

Pobres cegos, que se escravizam ao espírito de sistema e tornam-se como os que usam de óculos de cor, que veem todos os objetos da cor dos óculos.

O que é mais consentâneo com a boa razão e com a própria observação: que a força criadora (Deus ou matéria) tenha feito cada homem por um molde - ou que tenha vazado toda a massa humana no mesmo molde?

Mas as variedades - estas variedades que apontastes?

Obra do próprio homem, racional e livre, responderemos - e acrescentaremos: assim como observamos, na vida, uns aproveitarem sua capacidade natural e outros não, assim é nos séculos.

Aqueles que empregaram boa vontade no cultivo de sua capacidade moral e intelectual, nascem nesta vida, com as melhores disposições.

Aqueles que desprezaram, completamente, esse cultivo, nascem nas piores disposições.

E os que não fizeram senão esforço parcial constituem esta falada e observada variedade.

Todos são criados em identidade de condições; mas cada um desenvolve estas condições, segundo lhe parece, pois tem a liberdade.

Unidade de criação - variedade de evolução, eis a sublime lei.

Mas todos têm de chegar ao marco ou termo da evolução (perfectibilidade), que é o mesmo para todos; logo, a sucessividade de vidas, em diversos mundos, é o complemento da lei.

O sistema de Leibniz é a lei do progresso humano.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 08-03-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2671

Artigo CLXXVII - O PAIZ, 15.03.1891

O sábio Carlos Bonnet, cujas obras têm o cunho da mais elevada filosofia, e cujo pensamento deve valer mais do que os de nossos criminalistas de água doce, ensina:

“Os homens, na Terra, apresentam uma diversidade quase infinita de dons - de talentos - de conhecimentos - de inclinações etc.

“A escala humana eleva-se por uma série inumerável de graus, do homem bruto ao homem pensante.

“Esta progressão continuará necessariamente na vida futura, conservando aí as mesmas relações essenciais: quero dizer: que os progressos que tivermos feito aqui, tanto em saber como em virtudes, determinarão o ponto de onde começaremos na outra vida - e o lugar que nela ser-nos-á dado.

“Todos os momentos de nossa existência individual ligam-se individualmente entre si. Não passamos de um estado a outro, sem razão suficiente. Não há saltos. O estado subsequente tem sempre sua razão no imediatamente precedente. A morte não é uma lacuna nesta cadeia, é o elo que liga as duas vidas ou as duas partes da cadeia ...

“Haverá, pois, um perpétuo fluxo de todos os indivíduos da humanidade para uma maior perfeição, que supõe uma maior felicidade, porque um grau de perfeição adquirido conduzirá fatalmente a outro mais adiantado - e porque a distância do criado ao incriado, do finito ao infinito, é incomensurável, eles tenderão continuamente para a perfeição infinita, sem jamais atingi-la”.²⁹⁷

297 (Nota do Organizador) Bonnet, Charles. “Palingénésie Philosophique”, Parte XXII, Cap. VII, Págs. 523-5, em “Coleção Completa das Obras de Charles Bonnet”, Vol. XVI. Ed. Aneuchatel, Chez Samuel FAUCHE, PERE & FILS, 1783.

Bonnet, como se vê, toma a cadeia dos seres animados, não como seu mestre Leibniz, no reino vegetal, para segui-lo até o reino, que Quatrefage chamou hominal; mas neste, em que a alma é racional, na frase do grande mestre.

Começa, aí, da maior imperfeição humana - e pela ascensão que vai pari passu²⁹⁸ fazendo o homem - o Espírito -, na Terra, acompanha-o, pela razão, alma da Terra - e sustenta o princípio de que sua evolução para a perfeição é infinita, sem jamais alcançar a absoluta, “porque é incomensurável a distância que vai do finito ao infinito”.

Em suas obras, caracteriza acentuadamente a perfectibilidade humana pela - incessabilidade.

Daí, a necessidade de mais de uma existência, porque o grau de progresso que se fez na Terra, em uma vida, nesta em que nos conhecemos, é um nada em relação ao que deve alcançar o Espírito.

Poder-se-ia supor: que este fará sua evolução para a perfeição, desta vida, sem mais necessidade de voltar a ela; porém, esta hipótese, que aliás já foi levantada, cai por absurda e repugnante.

Se a vida corpórea é necessária ao desenvolvimento do Espírito - e se numa única vida este não adquire maior grau de tal desenvolvimento, o que é racional, é que volta a fazer novos exercícios, no meio que está reconhecido como necessário para aquele fim.

Além de que o fato de acabarem aqui, uns no maior grau de saber e de virtudes terrenas - e outros no grau mínimo destas relações, prova: que, mesmo em relação ao progresso que se têm de realizar neste meio, poucos são os que alcançam-no.

Logo, os outros devem voltar até alcançá-lo, salvo se a vida corpórea é desnecessária à evolução do Espírito - é uma superfluidade.

Isto, porém, não só é inadmissível, porque tudo, na infinita criação, tem sua razão de ser, como porque a cosmogonia espírita explica, à satisfação da razão e da consciência, a razão de ser da encarnação - e das reencarnações.

As vidas são solidárias, ou, como diz Bonnet, são elos de uma cadeia, que a morte não quebra, assim como não quebra a reencarnação.

298 (Nota do Organizador) “Com passo igual”. (Fonte: dicionariodelatim.com.br)

A vida terrestre ou corpórea é destinada aos exercícios práticos de provas e expiações - e a vida do espaço, ou propriamente espiritual, é destinada ao exame e ao estudo dos fenômenos e das leis, que a alma não pode devassar de sua prisão material.

Nesta recebemos o prêmio ou o castigo pelas obras que fizemos naquela; ou, como ensina Bonnet: “Os progressos que tivermos feito aqui, tanto em saber como em virtudes, determinam o ponto de onde começaremos, ali, e o lugar que ocuparemos.”

Portanto, morrer é passar da vida corpórea à espiritual, assim como reencarnar é passar da vida espiritual à corpórea; fases da vida geral do Espírito, que se revezam sem interromper a continuidade dessa mesma vida geral.

Este revezamento é natural, lógico, conforme com a grandeza infinita do Criador.

Com efeito; no espaço, o Espírito estuda - na Terra pratica - e deixando a Terra presta contas do modo por que fez seus exercícios - e deixando o espaço, vem fazer provas do que aí colheu em bem de seu progresso.

Esta é a norma geral da evolução dos Espíritos, da qual resulta: que os que mais se aplicarem, no espaço, revelarão, ao despontar na Terra, superioridade manifesta, em relação aos que menos se aplicaram, donde vemos crianças com as melhores disposições para o bem e para a compreensão, e outras com as piores disposições para uma ou para outra coisa.

Resulta também que os que melhores provas derem na Terra, voltando ao espaço, serão mais felizes e ocuparão lugar mais elevado.

Em suma:

Desde que a perfectibilidade do Espírito é sem limites - e que a vida corpórea é condição do progresso, tão absurdo e impossível é passarmos uma única vez por esta fase, como é racionalmente sublime voltarmos a ela.

É a escola prática de cada grau de progresso.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 15-03-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2726

Artigo CLXXVIII - O PAIZ, 22.03.1891

Du Pont de Nemours²⁹⁹, o precursor das crenças do século XIX, o escritor dos contemporâneos e modernos, que mais calorosa e logicamente expôs sua fé no verdadeiro destino da alma - e mais nitidamente traçou a filosofia dos universos moral e espiritual.

Du Pont de Nemours exprime-se nestes termos, que dão a ideia da elevação de seu Espírito:

“Se, como eu creio, o ser inteligente sobrevive a seu invólucro, permanece no estado de mônada.

“Mas, como não pode perder a inteligência, porque seria isto para ele o mesmo que morrer, deve, mesmo com a privação de seus órgãos exteriores, conservar o senso íntimo - a memória - o remorso de suas faltas - a esperança no bem que fez - o desejo veemente de governar ainda alguma coisa, de administrar um corpo qualquer - a ambição de alcançar uma existência mais feliz - a faculdade de invocar mentalmente seus juizes, seus superiores ou o juiz supremo de todas as ações e de todos os pensamentos, o superior geral de todos os seres para que o reenviem, o mais cedo possível, à vida, aos gozos, aos meios de agir - de resgatar seus erros passados, por melhores obras - de fazer merecimento para adiantar-se.”³⁰⁰

A mônada ou o Espírito humano, perdido o corpo pela morte, conserva todas as faculdades que possuía o homem em vida; o que prova que as faculdades intelectuais são propriedades da

299 (Nota do Organizador) Vide nota 6, à página 17 deste volume.

300 De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. L’Imprimerie de Du Pont, Paris, 1792. Págs. 169-170. (Fonte: Gallica)

alma que não do corpo - ou por melhor dizer: que o homem é a mônada ou Espírito, e o corpo não é senão um acessório - um meio transitório - uma condição para que possa ele manter-se na vida material.

Du Pont de Nemours diz: “Se o ser inteligente sobrevive a seu invólucro ...”, para melhor firmar, sobre a hipótese, o edifício solidaríssimo do que fica ele sendo, perdido o invólucro.

Depois, como veremos, pois que os altos conceitos deste grande pensador são dignos de funda e prolongada análise, demonstra: que a hipótese é uma indiscutível realidade.

Parece que o gênio adivinha - lê no futuro, pois que a teoria de Du Pont de Nemours é hoje, toda ela, comprovada pelas experiências materiais e positivas ou positivistas.

Nós, os espíritas, conhecemos a razão deste fato, que surpreende aos que se ocupam com coisas da ciência.

Nós sabemos: que o gênio é o resultado do superior saber, que o Espírito tem acumulado em passadas existências - e que lhe é permitido manifestar, porventura como missão, para auxiliar o progresso da humanidade terrestre.

Assim, o gênio é um messias científico-literário - ou artístico, enviado à Terra, para promover o desenvolvimento das ciências - das letras - das artes, essenciais à perfeição humana.

Temos, pois, messias intelectuais, como temo-los morais, porque o saber é tão necessário à desmaterialização do ser humano - ao seu progresso infinito, como é a virtude.

São as duas asas em que se firma o Espírito para ascender do zero de sua criação ao máximo de sua evolução.

Sendo assim, como demonstram as experiências espíritas, o Espírito superior que vem encarnar entre nós para nos dar luz, já conhece leis, que nós ignoramos, e é por isto que as revela - e é por isto que nós supomos: ter ele adivinhado - ter lido no futuro, quando confrontamos o que ele ensinou, um ou mais séculos antes de se verificar, por fatos, o que ele ensinou.

Du Pont de Nemours, melhor que qualquer outro, demonstrou a sobrevivência do Espírito, consciente de sua identidade - e suas reencarnações, como condição ou lei de seu progresso intelectual e moral.

Ora, isto que o gênio de Du Pont de Nemours revelou, há já muitos anos, é hoje a Doutrina Espírita, em sua verdade absoluta, provada pela razão - provada pelos fatos da mais rigorosa experiência.

Se o materialista, em cuja classe está principalmente o positivista - se o padre - se todos os que cultivam sua intelectualidade, em vez de se encastelarem nas ideias, que têm por infalíveis, seguissem a norma de Aristóteles: duvidassem até da verdade, para verificarem sua realidade incontestável.

Se deixassem, por um momento, o espírito de sistema, que é o pior dos obsessores - e se decidissem a entrar num laboratório espírita, com ânimos decidido de aceitarem o que aí observassem de sério - de positivo - de irrefutável, embora diametralmente oposto às suas ideias: o materialismo - o fanatismo - o erro sob suas variadas formas já estariam banidos da Terra, na parte que entende com a evolução dos Espíritos - e com o altíssimo destino humano, que o Espiritismo revela e ensina.

Pouco importa, porém, a oposição.

Deus, para ser Deus, não precisa que os homens O reconheçam!

A alma, para ser imortal, não precisa que os materialistas e positivistas lhe deem atestado!

E a sublime Doutrina, que dá a prova material da existência de Deus - da imortalidade da alma - e da evolução que ela faz por vidas sucessivas e solidárias, para chegar ao seu esplendoroso destino, há de fazer seu caminho progressivo, embora lentamente.

É Revelação de Deus, não está no poder dos homens destruí-la, como qualquer doutrina humana.

Se esta humanidade repele-a, ela mesma reconhece-la-á, depois da vida corpórea - e reencarnando, a proclamará.

Não quer ver, sequer, o que lhe é condição de progresso e de felicidade? Tanto pior para ela.

Du Pont de Nemours, nos trechos que transcrevemos, dá clara e nitidamente a lei das reencarnações ou das vidas múltiplas solidárias.

É um notabilíssimo pensador, que lança na concha da balança o peso de sua opinião!

Se somos uns parvos - loucos - endemoninhados, estamos na companhia das sumidades do saber terrestre.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 22-03-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2777

Artigo CLXXIX - O PAIZ, 29.03.1891

Du Pont de Nemours, depois de apreciar a escala animal ascendente da formiga ao homem, estabelece por analogia uma escala espiritual ascendente do homem a Deus.

“É em ti, dizes, que a progressão deve findar.

“Levanta os olhos, és digno disto - pensa, nasceste para pensar.

“Ousas comparar a incomensurável distância que te separa de Deus, com a diminutíssima que me faz hesitar entre ti e a formiga.

“Aquele imenso espaço deve ficar vazio?

“Não! Não é possível, porque o Universo não tem lacunas.

“Mas, se ele é ocupado, por quem o é?

“Não podemos sabê-lo; mas, uma vez que ele existe, não pode deixar de conter alguém e alguma coisa”.³⁰¹

Há, pois, uma escala de seres, que enchem o espaço entre o homem e Deus, como há uma, que enche o que vai da formiga ao homem.

O profundo pensador se absorve tanto nesta ideia, que diz: “Tal é a verossimilhança - e, quando falo a espíritos vigorosos, que não fogem às altas concepções, ouço dizer: tal é a realidade”.³⁰²

É a intuição viva das gradações - das ordens, que formam os Espíritos por seu progresso, desde o estado em que os conhecemos aqui - na vida terrena, até as maiores alturas a que se po-

301 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, pág. 127.

302 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, pág. 129.

dem elevar - até adquirirem a natureza angélica - até formarem o último degrau da longa escada de Jacó, que une a Terra ao Céu.

Du Pont de Nemours assinalou o fato, que arrancou ao desconhecido pelas forças de sua poderosa faculdade perceptível; mas não o soube, porque era demais para seu tempo explicar.

“Quem enche aquele imenso espaço, não podemos saber; mas, uma vez que, ele existe, deve necessariamente conter alguém e alguma coisa.”

Teria ele em mente a lenda bíblica da criação dos anjos - intermediários, entre o homem e Deus?

Não pode ser, porque o anjo é perfeito - e, portanto, ainda deixa entre si e o homem, imperfeito, um enorme vácuo, que o filósofo não admite, “porque no Universo não há lacunas”.

Ele delineava, certamente, um sistema, como o que ensina hoje o Espiritismo, de uma cadeia de elos espirituais, desde onde termina a animalidade, até os pés do Criador.

Esta cadeia dá as infinitas ordens e variedades, de que cogitou o grande pensador, porque o Espírito humano vai-se desmaterializando, por seu progresso, a favor das vidas múltiplas solidárias - e a cada passo que faz na escala do progresso, adquire condições, e quase se pode dizer naturezas, distintas das que tinha no degrau inferior.

Assim pensou Du Pont de Nemours, como se verá no seguinte trecho:

“Estas inteligências não estão acima e fora do alcance de nossos sentidos, senão porque são dotadas do maior número de sentidos - e de uma vida mais desenvolvida e mais ativa”.³⁰³

Efetivamente, o Espiritismo ensina: que os Espíritos conservam, desde sua criação, ocultos ou latentes, todos os sentidos e faculdades, que lhes são precisos para sua evolução - para sua glorificação.

Ê no correr dos séculos - e pelo progresso que eles realizam, que vão desabrochando os sentidos e faculdades, necessários ao grau de progresso de cada um.

303 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Univers”. Edição citada, Págs. 135-136.

Assim, antes de chegarmos à Terra, enquanto nos debatíamos nos mundos inferiores, não dispúnhamos de todos os sentidos e faculdades, que são aqui o nosso apanágio.

Assim, quando sairmos da Terra - e formos habitar um mundo superior a este pobre planeta de expiação, nascerão de nós sentidos novos - e novas faculdades, essenciais à vida em um meio novo e superior, onde o maior dos nossos sábios vai ser um neófito³⁰⁴.

É, pois, verdade, conforme a ciência espírita, o que Du Pont de Nemours vislumbrou sobre a diferença entre o homem terrestre e as inteligências que lhe ficam acima: “porque estas são dotadas de maior número de sentidos”.

E não só o notável filósofo percebeu a cadeia espiritual, que acabamos de designar, como ainda pressentiu a influência que exercem sobre nós os que constituem os elos dessa cadeia.

”Estas inteligências não estão acima e fora do alcance de nossos sentidos, senão porque são dotadas de maior número de sentidos e de uma vida mais desenvolvida e mais ativa. São seres que valem mais que nós e que têm muito mais órgãos e faculdades; devem, pois, pondo em ação essas faculdades, que agem à sua vontade, como empregamos as nossas à nossa vontade, poder dispor - trabalhar e manipular a matéria inanimada - e agir uns sobre os outros, bem como sobre os seres inteligentes, que lhes são inferiores, com muito mais energia - rapidez - luz - e sabedoria, do que o fazemos sobre animais, que nos são inferiores. ·

“É, pois, de conformidade com a marcha e com as leis da natureza, que as inteligências superiores podem, quando lhes apraz, prestar-nos serviços os mais importantes e ao mesmo tempo os mais ignorados.

“Vós podeis afirmar que não é assim, porque tudo o que não podeis ver fisicamente não existe; mas eu vos digo que é assim, apoiado em todas as leis da analogia, que nos é permitido reconhecer no Universo.

“Se assim não fosse, o Universo seria incompleto. Sua parte inferior seria regularmente ordenada com as graduações as mais

304 (Nota do Organizador) Sobre esse continuum da vida, vale sempre lembrar o famoso trecho da questão 540 de “O Livro dos Espíritos”: “é assim que tudo serve, que tudo se encadeia em a natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que começou por ser átomo”, como também a questão 607-a, entre outras.

claras e perfeitas; ao passo que sua parte superior não passaria de um vácuo - de um deserto.

“A vida - a inteligência - a moralidade faltariam precisamente onde vemos começar e enriquecer-se o reino da inteligência - da moralidade - e da vida”.³⁰⁵

É a teoria da comunicação dos Espíritos.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 29-03-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2819

305 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, págs. 136-137.

Artigo CLXXX - O PAIZ, 05.04.1891

Já vimos como Du Pont de Nemours, pelo método da observação, chegou à convicção de que os Espíritos, segundo seu grau de progresso, formam uma escada que vai da Terra ao Céu, preenchendo o espaço que vai do homem a Deus.

Também vimos como pelo mesmo método, chegou ele a conhecer que os Espíritos estão em comunicação conosco, influenciando sobre nós.

Continuemos a explorar a preciosa mina, que nos deixou o profundo pensador, que felizmente escapou à sapiência do autor do nosso código criminal.

“O Inferno de quase todos os povos e de quase todas as religiões - o Phlégèton - o Styge - as Geenas de fogo - as Fúrias com suas serpentes - os diabos de Callot - os ventos - o gelo - os azorragues armados de escorpiões - os alimentos peçonhentos - o fumo e a cinza - as imensas caldeiras de azeite fervendo - os leitos de enxofre abrasado - e tudo isto eterno, para castigo de faltas passageiras, é o cúmulo da demência atroz - da injúria - da calúnia - da blasfêmia contra a Divindade”.³⁰⁶

Du Pont de Nemours, com a aguda penetração de seu Espírito superior, compreendeu, como compreenderá todo o que não estiver fanatizado, que as penas eternas são uma blasfêmia contra Deus.

306 (Nota do Organizador) (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, pág. 164.

Um dos nossos homens mais ilustrados, o Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra³⁰⁷, escreveu uma obra, monumento de erudição, em que sustenta que sem Inferno não pode existir Deus.

É o requinte do fanatismo romano!

Parece incrível que um homem de tão avantajada inteligência e de tão profundo saber avance uma tal heresia!

O Inferno, inventado nos tempos em que a humanidade só podia ser contida pelo temor das penas materiais, é tão absurdo quanto impossível.

É absurdo, porque revela, da parte do Criador, ódio e vingança, em vez de amor e justiça.

Como compreender o amor infinito, a par do castigo de morte?

Como compreender a justiça indefectível, a par da pena eterna pela falta de um momento?

A tirada: de que aprecia-se a ofensa pelas condições do ofendido dá ao Perfeito o sentimento da vingança, quando Ele mesmo disse por Ezequiel:

“Eu não quero a morte do ímpio, mas, sim, que o ímpio se converta e venha a mim”.³⁰⁸

O espírito e até a letra deste sublime conceito reduzem a zero a blasfema pretensão de que Deus pune de morte em vez de punir para corrigir.

O Inferno é impossível, porque seria o triunfo do Mal.

Com efeito ensina a Igreja: que, no fim do mundo, tudo ficará reduzido a dois absolutos: Céu e Inferno! Deus no Céu - Satanás no Inferno!

O Mal subsistindo eternamente!

Nós sabemos que ele tem de subsistir eternamente, porque é obra do atraso humano - e a humanidade, em sua evolução para a perfeição, tem sempre camadas atrasadas; mas estas camadas

307 (Nota do Organizador) Manuel Soares da Silva Bezerra, mais conhecido como Soares Bezerra (1810 - 1887), foi magistrado, professor, filósofo, ensaísta e político brasileiro, como também vice-presidente da província do Ceará, exercendo a presidência interinamente de 30 de outubro a 4 de dezembro de 1872. É o patrono da cadeira 26 da Academia Cearense de Letras. Era irmão de Dr. Bezerra... Foi ele o destinatário da famosa “carta” do Kardec brasileiro, que viu livro - vide ed. FEB.

308 (Nota do Organizador) Ez. 33:11, já citado.

se aperfeiçoam - e deixam o reino do Mal, de modo que todos os homens passam por ele - e todos os homens saem dele³⁰⁹.

Compreender-se-á facilmente este movimento, sabendo-se que Deus criou Espíritos por toda a Eternidade - e cria-los-á por toda a Eternidade, de modo que haverá sempre Espíritos atrasados (camadas) - e, portanto, alimento do Mal.

Isto, porém, é completamente diferente da Eternidade do Mal, segundo a Igreja.

Aqui, ele subsiste eternamente para os que uma vez lhe foram entregues (Inferno).

Ali, subsiste eternamente, mas não prende ninguém por todo o sempre.

Num caso, é absoluto - noutro é relativo.

Ora, o Mal absoluto só pode ser admitido por quem esquece: que absoluto só Deus, em suas perfeições.

Não admira, porém, que assim pense - que dê ao Espírito do Mal um trono eterno, quem admite o monstro ridículo: de ter Deus condenado o anjo rebelde ao cárcere e às trevas - e de não poder fazer que sua sentença se cumpra, pois que o prisioneiro quebrou as cadeias - e vive em luta aberta com Ele, roubando-lhe as ovelhas de seu rebanho!

Não é triste ver homens feitos terem em conta de puras verdades histórias fantásticas, inventadas para conter crianças?

E, entretanto, é força reconhecer: que homens ilustrados acreditam seriamente nessas lendas dos tempos infantis da humanidade; que o Senhor criou o anjo perfeito e o anjo se fez rebelde, frustrando as volições de seu Criador, que Deus deu batalha campal à sua criatura, sem dúvida porque não tinha poder para reduzi-lo - que, tendo tido a felicidade de vencer, encarcerou o rebelde - e outras quejandas invenções!!

Se Deus não quer a morte do ímpio - se não há Inferno, como bem compreendeu Du Pont de Nemours, o que encherá o vácuo deixado pela retirada desse lobisomem?

Fica a sublime lei do progresso indefinido dos Espíritos, através dos séculos - e mediante vidas sucessivas.

309 (Nota do Organizador) Aqui parece ter havido algum lapso no texto original, que diz "e todos os homens sabem dele". Parece-nos que "e todos os homens saem dele" fica mais concorde com o raciocínio apresentado no parágrafo, do aperfeiçoamento da humanidade, e da trajetória do Mal ao Bem, por efeito da evolução.

O Espírito caminha sempre para seu destino, caindo e levantando-se - sofrendo ou gozando, segundo o uso que faz de sua liberdade.

Pelas vidas solidárias, ele repara numa o mal que fez na outra - e acumula sempre os elementos de seu progresso, conquistados em cada uma delas.

É o que resulta da concepção sobre o Inferno de Du Pont de Nemours - é o que ensina o Espiritismo - é o que confirmam os fatos experimentais, que todos - todos podem apreciar.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 05-04-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2858

Artigo CLXXXI - O PAIZ, 12.04.1891

A possante concepção do sábio Du Pont de Nemours, de quem já temos denunciado³¹⁰ os mais elevados conceitos, apanhou, com a maior felicidade, a lei que rege a evolução dos Espíritos, digamos: do homem.

“Se, como creio, o ser inteligente sobrevive ao corpo, deve ficar no estado de mônada; mas, como não pode perder a inteligência, porque isto ser-lhe-ia a morte, deve ele, mesmo neste estado de privação de seus órgãos inferiores, conservar o senso íntimo - a memória - o remorso de suas faltas - a esperança no bem que fez - o desejo veemente de governar ainda alguma coisa, de administrar um corpo - ambição de obter uma existência mais feliz ...

“Até que seja julgado, só a expectativa que se pode prolongar mais ou menos, é para ele única expiação - um Purgatório - uma excelente ocasião de reflexão - um aperfeiçoamento de seu ser ...”³¹¹

Aí estão bem desenhadas as ideias da imortalidade e da responsabilidade do Espírito - e das penas e expiações, como meio de seu progresso.

“A lembrança da vida precedente é um poderoso socorro para a vida seguinte. Provavelmente, possuem-na os que já estão em condição superior ao homem, na escala do progresso. Não deve, porém, ser concedida aos que, tendo merecido a degradação ou não tendo chegado ainda à ordem daqueles cuja moralidade já se eleva até Deus, são provados pela justiça ou pela misericórdia

310 (Nota do Organizador) Sentido figurado: Patentear, mostrar, provar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

311 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, págs. 169/170.

divina, ficando entregues às suas próprias forças, para começarem a carreira da alta moralidade.

“Se são punidos, dir-se-lhes-á: tua pena está terminada e o passado está esquecido - tens a graça de cessar de gemer e de esquecer. Bebe do Lete³¹²; trata-se agora de saber: se serás bom para ti mesmo, por amor da virtude e de suas consequências imediatas, sem esperança infalível para o futuro, sem receio memorativo do que sofreste. Parte - ensaia o destino humano - te é concedido animar um “feto”. A nova prova é proporcional às faltas da vida anterior.”³¹³

Eis aí, em termos precisos, o progresso indefinido dos Espíritos, realizado por seus próprios esforços, em vidas sucessivas e solidárias.

Em cada uma delas, há o juízo do Senhor, para galardoar o bem e punir o mal, que nela se fez.

O Espírito, que progrediu, se não subiu às altas ordens dos que já se remiram de todo o mal - se ainda tem um passivo superior ao ativo, volta a recomeçar a carreira, do ponto em que a deixou na passada existência. “A nova prova é proporcional às faltas da vida anterior.”

O que empregou mal seu tempo e sua liberdade - que delinuiu - que mereceu castigos, volta a começar a carreira - e voltará até que tome a resolução de segui-la, sendo a isto compelido pelos castigos que recebe no fim de cada existência corpórea, que é sempre de provas e de expiação.

Se o primeiro, o que vem recomeçar - continuar a tarefa de seu próprio engrandecimento, terá provas brandas, pela lei de que são elas sempre proporcionais às faltas passadas - e ele já vem delas muito aliviado; o segundo, pela mesma lei, vindo carregado de faltas, tem provas pesadíssimas.

É por isso que vemos, na Terra, uns tantos a quem a sorte sorri - que levam vida plácida e contente; ao passo que outros vivem batidos pelo vento da adversidade, colhendo sempre espinhos, onde os primeiros colhem flores.

E entre os dois extremos, uma variedade quase infinita, de vida à quase infinita variedade da carga que cada um traz - e, conseqüentemente, das provas e expiações que lhe são relativas.

312 (Nota do Organizador) Vide nota 81, à página 68 desta edição.

313 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, págs. 171/173.

Vê-se mesmo o bom acabrunhado de dores - de aflição - de misérias - um desgraçado; e por isto há muito que acuse à justiça de Deus.

A Igreja romana defende o Senhor, neste ponto, comprometendo-o.

Diz, por exemplo, que o bom sofre todas aquelas misérias e desgraças por graça - para ter o Céu depois da morte.

Mas, se Deus dá a graça a uns tantos, que não a todos, Deus tem preferências e exclusões - é parcial - não é Pai.

Não. O Pai Celeste reparte, com perfeitíssima igualdade, seus dons por todos os seus filhos.

São estes que usam - descutam - ou abusam dos meios de progresso, de aperfeiçoamento - de felicidade, que levam ao destino humano: o mesmo para todos os Espíritos.

Daí, os fundamentos da admirável concepção de Du Pont de Nemours.

Daí esse fato de sofrerem cruelmente criaturas dotadas de grandes virtudes.

São réprobos de passadas existências, que vieram pagar a pesada dívida, com a moeda dos sofrimentos, que a misericórdia oferece aos réus da justiça.

Bem felizes são em permanecerem firmes em sua fé - com suas virtudes, no meio do turbilhão de desgraças que os envolvem - e que são levantadas por eles mesmos - pelas culpas de seu passado.

Assim, pois, para o que define o fato, atendendo somente à vida presente, não tem ele explicação, senão a tal da graça parcial.

Para aquele que o define, porém, atendendo ao passado, tem a mais satisfatória explicação: explicação que exalta a justiça e a misericórdia de Deus.

É isto o que ensina a Revelação espírita - e confirma a experiência feita com todas as seguranças do método positivista.

É isto o que, viu o leitor, foi compreendido, muito antes desta Revelação, pelo alto Espírito de Du Pont de Nemours.

Foi o precursor da Sublime Verdade!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 12-04-1891:

http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2907

Artigo CLXXXII - O PAIZ, 19.04.1891

Vamos deixar, com verdadeira saudade, o mais profundo pensador dentre todos os contemporâneos: o eminente Du Pont de Nemours.

Em suas obras teríamos material para anos do nosso trabalho, mas prometemos apresentar todo o exército dos grandes homens, que vislumbraram a sublime lei das vidas múltiplas solidárias - e não podemos, por isto, prendermo-nos a um somente.

Avalie o leitor o merecimento destes pensadores com relação à causa que lhe ternos exposto:

“É quando tem-se seguido (n’uma existência corpórea) o caminho, que se pode, caso se tenham cometido faltas sérias, que retardem o progresso, recomeçar a prova - caso, porém, as faltas tenham sido leves, pode-se vir à terceira estação, sob a figura e órgãos humanos, mas já próximo dos Espíritos superiores, elevando-se da probidade à virtude - da afeição ao amor - e do bom senso ao gênio”.³¹⁴

Aqui está traçada, bem claramente, a marcha progressiva do Espírito, de conformidade com seu maior ou menor esforço pelo bem.

O homem começa ignorante e carnal - vai-se polindo moral e intelectualmente, por vidas sucessivas, até chegar à linha dos Espíritos superiores; isto é: dos Espíritos que já possuem o saber e a virtude dos anjos.

Neste ponto, vejamos o que diz Du Pont de Nemours:

“Quando se chega a essa fronteira, se não se abusa do seu talento - se não se corrompe o coração, adquirem-se asas: asas

314 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, págs. 179.

que serão maiores, mais fortes, mais belas e brilhantes, se tiverem sido mais bem merecidas.

“A virtude suficiente não sobe senão um degrau. É preciso a eminência da virtude para galgarem-se muitos”.³¹⁵

A ascensão não é marcada pelo compasso: é graduada exclusivamente pela vontade.

Aquele que emprega esforço como 1, sobe como 1 - o que nenhum emprega, não avança, perde o tempo de sua existência, que tem de repetir - e o que emprega o máximo esforço, sobe de um voo a grandes alturas.

A massa é pesadíssima, enquanto nosso Espírito ainda é atrasado, materializado, propenso mais ao mal do que ao bem.

Neste estado, pouco se adianta em cada existência; o que o coloca em melhores condições para a seguinte estação.

Assim vai adquirindo forças, pelo adiantamento que realiza - e realizando maior adiantamento, pelas maiores forças que adquire, até que chega ao ponto em que “transforma a probidade na virtude - a afeição no amor - e o bom senso no gênio” - até que cria asas.

Daí por diante eleva-se plainando nos espaços - suavemente - docemente - gozando - e sempre trabalhando no Bem; porque esta é a missão eterna dos Espíritos.

“A cada promoção, diz Du Pont de Nemours, o Espírito adquire sentidos que lhe eram desconhecidos - órgãos mais numerosos, mais potentes, mais flexíveis - superiores meios de procurar e descobrir a verdade, de ampliar a beneficência, de sentir a verdadeira amizade, de inspirar e de atrair os gozos do puro amor; porque todos os seres inteligentes, que receberam o dom da vida, sendo submetidos à lei da morte, recebem, em compensação, o amor, necessariamente mais vivo, mais doce, mais ardente, mais perfeito, à medida que o ser, que dele se embebe, torna-se mais celeste.”³¹⁶

Eis aí uma sublime intuição, que a ciência veio confirmar.

O Espiritismo, com efeito, ensina, hoje: que os Espíritos encerram em si, latentes, todas as fauldades - todos os sentidos - todos os órgãos, de que hão mister para fazerem sua infinita

315 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, págs. 179 e 180.

316 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, pág. 180.

evolução, desde o estado de mônada, isto é, de ser quase inconsciente, até a grandeza deslumbrante do que a ignorância tem denominado - anjo - acreditando que anjo é uma criação à parte do reino hominal.

Como pôde Du Pont de Nemours surpreender a grande lei do desabrochamento parcial e proporcional ao progresso do Espírito, das faculdades, sentidos e órgãos humanos?

Efetivamente é como ele pensa.

A cada grau de progresso, que realizamos, em nossa infinita carreira, descobrimos horizontes desconhecidos - pomo-nos em relação com fatos, fenômenos e leis novas - e adquirimos, isto é: despertam em nós faculdades latentes, que nos habilitam à compreensão da nova ordem das coisas, porque Deus dá sempre a seus filhos os instrumentos necessários ao meio em que se acham colocados.

Assim, nas primeiras eras do Espírito, sendo estreitíssimo o seu horizonte, limitadíssimos e gravíssimos os sentidos e faculdades de que ele dispôs - ou, então, porque eram limitadíssimos e gravíssimos os sentidos e faculdades do Espírito, naquelas eras, foi ele colocado em um meio adequado, em estreitezas, àquelas condições.

À medida, porém, que aquele Espírito foi subindo intelectual e moralmente, foi-se pondo em relação com outros meios mais extensos e complicados do Universo - e, então, despertaram em si os instrumentos necessários ao cultivo daquelas relações.

Suba-se por ai até chegar-se ao ponto de possuir o Espírito todas as faculdades necessárias ao conhecimento de todas as leis da criação.

Nós, da Terra, já possuímos faculdades que não têm os habitantes de mundos inferiores; e nós mesmos não tivemos, quando lá vivemos.

Os de mundo superiores têm faculdades, que nós ignoramos e que dão para conhecerem o que nem presumimos que existe.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 19-04-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2954

Artigo CLXXXIII - O PAIZ, 26.04.1891

É difícil desprender-se a gente da convivência de um pensador, que prende e arrebatava com suas concepções, como Du Pont de Nemours.

Relevar-nos-á, pois, o leitor que ainda voltemos a citá-lo, depois de nos termos dele despedido, em nosso passado artigo.

Ve-lo-á. Não perde o tempo.

“O máximo de um princípio inteligente e animador é o momento em que não mais se aumenta em inteligência e em bondade.

“É para desenvolver esta inteligência, não da bondade, que ele recebeu o dom de comunicar a vida a órgãos - de gozá-la por meio destes - de empregá-los em uma série de trabalhos que, exercitando sua inteligência, fortificam-na - e, cultivando sua bondade, acrisolam-na.

“Todas as vezes que ele se torna simples mônada (que deixa a vida corpórea) mantém, intelectual e moralmente, o grau de adiantamento que adquiriu na vida do ser organizado que acaba de deixar.

“Dali, daquele grau, não desce e se descer por faltas que cometer, a inteligência de que estava de posse, reconhece a justiça de tal pena.

“Não pode elevar-se senão por uma nova vida, com sentidos e órgãos novos; porque, se sua inteligência nada puder, nada também colhe senão pelos sentidos de que é sucessivamente dotada nos diferentes corpos que anima - e nada aprende senão pelo trabalho que eles o põem em condição de fazer.

“Sua elevação é maior ou menor, segundo a bondade ou excelência de suas obras na vida precedente.

“É desta que depende a natureza de sua nova vida”.³¹⁷

Mais correto não pode ser o que este homem concebeu no século XVIII!

A ciência espírita demonstra hoje experimentalmente a verdade de tudo aquilo, que, em 1793, quando era escrito, parecia ser a mais completa manifestação de um desmancho cerebral.

Quem não sente em si: que o máximo do princípio inteligente e moral não é o que se alcança na Terra?

A simples razão leva-nos à convicção inabalável: de que o maior sábio do mundo não tem ciência, senão mínima, das leis que regem o mundo.

Ora, se Deus criou o homem com capacidade para compreender aquelas leis - e, porventura as que regem mundos superiores - e até mesmo todas as da criação; o que concluir do fato de ninguém alcançar a ciência completa na Terra?

Evidentemente, que o homem, não satisfazendo seu destino na Terra, tem de fazê-lo além deste planeta.

Nele, faz o progresso que lhe é permitido, segundo o grau de desenvolvimento da humanidade de seu tempo.

Além, vai completar o que aqui mal iniciou.

E aqui todos chegam no mesmo ponto, por meio de vidas sucessivas e solidárias, porque, se assim não fosse, desigual seria o destino dos homens.

É intuitivo: que o que é dotado de gênio faz-se um Laplace - um Sócrates - um Platão, não pode ter sido criado para destino mais alto que esses milhões de campônios, que olham para os fenômenos naturais, sem poder compreendê-los e que neste estado de ignorância acabam.

Logo, para que haja igualdade e justiça na distribuição dos bens do Pai por todos os seus filhos, é preciso que o atrasado de hoje - o campônio ignorante - possa ser amanhã, adiantado - o Laplace - o Sócrates - o Platão.

317 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, págs. 193-194.

E isto é o que o Espiritismo demonstra experimentalmente, fazendo os Espíritos revelarem quem foram em passadas existências.

Por este modo se reconhece: que o sábio respeitado, de nosso tempo ou de tempos passados, foi um boçal, que, mediante maior ou menor número de existências corpóreas, elevou-se às alturas do saber, que o faz respeitado.

Assim, uns vão adiante, outros vão atrás, mas todos chegam ao mesmo ponto do saber possível na Terra - e quando têm chegado ao mais alto grau desse saber, que é o limite³¹⁸ do saber humano, passam a um mundo superior, onde novas faculdades os põem em relação com nova ordem de fenômenos, que da Terra nem presumir podíamos que existissem.

Já veem, pois, os que sustentam o princípio da vida única: que ele é incompatível com a justiça soberana - e que o oposto: das vidas múltiplas, iguala a todos, dando a todos o mesmo esplendoroso destino, embora marchem para ele com passo desigual - e ocupem, num tempo dado, variadíssimos graus, na escala do progresso, como em um colégio ou n'uma faculdade.

Quanto se compreende em relação ao intelectual, aplica-se, igualmente ao moral.

Que variedade infinita na Terra, em relação aos sentimentos?

Mas os que se acabam sem acrisoladas virtudes - mesmo em maus sentimentos, são como os que se acabam na ignorância - ou ainda mal preparados intelectualmente, não podem ficar no que são, sem sofrerem preterição, mesmo porque, assim como o sábio faz-se pela acumulação do saber colhido em várias existências, assim o virtuoso faz-se pelo valor dos sentimentos³¹⁹, também em múltiplas existências.

318 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui "o início do saber humano", mas parece-nos que houve algum equívoco, posto que o ensino dado por Dr. Bezerra é justo o contrário - de que alcançado o ponto mais alto do saber humano passa-se aos mundos superiores. Decidimos ajustar.

319 (Nota do Organizador) O original traz aqui "o palor dos sentimentos". Palor remete-nos à palidez, o que tornaria a frase sem sentido. Acreditando na hipótese de simples erro tipográfico, decidimos, por isso, trocar por "valor dos sentimentos", que nos parece mais plausível e mais consentâneo com o propósito do texto do nosso Kardec brasileiro...

E do mesmo modo como o sábio da Terra é um nada em relação ao que há de ser em mundos superiores, assim é o santo ou virtuoso.

Se a corte de Deus fosse constituída pelos que chamamos santos - Espíritos que ainda sentem as fraquezas da carne, bem pouco distinta era tal corte.

Não. Para um Espírito chegar à presença da Perfeição Infinita, é preciso já não ter nem laivos da impureza material - já ser puro espírito - anjo.

Du Pont de Nemours teve a intuição da sublime lei do progresso indefinido!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26-04-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/2995

Artigo CLXXXIV - O PAIZ, 03.05.1891

Transcrevemos hoje um trecho de Du Pont de Nemours, em que este admirável pensador fala claro e positivamente das reencarnações, que, em suas eminentes cogitações, são a base - o alicerce único de sua doutrina tão sedutora quanto convincente.

Du Pont de Nemours, no século XVIII, expôs e justificou, com sua lógica invencível, as ideais essenciais da Doutrina Espírita do século XIX!

“ ... Aquele que fez mal a seu semelhante, não é um inocente - é um malvado, deve ser punido.

“A morte não ser-lhe-á castigo ...

“Sua mônada (Espírito) sofre pela conservação de sua memória.

“Sente a privação de seus órgãos e arde no desejo de viver ainda - de ainda gozar - de ser ainda animado.

“Purificada pelo remorso de suas faltas - corrigida por uma contrição sincera, ela obtém a graça de voltar à vida - e a permissão de recomeçar uma nova experiência em grau inferior àquele em que caiu, devido às faltas que cometeu.”³²⁰

Não pode ser mais positivo.

O ser livre é responsável pelo uso que faz de sua liberdade, que lhe é dada com a ciência de seu destino e para empregar os meios de alcançá-lo, que também lhe são dados.

Se não empregar esses meios, tendentes ao desenvolvimento de sua intelectualidade e de sua moralidade, estas duas colunas do templo da perfeição humana, advem-lhe daí maior ou menor

320 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, págs. 209-210.

responsabilidade, segundo abusou mais ou menos do poder que lhe foi dado.

E, deste que cometeu faltas incorreu em responsabilidade, tem necessariamente de sofrer a pena correspondente, porque não há moral sem sanção,

A mônada guarda a consciência de sua personalidade, qual foi na vida terrestre - e a memória de todos os seus atos nessa vida; de modo que essas mesmas consciência e memória lhe dizem: que é merecido e justo o castigo que lhe é infligido.

Daí os remorsos de suas faltas - e por ele a contrição sincera, de que fala Du Pont de Nemours.

Neste ponto da carreira espiritual, o que é razoável que aconteça?

Se o castigo não é eterno, como blasfema e cegamente ensina a Igreja romana, toda a pena deve ter um termo - e este não pode ser senão o arrependimento sincero do culpado.

A Igreja romana teve a intuição da sublime lei, tanto que deu ao arrependimento o poder de lavar a culpa; para poder, porém, manter o seu querido Inferno, limitou aquele poder ao tempo da vida terrestre!

O arrependimento salva; mas o arrependimento não salva!

A Parábola do Filho Pródigo só deve ser aplicada aos que ainda estão na vida corpórea, embora o doce Jesus não tenha limitado sua aplicação!

Deus, dizendo por Ezequiel que não quer a morte do ímpio, mas, sim, que ele se converta e vá a Ele, quis dizer que o ímpio só podia converter-se durante a vida corpórea!³²¹

Mas, sigamos nosso trilho, rogando a Deus que dê luz aos pobres cegos, que, em seu nome, nos excomungam.

Naquele ponto da carreira espiritual, o que é razoável que aconteça?

O Espírito (mônada), embora livre do castigo pelo arrependimento, não fica por isto inocente - lavado da culpa - e, para subir a um grau superior na escada do progresso, que leva ao destino humano, é preciso que se purifique.

Jesus curava os leprosos; mas não os dispensava da purificação.

O Mal - as ações condenáveis deixam nódoas na alma, que o simples arrependimento não apaga.

321 (Nota do Organizador) Ez. 33:11, já citado.

É intuitivo: que um culpado arrependido não tem como emparelhar com um justo.

É, pois, igualmente intuitivo, considerando devidamente o amor de Deus, igual para todos os filhos, que o culposo arrependido deve ter meios de poder emparelhar com o justo, para que todos alcancem a perfeição, que é o destino de todos.

Estes meios são a reparação do mal que se faz - são as provas da expiação, pelas quais o Espírito destaca de si a lepra do Mal - e transforma-se em puro, como a roupa nodada perde, pela barrela³²² as nódoas que a desfeiam - e adquire a brancura da neve.

A reparação - a expiação, eis o que Deus exige do Espírito, livre pelo arrependimento da pena em que incorreu.

Como, porém, fazer a reparação e a expiação?

Du Pont de Nemours descreve-o, como quem lê no livro aberto da Ciência Divina.

Só na vida de relação, em que se deu a culpa, pode-se dar a reparação - só nas condições de ligado a um corpo, como delinuiu-se, é que se pode dar prova de resistência às forças que arrastavam ao delito.

Um simples exemplo basta.

Um Espírito tem de reparar a culpa de um suicídio.

Como fazê-lo sem reencarnar? Como, sem reencarnar, dar provas de que não mais fraqueará diante das causas que o abate-ram? Como testemunhar sua purificação, resistindo aos maiores horrores dos que têm causado o suicídio?

Evidentemente, a reparação é imprescindível ao progresso do Espírito que delinuiu e a reparação tem por condição essencial - sine qua non³²³ - a reencarnação.

Não é admirável que um homem, antes que estas luzes fossem dadas ao mundo pelo Espiritismo, tivesse-as ao ponto de basear nelas um esplêndido sistema cosmogônico?

Honra e glória a Du Pont de Nemours!

Voltando, agora, para terminar o que nos cumpre dizer sobre esta questão - voltando aos dois sistemas: "chamado ortodoxo

322 (Nota do Organizador) Solução alcalina usada para clarear roupa suja. (Fonte: Dicionário Priberam online)

323 (Nota do Organizador) Sem o qual não, indispensável. (Fonte: Dicionário Priberam online)

e o nosso” perguntemos: qual deles satisfaz à razão e à consciência - qual dá de Deus uma ideia mais alta?

A Inteligência infinita cria o homem perfectível; mas dá-lhe inteligências desiguais (desde o idiota até o gênio) - e marca-lhe o tempo de uma existência, para desenvolver sua perfectibilidade!

A Bondade infinita castiga com a morte eterna o filho que comete faltas de um momento!

A Infinita justiça, sem atender às desigualdades de inteligência, que é o nervo do aperfeiçoamento humano, julga a todos pela mesma bitola!

E não querem que o materialismo progrida!

Só os fanáticos podem aceitar o Deus de Roma,

Felizmente, o verdadeiro Deus, em seu amor pela humanidade, quis revelar-se, em sua doce majestade, pelo Espiritismo!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 03-05-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3036

Artigo CLXXXV - O PAIZ, 10.05.1891

Já conhecemos as ideias de Du Pont de Nemours, cuja exposição termina assim:

“Tal é, meus amigos, a doutrina que eu quis expor-vos antes de morrer - fraco tributo que lego à vossa moral, a vosso gênio, à vossa sagacidade.

“Tal é o fruto de 35 anos de constantes meditações - tais os pensamentos que, tanto quanto pude, serviram de norma à minha vida pública e privada, desde os 18 anos de idade - tal é a minha religião.

“Se os abraçardes, levarei a satisfação de haver feito alguma coisa aproveitável nesta vida transitória, a que não me prendem hoje fortes laços; tanto que permitirei aos tiranos enviarem minha mônada a se prosternar aos pés do Eterno.” (10 de junho de 1793.)³²⁴

Du Pont de Nemours declara, com a sinceridade de sua grande alma: que, confiando na doutrina, cujos princípios suportam admiravelmente o confronto com o critério absoluto da verdade: com os supremos atributos do Criador, não se teme de deixar a vida - e de ir enfrentar com o tremendo desconhecido de além-túmulo.

O espírita, cujos pensamentos casam, como dois raios da luz do sol, com os daquele inexcedível pensador, está no seu caso: considera esta vida como um simples pouso na longa via, que o Espírito tem de percorrer - e se a ama, porque só nela lhe é dado lavar-se das manchas de passadas faltas, não se lhe prende, por-

324 (Nota do Organizador) De Nemours, Du Pont. “Philosophie de L’Universe”. Edição citada, pág. 236.

que sabe que, além esperam-no melhores condições, uma vez que não é permitido ao Espírito retrogradar.

Na Terra e nos outros mundos de expiação, que são o Purgatório dos católicos romanos, ele cultiva, cheio de agradecimentos para com Deus, a árvore da dor, que faz o desespero do materialista, porque sabe que seus frutos são o antídoto para os males da alma, que lhe tolhem a ascensão à perfeição e à felicidade.

Quando mesmo não soube aproveitar a esmola dessa moeda, que lhe faz a misericórdia do Pai, a fim de pagar com ela o que lhe deve - quando mesmo revoltou-se com a esmola e não fez de sua liberdade o uso conveniente e necessário a seu progresso, isto é, quando, esquecido da missão reparadora que trouxe, e dos santos ensinamentos da Sublime Doutrina, ele fez o Mal em vez do Bem, ainda neste caso, ele não se desespera, porque sabe: que novos meios ser-lhe-ão dados para resgatar o passado e o presente.

A salvação universal, em frente da salvação de uma diminuta parte da humanidade, eis o que constitui a suma da doutrina de Du Pont de Nemours - eis a pedra angular do Espiritismo.

Não se infira daí, como dizem os fanáticos do romanismo: que fica a moral sem sanção - e os maus à rédea solta para todos os desmandos.

O Espiritismo ensina: que não há falta que fique impune - que o castigo é tremendo, talvez mais que o Inferno de Callot³²⁵, mas que toda a culpa tem remissão - e que esta custa séculos de torturas ou de sofrimentos, em muitas existências de dolorosa expiação.

E porventura o romanismo, com suas penas eternas, tem conseguido, já não diremos extirpar, mas ao menos diminuir o Mal da Terra?

Os próprios católicos, a começar pelos Papas e a terminar pela massa ignara, reinam, como seria de esperar diante da horrível perspectiva do Inferno, na satisfação das mais baixas e condenáveis paixões?

Não é o horror da pena que contém os impulsos da natureza humana, quando o Espírito ainda é muito aferrado à matéria.

Pelo contrário, ele produz a desesperação da salvação, desde que a fraqueza da alma fe-lo cair algumas vezes - e o que se

325 (Nota do Organizador) Jacques Callot (1592 - 1635) - desenhista e gravador francês, famoso, entre outras, por uma gravura inspirada no Inferno de Dante em sua "Divina Comédia". É possível ver a imagem no endereço <https://harvardartmuseums.org/article/dante-illuminated>.

desespera é qual ginete disparado, que não recua diante de cercas e valos.

O que contém a alma é a luz que ela tem adquirido pelo progresso realizado em suas existências - e que lhe dá, naturalmente a intuição de seu alto destino - o desejo ardente de obtê-lo e o amor por Aquele que criou para tanta grandeza e felicidade.

As penas horrorosas do romanismo não servem, pois, ao fim para que foram imaginadas, como o provam os desmandos escandalizadores de muitos Papas do romanismo, que são os supremos sacerdotes daquela lei - e produzem até efeito contrário, porque aos que creem nelas, abatem mais as naturais fraquezas, até o desespero, em vez de alevanta-los pela constante esperança no amor e na misericórdia do Pai.

O Espiritismo, de que Du Pont de Nemours foi precursor, tem esta grande superioridade, que o torna conforme com as infinitas perfeições de Deus.

Pune toda a culpa, mas ao maior culpado, em vez de o desanimar com a ameaça de um castigo horrível e eterno, em nome do Pai de amor e de caridade, anima-o, prometendo-lhe naquele sacratíssimo nome, o perdão, desde que de coração se arrepender - e do fundo da alma recorrer à suprema misericórdia.

O castigo acicata o culpado endurecido, enquanto ele é escravo do mal. É o fato da indefectível justiça.

Ninguém, porém, sofrerá por gosto eternamente, uma vez que saiba: que emendando-se, recebe o perdão - e, pois, o maior culpado, o Espírito mais perverso, rende-se à justiça e implora a graça do perdão. Chega assim a vez da infinita misericórdia.

O que pode haver mais excelso para um Deus - mais sublime para a alma?

Aqui, Deus é Pai, que pune os erros do filho em seu próprio benefício - para chamá-lo ao Bem e à felicidade, para que se criou.

Ali, Deus é simplesmente juiz - e juiz cruel, que, não atendendo à fraqueza do delinquente, da qual ele não tem culpa, condena-o à morte eterna! Não lhe admite regeneração!

Pecou - perdeu-se por todos os séculos!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 10-05-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3072

Artigo CLXXXVI - O PAIZ, 17.05.1891

Ballanche³²⁶, o eminente sábio, do princípio do nosso século, que conhecia, como os negócios caseiros, os segredos da Antiguidade sagrada e profana, será mais um valioso testemunho em favor do princípio fundamental do Espiritismo.

Quantos loucos! Diz a ciência.

Quantos possessos! Diz a igreja infalível.

Quantos nigromantes! Diz o autor do nosso código penal republicano.

Quantos! É verdade; mas o que é verdade também é que esses quantos são todos vultos, que enfrentam com os maiores nomes da ciência, em saber - que competem, muitas vezes vantajosamente, com os próprios Papas, em qualidades morais - que só poderiam ter para o autor do código brasileiro um riso de paixão!

Lê-se na “Palingenesia Social”, de Ballanche³²⁷:

“Saindo desta vida, não entramos n’um estado definitivo.

“Toda criatura deve ir ao seu fim - e enquanto tiver que completar seu destino, isto é, algum progresso que fazer, nada está acabado para ela.

“Ora, para nós, o complemento é a perfeição, como para todas as obras do Criador, porque, desde o princípio, Deus achou que suas obras eram boas, porque efetivamente cada uma contém em si a causa e o meio de seu desenvolvimento.

326 (Nota do Organizador) Vide nota 7, à página 17 deste volume.

327 (Nota do Organizador) Ballanche, Pierre-Simon. “Ouvres de M. Ballanche”, Tomo III - “Palingénésie Sociale”. Librairie de J. Barbezat, Paris e Gênova, 1830. 10ª Parte, Pág. 119.

“Só ao homem, em razão de sua liberdade, cabe fazer seu próprio aperfeiçoamento, porque é preciso que a inteligência faça o merecimento.

“Eis porque é impossível que tudo acabe com esta vida - eis porque é impossível igualmente que, depois desta vida, não se encontre outro estado de liberdade, em que o homem possa continuar a caminhar para sua perfeição relativa, até que a alcance”.

Ballanche encarou a magna questão por sua face real, porém fugitiva às cogitações humanas.

Qual o alvo - o fim da criação humana?

A marcha da humanidade através dos séculos patenteia claramente: que o homem é perfectível; logo demonstra que o homem foi criado para a perfeição relativa, porque a absoluta é atributo do Criador.

Se o homem é perfectível, o que implica: ter sido criado para a perfeição, ou vai a seu destino, porque se cumpra a suprema volição - ou não chega a ele; e então, é força confessar: que falhou a volição do Criador.

Conclusões incontrovertidas:

O homem foi criado para a perfeição, como o prova sua qualidade essencial: a perfectibilidade.

Deus não é onipotente, se, tendo criado o homem para a perfeição, ele não foi a seu destino.

Na vida terrestre, acabamos: uns no maior grau de progresso - outros no puro selvagerismo - e entre estes dois extremos milhares são os graus em que acabam os outros.

Logo, se a perfeição humana nos é acessível nesta vida, isto é: se podemos nela realizar o destino para que fomos criados, só alguns - aqueles que acabam no maior progresso - satisfazem o fim da criação humana.

Logo, todos os outros iludem o plano - a vontade do Onipotente.

A Igreja romana opõe a isto a doutrina dos méritos e deméritos, que ninguém contesta, em relação à marcha ascendente dos Espíritos para seu alto destino; mas não destrói o absurdo monstruoso resultante de tal variedade, se o homem deve desenvolver toda a sua perfectibilidade - deve realizar todo o fim de sua criação, nesta única vida.

Primeiramente: é um fato irrecusável: que nos foi permitido o conhecimento das leis da criação - conhecimento que chamamos - ciência.

A perfectibilidade humana compreende a ciência.

Ora, se tomarmos dois pontos no tempo, digamos: o meio do século XVIII e o meio do século XIX, reconheceremos o impossível da doutrina da Igreja.

No meiado do século XVIII, poderíamos apontar os maiores vultos da ciência como os que alcançaram o destino humano na Terra; mas no meio do século XIX os novos sábios levaram muito além a ciência do século passado; logo demonstraram, com fatos, que seus antecessores não chegaram ao fim marcado para a humanidade.

Dizem-nos os ultramontanos: mas o destino humano alcança-se pela virtude e não pela ciência.

Responderemos em duas palavras:

Deus não seria Onisciente, se só exigisse do homem a virtude e não o saber - se admitisse à sua infinitamente alta sociedade camelos humanos, só por serem de altas virtudes.

Não, meus amigos; Deus criou o homem para a perfeição - e para isto deu-lhe duas asas: o saber e a virtude - deu-lhe dois instrumentos: a inteligência e a consciência.

Procede, pois, o argumento, tirado da ciência, para provar: que ninguém consegue, nesta vida, o fim para que foi criado: donde a necessidade de mais vidas - de novos estados de liberdade, como diz Ballanche.

Em segundo lugar: a doutrina dos méritos e deméritos prevaleceria, se Deus, dando a liberdade ao homem para desenvolver sua perfectibilidade, tivesse dado a todos os mesmos meios de ação.

A Igreja, porém, sabe: que uns nascem com inteligência superior - outros com incapacidade notória - e entre estes extremos mil variedades.

A Igreja já sabe: que uns nascem com disposição manifesta para o Mal - outros com a mesma disposição para o Bem - e entre estes extremos mil variedades.

São disposições inatas do Espírito, que não são eles que se dão - e que influem grandemente sobre o uso da liberdade para o mérito e o demérito.

A Igreja sabe, finalmente, que o selvagem não nasceu neste estado por sua vontade - e que, portanto, não tem culpa de ser privado do destino humano, se ele é o que designa o ultramontanismismo.

Nem a ciência da Terra - nem a santidade da Terra podem exprimir a ciência e a santidade, que constituem o destino dos Espíritos.

São graus ínfimos - primeiros degraus da longa escada, que temos de subir (toda a humanidade) até nossa purificação - até a perfeição.

Os que ainda não fizeram, nesta vida, todo o progresso que se pode fazer na Terra, voltarão à vida terrena, até que o realizem - e possam subir a superior mundo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 17-05-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3112

Artigo CLXXXVII - O PAIZ, 24.05.1891

Mais positivo do que no trecho transcrito em nosso passado artigo, Ballanche indica as reencarnações ou vidas múltiplas no seguinte:

“Os homens da Providência [...] não desligam nosso destino nesta vida, daquilo que nos é garantido na outra - garantido por todas as nossas crenças primitivas e tradicionais - garantido por nossa própria natureza de criatura inteligente e moral.

“É assim que, depois de uma nova série de provas e de expiações, porque nada pode entrar no reino imutável de Deus que esteja inquinado³²⁸ de imperfeição;

“É assim que se acha, enfim, o último termo de toda a palingenesia;

“É assim, somente, que se completam nossos destinos definitivos”.³²⁹

Ballanche parte de um ponto em que sempre martelamos: à sociedade de Deus só podem ter acesso criaturas elevadas, intelectual e moralmente, ao mais alto grau da perfeição humana.

“No reino do Senhor nada que esteja inquinado de imperfeição pode ter entrada.”

E, como nesta vida ninguém atinge aquele grau de perfeição - e o nosso destino nesta vida é inseparável daquele que nos é garantido na outra; daí, a necessidade absoluta de “nova série de

328 (Nota do Organizador) Sujo, manchado, poluído, no sentido de corrompido. (Fonte: Dicionário Priberam online)

329 (Nota do Organizador) Ballanche, Pierre-Simon. “Ouvres de M. Ballanche”, Tomo III - “Palingénésie Sociale”. Librairie de J. Barbezat, Paris e Gênova, 1830. 1a. Parte, Págs. 28-29.

provas e de expiações”, para que os mais adiantados desta vida possam chegar a seu destino definitivo.

Ambos os termos deste silogismo do ilustre filósofo ferem tão naturalmente nossa razão, que só o espírito dominado da obsessão do sistema ou do fanatismo pode recusar-lhe a mais íntima adesão.

Deus - a perfeição absoluta - deixaria de o ser, se convivesse em sociedade com Espíritos, cuja maior perfeição fosse a que se pode alcançar nesta vida terrestre.

Já demonstramos que a perfeição humana não consiste exclusivamente na virtude, mas que resulta da combinação desta e do saber, como a água resulta da combinação do oxigênio e do hidrogênio.

Também demonstramos que o maior saber da Terra não chegou a seu último grau, revelando cada ciência, em cada século, novos segredos, que os grandes sábios do século passado nem sequer suspeitaram.

A conclusão, pois, é: que, até hoje, pelo menos, não se partiu desta vida um único Espírito em grau de perfeição, que constitua seu destino definitivo - que lhe dê para fazer parte da sociedade de Deus.

O que é preciso, então, para que a criatura realize o alto destino, para que foi criada - para que realize seu definitivo destino?

Evidentemente: que passe por novas provas - que faça mais altos exercícios - que mais e mais se depure, e que se depure até chegar ao mais alto grau de perfeição.

É o que compreendeu Ballanche - é o que ensina o Espiritismo - é o que entra pela razão livre da obsessão do espírito de sistema e da mais funesta do fanatismo religioso.

Estas novas provas - estes novos exercícios, reclamam novos estados de liberdade, em que o Espírito possa fazer méritos e deméritos - em que possa progredir; reclamam, pois, novas existências terrestres, até que tenha alcançado na Terra o maior grau de saber e de virtudes, que é dado adquirir-se aí.

Na primeira encarnação terrestre, o Espírito aparece ignorante e propenso ao Mal, que é filho da ignorância, como vemo-lo nas raças selvagens.

Nas seguintes vemo-lo aparecer mais lapidado, tanto pelo lado da inteligência como pelo da moral, porque o selvagem, deixando o corpo, progride no espaço, pela convivência com os

adiantados, de modo que, reencarnando, já apresenta um caráter mais adiantado, tanto que já não reencarna em tribos selvagens.

E, progredindo sempre, mais ou menos, em cada existência, que lhe é concedida pelo amor do Pai, ele chega ao máximo do progresso, que se pode fazer na Terra - e sobe a um mundo mais adiantado, onde vai ser neófito - novo selvagem em relação aos adiantados habitantes daquele planeta.

E assim, de grau em grau - de mundo em mundo - de existência em existência, o nosso selvagem, que tomamos por tipo para este ligeiro estudo, chega ao sublime e inimaginável destino de glórias e felicidades, que o Pai marcou para todas - todas - as suas criaturas.

Parecerá devaneio imaginativo o que aí ficou exposto - e é neste pressuposto que o autor do nosso triste e mesquinho código penal, e todos quantos participam da sua estulta presunção, qualificam os espíritas de loucos - feiticeiros e tudo o que lhes apraz.

Devaneio que fosse; quem pode compreender a sublime e santa doutrina, é obrigado a confessar que nenhuma houve ainda tão santificadora do Criador - tão nobilitadora da criatura.

Os fatos, porém, aí estão falando por ela, tão alto, que só os surdos da Escritura não os ouvem.

E, acima dos fatos, estão as provas experimentais, que os cegos não querem ver.

Queiram, porém, ou não queiram, assim como Deus não deixa de ser Deus, porque uns tantos infelizes O não reconhecem; assim também a verdade, que d'Ele emana, não deixará de brilhar, porque uns tantos sábios lhe opõem contradição.

Com a lei das vidas sucessivas, explicam-se, a pleno conteúdo da razão e da consciência, todos os fenômenos humanos.

Sem esta lei - com a doutrina de uma vida única, trevas impenetráveis envolvem tantos e tantos daqueles fenômenos, que a ignorância e o fanatismo lampeiramente atiram para o báratro insondável dos - mistérios.

A ciência tem como princípio absoluto: que a hipótese que compreende todos os fenômenos de uma ordem, é lei que não pode deixar de ser reconhecida.

Max.(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 24-05-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3151

Artigo CLXXXVIII - O PAIZ, 31.05.1891

Ainda Ballanche:

“Há homens que não são de seu século - que estão muito além da existência atual e já participam da existência futura da humanidade.

“As iniciações são sucessivas.

“O homem que está adiantado a seu século, mais cedo entra na vida futura.

“Todos os destinos humanos são análogos entre si.

“Cada pessoa tem de alcançar um fim, mais os menos elevado segundo seu grau de iniciação, mas diferente do das outras.

“Na Terra há uma escala de Espíritos humanos, que se prolonga além desta vida, mas que é percorrida por todos, mais rapidamente uns, mais lentamente outros.

“Todos temos a mesma herança”.³³⁰

Eis em síntese a pura Doutrina Espírita, admiravelmente esboçada muito antes de se ela constituir!

Eis como Ballanche é a melhor prova de que há homens que não são de seu século - que já possuem a ciência do futuro!

Reflitamos sem preconceitos.

Como explicar este fato dos homens que chamaremos inspirados, que são conhecidos por gênios?

Inquestionavelmente, eles são, na Terra, o mais alto degrau da escala intelectual humana, como os que chamamos santos são o mais alto degrau da escala moral.

330 (Nota do Organizador) Ballanche, Pierre-Simon. “Ouvres de M. Ballanche”, Tomo III - “Palingénésie Sociale”. Librairie de J. Barbezat, Paris e Gênova, 1830. 10a. Parte, Págs. 192-193.

Há, pois, uma escala intelectual e moral, isto é: uma escala de progresso da perfectibilidade humana, que compreende tanto o intelectual como o moral.

Mas, como é isto?

Em todas as espécies animais, sem exceção, as faculdades de um são as de todos - o que um faz, todos fazem, não há um mais adiantado do que o outro.

Só na espécie humana se vê aquela diversidade, tal que se pode dizer, sem receio de errar: em toda a humanidade não há dois indivíduos iguais, intelectual e moralmente.

Há, pois, na espécie humana alguma coisa, que não há em nenhuma espécie animal,

E esta coisa é regida por leis que não afetam a animalidade.

Logo o homem encerra alguma coisa, que não é animal - que é superior ao animal,

E esta coisa, visto como, na Terra, apresenta infinitos graus de aperfeiçoamento - e (já o demonstramos) não alcança, na Terra, o maior grau de aperfeiçoamento, não pode deixar de subsistir depois da vida da Terra - não pode acabar, como o animal - não pode ficar em meio do caminho, que percorreu na vida corpórea.

Refletamos sem preconceitos - e destas irrecusáveis premissas tiraremos forçosamente estas conclusões: o homem encerra um princípio imortal - este princípio é perfectível e, portanto, destinado à perfeição.

A perfeição, último termo do incontestável dom da perfectibilidade humana, é o destino humano - é o paraíso de grandezas e delícias que Deus preparou no alto da mais elevada montanha, que todos os homens, sem exceção, têm de subir, porque todos, sem exceção, foram criados para aquele fim - e um que falhasse, frustraria a onipotente volição.

Ballanche teve esta intuição, quando disse: todos os destinos humanos são análogos entre si.

Mas disse ele também: as iniciações são sucessivas - e também nisto foi vidente.

A variedade infinita que a humanidade terrestre manifesta, quer relativamente ao intelectual, quer relativamente ao moral, prova a verdade daquele apotegma.

A subida da alta montanha é feita pelos homens com dispa-ridade variabilíssima de esforço.

Uns descansam, mais ou menos tempo, em cada lanço³³¹ - outros ficam erradios, no sopé. embebidos no gozo que dão às paixões humanas - alguns não param, não descansam, fazem das fraquezas forças, para conseguirem o altíssimo fim de sua criação.

Daí a variedade de graus de progresso de indivíduo a indivíduo, na Terra.

Daí estes luminares, que não são de um século - que já têm, nesta vida, a iniciação da vida futura.

Daí a necessidade indeclinável da pluralidade de existências terrenas, para adiantar n'uma o que se atrasou na outra.

Como, porém, todos temos de ir ao alto fim de nossa criação superior à pura animalidade - e como todos fomos dotados pelo Criador dos mesmos meios para fazermos a sublime evolução, os retardatários, punidos pela justiça eterna por sua desídia³³² - por seus erros - por seus crimes, encarregarão um dia - e seguirão avantes ao alto da montanha onde receberão a investidura, que os diligentes já há muito conquistaram.

Ballanche ainda teve a intuição deste fato que exalta o amor e a misericórdia do Pai, quando disse: todos temos a mesma herança.

Desapareça, pois, a lenda gentílica dos tempos do maior atraso humano: um Inferno pavoroso, onde os pobres desviados sofrem as eternas vinganças do Pai de amor e de misericórdia!

Desapareça esta blasfêmia contra Deus, causa principal, se não única, do materialismo do nosso século.

Um espírito esclarecido, entre a necessidade de aceitar um Deus tão cruel e vingativo - e a hipótese de não haver Deus, nem alma, nem a vida futura, é muito logicamente arrastado para esta hipótese.

Saibam, porém, estes que foram e são vítimas daquela falsa concepção, que Deus, por clemente e amoroso, castiga seus filhos

331 (Nota do Organizador) Parte de escada entre dois patamares; subdivisão de uma estrada, posição em determinado percurso. (Fonte: Dicionário Priberam online)

332 (Nota do Organizador) Ausência de força ou de estímulo para agir. indolência, preguiça; falta de cuidado ou de atenção; desleixo, incúria, negligência; frouxidão na ação. Fonte: Dicionário Priberam online)

para o proveito deles; mas recebe o arrependido - e reserva a todos o mais glorioso e feliz destino.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 31-05-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3190

Artigo CLXXXIX - O PAIZ, 09.06.1891

Mais uma prova das vidas sucessivas, autorizada pela grande autoridade de Ballanche:

“Ninguém conquista um grau na evolução humana, sem trabalho e sem merecimento.

“O homem leva para a outra vida o aperfeiçoamento que conseguiu fazer nesta, com os meios que Deus lhe deu.³³³ [...]

“Ele tem seu posto nas hierarquias sem fim.

“Um dia será do Universo, como hoje é deste mundo.[...]”

“As leis que são de toda a criação - e que já nos é dado lo-
brigar - dizem-nos claramente que o nosso planeta não é o único
mundo habitado”.³³⁴

Ballanche pressentiu as relações existentes entre o mundo visível e o invisível, que hoje são demonstradas experimentalmente à luz da revelação espírita.

“O homem leva para a outra vida os aperfeiçoamentos, que conseguiu adquirir nesta”.

Aperfeiçoamento é aqui sinônimo de qualidades morais, porque ninguém poderá crer que, deixando o corpo, o homem (o Espírito) leve para a outra vida as propriedades desse mesmo corpo.

333 (Nota do Organizador) Ballanche, Pierre-Simon. “Ouvres de M. Ballanche”, Tomo III - “Palingénésie Sociale”. Librairie de J. Barbezat, Paris e Gênova, 1830. 13a. Parte, Págs. 259 e .

334 (Nota do Organizador) Ballanche, Pierre-Simon. “Ouvres de M. Ballanche”, Tomo III - “Réflexions Diverses”. Librairie de J. Barbezat, Paris e Gênova, 1830. Réflexions Diverses, item VIII, pág. 355.

O que leva, pois, são as faculdades da alma: ideias e sentimentos - conhecimentos e disposições morais, que adquiriu na vida terrestre.

Daí resulta que, sob o duplo ponto de vista: intelectual e moral, o mundo dos Espíritos, que chamamos, incorretamente a outra vida, é o fac-símile do mundo em que vivemos.

Quer isto dizer: que o Espírito que adquiriu conhecimentos aqui não os perde na outra vida - leva-os consigo; bem como que o Espírito que aqui se adornou de virtudes, pelo bom uso que fez de sua liberdade, entra na outra existência com os louros destas conquistas.

Vice-versa, o que não cultivou, nesta vida, sua inteligência, sai dela quase como nela entrou - e, portanto, vai ser, no espaço, tão ignorante quanto foi na Terra.

Assim, e pelo mesmo modo, o que não cultivou o Bem, vai para o espaço tão carente de merecimentos morais, como viveu na Terra.

Isto é tão racional, que dispensa qualquer prova experimental, aliás bem possível e bem à disposição de quem a quiser tentar.

As faculdades intelectuais e morais não são do corpo, são da alma - e, portanto, separada esta, daquele cada um leva a seu destino a bagagem que lhe pertence.

O corpo leva as qualidades físicas do homem - o Espírito leva suas qualidades morais.

É intuitivo que o saber e a virtude não podem ficar sepultados na terra com o corpo - e que a força muscular, o sentimento da dor física, o paladar e a própria vista e audição materiais não subam com a alma à região dos Espíritos.

Portanto, quem é bom aqui, será bom no outro mundo e bom no mesmo grau daqui - e quem adquiriu conhecimentos aqui, te-los-á no outro mundo e no mesmo grau e no mesmo gênero que aqui.

Há, pois, no mundo invisível, como no visível, uma variedade infinita de graus do progresso dos Espíritos.

E principalmente os atrasados apresentam lá as mesmas variedades de disposições que tiveram aqui.

O soberbo desta vida continua soberbo depois dela, até que, por seu progresso, se depure dessa lepra, que tanto embaraça seu progresso.

O usurário - o invejoso - o fútil - todos os viciosos mantêm estas qualidades, depois da morte.

Em suma, a humanidade terrestre, isto é: vivente, é o puro reflexo da humanidade do mundo invisível.

“Cada um ocupa seu posto na hierarquia sem fim”; isto é, ocupa lugar na classe dos Espíritos, que têm o seu grau de adiantamento ou de atraso; tal como se vê neste mundo, onde vemos cada um ocupar o lugar apropriado a suas condições, na hierarquia social.

E estas hierarquias ou degraus da longa - infinita escada do aperfeiçoamento humano, assim como se aplicam aos Espíritos, aplicam-se também aos mundos, por onde estes têm de fazer a sua evolução.

Há mundos de iniciação, onde se fazem as primeiras encarnações - e que, portanto, são atrasadíssimos, em sua ordem.

Há mundos de expiação onde os Espíritos culpados e arrependidos vêm, n'uma ou em múltiplas existências, lavar-se das máculas.

Há mundos de resignação, tão superiores aos segundos, quanto estes são superiores aos primeiros, nos quais os encarnados comunicam diretamente com os desencarnados, e que entre nós só é dado a um ou outro, e isto mesmo ocasionalmente.

Há daí para cima outras categorias, só acessíveis aos Espíritos superiores, até aos puros Espíritos - até o que chamamos Céu.

Nova evolução e luta, enquanto o peso da matéria sufoca as energias do nosso Espírito - acalma-se, porém, à medida que vamos-nos desmaterializando pelo progresso que fazemos intelectual e moralmente - à medida que as forças do Espírito sobrepõem às da matéria.

Nessa evolução tem por termo a perfeição, que é o resultado do nosso esforço nas múltiplas existências que Deus nos concede, sem limites.

É por isto que Ballanche diz, figuradamente: “Um dia, o homem será do Universo, como hoje é deste mundo.”

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 09-06-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3243

Artigo CXC - O PAIZ, 14.06.1891

Ballanche cede hoje a Lessing³³⁵ o encargo de demonstrar que a ideia das existências sucessivas não é um devaneio ou produto de cérebros desarranjados.

Eis o que escreveu o ilustre filósofo em sua obra: “Educação do Gênero Humano”³³⁶:

“O que se opõe a que o homem possa viver muitas vezes no mundo?

“Será ridícula esta hipótese, porque é antiquíssima - e porque o espírito humano conheceu-a quando não estava infectado dos sofismas da escola?

“Por que razão se julga impossível que se deem na Terra os passos sucessivos e precisos para o aperfeiçoamento, únicos que podem constituir para o homem recompensas e punições temporárias?

“Por que não se hão de fazer depois, com o auxílio da contemplação nas recompensas eternas, os que ainda faltar?

“Perde-se-á muito tempo; dizem-me.

“Perder tempo! Por que tanta pressa? Não está à nossa disposição toda a Eternidade?”³³⁷

335 (Nota do Organizador) Gotthold Ephraim Lessing (1729 - 1781) - Poeta, dramaturgo, filósofo e crítico de arte alemão, considerado um dos maiores representantes do Iluminismo, conhecido também por sua crítica ao anti-semitismo e defesa do livre pensamento e tolerância religiosa. (Fonte: Wikipedia)

336 (Nota do Organizador) Localizamos uma edição atual e em português desse volume - Lessing, G. E. “A Educação do Gênero Humano”. Bragança Paulista, SP, Ed. Comenius, 2019, 54 págs.

337 (Nota do Organizador) Lessing, obra citada, itens 94 a 98 e 100.

Como se vê, o pensamento deste sábio manifesta-se sem rebuço³³⁸ - fere de frente a questão.

Lessing não receia os apodos dos sábios e as excomunhões dos fanáticos.

É mais uma autoridade respeitável em favor do princípio fundamental do Espiritismo - e sem dúvida mais respeitável que a do autor do nosso novo código, que se atreveu a qualificar o Espiritismo de feitiçaria e charlatanismo.

Lessing traçou naquelas poucas linhas todo o sistema cosmogônico ensinado pela ciência dos charlatães, que é hoje a preocupação obrigatória dos verdadeiros sábios do mundo.

O Espírito humano faz sua evolução para a perfeição, que é seu destino, através dos séculos - tendo à sua disposição, diz ele, toda a Eternidade.

E essa sublime evolução, fazemo-la por vidas sucessivas, na Terra, até chegarmos ao grau de progresso, em que não temos mais necessidade de um corpo material, para provas e expiações - em que, diz ele, progredimos com o auxílio da simples contemplação: quer dizer: progredimos pelo trabalho exclusivamente espiritual³³⁹.

Lessing julga isto racional e muito aceitável.

Os que não estudam a matéria - ou mal perlustram as obras que dela tratam, julgam-no ridículo e desprezível.

É mesmo assim.

O que há mais ousado do que a ignorância?

Nós respeitamos a opinião dos que estudam, mesmo que seja contrária à nossa.

O que não podemos levar à conta, é o riso alvar de certas notabilidades, que só conhecem o Espiritismo de nome, porque não querem ou não podem descer ao exame atento de suas teses.

338 (Nota do Organizador) Em sentido figurado, aparência falsa ou que engana, disfarce, dissimulação. (Fonte: Dicionário Priberam online)

339 (Nota do Organizador) A esse respeito vale a pena lembrar os ensinamentos de "O Livro dos Espíritos" sobre os limites da encarnação humana: Na Escala Espírita, (Questões 110 a 113) os Espíritos da chamada Primeira Classe - os que "percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria" - "tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos percíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus". Vide também a respeito as questões 168, 170, 181 e 182.

Pois elas, além de não chocarem à razão desprevenida, são demonstráveis pela experiência, que é hoje o método científico infalível.

Em que pode a razão repugnar a ideia de fazermos, na Terra, um tal ou qual progresso, por meio de vidas sucessivas?

Em que pode repugnar à razão o fato da comunicação dos Espíritos?

São os dois princípios fundamentais do Espiritismo.

O primeiro dispensa até as provas experimentais, porque só por ele se podem explicar os fenômenos humanos.

A ciência considera lei natural toda a hipótese que compreende a totalidade dos fenômenos de uma certa ordem.

A das vidas sucessivas compreende a universalidade dos fenômenos da vida humana.

Por que então fazer uma exceção anticientífica somente para o Espiritismo?

Não é possível, aqui, darmos o que só em volumes pode caber: a exposição dos inúmeros fenômenos humanos, que só podem ser explicados pela teoria das vidas sucessivas; mas para mostrarmos ao leitor que não devaneamos, apresentaremos dois casos: um que se entende com a ciência - e outro que entende com a Igreja.

A variedade das condições intelectuais e morais, com que vimos ao mundo, acusaria a Deus ou a tal história - de força e matéria - se não se aceitasse a teoria das vidas sucessivas: a preexistência, em que uns se adiantaram mais, outros menos; de modo que, voltando à vida corpórea, cada um se apresenta com o grau de progresso, que conquistou nas vidas anteriores.

Agora é com a Igreja.

Se a vida é única para cada Espírito, como conciliareis a justiça de Deus com o fato de só ter a humanidade recebido a completa luz por Jesus Cristo?

As gerações que viveram antes da Cruz foram deserdadas?

Admiti a pluralidade de vidas - e todos os filhos de Deus, até o próprio selvagem, receberão a mesma herança.

O que viveu antes da Cruz, com a escassa luz, volverá à vida no reino da Cruz, com abundância de luz - e o próprio selvagem virá colher os frutos da Sagrada Doutrina.

Sobre o segundo princípio: a comunicação dos Espíritos, só o nega quem não quer ver.

Entre todos os povos, é corrente a tradição do aparecimento das almas dos mortos - e os inúmeros fatos, atestados por pessoas acima de toda a suspeita, confirmam a tese espírita, que desafia a prova experimental.

São abusões³⁴⁰ populares! dizem os que, em vez de estudarem, acham mais cômodo rirem do que não lhes dá proveito material.

Max.
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 14-06-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3273

340 (Nota do Organizador) Erro vulgar de percepção, engano, ilusão; crença em coisas fantásticas, sem relação racional entre causa e efeito; credence, superstição. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo CXCI - O PAIZ, 22.06.1891

Depois de Lessing, cuja autorizada opinião demos em nosso passado artigo, ouçamos Frederico Schlegel³⁴¹, de não menos autorizada opinião.

Schlegel, combatendo as falsas apreciações da metempsicose indiana, diz:

“Seu lado bom e o elemento da verdade, que ela encerra, consistem neste sentimento tão natural ao coração humano, de que, separados de Deus e dele distanciados, nós temos que percorrer um caminho longo - aborrecido - e cheio de espinhos; e temos mais que sustentar rudes provas, a fim de aproximarmos da fonte única do Bem.

“A isto, deve-se ajuntar a inabalável convicção - a certeza íntima de que no Reino da Infinita Perfeição só poderão ter acesso aqueles que se tenham completamente purificado dos defeitos - das impurezas - das máculas da Terra; e, portanto, se elevado por uma perfeição progressiva e superior.³⁴²”

A cosmogonia indiana, muito superior à da Igreja romana, na compreensão do que se chama evolução do Espírito, assemelha-se-lhe quanto à compreensão do termo ou destino do Espírito.

341 (Nota do Organizador) Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel (1772 - 1829) - Poeta, crítico literário, filósofo, filólogo, indologista e tradutor alemão liberal. Irmão mais novo do também filósofo August Wilhelm Schlegel, participou da primeira fase do Romantismo na literatura alemã, conhecida como Frühromantik ou Romantismo de Jena. (Fonte: Wikipedia)

342 (Nota do Organizador) Schlegel, Karl Wilhelm Friedrich. “Philosophie de l'histoire”, Volume 1, Lição 4, Pág. 119. Louvain, Bélgica, 1836. (Fonte: Google Books)

O Nirvana é, com suas cores orientais, o que Roma chama a Bem-aventurança: um gozo sem par pela contemplação.

Tanta luta - tanto risco - tanto sofrimento, para alcançar um estado contemplativo, que é o fim das almas por todos os séculos dos séculos, sem fim!

Quando lemos o que dizem os sábios da Escritura sobre esta famosa Bem-aventurança, sentimos arrepiarem-se-nos as carnes, como quem contempla o mais horroroso suplício!

Afigura-se-nos, com efeito, uma condenação, por toda a vida, a mais completa ociosidade, como prêmio dos mais relevantes méritos!

Não fazer nada eternamente, embora envoltos em delícias, parece-nos a mais dura pena do que rolar eternamente num rochedo, castigo imaginado nos tempos bárbaros da fábula e do politeísmo.

Não. Deus ligou n'um feixe a vida, o movimento e a felicidade - e o observador filósofo reconhecerá por toda a parte do Universo a existência desta trinomia.

A vida é o movimento - e a verdadeira felicidade procede do exercício da nossa atividade.

Tanto é assim, que nossa natureza instintivamente repele o estado de inércia - e que dada a escolha: de levar toda a vida terrestre a dormir na ociosidade ou a trabalhar, para colher o fruto de seus trabalhos, só o mais desgraçado e degenerado dos homens optaria pela primeira hipótese.

Mas não podemos aceitar a cosmogonia romana e a indiana, com relação ao termo final de nossa criação - ao destino humano.

Para nós, pensando com Schlegel, a pura e inefável felicidade do Céu, não vale uma gota d' água da Terra, se consistir na contemplação, na ociosidade da nossa alma, acostumada ao trabalho santo, pelo qual ganhou o sublime prêmio da salvação.

Para nós é incompreensível: que Deus tenha dado ao homem a lei do trabalho para a conquista da ociosidade!

A cosmogonia espírita não compreende a perfeição senão do desenvolvimento das forças intelectuais e morais da alma - e, por conseguinte, senão pelo esforço ao trabalho constante e progressivamente mais apurado.

É o que Schlegel chama: perfeição progressiva e superior.

À medida que progredimos, nosso esforço e trabalho não cansa - deleita - e deleita tanto mais quanto mais acentuado é nosso progresso.

É a vida e a felicidade apurando-se, lapidando-se, quintessenciando-se pela atividade e para a atividade!

Aqui enfatizamos, em limitadíssima síntese, os dois quadros da Bem-aventurança, segundo a cosmogonia romana e a cosmogonia espírita.

Ali, a alma sacia-se e sacia a seu Criador, levando toda a Eternidade a clamar, com o ardor da mais pura fé: Glória! Glória! Glória!

Parece que Deus, criando o homem, só teve em vista fazer dele tuba para seus louvores.

Aqui, a alma sacia-se e sacia a seu Criador, levando toda a Eternidade a trabalhar no progresso de seus irmãos, concorrendo, na medida de suas forças e das graças³⁴³ que estas lhe atraem, para consolar os tristes, alentar os fracos, dar luz aos cegos, promover em suma o progresso moral e intelectual da humanidade.

Isto fazem os bem-aventurados pela lei da comunicação dos Espíritos, do mesmo modo como Roma, tendo a intuição desta lei, ensina a comunicação de nossa alma com o seu anjo da guarda.

Um bem-aventurado, que leva o seu tempo a dar glórias, a quem não precisa de ninguém para tê-las infinitas, diante de outro bem-aventurado, que leva seu tempo a promover, por amor de Deus e do próximo, a obra infinita do progresso universal!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 22-06-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3324

343 (Nota do Organizador) Aqui parece ter havido um erro tipográfico, posto que o original trazia “desgraças” - decidimos corrigir, entendendo que a nossa sugestão coaduna melhor com o espírito do texto de Dr. Bezerra.

Artigo CXCII - O PAIZ, 28.06.1891

Frederico Schlegel ainda hoje dar-nos-á o assunto para nosso despretensioso porém consciencioso estudo.

Em sua “Filosofia da História” lê-se:

“O homem só tem na vida terrestre um fim - um fim de esperança.

“A via necessária à sua reparação é longa e difícil - e ele não a percorre senão paulatim, passo a passo, sem poder, por mais esforços que empregue, vencê-la n'uma jornada ou evitá-la”.³⁴⁴

Mais clara não pode ser expendida a ideia do sábio filósofo sobre a pluralidade de existências do homem.

A via necessária à reparação... diz ele - e, porque o diz, revela a convicção de que o destino humano não se define positiva e eternamente nesta existência, que é de esperança.

Se as almas, deixando a campa³⁴⁵, fossem a seu destino eterno, o que significaria a reparação?

Reparação supõe liberdade da parte de quem praticou o mal - supõe tempo, mais ou menos longo para desfazer o mal que fez - supõe, finalmente, em relação ao homem moral, uma nova existência depois daquela em que foi feito o mal.

Efetivamente, como reparar nesta vida aquele que acaba nela, praticando o mal ou preso a ele?

344 (Nota do Organizador) Schlegel, Friedrich. Schlegel. “Philosophie de l'histoire”, Volume 1, Lição V, Pág. 192. Paul Mellier, Libraire-Éditeur, Paris, 1841. Pág.192.

345 (Nota do Organizador) Pedra que cobre a sepultura; lugar onde se sepulta um cadáver; sepulcro, sepultura. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Fará a reparação no Purgatório, dirão os ortodoxos, que re-
pelem por herética a ideia das vidas sucessivas, apesar de estar
ela bem afirmada no Evangelho.

No Purgatório? Mas o que é o Purgatório?

Nem o Velho, nem no Novo Testamento, encontramos re-
ferência, sequer, à semelhante estação - e, se os ortodoxos se
prendem à letra das Escrituras para nos darem o - Inferno - como
querem que aceitemos o Purgatório - que não está nas Escritu-
ras?

O Purgatório é invenção humana, como o Inferno, com a di-
ferença que este vem dos tempos os mais remotos, de modo que
as Sagradas Letras não podiam deixar de falar dele.

O Purgatório foi decretado por um Concílio, 16 séculos de-
pois de Jesus Cristo!

É, portanto, obra da mesma fábrica, que roubou a Deus o
sublime atributo da - infalibilidade - para dá-lo a uma sua cria-
tura!

Mesmo, porém, que houvesse a tal estação, que o Dante
descreveu com tanta perícia, precisamos notar: que nela purga-
-se e expia-se; mas não repara-se o mal que se fez - e é de repara-
ção, que não de expiação, que falou o grande filósofo.

Além de que ele fala da reparação universal, sem restrições -
e os ortodoxos só mandam para o Purgatório uma parte da huma-
nidade: a que não morreu em estado de graça, que é quase nula
- e a que não morreu em pecado mortal, que é quase a totalidade.

Graças a Deus, o nosso Purgatório, este a que se refere o
sábio Schlegel, é uma longa via, em vez de ser um cárcere fecha-
do, pela qual todos os homens, e não uma mínima parte, fazem
seu trânsito para seu destino: a perfeição moral e intelectual - e,
consequentemente, para a felicidade, qual não podemos, sequer,
imaginar.

Não se vence aquela longa distância numa de uma jornada,
disse Schlegel, e acrescentou: nem se a pode evitar.

Na primeira proposição, está consignada a ideia da plurali-
dade de existências - na segunda, a universalidade da reparação.

Não se vence a distância n'uma jornada; logo é preciso mais
de uma - e, como as jornadas são para reparação, fica evidente a
referência a novas existências.

N'uma fez-se o mal, em que se acabou - noutra far-se-á o bem, quanto apague da alma a tisna³⁴⁶ do passado ou apague-a um pouco.

Daí a multiplicidade de existências reparadoras, porque bem poucos logram a felicidade de lavarem-se, por boas obras, n'uma existência, das faltas que cometeram no passado - e vieram reparar.

Os que têm esta felicidade, pagam sua dívida de uma só vez; aqueles, porém, que são mais fracos, vão amortizando a sua a pouco e pouco, quer dizer: em várias existências corpóreas.

Uma coisa, porém, deve ficar bem corrente: é que mais cedo ou mais tarde - com maiores ou menores sofrimentos, todos - todos - todos acabam por pagar capital e juros (acumulados nas próprias existências reparadoras) - isto é, percorrem a longa via e chegam à casa do Pai - ao mais sublime e alto grau de seu destino.

Também importa notar: se uns vão mais rapidamente ao fim da carreira, enquanto outros levam séculos e séculos de atraso nos grandes atoleiros e carrascais³⁴⁷; a razão é que não fizeram igual uso das faculdades que o Pai deu as mesmas a todos; nem da liberdade, que todos recebemos com a mesma intensidade.

Schlegel, portanto, afastando-se da doutrina ortodoxa - e procurando a espírita, baseada essencialmente, nas vidas múltiplas, é mais um cruzado valente, pela força moral de seu nome, pela causa santa da Nova Revelação, complementar da messiânica.

Compare-se a cosmogonia espírita com a de Roma, quer em relação à criatura, quer em relação ao Criador - e diga-se qual delas tem o cunho das obras divinas!

Max.
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 28-06-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3361

346 (Nota do Organizador) Substância preparada para enegrecer qualquer coisa; no sentido figurado, macular. (Fonte: Dicionário Priberam online)

347 (Nota do Organizador) Moita de carrascos, tipo de arbusto silvestre; como também caminho pedregoso. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo CXCI - O PAIZ, 06.07.1891

Mais um vulto a ocupar a longa fila de grandes pensadores que aceitam e proclamam, como verdade sublime, o princípio básico do Espiritismo: a pluralidade de existências da alma.

Ouçamos aqui, diz o filósofo São Martin³⁴⁸, em sua grande obra: “Quadro Natural das Relações que existem entre Deus, o Homem e o Universo”³⁴⁹:

“O homem é sujeito a uma constante transformação de diferentes estados sucessivos, antes de chegar a seu termo; tanto que o primeiro autor de tudo o que existe, foi e será sempre o que é e o que devia ser.”

Constante transformação até chegar a seu termo, podem os materialistas entender no sentido das mudanças físicas que sofre o homem, desde que nasce, até que morre - e pode o católico aplicar às variedades morais que manifesta a alma nas diversas quadras da vida terrestre.

Aos primeiros, o que responder?

Já dissemos algures: é de causar pena ver uns tantos seres racionais fazerem-se sectários de uma doutrina, que é o suicídio da inteligência, abraçando-se, desde a vida, com o nada - de uma doutrina que tira ao homem a consciência de sua superioridade

348 (Nota do Organizador) Louis Claude de Saint-Martin (1743 - 1803) - filósofo francês conhecido como “le philosophe inconnu” (o filósofo desconhecido, ou anônimo), nome sob o qual suas obras foram publicadas e que serviram de inspiração para a fundação de um movimento filosófico-religioso - a Ordem Martinista (Ordre Martiniste) - criada por Papus (Doutor Gérard Encausse) em 1887 e que existe até hoje - vide <https://www.ordre-martiniste.org/>.

349 (Nota do Organizador) Saint-Martin, Louis Claude. “Tableau naturel des rapports qui existent entre Dieu, l’Homme et l’Univers”, Edimbourg, 1782, 1ª Parte, Cap.8, pág. 136.

- e fa-lo declarar-se destinado unicamente a frio e nauseabundo pasto dos vermes!

O materialista nega a existência de um Criador imaterial, eterno, onipotente, onisciente, infinito em todas as perfeições, porque não compreende o ser incriado; mas, além de que o saber humano não pode ser a medida da crença humana, como sustentava Bayle - além de que limitadíssimo seria, em tal hipótese, o movimento universal, acresce que o materialista não compreende o tempo e o espaço sem fim: infinitos - e, entretanto, não pode negar sua existência.

Também, como poderá ele explicar a sua matéria e força incriadas?

Negando, pois, o Criador vivo dotado de saber e poder infinitos, de quem são obras as admiráveis belezas que nos surpreendem no seio da natureza - e negando-o por ser incriado, o que lhe é incompreensível, o materialista torna mais incompreensível o quadro da natureza, tomando-o por incriado.

A não ser a obcecação de sistema, ele reconheceria que: entre as duas hipóteses, a de um Criador incriado, dotado de vida, de saber e de poder, é tão racional quanto é repugnante um Criador incriado, sem vida, sem saber e sem poder, que é a matéria que em sua essência é inerte, mesmo no conceito dos sábios - mesmo segundo os ditames da ciência.

A não ser aquela obcecação, ele reconheceria que: sendo todas as modalidades da matéria, resultantes de suas evoluções, reguladas por leis eternas e imutáveis, se tais leis fossem postas pela matéria e pela força, estas ficariam sujeitas à sua própria criação!

Sim! Se a matéria se regula e evolui-se, obedecendo às leis em que ela própria se pôs, é de rigor que temos, no caso, o Criador sujeito à sua criatura!

No caso, porém, de ser o Criador um estranho à matéria por ele feita - e evoluindo-se pelas leis que ele pôs, temos, como é de razão, o Criador superior à criatura - e esta sujeita à sua vontade, que lhe pôs as leis pelas quais ela se modula.

Não é, portanto, de fazer pena ver uns tantos homens de incontestável saber desprezar o que fala a razão - e abraçar-se com o que o simples bom senso repele?

Tudo é matéria! Mas o pensamento?

O próprio Tirteu³⁵⁰ do materialismo moderno, Molleschott³⁵¹, repele a opinião de ser o pensamento uma secreção do cérebro, como a bilis o é do fígado - e a urina dos rins!

Mas, porque perder palavras, quando é hoje tão fácil verificar experimentalmente a existência da alma depois da morte do corpo, como é verificar, n'um laboratório de química, a composição de qualquer sal - e os equivalentes dos elementos que os compõem?

Não é, pois, das modificações da matéria humana que falou o nosso grande teósofo, porque este não é dos que só consideram o Universo por uma das suas faces: pela que menos valor tem no admirável plano do Universo.

Será das modificações da alma, no período da vida corpórea?

Ele fala de seus diferentes estados, sucessivos, antes de chegar a seu termo.

Se, pois, falasse desta vida, excluídos deixaria todos os que morressem em criança.

Estes não passam por transformações sucessivas - nem chegam ao termo geral da humanidade.

Ele fala, pois, de todos os seres humanos - e esses estados sucessivos de todos são as vidas sucessivas, pelas quais, como ensina a Nova Revelação, todos vão, mais ou menos lentamente progredindo até chegarem a seu fim, ao fim universal, que é o completo aperfeiçoamento de suas faculdades perfectíveis, pelo saber e pela virtude.

São estas transformações operadas no decorrer de mais ou menos reencarnações que explicam a variedade dos Espíritos, que Roma chama anjos e demônios.

Enquanto o Espírito é atrasado, é mau - é perverso - é demônio; mas por seu progresso através dos séculos, transforma-se em anjo.

Em vez de duas ordens de Espíritos, uma única.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 06-07-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3408

350 (Nota do Organizador) Já citado, vide nota 20, à página 29 deste volume.

351 (Nota do Organizador) Vide nota 78 do 1º vol. desta coleção, à página 220.

Artigo CXCIV - O PAIZ, 20.07.1891

No período de quase três anos, quanto tem durado esta pobre crônica hebdomadária, é a primeira vez que seu autor se vê forçado a pedir desculpas por não ter aparecido no dia em que lhe foi destinado pela redação de O Paiz.

Só um sério incômodo de saúde podia determinar semelhante falta; que Deus permita não se reproduza por muito tempo.

E uma vez que, por força maior, foi interrompido o método adotado para a demonstração da grande lei das reencarnações, aproveitemos o interstício para apreciarmos alguns conceitos do ilustre padre Sena Freitas³⁵² a respeito do elogio fúnebre de Camilo Castelo Branco³⁵³, pelo Sr. Paranapiacaba³⁵⁴.

Quem lê Sena Freitas fica-lhe preso por um sentimento dificilmente qualificável.

352 (Nota do Organizador) José Joaquim de Sena Freitas (1840 - 1913) - Sacerdote, orador sacro e polemista português. Publicou um extenso conjunto de obras, a maior parte sobre questões religiosas e de moral. Manteve intensas polémicas com diversos intelectuais e jornalistas portugueses e brasileiros. (Fonte: Wikipedia)

353 (Nota do Organizador) Camillo Ferreira Botelho Castello Branco (1825 - 1890) - Escritor português, romancista, cronista, crítico, dramaturgo, historiador, poeta e tradutor. É ele o autor espiritual e o personagem central da obra "Memórias de Um Suicida", recebida pela médium Yvone do Amaral Pereira, de saudosa lembrança, apresentado com o pseudônimo de Camilo Cândido Botelho.

354 (Nota do Organizador) João Cardoso de Meneses e Sousa, Barão de Paranapiacaba (1827 - 1915) - Poeta, jornalista, advogado, tradutor, professor e político brasileiro. (Fonte: Wikipedia)

Adivinha-se sob a forma psicográfica de seus pensamentos uma alma servida por coração de fino ouro e por inteligência de elevado toque.

Ao menos é o que sentimos quando lemos seus artigos vazados nos puros moldes da língua portuguesa.

Foi, pois, com este sentimento de respeitosa afeição que atiramo-nos ao artigo a que nos referimos, publicado n'O Paiz, de 8 do corrente³⁵⁵.

Fomos bebendo aos goles o delicioso néctar, mas ... só Deus é perfeito.

Já no fim do belo trabalho, Sena Freitas justificou a parábola que deu pés de barro à sublime estátua de Nabucodonosor.

Increpa³⁵⁶ ele a grande alma, alma repleta de luz, do cantor de Camilo Castelo Branco, por ter, obedecendo à lei do progresso espírita, voado às esferas superiores, onde está aberto aos que têm olhos de ver, o Evangelho do Futuro!

“Pungiu-me deveras, diz, ver ao meu ilustre biógrafo um espiritista da gema, a despeito da análise científica que faz do Espiritismo, das suas sessões e fenômenos o Dr. Philip Davis³⁵⁷.”

O meio! A educação!

Se o ilustre sacerdote não o fora, sua alma, diante dos fatos notabilíssimos, acusados pelos maiores vultos das ciências e, talvez, só diante do fenômeno singularíssimo: de universalização do Espiritismo em menos de 50 anos, teria procurado, como a de Paranapiacaba, rerum cognoscere causas³⁵⁸, saltando por cima das barreiras do fanatismo e do espírito de sistema.

355 (Nota do Organizador) É possível ainda hoje ler o artigo de Sena Freitas, a que se refere Dr. Bezerra, no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil, no endereço http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=3419.

356 (Nota do Organizador) Repreender asperamente. (Fonte: Dicionário Priberam online)

357 (Nota do Organizador) Pseudônimo de Marie Joseph Gabriel Antoine Jogand Pagès (1854 - 1907) também nomeado Léo Taxil, mas usou vários outros pseudônimos, como Paul de Régis, Adolphe Ricoux, Samuel Paul Rosen e Dr. Bataille. Escritor e jornalista francês, conhecido por ter enganado parte das hierarquias eclesiásticas com uma falsa confissão sobre a Maçonaria e por obras controversas sobre Esoterismo, Espiritismo e Parapsicologia. (Fonte: Wikipedia)

358 (Nota do Organizador) Penetrar os segredos das coisas. A citação é de Virgílio - Geórgicas, II, 490. (Fonte: Dicionário Priberam online)

O meio, porém, e a educação de seu Espírito, fazem-no considerar o trabalho de Davis uma causa digna de reter o voo altivo do Espírito de Paranapiacaba!

Quem é Philip Davis? O que provou Philip Davis?

Como homem de ciência está muito longe de opor seus trabalhos aos de Zöllner - aos de William Crookes - aos de Victorien Sardou - aos de Wallace - aos de Gibier - aos de, já hoje, inúmeros sábios, que têm observado e deduzido, em matéria de Espiritismo.

E o que demonstrou é de tão fácil refutação, que o próprio Sr. Sena Freitas pode, quando quiser, apreciar por si mesmo.

Demais, o que responderia o ilustre clérigo a quem o increpasse de adorar a Jesus, “a despeito da análise científica que de sua vida, de seus milagres e de sua natureza, fez Renan?”

Acaso o Salvador do gênero humano ficou valendo menos e sua santa Doutrina perdeu de sua grandeza depois da obra do grande sábio?

O ilustre censor de Paranapiacaba bem sabe que uma análise científica vale tanto como outra análise científica - e portanto que a Davis pode-se opor Gibier e William Crookes.

Quem tem diante dos olhos trabalhos contrários aos de autores de grande valor, não pode escolher por afeição, mas por estudo consciencioso e comparativo.

Fez isto o ilustre Sr. Sena Freitas? Estudou a Doutrina Espírita? Apreciou fatos que têm comovido os mais provecos observadores? Comparou o que leu em Davis com o que se lê em vultos científicos de muito superior esfera?

Nada disso fez - e foi acreditando, sem relutância, a que quadra com os princípios recebidos no berço e avigorados pelos estudos de sua profissão.

S. Revma. pede a Paranapiacaba que não deixe a velha, grande, universal e divina religião católica, pela vesga, fantástica e sonâmbulica religião espírita, propagada pelo profeta de pé pequeno Allan Kardec.

Mas, quem lhe disse: que o Espiritismo é coisa oposta ou mesmo diferente da grande, velha, universal e divina Doutrina de Jesus Cristo?

Se o ilustrado sacerdote rompesse com os preconceitos filhos dos princípios enraizados em sua alma, reconheceria: que a revelação divina tem sido feita à nossa humanidade de um modo progressivo - e na medida da capacidade humana.

Daí colheria: que assim como o nosso maior progresso reclamou a messiânica, incomparavelmente mais extensa e compreensiva que a mosaica, assim, e pelas mesmas razões, o progresso realizado a favor da luz do Cristo, deve reclamar mais vasta e mais compreensiva revelação.

E, se for ao Evangelho de S. João, reconhecerá: que foi o próprio Jesus que declarou não poder ensinar todas as verdades - e prometeu mandar, em tempo, o Espírito de Verdade, que explicaria todas as coisas³⁵⁹.

É verdade que a Igreja diz ser este Espírito o Espírito Santo; mas, além de que o Espírito Santo não desceu sobre a humanidade, porém sim sobre o colégio apostólico, acresce que seria incompreensível que, tendo ele baixado alguns dias depois da morte de Cristo, fosse o prometido para ensinar ao mundo o que Jesus não pôde ensinar, porque o mundo não estava em condições de compreender.

Se Sena Freitas dignasse aceitar uma discussão, pel'O Paiz, que glória e prazer para o humilde

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 20-07-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3497

359 (Nota do Organizador) Jo. 14:15 a 17 e 26.

Artigo CXCIV - O PAIZ, 26.07.1891

Carece de mais plausíveis fundamentos a escusa que ofereceu o ilustrado Sr. Sena Freitas, relativa ao nosso respeitoso repto para discutirmos o Espiritismo³⁶⁰.

Se se tratasse de questão pessoal, sobravam-lhe razões para não cruzar suas armas com as de um anônimo. Sendo, porém, o caso de uma discussão de princípios, não vemos como seja superior ou inferior a posição do pseudônimo ou do nome próprio.

Pode, é certo, degenerar a discussão em polêmica pessoal; neste caso, porém, o Sr. Sena Freitas não podia recuar da nossa parte, nada mais fácil do que deixar, e com grande vantagem, a arma.

Nem seria o nosso pseudônimo embaraço ao encontro, porque nenhuma dúvida teríamos, em homenagem a tão distinto contendor, de abaixarmos a viseira, convicto de que nosso nome próprio, embora muito obscuro intelectualmente, não desmereceria moralmente a honra do torneio.

O Sr. Sena Freitas, porém, não fez deste ponto questão essencial, senão esteio para o verdadeiro impedimento derimente³⁶¹, que é o próprio assunto da discussão - que é não tomar a sério o Espiritismo, que lhe provoca o riso.

S. Revma., depois de ter percorrido os proceres da nova Doutrina, mais se afundou naquela convicção, de que não será Max que o arrancará; e, pois, declara inútil a discussão.

360 (Nota do Organizador) Vide o artigo "Um dedo de resposta ao Sr. Max), no endereço http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3512.

361 (Nota do Organizador) Que obsta fundamentalmente. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Max não ousa insistir; mas, também, não desiste de seu direito de conversar com seus leitores sobre os enunciados do Sr. Sena Freitas, de quem se despede com a mais atenciosa cortesia.

Um materialista ilustrado, Buckner³⁶², por exemplo, convencido de possuir o conhecimento da ordem universal, sintetizado na sua “força e matéria”, não toma a sério a doutrina espiritualista - a Doutrina da Igreja romana, que não lhe dá para rir.

Se Max, também convencido da verdade do Espiritismo, convidasse aquele sábio a discutir suas opiniões, a exemplo de Sena Freitas, responder-lhe-ia o materialista com uma formal recusa.

E se se encontrassem estes dois, ambos com sua opinião convicta, filha de um estudo aturado?

Ora, aí temos três: Buckner - Sena Freitas - e Max, igualmente convencidos da verdade de sua opinião e rindo cada um da dos outros!

Qual o critério infalível para discriminar a verdade do erro entre os três sistemas?

Cientificamente, a prova experimental - moralmente o confronto de cada um com os fatos naturais de notoriedade universal - e, entre as duas escolas espiritualistas, a comparação de seus princípios essenciais com os atributos do Criador.

Fora disto, não há como ter certeza de que a opinião, firmada embora em apurado estudo, seja a expressão da verdade, porque prevalece a mesma razão para o materialista - para o católico - para o spiritista.

É para a prova experimental - é para o confronto com os fatos universais - é para a comparação com os atributos do Criador, que os espíritas provocam seus adversários, que respondem com evasivas, sem dúvida porque confiam na verdade de sua causa!.

Negar-se a discutir com quem está em erro, principalmente em matérias de salvação, só porque não se toma a sério o erro do infeliz, é uma descaridade - e, se o que se nega a ensinar aos ignorantes, que vão a caminho da morte eterna, é ministro da fé, sua responsabilidade, perante Deus, deve ser imensa!

É da discussão que nasce a luz - e, se os que discutem não se convencem, convencem-se muitos dos que os ouvem.

362 (Nota do Organizador) Vide nota 56, à página 191 do 1º volume desta coleção.

Quiséramos somente que se presumissem menos de si os que nos combatem: materialistas e católicos, e que, a exemplo de Crookes e do cura d' Almiguana³⁶³, sujeitassem os princípios espíritas à prova experimental.

Crookes disse, com efeito: até aqui os fenômenos por mim observados escapam a toda a explicação; mas expôs lealmente o que observou - e o que ele observou, atribuindo a uma força nova, desconhecida e inteligente, só aos fanáticos e aos dominados do espírito de sistema não prova evidentemente que a tal força psíquica é a força dos Espíritos desencarnados, como ficou demonstrado palpavelmente pelos fenômenos que produziu, em muitas sessões, e perante respeitáveis testemunhas, o Espírito de Owen, uma filha das Índias Orientais.

Põe-se em dúvida este fato, relatado pelo respeitável sábio e testemunhado por outros sábios não menos respeitáveis?

Pois faça o que duvida, o que fez o cura Almiguana - provoque o fenômeno das manifestações, que te-lo-á uma e mil vezes, em condições de só poder pô-lo em dúvida, duvidando de si mesmo - duvidando de toda a evidência.

E porque o católico tem [como]³⁶⁴ recurso a explicação por artes do demônio, foi que citamos o cura, cujas experiências foram feitas expressamente para verificar se era o tal sujeito que fazia aquelas artes.

Leiam este trabalho de um padre muito considerado por seu saber e por suas virtudes, os que citam Philip Davis, cujo valor é este: visto que se podem simular os fenômenos espíritas - os fenômenos espíritas são artimanhas.

Ao que se responde com este exemplo material: visto que se podem simular todas as espécies de vinho, não há vinho verdadeiro - todo o vinho é falsificado.

Os dois princípios base do Espiritismo: a comunicação dos Espíritos e a reencarnação, sobre os quais se eleva, não uma Igreja, mas uma ciência, além de terem por si a autoridade dos maio-

363 (Nota do Organizador) João Batista Almignana, Doutor em Direito Canônico, teólogo, magnetizador e médium. Sua obra "Du somnambulisme, des tables tournantes et des médiums, considérés leurs rapports avec la théologie et la physique" (Paris: Dentu et Germer-Bailliére. 1854) é comentada no volume "As Mesas Girantes", de Zêus Wantuil, ed. FEB.

364 (Nota do Organizador) Acréscimo nosso, para melhor entendimento do texto original.

res vultos da humanidade, em todos os tempos - a autoridade das próprias Sagradas Letras - podem ser demonstrados experimentalmente, a qualquer hora.

No seguinte artigo faremos o seu confronto com os fatos universais - depois, com os atributos de Deus - e concluiremos demonstrando: que eles dão para profundas cogitações, que não servem para rir.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26-07-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3531

Artigo CXCVI - O PAIZ, 03.08.1891

Quem não passa pelos fatos naturais como a água pelo mármore polido - quem procura descobrir em cada um deles a causa que o determinou e a lei que o rege, deve sentir confrangimento d'alma, diante da pertinácia indomável da parte da Igreja romana, com relação à revelação de novas verdades.

Prestando-se atenção desprevenida aos fatos da revelação divina, não se pode deixar de reconhecer: que ela tem vindo à Terra gradual e progressivamente - de um modo correlativo ao gradual e progressivo esclarecimento da capacidade humana terrestre.

Nos tempos primitivos, quando o homem era mais sentidos do que faculdades - era mais matéria do que Espírito, a revelação não passou do círculo da família de Abraão - e não compreendeu mais do que a ideia de um Deus criador, soberano e senhor.

Vinte séculos de progresso humano já permitiram a Revelação mosaica, muito mais ampla em extensão e compreensão, tanto que já foi dada a uma nação e compreendeu os princípios consagrados no Decálogo.

Mais vinte séculos de progresso humano - e já a lei de Moisés, considerada a última palavra do Céu, era insuficiente para encaminhar os homens ao alto destino que lhes foi posto pelo Criador - e eis que baixou à Terra a Boa Nova, a Revelação messiânica, incomparavelmente, mais ampla que a mosaica, pois que estendeu-se a todas as nações - e compreendeu a grandeza deslumbrante do Evangelho.

Jesus instituiu o apóstolado para manter em sua pureza e propagar a santíssima Doutrina, e, para dar àqueles homens a

força e o saber, que não tinham de si, fez baixar sobre eles o Espírito Santo, um dos mais puros espíritos da corte celestial.

Estes estágios da revolução divina descobrem, aos que têm olhos de ver, a lei que enunciamos: revelação progressiva, na medida do progresso humano.

Se esta lei vigorou desde os tempos primitivos até à vinda de Jesus, ou Deus põe leis mutáveis, ou ela vigorará pelos séculos dos séculos.

Escolham os discólos³⁶⁵; mas tenham a lealdade de confessar por qual das duas hipóteses se decidem: atacar as infinitas perfeições, dando às suas obras o caráter da imperfeição - da variabilidade, ou acatá-las, admitindo novas revelações, à medida que a humanidade, por seu progresso, adquirir a capacidade de compreender mais elevados princípios - leis de mais ampla compreensão.

Pode-se negar que tenha ela, à luz emanada da cruz, feito espantoso progresso, com relação ao que era na permanência da Revelação mosaica? Impossível.

Logo: ou a lei da progressividade da revelação era efêmera e Deus é mutável em suas volições, ou devemos esperar novo ensino, mais amplo que os precedentes.

E devemos esperá-lo, não só pelas razões expendidas, como porque nos foi ele prometido pelo próprio Jesus, que disse (Evangelho de São João): não poder ensinar muitas outras verdades, porque o mundo não podia, ainda, compreendê-las (confirmação da lei da progressividade da revelação, na medida do progresso humano) que, em seu tempo, mandaria o Consolador, que as explicaria³⁶⁶.

Confundir este Espírito com o Espírito Santo é cegueira igual a de pretender que Jesus trouxe a última palavra do Céu, quando Ele mesmo diz o contrário.

Além de que o Espírito Santo, como dissemos outro dia, baixou sobre o Colégio Apostólico, para um fim especial, que não sobre a humanidade, como o que Jesus prometeu: e também de que é absurdo acreditar que Jesus mandasse, poucos dias depois

365 (Nota do Organizador) Quem tem mau gênio, brigão. (Fonte: Dicionário Priberam online)

366 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12-15, já citado.

de sua morte, o prometido explicador das verdades que ele não explicou, porque o mundo não estava em condições de compreendê-las - acresce Causette³⁶⁷, um dos mais notáveis apologistas da Igreja, diz: que esta nada tem inovado, porque não é inspirada, mas, sim, tem somente explicado, porque é assistida.

E, independente desta potente autoridade, qual foi a verdade nova, definida em dogma pela Igreja, depois de Jesus Cristo?

Onde, então, a promessa do Redentor?

A Igreja, mais do que ninguém, deve esperar seu cumprimento, e, conseqüentemente, em vez de repelir qualquer princípio novo, como fez o sacerdócio hebreu, deve estudá-lo, deve submetê-lo à experiência, deve submetê-lo ao confronto com o infalível critério da Verdade; nunca, nunca rir dele, porque ele é estranho ao seu propósito; nunca, nunca dizer que não o leva a sério³⁶⁸.

E se os princípios fundamentais do Espiritismo forem daquelas verdades que Jesus prometeu mandar ensinar ao mundo quando este já estivesse em condições de compreendê-las?

O riso e o escárnio não salvarão mais o sacerdócio cristão, do que ao hebreu a cegueira e a obcecação.

O Espiritismo apresentou-se com um caráter que não é comum: irrompeu, a um tempo de todos os pontos do globo - impressionou vivamente aos vultos científicos de todos os países - fez em menos de meio século, um proselitismo, que já avulta por dezenas de milhões!

E, nem diante disto, o fanatismo o quer tomar a sério - e até, diante disto, atira-lhe o riso do desprezo!

São incompatíveis com os fatos naturais e com os infinitos atributos do Criador seus princípios fundamentais e a moral que dele decorre?

Eis o que não se procura examinar - e, entretanto, é o que a Igreja não tem o direito de desprezar!

Que o faça para seu bem ou para seu mal, mas saiba, uma vez que se investiu do poder e da responsabilidade de dirigir a consciência universal: que é seu rigoroso dever, não apreciar polêmicas, mas submeter aqueles princípios às provas infalíveis da

367 (Nota do Organizador) Vide nota 19, à página 29 deste volume.

368 (Nota do Organizador) Trecho ilegível no original. Seguimos com a versão da FAE..

experiência - do confronto e - da comparação, para dar aos fiéis luz - toda a luz sobre tão grave assunto.

Rir dele é desprezar sua maior responsabilidade!

Não quer? Pois faremos nós este trabalho, que hoje não podemos iniciar, por terem-nos tomado o espaço os preliminares que aí ficam.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 03-08-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3576

Artigo CXCVII - O PAIZ, 10.08.1891

Façamos passar os princípios cardeais do Espiritismo pelas provas as mais rigorosas que possam exigir a ciência de nosso século e a razão universal.

É de rigor, porém, que se determinem ou se especifiquem aqueles princípios, para que fiquem bem definidos os pontos litigiosos.

Não falamos dos dogmas que nos são comuns com a Igreja romana: a existência de Deus - a imortalidade da alma - sua liberdade com a co-relativa responsabilidade; mas, sim, dos que são peculiares à nova Doutrina, que Roma repudia por heréticos.

Por heréticos!

Mas o que dá os foros de ortodoxa à Doutrina romana?

No Concílio de Niceia, em que se consagrou esta doutrina, não triunfou o arianismo, porque Constantino (o imperador) fez valer contra ele todo o seu poder e sua vontade onipotente!

Não fora esta pressão estranha à Igreja e a ortodoxia seria o arianismo - e a Igreja romana seria a herética!

Isto vem à feição de provar: que a ficção de serem os concílios presididos pelo Espírito Santo é pura concepção humana!

O Espírito Santo de Niceia foi o poderoso imperador!

E nem se pode pensar de outro modo, quando se vê um Concílio, o de Roma, definir o dogma da infalibilidade do papa.

O Espírito Santo jamais roubaria a Deus um dos seus mais distintos atributos para dá-lo à criatura humana!

Não é, porém, este o assunto do presente escrito.

Dois são os princípios em que se assenta a vasta, luminosa e racional cosmogonia espírita: a comunicação dos Espíritos - e a reencarnação.

Estes dois princípios derogam a doutrina romana, na parte em que consagra o ser definido eternamente o destino das almas, desde que deixam a vida corpórea.

A Igreja, com efeito, estabelece o dogma de que as almas, separadas do corpo, passam por um julgamento, de que lhes resulta a glória eterna ou a pena eterna; salva a invenção do Purgatório, sugerida no Concílio Tridentino.

O Espiritismo admite o julgamento post mortem; mas não que, pelas obras desta vida, os bons alcancem o termo glorioso de seu destino - e os maus sejam condenados (eternamente) in eternum.

Se assim fosse, a corte celestial seria bem pouco excelsa, porque as maiores virtudes da Terra, dando para os que as possuem³⁶⁹ gozem felicidades, nada são para os que pudessem fazer parte da sociedade do Ser infinitamente perfeito.

Para que o Espírito chegue a essas alturas, é preciso que tenha alcançado, pelo desenvolvimento de sua perfectibilidade, as qualidades angélicas.

Por outro lado, é deprimente, pelo amor e misericórdia do Pai, admitir a hipótese de que condena à morte eterna, pelas faltas de um momento, a maior parte de seus filhos!

E isto, quando ele disse, por Ezequiel: “Eu não quero a morte do ímpio, mas, sim, que ele se converta e venha a Mim”.³⁷⁰

Qual, pois, dá mais glória a Deus: a doutrina que O apresenta inexorável para o filho fraco que delinque, ou a que O apresenta cheio de amor, punindo as faltas de seus filhos, para corrigi-los, mas reservando-lhes a herança, que a todos destina, para quando se converterem e O procurarem?

Qual é mais racionalmente ortodoxa: a lei da solução universal ou a lei das penas eternas?

É porque não podem responder a esta e a mil ou outras perguntas, que os fanáticos não tomam a sério o Espiritismo, e riem dele.

É bonita a teoria, e dizem: mas, Deus dispôs o contrário, pelos ensinamentos que deu à Igreja de Jesus Cristo.

369 (Nota do Organizador) Trecho ilegível no original, a partir deste ponto, incluindo o final deste parágrafo e mais a totalidade dos dois seguintes. Seguimos com a versão FAE.

370 (Nota do Organizador) Ez. 33:11, já citado.

Contra a Doutrina ensinada por Jesus Cristo, não eram outras as alegações do sacerdócio hebreu - e, entretanto, diga a Igreja: se era ou não a Verdade Divina a que ensinava o Cordeiro de Deus?

Se é verdade o que ensina a Igreja, em oposição ao que chamaremos dogmas³⁷¹ espíritas, não resistirão estes às provas do método experimental - não resistirão ao confronto com os fatos universais - não resistirão à comparação com os atributos de Deus, que é o critério infalível da verdade para o fiel.

Vejamos hoje o que diz a prova experimental ou prova material.

Um Espírito manifesta-se - e dá esclarecimentos sobre fatos, de que nenhum dos presentes tem conhecimento - ou diz minuciosamente o que sofre um doente, desconhecido de todas as pessoas presentes.

Verificados os fatos - e examinado o doente, conhece-se a exatidão do que disse o Espírito.

Milhares de provas destas obterá quem quiser de boa-fé experimentar; e, portanto, a questão da comunicação dos Espíritos fica líquida para o observador - e lança por Terra o castelo do materialismo.

A Igreja opõe a estes fatos, que reconhece, como confessou do púlpito o ex-bispo Lacerda, a ação do anjo das trevas, que é quem se comunica com os homens, tomando a forma deste - daquele - daquele outro indivíduo, em cujo nome fala.

É o demônio quem se apresenta como Espíritos dos mortos.

Se é o demônio, seu fim, usando desse estratagema, deve ser danificar aqueles a quem se manifesta.

Os ensinamentos porém, que os Espíritos nos dão - e pelos quais se modelou a cosmogonia espírita, são ensinamentos de salvação - são a crença na existência de um Deus infinitamente bom, infinitamente justo, infinito, em suma, em todas as perfeições - são a prática das mais sublimadas virtudes: fé e humildade, amor e caridade - são, finalmente, a observância dos preceitos do divino Jesus, que nos recomendam como o sublime modelo da humanidade: logo, o

371 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui "dignos", mas ocorreu-nos ter havido algum erro tipográfico, pelo que substituímos por "dogmas", que pareceu-nos mais consentâneo com o sentido geral do parágrafo.

demônio com tais ensinamentos, derroga a lei posta por Jesus: de que se reconhece a árvore pelo fruto.

É para apanhar a confiança dos espíritas - e depois arrastá-los à perdição, dizem, atordoados.

Singular meio de perder a humanidade este de plantar em sua alma uma moral de salvação!

Demais, o Espiritismo, obra do demônio, combate o materialismo e o ateísmo, o que vale por dizer: trabalha para afastar do caminho da perdição os que já se afastaram do caminho da salvação!

Fiquemos aqui - e continuaremos no seguinte artigo.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 10-08-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3616

Artigo CXCVIII - O PAIZ, 16.08.1891

Ficamos na prova experimental da comunicação dos Espíritos - prova que pode adquirir todo o que quiser conhecer a verdade - prova que lança por Terra o edifício do materialismo - e que derroga, por seus fundamentos, o dogma romano: da definição do destino humano após a morte.

Efetivamente, se as almas dos que se desprenderam desta vida podem vir falar-nos quando as chamamos ou quando lhes apraz, sempre com a permissão de Deus, é líquido que não se acham no Céu, donde não viriam a nós senão em missão do Senhor - não se acham no Inferno, donde, é de fé, que não se pode sair - não se acham no Purgatório, donde também só podem sair para o Céu depois de expurgadas de suas faltas.

O que fica depois de rebatida esta crença ensinada pela Igreja?

Fica o ensino espírita: de que os Espíritos fazem sua evolução, desenvolvendo sua perfectibilidade, por meio de vidas sucessivas e solidárias, até adquirem o maior grau de perfeição, que se pode alcançar na Terra - ascendendo progressivamente a mundos mais e mais adiantados, onde vão mais e mais se aperfeiçoando, até chegarem ao grau de puros - anjos - em condições de perfeição, que lhes permitem a glória de verem a Deus e de receberem Dele altíssimas missões, em prol do progresso universal.

Este ensino é confirmado por comunicações de Espíritos, que foram glorificados na Terra por seu saber e por suas virtudes - e também por outros, tanto ou mais luminosos, que fizeram sua ascensão sem passarem por nosso planeta.

E este ensino tanto eleva a criatura humana, quanto glorifica seu divino Criador.

O que há nele de irracional para não ser tomado a sério? Ou de ridículo para provocar o riso?

É consequência lógica e forçada do desbarato da cosmogonia romana.

Este desbarato é fatal, desde que se evidencia o fato da comunicação dos Espíritos.

Passemos à prova material das reencarnações.

Um infeliz é dado por louco pela ciência oficial, que só pode apreciar o fato da perversão de suas faculdades.

O Espiritismo, conhecedor da lei das vidas múltiplas e sabendo que, em virtude dessa sublime lei, assim como temos no espaço amigos de outras eras, também temos ferozes inimigos, indaga se aquela loucura não será uma obsessão, isto é, a ação fluídica de algum inimigo intransigente.

Chega à certeza de que assim é - evoca o obsessor, moraliza-o, plantando em sua alma os sacrossantos princípios da moral de Jesus - e consegue, por aquele meio e por meio de preces, tocar-lhe o coração - e fazê-lo arrepender-se do mal que pratica, pedindo a Deus perdão e deixando sua vítima.

Isto acontece hoje, por exemplo - e, hoje mesmo, o louco da ciência oficial cobra a razão e nunca mais manifesta a mínima perturbação mental.

Destes fatos dão-se por dezenas - e esta sucessão parece que demonstra a verdade do fenômeno da obsessão³⁷².

Como, porém, inferir daí a lei das reencarnações?

O obsessor, às vezes ainda na sanha do ódio - às vezes quando já caiu no arrependimento, dá as razões da perseguição que move à sua vítima.

Estas razões referem-se, quase sempre, a ofensas recebidas em uma existência passada.

A vítima de hoje foi o algoz de ontem!

Nas experiências colhem-se milhares de provas variadas da grande lei, que ainda não é tomada a sério, porque o Espírito humano recusa sempre acolher novidades, máxime quando elas contrastam com a ordem estabelecida.

É também esta uma lei - lei psicológica.

372 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra estudou profundamente os casos de loucura por obsessão espiritual e sua distinção dos casos decorrentes apenas de disfunção cerebral, no volume "A Loucura Sob Novo Prisma", de sua autoria e editado pela Federação Espírita Brasileira, cuja leitura especialmente recomendamos aos interessados nas áreas de Psicologia e Psiquiatria.

A prova experimental, porém, é aqui amplamente corroborada pela da confrontação da lei da reencarnação com os fatos universais e com os atributos do Criador.

Entremos nesta indagação.

Tomemos o fato de virem à vida cegos - surdos - mudos - aleijados - idiotas etc., etc.

Como explica a ciência este fato? Não tem uma razão para dar - fica muda diante dele.

E a cosmogonia ortodoxa? Explica-se por uma graça: os derredados dos gozos terrestres são predestinados aos gozos celestes.

A cosmogonia ortodoxa não atende, porém, à acusação que inconscientemente faz à Justiça soberana.

Se é como ela ensina, Deus tem privilegiados - e isto não é conforme com os atributos divinos - e isto choca-se com o critério absoluto da verdade.

Fale agora o Espiritismo sobre a questão.

Deus, em seu infinito amor por seus filhos, pune-os por suas faltas - e sua punição é para que eles se lavem daquelas faltas e subam na escala da perfeição.

Há, pois, justiça e misericórdia nos castigos que inflige, assim como há misericórdia e justiça nos prêmios aos que fizeram merecimento.

Ora, enquanto o culpado se obstina na culpa, Deus o castiga por sua obstinação; desde, porém que se arrepende do mal que fez, desce sobre ele o perdão³⁷³.

O perdão, porém, se suspende o castigo, não lava a alma da mancha da culpa, com a qual jamais poderá subir às regiões dos puros espíritos.

Segue-se, pois, ao perdão a expiação, que é, também, prova da sinceridade do arrependimento; esta expiação e esta prova devem-se fazer nas condições em que se delinuiu, isto é, na vida corpórea.

Daí a necessidade das reencarnações.

Os diversos gêneros de culpas pedem diversos gêneros de expiações - e é por isto que vemos todos sofrerem na Terra, mas cada um sofrer por seu modo.

373 (Nota do Organizador) Esse parágrafo e o seguinte não estão legíveis no texto original..

Os que nascem cegos - mudos - surdos etc. são culpados de uma existência passada, que reencarnam para pagarem, por aquele modo especial, sua dívida de caráter também especial.

E, pois, a bondade do Pai chega ao ponto de dar aos filhos culpados a moeda com que podem resgatar a sua dívida!

Agora, perguntamos: qual das explicações, ortodoxa e espírita, satisfaz à razão e se conforma com os atributos do Senhor?

A primeira acusa a Justiça Divina, enquanto a segunda exalta-a, mostrando que ela tem um fim misericordioso.

É isto que não se pode tomar a sério e provoca o riso? Lamentável cegueira humana!

Continuaremos, nesta ordem, de provas.

Max³⁷⁴.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 16-08-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3648

374 (Nota especial de Max) "Max quisera dispor de espaço para agradecer dignamente a honra que lhe fez uma sua leitora, oferecendo à União Espírita 100Rs (100 Mil Réis) para esta publicação. Adistrito, porém, a número certo de linhas, limita-se a dizer-lhe: em troca do generoso brinde, todas as pobres flores de seu coração, que não as têm senão pobres e pálidas". (Pelo cálculo desta pesquisa esse total equivaleria hoje a aproximadamente R\$ 12.300,00 - substancial doação, portanto, em qualquer época...)

Artigo CXCIX - O PAIZ, 24.08.1891

Há uma perfeita co-relação entre os fenômenos político-sociais e os fenômenos morais.

A humanidade, em seu início, teve o governo patriarcal. Mais tarde, por seu progresso, teve o governo senhorial-feudal. Depois adiantou-se até o absoluto. Chegou ao grau de repelir a posição de carneiro - de escravo e instituiu o governo representativo. Hoje reclama o self-government³⁷⁵ em sua mais lata concepção: a forma republicana.

A sujeição passiva e a sublevação foram obra da razão humana, a princípio obscurecida a ponto de não compreender seus direitos e de aceitar pesados e aviltantes deveres - e depois, esclarecida a ponto de já poder definir os direitos do homem e do cidadão.

Lembre-se alguém hoje de querer impor a qualquer povo civilizado um governo feudal ou mesmo absoluto - e, se pelo poder da força conseguir abafar a força do direito, seu triunfo será efêmero e desastroso, porque tem contra si a razão universal, que é o maior poder, a maior força do mundo, com a propriedade dos corpos elásticos, que têm um máximo de compressão e de dilatação, além do qual explodem.

Não diferentemente age a razão com relação aos fenômenos morais; digamos logo religiosos.

375 (Nota do Organizador) Em tradução literal remete-nos a autocontrole, ou autonomia governamental. Segundo o Dicionário Merriam-Webster refere-se a todo tipo de governo "sob o controle e direção dos habitantes de uma unidade política, e não por uma autoridade externa", como sinônimo de democracia e república - e parece-nos que é neste último sentido que Dr. Bezerra se serve dessa expressão.

O homem, no princípio, não os compreendia - e por isto sua razão aceitava tudo o que se lhe ensinava em nome de um poder misterioso, que, para conter-lhe os ímpetos carnisais, apresentavam com um caráter de cruel e vingativo.

A Antiguidade desprezaria um Deus de amor e de misericórdia, tão completamente como só aceitava um rei de caráter ferino, que soubesse esmagar - esquarterjar - esfolar vivo a quem lhe fizesse ofensa ou lhe faltasse ao respeito.

Vêm daí estas ideias obsoletas de demônios - de Inferno - de penas eternas, tão ao vivo pintadas por Callot³⁷⁶ - ideias que Roma, bem ciente de que já fizeram seu tempo, guarda entretanto, no sacrário das eternas verdades, como armas preciosas de conseguir o poder universal, a que tem sacrificado a puríssima lei do Cristo.

O homem de hoje, porém, já sabe que o mundo marcha - e que Deus, assim como plantou a lei do progresso no mundo físico, pô-la do mesmo modo no mundo moral.

Sua razão, luz que lhe deu o Criador para servir-lhe de condutor e ainda se procura apagar, em nome do que lh'a deu, com essa estulta imposição de uma fé passiva, que o reduz à condição de besta impensante - sua razão já lhe diz, em perfeito acordo com a consciência: que não pode ser Verdade Divina o que repugna àquela luz - e, na dúvida, aconselha o confronto dos fatos que lh'a sugerem, com o critério absoluto da verdade, que é esta:

“Tudo o que exalta os divinos atributos, não pode ser falso - tudo o que os rebaixa não pode ser verdadeiro.”

Por este processo, que Roma não pode repelir, porque é do Evangelho - pelo fruto conhecereis a árvore³⁷⁷, começamos o confronto do princípio fundamental do Espiritismo: a reencarnação ou vidas múltiplas do Espírito - e estudamos, no passado artigo, o fato universal de nascerem criaturas humanas com o estigma da condenação: surdos-mudos etc., etc., criaturas que, segundo a cosmogonia romana, não existiram antes desta vida e consequentemente nada fizeram que lhes acarretasse tão dura pena.

Pedimos à Igreja infalível a explicação daquela exceção odiosa à lei da criação humana - e a Igreja só teve para dizer-nos: que era aquilo em vez de estigma de condenação um sinal de predeterminação.

376 (Nota do Organizador) Vide nota 325, à página 305 deste volume.

377 (Nota do Organizador) Vide Mt. 7:16-20 e Lc. 6:43-44, já citados.

Provamos a falsidade blasfema desta explicação, que atribui a Deus, a justiça indefectível, preferências e exclusões, que rebaixam aquela justiça - e que repugnam ao amor do Pai pelos filhos.

Sujeitamos ao mesmo confronto a explicação espírita - e aquele fato deprimente, segundo a doutrina da Igreja. apresenta-se à razão - à consciência - ao próprio senso comum, como a mais gloriosa manifestação da justiça e do amor do Pai.

Toda a culpa arrasta sua pena; mas o filho culpado recebe do Pai de amor a moeda com que pode, se quiser e quando quiser, resgatar sua culpa.

Isto é sério demais, para ser tomado a sério por quem escraviza sua razão às leis, que tiveram razão de ser nos tempos primitivos da humanidade!

Isto naturalmente, provoca o riso dos que acreditam que Jesus, o maior impulsionador do progresso humano, excluiu da lei geral o progresso do ensino religioso.

E isto escandaliza, a despeito da declaração formal que fez o Redentor: de que muitas verdades haviam de ser reveladas ao mundo, quando este já estivesse em condições de compreendê-las!³⁷⁸

Tomem, porém, ou não tomem a sério - riam, porém, ou não riam; que, assim como Deus não deixa de ser Deus, porque O negam uns tantos infelizes, do mesmo modo as verdades espíritas, que se demonstram material e moralmente, não deixarão de ser verdades, porque uns tantos obstinados não as tomam a sério e riem delas.

Estes não fazem mais nem menos do que fizeram os sacerdotes hebreus, com a Luz que veio para eles e eles não viram.

Mas ... continuemos o nosso estudo.

Examinemos, pelo processo estabelecido, um segundo fato universal, o de nascerem crianças com disposições inatas para o Bem ou para o Mal - com disposições extraordinárias, ou quase completa incapacidade para o saber.

O que diz a ciência? Sobre a 1^a questão, a moral, nada, mas sobre a 2^a, a intelectual, conta uma história de cérebro mais ou menos bem organizado.

Neste ponto dá certo porque o cérebro é o instrumento da alma para a manifestação de seus pensamentos. Mas porque esta

378 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12-15, já citado.

diferença na organização dos cérebros se o organizador é o mesmo: força e matéria? Não responde.

O que diz a cosmogonia romana? Mistério!

Mistério que envolve uma acusação a Deus, pois que aquelas almas, saindo de Suas mãos - e não tendo exercitado suas faculdades, é evidente que de Deus receberam aquelas disposições contrárias!

Como explica esse fato a cosmogonia espírita?

Pela lei das vidas sucessivas e solidárias - e sua explicação exalta o Senhor, tanto quanto o rebaixa a explicação da Igreja.

Os Espíritos que foram afeiçoados ao Bem na existência passada, ou que, pelas penas que sofreram, se lhe afeiçoaram, manifestam, desde a mais tenra infância, boas disposições morais, como os que cultivaram a inteligência, manifestam essa inteligência mais ou menos lúcida, até a genial.

Vice-versa; os que foram escravos do Mal, ou os que nenhum cultivo deram à sua inteligência, voltando à vida terrestre, manifestam seu atraso moral e intelectual.

Se são capazes os que não tomam a sério o Espiritismo - e riem dele, mostrem a eiva de falsidade ou de ridículo que há nesta explicação.

Ela exalta o Criador, porque lhe atribuí a sublime lei da verdadeira perfectibilidade humana, sendo dado aos atrasados os meios de progredirem, de onde a salvação universal.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 24-08-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3695

Artigo CC - O PAIZ, 31.08.1891

Ou a Lógica tem um valor indiscutível ou para nada presta. Aqui não há meio-termo.

O que seria a ciência humana sem este poderoso instrumento, que dá as regras do raciocínio, por onde se chega ao descobrimento da verdade, em todos os ramos de conhecimentos humanos?

Pois bem, se a Lógica impõe à razão, quem nos tem lido deve estar convencido de que a Doutrina Espírita, ciência experimental, eleva-se, quando aplicada às questões morais, que Roma considera religiosas, em mal da religião, muito acima da doutrina romana.

Diante dos dois fatos que temos tomado por objeto de confronto - o de nascerem criaturas humanas com o estigma da condenação, e a de virem das mãos de Deus, uns com disposições inatas para Bem e para o saber, enquanto outros manifestam as contrárias; diante destes dois fatos, a cosmogonia romana acusa o Criador de injustiça e de parcialidade, ao passo que a cosmogonia espírita exalta, por eles, seu amor e sua misericórdia, mesmo na execução da sua justiça.

E a cosmogonia romana não pode apelar da sentença lógica que a condena naqueles pontos, e que dá triunfo ao Espiritismo, desde que tal sentença baseia-se na lei moral, dada ao mundo pelo Cristo: *Ex fructibus eorum cognoscetis eos*³⁷⁹.

A doutrina da vida única esboroa-se, portanto, diante daqueles fatos, impossíveis se ela fosse verdadeira - e, sobre suas

379 (Nota do Organizador) "Pelo fruto se conhece a árvore" - Vide nota 376, acima.

ruínas, ergue-se o edifício da Doutrina Espírita, como um farol luminoso.

Não pode ser verdadeira a lei que não compreende todos os fatos de uma ordem; mas tem o caráter da verdade, a que compreende todos, e dá a razão de todos.

Como, pois, rir-se destas coisas, e não tomá-las a sério?!

Pedindo a Jesus que baixe um raio de sua puríssima luz sobre a alma destes cegos, da pior cegueira, passemos à continuação do confronto sobre outros fatos.

Parece impossível que se atribua a Deus, pelo muito amor que se lhe tem, preferências e exclusões, como aquelas que temos exposto, a tomar-se a sério e a não rir-se da doutrina romana de uma vida única.

Parece incrível que, por cego fanatismo, se recuse preto, e até se anatematize uma doutrina que explica todos os fenômenos humanos em honra e glória do Senhor, pela sublime lei das vidas múltiplas.

Pois bem; ainda há mais fatos a deporem contra a cosmogonia romana e a favor dos espíritas.

Se Deus não deu a cada ser humano um destino especial, mas sim deu a toda humanidade um destino comum, como explicar-se a morte das crianças?

É um fato universal - e tem necessariamente sua lei. Qual é esta lei?

Roma não a conhece, e menos pode dizer como e porque todas aquelas criaturas falham ao destino humano, uma vez que nada fazem do que incumbe à humanidade.

Sua vida única acusa, portanto, a Deus: por tê-las criado para um fim, o fim comum - e não lhes ter permitido empregar os meios de alcançá-lo.

Em seus apologéticos lê-se a sutil escapatória - de terem sido criadas para o Céu!

Neste caso, há exceção à lei! A lei que rege a criação humana não é universal e imutável! Deus fez leis casuísticas como as dos homens!

E como irem para o Céu, o prêmio inestimável dos que lutaram e venceram, quem não sofreu as agruras da vida - não lutou - não venceu?

Tal parcialidade acusa a justiça soberana e o amor infinito.

O Espiritismo, com a lei da reencarnação, explica o fato consoante com as divinas perfeições.

Os que morrem não falham ao fim comum, porque mil vidas têm à sua disposição, para chegarem a seu destino.

Se tinham de sofrer tal ou tal expiação - tal ou tal prova - para remirem passadas faltas e subirem à ordem dos Espíritos felizes, a morte precoce não as priva disto, porque voltam à vida corpórea, para fazê-las.

E como isto é comum a todos os seres humanos, que se depuram pelas expiações que fazem e pelas provas que dão, nas vidas sucessivas; segue-se que não há, na morte das crianças, exceção à lei - que a que rege a criação humana é universal e imutável - que Deus não faz leis casuísticas como as dos homens.

E pois o fato em questão, que a doutrina romana da vida única não pode explicar sem acusar a justiça e o amor de Deus, é perfeitamente explicado pela Doutrina Espírita das vidas múltiplas, de modo a glorificar aqueles excelsos atributos do Senhor.

Aplique-se pois ao caso o princípio axiomático - tudo o que abate os divinos atributos não pode ser verdadeiro - e tudo o que os exalta não pode deixar de sê-lo, e, mais uma vez, Roma é obrigada a confessar a falsidade de sua doutrina - e a proclamar a verdade da Doutrina Espírita.

É como a respeito do destino dos selvagens, que, pelo princípio de “não haver salvação fora da Igreja”, não pode ser senão a condenação eterna.

Mas como podem ser condenadas ao fogo eterno pobres criaturas que foram criadas por Deus fora dos meios de salvação?

A consequência é que, ou é falso o princípio, e pode-se salvar sem a Igreja, ou que Deus é pérfido e cruel: cria milhões de almas em condições de não poderem ver a luz - e condena-as por este fato independente de sua vontade.

Não colhe a escapatória de poderem os selvagens salvar-se, seguindo o instinto do Bem, que Deus pôs em todas as almas; porque, em tal caso, todo o que seguir aquele instinto não precisa, para salvar-se, de estar com a Igreja!

Aí temo-la destruindo sua própria lei!

O Espiritismo surge - e o caso dos selvagens tem uma solução gloriosa para Deus, em vez de ser uma exceção inexplicável e odiosa.

Aqueles Espíritos atrasados, razão pela qual foram postos fora da luz, que os deslumbraria, volverão à vida corpórea, depois de terem progredido no espaço - e virão em um meio civilizado;

patilhando assim todas as almas a luz que Deus dá a toda a humanidade, sem exceção de ninguém.

Tomem a sério, se quiserem - riam quanto quiserem, que a verdade há de luzir - e o verdadeiro anátema cairá sobre o que tiveram a Luz, e não a quiseram ver.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 31-08-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3739

Artigo CCI - O PAIZ, 06.09.1891

É preciso pôr termo ao confronto das duas doutrinas, romana e espírita, com os fatos universais e com os atributos do Criador, único critério infalível da verdade.

Devemo-nos condoer das extorsões beatificas dos que não tomam a sério o Espiritismo, diante do desmoronamento, impossível de conter, dessas abusões que a Igreja recolheu da gentildade e quer fazer passar por verdades eternas.

O desmoronamento é providencial, porque o homem de hoje já pode suportar uma luz mais intensa - e, portanto, já não é a criança a quem se intimida, por contê-la, com imaginários papões.

Assim como a poligamia, que foi um princípio sagrado no regime da Revelação abraâmica, fez seu tempo - e, pelo progresso da humanidade, foi varrida da arca das puras verdades, pela mais ampla Revelação do Sinai;

Assim como o dente por dente, consagrado pelo código de Moisés, foi condenado pelo divino Mestre, desde que o maior progresso humano permitiu sua sublime Revelação;

Assim, pelo progresso que temos realizado, a favor da pura luz irradiada da Cruz, é tempo de se desapegarem da alma dos crentes, de fé passiva, as abusões, ritos do atraso humano, que não podem resistir à luz mais intensa da Revelação espírita, que é também emanada da Cruz, porque é o cumprimento da promessa do Salvador.

Vida única - penas eternas - demônios e Inferno: tudo isto, que vem dos tempos caldaicos, vai-se abismar no esquecimento dos homens, para dar lugar ao sublime princípio, lei da graça e do amor de Deus, das vidas múltiplas e solidárias.

Esta lei, que explica o passado e o futuro do ser humano, sempre engrandecendo o Criador, ao invés da pobre lei da vida³⁸⁰ única, que é uma verdadeira blasfêmia.

Esta lei, que fala à Razão, satisfaz a consciência, e enche a alma dos mais puros afetos filiais da criatura para com seu Criador e Pai, só por si lança por terra, como as trombetas de Jericó, as muralhas sombrias da cidadela do obscurantismo.

Temos provado que não é ela uma simples concepção humana: prova direta, pelo método experimental - prova indireta, pelo seu confronto com os fatos universais e com os atributos de Deus.

Para terminar, vamos analisar mais um daqueles fatos.

Tudo no Universo é regulado pela vontade soberana, e, pois, ninguém é senhor de nascer hoje ou amanhã, aqui ou ali.

Firmado neste princípio irrecusável, resulta dele: que as gerações que vieram à vida no regime das Revelações abraâmica - da mosaica - ou da messiânica, vieram por vontade de Deus.

Mas aquelas Revelações trouxeram à humanidade vários graus do ensino divino, mais largo na de Moisés do que na de Abraão - e mais amplamente desenvolvidos na do Cristo do que nas precedentes.

Logo Deus mandou à vida terrestre umas tantas gerações de almas, a que não deu senão a luz crepuscular - mandou outras a que deu luz solar direta - e mandou, finalmente, todas as mais, a que concedeu a luz do céu.

Se o ensinamento divino não é uma superfluidade, Deus repartiu por seus filhos muito desigualmente esse meio de salvação, de modo que nem se compreende como uns e outros, em tão diferentes condições, podem ser julgados pela mesma lei, pois a lei do julgamento das almas, como todas as divinas, não pode deixar de ser uma e geral.

E, pois, pela vida única, não há como explicar-se aquele fato, sem rebaixar o Ser Perfeito às condições de legislador humano ou de juiz terrestre.

Tanto mais se ajuntarmos àquelas três ordens a das gerações dos selvagens, que não recebem, nem a frouxa luz que tiveram as que viveram sob a Revelação abraâmica.

Como, então, explica-o o Espiritismo?

380 (Nota do Organizador) O final deste parágrafo e a totalidade do seguinte estão ilegíveis no arquivo original.

Muito racionalmente - e, sobretudo, de modo muito conforme com os excelsos atributos da Perfeição Infinita.

Substitui o dogma da vida única, impossível, como acabamos de ver, pelo da reencarnação ou vidas múltiplas, espécies de escalas que faz o Espírito na longa via do seu aperfeiçoamento;

Substitui aquele por este - e o fato inexplicável ou só explicável por sofismas que rebaixam a divindade, e o fato desdobra-se aos olhos d'alma como um cântico de glória à inteligência - ao amor - e à justiça infinita.

O Espírito que viveu na lei de Abraão, não é julgado definitivamente, como ensina a Igreja; mas volta à vida terrena para receber a luz da Revelação mosaica, nivelando-se assim as condições dos que viveram sob o duplo regime.

O Espírito que viveu no tempo da lei de Moisés, que não é senão o que viveu no tempo da lei de Abraão, volta ainda à vida terrena para colher a luz do ensino de Jesus, nivelando-se dest'arte³⁸¹ as condições de toda a humanidade, em relação aos meios de fazer seu aperfeiçoamento, diga-se: aos meios de salvação.

E com o selvagem dá-se o mesmo. Se na vida que teve, foi mal aquinhoado, em razão de seu atraso natural, na vida nova, que lhe dá o amor do Pai, indenizar-se-á, recebendo tanto como o que mais tiver recebido.

Portanto, a disparidade na distribuição do pão do Céu, é vária, porque atende misericordiosamente à menor e à maior capacidade do gênero humano no tempo; mas nem uma alma sofre deficiência da luz, que é dada às outras na Eternidade.

A partilha é igual, embora, por faltas próprias, não entrem todos ao mesmo tempo na posse de seus quinhões.

Ora, se a luz é dada ao mundo proporcionalmente à sua capacidade, como o demonstra a gradação das três Revelações - abraâmica - mosaica - e messiânica; e, se o mundo de hoje tem muito mais capacidade do que no tempo de Jesus, por que não lhe há de ser dada mais luz; porque a lei que tem regido as passadas revelações há de interromper-se bruscamente?

Dizem os que riem do Espiritismo: porque Jesus disse a última palavra. Mas Jesus disse o contrário disto, quando prometeu

381 (Nota do Organizador) Deste modo; desta forma. (Fonte: Dicionário Priberam online)

mandar o Consolador ensinar o que ele não podia fazer por ser inoportuno!³⁸²

Seja, porém, como for, a verdade, que o Espiritismo revela, com o seu dogma da reencarnação, faz o que não pôde fazer a Igreja, com o seu da vida única; explica todos os fatos universais de um modo que glorifica a Deus.

Se isto não é o critério infalível da verdade, Jesus mentiu, quando ensinou como tal.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 06-09-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3775

382 (Nota do Organizador) Jo. 16:12-15, já citado e de sempre oportuna lembrança.

Artigo CCII - O PAIZ, 13.09.1891

Parece-nos ter cabalmente demonstrado experimentalmente - pelo estudo dos fatos humanos - e pelo confronto com os atributos divinos, que a reencarnação ou vidas múltiplas é lei natural - lei tão excelsa que a razão, desprovida de preconceitos, não pode deixar de exclamar, quando sobre ela medita: sem a reencarnação, Deus é um tirano - sem a reencarnação, a perfectibilidade humana é pura fantasia - sem a reencarnação, todos os fenômenos humanos são mistérios; ao passo que com ela Deus é pai amoroso, que castiga para corrigir - a perfectibilidade tem um elastério³⁸³ infinito - e os fenômenos humanos, todos, todos, todos, denunciam a lei que os rege, como os do mundo físico devassado pela ciência: como a chuva denuncia a lei da condensação dos vapores aquosos - como a planta denuncia a da germinação - como o feto a da fecundação.

O filósofo da incredulidade disse um dia: que, “se Deus não existisse, era preciso inventá-lo”.³⁸⁴

Quem se der ao estudo da lei da reencarnação, em suas admiráveis relações, será forçado a repetir a tal respeito a frase voltariana.

Mas já discutimos esta questão quanto é bastante para fazer rir dos que riem do Espiritismo, que assenta sobre ela sua imponente cosmogonia - cosmogonia que não é um tecido de con-

383 (Nota do Organizador) Elasticidade. Vide nota 49, à página 163 do 1º volume desta coleção.

384 (Nota do Organizador) Voltaire. Vide nota 44, à página 146 do 1º volume desta coleção.

cepções, porém sim um edifício cimentado pela observação - pela experiência - e pelo raciocínio.

Deixemos, pois, ao bom senso, que não ri do que é sério, e toma a sério o que impressiona os maiores sábios do mundo; deixemos-lhe o tempo de apreciar o que, embora toscamente, expussemos - e passemos a outro ponto: a comunicação dos Espíritos.

“A comunicação dos Espíritos é fato que se prova materialmente, como a reencarnação”.

Dissemos-lo em um dos nossos passados artigos - e muitas vezes temo-lo repetido, convidando - e provocando mesmo, os incrédulos a fazerem a experiência.

Se houvesse boa-fé, nenhum deles recusar-se-ia a uma prova tão simples quanto fácil de um fenômeno por excelência, curioso!

Abalam-se uns, para verem o milagre de Lourdes - abalam-se outro, para verem uma exposição; mas, para verem a comunicação dos mortos, que é um milagre e uma coisa de surpreender, nenhum daqueles ou destes se abalança!

Os primeiros, apesar da controvérsia entre os sábios, não tomam a sério o que lhes daria fundamento seguro para julgarem de que lado está a razão.

Os segundos, presos, como ostras, à rocha, à crença de que tudo é matéria, são indiferentes a tudo o que não vai com suas ideias.

E todos estes pobres morcegos fogem à luz brilhante da verdade, quedando-se na convicção de que toda a verdade está com eles - e que fora deles só há diabolismo, para uns - misticismo ou visãnia, para outros!

Que Deus os julgue - e lhes dê o que merecerem.

Por nós, que nos gloriamos de ser discípulos de profeta de pé pequeno, julgamos cumprir os deveres de cristão, concorrendo, na medida de nossas forças, para que não caia sobre a rocha a divina semente, que o Semeador espalhou pela superfície da Terra, em nosso tempo.

Já demos a prova experimental, científica, da comunicação dos Espíritos, pela qual se estabelece a mais estreita relação entre os Espíritos, encarnados e desencarnados - entre o mundo visível e o invisível.

Agora, cumpre-nos confrontar esta nova lei com os fatos universais, sem que nos embarace o anátema dos modernos Anás e Caifás - e menos ainda a contradição dos pseudo-sábios, que negam, por sistema, até a luz meridiana.

A comunicação dos Espíritos, ora evidenciada pelos mais rigorosos processos científicos, não é invenção do Espiritismo.

Em todos os países e em todos os tempos, foi uma crença universal, a despeito do apotegma eclesiástico - Espírito que vai, não volta - que as almas dos mortos aparecem aos vivos.

Quem der-se ao trabalho de colher provas da existência desta crença, encontrará, em quase todas as famílias, a tradição de fatos que a confirmam.

E qual a razão por que é universal o medo das almas do outro mundo? Se elas vão para nunca mais virem, por que ter medo delas?

Há, pois, gravada na consciência humana, a ideia inata de que os mortos podem comunicar com os vivos.

Abusões, dizem os desabusados, que julgam com isto destruir a verdade de fatos universais.

Como abuso, se atestam as aparições todos os povos de origem e de costumes diferentes?

Se fosse coisa exclusivamente das classes mais ignorantes de uma nação, passaria a escapatória; fatos há, porém, inúmeros, atestados por pessoas eminentes de todas as nações - e até por sábios da maior respeitabilidade.

Entre nós, já em nossos dias, deu-se um com alta personalidade da Igreja, que não pode ser qualificado de - abuso.

Ora, se é universal a crença em tais aparições - e se a Doutrina Espírita afirma sua realidade, é forçoso confessar que a nova lei tem por si o consenso universal, além de ter a prova material e científica.

E não é somente firmada na crença universal e na afirmação do Espiritismo a grande lei da comunicação dos Espíritos.

A Escritura Sagrada nos refere inúmeros fatos, que a comprovam.

Moisés proibiu as evocações³⁸⁵; prova de que os hebreus a conheciam - e Saul evocou o Espírito de Samuel³⁸⁶; prova de que está ela acima das abusões populares.

São obras do demônio, que toma a forma das almas, dizem os que blasfemam, atribuindo a Deus engano e impotência, desde que criou os anjos perfeitos - e uns tantos deles lhe iludiram a volição.

Mas, por Deus, senhores, lêde os ensinamentos dos Espíritos, que constituem a moral espírita - e dizei em consciência se podem ser obra do demônio.

Demônio, que combate o ateísmo - que manda tomar por modelo o Divino Jesus!

Foi sempre mania do sacerdócio atribuir ao demônio a revelação de novos ensinamentos sagrados!

A comunicação dos Espíritos, sendo conforme com os fatos universais, exalta o amor do Pai, como mostraremos.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13-09-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3817

385 (Nota do Organizador) Vide Dt. 18: 9 a 12: "Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem quem consulte a um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor". Moisés condena evidentemente o abuso da comunicação com os Espíritos. A sublimação deste fenômeno e a transição para o Espiritismo moderno - para o bom uso da mediunidade - nós a vemos na Transfiguração de Jesus, em contato com Moisés e Elias - já desencarnados, claro - conforme se vê em Mt. 17: 1 a 9.

386 (Nota do Organizador) 1 Samuel, 28: 1-25, já citado.

Artigo CCIII - O PAIZ, 20.09.1891

Concluimos o nosso passado artigo com estas palavras:

“A comunicação dos Espíritos, sendo conforme com os fatos universais, exalta o amor do Pai, como mostraremos.”

Vamos cumprir a promessa que fizemos - e aí fica exarada.

A doutrina romana, da vida única e da definição do destino das almas depois da morte, é tão absurda quanto desumana, tão desumana quanto blasfema.

É absurda, porque, sendo o homem perfectível, se fosse verdade que seu destino imutável se define com a morte, a perfectibilidade seria variável de um para outro indivíduo, desde o boçal, que acaba na ignorância, até o sábio, que morre no meio das luzes de seu grande saber. E, além de variável, seria limitada.

É desumana, porque, sendo o destino, na vida eterna, correspondente ao bem e ao mal que praticamos na vida terrestre, os laços do coração rompem-se para sempre, uma vez que uns dos que se amam vão para o Céu e outros vão para o Inferno, pois que não há famílias de bem-aventurados e de danados.

É blasfema, porque, sendo o Céu a morada das puras alegrias, Deus desterra dali a caridade, uma vez que os bem-aventurados não se condoem dos sofrimentos atrozes dos condenados às penas do Inferno - e não se podem condoer, porque então não seria imperturbável sua felicidade.

Imagine-se uma terna mãe que está no Céu e vê o filho adorado no Inferno - e, diga-se, em consciência, se é possível que esta mãe seja feliz no Céu - se é possível, sem blasfêmia, atribuir-se a Deus semelhante monstruosidade!

Deus disse por Moisés: ama a teu próximo como a ti mesmo³⁸⁷ - e disse por Jesus: ama a teu próprio inimigo³⁸⁸.

A grande lei, pois, é a do amor - e quem mais cultivar este sentimento, em sua pureza, mais se aproxima da perfeição - mais se aproxima de Deus³⁸⁹.

Sendo assim, o que melhor se conforma³⁹⁰ com o preceito soberano; o que desliga os que viveram ligados pelo amor - ou o que mantém, por toda a Eternidade, os laços que prenderam, no tempo, dois corações?

O que melhor exprime o sentimento divino: a doutrina romana, que dispersa os membros das famílias, como o vento espalha as folhas das árvores - ou a Doutrina Espírita, que ensina a convivência dos que se amam, na Terra, ainda quando a morte põe entre eles o mistério, hoje desvendado, de um sepulcro?

O caso não é para rir - é antes para tomar-se a sério; porque rir do Espiritismo, cujos princípios são conformes com os preceitos divinos, é rir de Jesus, que fez daquela conformidade o critério absoluto da verdade - e porque tomar a sério uma doutrina que ensina o que repugna, por absurdo, desumano e blasfemo, as perfeições infinitas, é tomar a sério a mais triste monstruosidade!

Entre o dogma romano, da dispersão das almas - e o dogma espírita, da sua inseparabilidade, pela morte, só um fanático, destes que profanam o - credo quia absurdum³⁹¹, pode ter a coragem de rir deste.

Pelo Espiritismo, as almas que constituíram uma família, unida na Terra, pelo mais entranhado amor, não estão livres de ter sorte diversa, no espaço - de serem: umas felizes - e outras desgraçadas.

Isto, porém, não os priva de se amarem, nem perturba o gozo da felicidade dos bem-aventurados.

A mãe, que vê o amado filho em castigos, no espaço - ou em expiação, na Terra, não se perturba em sua paz, porque sabe: que

387 (Nota do Organizador) Vide Lv.19:18.

388 (Nota do Organizador) Vide Lc. 6:27-28 e 6:35; Mt.5:44.

389 (Nota do Organizador) 1 Jo.4:8 - "Deus é Amor".

390 (Nota do Organizador) O original traz aqui conformar, mas pensamos que foi um lapso de revisão, que decidimos ajustar.

391 (Nota do Organizador) "Creio por ser absurdo", já referido. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

aqueles sofrimentos são necessários à sua redução ao bem e à felicidade, em vez de serem pena de morte eterna.

Aceita-os de boa vontade, como aplicamos a um doente querido o remédio amargo, que vem restituí-lo à saúde e à felicidade terrena.

O dogma espírita, portanto, ao invés do católico, é lógico - é humano - é glorificador do amor e da misericórdia do Senhor.

Quanto é esmagador aquele, separando por toda a Eternidade os que o ligaram na vida, pelos mais doces laços: a mãe do filho - a esposa do esposo - o irmão do irmão - o amigo do amigo; é consolador este, garantindo ao que chora a perda do ente amado, não somente seu encontro quando também deixar a casca material, como até sua constante assistência - a assistência do que deixou a vida, ao que fica nela por todo o tempo de sua permanência na Terra.

A doutrina romana cerca de horríveis espantos a hora do passamento, tanto que vem daí o medo incomparável, verdadeiro pavor, que todos sentem à lembrança do tremendo momento.

A Doutrina Espírita faz brotar na alma, verdadeiramente crente, uma poética alegria, quando pensa naquele momento em que se rompem as cadeias do cativo - em que deixa, triste peregrino, o desterro a que foi condenado, para ir respirar os ares encantadores da pátria - em que todos os que o amaram, os que o amam, esperam-no de braços abertos e radiantes de alegrias celestes, se vai carregado de bons frutos colhidos na santa vinha.

Será tudo isto uma ilusão - meras fantasias de poetas imaginosos?

Quantas vezes o que escreve estas linhas, nos momentos agros de sua vida, tem recebido de entes amados, que se foram daqui, consolações e conselhos, que o têm trazido à resignação evangélica, arrancando-o ao desespero a que se ia entregando?

Quantas vezes, tem ouvido do filho amado a descrição da festa que houve, entre os seres do espaço, por motivo de seu advento, quando deixou a vida?³⁹²

Será tudo isto uma loucura?

392 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra teve muitos filhos, e alguns deles desencarnaram cedo. Vide a respeito as obras "Os Bezerra de Menezes e o Espiritismo" (2011) e "Bezerra de Menezes na Intimidade" (2012), Ed. Novo Ser, ambas do prezado amigo Jorge Damas Martins.

Oh! Se é, bendito seja o Senhor, que nos permite gozar, neste vale de lágrimas, as delícias de tais aberrações!

Podem, porém, acreditar os que assim qualificam nossa crença, sem se dignarem descer a seu exame, que a loucura invadirá o mundo, como a obra satânica do mártir do Gólgota domina por toda a Terra.

A comunicação dos Espíritos, verificável pela experiência, confere com a crença universal e firma-se na lei do amor, que exalta o Criador.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 20-09-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3861

Artigo CCIV - O PAIZ, 27.09.1891

“É possível que toda esta gente esteja louca?”

Foi por estas palavras, que o ilustrado Sr. Medeiros de Albuquerque³⁹³ concluiu sua “Crônica dos livros estrangeiros” em “O Paiz”, de 6 de setembro³⁹⁴.

Referiu-se o ilustrado doutor aos grandes vultos científicos que atestam a verdade de fatos, que Gurney³⁹⁵, Myers³⁹⁶ e Podmore³⁹⁷ chamam alucinações telepáticas³⁹⁸.

393 (Nota do Organizador) José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867 - 1934) - funcionário público, jornalista, professor, político, contista, poeta, orador, romancista, teatrólogo, ensaísta e memorialista brasileiro. (Fonte: Wikipedia)

394 (Nota do Organizador) Na verdade o artigo a que se refere Dr. Bezerra saiu no dia 07/09 - vide o endereço http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/378.

395 (Nota do Organizador) Edmund Gurney (1847 - 1888) - Psicólogo inglês. Um dos pioneiros no estudo dos fenômenos espíritas e, juntamente com Myers, co-fundador da “Society for Psychical Research” (SPR) de Londres. (Fonte: Wikipedia)

396 (Nota do Organizador) Frederic William Henry Myers (1843 - 1901) - Intelectual, ensaísta e poeta britânico, como também um dos pioneiros na pesquisa de fenômenos espirituais. Autor, dentre outras, da obra “A Personalidade Humana” (Ed. FEB). (Fonte: Wikipedia)

397 (Nota do Organizador) Frank Podmore (1856 - 1910) - Autor inglês, estudioso dos fenômenos espirituais e um dos primeiros historiadores do espiritua-lismo moderno, juntamente com Conan Doyle. (Fonte: Wikipedia)

398 (Nota do Organizador) Gurney, Myers e Podmore são citados em conjunto porque foram os autores da obra “Phantasms of Living”, um dos clássicos da literatura espiritualista do século XIX, resultado de um projeto da SPR para compreensão dos fenômenos mediúnicos. Reúne mais de 700 casos, explicados então com a teoria das “alucinações telepáticas”, a que se refere Dr. Bezerra.

E os vultos indicados foram: “Alfred Russel Wallace, o sábio naturalista, co-descobridor do darwinismo - William Crookes, descobridor da matéria radiante e de tantas outras conquistas científicas - Gladstone, o ilustre estadista, que é também um sábio e um erudito; Charles Richet, professor da Universidade de Paris, redator em chefe da “Revista Científica”, autor de trabalhos importantes sobre psicologia - Th. Ribot³⁹⁹, redator da “Revista Filosófica”; Taine⁴⁰⁰, Beaunis⁴⁰¹ e Bernhem⁴⁰², nomes que dispensam qualquer elogio - e outros ainda.”

Poderia ter ajuntado: Charles Gibier⁴⁰³ - Victorien Sardou - Victor Hugo - Flammarion - Zöllner - Ulrici⁴⁰⁴ - Lincoln - Pezzani e os maiores vultos dos nossos estadistas, cujos nomes omitimos, porque entre nós os sábios de carregaçãõ ainda zombam dos que estudam a nova ciência.

399 (Nota do Organizador) Théodule-Armand Ribot (1839 - 1916) - Psicólogo francês. (Fonte: Wikipedia)

400 (Nota do Organizador) Hippolyte Adolphe Taine (1828 - 1893) - Crítico e historiador francês. (Fonte: Wikipedia)

401 (Nota do Organizador) Henri-Étienne Beaunis (1830 - 1921) - Fisiologista e psicólogo francês, conhecido por seus trabalhos em anatomia , fisiologia , psicologia e hipnose. (Fonte: Wikipedia)

402 (Nota do Organizador) Hyppolyte Bernheim (1840 - 1919) - Médico neurologista francês. Trabalhou com métodos de hipnose, e escreveu um livro sobre o tema. (Fonte: Wikipedia)

403 (Nota do Organizador) Ficamos na dúvida sobre essa menção a Charles Gibier (1849 - 1931) e não a Paul Gibier (1851 - 1900), mais conhecido da família espírita. Pode ter sido apenas um lapso de memória, simples troca de nomes, mas a erudição de Dr. Bezerra é sempre uma caixinha de surpresas, e pode muito bem ter se referido a algo que esteja fora de nosso alcance... Charles foi figura eminente da Igreja na França, bispo de Versalhes de 1906 até sua morte. Não conseguimos identificar alguma relação sua com o Espiritismo. Paul foi médico, bacteriologista, naturalista, psicólogo e fisiologista francês, discípulo de Pasteur e mundialmente reconhecido por seus estudos sobre os fenômenos espíritas e pelas obras publicadas sobre o tema - “Espiritismo, Faquirismo Ocidental”, “Análise das Coisas” e “Materializações de Espíritos” (esta última em parceria com Ernesto Bozzano).

404 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra parece referir-se aqui ao filósofo alemão Hermann Ulrici (1806 - 1884), que, na contramão do materialismo então a prosperar na Alemanha do século XIX, publicou artigos e obras sobre a existência de Deus e da Alma. (Fonte: Wikipedia)

Motejam, portanto, daqueles notabilíssimos homens de ciência, que Medeiros de Albuquerque apontou - dos que apontamos nós - e de um cem número de outros do mesmo quilate!

Faz-nos isto o efeito de uma comédia, em que um areópago⁴⁰⁵ condena um pobre diabo, por ter descoberto: que a Terra gira em torno do Sol!

Coitados! Apesar de toda a sua sapiência, a verdade marcha serena, como a lua em céu de anil!

Perguntem-lhe: por que escarnecem do Espiritismo - e a maior parte deles não poderá responder, porque não sabem o que é esta ciência - e os mais eruditos tirarão do bolso um volume da obra de Philip Davis, tão sábio como eles!

Como espírito que se apropriou das ideias do nosso século, Medeiros de Albuquerque traçou o que se pode chamar - a legenda do bom senso:

“É tresloucado dizer: nós não iremos mais longe - há fatos que o homem nunca explicará - há fenômenos que são absurdos, e que nem se deve procurar compreender, porque eles excedem os limites do nosso conhecimento.”

Não é preciso ser sábio; basta ter um pouco de instrução - não ser ignorante de todo - e acompanhar o movimento volutivo do saber humano, para reconhecer quanto é sensato - lógico - e conforme com os fatos, aquele conceito do ilustrado articulista de “O Paiz”.

Só um imbecil - ou um fanático - ou um obsedado pelo espírito de sistema; só estes pobres cegos podem marcar limites às conquistas do progresso, esquecendo que têm elas sido sempre progressivas - e que, se fosse como eles pretendem, nem um passo daria a humanidade fora do círculo por eles traçado.

Por tal arte, a humanidade seria o que era há quarenta séculos - e daqui a outros quarenta - e daí, por toda a Eternidade, não passará do que é hoje.

Eles veem Galileu romper o fatídico círculo - Sócrates derrocar o edifício dos séculos passados - Torricelli⁴⁰⁶ arrancar do

405 (Nota do Organizador) Antigo tribunal de Atenas onde se reunia o conselho dos anciãos, na Grécia antiga; colina de Atenas onde se reunia o conselho dos anciãos, a que também se dava o mesmo nome. Dr. Bezerra parece-nos ter utilizado o termo em seu sentido figurado - assembleia de homens eminentes. (Fonte: Infopedia)

406 (Nota do Organizador) Evangelista Torricelli (1608 - 1647) - Físico e matemático italiano, mais conhecido pela invenção do barômetro. (Fonte: Wikipedia).

ignoto a grande lei da hidrodinâmica - Aristóteles ir àquela fonte tirar dela a lei do peso específico - Laplace⁴⁰⁷ e Cuvin⁴⁰⁸ devassarem o mundo planetário - Fulton descobrir o meio de avassalar os mares - e eles veem a ciência suprimir as distâncias - fazer coisas julgadas impossíveis; mas, a despeito de tudo, só acreditam possível o que compreendem a seu modo - e tudo o mais é impossível!

Riem dos que avançam e sabem, mal pensando, que riem de si próprios!

Não tomam a sério o que respeitam as maiores sumidades científicas, mal pensando que não ficam em posição séria aos olhos da alta ciência.

Queremos ver os que riem do Espiritismo descer à arena - mostrar que o ele é diabolismo ou charlatanismo ou loucura - qualificar nestas ínfimas categorias os nomes mais respeitáveis.

Queremos vê-los, convencidos, batendo-se embora por falsas ideias.

O que julgamos abaixo da crítica, é jogarem o sarcasmo - e repelirem o repto, como faziam os fidalgos quando provocados por vilão.

Somente aqui, o fidalgo é, no melhor caso, um homem inteligente e ilustrado - e o vilão é simplesmente um sábio como Crookes - como Zoellner - como Victorien Sardou etc., etc.

É sério? Pode ser tomada a sério semelhante maneira de combater princípios baseados em fatos, que homens de alto saber e incontestável respeitabilidade atestam?

Crookes, em presença de homens da ciência, teve o fato da materialização de um Espírito, provado por todos os modos imagináveis.

Mas Philip Davis mostrou que, sem as devidas precauções, um vivo pode representar de Espírito materializado.

Logo, a experiência de Crookes, embora feita com todas as precauções científicas que ele denuncia em sua obra, é um truque, como o do fantasmagorista Davis.

Logo, porque todo o processo científico pode ser mistificado, nenhum deve inspirar confiança.

407 (Nota do Organizador) Vide nota 61, à página 195 do 1º volume desta coleção.

408 (Nota do Organizador) Não conseguimos localizar a figura de Cuvin.

Logo, a própria ciência, que assenta em tais processos, é uma pulha⁴⁰⁹.

E, assim, o Sr. Davis, com os princípios que estabelece contra o Espiritismo, derrui todo o edifício da ciência - o trabalho de tantas gerações de sábios!!

Que um sábio de carregaçãõ emita um tal despropósito, nada há que admirar; mas que homens de certa imputabilidade literária se firmem nestes paus podres é o que não podemos deixar de admirar!

Realmente, é desgraçada a causa, que obriga a semelhantes recursos, afrontando o próprio senso comum!

Digam francamente: seja o que for o Espiritismo, não queremos tomá-lo a sério - nós queremos rir dele, que isto, embora seja ridículo, é mais sério do que valerem-se de subterfúgios vergonhosos para quem tem ou deve ter um critério literário! Basta!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 27-09-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3907

409 (Nota do Organizador) Gracejo, mentira, dito chulo. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo CCV - O PAIZ, 05.10.1891

Basta, dissemos concluindo, com o nosso passado artigo, as apreciações que fizemos de conceitos formulados neste jornal, contra o Espiritismo.

Basta de digladiar contra cegos, que, inteligentes e ilustrados, se deixam guiar em ciência por uns parvos sustentadores de princípios como este: não há luz natural, porque artificialmente se produz uma luz, que dá para os mesmos efeitos!

Basta de combater um cego, que não pode tomar a sério a verdade, porque está fanatizado - e fanatizado a ponto de repelir a prova experimental e de aceitar o blasfemo dogma da infalibilidade de uma criatura do Ser infalível!

Um homem com atributo de Deus!

Mas respondem a isto - e talvez de boa-fé; o homem somente goza daquela excelsa qualidade, quando representa oficialmente a divindade.

Deixemos passar a escapatória, inocente ou malévola, e perguntemos aos que estão de boa-fé: pode em caso algum representar a divindade um perverso - um licencioso - um incestuoso com sua própria filha?

O dogma não exclui nenhum Papa - e com aqueles caracteres temo-los tido, e devemos contar que os te-lo-emos.

Com atributos de Deus um devasso!

É preciso que a Igreja confie muito na fé passiva, que tem imposto aos fiéis, para definir tão monstruoso dogma!

Jesus, o Cordeiro Imaculado, não pode ter parte alguma com quem quer que seja que pratica a iniquidade.

Como, então, poderá prestar a força divina a alguns destes?

Acaso acreditam que para Deus influi a posição, como influi para os homens?

Obedecemos cegamente aos decretos de um rei, porque é rei; logo, Jesus deve sagrar as decisões, *ex cathedra*⁴¹⁰, de um Papa, porque é Papa!

Horroriza semelhante doutrina, ensinada pela Igreja de Jesus Cristo!

Quando o Salvador disse: “Tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam”⁴¹¹, falou alegoricamente, como sempre e sobre tudo, porque falava à ignorância do seu tempo, para ser compreendido em espírito e verdade, nos tempos já iluminados pelo progresso humano.

Sobre ti, isto é, sobre a pureza e fervor de tua fé, eis o espírito encoberto por aquelas palavras.

O Inferno, isto é, o Mal não prevalecerá contra ela, *scilicet*⁴¹², enquanto assente sobre aquela pedra.

Se é, como quer a Igreja, que Jesus estabeleceu o papado em Pedro, não pode ser, como ensina ela, que Jesus promettesse aos sucessores de Pedro, embora depravados, as graças que ao discípulo e apóstolo concebeu.

Jesus não seria o justo - o puro - o perfeito, se se comprometesse a confirmar o que os sucessores de São Pedro ligassem ou desligassem na Terra.

Seria isto uma imbecilidade ou uma prova de pouco escrúpulo, impossível ambas em um Espírito daquela elevação.

É porque o Papa, resolvendo *ex-cathedra*, dizem as blasfêmias, é inspirado pelo Espírito Santo - e, portanto, é, apenas, o transmissor do juízo do Senhor.

Nova blasfêmia!

410 (Nota do Organizador) “Do alto da cadeira”, já citada à página 110 do 1º volume desta coleção - vide nota 28, e mais: “com autoridade ou em tom doutoral (ex.: falar *ex cathedra*); a cadeira a que esta locução alude é a de S. Pedro; quando o Papa fala *ex cathedra*, é como chefe da Igreja”. (Fonte: Dicionário Priberam online)

411 (Nota do Organizador) Mt. 16:18 - “tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”.

412 (Nota do Organizador) “Isto é”, já citado - vide nota 6 à página 31 do 1º volume desta coleção.

O Espírito Santo, puro Espírito, enviado do Senhor, não pode contaminar-se, assistindo a um devasso! E o Senhor jamais servir-se-á deste para lhe transmitir seus sacrossantos juízos!

Isto, no sentido de ser o Espírito Santo um simples ministro do Senhor, quanto mais no de ser parte da Divina Trindade, que é Deus.

É Deus descendo a uma cloaca para dar ensino à humanidade!

Realmente é preciso levar o fanatismo até à perversão, para ensinar, em nome de Deus, semelhantes monstruosidades!

E o pobre católico que assiste de olhos fechados, porque assim o crê e manda crer a Santa Madre Igreja!

Ora, se, com relação ao dogma da infalibilidade, a falsidade se evidencia até fazê-lo reconhecer por blasfemo, com relação aos mais, que autoridade pode ter o que crê e manda crer a Igreja?

Ninguém - e nós menos quem quer que seja, quer derruir a Igreja de Jesus Cristo, mas sim provar: que a romana, sobre as bases lançadas no Concílio de Niceia, será o que quiserem, menos a Igreja de Jesus Cristo.

A Igreja de Jesus Cristo foi assente sobre a virtude - sobre a verdade: e toda a autoridade, que vive segundo o século, nada tem com a Igreja verdadeira, embora fale em seu nome - e todo o ensino, que não tiver o caráter infalível da verdade, que é sua conformidade com os divinos atributos, não é ensino da Igreja, embora seja dado em seu nome.

A Igreja romana, afastando-se da lei, que lhe pôs seu divino instituidor, está precisamente no caso do sacerdócio hebreu - e, para mais completo ser o símile, repele, por amor de seu poderio, exatamente como fez aquele sacerdócio, a luz, que Deus manda à Terra, de tempos em tempos mais intensa, conforme a maior capacidade compreensiva do gênero humano.

O Espiritismo não quer derruir a Igreja - não quer arvorar-se em Igreja; o que quer é: que Roma aceite as puríssimas verdades, que ele encerra, por vontade do Senhor - abandone o amor pelas mundanidades, que são o seu principal objetivo - apure a lei divina ao crisol da Nova Revelação - e se faça a verdadeira Igreja de Jesus Cristo.

O Espiritismo não pede uma fé passiva, que degrada a um tempo a criatura racional e o Criador; o que quer é: que, por obstinação inconfessável, não se diga: eu não discuto - eu não quero ver, porque não tomo a sério os fatos que os maiores sábios ates-

tam - porque me provocam o riso estes fatos - porque um sujeito aí diz que faz coisas semelhantes.

O Espiritismo, a Nova Revelação de altíssimas verdades, que se impõem por seu racionalismo e pelas provas materiais, não diz: crê ou morre - e crê porque é absurdo; mas sim diz: estuda - examina - e abraça o que te diz a observação e a experiência.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 05-10-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/3970

Artigo CCVI - O PAIZ, 11.10.1891

“Onde forem reunidos (congregati) dois ou três em meu nome, aí estará a minha Igreja”.⁴¹³

Palavras são estas de Jesus que passam, entretanto, pela mente dos fanáticos como o vento pela superfície de uma rocha; sem causarem a mínima impressão, sem provocarem a mais ligeira reflexão.

Como, assim, se tão escravos são da interpretação literária dos livros sagrados?!

Nem tanta liberdade aos senhores exclusivos da verdade absoluta!

Que acreditem e ensinem ao mundo: que ferro é vegetal, porque assim acredita e ensina a Igreja romana, passe. É a cegueira do fanatismo, pior que todas as cataratas.

Que, porém, acreditem e ensinem aquele erro, porque está sagrado pelo infalível; mas levem a cegueira a não atenderem a um texto da mesma origem onde se lê: que ferro é metal, isto não tem qualificação, ou não pode ser qualificado senão como insânia!

Porque Jesus disse: que sobre Pedro fundaria sua Igreja, a Igreja de Jesus estará onde estiverem os sucessores de Pedro.

Mas Jesus disse também: que sua Igreja estará onde dois ou três se reunirem em seu nome; e isto, embora proceda da mesma fonte sagrada, não merece consideração!

Infelizmente não são estes os que nos chamam loucos; porque poderíamos lembrar-lhes a Parábola da Trave e do Argueiro.

413 (Nota do Organizador) Mt. 18:20.

Compreende-se que tem a razão completamente obliterada quem aceita o pró, porque está escrito, mas não aceita o contra, apesar de estar escrito.

De que serve provar com argumentos, como estes, que o fundamento de sua fé - de sua fé, que causa ciúmes a um muçulmano, se contradiz, e, portanto, se destrói?

De que serve convidá-los a virem ver os fatos - os fatos em todo o rigor da experiência material, segundo os processos científicos, para o descobrimento da verdade?

Roma qualifica de - diabolismo - a ciência - seus processos - suas descobertas - tudo o que pode provar erro em seus ensinamentos; e, pois, pode Galileu demonstrar quanto quiser, que o Sol não gira em torno da Terra, que seu diabolismo, destruindo a sagrada verdade, consignada na Escritura de ter Josué feito o Sol parar⁴¹⁴, não arrastará os puros infalibilistas.

Pode o Espiritismo provar, como se prova a frialdade do gelo, que os Espíritos se comunicam; que seu diabolismo, nunca jamais tão bem caracterizado, não prevalecerá contra a doutrina santa: de irem as almas, logo que deixam a vida, para um cárcere, luminoso ou tenebroso, donde não podem mais sair.

Pode o filósofo citar e fazer clara a contradição dos dois textos: de estar a Igreja exclusivamente onde estiver o Papa, e de estar onde se reunirem dois ou três em nome de Jesus, uma vez que sejam interpretados literalmente; que o maldito não conseguirá aluir⁴¹⁵ a pedra posta por Jesus, embora empregue um aríete legado por Jesus.

414 (Nota do Organizador) Vide Josué 10:12-13: "Então Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor deu os amorreus nas mãos dos filhos de Israel, e disse na presença dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeom, e tu, lua, no vale de Ajalom. E o sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos. Isto não está escrito no livro de Jasher? O sol, pois, se deteve no meio do céu, e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro". "Milagres" não existem, bem o sabemos... Para compreensão desse estranho fenômeno, à luz da Doutrina Espírita, sugerimos a leitura do volume "De Jesus para as Crianças", de Bittencourt Sampaio por Frederico Pereira da Silva Jr., Ed. CRBBM, 2015, às páginas 48 e 49.

415 (Nota do Organizador) Fazer cair ou ir abaixo; abater, derrocar, desabar, desmornar, ruir. (Fonte: Dicionário Priberam online)

A Igreja romana manda crer no movimento de translação do Sol; e, portanto, anathema sit⁴¹⁶ a quem, embora vendo que o Sol não gira, acreditar no que diz, em contrário à Igreja, o diabolismo.

Podíamos aqui demonstrar: que não há contradição entre os dois textos do Evangelho, uma vez entendidos, como devem ser entendidos, todos os ensinamentos do divino Mestre - em espírito e verdade que não literalmente, porque ele mesmo disse: que a letra mata e o espírito vivifica; mas para que cansarmo-nos?

Enquanto Roma disser, sou infalível, cá fora bradarão os fiéis: Amém.

Não há lógica contra a fé cega! Não há provas para a razão obliterada!

Vê-se a contradição palpável, que apontamos; e não se abalam - nem nos perguntam: acreditais, vós, que Jesus foi contraditório?

Aos que têm fé, mas fé como Deus quer, fé esclarecida - aos que têm olhos para ver que Roma não é a pedra sobre a qual Jesus edificou sua Igreja, pois que dá testemunho em contrário à lei do Cristo, como por exemplo em bater-se pelo reino do mundo, quando Jesus disse: regnum meum non est ex hoc mundo⁴¹⁷ - aos que diante desta flagrante oposição de Roma à lei de Nosso Senhor Jesus Cristo, lei fundamental de sua Doutrina, não podem crer na infalibilidade - a estes diremos, com a mão na consciência e os olhos em Deus:

Assentando sua Igreja sobre a pedra da verdadeira fé, que supõe a prática das virtudes evangélicas, Jesus não deu autoridade exclusiva a ninguém, como sustenta a Igreja que a deu ao Papa, mas deu-a a todos os que se reunirem em seu nome.

Em seu nome, quer dizer: possuídos de uma fé ardente e das virtudes evangélicas.

Assim, o Papa que renunciar às coisas da Terra pelas do Céu, como fez o Divino Modelo, este será pedra da Igreja de Jesus Cristo.

Aquele, porém, que se empenhar pelas coisas do reino temporário, este não é - não pode ser, aquela pedra; é falso profeta.

416 (Nota do Organizador) Vide nota 147 à página 294 do 1º volume desta coleção.

417 (Nota do Organizador) Jo. 18:36 - "Meu Reino não é deste mundo", já citado.

Assim, também, simples clérigos, ou mesmo leigos, que se reunirem, no puro sentimento da fé, para curarem⁴¹⁸ das coisas divinas, estes terão a assistência de Jesus Cristo,

Eis como se conciliam perfeitamente os dois textos sagrados, desde que, em vez de tomá-los pela letra, toma-mo-los pelo espírito.

Assim, fica a Igreja sem sede e sem cabeças, dir-nos-ão os novos fariseus.

Pois bem; o que é mais consentâneo com a verdadeira religião: que tenha por sede uma prostituta e por cabeça um incestuoso - ou que erga seu templo onde houver pureza de coração e dê poderes a todo o que sinta e ensine as sagradas verdades do Evangelho?

Nos primeiros tempos, o Cristianismo teve sede - teve cabeça? Entretanto, foram os tempos de suas glórias.

A cabeça que os homens lhe deram, raras vezes digna de o ser - geralmente cheia de planos de domínio terrestre, tem sido a pedra de escândalo, porque ninguém pode reconhecer num crápula o representante de Jesus Cristo. Isto é duro, mas é a verdade!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 11-10-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4008

418 (Nota do Organizador) No sentido de cuidar, ocupar-se, tratar de coisas relativas à determinada área ou tema. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo CCVII - O PAIZ, 18.10.1891

O Espiritismo não é uma concepção individual, a que se possa atribuir especulação ou hiperexcitação cerebral.

A doutrina oriental da Índia teve seu código lavrado por Manu - talvez o código mais sábio do mundo.

Manés foi o criador da teogonia egípcia, que, na Antiguidade, dominou o Ocidente, pela Grécia e pela senhora do mundo.

Moisés deu a lei aos hebreus, de que a Doutrina de Jesus foi o desenvolvimento, assim como a de Buda em relação ao Bramanismo.

Zoroastro formulou o Masdeísmo pérsico com os princípios morais desconexos dos caldeus.

Sakyamuni, finalmente, - e Jesus são os símbolos das duas mais generalizadas doutrinas morais e religiosas do nosso tempo.

Não falamos de Maomé, porque consideramos o Islamismo antes um meio político, do que uma teogonia.

Um espírito suspicaz⁴¹⁹, destes infelizes que não veem por toda a parte senão dolo e má-fé, pode impugnar o Bramanismo e o Budismo - o magismo egípcio e o Masdeísmo - o Mosaísmo e o Cristianismo - e até o Islamismo, porque todas estas doutrinas são concepções individuais, como a ciência do politeísmo saiu da cabeça de Minerva.

Por mais respeitáveis que sejam os nomes que as criaram e lhes deram curso, o pessimista que não aprofunda a verdade de seus princípios, pode atribuir-lhes pelo menos, vesânia. Como, porém, fazê-lo a respeito do Espiritismo, que não é obra de algum homem? - que não é o resultado de alguma concepção humana?

419 (Nota do Organizador) Aqui no sentido de desconfiado. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Apresentam Allan Kardec como criador do Espiritismo; porém isto só por ignorância ou por má-fé, para poderem acusar falhas na obra, em razão das naturais fraquezas do autor.

Allan Kardec, que os espíritas veneram por sua austeridade moral - e por sua elevada e bem-equilibrada inteligência, não inventou a Doutrina Espírita.

Sua missão, digna de ser invejada pelos maiores personagens da Terra, não foi a de Messias, como a de Jesus, que doutrinou, espalhando a puríssima luz de seu divinal saber.

Allan Kardec foi escolhido para missionário da nova lei, da Revelação complementar do ensino sagrado do Cristo.

Missionário é coisa muito distinta de Messias - e muito inferior, embora seja uma distinção, que faria o orgulho dos reis da Terra, por ser uma prova de confiança do Rei dos reis.

O Messias, porém, é o imediato transmissor da vontade do Pai - e dá, de sua luz, a luz que o Pai quer dar ao mundo, na medida da capacidade deste.

O Messias dá a lei - o missionário propaga.

Àquele podem os cegos de espírito atribuir enganos - erros - má-fé; a este não, porque não produz de si coisa alguma - e o que faz é segundo o padrão, que lhe foi dado e que serve para se aferir por ele o que ele faz.

O ensino messiânico reclama a fé - e, portanto, quem não a tem, pode não recebê-lo.

O ensino do missionário reclama simplesmente estudo: a comparação do que ensina com a lei de que é ministro.

Mas a lei? qual a lei de que Allan Kardec foi ministro? Por outra: donde veio o Espiritismo?

Moralmente, o Espiritismo é o cumprimento da promessa feita pelo Cristo: de que mandaria, quando a humanidade já se achasse em condições de receber, completar o ensino das verdades eternas, que não pôde Ele fazer completo, por causa do atraso de seu tempo.

Isto é com o clero católico.

Materialmente é o resultado da infinidade de fatos, que se deram - e dão-se, por todos os países do mundo - e nas mais variadas condições.

Estes fatos, que vieram descobrir aos homens leis novas, como a da comunicação dos Espíritos - a das penas temporárias e corretivas - e a da pluralidade de existências da alma, foram sis-

tematicamente coordenados por Allan Kardec e espalhados, em suas obras, por toda a Terra.

O missionário cumpriu sua missão - e quem duvidar de sua sinceridade não tem mais que confrontar o que ele ensina com a verdade dos fatos, que foram o padrão de seu ensinamento.

O Espiritismo, única exceção! teve primeiro seu corpo de experiências, para depois ter o de teorias!

Aqui, em vez de se procurar a experiência para verificar-se a exatidão da teoria, foi a teoria que se formou por dedução da experiência!

Isto é com os homens da ciência.

Como, então, poderá o mais suspicaz, o mais ferrenho pessimista atacar o Espiritismo?

Quem responde por sua exatidão, não são homens, de quem ele seja uma concepção, que se possa suspeitar de erro.

Quem responde por sua exatidão, são os fatos, que constituíram seu corpo - são os fatos, que, em todo o tempo, podem ser evocados.

Pôr em dúvida, pois, o Espiritismo é pôr em dúvida a existência dos fatos, em que ele se firma.

E quem põe em dúvida coisa de tanto valor, que, em poucos anos, já percorre toda a superfície da Terra, tem obrigação moral - e dever de honra de firmar os fundamentos de sua dúvida.

Se, pois, estes fundamentos estão à sua disposição - e ele os evita; dá-nos a nós o direito de dizer: ou são todos, empavesados literatos de nossa sociedade - ou são pobres sectários do sacerdócio hebreu, que combatem a verdade, por amor das benesses!

Não seremos tão impiedosos que mandemos todos os discos para o hospício e para o Inferno, como fazem eles.

Há uma espécie, que, porventura, vem salvar do desprezo público a bandeira da oposição: é a dos fanáticos e dos sistemáticos, gente que procede de boa-fé, embora possessos do espírito da mais lamentável loucura! Deus se compadeça deles!

Max.

(Da União Espírita)

Artigo CCVIII - O PAIZ, 25.10.1891

Os fatos, fatos que a ciência não pode explicar, multiplicam-se por toda a parte.

Eles que se dão, alguma razão há o que os determina, porque nihil sine ratione sufficiente⁴²⁰.

Qual será a razão desta multiplicidade de fenômenos extraordinários, que nos vem, como uma chuva de estrelas cadentes, nesta última parte do século XIX?

Simples acidentes, não podem ser, porque prendem-se todos a uma ordem de ideias, revelando, por este caráter, o mesmo princípio causal e, o que mais é, um mesmo intuito.

Aquele princípio, por isso mesmo que os coordena e encaminha para um fim, revela-se inteligente, pois que só a inteligência tem o dom de produzir uma ordem - sistemática - e harmonicamente.

O intuito? Se conseguirmos descobrir a causa, te-lo-emos descoberto.

Os grandes sucessos, que devem influir sobre o destino da humanidade, são sempre precedidos e acompanhados de fatos, que parecem sair da ordem natural, qualificados, pela ignorância dos homens, de milagres.

Digamos incidentalmente: que tudo no universo obedece a leis eternas e imutáveis - que, por não as conhecermos, qualifica-

420 (Nota do Organizador) "Nada acontece sem que haja uma razão determinante" - ou suficiente. O chamado "princípio da razão suficiente" foi proposto por Leibniz. Segundo ele, quem conhece bem as coisas pode dar a um fenômeno uma razão que por si só é suficiente para explicá-lo. Por exemplo, diante da realidade factual de uma nevasca, é possível explicá-la a priori, sem recorrer à experimentação, apenas com base no histórico do clima em dada região. (Fonte: Wikipedia)

mos de milagre - de mistério, fenômenos essencialmente naturais - que, pelo progresso do saber humano e conhecimento de novas leis, são explicados - tomam posição na ordem natural, muitos milagres - muitos mistérios, que o foram para as anteriores gerações, como os que ainda o são para a atual, deixarão de sê-lo para as futuras.

A descida do Cristo ao planeta que habitamos, foi precedida por extraordinárias profecias, entre as quais conta-se a de Daniel, 490 anos antes do fato⁴²¹, que surpreende pela exatidão e minuciosidade com que assinala os mínimos incidentes: o domínio romano⁴²² - o nome do imperador - o do governador da Judeia - o nascimento em Belém, n'uma manjedoura - a adoração dos magos - a degolação das crianças, etc., etc., etc.

Os milagres que acompanharam a passagem do divino Messias pela Terra, são muito conhecidos para precisarmos rememorar.

Digamos, porém, a este respeito: que nenhum merecimento tira ao excelso taumaturgo a doutrina, que estabelecemos, de não haver realmente milagre, o que vale por negação dos que se atribuem a Jesus.

Jesus não fez milagres, no sentido de produzir fenômenos contrários às leis naturais, estabelecidas por Deus, porque, se assim fosse, teria Ele dado o exemplo do desrespeito às leis do Pai.

Jesus o que fez foi produzir fatos, cujas leis nos são desconhecidas, mas são Dele perfeitamente conhecidas, devido à sua inimaginável elevação, quer moral, quer intelectual.

Assim, pois, o fato de ter Ele a ciência e o poder de jogar com leis, que a nossa humanidade ainda não logrou surpreender, eleva-O mais do que se tivesse suspenso a ação das leis naturais, porque O engrandece intelectual e moralmente.

Em todo o caso, a Revelação messiânica foi precedida e acompanhada de sucessos inexplicáveis - digamos: miraculosos.

421 (Nota do Organizador) Situa-se a vida de Daniel entre os anos 606 e 534 a.C.. (Fonte: R.N. Champlin - "Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia" - Vol. 5, pág. 426)

422 (Nota do Organizador) Vide "O Livro de Daniel", capítulos de 07 a 12, onde reúnem-se quatro visões proféticas. Essas menções são todas simbólicas, e requerem acurada interpretação, que não nos foi possível ainda apreender. Aos que desejarem aprofundar-se nelas, sugerimos inicialmente a leitura de R.N. Champlin - "Comentários sobre o Antigo Testamento" - Vol. 5, Pág. 3402-3430.

Jesus disse, como está escrito no Evangelho de São João, que seu ensinamento estava incompleto, porque o que lhe faltava ensinar, não podia ser compreendido pela humanidade de seu tempo - daqueles tempos - e prometeu completá-la tão depressa o mundo estivesse apto para receber a divina semente⁴²³.

Devia, pois, o mundo cristão esperar a Nova Revelação, com tanto fundamento como tinham os judeus para esperarem o prometido Messias.

Nos Atos dos Apóstolos e em Joel, do mesmo modo como se deu por Daniel, estão descritos os sinais que devem preceder o fim do mundo, que a Igreja toma literalmente, mas que deve ser entendido em espírito, por fim do mundo moral, isto é, do mundo de expiação, que é a Terra.

Ora, estes sinais estão-se dando, tão exatamente como se deram os profetizados para a vinda do Redentor: velhos - mulheres - crianças profetizam, isto é, manifestam, em todos os tons, mediunidades desconhecidas, que lhes dão para revelarem os mistérios do além-túmulo, e o destino futuro dos Espíritos.

O que concluir daí?

Quem não pertencer à ordem dos judeus, que, a despeito da conformidade dos fatos com a sua predição, não reconheceram o anunciado; diante dos fatos estupendos, que se estão dando, todos conformes com a nova predição, é obrigado a reconhecer: que são chegados os tempos da realização da promessa de Jesus.

O Espiritismo, complemento do Evangelho, encerra o ensinamento que Jesus não pôde dar, porque é moral e intelectual, ao mesmo tempo, isto é, funde numa só peça a ciência e a religião, as duas asas do Espírito para subir ao altíssimo destino da humanidade.

E porque ele é a anunciada Revelação, ele é acompanhado por esses fatos, que se dão, fora da ordem conhecida, nas épocas dos grandes sucessos, que devem influir sobre o destino da humanidade.

Jesus prometeu a Nova Revelação, pelo Espírito de Verdade - e, efetivamente, são altos Espíritos os que têm baixado a darem o ensino espírita.

São demônios? Estudem o Espiritismo e - julguem pelo critério divino: de que a árvore se reconhece pelo fruto⁴²⁴.

423 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12-15, já citado.

424 (Nota do Organizador) Vide notas 256 e 376, pgs. 227 e 355 deste volume.

E, se não se contentarem com o estudo, desçam à experiência; porque a Nova Revelação, por isto que é também científica, é apreciável pela experiência, tanto como pela razão.

Por aí reconhece-se categoricamente: que o princípio causal dos fatos estupendos, que se estão dando em nosso tempo, é de natureza divina.

O intuito ou fim de tais manifestações não pode, portanto, ter caráter diferente.

Deus, em seu amor por seus filhos, não só lhes dá a luz, tão intensa quanto o permitem seus olhos; como provoca-lhes a atenção para não se perderem.

Os fatos que se estão dando, são, pois, a voz do Senhor, chamando a humanidade para o estudo da verdade que lhe revelou.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 25-10-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4096

Artigo CCIX - O PAIZ, 01.11.1891

Chega-nos a notícia da aparição de uma nova seita, que anuncia o fim do mundo e a próxima descida do Cristo.

Como é sabido, as Escrituras falaram do fim do mundo e da descida do Cristo, que vem, no tremendo dia - dies irae - julgar os vivos e os mortos.

Os adventistas, como se denominam os sectários da nova seita, vendo os fatos extraordinários da mediunidade, espalhados por toda a superfície da Terra, e sucessiva e progressivamente mais frequentes e mais admiráveis, concluem que são chegados os tempos anunciados.

Não são, pois, tão visionistas⁴²⁵ como pode parecer aos espíritos levianos e superficiais.

E menos parecerão tais, se aprofundarmos o estudo da matéria.

Cada planeta, que não é criado sem um fim - e que hoje sabe-se: ter altíssimo fim, qual é servir, como a Terra, de habitação à espécie humana, tem sua evolução, em obediência à lei geral da criação.

Como o indivíduo do mundo material faz o progresso material, que a ciência determina perfeitamente, marcando-lhe as fases, desde a nebulosa até seu completo desenvolvimento.

Como centro de habitação do ser racional, faz o progresso moral, isto é, diz-se mundo mais ou menos adiantado, conforme o é a humanidade que o habita.

425 (Nota do Organizador) O texto original traz "visionistas", mesmo, e não localizamos o termos nos dicionários. Parece-nos que Dr. Bezerra se serviu propositadamente desse neologismo na forma de gracejo com a palavra "visionários", para salientar a mordacidade das críticas feitas à nova seita.

E ensinam os Espíritos: que tudo está regulado por modo que ocupem os mundos mais atrasados fisicamente, as gerações humanas também mais atrasadas - e nas mesmas relações, até os mais adiantados.

Quando um mundo (um planeta) tem, por sua evolução material, subido a um grau superior, na escala do progresso material dos mundos, ficando assim em desequilíbrio com as condições de seus habitantes, que não tenham feito igual progresso moral, alguma coisa é preciso, em bem de se cumprir a lei da indispensável correspondência entre a material e moral de cada mundo.

Se assim não fora, teríamos mundos adiantados com habitantes atrasados - e mundos atrasados com habitantes adiantados, o que é contra a sublime ordem posta por Deus.

Em tais casos dá-se o que as Escrituras denominaram - fim do mundo: do mundo moral, que não do material.

O planeta continua, mudando apenas de condição - subindo de ordem - passando, por exemplo, de mundo de expiação, como é a Terra e muitos outros, a mundo de regeneração, como são os que lhe estão acima, e a que deve ser nossa aspiração subirmos, porque nestes faz-se o progresso humano por entre risos e flores, que não mais a custo de dores e torturas como neste Purgatório.

O planeta, pois, continua, não acaba, como acreditam os que interpretam as Escrituras pela letra; mas não continua com ele sua humanidade, isto é, não [todos] os que o habitavam, porque, [parte desta não fez o]⁴²⁶ progresso moral correspondente ao material, que ele realizou.

Como, porém, entre seus habitantes, muitos há que têm realizado seu aperfeiçoamento em grau de poderem acompanhá-lo no voo, vem daí, após a perda da habitação [por parte dos primeiros]⁴²⁷, após o chamado - fim do mundo - o que as Escrituras chamam - Juízo Final.

Juízo Final não é o que ensina a Igreja, ainda aqui, como a respeito do fim do mundo, arrastada a lamentável erro, por seguir a interpretação literária, em vez de procurar interpretar em espírito e verdade.

426 (Nota do Organizador) Acréscimos nossos, para melhor compreensão do texto original.

427 (Nota do Organizador) Idem anterior.

Juízo Final, como ela ensina, é uma monstruosidade que escandaliza a razão - e fere de face as perfeições infinitas do Criador.

Com efeito, se depois da morte as almas são julgadas - e, por esse julgamento, têm definido seu eterno destino, sendo umas mandadas para o Inferno e outras para o Céu, os dois eternos absolutos, o que vem a ser, depois disto, o Juízo Final?

Ou é uma inutilidade, se não altera o primeiro julgado - ou altera-o; e, neste caso, teremos bem-aventurados rebaixados para o Inferno - condenados ao Inferno sublimados ao Céu - ou ambas as coisas!!!

Fujam, se puderem, às pontas deste dilema, que disseca o falso suposto da Igreja romana, cujo edifício, perdida esta pedra, não pode sustentar-se em equilíbrio.

Juízo Final é, em espírito e verdade, a separação ou distinção dos que têm o toque para acompanharem o planeta em sua ascensão - e dos que não o têm.

Tratando-se especialmente da Terra, de quem o Cristo é o regedor-soberano - Deus, diz-se em verdade, que Ele baixará naquele dia - e chamará para a sua direita os carneiros (os que podem subir com o mundo) - e chamará para a esquerda os bodes (os atrasados) - concluindo pela sentença: "Ide, vós que seguistes a lei de meu Pai, gozar as delícias que Ele vos preparou - e vós, que as desprezastes, ide para o Inferno."

Efetivamente, os que subirem com a Terra, quando deixar de ser mundo de expiação, terão concluído a fase calamitosa de sua evolução e irão gozar, para sempre, delícias de mais em mais sublimadas, na medida do progresso que fizerem - e os que forem condenados ao Inferno, isto é, a um mundo mais atrasado que a Terra, terão torturas tanto maiores quanto para eles a Terra será um paraíso.

A condenação, porém, não é eterna, porque esses infelizes têm, em todo o tempo, o poder, que Deus deu a todos os filhos de se arrependem - regenerar-se - e subirem.

Eis o que é o fim do mundo, segundo a Revelação espírita, todos os dias confirmada pelos Espíritos do Senhor.

De que ele está próximo, di-lo esta mesma Revelação, e provam-no os fatos extraordinários preditos por Joel e anunciados nos Atos dos Apóstolos⁴²⁸.

428 (Nota do Organizador) Joel 2, 28 e 29 e Atos, 2:16-18.

Os adventistas têm, no fundo, sua razão - e são bem felizes por se prepararem para o dies irae, evitando assim serem classificados entre os bodes.

“Quem tem olhos de ver, que veja”.

“Quem tem ouvidos de ouvir, que ouça”.⁴²⁹

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 01-11-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4136

429 (Nota do Organizador) Mt. 11:15 e 13:9-17; Mc. 4:9 e 23.

Artigo CCX - O PAIZ, 08.11.1891

Que os adventistas não são impostores, mostramos em nosso passado artigo, demonstrando que sua doutrina, que se limita à apreciação de um fato, baseia-se nos textos sagrados e nos ensinamentos da Igreja romana.

Dizem aqueles e ensina esta: que o mundo acabará e que virá o tremendo juízo de Deus sobre a humanidade, que ficará eternamente no pé em que se achar, sem mais poder avançar e constituindo, para sempre, os dois reinos do Bem e do Mal, dos felizes e dos desgraçados - dos bem-aventurados e dos danados.

Se há de ser assim ou se não, é do que eles não cogitam; aceitam simplesmente o princípio e apreciando as condições atuais do mundo, julgam que os tempos são chegados.

O cético - o materialista - o ateu - o incrédulo em suma podem rir deles, com a mesma razão com que riem do católico - do ariano - do calvinista - do espírita - do espiritualista, enfim; mas o crente o mais que pode dizer, é: que são visionários quanto à determinação do tempo, em que se deve dar o fato esperado.

Serão visionários? Terão razão os que por tais os tomam?

Não há seita - escola - ou mesmo opinião, que não encerre em si alguma coisa de verdade, desde que não sustente princípios absolutos.

O próprio materialista, com recusar a existência real dos Espíritos, não deixa de ter, no fundo de seu sistema, uma grande verdade: a existência do mundo material, com suas variabilíssimas transformações.

Sua falta está em transformar as leis relativas à matéria em princípios absolutos: tudo é matéria - a matéria, por suas varia-

bilíssimas transformações, cria o Universo e todos os seres que o compõem.

Não falamos do ateu, porque o próprio que nega a existência do Criador, confessa-a nessa força, que, unida à matéria, dá origem a tudo - é criador de todas as coisas.

Parece que Deus, em atenção às fracas forças da criatura finita, subdividiu a verdade infinita em milhares de partes, para que cada seita - cada escola - cada opinião, compreendendo uma ou mais daquelas partes, venham, no correr dos tempos, pela fusão de todas, a concretizarem toda ela em uma única.

Em religião, quem se atreverá a dizer, à luz do senso comum, que há uma em que não existem princípios verdadeiros - e que há uma em que só existem verdades?

Todas contêm elementos da Verdade absoluta - e a mais verdadeira é a que as contém em maior cópia.

A católica está neste caso, mas, entre seus dogmas, há princípios humanos, que a Igreja toma por divinos, e que são falsidades, como, por exemplo: a infalibilidade do Papa (blasfêmia) - a vida única (contrária à razão humana e à perfeição de Deus) - as penas eternas (monstruosidade, que faria de Deus um tirano) - e esse Juízo Final, que atestaria, pelo menos, que Deus perde tempo com coisas ociosas.

Com o correr dos tempos, como dissemos, e pelo progresso da humanidade, os princípios falsos de todas as religiões ir-se-ão tornando patentes - os verdadeiros fulgurarão - e todas fundir-se-ão n'uma com as verdades de todas e sem nenhum de seus erros. Será a religião universal - o puro Cristianismo, pelo qual o homem adorará o Pai no grande templo da natureza.

As bases já estão lançadas: é o Espiritismo, religião e ciência - Revelação complementar da messiânica, prometida por Jesus - e assinalada por Joel e pelos Apóstolos.

Rirão deste conceito, principalmente os católicos; mas rirão, porque não seguem a lei do Cristo, que mandou julgar a árvore pelo fruto.

Se seguissem esta lei, que dá o critério infalível da verdade, admitiriam: a infalibilidade do Papa, isto é, a assistência de Deus a um incestuoso? - admitiriam vida única, isto é, criar Deus o Espírito perfectível, quer dizer, com destino à perfeição, e dar-lhe apenas uns minutos, no tempo, e cortar-lhe o fio da carreira por toda a Eternidade? - admitiriam penas eternas; isto é, castigo de morte pelas faltas de um momento, e faltas cometidas por quem

recebeu de origem condições de cometê-las? - admitiriam os dois eternos absolutos, Céu e Inferno, isto é, a eternidade do mal, verdadeiro triunfo do anjo rebelde contra seu Criador?

Se seguissem aquela lei, analisando os dogmas espíritas, que derrogam aqueles, filhos do atraso humano, em épocas em que a verdade precisava deles, como a luz muito viva precisa do abajur, reconheceriam: que estes falam à razão e à consciência e exaltam os infinitos atributos da divindade.

Nada de criaturas imperfeitas revestidas de qualidades divinas, que só a Deus pertencem.

Nada de suspensão eterna da perfectibilidade, que foi dada para ser infinitamente desenvolvida, salvo se o foi por simples gracejo.

Nada de penas eternas, que dão a Deus o caráter humano de vingativo; mas sim penas temporárias e corretivas, que Lhe dão o caráter de Pai de infinito amor.

Nada de triunfo do Mal, que degrada o Criador, mas, sim, o do Bem, porque a salvação é universal, sem prejuízo dos castigos aos que falirem na prática do bem.

Por bem: é o Espiritismo que, interpretando os textos sagrados relativamente ao fim do mundo, isto é, do despovoamento da Terra pelos seus atuais ocupantes, para subir do mundo de expiação, nos diz:

“Não nos é dado precisar fatos; o que podemos é dizer: haverá muitas ruínas e desolações, porque os tempos preditos, para uma renovação da humanidade, são chegados.

“Pergunta - Haverá algum cataclismo?

“Resposta - Material, como o entendeis, não haverá, porém. flagelos de todas as qualidades - a guerra dizimarará os povos - as instituições caducas se afundarão em ondas de sangue. É preciso que o mundo velho se esboroe, para abrir nova era ao progresso.

“Pergunta - Nada parece, entretanto, pressagiar próxima tempestade.

“Resposta - Tudo está suspenso por um fio de aranha, já meio corroído.

“Pergunta - De onde partirá a primeira fâisca?

“Resposta - Da Itália.”⁴³⁰

430 (Nota do Autor) Extraído de uma comunicação feita a Allan Kardec, em 7 de maio de 1856, sendo médium Mlle. Jafé. - (Nota do Organizador) Vide “Obras Póstumas” de Kardec, ed. FEB, item “Acontecimentos - 7 de maio de 1856”.

Os Espíritos, esses mesmos que fizeram a revelação dos dogmas espíritas, anunciam, pois, o mesmo que os adventistas, com a diferença, porém, de que explicam no que consiste o fim do mundo - e o modo gradual, por que ele se dará.

Os fatos aí estão à disposição do observador, para que diga: se de 1856 para cá temos ou não temos tido, por toda a parte, flagelos desusados e horríveis morticínios por desastres.

E quanto à guerra universal, digam os estadistas; se estão tranquilos a tal respeito.

As coisas marcham - o fio, que suspende e sustenta o mundo velho, não pode resistir por muito tempo mais - a transformação não pode tardar.

Embora não haja um cataclismo - embora não corramos perigo de ser atirados, em massa, aos Infernos católicos, cumpre, entretanto, a todos não desprezar a luz que Deus nos manda, para nos salvarmos do naufrágio.

Os fatos - os fenômenos destruidores de toda a ordem estabelecida e cimentadores da nova ordem, aí estão à disposição dos que tiverem boa vontade.

Num século de positivismo, Deus, em sua misericórdia, não mandou distribuir a luz por palavras; mandou fatos que dessem dela prova experimental - positivista. Louvado seja Ele!

Só não verá quem não quiser ver - e estes só de si se queixarão.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 08-11-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4176

Artigo CCXI - O PAIZ, 15.11.1891

Na “Carta Parisiense” de 23 de setembro, publicada em “O Paiz” de 25 de outubro, tudo do corrente ano⁴³¹, lemos a narração de uma Sessão Espírita, em Nápoles, a que assistiram os sábios professores: Lombroso - Tamburini⁴³² - e Vizioli⁴³³.

Lombroso⁴³⁴, um dos vultos mais eminentes da moderna ciência italiana, é, naquele país, o mais terrível adversário do Espi-

431 (Nota do Organizador) É possível ler o texto original da referida edição, citada por Dr. Bezerra, no endereço http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4095 - Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

432 (Nota do Organizador) Augusto Tamburini (1848 - 1919) - psiquiatra e acadêmico italiano .

433 (Nota do Organizador) O original traz Viziali, mas deve ser outro caso de variação na transliteração. Havia dois Srs. Vizioli no grupo de estudos de Lombroso - um chamado Francesco, neuropsiquiatra de Nápoles, e outro Raffaello, ambos médicos e professores. Ficamos em dúvida, portanto, sobre exatamente a qual dos dois Dr. Bezerra se refere, e nem conseguimos levantar dados biográficos sobre eles. (Fonte: Pesoli, Fabrizio. Tese “Aspetti Della Ricerca Scientifica Sullo Spiritismo in Italia (1875-1915)”, Universidade de Milão, 1998-1999. - Vide: https://www.studisemeriani.it/portal/wp-content/uploads/2015/08/Pesoli_aspetti_della_ricerca_scientifica_sullo_spiritismo_In_Italia_1999.pdf)

434 (Nota do Organizador) Cesare Lombroso (1835 - 1909) foi um psiquiatra, cirurgião, higienista, criminologista, antropólogo e cientista italiano, conhecido mundialmente. Ao deparar-se com os fenômenos mediúnicos, primeiramente ridicularizou-os, mas após pesquisas com a médium Eusápia Palladino, que resultaram na materialização de sua mãe, reconheceu publicamente seu erro e passou a estudá-los. Dr. Bezerra brinda-nos, neste artigo e em outros, no próximo volume, com o registro “em tempo real” dos episódios que levaram a essa mudança de opinião. Ao final de sua vida Lombroso publicou o volume “Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici”, em 1909, traduzido e lançado no Brasil pelas editoras FEB e LAKE.

ritismo, como o tem demonstrado na gigantesca discussão com o eminente Chiaia⁴³⁵, mas acima de tudo é um sábio - e só os sábios por pergaminhos se recusam ao estudo dos fatos contrários a seu modo de ver.

Lombroso não acredita nos fundamentos da ciência espírita; mas isto não obsta a que procure estudar, sempre que se lhe oferece ocasião, os fenômenos espíritos, como bem o prova o fato de achar-se com Tamburini e Vizioli, n'uma sessão de Espiritismo.

Para conhecer-se o que naquela sessão se deu, melhor não podemos fazer do que transplantar para aqui o que refere o cronistade de "O Paiz".

"[...] Depois de uma pequena pausa, a mesa principiou a mover-se lentamente, e pouco a pouco os movimentos aumentaram de intensidade.

"O Sr. Lombroso constatou que a mesa se levantava e avaliou em cinco ou seis quilogramas a resistência da pressão que tinha que exercer com as mãos para fazer cessar os movimentos convulsivos da mesa. O ilustre criminalista atribui este fenômeno à ação de uma força magnética desconhecida.

O secretário da sessão espírita pediu à mesa vários sinais, que não se fizeram esperar. E foram eles primeiramente umas pancadas surdas e depois o ruído de arranhadelas, que causou grande espanto aos assistentes.

"Para poder saber se estes fenômenos eram luminosos, Lombroso reclamou que se apagassem as luzes - e mesmo em plena escuridão os fenômenos continuaram.

"Pouco depois ouviram-se pancadas violentas no centro da mesa e uma campainha, que estava sobre uma jardineira, levantou-se no ar, retinindo e badalando por cima da cabeça dos assistentes, e, depois de ter descrito um círculo em volta da mesa, voltou enfim de novo ao mesmo lugar.

"Lombroso, ainda incrédulo, pediu que se repetisse desta vez este fato extraordinário, e a campainha começou de novo a tocar, sem que ninguém lhe tivesse mexido.

435 (Nota do Organizador) Ercole Chiaia / Conde (1850 - 1905) - espiritualista italiano, particularmente conhecido pela promoção dos estudos sobre a médium Eusápia Palladino.

“A pressão da mesa era tal, que um dos assistentes teve de se retirar, porque sentia-se sem forças para sustar⁴³⁶ os movimentos do pequeno móvel.

“Quando o Sr. Ascenzi⁴³⁷ se afastou, rompeu-se a cadeia magnética; mas, formada de novo, a campainha principiou seus misteriosos círculos aéreos. Tamburini acendeu repentinamente um fósforo e viu, com seus próprios olhos, a campainha, ainda vibrante no ar, cair bruscamente sobre o tapete, a dois metros do médium.

“Os fenômenos da mesa, voando e passeando ao longo do quarto, sem tocar no chão, deslumbravam os sábios professores. O Dr. Vizioli declarou que a hipótese da corrente magnética não basta para explicar o fenômeno do movimento.

“O Sr. Lombroso sentiu a cadeira em que estava sentado abaixar-se e afastar-se como se alguém lha quisesse retirar.

“No entanto, por detrás dele não estava pessoa alguma.

“A cadeia das mãos conservou-se sempre no meio destes fenômenos espíritas. Foi o que mais impressionou Lombroso, que tencionava demorar-se mais alguns dias em Nápoles para assistir a novas experiências do Espiritismo [...]”

O sábio jurisconsulto italiano demora-se mais alguns dias, para assistir a novas experiências do Espiritismo - os nossos sábios de carregação, ou escrevem códigos reduzindo o Espiritismo a nigromancia e charlatanismo - ou declaram que não tomam a sério semelhante coisa, que lhes provoca o riso - ou fazem-nos a honra de considerar-nos loucos!

É que os nossos estão muito acima de Lombroso, um jurisconsulto que tem aprofundado o estudo das ciências naturais e cosmogônicas, coisas inventadas para entretenimento dos parvos!

436 (Nota do Organizador) O original traz aqui “sustentar”, mas parece que houve algum equívoco, pelo que decidimos substituir o termo por “sustar”, mais condizente com os fatos apresentados no parágrafo e com a sequência do texto.

437 (Nota do Organizador) Rutilio Ascenzi, assessor de Tamburini na Universidade de Psiquiatria de Modena, Itália. (Fonte: Urbani, Carlo. “Per la salute di que’ poveri infermi: Tre secoli di ospitalità dei Fatebenefratelli a Venezia” - Marcianum Press, 2017, Cap. III).

Felizmente, Lombroso não conhece seus sábios conceitos, principalmente os do tal código brasileiro, digno de ser ornato da biblioteca do finado cônego Filipe⁴³⁸!

Deixemos, porém, estes vultos científicos fazer a digestão de seu profundo saber - e ocupemo-nos com os fatos referidos pelo cronista, fatos que tão vivamente impressionaram o Paulo italiano, em véspera de ser Paulo do Espiritismo.

Lombroso não teve outro recurso para explicar os fenômenos, que lhe foram dados, senão a corrente elétrica; mas Vizioli confessou que essa corrente não basta para explicá-los.

É a opinião de um sábio contra a de outro sábio; mas decida entre os dois o simples bom senso.

A corrente subsistiu do princípio ao fim, diz a crônica; logo, os fenômenos deveriam dar-se espontaneamente, se ela fosse a causa.

Eles, porém, foram provocados - e o que é mais: deram-se quando e como foram reclamados: logo sua causa compreendia o que se pedia - e satisfazia o que lhe era pedido.

A eletricidade não possui tal faculdade!

Se a causa fosse a eletricidade, a campanha poderia saltar da jardineira - voar pelo ar - e cair no tapete; nunca, porém, vir badalar, como faria um sacristão, por cima da cabeça dos assistentes, fazendo um círculo - e repetindo o mesmo giro desde que lh'o pediram.

A campanha não possui inteligência!

Os movimentos da mesa, obedecendo ao que lhes era pedido, são mais uma prova de que a causa que os determinava, tinha ouvidos de ouvir - inteligência de compreender - e vontade para satisfazer.

Se não é assim que se deve apreciar o que ocorreu em presença de Lombroso não sabemos para o que nos servem a razão e a lógica!

Fiquem seguros os que riem do Espiritismo, os que o confundem com o charlatanismo e com nigromancia - e os que dizem que ele leva ao hospício passando pelo ridículo: que, em que lhes pese, há de chegar o dia da sagração universal da nova ciência.

438 (Nota do Organizador) Filipe Pinto da Cunha e Sousa, conhecido como "Cônego Filipe", foi personagem pitoresco da História do Rio de Janeiro do século XIX, famoso por sua excessiva ingenuidade e pobreza de espírito. Álvares de Azevedo immortalizou a sua memória em um de seus poemas, incluído na "Lira dos Vinte Anos".

Quem falasse, no século passado, em conversar da Europa para a América, teria o mesmo qualificativo que ora têm os espíritos, mas os fatos aí estão provando a verdade daquela idéia - e a humanidade aceita hoje o que ontem lhe causava riso.

O Espiritismo não é ciência especulativa que esteja à mercê do raciocínio - é ciência experimental, que prova suas teses com fatos tão evidentes como proceder do Sol a luz da Terra.

Quando o mundo sábio tiver apreciado devidamente esses fatos, os nossos sábios curvarão a cabeça - e, quem sabe? talvez, se declarem convencidos, desde que nasceram, da verdade do Espiritismo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 15-11-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4217

Artigo CCXII - O PAIZ, 22.11.1891

Já vimos que o Espiritismo não é ciência especulativa, a que se possam atribuir falsas concepções - teorias imaginárias - opiniões, em suma, que têm um valor limitado ao da pessoa que a sustenta.

O Espiritismo é ciência experimental que procede da observação dos fatos - e que sujeita todos os seus princípios à prova da observação e da experiência científica.

Parece, pois, impossível que haja no mundo um espírito mais ou menos cultivado que o repila de casa, somente levado a isto pela repugnância que lhe causam as novas idéias!

Repelir uma idéia, só porque não casa com as que são correntes, mesmo que as contrarie de frente, é condenar, em sua fonte, todo o progresso humano, - é ser obscurantista!

Sobretudo e principalmente se tal idéia oferece em seu abono, não provas racionais, raciocínios, que são sempre controversíveis, mas fatos, provas experimentais, que dão de si a evidência, como uma árvore dá de si o fruto.

Quem, pois, combate o Espiritismo, por suas idéias, sem procurar-lhe a fonte, à árvore de que procedem, (e só estes o combatem) não passa de um obscurantista-pobre cego do espírito, a quem a luz faz como aos morcegos!

O que diremos dos que riem e ridicularizam? Parvos - fátuos⁴³⁹ - fúteis!

439 (Nota do Organizador) Que é vaidoso sem motivo para isso; petulante, presunçoso. (Fonte: Dicionário Priberam online)

É assim que deve ser considerado quem confunde o Espiritismo com a nigromancia e com o charlatanismo, fracas imitações que não podem resistir à experimentação a mais superficial.

Porque um ilusionista, jogando com as leis da ótica, faz ver fantasmas, exclamam os que só procuram pretextos para atacar as nossas ideias: eis o que são as aparições espíritas.

Porque um presumido médium, com a ligeireza de puro charlatão, consegue iludir aos assistentes e dar-lhes, como escrita direta - obras dos Espíritos, um truque, habilmente preparado, exclamam, ébrios de alegria: eis o que são as comunicações dos mortos.

Qual é, porém, o juízo sensato dos que sabem que em tudo o que entende com a humanidade, há ou pode haver falsificação - que a mentira procura encobrir a verdade - que o charlatanismo é a eterna parasita de todas as ciências?

O juízo para ser firmado e valioso será baseado na mais rigorosa observação, único meio de distinguir a verdade da impostura, em matéria científica.

Quem quiser, pois, saber: se os fenômenos espíritas são naturais ou obra de nigromancia e charlatanismo, não tem mais que descer à observação e a experiência.

Diz-se que os Espíritos aparecem - e eu tenho visto os ilusionistas simularem tais aparições. Aquela afirmação será baseada, de boa ou de má-fé, nesta ilusão - ou esta ilusão é coisa diversa de uma aparição?

O homem refletido estabelece logo esta dúvida - e vai à observação e à experiência pedir a luz para resolvê-la.

O parvo - o fátuo - o fútil, que muita vez, é um doutor de borla e capelo⁴⁴⁰, que aproveita a falsificação (contrafação) para exclamar, do alto de sua suficiência: as aparições são puro invento de especuladores - charlatães - e feiticeiros ou nigromantes.

Nada mais lamentável e perigoso do que a presunção de saber, sem fundamento!

Ora; quando aos fatos apresentados, pelos ilusionistas, em cujo número está Philip Davis, opõem-se os de observação cien-

440 (Nota do Organizador) Relativo aos trajes solenes do meio acadêmico - a borla constituindo em espécie de capa/adorno pendente, e o capelo um tipo de barrete ou chapéu. (Fonte: Dicionário Priberam online)

tífica, como os de William Crookes, com que cara ficam os tais sábios de convenção?

Imagine-se Davis diante de Crookes, um homem de meia instrução diante de um sábio, como tal conhecido e proclamado pelo mundo inteiro, fundado em seus importantíssimos trabalhos.

Imagine-se Davis, por meio da ilusão ótica, apresentando fantasmas, que simulam aparições - e Crookes, sem recurso a artificios, empregando os meios aconselhados pela ciência, apresentando a uma seleta reunião uma verdadeira aparição, visível, tangível, falante.

Não podendo atacar a honorabilidade do sábio, até porque ele tomou a precaução de fazer suas experiências em companhia de pessoas ilustradas e de respeitável caráter; não podendo atacá-lo por aquele lado, os parvos procuram inquinar aquelas experiências, dizendo: quem pode saber se Crookes não foi iludido?

Contra um fato material, observado por meios rigorosamente científicos, e presenciado, uma, duas e mais vezes, por numeroso concurso de pessoas acima de toda a exceção, um simples "quem sabe?" - e aqueles bem-aventurados passam a cuidar de coisas sérias!

Em vão se lhes mostra: que é impossível tantas pessoas se enganarem a respeito de uma aparição visível, tangível, falante - que o sábio provocador do fenômeno não pode ser suspeito de parcialidade, porque era materialista e o fenômeno lança por terra o castelo do materialismo - que, finalmente, quem quiser experimentar, com real empenho de descobrir a verdade, terá mil provas materiais das verdadeiras aparições. A tudo respondem com seu riso alvar - e vão andando!

Agora, qual deve ser a natureza do nosso riso, à vista desses pobres ... sábios, que zombam do que não compreendem, nem procuram conhecer?

Não riremos, porque é falta de caridade rir dos que fogem à luz e de ânimo resoluto procuram as trevas, mas sim choraremos sobre suas desgraças, as maiores que podem sobrecarregar a responsabilidade do ser perfectível.

Sobre a falsificação da escrita direta, obra de charlatanismo, o mesmo que a respeito das aparições: o fato artificioso não destrói o natural.

Crookes provou a inutilidade dos esforços de Davis contra a verdade das aparições; Zoellner, o sábio alemão, provou a inutilidade dos esforços contra a verdade da escrita direta.

O processo pelo qual a obteve, faz fé inabalável - é inexpugnável!

Resignem-se os morcegos, a luz brilhará por todo o mundo!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 22-11-1891:

http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4257

Artigo CCXIII - O PAIZ, 29.11.1891

Temos dito que o Espiritismo é ciência experimental, cujas teses se provam por fatos, apreciáveis à luz dos processos os mais rigorosos da ciência.

Perguntam-nos os que acreditam que a humanidade já sabe tudo o que lhe é dado saber, e que fora do círculo dos conhecimentos atuais só existe o mistério impenetrável ao homem; perguntam-nos estes: quais são os fatos, de que falais?

Poderíamos responder-lhes: ide procurá-los, como nós temos feito, em sua fonte - e parece-nos que teríamos dado a mais cabal resposta.

Corre-nos, porém, o dever de levantar, quanto pudermos, a luz, que não foi feita para ser oculta debaixo do alqueire - e por isto não nos é permitido dar aquela resposta, senão repartir de boa vontade a esmola que recebemos, por misericórdia de Deus.

Até aqui, temos procurado, com argumentos e com a autoridade dos maiores vultos humanos, quer da Antiguidade sagrada, quer da profana, quer dos contemporâneos, crentes ou não; temos procurado firmar o princípio cardeal do Espiritismo: a pluralidade de existências da alma, sem a qual a perfectibilidade humana é uma palavra vazia de sentido - e com a qual ela se desenvolve até a maior perfeição angélica.

Por muito que seja o que ainda podemos dizer a tal respeito, acreditamos: que este terreno está suficientemente azado, com relação aos homens de boa vontade - e que é tempo perdido, verdadeiro malhar em ferro frio, insistir, com relação aos fanáticos - e aos dominados do espírito de sistema - e outros obsessores da razão.

Assim, pois, é tempo de variarmos de assunto - de deixarmos o terreno especulativo, onde se encontram razões para se opor a toda a razão, pelo terreno sólido da observação e da experiência. onde a evidência não permite tergiversações.

Passaremos, pois, a relatar e a apreciar fatos, comprobatórios dos altos princípios espíritas.

No artigo passado, demos ao leitor notícia de uma sessão espírita, em Nápoles, a que assistiu o célebre Lombroso, inimigo intransigente do Espiritismo, que ficou profundamente abalado diante dos fenômenos espíritas que lhe foram apresentados.

Agora, queremos, por patriótica pundonor⁴⁴¹, dar-lhes notícias de trabalhos científicos feitos em nossa terra, que não desmerecem dos que têm sido feitos na Europa culta e nos mais adiantados países da América.

Começaremos por um bem simples, dado o ano passado, nesta capital.

Morava em Cupertino, com sua mulher e filhinhos, um moço empregado na estrada de ferro Central do Brasil, que nunca se ocupara com Espiritismo.

Num domingo, em que estava de folga, achava-se pela manhã entretido em tratar do jardimzinho, que tinha em frente de sua pequena casa, quando foi surpreendido pelo fato de caírem de uma laranjeira, a alguma distância, os frutos ainda não bem amadurecidos.

Caíam, referiu-nos ele próprio, como se alguém estivesse a deitá-los abaixo com uma vara; mas não havia lá nem vara, nem quem dela se servisse.

Uma menina, que tinha em casa por caridade, deu-se imediatamente pelo fato - e disse estar vendo um homem, de calça de algodão, camisa de brim chapéu de palha, como um feitor de chácara, deitar abaixo as laranjas, com uma vara de bambu.

O moço pensou: que a menina perdera a razão; mas o fato material e surpreendente da queda das laranjas, sem ninguém bater-lhes, ali estava.

De repente, a menina anunciou: que o homem vinha para o jardim - e que ia para uma pimenteira ali existente. Pronto viu o moço viu arrancar-se por si: a pimenteira - e seguir pelo ar para

441 (Nota do Organizador) Sentimento de dignidade, brio; amor-próprio; honra. (Fonte: Dicionário Priberam online)

o alto de um morro, que ficava atrás da casa, dizendo a menina: que tudo isto fora feito pelo homem.

Compreende-se o abalo que tais fatos produziram na família, que se recolheu à casa, onde com pouco mais anunciou a menina: que o homem ali vinha - e de fato viu-se urna toalha seguir, como a pimenteira para o morro.

Pelo mesmo modo, sempre com prévio anúncio da menina, foi carregado um pedaço de carne-seca, que o cozinheiro ia preparar para o almoço - e também vários objetos (frascos e figuras) que ornavam o toucador do quarto e mesas da sala.

Por fim, o tal homem carregou o relógio pendente de um prego.

O terror apossou-se de todos, que já faziam projetos de abandonar a casa, quando apareceu um companheiro de trabalho do moço, que vinha visitá-lo e com ele almoçar.

Contaram-lhe os extraordinários sucessos; mas ele recebeu com galhofas o que lhe contaram. Tirou [do bolso?]⁴⁴² o relógio, e o pôs no lugar do que tinha sido tirado - sentou-se ao pé - e disse sempre galhofando: quero ver o tal homem invisível carregá-lo.

Não durou muito que anunciasse a menina a aproximação do homem invisível - e a subtração do relógio; o que pôs em perturbação o zombeteiro.

Algum tempo depois, todos os objetos que foram subtraídos voltaram a seus lugares, menos os relógios.

O moço procurou-nos - referiu-nos tudo e mais do que aí fica exposto, aguçando-nos a curiosidade de saber a razão daqueles fatos.

Fizemos uma sessão na rua São Francisco Xavier, nº 67 B - e alcançamos o aparecimento do Espírito, que confirmou o que nos fora contado; dizendo: que fizera tudo aquilo para chamar a atenção do moço, que não tinha crenças religiosas, para as verdades do Espiritismo - e que tinha aquele empenho, porque lhe fora ligado por laços muito estreitos, em outra existência - e, pelo amor que lhe tinha, desejava afastá-lo do caminho mau que seguia, chamando-o para o que dá luz para o Espírito progredir.

442 (Nota do Organizador) É uma suposição nossa, o texto original parece ter um lacuna nesse ponto: "Tirou do relógio". Pode também ser uma expressão da época: "Tirar do relógio" já significaria tirá-lo do bolso... vale lembrar que era costume, então, o relógio de bolso. A edição FAE levanta a mesma hipótese, que decidimos manter, apenas registrando essa explicação para o acréscimo..

Perguntado: por que deixou de restituir os relógios, como fez com os demais objetos, respondeu-nos que estava com isto bem contrariado, porque nunca tivera o pensamento de prejudicar o querido amigo - e que a razão daquele contratempo foi simplesmente terem-se esgotado os fluidos medianímicos da pessoa que lhe servira para tudo que ele fez; mas os relógios estavam no alto do morro.

Eis um fato nosso tão importante como o da “Crônica Parisiense”.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 29-11-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4298

Artigo CCXIV - O PAIZ, 07.12.1891

“Quandoque bonus”⁴⁴³...

O ilustrado Sr. Pinheiro Chagas emitiu, em “O Paiz” de 23 de novembro⁴⁴⁴, ideias que não são consentâneas com sua grande erudição.

Confessa que “o nosso fim do século assemelha-se de modo espantoso ao fim do século do mundo antigo”.

Julga que “o século XX será o primeiro de uma era nova como o século VIII da República Romana foi o primeiro da era cristã”.

Reconhece que “as almas hoje, como quando o Cristianismo derrubou as velhas crenças pagãs, sentem-se vazias de crenças e de esperanças imortais”.

Mas não vê ainda no horizonte o novo Cristo, - e confunde a magia científica de hoje com a dos histerismos delirantes, que encheram o vazio deixado n’alma pelos velhos deuses proscritos.

“O místico e misterioso Oriente vem hoje como então trazer ao mundo civilizado do Ocidente a estranha influência de seus ritos e das suas divindades abtrusas”.⁴⁴⁵

443 (Nota do Organizador) A expressão completa é “quandoque bonus dormitat homerus”, e traduz-se por “às vezes dormita até o bom Homero”. A frase é de Horácio (65 - 08 a.C), famoso poeta italiano, chamando-nos a atenção para o fato de que não há autor perfeito, que não cometa algum engano. (Fonte: Dicionário Priberam online)

444 (Nota do Organizador) Artigo intitulado “O Revólver”, logo na 1ª. coluna à esquerda da 1ª. página da edição - vide o link http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4262.

445 (Nota do Organizador) Que é difícil de se compreender (ex.: teoria abstrusa); confuso, intrincado, obscuro. (Fonte: Dicionário Priberam online)

“Então eram as deusas do Egito, as Ísis misteriosas, hoje é o Budismo indiano.”

Com o devido respeito a tão elevada autoridade, Max dirá: o ilustre escritor foi a Roma e não viu o Papa.

Determinou, como fino observador, a perfeita semelhança do fim de nosso século com o fim do século do mundo antigo.

Com efeito, seria para admirar que a privilegiada inteligência de Pinheiro Chagas, descendo ao nível das vulgaridades enfatizadas, não apreciasse devidamente os múltiplos e extraordinários sucessos que se dão em todo o nosso planeta. anunciando aos que têm olhos de ver uma próxima revolução moral, tão profunda quanto a do século VIII da República Romana.

A natureza moral comove-se à aproximação dos grandes sucessos, que lhe vêm mudar a face - e dar-lhe novo caráter, pelo mesmo modo como a natureza física abala-se em seus fundamentos à aproximação de tremendos cataclismos.

Os que veem os fatos e olham para eles com a indiferença de quem atribui tudo ao deus - acaso - vão seu caminho, felizes porque não se incomodam com coisas que só têm valor para os visionários.

Os videntes, porém, os que procuram “rerum cognoscere causas”⁴⁴⁶ cansam a inteligência na aturada pesquisa da significação dos fatos que, por sua multiplicidade, ou por sua magnitude, ou por qualquer caráter descomunal, revelam que a natureza está em trabalho de um parto providencialmente gigantesco.

Pinheiro Chagas viu nos sucessos, que passam indiferentes aos olhos do mundo, os sinais indicativos de que se aproxima uma nova era, como os do século VIII da República Romana foram indicativos da era cristã.

Tem razão em seu juízo - e dá com ele solene testemunho de que conhece o que quase todos os sábios ignoram: a evolução da humanidade em relação ao ensino, que lhe é dado pelo Pai, das verdades eternas.

Com o apurado critério com que apreciou os extraordinários sucessos de nosso tempo, à luz das que precederam à revolução feita pelo divino Jesus - e da comparação concluiu: que nova revolução se prepara no nosso “fim do século”; com o mesmo cri-

446 (Nota do Organizador) “Penetrar nos segredos das coisas”. A frase é de Virgílio - “Geórgicas”, 2, 490. (Fonte: Infopedia)

tério descobriu a lei da progressividade da Revelação divina, na medida do progresso da humanidade.

E tanto que acentua bem o vazio de crenças e de esperanças imortais, que sentem hoje as almas, como quando o Cristianismo derrubou as velhas crenças pagãs.

O que significa isto? Que Deus dá à humanidade ensino limitado à sua capacidade - que o progresso humano torna aquele ensino insuficiente, donde este vazio de que fala o ilustre escritor e que, dado este fato, este desequilíbrio, baixa ao mundo Nova Revelação, mais ampla em extensão e em compreensão.

Quando a Revelação abraâmica não dava mais para encher as almas de “crenças e esperanças imortais”, veio a Revelação mosaica, mais extensa porque não compreendia só a família do Patriarca, porém sim toda uma nação - e mais compreensiva, porque, em vez de ensinar somente a existência de Deus, continha dez mandamentos.

Quando a Revelação mosaica, pelo progresso da humanidade, não dava mais para encher as almas de “crenças e esperanças imortais”, vem o ensino de Jesus, mais extenso porque foi dado a todos os povos e não somente aos judeus - e mais compreensivo porque assentou as largas bases em que se firma a grande civilização do nosso século.

E hoje, que esta Revelação, pelo progresso humano que produziu, já não enche as almas, aspirantes de mais luz, aí estão os fenômenos precursores de uma nova era, que aliás foi prometida pelo divino Messias, como se lê no Evangelho de São João⁴⁴⁷. Pínteiro Chagas, pois, apreciou o que se passa no mundo de hoje, com a penetração do vidente - e concluiu destes fenômenos o que só a um sábio inspirado pode ser dado. Foi a Roma.

Não viu, porém, o Papa; pois que a Nova Revelação é feita em espírito e verdade, ou mais, claramente: pelos Espíritos do Senhor - e não reclama um Cristo visível rodeado de Apóstolos.

Não viu o Papa; porque confunde a nova Doutrina, que encerra as novas verdades destinadas a encherem o vazio produzido pela deficiência da primeira Revelação messiânica, com o Budismo, qualificando-a - superstição científica.

O Espiritismo só assemelha-se ao Budismo pelo princípio da reencarnação; destaca-se, porém, dele, profundamente, quer

447 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12-15, já citado.

quanto à evolução dos Espíritos, quer quanto ao excelso destino que lhes é marcado pelo Criador.

E quanto a ser uma superstição, embora científica, não podemos deixar de protestar, fazendo considerar: que todas as novas leis reveladas pelo Espiritismo são demonstráveis pela prova experimental, que é hoje a ultima ratio⁴⁴⁸ das ciências positivas.

Como, pois, ser qualificada de superstição uma Doutrina, que não se firma exclusivamente no raciocínio, mas sim e principalmente na experiência?

Se o ilustrado Sr. Pinheiro Chagas aplicasse sua maravilhosa inteligência ao estudo da Nova Revelação, reconheceria: que ela enche o vazio das almas, explicando, a sabor da razão, todos os fenômenos humanos - e provando materialmente a verdade de seus princípios.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 07-12-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4346

448 (Nota do Organizador) "O derradeiro recurso". (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo CCXV - O PAIZ, 13.12.1891

De Minas (Ouro Preto), recebemos a seguinte interpelação, a que respondemos daqui, porque bem pode ser que outros tenham as mesmas dúvidas - e, mesmo que assim não seja, são pontos, cuja discussão aproveita:

“Há quase dois anos que, com o maior interesse, tenho lido todos os artigos que tendes publicado em “O Paiz” sobre o Espiritismo, e hoje acho-me completamente convencido quanto a muitos pontos de que tendes tratado; não, porém, quanto a outros que, por mais que medite, não posso compreender, embora sejam da mais fácil compreensão para outros; pelo que vos rogo que me deis alguns esclarecimentos a respeito.

“São eles os que se referem à reencarnação.

“Conforme dizeis, os conhecimentos adquiridos em passadas existências, jamais os perde o Espírito, que em comunicação, no espaço, com os mais adiantados, mais se aperfeiçoa, visto adquirir novos sentidos depois que deixa a carne.

“Não posso compreender como um Espírito que adquiriu certos conhecimentos, durante o tempo em que esteve encarnado e depois de ter levado anos no espaço, reencarnando, só depois de certa idade é que vai começar a compreender as coisas mais insignificantes, quando deveria manifestar conhecimentos que já possui, visto que jamais os perde, conforme tantas vezes tendes afirmado.

“Qual é, pois, o que influi sobre o outro: a carne ou o Espírito?

“É exato que há muitas crianças extraordinariamente inteligentes, mas não manifestam conhecimentos de coisa alguma.

“Será possível que Espíritos ilustrados depois de reencarnarem voltem a estudar coisas tão insignificantes, como as que estudam todas as crianças?[...]”

Os outros pontos deixamos para outra vez.

Antes de entrarmos na apreciação da bem elaborada interpeleção, cumpre-nos declarar a seu autor que nunca dissemos, nem podíamos dizer: que os Espíritos, desde que desencarnam, adquirem sentidos novos.

O que eles adquirem é mais lucidez, uma vez que seus instrumentos de percepção não são mais obliterados pela carne.

A lei é esta; mas Espíritos há que, tendo fechado os olhos à luz, durante a vida, ficam com os sentidos embotados depois da morte, em castigo de suas culpas.

Estes, em vez de terem mais lucidez, ficam em horrível perturbação, que os priva de bem discernir - e às vezes em profundas trevas, como se nos têm apresentado os infelizes que repeliram a ideia de Deus.

A esta exceção, se assim podemos chamar a lei das penas corretivas do mau uso de nossa liberdade, pode-se ajuntar outra, que é a lei das recompensas, pelo bom uso dessa mesma liberdade - e é por termos falado dela, no sentido restritivo, que o nosso interpelante nos atribui o sentido amplo.

Espíritos há que fazem na vida tão grande progresso que, por sua morte, recebem a investidura de um posto elevado na hierarquia espiritual.

Estes adquirem, com efeito, sentidos novos, porque, em cada grau de nossa ascensão, desabrocham em nós faculdades latentes, que nos são dadas com a criação para as variadíssimas condições ou estádios do nosso indefinido progresso.

Antes de irmos à Terra, não tínhamos todas estas faculdades que nós conhecemos aqui - subindo da Terra, teremos faculdades que aqui não conhecemos.

A razão é porque, em cada estádio, a humanidade se coloca em meio novo, mais elevado, para o qual precisa de instrumento novo, mais perfeito.

Desculpe-nos, pois, nosso interpelante dizer-lhe: que entendeu mal o que dissemos a respeito desse ponto.

Em geral, a humanidade terrestre, pelo fato da desencarnação, não adquire senão mais lucidez, que aliás não têm os que se carregaram de responsabilidade, não adquirindo faculdades novas senão os que sobem da Terra a mundo mais elevado.

Agora, a questão principal: de não manifestarem os Espíritos, nesta vida, os conhecimentos que possuem, adquiridos nas anteriores.

Por lei de alta sabedoria e de suma misericórdia, os Espíritos, volvendo a encarnar, para resgatarem faltas passadas, perdem a memória do que foram e do que fizeram em suas anteriores existências.

Dizemos: os Espíritos perdem a memória, mas esta expressão não é correta, porque eles têm ciência do que são e do que fizeram; tanto que, encontrando na vida um inimigo de eras passadas, sentem a velha repulsão - e, encontrando uma pessoa a quem amaram, sentem a primitiva ternura.

É assim que se explicam a antipatia e a simpatia espontâneas, à primeira vista, sem razão de ser - e que se avolumam em nós até o ódio, até o amor.

A legítima expressão é esta:

“Os Espíritos encarnando, constituem um ser novo, de que fazem parte; mas de que são, enquanto encarnados simplesmente - parte.

“Este ser é o que chamamos o homem - somos nós. O homem, pois, não é o Espírito, embora este seja sua parte essencial.”

Esta dualidade se manifesta claramente nos casos de luta conosco mesmo, em que sentimos arrastamentos em sentidos opostos.

É o Espírito em luta com o ser novo - é o homem em luta com o Espírito.

Segue-se, daí: que o Espírito não transmite ao homem, cujo é parte essencial, toda a sua bagagem - tudo o que possui, como prova-o o fato da simpatia e da antipatia espontâneas, pelas quais revelam-se conhecimentos do Espírito, que o homem ou se quiserem o “eu” ignora.

O homem, ser inteiramente novo, começa sua carreira, quando o Espírito já se pode dizer velho - e é por isto que vai aprender coisas insignificantes para o Espírito que está muito acima.

É preciso que seja assim para que o homem, estudando matérias que o Espírito não estudou nas existências anteriores, lhe dê estes novos conhecimentos - e assim, de existência em existência, até o maior saber.

Se o homem aplica-se ao estudo de matérias desconhecidas para o Espírito, naturalmente encontra dificuldade em compreendê-las; mas, se aplica-se às que o Espírito já conhece de existências anteriores, faz progressos inauditos.

Que melhor prova que o Espírito pode possuir grande acervo de conhecimentos e reencarnando só os manifesta para o homem, começando pelo a-b-c, chegando a provocá-los?

Há sábios que reencarnam em corpo de idiota!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13-12-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4380

Artigo CCXVI - O PAIZ, 20.12.1891

“Espírito de sábio pode encarnar em corpo de idiota”, disse-mos, concluindo nosso passado artigo.

Os limites que nos foram traçados a estes escritos, não nos permitiram desenvolver aquela tese, que responde categoricamente ao nosso interpelante de Minas.

Faremos, pois, hoje, o que ontem não nos foi dado.

É principio incontestável, e verificável pela experiência a mais rigorosa, que a Terra é estação a que só vêm, com exceção dos messias, Espíritos que precisam reparar faltas de passadas existências.

E o Espiritismo, que nos deu conhecimento desse princípio, acrescenta: que infinitos são os modos de reparação, tendo cada gênero de faltas o seu especial.

O que foi avarento, vem praticar a liberalidade - o que foi orgulhoso, vem ser humilde - o que foi luxurioso, vem ser casto etc., etc.

Entenda-se, desde já, que pode o Espírito, pelo uso que fizer de sua liberdade na existência de reparação, satisfazer ou não a missão, para cujo desempenho a misericórdia do Pai lhe concedeu nova existência corpórea.

Sendo assim, como fica perfunctoriamente⁴⁴⁹ exposto, temos que o sábio, que se encheu de orgulho e pelo orgulho repeliu na vida a ideia de um ser superior - de Deus, sofre no espaço penas horrorosas, até que curva a cerviz - dobra o joelho - e, arrependido de sua culpa, pede de coração o perdão da culpa e a graça de repará-la em nova existência, na qual promete sofrer humil-

449 (Nota do Organizador) De relance, superficialmente. (Fonte: Dicionário Priberam online)

demente as humilhações e o desprezo do mundo, em troca das honrarias e do respeito que lhe votou o mundo.

E como foi pela inteligência que delinuiu, é pela inteligência que dá satisfação à justiça eterna.

Ele, que foi um luzeiro - que, ainda agora é consultado em suas obras, que fazem a admiração dos homens da ciência - ele aí está de novo na Terra - no meio de seus admiradores, mas reduzido à triste e vil condição de - idiota -, missão que ele mesmo pediu - e para cujo desempenho preparou o instrumento corpóreo: um cérebro incapaz de transmitir a mínima parcela do prodigioso acervo de seus conhecimentos.

O homem idiota, apenas sofre os apodos e os desprezos do mundo, como o animal sofre as fustigações do seu guia ou condutor.

O Espírito, porém, vendo escarnecer a estupidez do seu - "eu" - e consciente de possuir luz para deslumbrar aos que escarnecem, sofre a dura prova, como qualquer de nós sofre, quando somos afrontados.

Se irrita-se - se encanzina-se⁴⁵⁰ - se deixa novamente dominar-se pelo orgulho, tem perdido a existência que lhe foi dada para satisfazer à justiça eterna - e progredir.

Se, profundamente dominado pelo arrependimento, que provocou a misericórdia divina, recebe os apodos e desprezos com resignação - com humildade - e até com satisfação, qual a sente quem reconhece que sofre por te-lo merecido, prepara os elementos para a transformação do miserável idiota em Espírito de luz - em anjo do Senhor.

Em todo o caso, o sábio viveu sem dar indício de seu saber - e desde que desencarna, restabelece-se nos seus antigos foros de sábio, aumentados com os predicados morais, que não possuía, e que os conquistou nesta existência vil; de que ninguém presumiria que arrancaria tão preciosos tesouros.

Porque o Espírito foi criado para a perfeição - e a perfeição ele a conquista pelo saber e pela virtude - pelo progresso intelectual e pelo moral.

450 (Nota do Organizador) Causar ou sentir irritação ou zanga; enraivar, irritar, zangar; como também repetir ou manter uma afirmação, uma ação ou um comportamento, sem desistir ou aceitar recusa; emperrar-se, insistir, obstinar-se, teimar. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Um sábio sem moralidade - ou um justo sem cultivo intelectual são comparáveis à ave criada para devassar os espaços, mas a que se tenham arrancado as penas de uma das asas.

A ave não será perfeita senão quando tiver ambas as asas completamente emplumadas - o Espírito não conseguirá a perfeição, que é seu destino, senão quando tiver desenvolvido, com igual empenho, as duas asas de subir - quando tiver conseguido o maior desenvolvimento intelectual, de par com o maior desenvolvimento moral.

Ora, tão grande resultado não se consegue - não se pode conseguir em uma única existência, por mais bem-aproveitada que seja; mas a misericórdia e o amor do Pai põem à disposição de seus filhos o tempo que quiserem para obtê-lo.

É daí - dessa indeclinável necessidade de nossa parte - dessa verdadeira prova de amor paternal, da parte de Deus, que procede a lei sublime das múltiplas existências corpóreas do Espírito.

E é por esta sucessão de vidas materiais, que vamos, uns mais rápida, outros mais lentamente, acumulando conhecimentos e sentimentos de salvação, como o trabalhador econômico ajunta todos os dias no mealheiro o fruto de seu trabalho.

No fim de tantos ou quantos dias, meses, anos, tem este feito um pecúlio, que lhe dá para viver na abastança, quer dizer: no gozo da felicidade terrena.

Assim, o Espírito, conquistando em cada existência maior ou menor cópia de conhecimentos e de bons sentimentos, chega, no fim de certo número de encarnações, a possuir um pecúlio, que lhe dá para gozar a felicidade relativa à sua maior ou menor aproximação do destino humano: a perfeição - e, pela perfeição, à felicidade.

É intuitivo que nem todos empregando o mesmo esforço, não conquistam todos, pari passu, os diversos postos da hierarquia espiritual; de onde esta infinita variedade de disposições intelectuais e morais, que observamos na humanidade terrestre.

Também é intuitivo que o mesmo Espírito não se aplica, em cada existência, ao cultivo intelectual e ao moral, com igual esforço.

A lei é esta: numa existência progride intelectualmente? Na outra virá progredir moralmente.

E, assim, robustecendo, ora uma, ora outra asa, elevar-se-á às alturas onde brilha a luz celeste.

Este indefinido progresso, ele o faz, enquanto está no período expiatório, exatamente como não compreende nosso interpe-lante de Minas; não tendo, em cada existência, a consciência do que já possui - e vindo a tê-la - quando termina a expiação.

Max.
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 20-12-1891:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4422

Artigo CCXVII - O PAIZ, 27.12.1891

Vamos tratar hoje da segunda questão, levantada pelo nosso interpelante de Ouro Preto.

Ele a formula nos seguintes termos:

“Tenho lido alguma coisa sobre o Espiritismo e também sobre as evocações.

“Quase sempre os Espíritos evocados se manifestam, conforme me têm dito alguns espíritas, que nunca me puderam explicar o motivo de manifestarem-se sempre os Espíritos evocados e nunca acharem-se reencarnados.

“Será coincidência de só se evocarem os que não têm mais que reencarnar? Não é crível.

“Se não me falha a memória, em março ou abril do ano passado, dissestes ter, na sessão de certo dia, conversado com Platão - e como este muitos outros sábios, que já desapareceram há muito: entretanto nenhum destes reencarnou, uma vez que se manifestam-se desde que são evocados.

“Será possível que os Espíritos dos vivos deixem o corpo para acudir às evocações? Acho, também incrível.

“Assim, pois, espero que não vos negareis a dar-me uma explicação qualquer a respeito, visto desejar estudar esta sublime Doutrina, que dizeis ser de Nosso Senhor Jesus Cristo.”

A resposta a esta questão dá-se em poucas palavras: não; nem todos os Espíritos evocados acodem ao chamado.

É este um princípio corrente da Doutrina, que tem a mais perfeita confirmação prática.

Em primeiro lugar, inúmeras vezes supõe-se ter o Espírito evocado, quando não acode senão outro muito diverso.

Em segundo lugar, não são raros os casos de receber o evocador resposta formal de não ser possível a apresentação do Espírito evocado.

Analisemos estas duas ordens de fenômenos:

O mundo dos Espíritos, isto é: o espaço que envolve a Terra, é povoado exclusivamente pelos que têm vivido em nosso mundo; assim como este é povoado pelos que têm vivido naquele.

O homem morre, vai para o espaço - seu Espírito reencarna, vem para a Terra; isto é, para a vida corpórea. É um constante fluxo e refluxo!

São, pois, os mesmos os que povoam o mundo invisível e o visível, com a simples diferença de trazerem ou não a casca material.

Sendo assim, como se demonstra materialmente, segue-se: que os Espíritos têm no espaço as mesmas qualidades morais que tiveram na Terra: o que foi bom, será bom - o que foi mau, será mau - o que foi religioso, será religioso - o ateu, continua na mesma - o fútil, o parvo, o brincador etc., continuarão a sê-lo.

É de simples intuição que, assim como conservamos as qualidades que temos, mudando de país, assim conservamo-las, mudando de mundo; uma vez que somos sempre o mesmo - e que as qualidades são do Espírito e não do corpo, que perdemos, mudando de mundo.

Há, pois, no dos Espíritos a mesma variedade de qualidades e disposições morais, que se notam no dos viventes.

Deste princípio, que a ciência demonstra por seu método positivo, resulta: que o inimigo do espaço procura fazer-nos o mesmo mal, as mesmas contrariedades, que nos fazia na Terra - e que, assim como há, aqui, homens vãos, fúteis, que têm o maior prazer em enganar, só para rir, há no espaço coortes destes infelizes que nem sabem o mal que se fazem, empregando sua liberdade e as faculdades que lhes foram dadas, para o progresso, em coisas que os retêm no atraso, até que compreendam o alto destino humano e abandonem aquele desgraçado viver.

Ora, quem não sabe que há homens capazes, uns por maldade, outros por zombaria, de iludir a quem lhes pede indicação de um caminho - de uma casa - de uma pessoa?

Os que antipatizam com o incauto que se lhes chega, fazem-no para satisfazer a má vontade que lhe tem - os que lhe são indiferentes, fazem-no para satisfazer seu gosto de rir à custa dos outros.

Pois bem; havendo no espaço os mesmos caracteres, dá-se nos casos de evocação o que figuramos nos casos de se pedir uma indicação a viventes.

Às vezes, um mau Espírito, antipático ao evocador, toma o lugar do evocado - e deixa o pobre iludido de ter falado com o parente ou amigo.

Às vezes, um galhofeiro produz a mesma cena, não por má vontade, mas para rir.

Os ignorantes da Doutrina vão tomando estes gatos por lebres e afirmam - que nunca o evocado deixa de acudir ao apelo.

O que conhece esta ordem de fenômenos não se deixa arrastar pelos enganadores, contra os quais está sempre prevenido - e emprega os meios de verificar a identidade da pessoa do evocado; o que, seja dito por amor à verdade, é difícilimo.

Em todo o caso, sabe ele: que nem sempre o evocado acode ao chamado, ou porque já está reencarnado - ou porque não lhe é isto permitido, como pena a si ou ao evocador.

De uma e de outra espécie, temos tido exemplos categóricos, que nos permitem responder à interpelação: é falso o que vos afirmam muitos espíritas - nem sempre o Espírito evocado comparece, vindo, se o evocador merece a graça; um bom Espírito declara-lhe: a impossibilidade de serem satisfeitos seus desejos.

Não há, pois, necessidade de recorrer-se à hipótese de acudirem às evocações os Espíritos já reencarnados.

Entretanto, devemos dizer ao nosso irmão de Ouro Preto que não é impossível o fato, como lhe parece.

Já por duas vezes presenciamos, independente da evocação, a manifestação de Espíritos encarnados, desprendidos durante o sono - e estes fatos corroboram o princípio consignado na Doutrina.

Talvez tenhamos de relatar como e quando tiveram lugar aqueles dois desprendimentos; por ora, terminamos aqui a nossa resposta, assegurando ao nosso interpelante que está enganado quanto a termos dito que conversamos com Platão, que nunca se nos manifestou.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 27-12-1891: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4466

Artigo CCXVIII - O PAIZ, 03.01.1892

Prometemos entrar no estudo dos fatos ou fenômenos espíritos - [e nos referimos]⁴⁵¹ ao que se deu em Cupertino, localidade deste município federal, prometendo aos incrédulos provas testemunhais de sua veracidade.

Veio após a publicação em “O Paiz” da correspondência de Paris, onde se lia coisa análoga (transporte de objetos pesados) observada pelo sábio Lombroso, em Nápoles, no mês passado.

Lombroso, além de ser um sábio de primeira ordem, é um espírito positivista, que não admite senão modalidades da matéria, como o prova seu longo discurso em Chiaia⁴⁵².

E, pois, sua atestação da verdade de um fenômeno de transporte, dado em sua presença, em condições da mais rigorosa fiscalização científica, pode bem servir de fiador à nossa exposição sobre o fato de Cupertino.

Sabemos, porém, que esse fato deu muito que rir à nossa custa, no grupo dos nossos sábios, que, por economia de tempo, não se cansam em pedir-nos as provas do que avançamos, quanto mais tirarem-se de seus cômodos para verificarem por si

451 (Nota do Organizador) Esta parte do texto original está ilegível. Seguimos a sugestão do complemento adotado pela Edição FAE, que nos pareceu apropriado.

452 (Nota do Organizador) Aqui Dr. Bezerra refere-se ao bairro de Chiaia, em Nápoles, Itália, homônimo, portanto, do Conde Ercole (Hércules) Chiaia, já referido - vide nota 435, à pag. 403 deste volume. Talvez o Conde tivesse sua base nessa mesma região onde hoje se situa o bairro, mas não conseguimos apurar essa hipótese. A história de Chiaia e Lombroso é interessante. Vale a pena conferir-la no endereço <http://www.elpasajero.com/ventolera/vallelombrosopaladino.html>. (Ação a tradução para português)

mesmos a verdade ou falsidade - a sinceridade ou insinceridade do que afirmamos!

Um sábio europeu, de fama universal, pode descer à verificação do que julga imaginativo - charlatanismo - ou nigromântico-fetichista.

Assim fez Lombroso - assim fez Zöllner - assim fez Crookes.

Um sábio nosso, de fama no círculo dos seus, desdouraria seus braços, se tal fizesse!

O pior, porém, é: que, agora, para escarnecerem do pobre Max, precisam escarnecer, com igual razão, dos grandes vultos científicos, que atestam a verdade dos fatos que Max refere, de sua observação!

Está louco, dizia, outro dia, uma das nossas incontestáveis ilustrações, que nos é presa por velha e sincera amizade.

Está louco, dizia, lendo o que expusemos sobre o fato de Cupertino.

Louco! Louco, por não fechar os olhos à luz! Louco em companhia dos maiores vultos da ciência de nosso século! Louco como Fulton, como Colombo, como Galileu, como todos os que veem e ouvem as manifestações de novas verdades, que contrastam com os falsos princípios que têm feito seu tempo.

Loucos, chamariam aos espíritas o ilustrado Dr. L. de M., que não é somente distinto como médico, mas também como filósofo.

Depois que viu os extraordinários fenômenos que se deram na casa do major C. R., e veio beber-lhes explicação numa sessão espírita, perguntar-lhe: se são loucos os espíritas?

L. de M., que não é sábio de convenção - que estuda a ciência pela ciência, fez como Crookes - fez como Zöllner - fez como Lombroso - e como tantos outros.

Materialista convencido, quis ver e apalpar o que se alegava em prol do Espiritualismo, que reputava uma vesânia; quis antes de tudo, descobrir a verdade.

Convidado para ver os fenômenos extraordinários que se davam em casa do major C. R., em vez de rir a gargalhadas, apressou-se em correr ao lugar mal-assombrado.

Viu as cadeiras da sala, onde se achavam, sem ninguém lhes tocar, atirarem-se por terra como se alguém as empurrasse - viu, quando se achavam à mesa do jantar, caírem do forro

pedras, que não quebraram nem um prato, nem um copo - viu jogarem sobre a porta de vidro do guarda-louça um matacão⁴⁵³, com tanta força, que bateu e reverteu para o lado oposto daquele móvel, sem rachar, sequer, o vidro - viu os reposteiros da sala de visita, presos por correntes metálicas, desprenderem-se, um a um, à medida que deles se aproximava, desenrolando-se e tomando as portas - viu um saco de algodão, destes que servem para cereais, sustentar-se em pé, e cheio d'água, que não vazava, sem que se soubesse quem o pôs no lugar onde se achava - viu a grade de ferro de uma janela do sótão, passando um quintal, ser arrancada dali, por mão invisível, em menos de cinco minutos, e ser depositada no telhado inferior, sem quebrar uma telha - viu uma menina da casa, tomada subitamente de histerismo, mas apresentando fenômenos estranhos ao histerismo, conversar com alguém, que dizia ser o falecido cunhado do major C. R. - viu, em suma muitos outros fatos maravilhosos, que a ciência não pode explicar pelas leis da matéria.

Do teatro daqueles acontecimentos, seu amor pela verdade fe-lo acompanhar o dono da casa a uma sessão espírita, onde não se manifestou o Espírito inimigo que fazia tudo aquilo por vingar-se de uma ofensa que recebera em anterior existência, na Córsega; mas sim veio o do cunhado do major, que disse ter assistido a tudo, não possuindo o poder de embarçar o que fazia o outro - declarou ter conversado com a menina, suposta presa de um ataque histérico - e recomendou aos cuidados do cunhado e amigo um filhinho, que lhe confiara à hora da morte.

O médium, por quem se fez esta manifestação, nada de tudo o que disse, conhecia, por ser completamente estranho à família.

L. de M., apreciando com seu espírito ilustrado tudo o que viu e ouviu, na casa onde se deram esses fenômenos de transporte - e na sessão onde tudo foi explicado, como obra de vingança de um Espírito, bem conhecido aqui na Capital Federal, e trazia a ofensa de uma passada existência; L. de M. confessou a verdade

453 (Nota do Organizador) Fragmento de rocha esferoide, formada por esfoliação ou por material sedimentar, originado por desgaste erosivo em rios, em leques aluviais, por atividade glacial etc; pedaço grande de alguma coisa (sentido figurado); pedra solta, de grande tamanho e de forma arredondada. (Fonte: Dicionário Michaelis Online)

da existência do mundo espiritual - e de que a ciência materialista compreende apenas uma parte dos fenômenos da criação.

Façam como ele, como Crookes, como Zöllner, como Lombroso, todos os positivistas - e a verdade brilhará na Terra.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 03-01-1892:

http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4494

Artigo CCXIX - O PAIZ, 10.01.1892

Os fatos, que relatamos em nosso passado artigo, têm uma significação tão alta que merecem detido exame.

Um cavalheiro distinto e bem conhecido desta capital vê-se inesperadamente perturbado na paz da família por insistentes e extraordinários fenômenos, que lhe roubam todo o repouso, dia e noite.

Os incrédulos, de envolta com os parvos, riem dos acontecimentos, atribuindo-os a causas comuns e bem-conhecidas.

A natureza dos fatos protesta, porém, contra semelhante explicação.

Um saco cheio d'água, sem vaziar, desfaz toda a originalidade do tonel das Danaides⁴⁵⁴.

Uma massa de ferro, de um quintal de peso, caindo de grande altura sobre um telhado sem quebrar uma telha, é formal contradita à lei da queda dos corpos no espaço!

Tudo - tudo o que ali se passou, produziria necessariamente efeitos contrários, se tivessem sido obra do homem!

A explicação dos incrédulos e dos parvos cai, pois, por seu próprio peso, diante da mais superficial apreciação.

Serão almas do outro mundo? diremos que ... riem de tudo, principalmente do que não conhecem.

454 (Nota do Organizador) Em mitologia grega, as Danaides foram os cinquenta filhas de Danaus. Elas deveriam se casar com os 50 filhos do irmão gêmeo de Danaus, Aegyptus, um rei mítico do Egito. Na versão mais comum do mito, todos, exceto um, mataram seus maridos em sua noite de núpcias e estão condenados a passar a eternidade carregando água em uma peneira ou dispositivo perfurado. Na tradição clássica, passaram a representar a futilidade de uma tarefa repetitiva que nunca pode ser concluída. (Fonte: Wikipedia)

Um amigo da família, que conhece as relações íntimas entre o mundo visível e o invisível - que sabe ser digno do mais sério estudo aquilo de que tantos riem, pede uma sessão de evocação, a ver se se consegue convencer o autor daquelas perseguições a deixar em paz as suas vítimas.

Vem o Espírito de um homem bem conhecido na capital, de quem ninguém podia cogitar, e declara: que persegue e perseguirá sempre o dono da casa, porque tem contas atrasadas que ajustar com ele.

Em sua passada existência foram ambos corsos, e aquele seu inimigo incorreu em sua cólera, por ter-lhe roubado, corrompido e abandonado sua irmã adorada, única pessoa que lhe restava da família.

Não houve argumentos nem súplicas que pudessem demovê-lo da perseguição para satisfação de sua vindicta corsa⁴⁵⁵, como dizia.

Por fim, devido a preces dirigidas ao Deus de Misericórdia, propôs um alvitre.

A irmã, reencarnada aqui também, acha-se no mais lastimoso estado de miséria e de moléstia em uma estalagem da rua de Sapucaí. É velha.

Que vá visitá-la o que foi a causa de ter ela hoje uma vida tão dolorosa, arrastando-a à corrupção na outra, e, conforme seu procedimento em relação a ela, eu continuarei, disse, ou o deixá-lo-ei em paz.

Foi aceito o pacto; mas o Espírito não quis dizer nem o número da estalagem, nem o nome da mulher, que fora sua irmã.

O castigo de seu algoz é descobri-la nas muitas estalagens daquela rua, e sem conhecer-lhe o nome.

Prometeu suspender as hostilidades até o dia daquela prova.

Foi comunicado ao interessado o resultado daquela sessão, e ele aceitou o pacto, convencido de que era mesmo aquela a causa de tudo o que acontecia em sua casa.

Desde essa noite, suspenderam-se totalmente as manifestações agressivas, como prometeu o Espírito.

455 (Nota do Organizador) Vingança, represália. (Fonte: Infopedia)

Sem perda de tempo, o major saiu a ver se descobria a mulher, pedindo a Deus que lhe desse a necessária luz - e, como o guiasse uma pessoa conhecedora do sítio e da mulher, que desejava encontrar, foi direto a uma das estalagens, e nesta a um dos quartos, onde descobriu uma desgraçada coberta de chagas.

Abriu a bolsa e fez pela infeliz tudo o que julgou necessário; à noite, porém, recommçaram as perseguições.

Nova sessão teve lugar, e aí, o Espírito declarou: que não era dinheiro que exigia para a irmã, mas sim que o coração de seu algoz se compungisse e se arrependesse, à vista de sua obra. Que não se tendo dado isto, continuava em sua vingança.

Grande foi a luta, mas, graças ao Senhor, o pobre Espírito converteu-se à lei do Bem - perdoou, pediu perdão; e tudo acabou.

Desta suscinta exposição, cuja veracidade está autenticada pelo testemunho de distintos cavalheiros da nossa sociedade, resulta a evidência de que aqueles fenômenos, que a ciência não pode explicar pelas leis da matéria, a que os incrédulos também não o podem fazer pelos truques, que é o seu bastão, explicam-se rigorosamente pela lei dos fluidos espirituais, e tanto que se suspendiam, quando o Espírito prometia, reapareceram quando ele julgou roto o pacto e a curaram, quando ele desistiu de toda a vingança.

Resulta também desta curiosa história a prova das vidas múltiplas de nossa alma.

Com efeito, assistimos a uma perseguição, movida por pessoa nossa conhecida, por fatos ocorridos em uma existência anterior.

Resulta, finalmente, a prova irrecusável de que, além do túmulo, o homem ainda subsiste, como a consciência de si e a memória do que fez.

Ninguém cogitava da pessoa que se apresentou e que era completamente desconhecida do médium.

Como, então, recusar-se à evidência de sua sobrexistência, visto que, depois de morto, se comunica conosco, que nem dele nos lembramos?

Para os que de nada fazem cabedal, os fatos narrados nenhum valor têm, porque nenhum fato tem valor para tal gente.

Para aqueles, porém, que meditam e pesam, estes fatos valem por prova material da sobrevivência do Espírito, da sua comunicabilidade com os viventes de suas múltiplas existências corpóreas.

Max.
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 10-01-1892:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4536

Artigo CCXX - O PAIZ, 17.01.1892

Nas “Obras Póstumas” de Allan Kardec, que estamos traduzindo, encontramos a seguinte comunicação, que lhe foi feita pelo Espírito d’E., em 30 de setembro de 1863, quando voltou ele a Paris, de seu retiro em Saint-Adresse:

“A Igreja. Médiun, M.d’ A.

“Eis-te de volta, meu amigo, e não perdeste o teu tempo.

“Trabalha, trabalha, para que não deixes esfriar a bigorna.

“Forja armas de boa têmpera. Descansa do trabalho empreendendo trabalho mais difícil. Todos os elementos ser-te-ão dados, à medida que forem precisos.

“Chegou a hora em que a Igreja tem de prestar contas do depósito que lhe foi confiado, do modo como praticou o ensino do Cristo, do uso que fez de sua autoridade, da incredulidade, enfim, a que arrastou os Espíritos.

“Chegou a hora em que deve ela dar a César o que é de César, e sentir a responsabilidade de todos os seus atos.

“Deus julgou-a, e reconheceu que, de hoje em diante, não pode ela servir para a missão do progresso, que incumbe a toda autoridade espiritual.

“Se passando por uma completa transformação, poderia ela continuar em seu posto, mas resignar-se-á a isto? Não, porque, então, deixaria de ser a Igreja.

“Para abraçar as verdades e as descobertas da ciência, precisaria renunciar a seus dogmas fundamentais.

“Para voltar à pratica rigorosa dos preceitos do Evangelho, precisaria renunciar ao poder, à dominação, e trocar o fausto e a púrpura pela simplicidade e pela humildade apostólica.

“Acha-se nesta alternativa: ou se transforma, suicida-se, ou fica estacionária e sucumbe, esmagada pelo carro do progresso.

“Roma já sente a agonia, e sabe-se, na Cidade Eterna, por irrecusáveis revelações, que a Doutrina Espírita é chamada a ferir de morte o papado, proque o cisma levanta-se, vigoroso, na Itália.

“Não deve causar admiração o encarniçamento do clero contra o Espiritismo, porque isto é a luta pela conservação.

“O clero, porém, já tem tido a prova de que suas armas se embotam contra o poder nascente; de que seus argumentos não resistem à lógica inflexível do inimigo; de que, finalmente, só lhe resta, contra este o recurso de fazê-lo passar por diabolismo; fraquíssimo recurso para o século XIX!

“Ademais, a luta está travada entre a Igreja e o progresso, antes do que entre ela e o Espiritismo.

“É o progresso geral das ideias que a ataca por todos os lados, que a faz sucumbir, como tudo o que não se lhe nivelar.

“A marcha rápida dos sucessos deve se fazer pressentir que próximo está o desfecho.

“A Igreja, por si mesma, marcha a passos largos para o precipício!”

Mais de uma vez temos dito: a Igreja, diante da Nova Revelação, está, rigorosamente, nas condições do sacerdócio hebreu, diante da Revelação messiânica.

Senhores, um e outro, do poder que veio do Céu e de que fizeram instrumento de dominação na Terra, sacerdócio e clero repelem tudo o que possa destroná-los, acreditando cada um que possui a última palavra do Céu, que Deus nada pode fazer na Terra senão por sua intervenção.

Menos cego foi o sacerdócio, porque nem tinha a prova evidente de que a revelação é progressiva e na razão do progresso humano, como teve o clero; nem teve, como este, formal promessa de futuro ensino, complementar do que lhe foi confiado.

Talvez, por isto, sua responsabilidade fosse menor do que é a da Igreja, até porque, no dizer do Espírito d’ E, ela sabe, por irrecusáveis revelações, que o Espiritismo não é obra do demônio, como ela diz, por iludir os ignorantes, porque ela bem sabe que não existem demônios, que as manifestações espíritas não podem, por conseguinte, ser obra de um ser criado pelo atraso da humanidade, que já fez seu tempo.

Se o baixo clero ainda nutre estas ideias caldaicas, vindas do tempo do cativeiro da Babilônia, os papas têm nos arquivos do

Vaticano as provas materiais de sua falsidade, pela verdade da Revelação espírita.

Pio IX, mais que todos, aprofundou aquele estudo, chegando às provas materiais, de onde a certeza de que nova era despontou para a humanidade, como lhe prometeu Jesus, pelo Evangelho de São João⁴⁵⁶.

Mas quem por tantos séculos foi representante de Deus, na Terra, não se resigna, facilmente, com tão elevada posição, mesmo quando ela lhe dá para dominar a Terra.

Está em seu direito, embora esteja assumindo tremenda responsabilidade, mas reconhece que sua condição é sem pôr nem tirar, a do sacerdócio hebreu.

E mais reconhece que não podia tardar sua hora, visto que, esquecendo a origem desse poder que lhe foi confiado, não usou dele senão em próprio proveito.

Enquanto a humanidade era atrasada, acatava seus desmandos (e ainda hoje há fanáticos que os acatam!) mas, quando por obra da Doutrina de Jesus, a luz difundiu-se pelo Universo, o Espírito humano viu os abusos, e, como eram praticados em nome de Deus e ad majorem dei gloriam⁴⁵⁷, começou este movimento de descrença, que é a origem, não já dos cismas mas da completa apostasia, pelo positivismo, pelo materialismo, pelo ateísmo.

É por isso que o Espírito d'E. diz a Allan Kardec: chegou a hora de prestar contas da incredulidade a que arrastou os Espíritos.

Sabemos que não foram somente aqueles abusos as causas do desencaminhamento de muita gente, por que a própria doutrina romana, adaptada aos tempos atrasados, já não podia dar ao nosso século a explicação de muita coisa, que ele lhe pedia; mas a Igreja, se tivesse praticado, rigorosamente, os preceitos do Evangelho, teria contido a inundação, até que chegasse o dia da nova e mais ampla Revelação prometida, que vem dissipar todas as dúvidas, porque é dada na proporção do progresso realizado pela Humanidade.

O Espiritismo, que é esta Revelação que explica todos os fenômenos naturais e humanos, consorciando a religião com a ci-

456 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12-15, já citado.

450 (Nota do Organizador) "Para maior glória de Deus". (Fonte: Dicionário Priberam online)

ência, se a Igreja tivesse contido no aprisco todo o rebanho, seria de um efeito rápido, como não foi, tendo de ir procurar as ovelhas desgarradas.

Deus se compadeça do pobre clero, arrastado pela cegueira de Roma, a quem chegou o tempo de dizer: Roma, Roma, convertere ad Dominum Deum tuum⁴⁵⁸.

Infelizmente não localizamos o artigo original. Não foi publicado no dia 17 de janeiro, como previsto, e o exemplar da edição do dia 18, no arquivo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, há falta das páginas 3 e 4 - exatamente onde presumimos tenha sido ele publicado. A transcrição que apresentamos confere, portanto, com a da Edição FAE, capítulo 10 do 3º Volume.

458 (Nota do Organizador) Vide nota 282, à página 261 deste volume.

Artigo CCXXI - O PAIZ, 24.01.1892

Sob esta epígrafe - “Breve resposta aos detratores do Espiritismo” encontramos nas “Obras Póstumas” de Allan Kardec mais uma preciosidade, de que não queremos privar nossos leitores⁴⁵⁹:

“O direito de exame e de crítica é um direito imprescindível, a que o Espiritismo submete-se com tão boa vontade quanta tem de satisfazer a todo o mundo.

“Todos têm de aceitá-lo ou de repeli-lo, contanto que o façam com conhecimento de causa.

“A crítica que se lhe tem feito, tem o mais das vezes provado a ignorância dos seus princípios os mais elementares, fazendo-o dizer exatamente o contrário do que ele diz - atribuindo-lhe o que ele combate - confundindo-o com imitações grosseiras e burlescas do charlatanismo - considerando, enfim, como regra geral as excentricidades de alguns indivíduos.

“Muitas vezes também a maledicência tem querido responsabilizá-lo por atos repreensíveis e ridículos, em que seu nome se achou incidentemente envolvido, fazendo-se disto arma contra ele.

“Antes de imputar a uma doutrina incitação a um ato condenável, mandam a razão e a equidade que se examine se consagra ela princípios que o justifiquem.

“Para conhecer-se a responsabilidade que cabe ao Espiritismo, em uma circunstância dada, há um modo bem simples: in-

459 (Nota do Organizador) Na edição que possuímos da última obra do Codificador, com tradução de outro “gigante” de nossas fileiras - Guillon Ribeiro, traz-se esse capítulo com o título “Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo”.

quirir bona fide⁴⁶⁰, não dos adversários mas da própria doutrina, o que ela aprova e o que condena.

“E tanto mais fácil é este estudo quanto o Espiritismo não tem mistérios - seus ensinamentos são públicos e todos podem apreciá-los.

“Se, pois, os livros da Doutrina Espírita condenam explicitamente e formalmente um ato reprovável - se, além disto, não encerram senão instruções de natureza a encaminhar para o bem, está evidente que os cuidados de ruins ações não beberam neles suas inspirações - e talvez nem os tenham visto.

“O Espiritismo não é mais solidário com os que se dizem espíritas, do que a medicina com os charlatões que a exploram, ou a verdadeira religião com os abusos e crimes praticados em seu nome.

“Ele só reconhece por adeptos os que praticam seus ensinamentos, isto é: que trabalham por seu próprio melhoramento moral, procurando vencer suas inclinações - ser menos egoístas e menos orgulhosos - mais benevolentes, mais humildes, mais pacientes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em tudo, porque estes é que são os sinais do verdadeiro espírita.

“O fim deste ligeiro escrito não é refutar todas as falsas alegações contra o Espiritismo, nem desenvolver e provar todos os seus princípios, e ainda menos converter às suas ideias os que professam opiniões contrárias; mas sim dizer, em poucas palavras, o que ele é - e o que não é; o que admite - e o que repele.

“Suas crenças - suas tendências - seu fim, resumem-se nas seguintes proposições:

“1^a - O elemento espiritual e o elemento material são os dois princípios - as duas forças vivas da natureza, completando-se uma pela outra - e reagindo incessantemente uma sobre a outra, sendo ambas indispensáveis à função do mecanismo do Universo.

“Da ação recíproca destes dois princípios nascem fenômenos, que nenhum deles, isoladamente, pode explicar.

“A ciência propriamente dita tem por missão o estudo das leis da matéria. O Espiritismo tem por objeto o estudo do elemento espiritual, em suas relações com o material; e descobre, na união dos dois, a razão de grande número de fatos até hoje inexplicados.

460 (Nota do Organizador) De boa-fé. (Fonte: Infopedia)

“O Espiritismo marcha de concerto com a ciência, no terreno da matéria - admite todas as verdades que a ciência demonstra; mas onde terminam as investigações desta, começa ele as suas, no terreno do Espiritualismo.

“2ª - Sendo o elemento espiritual um estado ativo da natureza, os fenômenos dele oriundos são sujeitos a leis, e consequentemente tão naturais como os oriundos da matéria.

“Alguns deles têm sido reputados sobrenaturais, unicamente por ignorância das leis que os regem.

“Firmado neste princípio, o Espiritismo não admite o caráter miraculoso atribuído a certos fatos, embora acredite em sua possibilidade - e mesmo em sua realidade.

“Para ele, não há milagres, no sentido da derrogação das leis naturais; donde não fazerem milagres os espíritas - e ser imprópria a qualificação, que lhe dão, de taumaturgos.

“O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual, prende-se diretamente à questão do passado e do futuro do homem: Sua vida é limitada na existência atual? - entrando neste mundo, sai do nada e volta ao nada, saindo dele? - viveu antes de vir e viverá depois que sair? - como e em que condições viverá? - em uma palavra, donde vem e para aonde vai? - para que está na Terra e por que aí sofre?

“Tais são as questões que todos levantam, porque são para todos de capital interesse e nenhuma Doutrina lhes tem dado solução racional.

“A que dá o Espiritismo, apoiado nos fatos, satisfazendo as exigências da lógica e da justiça a mais rigorosa, é uma das principais causas de sua rápida propagação.

“O Espiritismo não é uma concepção pessoal, nem o resultado de ideias preconcebidas; é a resultante de milhares de observações feitas em todos os pontos do globo, e que têm convergido para um centro, que as coligiu e as coordenou.

“Todos os seus princípios fundamentais são deduzidos, sem exceção, de rigorosa experiência. Esta precedeu à teoria.

“É por isso que o Espiritismo, desde seu começo, lançou raízes por toda a parte.

“A História não oferece exemplo de uma doutrina filosófica ou religiosa, que tenha, em dez anos, reunido tão grande número de adeptos; e, no entanto, ele não empregou, para fazer-se conhecido, nenhum dos meios vulgarmente usados. Ele propagou-se por si mesmo pelas simpatias que encontrou.

“Não menos notável é o fato de não ter ele, em país algum, brotado nas camadas mais baixas da escala social. É nas classes esclarecidas que ele encontrou o melhor acolhimento, sendo a parte iletrada de seus sectários uma ínfima minoria.

“Está averiguado que a propagação do Espiritismo seguiu, desde sua origem, uma marcha constantemente ascendente, apesar dos esforços empregados para embará-lo e desnaturar seu caráter, a fim de desacreditá-lo na opinião publica.

“E parece incrível que tudo o que se tem feito naquele sentido, só tem servido para favorecer-lhe a difusão.

“O barulho que se fez, tornou-o conhecido; mais procurou-se enegrecê-lo e ridicularizá-lo - mais se tem levantado declamações violentas; mais se tem crescido a curiosidade.

“E, como só tem ele que ganhar com o exame, resultou de tudo aquilo que seus adversários foram seus propagandistas.

“Se nenhum mal lhe têm feito as diatribes, é porque quem o estuda em sua verdadeira fonte, o reconhece muito diferente do que o pintam.

“Nas lutas que teve de sustentar, os homens imparciais aplaudiram sua moderação; e, com efeito, ele nunca empregou a represália, nem respondeu a injúria com injúria.

“O Espiritismo é uma doutrina filosófica, que tem conseqüências religiosas, como toda a filosofia espiritualista, pelo que ele toca forçosamente nas bases de todas as religiões: Deus - alma - vida futura.

“Ele, porém, não é uma religião, visto que não tem, nem culto, nem rito, nem templo - e, entre seus adeptos, nenhum tomou ou recebeu o título de sacerdote ou Papa.

“Espírita é quem aceita os princípios da Doutrina e conforma com eles suas obras.

“É uma opinião, como qualquer outra, que todos têm o direito de professar, como se é livre de ser judeu - católico - fourrierista⁴⁶¹ - saintsimonista⁴⁶² - voltairistas - deísta - e até materialista.

461 (Nota do Organizador) Fourierismo é uma teoria de organização social idealizada pelo filósofo e sociólogo Charles Fourier (1772-1837). Influenciado pelas ideias de Rousseau, acreditava que seria possível reorganizar a sociedade através da criação de comunidades cooperativas e autônomas.(Fonte: Wikipedia)

462 (Nota do Organizador): Claude-Henri de Rouvroy ou Conde de Saint-Simon (1760-1825), foi um filósofo e economista francês, um dos fundadores do socialismo moderno e teórico do socialismo utópico.

“O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; ele a reclama para si - e para todo o mundo.

“Respeita toda a convicção sincera - e pede reciprocidade.

“Da liberdade de consciência resulta o direito de livre exame, em matéria de fé. O Espiritismo combate a fé cega, que impõe ao homem a abdicação de seu próprio juízo. Ele diz: que não pode ter fundamento uma fé imposta.

“No número de suas máximas tem esta: não há fé inabalável senão a que se conforma com a razão, em todas as idades da humanidade.

“Consequente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a ninguém, quer ser aceito livremente, ou por convicção - expõe sua doutrina e recebe os que voluntariamente o procuram.

“Não tenta demover a quem quer que seja de suas convicções religiosas - não se dirige a quem tem uma fé com que está satisfeito - mas somente a quem, não satisfeito com a que tem, procura coisa melhor.”

Melhor do que tudo, parece-nos que foi este presente que fizemos aos nossos leitores.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 24-01-1892: http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/4620

CONHEÇA TAMBÉM OS DEMAIS VOLUMES
DA COLEÇÃO “EXAMINAI TUDO”

1. COMECE DO COMEÇO, de Azamor Serrão Filho;
2. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APÓSTOLO DO Espiritismo”, de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros (1a. ed. 2005, 2a. ed. 2016);
3. “CONVERSAS FAMILIARES SOBRE Espiritismo”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
4. “A EDUCADAÇÃO MATERNAL - O CORPO E O ESPÍRITO”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
5. “A EDUCADORA EMILIE COLLIGNON, GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA”, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
6. “EM VERDADE VOS DIGO” - ESTUDO COMPARADO DE “O EVANGELHO SEGUNDO O Espiritismo”, DE KARDEC, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, DE ROUSTAING, organização de Julio Damasceno;
7. “EXAMINAI TUDO”- ESTUDO COMPARADO DE “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, DE KARDEC, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, DE ROUSTAING, organização de Julio Damasceno;
8. “O DOM DE DEUS” - ESTUDO COMPARADO DE “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, DE KARDEC, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, DE ROUSTAING, organização de Julio Damasceno;
9. “AS VIRTUDES DO CÉU”, organização de Marco Aurélio Assis;
10. “PÃO VIVO” - ESTUDO SOBRE A QUEDA ESPIRITUAL E O CORPO FLUÍDICO DE JESUS. Coleção de artigos de Gilberto

Perez Cardoso, Jorge Damas Martins, Julio Damasceno, Maurício Neiva Crispin, Pedro Silveira Martins e Sérgio Thiesen.

11. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APOTRE DU SPIRITISME” - VERSÃO EM FRANCÊS DA BIOGRAFIA DE ROUSTAING; organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;

12. DE JESUS PARA AS CRIANÇAS, DE BITTENCOURT SAMPAIO, organização de Jorge Damas Martins;

13. A QUEDA ESPIRITUAL SEGUNDO O Espiritismo, de J.E. GUILLET, Coordenação editorial de Jorge Damas Martins;

14. SEARA MEDIÚNICA, de Almir Gomes de Souza (médiuim), pelos Espíritos da Falange Franciscana;

15. ANTENA CELESTE, de Bezerra de Menezes (Espírito), psicografia de Azamôr Serrão;

16. PONTE EVANGÉLICA, de Jorge Damas Martins;

17. OUVISTES O QUE FOI DITO?, organização de Júlio Damasceno;

18. O SOL DE CADA DIA. de Azamôr Serrão e Azamôr Serrão Filho.

19. ESTUDOS FILOSÓFICOS, de Bezerra de Menezes - Volume I;

DOWNLOAD GRATUITO NO SITE

www.crbbm.org

PEDIDO GRATUITO DE VOLUMES PELO

E-MAIL: crbbm50@gmail.com

(Envio realizado conforme a disponibilidade dos volumes em estoque)

Índice Remissivo

A

- Abade de Roca [109](#)
Abraão [94](#), [117](#), [147](#), [270](#), [271](#), [342](#), [363](#), [364](#)
Adão [99](#), [109](#), [110](#), [160](#), [190](#)
Adolpho Berthet [124](#)
adventistas [394](#), [397](#), [398](#), [401](#)
Agênor Gasparin [18](#)
Ahriman [59](#), [61](#)
Alcibíades [37](#)
além-túmulo [42](#), [304](#), [392](#)
Alexandre, o Grande [153](#)
Alexandre VI [105](#)
Alfred de Musset [29](#), [30](#)
Alfred Russel Wallace [375](#)
Allan Kardec [11](#), [19](#), [53](#), [110](#), [113](#), [193](#), [336](#), [388](#), [389](#), [400](#), [438](#),
[440](#), [442](#)
alma [12](#), [17](#), [20](#), [22](#), [23](#), [24](#), [26](#), [29](#), [30](#), [39](#), [41](#), [42](#), [43](#), [44](#), [45](#), [47](#),
[48](#), [49](#), [50](#), [53](#), [54](#), [55](#), [59](#), [61](#), [62](#), [63](#), [64](#), [65](#), [68](#), [69](#), [70](#), [71](#), [72](#), [73](#), [76](#),
[77](#), [79](#), [80](#), [81](#), [82](#), [83](#), [84](#), [87](#), [92](#), [93](#), [95](#), [96](#), [97](#), [98](#), [99](#), [102](#), [105](#), [106](#),
[107](#), [108](#), [112](#), [113](#), [119](#), [120](#), [124](#), [126](#), [127](#), [128](#), [129](#), [135](#), [137](#), [145](#),
[147](#), [152](#), [155](#), [158](#), [159](#), [160](#), [162](#), [164](#), [169](#), [172](#), [175](#), [176](#), [177](#), [179](#),
[180](#), [183](#), [188](#), [191](#), [194](#), [195](#), [198](#), [211](#), [216](#), [225](#), [230](#), [233](#), [235](#), [237](#),
[250](#), [258](#), [260](#), [264](#), [272](#), [273](#), [277](#), [278](#), [279](#), [280](#), [281](#), [301](#), [304](#), [305](#),
[306](#), [316](#), [319](#), [326](#), [327](#), [330](#), [331](#), [333](#), [335](#), [336](#), [342](#), [346](#), [349](#), [351](#),
[352](#), [356](#), [359](#), [362](#), [363](#), [364](#), [372](#), [388](#), [411](#), [415](#), [436](#), [445](#)

almas [23](#), [42](#), [54](#), [55](#), [59](#), [60](#), [68](#), [69](#), [70](#), [76](#), [83](#), [95](#), [96](#), [97](#), [99](#), [100](#), [103](#), [104](#), [105](#), [106](#), [119](#), [121](#), [129](#), [133](#), [136](#), [137](#), [140](#), [156](#), [157](#), [161](#), [163](#), [169](#), [171](#), [172](#), [177](#), [179](#), [180](#), [183](#), [211](#), [241](#), [245](#), [246](#), [247](#), [248](#), [253](#), [254](#), [255](#), [324](#), [326](#), [328](#), [347](#), [350](#), [357](#), [360](#), [361](#), [363](#), [368](#), [369](#), [370](#), [371](#), [384](#), [396](#), [415](#), [417](#), [418](#), [434](#)

Alma Universal [83](#)

alquimia [102](#), [104](#)

Amiano Marcelino [95](#)

amor [12](#), [13](#), [24](#), [30](#), [31](#), [51](#), [119](#), [121](#), [124](#), [172](#), [173](#), [177](#), [178](#), [180](#), [181](#), [188](#), [191](#), [196](#), [200](#), [227](#), [228](#), [230](#), [231](#), [239](#), [242](#), [245](#), [246](#), [247](#), [249](#), [251](#), [253](#), [254](#), [255](#), [258](#), [261](#), [265](#), [266](#), [287](#), [291](#), [293](#), [294](#), [302](#), [303](#), [306](#), [313](#), [316](#), [327](#), [347](#), [348](#), [352](#), [355](#), [356](#), [358](#), [359](#), [360](#), [362](#), [364](#), [369](#), [370](#), [371](#), [372](#), [373](#), [381](#), [389](#), [393](#), [400](#), [412](#), [413](#), [421](#), [425](#), [429](#), [432](#)

Ampere [38](#)

Anás [368](#)

André-Marie Ampère [38](#)

André Pezzani [19](#), [54](#), [90](#), [100](#), [105](#)

animais [17](#), [65](#), [69](#), [83](#), [96](#), [99](#), [103](#), [105](#), [159](#), [284](#), [315](#)

animal [29](#), [49](#), [63](#), [82](#), [101](#), [102](#), [104](#), [105](#), [108](#), [127](#), [185](#), [196](#), [272](#), [273](#), [282](#), [315](#), [424](#)

animalidade [102](#), [272](#), [283](#), [315](#), [316](#)

anjo [60](#), [81](#), [140](#), [189](#), [200](#), [283](#), [288](#), [295](#), [299](#), [327](#), [333](#), [348](#), [400](#), [424](#)

anjo rebelde [140](#), [288](#), [400](#)

anjos [59](#), [60](#), [61](#), [148](#), [185](#), [190](#), [251](#), [283](#), [293](#), [333](#), [350](#), [369](#)

Anjos [190](#)

anjos rebeldes [140](#), [288](#), [400](#)

Anquises [106](#)

Antiguidade [20](#), [36](#), [46](#), [47](#), [49](#), [53](#), [56](#), [58](#), [71](#), [72](#), [79](#), [81](#), [85](#), [86](#), [98](#), [104](#), [108](#), [112](#), [114](#), [116](#), [117](#), [118](#), [119](#), [124](#), [135](#), [141](#), [144](#), [147](#), [148](#), [149](#), [151](#), [154](#), [159](#), [165](#), [173](#), [191](#), [192](#), [193](#), [194](#), [260](#), [307](#), [355](#), [387](#), [411](#)

Antiguidade profana [20](#), [71](#), [72](#), [81](#), [85](#), [108](#), [112](#), [117](#), [154](#), [159](#), [194](#), [260](#)

Antiguidade religiosa [47](#)

Antiguidade sagrada [20](#), [112](#), [117](#), [118](#), [119](#), [124](#), [135](#), [141](#), [144](#), [147](#), [151](#), [154](#), [159](#), [165](#), [173](#), [194](#), [260](#), [307](#), [411](#)

antipatia [421](#)

Aristóteles [54](#), [82](#), [83](#), [153](#), [281](#), [377](#)
Arjuna [50](#)
arrependimento [88](#), [119](#), [120](#), [121](#), [126](#), [173](#), [176](#), [301](#), [302](#), [351](#),
[352](#), [424](#)
asas [23](#), [68](#), [242](#), [280](#), [293](#), [294](#), [309](#), [392](#), [425](#)
Ascenzi [404](#)
astrologia [102](#), [104](#)
astronomia [102](#)
ateísmo [177](#), [230](#), [349](#), [369](#), [440](#)
ateu [398](#), [399](#), [428](#)
Atos [392](#), [396](#)
Atos dos Apóstolos [392](#), [396](#)
atributos divinos [42](#), [352](#), [366](#)
atributos do Criador [160](#), [180](#), [199](#), [304](#), [339](#), [344](#), [352](#), [362](#)
Augustin Thierry [37](#)
Augusto Comte [193](#), [230](#), [247](#)
Augusto Tamburini [402](#)
Avesta [58](#), [59](#)

B

Babilônia [59](#), [149](#), [439](#)
Ballanche [17](#), [88](#), [89](#), [307](#), [308](#), [309](#), [311](#), [312](#), [314](#), [315](#), [318](#), [320](#),
[321](#)
Barão de Paranapiacaba [334](#)
Baruch [41](#)
Baruch de Spinoza [41](#)
batismo [136](#), [145](#), [146](#)
Batista Pereira [233](#), [234](#), [235](#)
Bayle [332](#)
Beaunis [375](#)
Bergerac [17](#), [194](#), [195](#), [196](#), [197](#), [198](#), [199](#), [200](#), [260](#)
Bernhem [375](#)
Berthet [124](#), [125](#)
Bhagavad-Gita [49](#), [50](#), [51](#), [52](#), [56](#)
Bíblia [15](#), [52](#), [94](#), [124](#), [125](#), [127](#), [135](#), [175](#), [187](#), [391](#)
Biot [38](#)

Bismark [212](#), [214](#)
blasfema [23](#), [59](#), [191](#), [265](#), [287](#), [301](#), [356](#), [370](#)
blasfêmia [23](#), [59](#), [191](#), [265](#), [287](#), [301](#), [356](#), [370](#)
Bolingbroke [53](#)
bom Espírito [429](#)
bom senso [24](#), [65](#), [116](#), [118](#), [141](#), [160](#), [191](#), [216](#), [223](#), [226](#), [241](#), [259](#),
[293](#), [294](#), [332](#), [367](#), [376](#), [405](#)
Bonnet [17](#), [276](#), [277](#), [278](#)
Bórgia [105](#)
Bossuet [175](#)
Bouillet [80](#)
Bramanismo [55](#)
Buckner [339](#)
Buda [55](#), [71](#), [387](#)
Budismo [55](#), [56](#), [57](#), [326](#), [387](#), [416](#), [417](#)
budista [47](#), [326](#)
budistas [56](#), [326](#)
Burnouf [47](#), [55](#), [326](#)

C

Cabala [147](#), [148](#), [149](#), [150](#)
Caifás [368](#)
Caio Júlio César [95](#)
caldeira de Pero Botelho [255](#)
Callot [286](#), [305](#), [355](#)
Camilo Castelo Branco [334](#), [335](#)
Campanella [198](#)
Campos Elísios [69](#), [106](#)
Campos Salles [233](#)
Canahy [38](#)
caridade [12](#), [27](#), [51](#), [92](#), [112](#), [113](#), [114](#), [124](#), [216](#), [220](#), [235](#), [239](#),
[255](#), [258](#), [259](#), [264](#), [266](#), [268](#), [269](#), [306](#), [348](#), [370](#), [409](#), [412](#)
Carlos Bonnet [17](#)
Carlos Bonnet [276](#)
castigo [60](#), [83](#), [84](#), [86](#), [93](#), [104](#), [106](#), [120](#), [144](#), [172](#), [173](#), [175](#), [176](#),
[177](#), [180](#), [204](#), [278](#), [286](#), [287](#), [300](#), [301](#), [305](#), [306](#), [352](#), [399](#), [420](#), [435](#)
Catolicismo [37](#), [99](#), [187](#), [221](#), [242](#)

- Causette [29](#), [38](#), [207](#), [344](#)
- César [95](#), [100](#), [238](#), [438](#)
- Cesare Lombroso [402](#)
- cético [398](#)
- Céu [19](#), [70](#), [76](#), [110](#), [111](#), [120](#), [145](#), [225](#), [227](#), [241](#), [245](#), [247](#), [254](#), [255](#), [261](#), [270](#), [283](#), [286](#), [287](#), [292](#), [320](#), [326](#), [342](#), [343](#), [350](#), [359](#), [364](#), [370](#), [385](#), [396](#), [400](#), [439](#)
- charlatães [16](#), [322](#), [408](#), [443](#)
- charlatães da ciência [16](#)
- charlatanismo [16](#), [219](#), [237](#), [238](#), [240](#), [257](#), [322](#), [377](#), [404](#), [405](#), [408](#), [409](#), [431](#), [442](#)
- charlatanismo científico [16](#)
- charlatanismo religioso [16](#)
- charlatão [219](#), [220](#), [408](#)
- Charles Fourier [446](#)
- Charles François Dupuis [37](#)
- Charles Gibier [375](#)
- Charles Richet [375](#)
- Chiaia [403](#), [430](#)
- Chimborazo [32](#), [33](#)
- Cícero [54](#), [87](#)
- Ciclopes [35](#)
- cidadão [36](#), [78](#), [231](#), [354](#)
- ciência [11](#), [25](#), [26](#), [27](#), [32](#), [33](#), [34](#), [39](#), [49](#), [50](#), [51](#), [63](#), [66](#), [71](#), [77](#), [90](#), [92](#), [96](#), [98](#), [102](#), [104](#), [128](#), [132](#), [147](#), [159](#), [163](#), [168](#), [183](#), [189](#), [192](#), [193](#), [201](#), [202](#), [203](#), [204](#), [207](#), [208](#), [210](#), [211](#), [212](#), [214](#), [215](#), [216](#), [218](#), [219](#), [223](#), [225](#), [226](#), [228](#), [233](#), [234](#), [238](#), [241](#), [242](#), [249](#), [259](#), [284](#), [294](#), [297](#), [300](#), [307](#), [308](#), [309](#), [310](#), [312](#), [313](#), [314](#), [322](#), [323](#), [332](#), [336](#), [340](#), [346](#), [351](#), [352](#), [356](#), [358](#), [366](#), [375](#), [376](#), [377](#), [378](#), [379](#), [384](#), [387](#), [389](#), [390](#), [391](#), [392](#), [394](#), [399](#), [402](#), [403](#), [405](#), [406](#), [407](#), [409](#), [411](#), [421](#), [424](#), [428](#), [431](#), [432](#), [433](#), [436](#), [438](#), [440](#), [444](#)
- ciência da Terra [33](#), [34](#), [310](#)
- ciência de convenção [203](#)
- ciência do futuro [189](#), [191](#), [314](#)
- ciência especulativa [406](#), [407](#)
- ciência espírita [284](#), [297](#), [403](#)
- ciência experimental [204](#), [207](#), [211](#), [358](#), [406](#), [407](#), [411](#)
- ciência materialista [39](#), [433](#)

ciência moral [193](#), [211](#)
 ciências [86](#), [185](#), [200](#), [201](#), [203](#), [280](#), [335](#), [404](#), [408](#), [418](#)
 ciência universal [33](#), [34](#), [77](#)
 Cirano de Bergerac [17](#), [194](#), [196](#), [198](#)
 clero [15](#), [109](#), [111](#), [265](#), [268](#), [271](#), [388](#), [439](#), [441](#)
 código criminal [200](#), [286](#)
 código penal [105](#), [202](#), [208](#), [210](#), [212](#), [214](#), [218](#), [229](#), [233](#), [259](#), [260](#),
[307](#), [313](#)
 Colombo [431](#)
 Comte [193](#), [210](#), [230](#), [231](#), [232](#), [235](#), [247](#)
 comunicação dos Espíritos [220](#), [221](#), [226](#), [227](#), [228](#), [242](#), [243](#), [244](#),
[245](#), [246](#), [249](#), [250](#), [255](#), [285](#), [323](#), [327](#), [346](#), [348](#), [350](#), [351](#), [367](#), [368](#),
[369](#), [370](#), [373](#), [388](#)
 concepção pessoal [444](#)
 Concílio [180](#), [189](#), [329](#), [347](#)
 Concílio da Calcedônia [189](#)
 Concílio de Constantinopla [189](#)
 Concílio de Niceia [346](#)
 concílios [189](#), [346](#)
 Concílio Tridentino [180](#), [347](#)
 Conde de Saint-Simon [446](#)
 condenação eterna [176](#), [360](#)
 Condillac [78](#)
 cônego Filipe [405](#)
 Congresso Internacional Espírita e Espiritualista [109](#)
 consciência [13](#), [23](#), [41](#), [42](#), [43](#), [44](#), [60](#), [69](#), [70](#), [83](#), [93](#), [101](#), [105](#), [113](#),
[131](#), [135](#), [141](#), [142](#), [160](#), [168](#), [169](#), [172](#), [173](#), [180](#), [181](#), [192](#), [199](#), [200](#),
[216](#), [227](#), [228](#), [239](#), [242](#), [250](#), [253](#), [255](#), [258](#), [259](#), [273](#), [277](#), [301](#), [303](#),
[309](#), [313](#), [331](#), [344](#), [355](#), [356](#), [363](#), [368](#), [369](#), [370](#), [385](#), [400](#), [426](#), [436](#),
[446](#)
 consenso universal [36](#), [368](#)
 Consolador [343](#), [365](#)
 Constantino [346](#)
 Constant Savy [17](#)
 Constituição [206](#), [207](#), [218](#)
 Copérnico [153](#), [154](#), [208](#)
 corpo etéreo [163](#)
 corpo fluídico [128](#)

corpo material [103](#), [128](#), [129](#), [322](#)

cosmogonia [37](#), [60](#), [61](#), [64](#), [68](#), [69](#), [70](#), [73](#), [81](#), [83](#), [86](#), [94](#), [96](#), [98](#), [117](#), [123](#), [125](#), [147](#), [152](#), [233](#), [260](#), [277](#), [325](#), [326](#), [327](#), [330](#), [346](#), [348](#), [351](#), [352](#), [355](#), [357](#), [358](#), [359](#), [366](#)

cosmogonia espírita [60](#), [81](#), [152](#), [233](#), [260](#), [277](#), [326](#), [327](#), [330](#), [346](#), [348](#), [357](#), [358](#)

cosmogonia ortodoxa [352](#)

criação do homem [148](#), [200](#)

criação espiritual [148](#)

criação universal [34](#)

criado [168](#), [172](#), [187](#), [236](#), [238](#), [246](#), [255](#), [276](#), [297](#), [308](#), [309](#), [359](#), [394](#), [424](#), [439](#)

Criador [23](#), [28](#), [34](#), [39](#), [47](#), [48](#), [59](#), [81](#), [92](#), [123](#), [132](#), [133](#), [157](#), [160](#), [165](#), [167](#), [168](#), [170](#), [172](#), [176](#), [180](#), [181](#), [191](#), [199](#), [200](#), [210](#), [230](#), [238](#), [246](#), [247](#), [253](#), [254](#), [271](#), [278](#), [283](#), [287](#), [288](#), [304](#), [307](#), [308](#), [313](#), [316](#), [327](#), [330](#), [332](#), [339](#), [342](#), [344](#), [350](#), [352](#), [355](#), [357](#), [358](#), [362](#), [363](#), [373](#), [381](#), [396](#), [399](#), [400](#), [418](#)

crianças [274](#), [278](#), [288](#), [356](#), [359](#), [360](#), [391](#), [392](#), [419](#), [420](#)

crime [139](#), [181](#), [204](#)

crimes [76](#), [139](#), [140](#), [172](#), [175](#), [181](#), [316](#), [443](#)

Cristianismo [37](#), [57](#), [58](#), [61](#), [99](#), [190](#), [415](#), [417](#)

Cristianismo científico [57](#)

Cristianismo romano [56](#), [58](#), [61](#)

Cristo [11](#), [37](#), [51](#), [77](#), [78](#), [86](#), [105](#), [106](#), [110](#), [121](#), [135](#), [136](#), [137](#), [140](#), [143](#), [144](#), [160](#), [173](#), [187](#), [189](#), [238](#), [265](#), [268](#), [269](#), [270](#), [323](#), [329](#), [336](#), [337](#), [344](#), [347](#), [348](#), [355](#), [358](#), [363](#), [380](#), [381](#), [385](#), [386](#), [388](#), [391](#), [394](#), [396](#), [399](#), [415](#), [417](#), [427](#), [438](#)

critério da verdade [42](#), [172](#), [176](#), [199](#), [200](#), [228](#)

Crookes [19](#), [75](#), [90](#), [140](#), [193](#), [202](#), [203](#), [214](#), [234](#), [249](#), [336](#), [340](#), [375](#), [377](#), [409](#), [410](#), [431](#), [433](#)

culpa [120](#), [125](#), [126](#), [132](#), [144](#), [160](#), [162](#), [175](#), [176](#), [177](#), [180](#), [181](#), [200](#), [270](#), [301](#), [302](#), [305](#), [306](#), [309](#), [352](#), [356](#), [423](#)

culpado [86](#), [124](#), [125](#), [126](#), [129](#), [173](#), [175](#), [251](#), [301](#), [302](#), [306](#), [352](#), [356](#)

culpas [86](#), [161](#), [174](#), [292](#), [352](#), [420](#)

cunho da verdade [42](#)

cura d' Almiguana [340](#)

curandeiro [215](#), [219](#), [220](#), [259](#)

D

Damiron [42](#)

Danaides [434](#)

Daniel [391](#), [392](#)

Dante [305](#), [329](#)

Darwin [19](#)

Decálogo [188](#), [227](#), [245](#), [246](#), [249](#), [342](#)

De Ligny [143](#)

Delormel [17](#), [260](#), [261](#), [262](#)

demérito [105](#), [168](#), [169](#), [170](#), [261](#), [309](#)

deméritos [167](#), [168](#), [308](#), [309](#), [312](#)

demônio [60](#), [81](#), [195](#), [196](#), [197](#), [199](#), [211](#), [221](#), [227](#), [244](#), [254](#), [255](#),
[257](#), [268](#), [333](#), [340](#), [348](#), [349](#), [369](#), [439](#)

demônios [59](#), [60](#), [61](#), [105](#), [125](#), [173](#), [188](#), [221](#), [222](#), [251](#), [333](#), [355](#),
[362](#), [392](#), [439](#)

dente por dente [117](#), [124](#), [171](#), [188](#), [362](#)

Descartes [38](#), [41](#)

desespero [305](#), [306](#), [372](#)

desmaterialização [280](#)

despotismo [265](#)

destino [23](#), [55](#), [59](#), [60](#), [61](#), [64](#), [70](#), [74](#), [84](#), [88](#), [92](#), [99](#), [104](#), [106](#), [120](#),
[132](#), [159](#), [165](#), [166](#), [173](#), [176](#), [182](#), [184](#), [185](#), [196](#), [210](#), [241](#), [242](#), [258](#),
[262](#), [270](#), [279](#), [281](#), [289](#), [291](#), [292](#), [297](#), [298](#), [300](#), [301](#), [302](#), [306](#), [307](#),
[308](#), [309](#), [310](#), [311](#), [312](#), [313](#), [315](#), [317](#), [319](#), [322](#), [325](#), [326](#), [328](#), [329](#),
[330](#), [342](#), [347](#), [350](#), [359](#), [360](#), [370](#), [390](#), [392](#), [396](#), [399](#), [418](#), [425](#), [428](#)

diabo [191](#), [243](#), [376](#)

diabolismo [59](#), [191](#), [192](#), [193](#), [243](#), [252](#), [257](#), [268](#), [367](#), [377](#), [384](#),
[385](#), [439](#)

diabos [286](#)

Diocleciano [233](#)

Diodoro de Sicília [95](#), [96](#)

direito de exame e de crítica [442](#)

disposições extraordinárias [356](#)

disposições inatas [165](#), [274](#), [309](#), [356](#), [358](#)

Divina Comédia [305](#)

divino Mestre [23](#), [136](#), [137](#), [144](#), [188](#), [227](#), [251](#), [268](#), [269](#), [362](#), [385](#)

dogma [42](#), [60](#), [68](#), [70](#), [71](#), [79](#), [88](#), [89](#), [91](#), [92](#), [94](#), [95](#), [99](#), [105](#), [108](#), [112](#), [120](#), [124](#), [125](#), [145](#), [148](#), [189](#), [344](#), [346](#), [347](#), [350](#), [364](#), [365](#), [371](#), [372](#), [379](#), [381](#)

dogmas [16](#), [18](#), [23](#), [24](#), [56](#), [68](#), [71](#), [75](#), [77](#), [83](#), [109](#), [118](#), [140](#), [164](#), [187](#), [346](#), [399](#), [400](#), [401](#), [438](#)

doutrina da vida única [87](#), [132](#), [133](#), [161](#), [358](#)

Doutrina de Jesus [23](#), [112](#), [121](#), [189](#), [230](#), [387](#), [440](#)

Doutrina Espírita [11](#), [13](#), [46](#), [51](#), [52](#), [69](#), [73](#), [82](#), [93](#), [95](#), [96](#), [99](#), [106](#), [109](#), [134](#), [162](#), [163](#), [176](#), [191](#), [193](#), [217](#), [261](#), [280](#), [300](#), [314](#), [336](#), [358](#), [359](#), [360](#), [368](#), [371](#), [372](#), [384](#), [388](#), [439](#), [443](#)

doutrina ortodoxa [330](#)

Druidas [94](#), [95](#), [96](#), [97](#), [98](#), [99](#)

Druidismo [98](#), [99](#), [100](#), [108](#)

Du Pont de Nemours [17](#), [280](#), [304](#)

Duppuy [37](#)

dura cerviz [121](#), [137](#), [188](#)

E

eclesiástico [368](#)

Edmund Gurney [374](#)

educação [169](#), [199](#), [250](#), [257](#), [274](#), [335](#), [336](#)

elemento espiritual [443](#), [444](#)

elemento material [443](#)

Elias [133](#), [136](#), [137](#), [139](#), [369](#)

Empédocles [36](#), [104](#)

encarnação [65](#), [67](#), [103](#), [110](#), [128](#), [189](#), [277](#), [312](#), [322](#)

Eneias [106](#)

epidemia de bexigas [220](#)

Ercole Chiaia [403](#)

Ernesto Volpi [90](#)

escada de Jacó [173](#), [283](#)

escola [25](#), [43](#), [46](#), [75](#), [78](#), [80](#), [82](#), [94](#), [120](#), [124](#), [150](#), [153](#), [156](#), [278](#), [321](#), [398](#), [399](#)

escrita direta [203](#), [408](#), [409](#), [410](#)

Escritura [134](#), [160](#), [239](#), [245](#), [246](#), [250](#), [313](#), [326](#), [368](#), [384](#)

Escrituras [15](#), [137](#), [171](#), [172](#), [177](#), [178](#), [187](#), [238](#), [243](#), [251](#), [329](#), [394](#), [395](#)

esforço [12](#), [13](#), [16](#), [48](#), [92](#), [132](#), [133](#), [157](#), [166](#), [230](#), [261](#), [274](#), [293](#), [294](#), [315](#), [320](#), [327](#), [425](#)

esforços [12](#), [13](#), [16](#), [48](#), [92](#), [132](#), [133](#), [157](#), [166](#), [230](#), [261](#), [274](#), [293](#), [294](#), [315](#), [320](#), [327](#), [425](#)

espaço [31](#), [35](#), [70](#), [84](#), [100](#), [163](#), [171](#), [173](#), [184](#), [191](#), [193](#), [231](#), [246](#), [250](#), [261](#), [278](#), [282](#), [283](#), [286](#), [312](#), [319](#), [332](#), [345](#), [351](#), [353](#), [360](#), [371](#), [372](#), [419](#), [423](#), [428](#), [429](#), [434](#)

espaços [97](#), [294](#), [425](#)

esperança [100](#), [171](#), [279](#), [290](#), [291](#), [306](#), [328](#)

espírita [13](#), [15](#), [17](#), [18](#), [25](#), [46](#), [56](#), [60](#), [64](#), [70](#), [81](#), [83](#), [84](#), [89](#), [90](#), [102](#), [112](#), [117](#), [124](#), [125](#), [132](#), [137](#), [145](#), [148](#), [152](#), [169](#), [179](#), [189](#), [192](#), [193](#), [206](#), [209](#), [211](#), [218](#), [219](#), [220](#), [221](#), [233](#), [246](#), [259](#), [260](#), [266](#), [268](#), [277](#), [281](#), [284](#), [297](#), [304](#), [318](#), [324](#), [326](#), [327](#), [330](#), [336](#), [346](#), [348](#), [350](#), [353](#), [356](#), [357](#), [358](#), [362](#), [369](#), [371](#), [372](#), [375](#), [392](#), [396](#), [398](#), [403](#), [412](#), [431](#), [432](#), [440](#), [443](#)

Espiritismo [9](#), [11](#), [12](#), [13](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [22](#), [23](#), [43](#), [45](#), [49](#), [53](#), [56](#), [57](#), [58](#), [60](#), [61](#), [65](#), [68](#), [69](#), [70](#), [71](#), [74](#), [75](#), [79](#), [80](#), [81](#), [90](#), [92](#), [93](#), [96](#), [97](#), [99](#), [101](#), [102](#), [105](#), [108](#), [109](#), [110](#), [112](#), [113](#), [114](#), [120](#), [121](#), [124](#), [125](#), [128](#), [129](#), [137](#), [140](#), [141](#), [143](#), [144](#), [158](#), [162](#), [165](#), [173](#), [174](#), [176](#), [177](#), [178](#), [181](#), [182](#), [183](#), [186](#), [192](#), [193](#), [194](#), [200](#), [201](#), [202](#), [203](#), [204](#), [206](#), [207](#), [210](#), [211](#), [212](#), [214](#), [215](#), [216](#), [218](#), [219](#), [220](#), [221](#), [224](#), [227](#), [228](#), [229](#), [233](#), [234](#), [235](#), [240](#), [242](#), [249](#), [250](#), [254](#), [259](#), [260](#), [266](#), [268](#), [271](#), [281](#), [283](#), [289](#), [294](#), [298](#), [302](#), [303](#), [305](#), [306](#), [307](#), [312](#), [322](#), [323](#), [331](#), [335](#), [336](#), [338](#), [339](#), [340](#), [344](#), [346](#), [347](#), [349](#), [351](#), [352](#), [355](#), [357](#), [358](#), [359](#), [360](#), [362](#), [363](#), [364](#), [365](#), [366](#), [368](#), [369](#), [371](#), [375](#), [376](#), [377](#), [378](#), [379](#), [381](#), [382](#), [384](#), [387](#), [388](#), [389](#), [392](#), [399](#), [400](#), [402](#), [403](#), [404](#), [405](#), [406](#), [407](#), [408](#), [411](#), [412](#), [413](#), [417](#), [418](#), [419](#), [423](#), [427](#), [439](#), [440](#), [442](#), [443](#), [444](#), [445](#), [446](#), [447](#), [448](#)

espírito de sistema [25](#), [35](#), [42](#), [71](#), [219](#), [241](#), [243](#), [257](#), [274](#), [281](#), [312](#), [335](#), [340](#), [376](#), [411](#)

Espírito de Verdade [173](#), [227](#), [337](#), [392](#)

Espírito humano [96](#), [184](#), [195](#), [234](#), [279](#), [283](#), [322](#), [351](#), [440](#)

Espírito Santo [145](#), [265](#), [337](#), [343](#), [346](#), [380](#), [381](#)

Espíritos desencarnados [184](#), [239](#), [340](#)

Espíritos elevados [262](#)

Espíritos evocados [427](#)

Espíritos superiores [252](#), [293](#), [320](#)

espiritualismo [56](#), [235](#), [374](#)

espiritualista [16](#), [18](#), [19](#), [28](#), [56](#), [109](#), [129](#), [130](#), [210](#), [235](#), [339](#), [374](#), [398](#), [403](#), [445](#)

espiritualistas [56](#), [130](#), [339](#)

Estrela dos Magos [113](#)
Esus [95](#)
Eternidade [23](#), [51](#), [73](#), [121](#), [139](#), [180](#), [238](#), [241](#), [247](#), [288](#), [321](#), [322](#),
[327](#), [364](#), [371](#), [372](#), [376](#), [399](#)
Eugène Burnouf [47](#)
Eugene Pelletan [19](#)
Euler [38](#)
Eusápia Palladino [402](#), [403](#)
Eva [160](#), [190](#)
Evangelho [9](#), [12](#), [15](#), [23](#), [38](#), [53](#), [143](#), [173](#), [187](#), [188](#), [201](#), [227](#), [239](#),
[249](#), [262](#), [266](#), [269](#), [329](#), [335](#), [337](#), [342](#), [343](#), [355](#), [385](#), [386](#), [392](#), [417](#),
[438](#), [440](#)
Evangelho do Futuro [335](#)
Evangelhos [170](#)
evocação [243](#), [247](#), [429](#), [435](#)
evocações [369](#), [427](#), [429](#)
evocado [427](#), [428](#), [429](#)
evocador [428](#), [429](#)
evolução [17](#), [33](#), [51](#), [52](#), [60](#), [65](#), [83](#), [89](#), [101](#), [110](#), [113](#), [114](#), [116](#),
[123](#), [132](#), [137](#), [166](#), [168](#), [185](#), [191](#), [200](#), [211](#), [228](#), [229](#), [237](#), [238](#), [245](#),
[273](#), [275](#), [277](#), [278](#), [280](#), [281](#), [283](#), [287](#), [288](#), [290](#), [295](#), [316](#), [318](#), [320](#),
[322](#), [325](#), [350](#), [394](#), [395](#), [396](#), [416](#), [418](#)
evolução espiritual [211](#)
expição [73](#), [88](#), [99](#), [117](#), [120](#), [181](#), [182](#), [186](#), [261](#), [284](#), [290](#), [291](#),
[302](#), [305](#), [320](#), [329](#), [352](#), [360](#), [371](#), [392](#), [395](#), [396](#), [400](#), [426](#)
E. Young [18](#)
Ezequiel [176](#), [261](#), [287](#), [301](#), [347](#)

F

faculdade [165](#), [184](#), [185](#), [254](#), [258](#), [260](#), [262](#), [279](#), [283](#), [298](#), [405](#)
faculdades [33](#), [69](#), [101](#), [184](#), [185](#), [230](#), [255](#), [279](#), [283](#), [284](#), [295](#),
[298](#), [315](#), [319](#), [330](#), [333](#), [342](#), [351](#), [357](#), [420](#), [428](#)
falta [36](#), [37](#), [62](#), [99](#), [106](#), [108](#), [120](#), [121](#), [161](#), [164](#), [172](#), [177](#), [196](#),
[207](#), [216](#), [223](#), [270](#), [287](#), [305](#), [316](#), [334](#), [398](#), [409](#)
faltas [68](#), [69](#), [73](#), [79](#), [80](#), [83](#), [88](#), [96](#), [97](#), [120](#), [161](#), [162](#), [173](#), [176](#),
[177](#), [180](#), [181](#), [246](#), [252](#), [279](#), [286](#), [290](#), [291](#), [293](#), [296](#), [300](#), [301](#), [303](#),
[304](#), [330](#), [347](#), [350](#), [352](#), [360](#), [364](#), [399](#), [421](#), [423](#)
fanático [371](#), [376](#)

fanáticos [105](#), [189](#), [191](#), [246](#), [249](#), [303](#), [305](#), [322](#), [340](#), [347](#), [383](#), [389](#), [411](#), [440](#)

fanatismo [129](#), [136](#), [168](#), [189](#), [198](#), [199](#), [207](#), [241](#), [242](#), [245](#), [257](#), [268](#), [281](#), [287](#), [312](#), [313](#), [335](#), [344](#), [359](#), [381](#), [383](#)

fé [12](#), [13](#), [16](#), [22](#), [24](#), [27](#), [28](#), [29](#), [30](#), [34](#), [38](#), [42](#), [66](#), [105](#), [136](#), [140](#), [145](#), [179](#), [181](#), [183](#), [189](#), [196](#), [208](#), [218](#), [227](#), [228](#), [231](#), [232](#), [241](#), [243](#), [246](#), [255](#), [265](#), [266](#), [273](#), [279](#), [292](#), [327](#), [339](#), [348](#), [350](#), [355](#), [362](#), [367](#), [379](#), [380](#), [381](#), [384](#), [385](#), [386](#), [387](#), [388](#), [389](#), [408](#), [410](#), [443](#), [446](#)

fé cega [105](#), [243](#), [246](#), [265](#), [385](#), [446](#)

fetiçaria [202](#), [203](#), [204](#), [207](#), [210](#), [211](#), [212](#), [214](#), [216](#), [218](#), [219](#), [259](#), [322](#)

fetiçarias [203](#), [206](#), [211](#), [217](#), [233](#)

feiticeiro [203](#), [224](#), [369](#)

felicidade [18](#), [54](#), [60](#), [73](#), [76](#), [77](#), [84](#), [88](#), [96](#), [150](#), [177](#), [251](#), [255](#), [262](#), [276](#), [281](#), [288](#), [290](#), [292](#), [305](#), [306](#), [326](#), [327](#), [329](#), [330](#), [370](#), [371](#), [372](#), [425](#)

fenômeno [18](#), [192](#), [203](#), [221](#), [223](#), [249](#), [251](#), [335](#), [340](#), [351](#), [367](#), [369](#), [384](#), [390](#), [403](#), [404](#), [409](#), [430](#)

fenômeno espírita [192](#), [221](#)

fenômenos [24](#), [25](#), [26](#), [29](#), [45](#), [46](#), [75](#), [103](#), [105](#), [106](#), [109](#), [140](#), [166](#), [185](#), [187](#), [193](#), [203](#), [215](#), [216](#), [223](#), [229](#), [239](#), [251](#), [270](#), [278](#), [295](#), [297](#), [298](#), [313](#), [323](#), [335](#), [340](#), [354](#), [359](#), [366](#), [374](#), [375](#), [376](#), [390](#), [391](#), [401](#), [402](#), [403](#), [404](#), [405](#), [408](#), [412](#), [417](#), [418](#), [428](#), [429](#), [430](#), [431](#), [432](#), [433](#), [434](#), [436](#), [440](#), [443](#), [444](#)

fenômenos morais [29](#), [354](#)

fenômenos político-sociais [354](#)

fé passiva [24](#), [27](#), [105](#), [181](#), [189](#), [265](#), [355](#), [362](#), [379](#), [381](#)

fé religiosa [30](#)

filho pródigo [301](#)

Filon [175](#)

filosofia espírita [211](#)

filosofia pagã [72](#), [81](#), [85](#), [108](#)

fim do mundo [59](#), [287](#), [392](#), [394](#), [395](#), [396](#), [400](#), [401](#)

finito [276](#), [277](#)

Flammarion [19](#), [90](#), [155](#), [192](#), [202](#), [214](#), [234](#), [375](#)

força [33](#), [43](#), [77](#), [117](#), [164](#), [171](#), [180](#), [199](#), [211](#), [230](#), [233](#), [241](#), [267](#), [274](#), [288](#), [308](#), [316](#), [319](#), [323](#), [330](#), [332](#), [334](#), [339](#), [340](#), [343](#), [354](#), [357](#), [379](#), [399](#), [403](#), [432](#)

Fourier [446](#)

Fourierismo [446](#)
Francisco Pizarro González [140](#)
Franck [148](#), [149](#), [150](#), [154](#)
François De Ligny [143](#)
François Laurent [61](#)
Frank Podmore [374](#)
Frederico Schlegel [325](#), [328](#)
Frederic William Henry Myers [374](#)
Friedrich Leopold Stolberg [144](#)
Fulton [216](#), [377](#), [431](#)
futuro [49](#), [139](#), [170](#), [189](#), [191](#), [216](#), [223](#), [258](#), [280](#), [291](#), [314](#), [363](#),
[392](#), [439](#), [444](#)

G

Gabriel [335](#)
Galileu [114](#), [153](#), [208](#), [216](#), [225](#), [249](#), [376](#), [384](#), [431](#)
Gasparin [18](#)
Gênesis [94](#), [127](#), [128](#), [129](#), [130](#), [153](#)
gênio [272](#), [280](#), [293](#), [294](#), [297](#), [303](#), [304](#), [343](#)
gênios [33](#), [166](#), [195](#), [272](#), [314](#)
Gibier [90](#), [202](#), [203](#), [214](#), [336](#), [375](#)
Girardin [18](#)
Gladstone [212](#), [375](#)
glória [56](#), [141](#), [169](#), [199](#), [247](#), [302](#), [337](#), [347](#), [350](#), [359](#), [364](#), [440](#)
Gorini [37](#)
Gotthold Ephraim Lessing [321](#)
Góya [55](#), [56](#)
gozo [56](#), [117](#), [316](#), [326](#), [371](#), [425](#)
gozos [74](#), [279](#), [294](#), [352](#)
grande peroneiro [46](#), [244](#)
guerra universal [401](#)
Gurney [374](#)

H

Hahnemann [216](#)
Henri-Étienne Beaunis [375](#)

heresia [168](#), [287](#)
Hermann Ulrici [375](#)
Heródoto [63](#), [64](#), [71](#)
Heróstratos [36](#)
Hesíodo [195](#)
hierarquia espiritual [420](#), [425](#)
Himalaia [32](#)
hinos védicos [47](#)
hipnotismo [219](#)
hipótese [32](#), [46](#), [56](#), [77](#), [83](#), [96](#), [103](#), [132](#), [161](#), [164](#), [203](#), [242](#), [243](#),
[277](#), [280](#), [298](#), [313](#), [316](#), [321](#), [323](#), [326](#), [332](#), [347](#), [404](#), [413](#), [429](#), [430](#)
hipóteses [18](#), [28](#), [36](#), [45](#), [46](#), [268](#), [332](#), [343](#)
Hippolyte Adolphe Taine [375](#)
histerismo [432](#)
História [13](#), [19](#), [37](#), [42](#), [47](#), [54](#), [63](#), [80](#), [95](#), [116](#), [119](#), [140](#), [143](#), [148](#),
[166](#), [189](#), [221](#), [225](#), [226](#), [230](#), [231](#), [233](#), [272](#), [328](#), [405](#), [445](#)
Hobbes [78](#)
homeopatia [208](#), [219](#)
Homero [53](#), [68](#), [71](#), [87](#), [415](#)
hominalidade [273](#)
Horácio [415](#)
Hugo [19](#), [90](#), [202](#), [203](#), [214](#), [375](#)
Humphry Davy [18](#)
Hyppolyte Bernheim [375](#)

I

idiota [303](#), [422](#), [423](#), [424](#)
ignorância [16](#), [32](#), [33](#), [52](#), [73](#), [102](#), [105](#), [106](#), [118](#), [140](#), [145](#), [169](#),
[202](#), [204](#), [207](#), [208](#), [219](#), [241](#), [242](#), [259](#), [295](#), [297](#), [298](#), [312](#), [313](#), [322](#),
[370](#), [380](#), [388](#), [390](#), [442](#), [444](#)
Igreja [37](#), [38](#), [59](#), [65](#), [66](#), [72](#), [81](#), [90](#), [93](#), [99](#), [103](#), [104](#), [105](#), [106](#), [108](#),
[109](#), [110](#), [120](#), [121](#), [141](#), [144](#), [159](#), [160](#), [161](#), [164](#), [165](#), [166](#), [168](#), [172](#),
[173](#), [175](#), [176](#), [177](#), [178](#), [179](#), [180](#), [183](#), [184](#), [187](#), [188](#), [222](#), [225](#), [230](#),
[235](#), [245](#), [246](#), [251](#), [255](#), [257](#), [263](#), [264](#), [265](#), [266](#), [270](#), [271](#), [287](#), [292](#),
[301](#), [308](#), [309](#), [323](#), [325](#), [337](#), [339](#), [340](#), [342](#), [344](#), [346](#), [347](#), [348](#), [350](#),
[355](#), [356](#), [357](#), [360](#), [362](#), [364](#), [365](#), [368](#), [375](#), [379](#), [380](#), [381](#), [383](#), [384](#),
[385](#), [386](#), [392](#), [395](#), [396](#), [398](#), [399](#), [438](#), [439](#), [440](#), [441](#)
Igreja católica [37](#), [264](#), [266](#)

Igreja de Jesus Cristo [347](#), [380](#), [381](#), [385](#)
Igreja romana [59](#), [65](#), [105](#), [106](#), [108](#), [166](#), [179](#), [180](#), [184](#), [222](#), [245](#),
[246](#), [251](#), [292](#), [301](#), [308](#), [325](#), [339](#), [342](#), [346](#), [381](#), [383](#), [385](#), [396](#), [398](#)
Imortal [41](#)
imortalidade [17](#), [18](#), [20](#), [23](#), [39](#), [41](#), [43](#), [45](#), [48](#), [50](#), [53](#), [54](#), [55](#), [61](#),
[62](#), [64](#), [68](#), [69](#), [70](#), [79](#), [82](#), [95](#), [98](#), [100](#), [129](#), [200](#), [211](#), [281](#), [290](#), [346](#)
imortalidade da alma [17](#), [39](#), [41](#), [43](#), [45](#), [48](#), [50](#), [53](#), [54](#), [55](#), [61](#), [62](#),
[68](#), [69](#), [70](#), [82](#), [95](#), [98](#), [281](#), [346](#)
incriado [34](#), [39](#), [276](#), [332](#)
infallibilidade [16](#), [105](#), [114](#), [240](#), [246](#), [265](#), [329](#), [346](#), [379](#), [381](#), [385](#),
[399](#)
infallibilidade científica [16](#)
infallibilidade religiosa [16](#)
Inferno [120](#), [171](#), [225](#), [227](#), [241](#), [245](#), [247](#), [254](#), [255](#), [261](#), [271](#), [287](#),
[288](#), [301](#), [305](#), [316](#), [329](#), [350](#), [355](#), [362](#), [370](#), [380](#), [389](#), [396](#), [400](#)
infinito [16](#), [26](#), [30](#), [31](#), [51](#), [96](#), [173](#), [176](#), [177](#), [180](#), [200](#), [231](#), [250](#),
[253](#), [273](#), [276](#), [277](#), [280](#), [287](#), [332](#), [348](#), [352](#), [359](#), [366](#), [400](#)
injustiça [139](#), [160](#), [168](#), [172](#), [358](#)
inocência [73](#), [242](#)
inocência e ignorância [73](#)
Inquisição [110](#), [205](#), [265](#)
Isaac Sacy [124](#)
Isaiás [110](#), [124](#), [125](#), [126](#), [127](#), [175](#)
Isis [89](#)
Islamismo [387](#)
Israel [111](#), [384](#)

J

Jacó [173](#), [283](#)
Jacques Callot [305](#)
Jâmblico [72](#), [81](#), [82](#), [83](#), [92](#)
Jansenismo [38](#)
Jean-Baptiste Biot [38](#)
Jean-Baptiste Causette [29](#), [38](#), [207](#)
Jean Baptiste Massillon [221](#)
Jean Delormel [17](#)
Jean Louis Quatrefages de Breau [29](#)

Jean-Philibert Damiron [42](#)

Jean Reynaud [61](#)

Jeová [59](#), [125](#), [230](#)

Jeremias [113](#), [133](#), [134](#), [172](#)

Jerusalém [127](#), [149](#), [153](#), [175](#), [262](#), [269](#)

Jesus [11](#), [12](#), [23](#), [37](#), [51](#), [65](#), [87](#), [112](#), [113](#), [114](#), [116](#), [117](#), [121](#), [124](#), [135](#), [136](#), [137](#), [139](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [160](#), [161](#), [170](#), [173](#), [188](#), [189](#), [199](#), [227](#), [230](#), [231](#), [232](#), [234](#), [238](#), [245](#), [246](#), [251](#), [253](#), [254](#), [261](#), [264](#), [265](#), [268](#), [269](#), [270](#), [271](#), [301](#), [323](#), [329](#), [336](#), [337](#), [342](#), [343](#), [344](#), [347](#), [348](#), [349](#), [351](#), [356](#), [359](#), [364](#), [365](#), [369](#), [371](#), [379](#), [380](#), [381](#), [383](#), [384](#), [385](#), [386](#), [387](#), [388](#), [391](#), [392](#), [399](#), [416](#), [417](#), [427](#), [440](#)

Jó [127](#), [129](#), [130](#)

João [19](#), [23](#), [94](#), [97](#), [109](#), [136](#), [137](#), [139](#), [145](#), [173](#), [227](#), [233](#), [269](#), [334](#), [337](#), [340](#), [343](#), [392](#), [417](#), [440](#)

João Baptista Pereira [233](#)

João Batista [136](#), [139](#), [145](#), [340](#)

João Batista Almignana [340](#)

João Raynaud [19](#)

Joel [392](#), [396](#), [399](#)

Jonathan Swift [215](#)

José Bonifácio [90](#), [202](#)

José Maria Fernandez [109](#)

Joseph Joubert [38](#)

Josué [384](#)

Joubert [38](#)

Jouffroy [18](#), [30](#)

Judaísmo [56](#), [59](#), [60](#)

judeu [109](#), [145](#), [147](#), [148](#), [149](#), [446](#)

judeus [59](#), [68](#), [94](#), [135](#), [136](#), [147](#), [188](#), [392](#), [417](#)

Juízo Final [395](#), [396](#), [399](#)

juízo [170](#), [270](#), [271](#), [347](#), [363](#), [396](#)

justiça [24](#), [76](#), [84](#), [93](#), [99](#), [105](#), [109](#), [111](#), [112](#), [113](#), [125](#), [140](#), [156](#), [157](#), [160](#), [161](#), [170](#), [177](#), [180](#), [181](#), [192](#), [200](#), [251](#), [270](#), [271](#), [287](#), [290](#), [292](#), [296](#), [297](#), [298](#), [303](#), [306](#), [316](#), [323](#), [352](#), [356](#), [358](#), [359](#), [360](#), [364](#), [424](#), [444](#)

justo [43](#), [131](#), [140](#), [167](#), [168](#), [175](#), [270](#), [298](#), [301](#), [302](#), [348](#), [380](#), [425](#)

K

Kardec [11](#), [18](#), [19](#), [53](#), [109](#), [110](#), [113](#), [167](#), [190](#), [193](#), [221](#), [287](#), [298](#), [336](#), [388](#), [389](#), [400](#), [438](#), [440](#), [442](#)

Kepler [45](#)

L

La Codre [18](#)

Lactâncio [153](#), [195](#)

Laffitte [235](#)

Laplace [26](#), [32](#), [33](#), [38](#), [133](#), [297](#), [377](#)

Larousse [234](#), [235](#)

Larroque [19](#)

Laurent [61](#)

Leibniz [38](#), [41](#), [272](#), [275](#), [277](#), [390](#)

lei da comunicação dos Espíritos [221](#), [227](#), [327](#), [368](#)

lei da graça [362](#)

lei da morte [73](#), [294](#)

lei da preexistência [100](#), [133](#)

lei da salvação [246](#)

lei das existências múltiplas [135](#)

lei das penas corretivas do mau uso de nossa liberdade [420](#)

lei das recompensas [420](#)

lei das reencarnações [51](#), [56](#), [74](#), [114](#), [136](#), [141](#), [281](#), [334](#), [351](#)

lei das vidas múltiplas [131](#), [143](#), [168](#), [293](#), [351](#), [359](#)

lei das vidas sucessivas [117](#), [129](#), [313](#), [357](#)

lei de Deus [113](#), [168](#), [178](#), [261](#)

lei do amor [188](#), [373](#)

lei do Bem [103](#), [257](#), [436](#)

lei do progresso [98](#), [250](#), [275](#), [288](#), [299](#), [335](#), [355](#)

lei dos fluidos espirituais [436](#)

lei natural [29](#), [132](#), [141](#), [242](#), [323](#), [366](#)

leis da analogia [284](#)

leis naturais [237](#), [391](#), [444](#)

Leonhard Paul Euler [38](#)

Lerroux [41](#)

Lessing [321](#), [322](#), [325](#)

Lete [68](#), [70](#), [291](#)

liberdade [42](#), [43](#), [73](#), [99](#), [112](#), [121](#), [132](#), [157](#), [165](#), [166](#), [181](#), [185](#), [206](#), [212](#), [247](#), [274](#), [289](#), [291](#), [300](#), [305](#), [308](#), [309](#), [312](#), [319](#), [328](#), [330](#), [346](#), [383](#), [420](#), [423](#), [428](#), [446](#)

liberdade de consciência [446](#)

liberdade de crenças [206](#)

Lincoln [90](#), [202](#), [214](#), [375](#)

Littré [234](#), [235](#)

livre-arbítrio [42](#), [51](#), [165](#)

livre exame [446](#)

Lombroso [402](#), [403](#), [404](#), [405](#), [412](#), [430](#), [431](#), [433](#)

Lord Bolingbroke [53](#)

loucos [15](#), [24](#), [103](#), [169](#), [193](#), [281](#), [307](#), [313](#), [383](#), [404](#), [431](#)

loucura [15](#), [191](#), [192](#), [193](#), [252](#), [257](#), [351](#), [372](#), [373](#), [377](#), [389](#)

Louis Claude de Saint-Martin [331](#)

Lucano [97](#), [99](#), [100](#)

Luis Menard [68](#), [69](#)

M

magia [82](#), [200](#), [202](#), [211](#), [216](#), [218](#), [219](#), [257](#), [415](#)

magnetismo [219](#), [225](#)

Malaquias [136](#)

Mambré [94](#)

Manés [67](#), [71](#), [387](#)

Manre [94](#)

Manu [67](#), [71](#), [98](#), [387](#)

Maomé [387](#)

Maometismo [56](#)

M.A.Oxon [90](#)

Marco Aneu Lucano [97](#)

Marie-Nicolas Bouillet [80](#)

Mário Sérgio Honorato [64](#)

Marquês de Olinda [90](#)

Masdeísmo [56](#), [58](#), [59](#), [60](#), [61](#), [62](#)

masdeísta [60](#)

Massillom [221](#), [222](#)

matéria [20](#), [25](#), [27](#), [28](#), [36](#), [37](#), [38](#), [39](#), [42](#), [71](#), [73](#), [77](#), [79](#), [85](#), [90](#), [110](#), [114](#), [139](#), [140](#), [148](#), [149](#), [169](#), [175](#), [179](#), [193](#), [194](#), [200](#), [202](#), [204](#), [207](#), [214](#), [220](#), [239](#), [247](#), [250](#), [254](#), [274](#), [284](#), [305](#), [320](#), [322](#), [323](#), [332](#), [333](#), [336](#), [339](#), [342](#), [357](#), [367](#), [375](#), [394](#), [398](#), [399](#), [408](#), [430](#), [432](#), [436](#), [444](#), [446](#)

materialismo [26](#), [45](#), [56](#), [93](#), [193](#), [230](#), [242](#), [243](#), [257](#), [281](#), [303](#), [316](#), [333](#), [348](#), [349](#), [350](#), [375](#), [409](#), [440](#)

materialista [16](#), [25](#), [26](#), [27](#), [28](#), [29](#), [39](#), [42](#), [43](#), [46](#), [130](#), [139](#), [140](#), [141](#), [193](#), [225](#), [226](#), [228](#), [243](#), [244](#), [272](#), [281](#), [305](#), [332](#), [339](#), [398](#), [409](#), [433](#), [446](#)

materialistas [24](#), [25](#), [26](#), [27](#), [28](#), [31](#), [34](#), [43](#), [44](#), [45](#), [129](#), [130](#), [153](#), [154](#), [155](#), [212](#), [225](#), [241](#), [243](#), [273](#), [274](#), [281](#), [331](#), [340](#)

materialistas-positivistas [24](#), [25](#), [26](#), [27](#), [28](#), [34](#), [45](#)

materialização [377](#), [402](#)

Mateus [111](#), [135](#), [136](#)

Max Müller [47](#)

Medeiros de Albuquerque [374](#), [376](#)

medicina [26](#), [208](#), [220](#), [226](#), [237](#), [238](#), [239](#), [240](#), [259](#), [443](#)

medicina mediúcnica [237](#), [238](#), [239](#), [240](#)

médium [90](#), [110](#), [239](#), [247](#), [258](#), [334](#), [340](#), [400](#), [402](#), [403](#), [404](#), [408](#), [432](#), [436](#), [448](#)

médium psicógrafo [90](#)

mediunidade [25](#), [212](#), [215](#), [238](#), [257](#), [258](#), [259](#), [369](#), [394](#)

mediunidade curadora [238](#), [258](#), [259](#)

meia pataca [183](#)

Melquisedec [98](#)

memória [41](#), [58](#), [68](#), [69](#), [70](#), [92](#), [124](#), [141](#), [221](#), [242](#), [279](#), [290](#), [300](#), [301](#), [375](#), [405](#), [421](#), [427](#), [436](#)

merecimento [69](#), [89](#), [91](#), [231](#), [234](#), [279](#), [293](#), [308](#), [318](#), [352](#), [391](#)

mérito [27](#), [91](#), [105](#), [167](#), [168](#), [169](#), [170](#), [176](#), [181](#), [261](#), [309](#)

méritos [167](#), [168](#), [200](#), [308](#), [309](#), [312](#), [326](#)

messias [280](#), [423](#)

Messias [109](#), [111](#), [117](#), [136](#), [145](#), [388](#), [391](#), [392](#), [417](#)

Mestre [23](#), [78](#), [136](#), [137](#), [143](#), [144](#), [145](#), [170](#), [188](#), [227](#), [251](#), [268](#), [269](#), [362](#), [385](#)

metempsicose [65](#), [68](#), [82](#), [96](#), [101](#), [102](#), [103](#), [104](#), [105](#), [106](#), [108](#), [325](#)

método experimental [192](#), [200](#), [348](#), [363](#)

Midas [19](#)

- milagre [238](#), [367](#), [391](#)
milagre de Lourdes [367](#)
milagres [196](#), [239](#), [336](#), [390](#), [391](#), [444](#)
Minerva [138](#), [238](#), [387](#)
misericórdia [12](#), [104](#), [121](#), [125](#), [126](#), [177](#), [191](#), [251](#), [258](#), [261](#), [265](#), [271](#), [290](#), [292](#), [305](#), [306](#), [316](#), [347](#), [352](#), [355](#), [358](#), [372](#), [401](#), [411](#), [421](#), [423](#), [424](#), [425](#)
Mistérios [82](#), [86](#), [87](#), [88](#), [89](#), [91](#), [92](#), [93](#), [108](#), [147](#), [159](#)
mitologia [47](#), [59](#), [67](#), [68](#), [69](#), [434](#)
Mme. de Gasparin [18](#)
Mme. de Girardin [18](#)
Moisés [67](#), [116](#), [117](#), [118](#), [119](#), [120](#), [123](#), [124](#), [127](#), [128](#), [129](#), [130](#), [135](#), [141](#), [147](#), [148](#), [149](#), [150](#), [152](#), [158](#), [159](#), [171](#), [188](#), [226](#), [243](#), [270](#), [271](#), [342](#), [362](#), [363](#), [364](#), [369](#), [371](#), [387](#)
Moisés Botril [149](#), [150](#)
Molleschott [333](#)
mônada [272](#), [273](#), [279](#), [280](#), [290](#), [295](#), [296](#), [300](#), [301](#), [304](#)
morte [18](#), [22](#), [23](#), [32](#), [41](#), [42](#), [43](#), [44](#), [45](#), [48](#), [53](#), [54](#), [56](#), [60](#), [61](#), [72](#), [73](#), [84](#), [86](#), [95](#), [97](#), [100](#), [103](#), [105](#), [109](#), [111](#), [119](#), [120](#), [137](#), [139](#), [150](#), [173](#), [176](#), [180](#), [184](#), [192](#), [195](#), [196](#), [200](#), [225](#), [227](#), [238](#), [242](#), [245](#), [249](#), [255](#), [257](#), [258](#), [261](#), [271](#), [276](#), [277](#), [279](#), [287](#), [288](#), [290](#), [292](#), [294](#), [300](#), [301](#), [303](#), [306](#), [320](#), [333](#), [337](#), [339](#), [344](#), [347](#), [350](#), [359](#), [360](#), [370](#), [371](#), [372](#), [375](#), [396](#), [399](#), [420](#), [432](#), [439](#)
morte das crianças [359](#), [360](#)
morte eterna [180](#), [303](#), [306](#), [339](#), [347](#), [372](#)
mosaísmo [188](#), [387](#)
Mosaísmo [387](#)
Motta Coqueiro [139](#), [140](#)
Müller [47](#)
mundo [15](#), [20](#), [23](#), [24](#), [25](#), [28](#), [29](#), [32](#), [33](#), [34](#), [37](#), [39](#), [47](#), [48](#), [49](#), [51](#), [55](#), [58](#), [59](#), [60](#), [67](#), [68](#), [69](#), [71](#), [72](#), [73](#), [78](#), [79](#), [96](#), [97](#), [99](#), [100](#), [110](#), [113](#), [114](#), [117](#), [121](#), [135](#), [140](#), [141](#), [147](#), [148](#), [156](#), [157](#), [163](#), [173](#), [181](#), [185](#), [192](#), [194](#), [195](#), [200](#), [203](#), [207](#), [208](#), [210](#), [211](#), [212](#), [214](#), [216](#), [218](#), [219](#), [223](#), [226](#), [229](#), [230](#), [234](#), [238](#), [242](#), [246](#), [248](#), [250](#), [253](#), [254](#), [258](#), [261](#), [262](#), [264](#), [265](#), [266](#), [268](#), [272](#), [284](#), [287](#), [295](#), [297](#), [298](#), [302](#), [310](#), [313](#), [318](#), [319](#), [320](#), [321](#), [322](#), [323](#), [337](#), [343](#), [344](#), [354](#), [355](#), [356](#), [358](#), [364](#), [366](#), [367](#), [368](#), [373](#), [377](#), [383](#), [385](#), [387](#), [388](#), [392](#), [394](#), [395](#), [396](#), [398](#), [400](#), [401](#), [406](#), [407](#), [409](#), [410](#), [415](#), [416](#), [417](#), [420](#), [424](#), [428](#), [433](#), [434](#), [435](#), [442](#), [444](#), [446](#)
mundo de expiação [73](#), [117](#), [181](#), [392](#), [395](#), [396](#), [400](#)

mundo de provas e expiações [253](#)
mundo de regeneração [395](#)
mundo dos Espíritos [319](#), [428](#)
mundo espiritual [24](#), [25](#), [28](#), [147](#), [246](#), [433](#)
mundo físico [25](#), [51](#), [192](#), [355](#), [366](#)
mundo invisível [121](#), [254](#), [319](#), [320](#), [428](#)
mundo material [24](#), [25](#), [114](#), [195](#), [394](#), [398](#)
mundo moral [25](#), [39](#), [51](#), [238](#), [355](#), [392](#), [395](#)
mundos [19](#), [33](#), [34](#), [48](#), [49](#), [88](#), [91](#), [92](#), [96](#), [97](#), [99](#), [100](#), [110](#), [128](#),
[148](#), [152](#), [155](#), [164](#), [185](#), [186](#), [195](#), [198](#), [231](#), [242](#), [246](#), [253](#), [262](#), [275](#),
[284](#), [295](#), [297](#), [298](#), [299](#), [305](#), [320](#), [350](#), [395](#)
mundos de expiação [99](#), [186](#), [305](#), [320](#)
mundos de iniciação [320](#)
mundos de resignação [320](#)
mundos inferiores [34](#), [88](#), [91](#), [92](#), [96](#), [284](#), [295](#)
mundos superiores [91](#), [96](#), [99](#), [128](#), [164](#), [253](#), [297](#), [298](#), [299](#)
mundo visível [110](#), [203](#), [250](#), [258](#), [318](#), [367](#), [435](#)
Musset [29](#), [30](#)
Myers [374](#)

N

Nabucodonosor [335](#)
nada [16](#), [24](#), [29](#), [30](#), [31](#), [38](#), [42](#), [43](#), [46](#), [51](#), [55](#), [56](#), [64](#), [72](#), [77](#), [81](#),
[92](#), [95](#), [99](#), [100](#), [110](#), [111](#), [112](#), [139](#), [163](#), [168](#), [170](#), [176](#), [181](#), [184](#), [192](#),
[194](#), [196](#), [200](#), [201](#), [219](#), [223](#), [231](#), [254](#), [277](#), [296](#), [299](#), [307](#), [311](#), [326](#),
[331](#), [338](#), [344](#), [347](#), [355](#), [356](#), [358](#), [359](#), [378](#), [381](#), [432](#), [436](#), [439](#), [444](#)
Newton [38](#), [45](#), [133](#)
Nicodemos [145](#)
nigromancia [404](#), [405](#), [408](#)
nirvana [55](#), [56](#)
nova revelação [65](#), [69](#), [117](#), [226](#), [262](#)
Nova Revelação [330](#), [333](#), [381](#), [382](#), [392](#), [393](#), [417](#), [418](#), [439](#)
Novo Testamento [329](#)
Nueva Alianza [15](#)

O

- obscurantismo [207](#), [229](#), [237](#), [259](#), [363](#)
obscurantista [407](#)
obsedado [211](#), [376](#)
obsessão [312](#), [351](#)
obsessor [351](#)
obsessores [257](#), [281](#), [411](#)
Onipotente [243](#), [308](#)
opinião [36](#), [42](#), [54](#), [67](#), [95](#), [106](#), [128](#), [137](#), [162](#), [190](#), [195](#), [234](#), [258](#),
[260](#), [281](#), [322](#), [325](#), [333](#), [339](#), [398](#), [399](#), [405](#), [445](#), [446](#)
opinião universal [36](#)
Orígenes [94](#), [97](#), [159](#), [160](#), [161](#), [162](#), [163](#), [164](#), [165](#), [166](#), [167](#), [168](#),
[169](#), [170](#), [171](#), [172](#), [173](#), [174](#), [175](#), [176](#), [179](#), [180](#), [181](#), [182](#), [183](#), [184](#),
[186](#), [187](#), [189](#), [190](#), [246](#)
Ormuzd [59](#), [60](#), [61](#)
Ovídio [70](#), [71](#)
Oxan [90](#)

P

- padre [29](#), [37](#), [66](#), [93](#), [109](#), [111](#), [135](#), [136](#), [137](#), [139](#), [140](#), [141](#), [143](#),
[159](#), [161](#), [164](#), [166](#), [168](#), [169](#), [172](#), [183](#), [226](#), [227](#), [228](#), [244](#), [255](#), [266](#),
[267](#), [272](#), [281](#), [334](#), [340](#)
padre Gorini [37](#)
padres [63](#), [65](#), [94](#), [97](#), [98](#), [102](#), [105](#), [145](#), [153](#), [180](#), [187](#), [211](#), [216](#),
[225](#), [243](#), [254](#), [268](#)
paganismo [100](#), [106](#)
panteísmo [41](#)
panteísta [41](#), [43](#)
Papa [105](#), [110](#), [111](#), [246](#), [379](#), [380](#), [384](#), [385](#), [399](#), [416](#), [417](#), [445](#)
papado [380](#), [439](#)
Papás [305](#), [306](#), [307](#)
parábola [301](#), [335](#)
Parábola da Trave e do Argueiro [383](#)
Parábola do Filho Pródigo [301](#)
paraíso [69](#), [96](#), [315](#), [396](#)
Paranapiacaba [334](#), [335](#), [336](#)
Pascal [38](#)

passado [15](#), [25](#), [41](#), [43](#), [44](#), [49](#), [53](#), [69](#), [70](#), [75](#), [76](#), [83](#), [90](#), [98](#), [101](#), [109](#), [118](#), [119](#), [123](#), [139](#), [155](#), [157](#), [159](#), [161](#), [167](#), [170](#), [183](#), [189](#), [191](#), [204](#), [216](#), [221](#), [223](#), [257](#), [291](#), [292](#), [296](#), [305](#), [309](#), [311](#), [312](#), [325](#), [330](#), [355](#), [363](#), [370](#), [379](#), [398](#), [406](#), [412](#), [423](#), [427](#), [430](#), [434](#), [444](#)

pataca [183](#)

Patrice Larroque [19](#)

Paul Gibier [375](#)

Paul Littré [234](#)

Paulo [38](#), [110](#), [111](#), [133](#), [269](#), [405](#)

Paul Roca [109](#)

pecado [84](#), [93](#), [99](#), [143](#), [144](#), [160](#), [161](#), [172](#), [173](#), [175](#), [180](#), [243](#), [329](#)

pecado original [99](#), [160](#), [161](#), [175](#)

pecador [121](#)

pecados [143](#), [160](#), [172](#), [179](#)

pedra angular [51](#), [65](#), [71](#), [88](#), [102](#), [169](#), [183](#), [305](#)

Pedro [17](#), [41](#), [265](#), [380](#), [383](#), [448](#)

Pedro Lerroux [41](#)

Pedro Samuel Dupont de Nemours [17](#)

Pelletan [19](#)

penas [53](#), [60](#), [61](#), [69](#), [79](#), [82](#), [84](#), [86](#), [87](#), [88](#), [92](#), [93](#), [97](#), [98](#), [99](#), [103](#), [105](#), [106](#), [117](#), [121](#), [124](#), [125](#), [137](#), [161](#), [167](#), [171](#), [172](#), [173](#), [176](#), [177](#), [179](#), [180](#), [188](#), [190](#), [199](#), [206](#), [252](#), [261](#), [286](#), [287](#), [290](#), [305](#), [306](#), [347](#), [355](#), [357](#), [362](#), [370](#), [388](#), [399](#), [400](#), [420](#), [423](#), [425](#)

penas corretivas [117](#), [121](#), [420](#)

penas eternas [60](#), [61](#), [86](#), [87](#), [88](#), [92](#), [103](#), [105](#), [106](#), [117](#), [121](#), [125](#), [137](#), [171](#), [172](#), [173](#), [177](#), [179](#), [180](#), [188](#), [199](#), [261](#), [286](#), [305](#), [347](#), [355](#), [362](#), [399](#), [400](#)

penas temporárias [87](#), [98](#), [124](#), [125](#), [177](#), [388](#), [400](#)

perdão [120](#), [125](#), [209](#), [236](#), [260](#), [306](#), [351](#), [352](#), [423](#), [436](#)

perdição [349](#)

perfectibilidade [23](#), [24](#), [39](#), [43](#), [51](#), [55](#), [58](#), [64](#), [65](#), [74](#), [84](#), [131](#), [133](#), [162](#), [163](#), [164](#), [176](#), [184](#), [185](#), [189](#), [200](#), [223](#), [231](#), [237](#), [238](#), [241](#), [242](#), [254](#), [261](#), [262](#), [275](#), [277](#), [278](#), [303](#), [308](#), [309](#), [315](#), [347](#), [350](#), [357](#), [366](#), [370](#), [400](#), [411](#)

perfectibilidade humana [58](#), [64](#), [162](#), [164](#), [223](#), [237](#), [241](#), [262](#), [277](#), [309](#), [315](#), [357](#), [366](#), [411](#)

perfectível [42](#), [50](#), [164](#), [303](#), [308](#), [315](#), [370](#), [399](#), [409](#)

perfeição [23](#), [42](#), [50](#), [59](#), [73](#), [84](#), [132](#), [168](#), [173](#), [176](#), [182](#), [184](#), [185](#), [200](#), [242](#), [246](#), [254](#), [276](#), [277](#), [280](#), [287](#), [300](#), [302](#), [305](#), [307](#), [308](#), [309](#), [310](#), [311](#), [312](#), [315](#), [320](#), [322](#), [325](#), [326](#), [327](#), [329](#), [350](#), [352](#), [371](#), [399](#), [411](#), [424](#), [425](#)

Perfeição Infinita [135](#), [299](#), [364](#)

perispírito [128](#), [129](#)

Pezzani [17](#), [19](#), [54](#), [59](#), [88](#), [90](#), [91](#), [92](#), [96](#), [100](#), [105](#), [130](#), [175](#), [190](#), [375](#)

Philip Davis [335](#), [336](#), [340](#), [376](#), [377](#), [408](#)

Pierre Athanase Larousse [234](#)

Pierre Laffitte [235](#)

Pierre-Simon Ballanche [17](#)

Pinheiro Chagas [415](#), [416](#), [417](#), [418](#)

Pio IX [440](#)

Pitágoras [65](#), [68](#), [82](#), [83](#), [95](#), [102](#), [103](#), [104](#), [105](#), [153](#)

Pizarro [140](#)

planeta [96](#), [117](#), [152](#), [196](#), [197](#), [241](#), [284](#), [297](#), [313](#), [318](#), [350](#), [391](#), [394](#), [395](#), [396](#), [416](#)

Platão [53](#), [65](#), [68](#), [70](#), [71](#), [72](#), [73](#), [74](#), [75](#), [76](#), [77](#), [80](#), [82](#), [83](#), [87](#), [102](#), [104](#), [133](#), [141](#), [156](#), [297](#), [298](#), [427](#), [429](#)

Plotino [72](#), [78](#), [79](#), [80](#), [82](#)

pluralidade das existências [19](#), [20](#), [48](#), [49](#), [50](#), [62](#), [64](#), [65](#), [77](#), [84](#), [87](#), [89](#), [104](#), [108](#), [112](#), [119](#), [121](#), [130](#), [148](#), [158](#), [159](#), [195](#), [198](#), [211](#), [235](#), [264](#)

pluralidade de existências [71](#), [86](#), [92](#), [102](#), [124](#), [125](#), [126](#), [129](#), [134](#), [135](#), [139](#), [141](#), [145](#), [152](#), [155](#), [162](#), [164](#), [171](#), [183](#), [194](#), [233](#), [260](#), [272](#), [316](#), [328](#), [329](#), [331](#), [388](#), [411](#)

pluralidade de mundos [152](#), [155](#), [164](#)

pluralidade de mundos habitados [155](#), [164](#)

pluralidade dos mundos habitados [48](#), [96](#), [155](#)

Plutarco [54](#), [93](#), [195](#)

Podmore [374](#)

poligamia [117](#), [362](#)

Pompônio Mela [95](#)

Porfírio [72](#), [79](#), [80](#), [81](#), [82](#)

positivismo [26](#), [45](#), [192](#), [210](#), [230](#), [235](#), [401](#), [440](#)

positivista [25](#), [26](#), [27](#), [29](#), [46](#), [75](#), [164](#), [193](#), [203](#), [231](#), [281](#), [292](#), [401](#), [430](#)

possessão [269](#)
Possessos [15](#), [269](#)
preconceitos [121](#), [164](#), [169](#), [176](#), [187](#), [199](#), [227](#), [242](#), [314](#), [315](#), [336](#),
[366](#)
precursor [73](#), [279](#), [292](#), [306](#)
preexistência [20](#), [77](#), [92](#), [96](#), [97](#), [99](#), [100](#), [119](#), [131](#), [132](#), [133](#), [141](#),
[142](#), [146](#), [155](#), [157](#), [158](#), [169](#), [191](#), [272](#), [323](#)
presente [13](#), [18](#), [72](#), [84](#), [93](#), [157](#), [292](#), [305](#), [346](#), [446](#)
primeira encarnação terrestre [312](#)
princípio da vida única [160](#), [298](#)
prisão celular [200](#), [204](#), [229](#)
progressividade da revelação [117](#), [246](#), [343](#)
progresso [12](#), [20](#), [23](#), [46](#), [48](#), [50](#), [51](#), [55](#), [64](#), [65](#), [73](#), [84](#), [91](#), [92](#), [96](#),
[98](#), [100](#), [101](#), [106](#), [117](#), [120](#), [123](#), [141](#), [152](#), [157](#), [162](#), [165](#), [167](#), [169](#),
[173](#), [176](#), [177](#), [178](#), [182](#), [184](#), [185](#), [188](#), [189](#), [196](#), [197](#), [198](#), [199](#), [204](#),
[207](#), [208](#), [210](#), [223](#), [225](#), [226](#), [229](#), [230](#), [231](#), [246](#), [250](#), [251](#), [252](#), [254](#),
[258](#), [264](#), [265](#), [270](#), [273](#), [275](#), [277](#), [278](#), [280](#), [281](#), [282](#), [283](#), [286](#), [288](#),
[289](#), [290](#), [291](#), [292](#), [293](#), [295](#), [297](#), [298](#), [299](#), [301](#), [302](#), [305](#), [306](#), [307](#),
[308](#), [310](#), [313](#), [315](#), [316](#), [319](#), [320](#), [322](#), [323](#), [327](#), [333](#), [335](#), [337](#), [342](#),
[343](#), [350](#), [354](#), [355](#), [356](#), [362](#), [376](#), [380](#), [391](#), [394](#), [395](#), [396](#), [399](#), [400](#),
[407](#), [417](#), [420](#), [424](#), [426](#), [428](#), [438](#), [439](#), [440](#)
prova [29](#), [31](#), [36](#), [45](#), [52](#), [53](#), [80](#), [83](#), [87](#), [92](#), [99](#), [106](#), [112](#), [119](#), [123](#),
[124](#), [125](#), [134](#), [135](#), [136](#), [141](#), [142](#), [143](#), [144](#), [145](#), [149](#), [152](#), [154](#), [155](#),
[160](#), [164](#), [184](#), [188](#), [192](#), [196](#), [203](#), [204](#), [207](#), [211](#), [222](#), [229](#), [230](#), [242](#),
[243](#), [247](#), [249](#), [266](#), [274](#), [277](#), [279](#), [281](#), [291](#), [293](#), [302](#), [308](#), [314](#), [315](#),
[318](#), [319](#), [324](#), [339](#), [340](#), [348](#), [350](#), [351](#), [352](#), [360](#), [363](#), [367](#), [368](#), [369](#),
[379](#), [380](#), [384](#), [388](#), [401](#), [403](#), [405](#), [406](#), [407](#), [418](#), [421](#), [422](#), [424](#), [425](#),
[430](#), [435](#), [436](#), [437](#), [439](#)
prova experimental [45](#), [83](#), [192](#), [203](#), [211](#), [319](#), [324](#), [339](#), [340](#), [348](#),
[350](#), [352](#), [367](#), [379](#), [401](#), [418](#)
prova material [281](#), [348](#), [351](#), [368](#), [437](#)
provas [13](#), [15](#), [37](#), [46](#), [51](#), [69](#), [70](#), [71](#), [79](#), [80](#), [86](#), [89](#), [91](#), [92](#), [96](#), [97](#),
[98](#), [101](#), [105](#), [124](#), [126](#), [132](#), [140](#), [141](#), [147](#), [149](#), [156](#), [157](#), [158](#), [159](#),
[169](#), [173](#), [185](#), [191](#), [203](#), [211](#), [225](#), [238](#), [240](#), [244](#), [247](#), [250](#), [253](#), [257](#),
[278](#), [291](#), [302](#), [311](#), [312](#), [313](#), [322](#), [323](#), [325](#), [344](#), [346](#), [348](#), [351](#), [353](#),
[360](#), [368](#), [382](#), [385](#), [407](#), [409](#), [430](#), [440](#)
provas experimentais [101](#), [140](#), [173](#), [203](#), [211](#), [257](#), [313](#), [323](#), [407](#)
providência [79](#)
Purgatório [179](#), [180](#), [225](#), [241](#), [305](#), [329](#), [347](#), [350](#), [395](#)
purificação [69](#), [81](#), [83](#), [172](#), [179](#), [180](#), [181](#), [301](#), [302](#), [310](#)

Q

Quatrefages [29](#)

queda [59](#), [110](#), [148](#), [189](#), [219](#), [412](#), [434](#)

Queda do Homem [127](#)

Queroneia [93](#)

química [102](#), [333](#)

R

Rabi Aba [150](#)

racionalismo [382](#)

rainha Cristina [38](#)

razão [22](#), [25](#), [27](#), [28](#), [29](#), [30](#), [34](#), [39](#), [42](#), [43](#), [45](#), [50](#), [51](#), [54](#), [77](#), [84](#), [86](#), [89](#), [91](#), [93](#), [99](#), [105](#), [114](#), [116](#), [117](#), [118](#), [123](#), [135](#), [137](#), [140](#), [141](#), [144](#), [154](#), [160](#), [161](#), [164](#), [168](#), [169](#), [172](#), [173](#), [176](#), [180](#), [181](#), [185](#), [189](#), [192](#), [193](#), [195](#), [199](#), [200](#), [212](#), [219](#), [225](#), [227](#), [229](#), [235](#), [239](#), [241](#), [245](#), [246](#), [253](#), [255](#), [257](#), [258](#), [266](#), [272](#), [273](#), [274](#), [276](#), [277](#), [280](#), [297](#), [303](#), [308](#), [312](#), [313](#), [321](#), [323](#), [330](#), [332](#), [339](#), [346](#), [351](#), [352](#), [353](#), [354](#), [355](#), [356](#), [358](#), [359](#), [360](#), [364](#), [366](#), [367](#), [368](#), [384](#), [385](#), [388](#), [390](#), [393](#), [396](#), [397](#), [398](#), [399](#), [400](#), [405](#), [411](#), [412](#), [413](#), [414](#), [416](#), [418](#), [420](#), [421](#), [431](#), [439](#), [443](#), [444](#), [446](#)

recompensas [53](#), [61](#), [69](#), [167](#), [261](#), [321](#), [420](#)

redenção [110](#), [230](#)

Redentor [344](#), [356](#), [392](#)

reencarnação [48](#), [49](#), [66](#), [68](#), [70](#), [136](#), [139](#), [167](#), [176](#), [277](#), [302](#), [322](#), [340](#), [346](#), [352](#), [355](#), [359](#), [364](#), [365](#), [366](#), [367](#), [417](#), [419](#)

regedor-soberano [396](#)

reino hominal [29](#), [83](#), [110](#), [273](#), [295](#)

reino vegetal [272](#), [277](#)

religião [38](#), [55](#), [56](#), [58](#), [62](#), [77](#), [94](#), [100](#), [123](#), [168](#), [187](#), [188](#), [189](#), [192](#), [208](#), [222](#), [225](#), [226](#), [228](#), [230](#), [241](#), [242](#), [245](#), [246](#), [249](#), [264](#), [266](#), [304](#), [336](#), [358](#), [386](#), [392](#), [399](#), [440](#), [443](#), [445](#)

religião cristã [228](#)

religião universal [399](#)

religiosidade [29](#)

remorso [279](#), [290](#), [300](#)

remorsos [301](#)

Renan [234](#), [336](#)

René Caillié [109](#)

reparação [120](#), [176](#), [302](#), [328](#), [329](#), [423](#)
responsabilidade [42](#), [43](#), [46](#), [59](#), [79](#), [82](#), [211](#), [266](#), [273](#), [290](#), [301](#),
[339](#), [344](#), [345](#), [346](#), [409](#), [420](#), [438](#), [439](#), [440](#), [443](#)
revelação [12](#), [65](#), [69](#), [98](#), [117](#), [158](#), [175](#), [188](#), [189](#), [210](#), [223](#), [225](#),
[226](#), [242](#), [246](#), [262](#), [270](#), [318](#), [336](#), [337](#), [342](#), [343](#), [369](#), [401](#), [439](#)
revelação científica [210](#), [223](#), [242](#)
revelação divina [117](#), [188](#), [336](#), [342](#)
revelação espírita [117](#), [246](#), [318](#)
Revelação messiânica [265](#), [342](#), [391](#), [417](#), [439](#)
Robespierre [231](#)
Roma [70](#), [71](#), [82](#), [90](#), [105](#), [110](#), [125](#), [180](#), [181](#), [211](#), [227](#), [261](#), [262](#),
[263](#), [269](#), [270](#), [271](#), [303](#), [326](#), [327](#), [330](#), [333](#), [346](#), [355](#), [358](#), [359](#), [360](#),
[381](#), [384](#), [385](#), [416](#), [417](#), [439](#), [441](#)
Roustaing [19](#), [109](#)
Rutilio Ascenzi [404](#)

S

sábio [26](#), [32](#), [37](#), [48](#), [50](#), [54](#), [63](#), [65](#), [73](#), [75](#), [83](#), [84](#), [93](#), [108](#), [110](#),
[135](#), [140](#), [148](#), [149](#), [162](#), [163](#), [167](#), [168](#), [169](#), [203](#), [208](#), [222](#), [256](#), [273](#),
[276](#), [290](#), [297](#), [298](#), [299](#), [307](#), [322](#), [328](#), [329](#), [336](#), [339](#), [340](#), [370](#), [375](#),
[376](#), [377](#), [378](#), [387](#), [403](#), [404](#), [405](#), [406](#), [409](#), [410](#), [417](#), [423](#), [424](#), [425](#),
[430](#), [431](#)
sábios [15](#), [16](#), [19](#), [20](#), [22](#), [26](#), [27](#), [32](#), [34](#), [37](#), [38](#), [39](#), [44](#), [46](#), [49](#), [51](#),
[52](#), [54](#), [55](#), [64](#), [66](#), [67](#), [68](#), [70](#), [71](#), [75](#), [78](#), [80](#), [90](#), [95](#), [105](#), [106](#), [108](#),
[130](#), [133](#), [140](#), [141](#), [159](#), [165](#), [168](#), [183](#), [184](#), [191](#), [192](#), [194](#), [200](#), [201](#),
[202](#), [207](#), [214](#), [216](#), [218](#), [223](#), [225](#), [241](#), [249](#), [273](#), [284](#), [309](#), [312](#), [313](#),
[322](#), [326](#), [332](#), [336](#), [340](#), [367](#), [368](#), [375](#), [378](#), [381](#), [402](#), [403](#), [404](#), [405](#),
[406](#), [409](#), [416](#), [422](#), [427](#), [430](#)
sábios da incredulidade [39](#)
sábios de bulas equívocas [15](#), [19](#)
sábios de carregação [165](#), [375](#), [404](#)
sábios por convenção [19](#)
sacerdócio hebreu [238](#), [265](#), [268](#), [344](#), [348](#), [381](#), [389](#), [439](#), [440](#)
S. Agostinho [133](#), [142](#), [246](#)
Sakyamuni [55](#), [387](#)
salvação [12](#), [24](#), [59](#), [61](#), [62](#), [84](#), [99](#), [100](#), [104](#), [119](#), [120](#), [121](#), [124](#),
[125](#), [126](#), [177](#), [180](#), [181](#), [216](#), [228](#), [246](#), [270](#), [305](#), [326](#), [339](#), [348](#), [349](#),
[357](#), [360](#), [363](#), [364](#), [400](#), [425](#)

salvação universal [24](#), [61](#), [62](#), [84](#), [99](#), [104](#), [119](#), [121](#), [126](#), [181](#), [228](#), [246](#), [305](#), [357](#)

Samuel [17](#), [227](#), [243](#), [269](#), [276](#), [335](#), [369](#)

santo [12](#), [51](#), [59](#), [76](#), [148](#), [150](#), [185](#), [255](#), [299](#), [326](#)

Santo Agostinho [141](#), [153](#), [162](#), [163](#), [167](#)

São Jerônimo [246](#)

São João [23](#), [137](#), [173](#), [343](#), [392](#), [417](#), [440](#)

São Martin [331](#)

São Mateus [135](#), [136](#)

São Paulo [38](#), [110](#), [111](#), [133](#), [269](#)

Satanás [23](#), [59](#), [140](#), [144](#), [243](#), [246](#), [254](#), [255](#), [266](#), [287](#)

Saul [269](#), [369](#)

Savy [17](#)

Schlegel [325](#), [326](#), [327](#), [328](#), [329](#), [330](#)

Schütz [119](#), [120](#), [123](#), [124](#)

seita [26](#), [187](#), [235](#), [264](#), [394](#), [398](#), [399](#)

seita científica [26](#)

Sena Freitas [334](#), [335](#), [336](#), [337](#), [338](#), [339](#)

Sérvio [64](#), [71](#)

Simão ben Jochai [148](#), [149](#), [150](#)

simpatia [196](#), [421](#)

Sinai [98](#), [147](#), [362](#)

Sinésio [106](#)

síntese [109](#), [169](#), [314](#), [327](#)

sistemáticos [389](#)

sistematismo [211](#)

S. Jerônimo [107](#)

S. João [227](#), [337](#)

sobrenaturais [444](#)

sobrenatural [208](#), [249](#)

sobrevivência [42](#), [43](#), [45](#), [211](#), [280](#), [437](#)

sobrevivência da alma [42](#)

Sócrates [26](#), [53](#), [75](#), [77](#), [82](#), [133](#), [195](#), [196](#), [197](#), [221](#), [222](#), [297](#), [376](#)

sofrimento [69](#), [97](#), [177](#), [180](#), [181](#), [251](#), [326](#)

sofrimentos [181](#)

Sol [40](#), [45](#), [47](#), [114](#), [117](#), [121](#), [128](#), [129](#), [153](#), [155](#), [183](#), [195](#), [198](#), [208](#), [225](#), [235](#), [237](#), [255](#), [376](#), [384](#), [385](#), [406](#)

sonambulismo [219](#)
 S. Pedro [380](#)
 Spinoza [41](#), [44](#)
 Stolberg [143](#), [144](#)
 substância [215](#), [241](#)
 sugestão [144](#), [227](#), [327](#), [430](#)
 suicídio [302](#), [331](#)
 Swedenborg [110](#)

T

Taine [375](#)
 Talmude [149](#), [153](#)
 Tamburini [402](#), [403](#), [404](#)
 Tamiris [88](#), [89](#)
 templo de Delfos [46](#)
 tempo [16](#), [18](#), [19](#), [32](#), [34](#), [47](#), [51](#), [56](#), [62](#), [63](#), [65](#), [70](#), [72](#), [73](#), [75](#), [80](#),
[83](#), [102](#), [103](#), [105](#), [106](#), [111](#), [112](#), [114](#), [116](#), [117](#), [118](#), [123](#), [124](#), [127](#),
[135](#), [137](#), [141](#), [147](#), [149](#), [153](#), [158](#), [159](#), [171](#), [176](#), [178](#), [179](#), [183](#), [184](#),
[185](#), [186](#), [188](#), [191](#), [192](#), [194](#), [195](#), [198](#), [199](#), [201](#), [202](#), [204](#), [210](#), [211](#),
[223](#), [226](#), [227](#), [237](#), [238](#), [242](#), [243](#), [247](#), [251](#), [257](#), [258](#), [261](#), [266](#), [269](#),
[270](#), [283](#), [284](#), [291](#), [294](#), [296](#), [297](#), [298](#), [301](#), [303](#), [309](#), [316](#), [321](#), [326](#),
[327](#), [328](#), [332](#), [334](#), [337](#), [343](#), [344](#), [355](#), [362](#), [364](#), [367](#), [371](#), [372](#), [380](#),
[381](#), [387](#), [388](#), [389](#), [392](#), [393](#), [396](#), [398](#), [399](#), [401](#), [402](#), [411](#), [412](#), [413](#),
[416](#), [419](#), [425](#), [430](#), [431](#), [436](#), [438](#), [439](#), [441](#)
 tentação [96](#)
 teologia pagã [71](#), [85](#), [108](#)
 Terceira Revelação [189](#)
 Terra [12](#), [15](#), [19](#), [31](#), [32](#), [33](#), [34](#), [45](#), [47](#), [50](#), [51](#), [56](#), [60](#), [66](#), [68](#), [73](#),
[76](#), [77](#), [87](#), [88](#), [96](#), [99](#), [106](#), [110](#), [111](#), [112](#), [117](#), [121](#), [123](#), [127](#), [128](#),
[131](#), [133](#), [139](#), [146](#), [152](#), [153](#), [154](#), [155](#), [156](#), [157](#), [161](#), [163](#), [164](#), [166](#),
[169](#), [173](#), [177](#), [181](#), [184](#), [185](#), [189](#), [195](#), [196](#), [200](#), [201](#), [208](#), [211](#), [216](#),
[225](#), [227](#), [232](#), [237](#), [238](#), [239](#), [243](#), [245](#), [251](#), [253](#), [254](#), [259](#), [260](#), [261](#),
[262](#), [263](#), [264](#), [265](#), [269](#), [270](#), [276](#), [277](#), [278](#), [280](#), [281](#), [283](#), [284](#), [286](#),
[291](#), [295](#), [297](#), [298](#), [299](#), [305](#), [309](#), [310](#), [312](#), [313](#), [314](#), [315](#), [316](#), [319](#),
[321](#), [322](#), [323](#), [325](#), [326](#), [342](#), [347](#), [348](#), [350](#), [352](#), [367](#), [371](#), [372](#), [373](#),
[376](#), [380](#), [381](#), [384](#), [385](#), [388](#), [389](#), [391](#), [392](#), [394](#), [395](#), [396](#), [400](#), [406](#),
[420](#), [423](#), [424](#), [428](#), [433](#), [439](#), [440](#), [444](#)
 Théodore Simon Jouffroy [18](#)
 Théodule-Armand Ribot [375](#)

Thierry [37](#)
Thomas Hobbes [78](#)
Th. Ribot [375](#)
Timeu de Locros [87](#)
Tirteu [29](#), [333](#)
Tobias [238](#)
Tomás Delfino [90](#)
Tomé [139](#)
Torricelli [376](#)
transformismo [101](#), [272](#)
Trindade [381](#)

U

Ulrici [375](#)
ultramontanos [309](#)
universalidade [32](#), [42](#), [46](#), [84](#), [85](#), [93](#), [191](#), [323](#), [329](#)
Universo [26](#), [28](#), [30](#), [36](#), [39](#), [41](#), [60](#), [64](#), [82](#), [83](#), [96](#), [112](#), [115](#), [157](#),
[166](#), [190](#), [193](#), [195](#), [196](#), [231](#), [274](#), [282](#), [283](#), [284](#), [295](#), [318](#), [320](#), [326](#),
[331](#), [333](#), [363](#), [399](#), [440](#), [443](#)

V

Valérie Boissier [18](#)
Valério Máximo [95](#)
Vedas [48](#), [49](#), [51](#), [52](#), [56](#), [58](#)
Velho Testamento [23](#), [124](#)
Verbo [28](#)
verdade [13](#), [24](#), [25](#), [26](#), [27](#), [28](#), [29](#), [32](#), [34](#), [36](#), [39](#), [42](#), [43](#), [45](#), [46](#),
[54](#), [56](#), [64](#), [65](#), [66](#), [73](#), [74](#), [75](#), [77](#), [82](#), [84](#), [86](#), [87](#), [92](#), [98](#), [99](#), [106](#), [109](#),
[110](#), [111](#), [112](#), [113](#), [114](#), [117](#), [118](#), [119](#), [121](#), [134](#), [135](#), [137](#), [138](#), [140](#),
[144](#), [145](#), [154](#), [156](#), [160](#), [164](#), [166](#), [168](#), [170](#), [172](#), [173](#), [176](#), [178](#), [179](#),
[181](#), [183](#), [187](#), [190](#), [191](#), [192](#), [193](#), [199](#), [200](#), [201](#), [203](#), [208](#), [210](#), [211](#),
[212](#), [214](#), [215](#), [217](#), [219](#), [220](#), [222](#), [228](#), [231](#), [233](#), [237](#), [238](#), [239](#), [240](#),
[241](#), [242](#), [244](#), [245](#), [246](#), [247](#), [249](#), [250](#), [255](#), [257](#), [258](#), [259](#), [262](#), [265](#),
[266](#), [269](#), [272](#), [274](#), [280](#), [281](#), [284](#), [294](#), [297](#), [304](#), [307](#), [313](#), [315](#), [325](#),
[331](#), [337](#), [339](#), [348](#), [350](#), [351](#), [352](#), [355](#), [358](#), [359](#), [360](#), [361](#), [362](#), [365](#),
[367](#), [368](#), [370](#), [371](#), [374](#), [376](#), [379](#), [380](#), [381](#), [383](#), [384](#), [385](#), [386](#), [387](#),
[389](#), [393](#), [395](#), [396](#), [398](#), [399](#), [400](#), [406](#), [408](#), [409](#), [410](#), [417](#), [418](#), [429](#),
[430](#), [431](#), [432](#), [433](#), [440](#)

- verdadeiro espírita [443](#)
- verdades [12](#), [16](#), [18](#), [52](#), [65](#), [87](#), [93](#), [116](#), [117](#), [118](#), [154](#), [169](#), [178](#), [188](#), [189](#), [226](#), [227](#), [241](#), [242](#), [246](#), [251](#), [265](#), [269](#), [270](#), [288](#), [337](#), [342](#), [343](#), [344](#), [355](#), [356](#), [362](#), [381](#), [382](#), [386](#), [388](#), [399](#), [413](#), [416](#), [417](#), [431](#), [438](#), [444](#)
- Vesúvio [36](#), [37](#)
- Victor Hugo [19](#), [375](#)
- Victorien Sardou [336](#), [375](#), [377](#)
- vida corpórea [60](#), [69](#), [102](#), [103](#), [120](#), [157](#), [173](#), [176](#), [184](#), [246](#), [247](#), [277](#), [278](#), [281](#), [296](#), [301](#), [315](#), [323](#), [333](#), [347](#), [352](#), [360](#), [428](#)
- vida do espaço [278](#)
- vida espiritual [278](#)
- vidas corpóreas [98](#), [126](#), [136](#), [168](#)
- vidas múltiplas [70](#), [129](#), [131](#), [132](#), [143](#), [144](#), [147](#), [155](#), [156](#), [161](#), [167](#), [168](#), [260](#), [281](#), [283](#), [293](#), [298](#), [311](#), [330](#), [351](#), [355](#), [359](#), [360](#), [362](#), [364](#), [366](#), [436](#)
- vidas sucessivas [20](#), [46](#), [55](#), [60](#), [61](#), [73](#), [77](#), [81](#), [85](#), [88](#), [91](#), [92](#), [93](#), [94](#), [95](#), [98](#), [99](#), [104](#), [105](#), [106](#), [117](#), [123](#), [127](#), [128](#), [129](#), [152](#), [156](#), [163](#), [169](#), [176](#), [181](#), [190](#), [197](#), [228](#), [281](#), [288](#), [291](#), [293](#), [297](#), [313](#), [318](#), [322](#), [323](#), [329](#), [333](#), [350](#), [357](#), [360](#)
- vida terrestre [32](#), [65](#), [91](#), [97](#), [127](#), [128](#), [156](#), [176](#), [278](#), [301](#), [308](#), [312](#), [319](#), [326](#), [328](#), [331](#), [357](#), [363](#), [370](#)
- vingança [124](#), [172](#), [180](#), [236](#), [251](#), [287](#), [432](#), [436](#)
- Virgílio [64](#), [69](#), [70](#), [71](#), [106](#), [335](#), [416](#)
- virtude [54](#), [61](#), [73](#), [76](#), [83](#), [91](#), [112](#), [132](#), [133](#), [153](#), [179](#), [181](#), [185](#), [197](#), [241](#), [242](#), [254](#), [262](#), [269](#), [280](#), [291](#), [293](#), [294](#), [309](#), [312](#), [319](#), [333](#), [351](#), [381](#), [424](#)
- virtudes [23](#), [68](#), [172](#), [180](#), [196](#), [276](#), [277](#), [278](#), [292](#), [298](#), [309](#), [312](#), [319](#), [340](#), [347](#), [348](#), [350](#), [385](#)
- Visconde de Abaeté [90](#)
- Vizioli [402](#)
- Volpi [90](#), [249](#)
- Voltaire [222](#), [366](#)

W

- Wallace [90](#), [202](#), [214](#), [336](#), [375](#)
- Wantuil [18](#), [340](#)
- William Crookes [19](#), [75](#), [140](#), [193](#), [203](#), [336](#), [375](#), [409](#)
- William Stainton Moses [90](#)

Y

Young [18](#)

Z

Zeus Wantuil [18](#)

Zohar [130](#), [147](#), [148](#), [149](#), [150](#), [152](#), [153](#), [154](#), [155](#), [156](#), [157](#), [158](#)

Zöllner [75](#), [90](#)

Zoroastro [58](#), [59](#), [60](#), [61](#), [71](#), [98](#), [387](#)